

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

ALÍCIA DA SILVA CABRAL PORTO

**O QUE APRENDEM OS JORNALISTAS? UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE
JORNALISTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PRÁTICAS
PROFISSIONAIS**

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

ALÍCIA DA SILVA CABRAL PORTO

**O QUE APRENDEM OS JORNALISTAS? UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE
JORNALISTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO ACADÊMICA E
PRÁTICAS PROFISSIONAIS**

Porto Alegre

2022

ALÍCIA DA SILVA CABRAL PORTO

**O QUE APRENDEM OS JORNALISTAS? UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE
JORNALISTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO ACADÊMICA E
PRÁTICAS PROFISSIONAIS**

Projeto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção o título de mestre em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt

Porto Alegre
2022

ALÍCIA DA SILVA CABRAL PORTO

**O QUE APRENDEM OS JORNALISTAS? UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE
JORNALISTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO ACADÊMICA E
PRÁTICAS PROFISSIONAIS**

Projeto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção o título de mestre em Comunicação Social.

Aprovada em: _____, de _____ de 2022

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt – Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Magda Cunha – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Jorge Pedro Sousa – Universidade Fernando Pessoa

Porto Alegre
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a CAPES pela concessão da bolsa que possibilitou a realização do Mestrado em Comunicação Social. Agradeço a minha mãe, Ana Cristina Cabral, e meu pai, Ronald Porto, pelo carinho, confiança, apoio e cuidado comigo. Graças a vocês tive muitas oportunidades de crescimento intelectual e pessoal. Ao meu irmão, Henrique Porto, pela parceria e irmandade sempre. Ao meu tio, Paulo Augusto Cabral Junior, por ter sido uma referência na profissão. Ao meu namorado, Vinícius Spengler, pelo companheirismo, carinho, suporte e incentivo durante o andamento do trabalho. Aos meus avós e restante de familiares pelo zelo.

Agradeço ao meu orientador, Antonio Carlos Hohlfeldt, por acreditar no meu trabalho e me conduzir nessa trajetória, sempre me dando liberdade na produção. Aos professores do programa de pós-graduação de Comunicação Social e o restante dos docentes de Jornalismo da universidade, por me instigarem e me fazerem refletir sobre a profissão e a sua prática. Aos colegas entrevistados que cederam seu tempo e atenção para contribuir no desenvolvimento dessa dissertação, sempre atenciosos, e interessados. Por fim, agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a todos que fizeram parte da minha trajetória acadêmica.

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a discutir as percepções sobre a contribuição do ensino de jornalismo para a prática profissional de jornalistas formados na região metropolitana de Porto Alegre. Temos como problemática investigar a relação entre a formação e a prática da profissão através das perspectivas individuais de jornalistas. Para trazermos essa discussão, fazemos um resgate histórico e normativo da prática da profissão e do ensino do jornalismo, para, posteriormente, compreendermos as percepções dos jornalistas considerando a conjuntura curricular, social e histórica de suas formações, e relacioná-las com a sua atuação profissional. A metodologia inclui pesquisa bibliográfica e documental, além do uso de entrevistas semi-estruturadas e análise discursiva dos imaginários. Nesta pesquisa, trazemos a técnica de entrevista num contexto reflexivo e de valorização da subjetividade. Para isso, selecionamos 18 entrevistados, pensados a partir do período de suas formações, áreas de atuação e sexo. A esse *corpus* de pesquisa aplicamos o método de entrevista semi-estruturada. Na análise, trabalhamos com a análise discursiva dos imaginários e usamos quatro eixos temáticos como categorias de apresentação dos resultados, sendo eles: Processos de formação acadêmica; Processos de formação e seus currículos/diretrizes vigentes; Trajetórias e práticas profissionais; Diferenças e/ou aproximações dos diferentes profissionais (geração e formação). A partir disso, chegamos a algumas inferências, como: há uma valorização pelo ensino do Jornalismo, praticamente, unânime entre os entrevistado; o distanciamento entre teoria e prática é apontado como um importante desafio na formação; o ensino necessita se atualizar para acompanhar as mudanças da profissão, principalmente, influenciadas pelos avanços tecnológicos; o mercado de trabalho, em geral, não estimula a qualificação dos jornalistas, especialmente quando trata-se do ensino teórico e reflexivo; a excessiva *rejuvenização* do mercado de trabalho é vista de forma negativa entre sujeitos de todas as gerações.

Palavras-chave: Comunicação social; Ensino do jornalismo; Formação acadêmica; Atuação em jornalismo.

ABSTRACT

This research proposes to discuss the perceptions on the contribution of education in journalism to the professional practice of journalists graduated in the metropolitan region of Porto Alegre. Our problem is to investigate the relationship between the education and the professional practice through the individual perspectives of journalists. In order to present this discussion, a historical and normative resume of the practice of the profession and of the teaching of journalism was made to afterwards, comprehend the perceptions of the journalists considering the curricular, social and historical conjuncture of their studies and relate them to their professional performance. The methodology includes bibliographic and documental research, as well as semi-structured interviews and discursive analysis of imaginaries. In this research, we bring the interview technique in a reflective context and in which subjectivity is valued. Thereon, 18 interviewees were selected, based on the period of their graduation, areas of activity and gender. The semi-structured interview method were applied to this research corpus. In the analysis, we worked with the discursive analysis of the imaginaries and used four thematic axes as categories of presentation of results, namely: Academic instruction processes; Graduation processes and their current curricula/guidelines; Professional trajectories and practices; Differences and/or similarities amongst different professionals (generation and education). Henceforth, some inferences were made, such as: there is an appreciation for the instruction in Journalism, practically unanimous among the interviewees; the gap between theory and practice is pointed out as an important challenge in education; teaching needs to be updated to keep up with changes in the profession, mainly influenced by technological advances; the labor market generally does not encourage the qualification of journalists, especially when it comes to theoretical and reflective teaching; the excessive rejuvenation of the labor market is seen negatively among interviewees from all generations.

Keywords: Social Communication; Teaching journalism; Academic education; Work in journalism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro do perfil dos entrevistados	14
Quadro 2 – Mapa mental dos eixos temáticos e tópicos específicos	85
Quadro 3 – Nomes dos entrevistados	86
Quadro 4 – Descrição dos eixos temáticos.....	91
Quadro 5 – Eixo 1: Processos de formação acadêmica	92
Quadro 6 – Eixo 2: Processos de formação e seus currículos/diretrizes vigentes ..	103
Quadro 7 – Eixo 3: Trajetórias e práticas profissionais	119
Quadro 8 – Eixo 4: Diferenças e/ou aproximações dos diferentes profissionais (geração e formação)	130

LISTA DE SIGLAS

DCN - Diretrizes Nacionais Curriculares

NDE - Núcleos Docentes Estruturais

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda

ABI - Associação Brasileira de Imprensa

CFE – Conselho Federal de Educação

CIESPAL - Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina

ABEPEC - Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

CM – Currículo Mínimo

COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TRANSFORMAÇÕES NA PROFISSÃO E NO ENSINO DE JORNALISMO NO BRASIL	17
2.1 ORIGEM DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	18
2.2 ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E DE JORNALISMO	20
2.3 AS DIFERENTES PROPOSTAS CURRICULARES	36
2.4 AS TRANSFORMAÇÕES NAS CONCEPÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS DO JORNALISMO	43
2.5 A LÓGICA MERCADOLÓGICA E SEUS REFLEXOS NA PRÁTICA	55
2.6 HAVERIA UM ABISMO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA?	58
3 COMPREENDENDO REALIDADES A PARTIR DE PERCEPÇÕES: ASPECTOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO	62
3.1 A ENTREVISTA ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO	62
3.1.1 Roteiro base e eixos guias	66
3.1.2 <i>Corpus</i> : Como definir os profissionais entrevistados?	68
3.1.3 Diário de pesquisa e documentos complementares	72
3.1.4 Jornalistas: entrevistadores ou entrevistados?	73
3.2 ENTENDENDO PERCEPÇÕES INDIVIDUAIS E SOCIAIS: SUA RELEVÂNCIA NA PESQUISA	77
3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	81
4. AS PERCEPÇÕES DOS JORNALISTAS SOBRE O ENSINO E A PRÁTICA	84
4.1 OS SUJEITOS	85
4.2 ANÁLISE DOS EIXOS TEMÁTICOS E TÓPICOS	90
4.2.1 Eixo temático 1: Processos de formação acadêmica	91
4.2.2 Eixo temático 2: Processos de formação e seus currículos/diretrizes vigentes	102
4.2.3 Eixo temático 3: Trajetórias e práticas profissionais	119
4.2.4 Eixo temático 4: Diferenças e/ou aproximações dos diferentes profissionais (geração e formação)	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS	152
APÊNDICE I	159
APÊNDICE II	161
APÊNDICE III	163

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo enfrenta uma crise de identidade que deixa evidente fissuras em sua consolidação enquanto campo científico e de atuação. O aumento de *soft news* e *clickbait* nos veículos de imprensa *online*, além da diluição das fronteiras entre os campos da comunicação e a precarização da mão-de-obra jornalística são algumas das expressões atuais dessas fissuras.

Exercemos uma profissão com falhas em sua regulamentação¹, uma excessiva influência mercadológica e certa indefinição sobre a atuação jornalística e publicitária, que sofreu “um conjunto de evoluções pelas quais a busca de uma rentabilidade máxima vem redefinir a prática” (NEVEU, 2006, p.158). Tais pontos aparecem historicamente, não apenas no mercado de trabalho, mas também nos cursos universitários, principalmente, no que diz respeito à valorização da capacidade técnica em detrimento da capacidade intelectual.

Num momento em que a profissão se encontra instável, sua formação também é prejudicada. Portanto, como pensamos sobre a crise enfrentada pelo jornalismo hoje sem compreendermos como os profissionais são, ou foram, preparados para atuar nesse contexto? Sendo assim, precisamos estudar o jornalismo para além da prática social que enriquece e contribui para a sociedade, como também a trajetória acadêmica e profissional que preparou os jovens para essa profissão que é, por vezes, tão precária e turbulenta.

Vivemos um momento incerto sobre o rumo do jornalismo na sociedade. Tal sentimento é compartilhado entre alunos, professores e profissionais em todos os espaços do ofício, o que torna evidente a necessidade de discutirmos a formação do curso em questão. Dessa forma, acreditamos que é dever da academia, bem como daquelas e daqueles que a constituem, ocupar uma posição crítica e de reflexão, buscando a reconstrução de conceitos cruciais para o exercício de uma prática jornalística coerente, ao mesmo tempo que acolha as transformações e se desenvolva junto com elas:

¹ Entre elas, encontramos polêmicas de longa data como a não obrigatoriedade do diploma, falta de reconhecimento e riscos à liberdade de imprensa (ameaçada em contextos menos democráticos, como aquele em que nos encontramos na gestão do atual presidente Jair Bolsonaro).

A instituição universitária é, ou deve ser, neste quadro, não apenas instância de *observação* e análise, mas também agente activo das mudanças em curso, competindo-lhe, antes de mais, accionar os instrumentos analíticos que ajudem a compreender melhor o que se está a desenhar (PINTO, 1999, p.77)

Não é um compromisso simples que a Universidade assume, na tarefa de formar técnica, acadêmica e profissionalmente os futuros jornalistas que irão atuar na nossa sociedade. Com isso, existe uma responsabilidade social que impacta, não apenas nos seus egressos, como, sobretudo, na comunidade que consumirá as informações produzidas por esses jornalistas e, por consequência, na qualidade do jornalismo em si.

Compreendemos que a trajetória de formação dos profissionais ultrapassa o âmbito da sala de aula, sendo composto também pela própria prática da profissão, atividades extracurriculares e outras situações determinadas pelo próprio sujeito que ajudam a compor o jornalista durante sua formação. Ainda assim, idealmente, o profissional formado não poderá se distanciar muito daquele sujeito definido pelos currículos e pelas Diretrizes de Base Nacionais.

A partir de reflexões individuais e de classe, acerca das problemáticas que envolvem a formação acadêmica e profissional, como também a atuação no mercado de trabalho, na área da Comunicação, mais especificamente do Jornalismo, investigamos a seguinte questão: Como é percebida a contribuição da formação acadêmica para a prática profissional pelos jornalistas?

Com essa pergunta no horizonte, identificamos como nosso principal objetivo: analisar as percepções dos jornalistas atuantes no mercado de trabalho do Jornalismo, considerando sua trajetória de formação acadêmica e profissional para, assim, procurar entender como tais processos contribuem para sua atuação. Além disso, visando esse objetivo, definimos os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar o processo de formação profissional construído e adquirido pelos e pelas jornalistas ao longo de suas trajetórias acadêmicas;
- b) Relacionar os diferentes processos de formação profissional dos jornalistas aos respectivos currículos vigentes no período de graduação de cada profissional analisado;
- c) Verificar como as transformações históricas, sociais e políticas na profissão e no seu ensino impactaram os processos de formação desses profissionais;

d) Compreender a relação entre os diversos profissionais, em diferentes faixas etárias, trajetórias e processos de formação, na presente realidade turbulenta de produção do jornalismo;

Tais objetivos orientaram o desenvolvimento dessa pesquisa e, para atendê-los, utilizamos pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas em profundidade e análise discursiva dos imaginários (SILVA, 2009) como recursos metodológicos. Visto termos interesse nas perspectivas individuais, as entrevistas nos permitiram acessar tais pensamentos e nos auxiliaram com estratégias para interpretá-los.

Iniciamos a nossa pesquisa, nos debruçando em trabalhos e obras já existentes sobre a formação dos jornalistas e suas transformações: Melo (2004); Oliveira (2011); Dias (2018); Weber, (2020); sobre os diferentes Currículos Mínimos e Diretrizes Nacionais de Base para a formação dos estudantes: Melo; Fadul; Silva (1979); Moura (2002); Oliveira (2011), assim como sobre a atuação dos profissionais e as transformações no mercado de trabalho: Melo (1973); Sodré (1999); Fonseca (2008); Grohmann (2012). Além disso, nos apoiamos em documentos e outros autores que aprofundam o tema escolhido, contextualizando-o histórica, política e socialmente, para que seja possível, mais tarde, aplicarmos o conhecimento apropriado na análise de nossa pesquisa.

A entrevista em profundidade nos será útil por nos propormos a pensar as perspectivas de indivíduos específicos que, devido a sua realidade social, interessamos pelo seu discurso cristalizado nas suas particularidades e vivências dentro de um coletivo social. Nesta pesquisa, a entrevista surge em um contexto reflexivo e de valorização da perspectiva subjetiva. O valor da subjetividade se encontra, justamente, na complexidade do sujeito que irá apresentar em suas próprias palavras, a sua realidade e papel social.

Nessa perspectiva, valemo-nos de autores como Gaskell (2002), Duarte (2005), Pereira e Neves (2013) para fundamentar a descrição do método de entrevista, além de identificar possíveis obstáculos e como encará-los. Traremos Flick (2008) e Triviños (2015) para salientar a abordagem qualitativa da pesquisa; assim como Cáceres (1997) e Alonso (2003), para embasar as reflexões necessárias, que compreendam a sua complexidade, quanto à valorização da subjetividade e à individualidade dos relatos.

Realizamos as entrevistas levando em consideração três delimitações dos perfis dos profissionais: o período em que foi realizada a formação acadêmica; a área

de atuação no mercado de trabalho; o sexo desses profissionais. Cruzando esses critérios, chegamos a 18 entrevistados. As entrevistas foram efetuadas via *online*, devido à pandemia da COVID-19, que impossibilita encontros presenciais com segurança, no momento da realização deste trabalho. Para a análise dos depoimentos, trabalhamos com a análise discursiva dos imaginários e usamos quatro eixos temáticos como categorias de apresentação dos resultados

Quadro 1 - Quadro do perfil dos entrevistados

	Veículos de imprensa (Redações Tv, rádio e jornal)	Assessorias de imprensa e Agências de conteúdo	Academia
1ª Currículo Mínimo (1962-1964)	Mulheres	Mulheres	Mulheres
	Homens	Homens	Homens
Currículo Mínimo da Redemocratização (1984-2001)	Mulheres	Mulheres	Mulheres
	Homens	Homens	Homens
Diretrizes Curriculares Nacionais 2013 (2013 - Hoje)	Mulheres	Mulheres	Mulheres
	Homens	Homens	Homens <small>miro</small>

Fonte: a autora (2022).

Acreditamos que analisar as percepções e trajetórias dos diplomados em Jornalismo, ou Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, é uma significativa oportunidade acadêmica no que diz respeito ao reconhecimento das influências curriculares em sua formação, assim como à compreensão de outros aspectos que constituem essa trajetória. O curso de Jornalismo se constitui a partir de sua Base Curricular (DCNs e CMs) e do Projeto Pedagógico, esse último definido pelas instituições. Ao mesmo tempo, é necessário que se possa identificar, também, as

construções individuais de cada estudante, em sua construção profissional, e o que elas realizam fora de suas faculdades, inclusive, após a conclusão do curso.

Consideramos o ensino dessa profissão enquanto um espaço de construção de identidade jornalística, materializada nos currículos e projetos pedagógicos, determinados por seu respectivo contexto histórico. Com isso, estabeleceram-se diversas disputas na definição de tais modelos de formação, que marcam os momentos históricos e os avanços do ensino do Jornalismo, e/ou Comunicação Social, no nosso país. As definições curriculares e as Diretrizes refletem diferentes interesses na formação dos jornalistas que impactaram seus egressos.

É importante que busquemos compreender o processo de formação acadêmica e profissional dos jornalistas atuantes dentro de uma certa conjuntura econômica, política e social, para que consigamos entender os problemas e dificuldades de nossa área, desde suas raízes, e não apenas pelos sintomas que observamos hoje.

Desenvolvemos a presente dissertação em cinco capítulos, entre os quais estão incluídas a Introdução e as Considerações Finais.

No capítulo 2, apresentamos uma revisão da bibliografia sobre questões que são abordadas nesta dissertação, trazendo as transformações na profissão e no ensino do Jornalismo, no mundo e no Brasil. Iniciamos com um levantamento sobre o desenvolvimento do ensino superior, de forma geral, para depois entrarmos nas transformações do ensino de Jornalismo e de Comunicação Social no país. Em seguida, debruçamo-nos mais especificamente sobre as propostas curriculares do curso em questão para, então, entrarmos nas mudanças das concepções e das práticas da profissão. Para fechar esse capítulo, tratamos da influência mercadológica no Jornalismo e relacionamos o que já foi apresentado com o distanciamento entre a teoria e a prática.

No terceiro capítulo, tratamos sobre a metodologia escolhida para a execução desta pesquisa. Abrimos o capítulo com a apresentação do método de entrevista, descrevendo os critérios para a escolha do *corpus*, as estratégias para a coleta dos depoimentos, desafios e recursos para a execução da técnica. A seguir, enfatizamos a importância das perspectivas individuais e da subjetividade, finalizando com a descrição da análise que faremos desses depoimentos. Por fim, no capítulo 4, trazemos a análise das entrevistas coletadas, relacionando os relatos com as teorias e os pressupostos levantados na revisão bibliográfica.

Em um contexto de incertezas no campo da comunicação, a academia desempenha um papel fundamental de reflexão e um potencial de união da produção teórica com a prática estabelecida no mercado. Como já apontava Eduardo Meditsch (1992), o papel do intelectual, na sociedade, deve ser como membro ativo de sua realidade para que possa, assim, tornar-se “capaz de contribuir com uma práxis efetiva de transformação” (MEDITSCH, 1992, p. 51). Assim, acreditamos que, com essa pesquisa, possamos contribuir para essa aproximação.

2 TRANSFORMAÇÕES NA PROFISSÃO E NO ENSINO DE JORNALISMO NO BRASIL

Neste capítulo, apresentamos uma revisão bibliográfica sobre as transformações no ensino e na profissão do jornalismo. Iniciamos por uma contextualização breve do ensino do superior no Brasil, para, em seguida, abordarmos o ensino do jornalismo e suas transformações. Consideramos, especialmente, relevante tratar desse tema, por ser um assunto ainda pouco debatido durante a formação de jornalistas, ao mesmo tempo que concentra e explicita tantas das raízes das problemáticas da profissão.

O surgimento do ensino superior no Brasil – tardiamente, comparado aos seus vizinhos continentais – vem associado à vinda da Família Real, que se vê impossibilitada de seguir a educação de seus filhos na Europa. Enquanto a corte só estabeleceu o ensino superior em 1808, a Espanha já havia criado a primeira universidade no continente americano no ano de 1538. Antes disso, o que existia de estudos de nível superior, no território brasileiro, eram os cursos de Filosofia e de Teologia² mantidos pelos jesuítas, na Bahia e no Rio de Janeiro.

Em 1808, com o papel de formar a aristocracia brasileira, cursos superiores são instalados no território brasileiro. Esses cursos superiores aparecem sem caracterizar uma universidade articulada, como cursos de medicina e engenharia nos estados da Bahia e do Rio de Janeiro (1808), visando formar médicos para atuarem no exército e na marinha, além da Academia Real Militar (1810) e cursos jurídicos em Olinda e em São Paulo (1817). (SAVIANI, 2010).

Alguns desses cursos, mais tarde, dão origens a faculdades, como no caso dos cursos de Direito de São Paulo e de Olinda, que resultam na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, e a Faculdade de Direito do Recife. Os cursos e faculdades eram mantidos pelo Estado e operavam de maneira isolada.

² Os jesuítas, além de catequizar os povos nativos, também se dedicavam a instruir os filhos dos colonos. Mesmo assim, essa educação era restrita, pois ela se limitaria a formar quadros religiosos.

2.1 ORIGEM DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Ainda que, ao longo do período imperial, tenham surgido alguns projetos para a criação de universidades em território brasileiro, eles não foram aceitos. Contudo, conforme o final do império se aproximava, há um aumento de interesse pela educação, além de movimentos pela desoficialização e liberdade do ensino³ começarem a ganhar força. (SAVIANI, 2010)

No início da República, surgiram esboços de universidades particulares, como a Universidade do Paraná, em 1912. Contudo, a instituição não durou muito, sendo parte do grupo de *universidades passageiras*⁴ (CUNHA, 2007). Como instituição mais sólida, temos a Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920.

Entre os anos de 1920 e 1930, o ensino superior foi muito criticado por estar focado no ensino, e não na pesquisa. Isso está relacionado à educação superior no país ser ligada aos estudos de humanidades, ciências e letras. A situação começa a mudar a partir de 1930, pelo governo provisório de Getúlio Vargas, com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, tendo à frente o ministro Francisco Campos. Campos decretou reformas para organizar a educação nacional, como o regime universitário, a criação do Conselho Nacional da Educação e a organização das universidades.

A industrialização lenta, mas progressiva, da sociedade, leva a uma maior concentração da população em centros urbanos, o que começa a criar cada vez mais exigências em relação à educação. Assim, o ensino superior, antes implementado para atender à aristocracia, é obrigado a se ampliar para englobar as necessidades da burguesia do país.

As novas classes médias em ascensão passam a querer compartilhar os privilégios educacionais da aristocracia, entendendo o ensino superior como

³ O monopólio da formação da força de trabalho habilitada era do Estado, o que garantia remuneração e os jesuítas, além de catequizar os povos nativos, também se dedicavam a instruir os filhos dos colonos. Mesmo assim, essa educação era restrita, pois ela se limitaria a formar quadros religiosos. O monopólio da formação da força de trabalho habilitada influenciava para certos grupos sociais.

⁴ Assim como a Universidade do Paraná (1912), também compunham esse grupo a Universidade de Manaus (1909) e a Universidade de São Paulo (1911), que tiveram uma curta duração de suas atividades.

possibilidade de ascensão social. Tais fatores demonstram uma tradição não democrática do ensino que ainda não conseguimos superar:

Herdamos da colonização portuguesa, da sociedade senhorial e escravista, e da oligarquia da Primeira República, níveis ínfimos de aspiração educacional, e propensão a bloquear a democratização do ensino e a concepção de que o ensino superior constitui um privilégio das *elites* das *classes possuidoras* (FERNANDES, 2020, p.119).

Apenas a partir dos anos 1950 percebemos o início de uma quebra desse monopólio educacional, para uma abertura, novamente restrita, das universidades. Com o avanço mais profundo da industrialização, grandes empresas e corporações começam a exigir pessoal técnico qualificado para atuar em novas funções, criadas em tais organizações.

Assim, aumentam as vagas e o acesso ao ensino superior, fazendo necessária a criação de mecanismos para sanar os desafios criados por tais mudanças na educação superior para controlá-las ideologicamente. “A principal preocupação das classes dominantes passou a ser, agora, fazer com que se mudasse alguma coisa para que tudo permanecer como sempre” (SILVA, 1979, p.20).

Além da pressão vinda da classe média por acesso às universidades, o início dos anos 1960 também foi marcado pela crescente mobilização pela reforma universitária, liderada pela União Nacional dos Estudantes (UNE).

Com isso, a questão da universidade assumia uma dimensão de ordem social e política bem mais ampla, sendo um dos componentes da crise que desembocou na queda do governo João Goulart, com a consequente instalação do regime militar” (SAVIANI, 2011, p.8).

Além disso, desde 1959, fica claro o receio criado em relação à disseminação ideológica de esquerda na América Latina, com uma das motivações sendo a Revolução Cubana. Pensando nisso, durante a Conferência de Punta del Este, em 1961, é traçado um Programa de Modernização dos Sistemas Educacionais do Continente Sul-Americano, sob influência dos Estados Unidos. O programa salientava recomendações especiais aos países latino-americanos e seus sistemas educacionais. Dentre tais orientações, definia-se a necessidade de priorizar o ensino técnico e profissional.

Em 1961, com a aprovação da lei de diretrizes e bases da educação nacional, mudanças significativas já haviam sido apontadas na educação brasileira. O novo regime autoritário do país visava ajustar o sistema educacional à nova conjuntura política.

Um primeiro impacto do golpe militar de 1964 sobre os rumos da universidade brasileira foi, sem dúvida, o de conter o debate que se travava no momento anterior e isso se fez através da intervenção violenta nos *campi* universitários, do expurgo no interior dos seus quadros docentes, da repressão e da desarticulação do movimento estudantil. Por outro lado, não era mais possível ao governo segurar o processo de transformação da universidade, seja pela pressão exercida pelas classes médias no sentido da ampliação da oferta, que se traduzia na complicada questão dos *excedentes*, seja pelas próprias necessidades do projeto de modernização econômica que se pretendia implementar no país (MENDONÇA, 2000, n.p).

A partir dos anos 1970, a ampliação do acesso aos brasileiros se expande de maneira mais significativa, especialmente no âmbito do ensino privado, não só representando uma alternativa altamente rentável para empresários do setor de educação, como também trazendo a vantagem de conservar a ideologia da elite nacional e de potências capitalistas.

Entretanto, como demonstra Silva (1979), na ânsia de preservar ideologicamente o ensino superior e, para isso, despolitizar as universidades, as classes dominantes acabaram por prejudicar seu objetivo primário: qualificar tecnicamente a mão de obra demandada pelo setor empresarial.

2.2 ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E DE JORNALISMO

Depois de apresentarmos um breve panorama do ensino superior brasileiro, em geral, podemos adentrar o que nos interessa mais pontualmente: os cursos de Jornalismo no Brasil e de Comunicação Social. Com mais de 400 anos de jornalismo no mundo, a profissão só se estabelece formalmente no Brasil no século XX. Inicialmente, as empresas jornalísticas buscavam jovens intelectuais das faculdades de Direito para exercerem o papel de comunicadores. Tãmanha era a incidência de tais profissionais na área, que “cria-se uma espécie de casta dentro das nascentes empresas jornalísticas. Cria-se um antagonismo latente entre os *redatores* e os

repórteres, figurando este último como segmento subalterno, recrutado nas camadas médias da sociedade, mas carente de formação superior” (MELO, 2004, p.79).

O fundador da Associação Brasileira de Imprensa (1908), Gustavo Lacerda⁵, percebe tais disputas dentro das empresas. Assim, Lacerda busca, com a entidade, que se pense nos interesses dos profissionais da imprensa, com uma atenção especial para o segmento dos repórteres, do qual ele próprio fazia parte (MELO, 2004). Mesmo que não tenha sido bem recebido por vários colegas de profissão, o jornalista foi um idealista que se propôs a discutir o avanço da classe. O repórter acreditava que, uma vez organizada a ABI, seria possível ter uma Escola Profissional dentro da instituição de classe.

Desde o ano de 1908, já se encontram registros sobre demandas em relação à habilitação de profissionais da imprensa, levantadas justamente por Lacerda. Na fundação da ABI, foi apresentada uma *ata de iniciação* que expunha seis finalidades da Associação. Entre elas, encontrava-se a iniciativa de criar um curso de Jornalismo, ou a Escola de Jornalismo, defendida por Lacerda. Contudo, inexistem registros desse documento ou da iniciativa, e tudo indica que Lacerda possuía uma concepção educacional abrangente, ligada às novas ideias da Europa, mas pouco detalhada (MELO, 2004, p.80).

O movimento em defesa de uma formação profissional perde força com a morte precoce de Lacerda, em 1909. Naquele momento, as *Escolas de Jornalismo* eram identificadas como as próprias redações que deviam ensinar a profissão, na atuação do dia a dia. Em 1917, a proposta é retomada por Raul Pederneiras, integrante da nova gestão da ABI, e é apresentado um documento com a proposta de uma Escola de Jornalismo, defendendo a formação profissionalizante para os recém-chegados nas redações (OLIVEIRA, 2011). A recomendação era fortemente influenciada pelas experiências estadunidenses, tendo embasamento no currículo da Universidade de Missouri, especialmente a partir das ideias de Joseph Pulitzer⁶.

⁵ Lacerda propunha a criação da Casa do Jornalista que, mais tarde, tornar-se-ia a Associação Brasileira de Imprensa. Com isso, ele tinha como objetivo amenizar as desavenças setoriais e fortalecer os interesses profissionais, além de assegurar uma formação profissional para os colegas que não a tinham.

⁶ Joseph Pulitzer foi um jornalista húngaro que atuou por muitos anos nos Estados Unidos, onde ganhou grande prestígio. Ele defendia uma preparação teórica dos jornalistas, o que o levou a doar uma significativa quantia para a criação de uma Escola de Jornalismo, em 1908, na Universidade de Missouri.

Em setembro de 1918, estava montado o projeto para a Escola de Jornalismo. Ele definia a duração de cinco anos para a formação dos jornalistas, sendo dois anos de Curso Vestibular e três de Curso Geral. Além disso, o curso também contava com um *jornal escolar* para que os estudantes exercitassem a prática da profissão:

Tratava o *curso vestibular* de um ciclo básico, uma espécie de nivelamento das deficiências do ensino médio da época. O *curso geral*, por sua vez, desenvolvia outros temas no quadro geral dos saberes, mas com profundidade adequada ao ensino superior. E o *Jornal Escolar* cuidaria da aplicação desses saberes e técnicas ao fazer jornalístico (DIAS, 2018, p.43).

Contudo, mesmo com o projeto já definido, foi preciso que se passassem mais alguns anos para que a proposta de formação específica encontrasse solo fértil no Brasil:

Os cursos de comunicação, reivindicados desde o início do século, foram postergados até a eclosão do surto urbano-fabril das décadas de 20-30, que acabou por reformar as empresas jornalísticas, impondo-lhes uma adequação aos modernos padrões do capitalismo industrial (MELO, 1979, p.32).

Fonseca (2008) aponta que os anos 1930 contribuíram muito para esse avanço do jornalismo e dos jornalistas. A partir daquela década, o país inicia um período de crescimento econômico e aumento da renda da população. “A consequência foi a expansão das atividades comerciais, do mercado interno e do número de leitores” (FONSECA, 2008, p. 149), o que tornou o público mais exigente e as empresas do ramo mais competitivas.

Em 1935, temos a experiência pioneira de Curso de Jornalismo brasileiro na Universidade do Distrito Federal (UDF), localizada no Rio de Janeiro na época. Contudo, durante o processo de fundação, a Universidade já apresentava forte oposição de vereadores da capital e, mais tarde, do próprio Ministério da Educação (DIAS, 2018). A tentativa não vingou e foi desativada no ano de 1939. Melo (1979) entende como uma das justificativas do seu fracasso o fato de a formação dos cursos da UDF ser mais voltada para um ensino reflexivo e filosófico, sem maior ênfase na técnica, como será proposto, em seguida, pelo empresário Cásper Líbero.

Finalmente, o primeiro curso de ensino superior de jornalismo, vislumbrado pela ABI, há pelo menos trinta anos, foi estabelecido na Escola de Jornalismo Cásper Líbero, de São Paulo, no ano de 1947. A Escola era um convênio da Fundação Cásper

Líbero com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (DIAS, 2018). Com a iniciativa do empresário, desloca-se, finalmente, a educação do jornalista para instituições especializadas, não mais se treinando os profissionais na prática diária das empresas privadas.

Ainda que os jornalistas oriundos de cursos superiores específicos tenham sido integrados nas empresas do setor, sobrevivia uma certa preferência pelos profissionais provenientes das próprias redações, ainda que com outras formações profissionais. Com esse movimento, o setor empresarial visava dificultar uma possível ascensão social da classe média, que havia conseguido acesso ao ensino superior (MELO, 1979).

A oficialização e solidificação da área só foram possíveis graças a esforços de entidades de classe e burocratas da profissão que constituíram um trabalho em conjunto com o Governo, pressionando para que fossem conquistadas as reivindicações da classe. Paradoxalmente, foi na Era Vargas, durante um regime centralizado pelo autoritarismo, que a regulamentação da profissão, e das próprias instituições de ensino, viram-se acolhidas pela primeira vez (OLIVEIRA, 2011).

Mesmo sendo uma fase marcada pelo cerceamento dos direitos sociais e de liberdades, as empresas de comunicação se expandiram. Esse crescimento ocorreu devido às políticas de estímulo às atividades urbanas, causando um deslocamento da produção rural para a industrial e a urbana, incitando empresas do setor de comunicação a evoluírem, tanto na estética, quanto na qualidade do conteúdo apresentado.

Em 1938, Vargas assinou o Decreto-Lei nº 910, que regulamentava a profissão dos jornalistas brasileiros. O documento instituiu a jornada de cinco horas de trabalho diárias, assim como determinava a criação das escolas de Jornalismo e, conseqüentemente, a exigência legal do diploma. Entretanto, a obrigação da credencial acadêmica foi encarada com grande resistência por parte do empresariado.

Cinco anos depois, em 1943, outro decreto foi publicado referente à integração do curso de jornalismo no ensino público do país. Dessa vez, por causa da oposição patronal, Getúlio Vargas não incluiu a obrigatoriedade do diploma. Além disso, a legislação ainda carecia de regulamentação do Ministério da Educação, o que daria condições legais para as escolas de Jornalismo, fato que só ocorreria depois de três anos.

Nessa primeira fase, entre os anos 1940 e 1960, os cursos de jornalismo estavam subordinados a faculdades de outras áreas, sendo elas principalmente as de Filosofia e Letras. Esse modelo, inspirado nos Estados Unidos, apresentava uma formação profissional (buscando o ensino da prática e ética da profissão) e uma formação extraprofissional (humanística, proporcionada pelo ambiente acadêmico por natureza) (MELO, 1979). Como explica Melo,

no caso brasileiro, ocorreu exatamente o inverso: a ausência de uma estrutura universitária [...] reduziu as opções de formação extra-profissional, limitando-se às disciplinas pseudo-eruditas das faculdades de filosofia; por outro lado, a retração do setor empresarial, rejeitando os novos jornalistas, seja por preconceito social, seja por inabilitação técnico-cultural, condicionou a orientação pedagógica, que privilegiou os conhecimentos teórico-operacionais da profissão (MELO, 1979, p.34).

Melo (1979) entende que a educação oferecida por esse padrão instituído causaria às faculdades de jornalismo e, mais tarde, de comunicação, uma formação desvinculada da realidade nacional, com conteúdos importados, que não condiziam com as vivências brasileiras.

No ano de 1958, finalmente, foi aceita, pelo Conselho Nacional de Educação, a autonomia didática dos cursos de jornalismo nas universidades brasileiras. Dois anos depois da mudança legislativa, já podíamos encontrar nove cursos de jornalismo no Brasil, demonstrando uma tímida expansão da formação superior.

Além da Cásper Líbero, compunham esse grupo de pioneiros a Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, iniciando em 1948; a Universidade Federal da Bahia, aprovando seu curso em 1949; a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como terceira instituição, em 1951. Em seguida, a Universidade Federal do Paraná, em 1955; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos, começando em 1957. Por último, a Universidade Católica de Pelotas e a Faculdade São Tomás de Aquino, em Uberaba, no ano de 1960. Contudo, nem todos os cursos citados conseguiram garantir sua sobrevivência devido ao mercado estar concentrado nas capitais do Rio de Janeiro e de São Paulo (OLIVEIRA, 2011).

Apesar desses avanços, ainda existia uma dificuldade para definir as disciplinas consideradas necessárias para formar um jornalista. A partir dos anos 1960, essas decisões foram centralizadas no Conselho Federal de Educação (CFE), como previsto nos termos da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº

4024/61). O CFE tinha a competência de fixar currículos mínimos, assim como a duração dos cursos universitários no país.

O primeiro currículo mínimo, estabelecido pelo Conselho Federal de Educação (Parecer nº 323/62), concebia a *originalidade e especialidade* do jornalista em sua própria *generalidade*, reforçando uma ideia generalista da profissão.

Entre os anos de 1961 e 1969, temos a segunda fase do ensino de jornalismo, em que ocorre o fortalecimento da indústria cultural. Esse segundo período também é marcado pela criação do Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina (CIESPAL), sediado na Universidade Central de Quito, Equador. O Centro, germinado pela criação de Centros de Formação de Professores de Jornalismo no Terceiro Mundo, da UNESCO, tinha como objetivo direcionar a formação dos jornalistas, pois tinha receio de movimentos em efervescência na América Latina e entendia um potencial de influência do jornalismo - tanto positiva, quanto negativamente. Como foi defendido por Celso Kelly, futuro presidente da ABI em 1964,

o jornalismo exerce poderosa influência no bem-estar da sociedade, podendo contribuir muito para o seu progresso. Tanto agravará, se mal inspirado, os desajustamentos entre grupos, classes e partidos, quanto os atenuará, até o ponto de extingui-los, se baseado na boa compreensão dos fatos e na lúcida revelação dos mesmos (KELLY, 1966, p. 62).

Não surpreendentemente, o CIESPAL trazia ideias muito similares às levantadas na Conferência de Punta del Este. Naquele momento, existia uma preocupação expressiva com a atuação da imprensa e a formação de jornalistas em países do Terceiro-Mundo. A orientação do Centro foi abandonar a formação clássico-humanista anterior e buscar uma proposta com um caráter mais - como defendido pelo Centro – *científico*. Essa opção seria a de uma abordagem mais funcionalista, como defendida pelo sistema estadunidense.

Assim, até a década de 1970, o Centro pode ser definido como, praticamente, uma agência de disseminação do modelo estadunidense (MELO, 1992). Tais concepções se intensificam com o Golpe Militar de 1964, quando essa abordagem é posta em prática no segundo currículo mínimo, o qual foi elaborado, no Brasil, com forte influência do Centro, tendo o papel central de Kelly, formado no CIESPAL (MEDITSCH, 1990). Naquele momento, o Brasil vivia um forte crescimento da economia e um aumento da concentração de renda no país, trilhando “caminhos de

um economicismo abafador e irracional” (TORQUATO, 1979), trajeto esse também seguido pelo jornalismo, realçando o aprendizado técnico.

Durante a Ditadura Militar, o Estado entende os meios de comunicação como uma ferramenta de suma importância para manter o poder; por isso, era essencial que a comunicação fosse controlada. Para Weber,

a ratificação do discurso governamental era dada pelas mídias instituições empresariais, religiosas e culturais na formação de novos profissionais de comunicação através de uma aparentemente autônoma rede institucional que abrangia o sistema educacional (WEBER, 2000, p.140).

Para a sustentação desse instrumento de amparo, o Regime montou aparatos repressivos e de controle da imprensa, garantindo, assim, a subordinação do discurso dos meios de comunicação.

Weber (2000) sustenta que, durante esse período, promoveu-se uma reforma educacional que incluía o ensino em comunicação no primeiro e segundo graus, enfatizando a abordagem profissionalizante, para obter profissionais de qualidade para atuarem conforme o Regime. Além disso, foi um período de proliferação dos cursos de comunicação e aumento de sua procura por parte dos estudantes. Para Torquato (1979, p.160), foi um período de “orientação pragmática dos cursos, visando à formação rápida e prática de comunicadores, com vistas ao atendimento de um mercado em franca expansão”.

Com isso, o segundo currículo mínimo, homologado em agosto de 1966, vinha como coro de exigências feitas pelo mercado de trabalho, mas também fazia parte do modelo de desenvolvimento apresentado pelo Regime Militar. Naquele momento, temos a fase técnico-científica, ligada às atividades específicas das áreas profissionais (MOURA, 2002). O sistema educacional brasileiro estava se tornando cada vez mais próximo do modelo profissionalizante, valorizando o conhecimento técnico, em detrimento da capacidade intelectual.

Entretanto, tal implementação esbarrou em grandes dificuldades. Mesmo que tenha ocorrido a tecnificação do ensino teórico, a falta de equipamentos e de tecnologias no país (MEDITSCH, 2012), a desintegração curricular e a desarticulação laboratorial (TORQUATO, 1979), foram alguns dos problemas que barraram a plena implementação do ensino profissionalizante.

Nesse momento, também é indicada uma abrangência das atividades dos jornalistas. Se, antes, a profissão estava mais associada ao jornal impresso, agora as

fronteiras do campo se alargam e diferentes atuações são compreendidas, defendendo uma formação polivalente.

O Parecer nº631/69, do terceiro currículo mínimo, traz um Plano do Currículo de Comunicações. O parecer expõe uma relação do ensino da área, mencionando os pareceres anteriores e o relatório final de quatro seminários realizados pelo CIESPAL. Atendendo a lógica das indústrias e dos serviços midiáticos que se modernizavam, o CFE reformulou o currículo para formar quadros profissionais de acordo com as novas necessidades de qualificação de mão de obra. Assim, os cursos tornam-se cursos de graduação de Comunicação Social, com habilitação polivalente, ou habilitações específicas em Jornalismo, em Relações Públicas, em Publicidade e Propaganda e em Editoração.

Nesse currículo, a divisão curricular fica em um ciclo de formação geral e humanística e outro profissionalizante, cada um representando metade da duração do curso, evidenciando, uma tentativa de equilibrar a teoria e a prática. Assim, “o CFE dava, no seu entender, uma resposta às reclamações de estudantes e professores contra o enfoque estritamente tecnicista das escolas” (TORQUATO, 1979, p.161).

Dois dos aspectos mais importantes na trajetória da formação e profissionalização dos jornalistas brasileiros são a necessidade de uma formação específica para esses profissionais e a obrigatoriedade do diploma. Ambos os pontos vêm sendo discutidos há tempo, mas até hoje geram debates calorosos. Ainda em 1969, foi publicado o decreto nº 972/69, que regulamentava a profissão do Jornalista. Ele determinava a obrigatoriedade do diploma de bacharéis para o registro e atuação dos profissionais.

É importante que se considere o contexto dessa regulamentação. Apesar de evidenciar um avanço na legislação da profissão, a decisão também teve interesses políticos. Para o Regime Militar, a obrigatoriedade do diploma foi interessante para que se substituíssem jornalistas informais, simpatizantes ou militantes de partidos opositores à Ditadura, por atuantes graduados, orientados na sua formação a atender aos interesses do governo (BERNARDO, 2010). Mesmo assim, a estratégia não foi completamente bem-sucedida,

pois grande parte desse novo profissional acabou por aderir à filosofia da esquerda e os movimentos sindicalistas passaram a ganhar força. A opção política dos jornalistas se deu através da confluência entre dois movimentos do jornalismo: o estudantil e o sindical (BERNARDO, 2010, p.89).

Entre os anos 19 ensino da área, a fase crítico-reflexiva. A partir daí, temos um momento em que os estudos teóri⁷⁰ e a década de 1980, podemos identificar o terceiro momento do cos da área da Comunicação se aprofundam, começando a dar maior visibilidade para a realidade latino-americana (MOURA, 2002). Torquato (1979) define esse período como um *ciclo misto*, entendendo que, nessa fase, se “tentava equilibrar o tecnicismo com a necessidade de formação cultural mais ampla ou, ainda, tentava contrabalançar teoria e prática”. (TORQUATO, 1979, p. 161).

Com o enfraquecimento do Regime Militar e o início da redemocratização, temos uma intensificação das pesquisas no campo da comunicação. Se, antes, sob a vigia do governo e à sombra do AI-5, as universidades não contavam com a liberdade necessária para refletir e experimentar (MELO, 1979), na segunda metade da década dos anos 1970 o campo acadêmico avança, com a criação de cursos de pós-graduação em grandes universidades brasileiras (HOHLFELDT; VALLES, 2008).

Nesse momento, também observamos uma mudança na postura do CIESPAL, que se torna instituição de fomento à integração latino-americana, no campo da comunicação. Tanto isso ocorre que inspira a criação de outros centros no continente, como as

do CEREN (Centro de Estudios de la Realidad Nacional), no Chile (anos 1970); o ILET (Instituto de Estudios Transnacionales), no México (anos 1970 e 1980); o ININCO (Instituto de Investigaciones de la Comunicación) e Equipo Comunicación, na Venezuela (anos 1970, 1980 e 1990); o IPAL (Instituto para América Latina), no Peru (anos 1980 e 1990); e INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), no Brasil (anos 1980 e 1990) (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p.22).

Para Melo (1979), esse é um movimento de reorientação do Centro, buscando sua redenção pelas ações e posição original.

Outro acontecimento importante é uma elevada expansão no ensino superior. Essa tendência é iniciada ainda na Ditadura Militar e impacta também o crescimento das Escolas de Jornalismo. O aumento dos cursos da área foi lento, entre os anos de 1961 e 1979; ainda assim, já se encontravam 41 novas instituições que ofertavam o curso de jornalismo ou, mais tarde, comunicação social (WEBER, 2020).

Naquele momento, as universidades privadas ganham maior força e buscaram concretizar seu lucro a partir dos cursos de Comunicação Social⁷. Se até então o

⁷ Sob a pressão do governo federal (Mais uma vez atuando também por influência dos burgueses – assessores de RP ou de comunicação social) – e correspondendo ao modismo da comunicação, as

cenário universitário era majoritariamente formados por instituições públicas e pelas de cunho confessional, nos anos de 1980 começa uma efervescência de universidades particulares com o interesse explícito no lucro (CALDERÓN, 2000). Contudo, o crescimento da oferta não é acompanhado por um aumento na qualidade. Melo (1979) acredita que as instituições particulares não estavam devidamente preparadas para ofertar tais cursos, que

acolheram em condições precárias, criando *vagas* em seus vestibulares, mas sem prover os requisitos indispensáveis para o atendimento da clientela [...] Muito menos contaram, principalmente nas escolas públicas, com a flexibilidade administrativa e financeira para fazê-los operar segundo padrões técnicos convencionais. (MELO, 1979, p. 37)

Com o país caminhando a passos lentos para a redemocratização, surge o quarto Currículo Mínimo, em 1978, que recebera sugestões da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação (ABEPEC), desde o primeiro parecer de 1977. O documento trazia apontamentos que destacavam o papel do comunicador como agente de transformações na sociedade, ressaltando a importância da formação para além do conhecimento prático, mas também como o desenvolvimento intelectual e reflexivo do indivíduo.

O novo currículo ainda repensava a importância da aliança entre teoria e prática, dentro do ensino da comunicação. A ruptura entre os dois conhecimentos é relacionada com o projeto defendido pelo CIESPAL, trazida com seu surgimento. No documento, consta a necessidade de “aliar a formação teórica ou aspecto prático do ensino e ao fornecimento ao aluno, do instrumental teórico e técnico de intervenção” (PARECER n.1 203/77, 1977). Além disso, o documento também salienta a necessidade de uma formação não apenas profissionalizante, mas, sim, que desenvolva o pensamento crítico e o comportamento reflexivo diante da realidade social do país⁸.

universidades abriram suas portas, ou expandiram-nas, aos novos setores. E surgiram inúmeras instituições particulares que procuravam capitalizar a *comunicomania*, abrindo as novas profissões no seu elenco de cursos regulares. (MELO, 1979, p.37).

⁸ Essa ideia, absorvida na introdução do Parecer, foi encaminhada pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação (ABEPEC), que inicialmente teve peso no encaminhamento dos estudos do currículo. Contudo, documento final teve influência maior do grupo de trabalho de São Paulo, definido pelo CFE.

Com o currículo de 1978, o curso de Comunicação Social passa a ter cinco habilitações: Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, além das demais atividades recém-chegadas, Cinematografia, e Rádio e Televisão. Podemos dizer que o currículo responde às demandas de setores empresariais que defendem o modelo profissionalizante, amparado nas habilitações especificadas. Nesse modelo, os estudantes teriam um treinamento prático mais efetivo, durante sua formação acadêmica.

Entretanto, o currículo durou pouco. Em 1980, já estava sendo criada uma nova Comissão Especial para Estudo do Currículo do Curso de Comunicação Social, formada por professores, empresários, estudantes e representantes de entidades de classe. A comissão foi ampliada para agregar uma equipe de estudantes de comunicação de diversas instituições. Definida pelo CFE, a Comissão deveria pensar uma nova proposta curricular que iria ser implementada em breve. Apesar de ser uma nova proposta pública, a aceitação do quarto currículo mínimo não foi fácil e o próprio CFE tornou opcional a sua adoção pelas instituições (MOURA, 2002).

Em 1983, é elaborada uma nova proposta curricular pelo Parecer nº 480/83. O documento define três áreas de conhecimento presentes no tronco comum (Ciências Sociais, Ciências da Comunicação e da Linguagem e Filosofia e Arte), além de matérias específicas e os projetos experimentais. Para Bernardo (2010), tal estrutura ajudaria a alinhar teoria e prática, avançando em entraves históricos dos cursos. Contudo, a Resolução apresentada em 1984 não trouxe grandes transformações.

O Currículo Mínimo, proposto naquele ano, apresentava-se como um documento similar ao de 1978, alterando disciplinas do curso e inserindo a habilitação de produção editorial. Nesse momento, surgem críticas à instabilidade dos currículos, modificados com grande frequência. Para Pasquali (1987), as alterações sofridas pelos currículos mínimos foram incapazes de representar transformações efetivas na estrutura do ensino de comunicação.

Além disso, identificamos pouca margem para a interpretação dos documentos – o que é, até mesmo, contraditório ao seu título de *mínimo*:

Esse tira e põe de disciplinas ao longo desses quarenta anos, deixaram as IESs insatisfeitas, o Mercado de Trabalho sem parâmetros e, de maneira geral, criticando cada vez mais os profissionais formados pela falta de preparo e, lutando pela extinção da obrigatoriedade do diploma para os jornalistas (BERNARDO, 2010, p.100).

Logo após a determinação do quinto, e último, até então, Currículo Mínimo, a categoria produz o seu Código de Ética, em que são fixadas as condutas ideais da profissão. Ainda que o Código nem sempre consiga ser cumprido, por conta dos interesses e pressões das mais diversas, sua criação foi de suma importância para assegurar as responsabilidades do jornalista para com a sociedade.

Após aquele Currículo Mínimo, chegam as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Comunicação Social, vinculadas à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Junto com essas novidades, o CFE é extinto, após algumas denúncias contra alguns de seus membros. No seu lugar, é criado o Conselho Nacional de Educação (CNE), para colaborar com o Ministério da Educação, com menor influência nas decisões do MEC, se comparado ao antigo.

Com as críticas levantadas anteriormente, por parte do campo acadêmico, foi necessária uma reflexão mais profunda sobre o futuro do ensino da área. A LDB apresenta uma aplicação mais aberta e flexível, dando significativa autonomia acadêmica de interpretação e aplicação das Diretrizes por parte das instituições. Diferentemente dos Currículos Mínimos, as DCNs não fixam disciplinas no currículo, mas apontam o perfil do egresso desejado na conclusão do curso. Apesar de o documento final ter deixado a desejar, tanto para o campo acadêmico como para as entidades de classe e para o mercado, ele se mostra como uma renovação para a formação profissional dos jornalistas.

As universidades ganham liberdade para escolher os conteúdos e disciplinas que entendem mais apropriadas para compor seu projeto pedagógico. As Diretrizes orientam as instituições, através de competências e habilidades, a manter o ensino de cada universidade alinhado ao projeto nacional. O documento apresenta três objetivos centrais: a flexibilização da estrutura curricular dos cursos, para proporcionar inovações pedagógicas; abrangência das diferenças “geográficas, político-sociais e acadêmicas” do país; e a orientação sobre um padrão de qualidade para os cursos (PARECER CNE/CES nº 492, 2001, p. 16).

Essa flexibilização torna o currículo mais dinâmico para os diferentes espaços geográficos e momentos históricos do país (TORQUATO, 1979), além de “combater certa cultura pedagógica retrógrada, historicamente ligada à nossa sociedade” (FONSECA, 2005, p. 2). O documento ainda define um padrão básico de referência para a formação a ser oferecida pelas instituições. Tal apontamento visa aprimorar o

ensino e a estrutura específica para os cursos, que sempre apresentaram dificuldades históricas.

As entidades representativas da área, como instituições, entidades profissionais, acadêmicas e científicas, foram convidadas a contribuir com a Comissão de Especialistas de Ensino em Comunicação Social (CEE/COM), responsável pela condução dos debates e construção do texto final da proposta. Antes dessa redação final, publicada em 2001, foram redigidas três versões do documento.

Durante os debates, começa a ser idealizado um Curso Superior de Jornalismo, deixando de ter caráter de habilitação. O apontamento surgiu a partir de um documento resultado do Seminário Nacional de Diretrizes Curriculares do Ensino de Jornalismo, em Campinas. A reivindicação gerou polêmica dentro do campo. Tais debates evidenciavam a oposição entre uma formação mais específica e uma formação unificada, que integrasse os cursos da Comunicação. No lado que defendia a especificidade do Jornalismo, encontra-se Nilson Lage⁹, por exemplo, então, professor e Coordenador do curso da UFSC. Do outro, a COMPÓS¹⁰ um dos órgãos contrários à proposta. O debate ampliou-se ao *site Observatório da Imprensa*, que tinha à frente o profissional Alberto Dines¹¹, representando um importante espaço para reflexões e debates sobre a área.

Ainda que o Parecer nº 492 tenha apresentado transformações significativas na orientação do ensino da comunicação no país, podemos perceber diferentes debates que permaneceram em aberto. As Diretrizes de 2002 mantêm o curso de Comunicação Social e suas habilitações, eliminando as referências ao Curso Superior de uma habilitação específica, como identificado nas versões apresentadas pelo CEE/COM. Nas Diretrizes, as habilitações apresentadas são em Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Cinema, Radialismo e Editoração, abrindo a possibilidade de outras habilitações pertinentes ao campo. A decisão não satisfez diversos profissionais, professores e entidades representativas da categoria.

⁹ O jornalista defendia a natureza específica do jornalismo. Para ele, ao instituir o Exame Nacional de Cursos próprio para o Curso de Jornalismo, o MEC teria dado uma importância diferente para o curso, tratando-o não como habilitação.

¹⁰ A COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – acreditava que a saída do Jornalismo do guarda-chuva da Comunicação social estimularia uma hiper-especialização profissional.

¹¹ Dines, jornalista e biógrafo brasileiro, foi fundador do *site Observatório da Imprensa*, página que desempenhava papel crítico de acompanhamento da imprensa.

Para o perfil do egresso, são definidas competências e habilidades gerais, comuns para todas as habilitações, e específicas, contemplando as diferentes habilitações. Considerando as indicações desses perfis, é possível verificar a centralidade que as instituições ganham no papel de orientar condutas adequadas dos egressos, considerando seus próprios projetos pedagógicos. No que cabe aos jornalistas, é perceptível que, a despeito de se ter um avanço da vertente crítica sobre a atuação dos profissionais, não há um deslocamento do modelo dominante com influência estrangeira, constituído pelos princípios de objetividade e imparcialidade:

Produção de informações relacionadas a fatos, registro de fatos jornalísticos, exercício da objetividade, busca da verdade jornalística são expressões ancoradas fortemente na gramática de um modelo de jornalismo informativo, que parecem dizer algo sobre a concepção dominante desenhada no texto das diretrizes de 2001, naquilo que toca ou é próprio do momento habilitacional (OLIVEIRA, 2011, p.127).

Neste momento, também observamos a reflexão sobre a aproximação do teórico-prático, rompimento influenciado pelo CIESPAL, especialmente durante a Guerra Fria (MEDITSCH, 1999), nos currículos mínimos:

Não há correlação entre a formação teórica e a parte geral do Curso; nem entre a formação técnico-profissional e a parte habitacional. Em primeiro lugar, porque estas diretrizes buscam superar a antiga dicotomia entre teoria e prática, introduzindo como diferenciados e essenciais os conteúdos ético-políticos e analítico-informativos acerca da atualidade. Em segundo lugar, porque, tanto a parte comum, quanto o momento habitacional envolvem reflexões teóricas, conteúdos analítico-informativos e ético-políticos, e perspectivas práticas, relativas às tecnologias, técnicas e linguagens da comunicação e de suas habilitações (DIRETRIZES, 1999, p. 3).

O documento valoriza estágios, participação em pesquisas e atividades de extensão, por exemplo, além de definir qual é o perfil ideal do comunicador social. Nesse contexto, a prática de estágio vem alinhada para alcançar o objetivo de “articulação entre a teoria e a prática, e entre a pesquisa básica e a aplicada” (PARECER CNE/CES nº 492, 2001, p.12).

As DCNs ainda indicam a necessidade de uma formação que prime, não apenas pelo caráter técnico, mas também pelo seu papel social, devendo ter consciência crítica diante dos desafios da profissão. Os jornalistas, enquanto formadores da opinião pública, precisam atuar de forma responsável. Mesmo que ainda lenta, é perceptível uma mudança do perfil profissional para um jornalista mais crítico, em sua atuação.

Mais refinadas e concedendo ao jornalismo uma formação específica, em 2009 se iniciam as discussões sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais, que serão homologadas apenas em 2013. Para a elaboração destas DCNs, é montada uma nova Comissão de Especialistas, coordenada pelo jornalista e professor José Marques de Melo, contando com mais sete professores da área. Os docentes trazem, com maior força, o debate da aproximação entre o ensino prático e o teórico, colocando o estudante em contato com a profissão e suas atividades desde o início do curso, assim como avançam na especificidade da formação em jornalismo.

Este documento traz novidades esperadas pelas entidades de classe: temos aqui a marca do reconhecimento da autonomia do jornalismo, graças à sinalização “para a sua maturidade epistemológica, independentemente do abrigo da Comunicação Social” (ALBUQUERQUE; ROXO, 2015, p.1). Ainda que a posição não fosse consensual, o próprio documento apresenta sua justificativa e defesa:

O Jornalismo é uma profissão reconhecida internacionalmente regulamentada e descrita como tal no Código Brasileiro de Ocupações do Ministério do Trabalho. A Comunicação Social não é uma profissão em nenhum país do mundo, mas sim um campo que reúne várias diferentes profissões. [...] Desta forma, é inadequado considerar o Jornalismo como habilitação da Comunicação Social, uma vez que esta, como profissão, não existe, assim como não existe uma profissão genérica de Saúde (DIRETRIZES, 2009, p. 9).

O Relatório da Comissão, além de contextualizar o debate da especificidade da formação do jornalista, apresenta breves relatos sobre os cenários do jornalismo no país e descreve o desenvolvimento do ensino do jornalismo brasileiro.

Meditich (2014, n.p) enfatiza que as DCNs vêm com “uma oportunidade histórica de superar a dicotomia entre teoria e prática em nossos cursos, uma vez que a norma aprovada no CNE acaba com a ambiguidade entre formar para a prática do jornalismo e formar para a área acadêmica da comunicação”. O autor também lembra que o objetivo principal da Graduação está em formar profissionais, deixando à Pós-graduação a tarefa de formar acadêmicos, ainda que o conhecimento acadêmico também faça parte da Graduação. Por isso mesmo, talvez, fique mais evidente a importância da formação (profissional) específica, podendo a Pós-graduação agrupar a Comunicação Social como um todo.

Na proposta, também é indicado que o projeto pedagógico deve abarcar as rotinas de trabalho de jornalistas em assessorias de imprensa - demanda histórica das

entidades representantes da classe. As entidades frisavam a necessidade de se ter alternativas no mercado de trabalho ao espaço das redações, não limitando a atuação profissional a eles.

Outro ponto importante, destacado pelas DCNs, é a necessidade de uma formação permanente que deve prosseguir, mesmo depois da conclusão do curso superior. Por ser o jornalista um profissional que precisa conhecer, interpretar e ser crítico da realidade, é preciso que este esteja sempre atualizado nas discussões sobre a profissão e as Ciências da Comunicação. Assim, também cabe ao projeto pedagógico da instituição instigar a educação continuada de seus egressos.

Considerando isso, a Comissão de Especialistas reconhece um avanço por conta dos cursos de Mestrados profissionais na área, possibilitando aos graduados aprofundar seus conhecimentos, além de oportunizar profissionais de outras áreas a realizar a Pós-graduação na comunicação. A possibilidade de termos cursos de Mestrado desenvolvidos para a atuação em áreas e atividades próximas ou próprias do jornalismo valoriza a qualificação dos profissionais e identifica a tradição das escolas da área.

As Diretrizes também apontam que o estágio curricular supervisionado, agora obrigatório, visa consolidar as práticas estudadas durante sua formação acadêmica. Este poderá ser realizado no setor público, privado, terceiro setor ou, ainda, em instituições de ensino nos setores de assessoria de imprensa ou emissoras. As universidades ficam encarregadas de elaborar uma regulamentação de estágio própria, que deve contar com a supervisão de um profissional formado, no próprio ambiente de trabalho, além do acompanhamento de um docente da instituição de ensino. Também é definido que o estágio não deve ser confundido com as atividades laborais apresentadas no documento, e nem com as produções de Trabalhos de Conclusão de Curso.

Durante a elaboração da proposta, alguns acontecimentos conjunturais impediram que novos avanços fossem concretizados. A revogação da obrigatoriedade do diploma e a Lei da Imprensa dificultaram o atendimento de demandas produzidas pelas discussões envolvendo as Diretrizes. “Esses instrumentos legais balizam o atendimento a demandas específicas, no sentido de aperfeiçoar o ensino de jornalismo, valorizar a profissão e qualificar ainda mais os aspirantes ao seu exercício” (DIRETRIZES, 2009, p. 2).

2.3 AS DIFERENTES PROPOSTAS CURRICULARES

Agora que já conhecemos a trajetória e as transformações que marcaram a história do ensino de Jornalismo e, posteriormente, da Comunicação Social, no Brasil, iremos detalhar as propostas curriculares implantadas. Para isso, apresentaremos os cinco Currículos Mínimos, e suas particularidades, seguidos pela primeira proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Comunicação Social, até chegarmos às Diretrizes Nacionais do Curso de Jornalismo, vigentes hoje.

Em 1962, com o Parecer nº 323/62, temos a definição do primeiro currículo mínimo do curso, que determinava a duração mínima de três anos para estes estudos, além da relação de 12 disciplinas obrigatórias para os 11 cursos superiores em vigor. No Parecer, eram as aulas divididas em disciplinas gerais, especiais e técnicas, sem carga horária determinada. As disciplinas técnicas deveriam servir para treinamento da prática da profissão, incluindo estágios em empresas de comunicação.

O currículo chegava com uma perspectiva generalista para o ensino e apontava uma tendência para a formação dos profissionais atuantes na imprensa, no rádio e na televisão (MOURA, 2002). Essa tarefa se demonstrou complicada para seus encarregados, por ser compreendido, nos documentos da época, que ao Jornalismo tudo interessava e que a sua especificidade se encontrava na generalidade.

Contudo, isso também demonstra uma necessidade de amadurecimento do campo que ainda não conseguia definir perfeitamente as particularidades de sua formação. Para Oliveira (2011, p. 56), “a dificuldade de definir as fronteiras da especialização no jornalismo, materializada no próprio parecer, indicava que a área acadêmica carecia, neste momento, da autoridade de um saber específico para a formação profissional”. As disciplinas do curso eram definidas de maneira global (MOURA, 2002), deixando alguma margem para sua implementação pelas instituições.

O segundo currículo mínimo vem três anos depois, definido no Parecer nº 984/65. Com influência do CIESPAL, estreitava a liberdade de interpretação das instituições, determinando maior representação às disciplinas específicas, elencando 16 disciplinas obrigatórias (OLIVEIRA, 2011), agora com uma carga horária mínima de 2.700 horas-aula. Esse formato restringia a autonomia acadêmica, pois não permitia a efetiva criação de currículos, somente sua complementação. Melo (1979)

relembra que é nesse período conturbado, com privação de liberdade, que se limita a reflexão crítica, tanto dos docentes, quanto aos discentes das escolas de comunicação:

Resultado? As novas escolas de comunicação seguiram os mesmos padrões das velhas escolas de jornalismo, tornando-se estabelecimentos dedicados à transmissão dogmática e verbalista de conhecimentos adquiridos na bibliografia estrangeira, informando os alunos, quando muito, sobre técnicas profissionais que eles não conseguem praticar e avaliar dentro do âmbito acadêmico (MELO, 1979, p. 37).

No documento, evidencia-se uma grande preocupação com os jornalistas e sua formação, já que o próprio conceito de jornalismo se amplia, abrangendo todas as modalidades de transmissão de notícias, mas focando principalmente a atuação da mídia impressa. Para a formação desses profissionais, são propostos três níveis: cultural, fenomenológico e instrumental. O primeiro trazia “disciplinas de formação humanística”; o segundo, as “disciplinas teóricas da Comunicação”; por último, “disciplinas técnicas” (MOURA, 2002, p.84). Além disso, o relator Celso Kelly reforça a abrangência da prática jornalística, ainda com um caráter generalista, defendendo, assim, a formação de um jornalista polivalente, expressa no currículo.

Concomitante a este currículo, outras leis começam a ser alteradas, considerando o novo momento político e social vivido pelo país. Para atender ao discurso e às necessidades do governo, é mudada a quarta Lei de Imprensa. Com a Ditadura Militar, não é de se espantar que o governo modifique a lei que regula a liberdade de manifestação do pensamento e da informação.

O terceiro Currículo Mínimo chega quatro anos depois, com o Parecer nº 631/69, apresentando maior influência estrangeira e do CIESPAL. O documento traz uma formação mais pragmática, dirigida ao mercado de trabalho. A maior novidade, percebida no currículo, é o fato dos cursos de Jornalismo serem transformados em cursos de Graduação em Comunicação Social, sendo o Jornalismo uma das habilitações oferecidas. O currículo determina a duração mínima de três anos de formação, novamente, podendo ser organizado pelas instituições em habilitações específicas ou polivalentes, com diploma de bacharel. Moura (2002, p.85) explica que “a formação de comunicadores compreende jornalistas [...], publicitários, relações públicas, editores, noticiaristas, de agências, redatores oficiais, pesquisadores de Comunicação, planejadores de campanhas”.

Em relação às disciplinas, o currículo é composto por um Tronco Comum a todas as habilitações, além de disciplinas específicas de cada área. As matérias

específicas englobam a prática da expressão verbal e da expressão plástica, com base na comunicação oral, visual e escrita (MOURA, 2002); já nas disciplinas comuns, concentram-se as matérias teóricas. Podemos observar que, pelo menos metade do currículo se constitui de disciplinas básicas de formação social, estas sendo uma espécie de pré-requisitos para as matérias das habilitações específicas. Também fica perceptível a perda de relevância de disciplinas de cunho cultural e humanístico, mais presentes nos currículos anteriores. As críticas a esse modelo defendem que criar uma base comum para formar diferentes áreas da comunicação geraria um ensino alienante e importado, que não daria conta da realidade do nosso país (VIEIRA, 1978).

Ao mesmo tempo em que o jornalista era reposicionado no campo da Comunicação Social, perdendo seu monopólio como área de formação, em 1969, o Jornalismo teve sua legislação do exercício profissional modificada. Assim, o diploma passou a ser indispensável para que os comunicadores exercessem a profissão. Enquanto se fecham as fronteiras da atuação profissional, paradoxalmente, estas são alargadas por determinação do novo currículo, dividido por habilitações da comunicação.

Em 1978, o quarto Currículo Mínimo foi definido a partir de dois pareceres, dos quais o primeiro é o Parecer nº 1.203/77. O documento faz uma descrição dos currículos anteriores, expondo o desenvolvimento do ensino de Comunicação Social no país. Com isso, são apontados três momentos do ensino: um período clássico-humanístico; um científico-técnico e, por fim, um crítico-reflexivo. Neste currículo, há um esforço para alinhar o ensino teórico ao prático, ausente dos projetos anteriores. Com ele, o Curso de Comunicação Social passa a possuir cinco habilitações, sendo elas Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio e Televisão e Cinematografia.

O segundo Parecer, de nº 02/78, inclui dois documentos para complementar o anterior, um do Conselho Federal de Profissionais de Relações Públicas, e outro, da Assessoria do Departamento de Assuntos Universitários. Com isso, algumas alterações foram propostas em relação à nomenclatura de duas habilitações (Rádio e Televisão, Cinema), à carga horária proporcional entre as áreas no currículo pleno, além do estágio supervisionado, e atividades de projetos experimentais dentro do curso.

O documento apresenta 16 disciplinas, mantendo a margem de interpretação limitada às diferentes regionalidades do país. O currículo é estruturado com um tronco

comum (com matérias de fundamentação geral e humanística, e matérias de fundamentação específica), além de matérias de natureza profissional (MOURA, 2002), sendo essa última a divisão em que se encontram as especificidades da prática das diferentes habilitações.

Em 1983, o Parecer nº 480/83 apresenta um estudo realizado para pensar o currículo do curso. Além de apontar novamente uma contextualização do ensino de Comunicação Social, e suas áreas, a Comissão realizou um levantamento, mediante questionário, sobre a relação do curso com setores acadêmicos e empresariais da profissão. Para a produção do documento, a Comissão foi ampliada, chegando a 21 membros, que incluíam representação estudantil e das diversas áreas do curso.

Nesse currículo, é acrescentada a habilitação de Projeto Editorial, continuando com todas as demais do currículo anterior. O texto ainda incorporava três áreas do conhecimento que deveriam se fazer presentes no tronco comum (Ciências Sociais, Ciências da Comunicação, e Filosofia e Arte), além das disciplinas específicas (Técnicas e da Linguagem) e dos projetos experimentais¹².

O currículo foi fixado pela Resolução nº 02/84, permanecendo com definições criticadas nos currículos anteriores, como o distanciamento da teoria e da prática. Contudo, o documento teve seus aspectos profissionalizantes melhorados, exigindo das instituições equipamentos efetivos para os laboratórios, além da contratação de professores atuantes no mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2011). Uma novidade marcante foi a definição de que as disciplinas deveriam ser ministradas por docentes com formação nas suas respectivas habilitações, nas profissões que exigissem o registro profissional.

A partir de 2001, começam a ser elaboradas as primeiras Diretrizes Nacionais Curriculares, definidas a partir da Lei de Diretrizes e Bases. As DCNs são articuladas em 1997, cinco anos antes de sua publicação. Para a elaboração das Diretrizes, é indicada uma Comissão de Especialistas de Ensino, que se apoiou em vários documentos no processo, especialmente as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação Superior.

O documento ainda aponta uma formação generalista, mas permite diversas habilitações em um mesmo programa. Além disso, é estabelecido o perfil comum a todas as habilitações, tratando de garantir a identidade dos cursos como de

¹² Realizados no último semestre do curso em que os alunos deveriam efetuar produções relacionadas com a sua habilitação específica, nos laboratórios da escola.

Comunicação, em geral, além dos perfis específicos. Isso demonstra que as DCNs seguem pautando uma formação de comunicólogo, e não de profissionais devidamente especializados em suas áreas. O documento também aponta as competências e habilidades que os egressos devem alcançar. Assim como os perfis, estas são divididas em gerais e específicas. É interessante destacar que as Diretrizes reconhecem enorme importância para a ética e a crítica, o que demonstra uma mudança significativa em relação aos currículos mínimos anteriores.

Em relação aos Conteúdos Curriculares, eles são divididos em Conteúdos Básicos e Conteúdos Específicos. Os básicos são comuns às habilitações, envolvendo reflexões e aplicações ao campo da Comunicação, caracterizados em teórico-conceituais; conteúdos analíticos e informativos sobre a atualidade; conteúdos sobre linguagem; técnicas e tecnologias midiáticas e conteúdos ético-políticos. Já os específicos devem ser determinados pelo Colegiado do curso, tendo o papel de incentivar reflexões e práticas da comunicação e da habilitação.

Além disso, são definidas as práticas de estágio e de atividades complementares. A primeira refere-se a “estudos e práticas supervisionados em atividades externas à unidade de oferecimento do Curso” (DIRETRIZES, 2001, p.24); já as atividades complementares buscam promover a interação do estudante com a realidade social, econômica e cultural, através da supervisão de um docente. Outro ponto que busca alinhar teoria e prática são as práticas laboratoriais, oferecendo uma simulação da atuação profissional dentro do ambiente de ensino.

Em 2009, o MEC instituiu uma nova Comissão para discutir outra Diretriz Nacional Curricular que, dessa vez, reconhecendo a constituição de Diretrizes específicas para o Jornalismo, não mais consideram-no uma habilitação da área da Comunicação Social. Naquele mesmo ano, a Comissão de Especialistas entregou o relatório das DCNs. Como seus integrantes, estavam: o professor José Marques de Melo (Universidade Metodista de São Paulo), como presidente; Alfredo Vizeu (Universidade Federal de Pernambuco); Carlos Chaparro (Universidade de São Paulo); Eduardo Meditsch (Universidade Federal de Santa Catarina); Luiz Gonzaga Motta (Universidade de Brasília); Lucia Araújo (Canal Futura); Sérgio Mattos (Universidade Federal do Recôncavo Baiano) e Sonia Virginia Moreira (Universidade Estadual do Rio de Janeiro). O documento levou quatro anos para ser aprovado, sendo publicados o Parecer e a Resolução das Diretrizes em 2013.

Para a elaboração do documento, foram realizadas três audiências públicas para conhecer as diferentes posições de múltiplos grupos em relação ao documento. As audiências ocorreram nas cidades de Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, onde foram ouvidos,

no *Rio de Janeiro*, professores, estudantes, pesquisadores, dirigentes de escolas, cursos, departamentos de ensino e pesquisa [que] expressaram suas aspirações, representando a comunidade acadêmica; no *Recife*, foi a vez da comunidade profissional, representada pelas organizações sindicais ou corporativas: empresas, setor público e terceiro setor; em *São Paulo* manifestaram-se lideranças e representantes da sociedade civil organizada: 2 advogados, psicólogos, educadores, religiosos, ecologistas, bem como outros segmentos comunitários (DIRETRIZES, 2009, p. 1).

Após os eventos citados, uma consulta pública foi aberta para que os cidadãos interessados pudessem enviar sugestões através do portal *online* do MEC.

Muito mais robustas, as novas Diretrizes apontam, na Estrutura do Curso, pontos como: proporcionar diferentes cenários de ensino-aprendizagem e vivências em situações com equipes multiprofissionais; uso de metodologias que incentivem a participação do aluno; garantia ao aluno sobre contato com fontes, profissionais e públicos do jornalismo. Nesses exemplos, já podemos observar algumas propostas sobre como minimizar a distância entre teoria e prática, no ensino.

Em seguida, são apresentadas algumas indicações para o Projeto Pedagógico das instituições. Dentre eles, temos a ênfase em um ensino empreendedor e no domínio científico que gerem pesquisas de projetos inovadores, o comprometimento com a profissão e seus valores, a preparação de profissionais que sejam capazes de atuar em contextos de constante evolução tecnológica, além do incentivo à formação continuada e permanente. Portanto, temos a definição de um projeto que está mais adaptado às evoluções sociais e culturais dos nossos tempos, buscando sempre se atualizar com a profissão e a sociedade. O egresso desejado, segundo o texto, é um profissional com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, atuante enquanto intelectual e agente da cidadania.

Em relação às disciplinas dos cursos, as instituições deverão, através dos Núcleos Docentes Estruturantes¹³ (NDEs), montar seus currículos com liberdade para agrupar e ordenar os conteúdos indicados nos eixos dos conteúdos curriculares,

¹³ O NDE é formado por membros do corpo docente do curso de graduação que "exerçam liderança acadêmica no âmbito do mesmo" (MEC, 2010, p.1). Esses acadêmicos devem acompanhar e atuar "no processo de concepção, consolidação e atualização do projeto pedagógico do curso" (MEC, 2010, p.1).

sendo eles a fundamentação humanística, a fundamentação específica, a fundamentação contextual, a formação profissional, a aplicação processual e a prática laboral. Os conteúdos devem ser definidos em função do perfil do egresso e de suas competências, apresentadas no documento.

O documento ainda define o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como componente obrigatório do currículo. Este deve ser desenvolvido individualmente, sob orientação de um professor, e submetido à avaliação de uma banca examinadora, para a aprovação do estudante. Além disso, também são indicadas as Atividades Complementares como componentes enriquecedores curriculares, para a formação acadêmica e profissional. Podem ser elas: Atividades didáticas (disciplinas extras) ou Atividades acadêmicas (pesquisa, extensão, eventos).

As Diretrizes chegam ambiciosas e com um grande potencial para a formação de jornalistas no Brasil. Com esse documento, a Comissão apresenta uma proposta desafiadora, que resgata e preserva princípios e valores da profissão, ao mesmo tempo em que busca aproximar o ensino à realidade atual.

Como já vimos, a trajetória do ensino de Jornalismo já trilhou um caminho considerável. Um projeto de Escola de Jornalismo foi pensado em 1908, e desde a década de 1940, temos a profissão regulamentada e o Curso de Jornalismo instituído. Durante todo esse percurso, fica evidente a influência do mercado de trabalho na discussão da formação profissional, na tentativa de moldar o egresso ideal para as empresas. Mesmo que essas reivindicações venham sendo entendidas, o mercado parece não se satisfazer plenamente com o ensino proposto. Historicamente, os profissionais são considerados, ora despreparados para as reais práticas da profissão, ora teóricos demais e deslocados da atuação cotidiana.

Para Bernardo (2010), o setor patronal não parece ser capaz de exprimir, de fato, o profissional pretendido, pois aspiram "que esse acadêmico venha preparado dos cursos de graduação tanto do ponto de vista técnico como tenha capacidade analítica (logicamente está apenas voltada para a sua linha editorial, resultando em uma sujeição do profissional)". (BERNARDO, 2010, p. 112)

Tendo consciência disso, agora pretendemos discutir as transformações no conceito e na prática da atividade jornalística durante os anos, no Brasil.

2.4 AS TRANSFORMAÇÕES NAS CONCEPÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS DO JORNALISMO

Pelo caráter generalista atribuído ao jornalismo, torna-se complexa a tarefa de definir essa profissão tão rica e abrangente. Para fazer isso, precisamos entender o seu desenvolvimento e transformações integradas aos diferentes contextos históricos, sociais e econômicos mundiais e brasileiras.

Em sua teoria, Genro Filho (1989) compreende o jornalismo enquanto produto histórico da sociedade burguesa, mas não o limita a isso. Quando este ultrapassa os contornos ideológicos, transforma-se em uma forma de conhecimento¹⁴. Partindo de sua origem, o autor aponta o desenvolvimento da imprensa ligado às necessidades comerciais e industriais da burguesia. Apesar da humanidade sempre ter se interessado pela obtenção de informações, foi no desenvolvimento do capitalismo que esse interesse influenciou diretamente no desenvolvimento e organização da imprensa. Com o desenvolvimento das relações desse sistema, as fronteiras se expandiram e o globo passou a fazer parte de um sistema integrado, dando um novo papel, e necessidade, à imediatividade.

Com isso, a busca por informação se expande e, assim, cria-se uma demanda por profissionais capazes de realizar a captação e recriação dessas informações. Esse produto jornalístico arcaico desperta o interesse da burguesia como canal para difundir os seus ideais liberais. Isso, por sua vez, possibilita a consolidação de uma indústria da informação. Nesse contexto, surge a possibilidade de “que tais empresas sejam privadas e que as notícias sejam transformadas em mercadorias” (GENRO FILHO, 1989, p.36).

Contudo, antes de chegarmos a um período em que as empresas de comunicação sejam capazes de se comparar a indústrias de notícias, o jornalismo percorreu um longo caminho. Nesse trabalho, iremos nos fixar especialmente na realidade brasileira para, assim, compreendermos, de fato, como a trajetória da profissão, no país, também está ligada à trajetória de seu ensino.

¹⁴ Aqui, Genro Filho (1989) busca em Parks (1940) o conceito de conhecimento trazido pelo sociológico estadunidense. O jornalista brasileiro visa entender esse conceito a partir de uma dimensão transformadora e história, diferentemente da proposta funcionalista apresentada por Parks.

No Brasil, a chegada da imprensa acontece com a vinda da Corte portuguesa, juntamente com outras medidas do governo para adaptar a infraestrutura da colônia (1808) a realidade da Corte. Na colonização, essa imprensa inexistia.

Durante o período de expansão marítima das metrópoles europeias, a imprensa exercia um duplo papel para a dominação cultural nas colônias: primeiro, impondo os valores culturais dos europeus; segundo, apagando a cultura dos povos originários da região. Melo (1973) entende que, nesse quesito, Portugal precedeu outras nações colonizadoras, utilizando a imprensa como recurso fundamental para a adoção de seu idioma e a disseminação do cristianismo nas novas terras.

Ao mesmo tempo, as condições que levaram a Corte a emigrar para terras brasileiras impunham uma necessidade de se informar dos acontecimentos europeus, além dos próprios eventos da nova sede do Governo. Em 1808, são publicadas as *Instruções Provisórias para o Regimento da Imprensa Régia*, inaugurando a tipografia oficial (MELO, 1973). A administração dessa Imprensa Régia caberia a uma junta, à qual competia a fiscalização e a autorização de qualquer publicação de papéis ou livros.

O mais significativo resultado disso pode ser identificado com o primeiro número do jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*. Ainda que o periódico tenha inaugurado o jornalismo nacional, a maior parte do material fazia referência aos acontecimentos da Europa. Os textos lá publicados tinham a finalidade de agradar à Corte, que mantinha o jornal, sem espaço para quaisquer críticas ou queixas de brasileiros (SODRÉ, 1999).

Como periódico editado fora dos domínios reais, temos o *Correio Brasiliense*¹⁵, idealizado por Hipólito José da Costa. O jornal era produzido em Londres, onde vivia Costa, exilado, e devido às dificuldades de se publicar periódicos no Brasil. Sodré (1999, p.21) define a publicação como doutrinária, afastando-se de um viés propriamente informativo, e apresentando seus ideais sob uma perspectiva estrangeira. Questionando a interpretação de Sodré (1999), pesquisadores e biógrafos como Hohlfeldt; Oliveira (2008); Melo (1973); Rizzini (1957) de Costa apontam-no como precursor da imprensa nacional, abrindo portas para publicações futuras e instigando debates importantíssimos em relação à independência da colônia.

¹⁵ O jornal, também conhecido como Armazém Literário, era escrito quase que inteiramente por Hipólito José da Costa, e alcançou 175 edições, até o final de sua trajetória, em 1822 (HOHLFELDT; OLIVEIRA, 2008).

Apesar das controvérsias, às quais não nos propomos a adentrar nesse trabalho, é inegável a importância do jornal para a história da imprensa brasileira. Diferentemente da *Gazeta*, o *Correio Brasiliense* disputava a opinião pública, tentando convencer e tocar a sociedade com suas posições. Mesmo sendo um periódico de oposição à Coroa, ele não pregava diretamente a independência, mas, sim, discutia os costumes políticos europeus, que considerava mais avançados, além de oferecer posições e fiscalizar os processos administrativos portugueses, defendendo ideias liberais (SODRÉ, 1999).

Todavia, ainda que o Brasil Colônia tenha apresentado algumas experiências embrionárias, o desenvolvimento real da imprensa ainda demoraria um pouco mais para acontecer. Para Sodré (1999), o estágio econômico e social do país não atendia aos requisitos para tal evolução da área. A principal razão que justifica essa afirmação está ligada à questão escravagista, que desfavorecia a industrialização e urbanização, além do crescimento cultural e a implantação das técnicas de difusão na nação. A falta de liberdade e a censura sobre o que era publicado também reduzia as possibilidades de imprensa.

É importante reconhecer, nessas posturas restritivas da Coroa, uma estratégia de dominação. Não era vantajoso para os portugueses incentivar processos civilizatórios na Colônia. Pelo contrário, era muito mais conveniente manter sempre o máximo de dependência possível. Sodré (1999, p.18) explica: “A ignorância, realmente, constitui imperiosa necessidade para os que exploram os outros indivíduos, classes ou países. Manter as colônias fechadas à cultura era característica própria da dominação”.

Hoje, podemos compreender as razões para o desenvolvimento tardio da imprensa. Concessões só começam a ser feitas a partir do momento em que se assume a luta pela independência. A expansão de ideais liberais, no território europeu, assim como a influência do Iluminismo e da Revolução Industrial, gera a crise do sistema colonial. Nesse momento, inicia-se uma disputa entre liberdades e restrições à imprensa. A primeira interessava à burguesia europeia e às forças internas contra o colonialismo; já a segunda convinha à metrópole e ao governo português (SODRÉ, 1999).

Com a conquista da autonomia brasileira, o processo de desenvolvimento da imprensa e da sociedade se amplia. Em 1821, já havia sido declarada a primeira lei de imprensa portuguesa. Esta, alguns meses depois, seria introduzida também em

terras brasileiras. Esse momento, no entanto, ainda é marcado pela presença conservadora, que olhava para o passado e temia o futuro (CORRÊA; CLAUDINO; COSTA, 2010), sem grande tolerância com a oposição. O que mais inquietava estas forças era que o processo de Independência se aprofundasse, pondo em risco o domínio e os privilégios de classe (SODRÉ, 1999). A imprensa, na América Latina, tinha caráter literário e doutrinário, sendo constituída pelas expressões das lutas independentistas e pela libertação nacional (GENRO FILHO, 1989).

Entre os anos de 1830 e 1850, a imprensa se fortalece com a nova realidade política. As publicações passam a contar com caricaturas e o início de um periódico diário demonstra o amadurecimento do jornalismo. Esse mesmo momento é marcado pelos *pasquins*, publicações críticas ao governo e à organização social vigente:

Eram de cunho político, social, abolicionista, fazendo uso de uma linguagem feroz, por vezes irônica, sarcástica e inconformista, além de lançar mão de fofocas e deboches. [...] A maioria teve vida curta, contudo causavam a ira de governistas e conservadores, e contribuíram para mudanças das temáticas dos jornais da época (CORRÊA; CLAUDINO; COSTA, 2010, p.4).

Ainda que os periódicos não tivessem maior longevidade, a difusão dos *pasquins* conseguiu alcançar até mesmo as províncias mais distantes do país (SODRÉ, 1999). Outro ponto importante a se destacar é que as publicações se mostravam profundamente críticas, chegando ao ponto de pautar a República.

No período monárquico, não aconteceram grandes mudanças no que cabe à imprensa. Mas em 1891 temos a chegada do *Jornal do Brasil*, além do surgimento de diversas publicações menores. Nesse contexto, o jornal passa a ser uma empresa capitalista, tirando o seu lucro da publicidade que ocupava grande parte das publicações. Mostrava-se mais preocupado em aumentar o número de leitores, para assim vender mais publicidade, do que, propriamente, com a opinião pública.

Já no final do século XIX, as transformações políticas, sociais e econômicas, como a abolição da escravatura, haviam sinalizado mudanças na sociedade brasileira (MELO, 2006). É possível identificar a dinamização do comércio interno, urbanização e industrialização, ou, ainda mais diretamente na comunicação, diversos processos de inovação tecnológica e popularização dos periódicos (ELEUTÉRIO, 2011).

Na passagem para o século XX, a sociedade amplia suas exigências de transformações sociais. Já a imprensa concretiza sua transição de pequena à grande empresa. Isso se dá justamente por tais mudanças sociais, sendo, talvez, a principal

delas, a ascensão da burguesia nacional, e, por consequência, o avanço das relações capitalistas. Como afirma Sodré (1999, p.275), “o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte. O jornal, como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades”. Isso faz com que se reduza o número de títulos, ao mesmo tempo em que se fortificam as restantes empresas em atuação. Naquele momento, caso alguém desejasse criar um periódico, era mais simples comprar um já existente, com sua credibilidade firmada e sua estrutura pronta.

Os equipamentos dos jornais também foram sendo aprimorados. As tipografias perdem seu caráter artesanal e começam a se aproximar de indústrias gráficas. Contudo, é difícil acompanhar a evolução dos equipamentos da imprensa nacional, sendo eles totalmente importados. Os equipamentos antigos eram destinados à imprensa do interior, que não conseguia se desenvolver no mesmo ritmo.

Com o avanço da grande imprensa e a necessidade de profissionais mediadores, torna-se necessária a criação de uma organização de profissionais do jornalismo. O pioneiro da ideia foi o jornalista Gustavo Lacerda, já mencionado neste capítulo, que vislumbrava uma organização sindical para a classe. Lacerda tinha uma atividade política bastante intensa, tendo contribuído para a criação do Centro Operário Radical e o Partido Socialista Coletivista (MOREIRA; MARTINS DA SILVA, 2016).

Naquele contexto, a classe operária começa a fundar jornais e outras publicações para expressar seus próprios interesses. Com a industrialização do país, que demanda movimentos de defesa dos trabalhadores frente a seus direitos, nasce a imprensa operária, evidenciando a constituição de relações capitalistas mais consolidadas no país.

A política era o principal tema abordado nos periódicos, ganhando maior espaço nas páginas e disputando-o com a literatura. Esta, tinha grande força nos jornais, por conta dos romances folhetim, que atraíam leitores e escritores em busca de oportunidades de trabalho. O interesse dos periódicos pela política era recíproco, querendo os políticos também ganhar destaques nas páginas de jornais.

Contudo, essa relação não era de todo boa. Naquele período, também ocorreram prisões e repressões a jornalistas. Em 1923, a Lei de Imprensa foi aprovada, passando por um longo processo até sua aprovação, o que demonstrava um descaso legislativo. Ao mesmo tempo, temos o avanço tecnológico das mídias, já

que em 1922 ocorreu a primeira transmissão de rádio. Mas os primeiros decretos do setor são definidos apenas em 1931 e 1932, por Getúlio Vargas.

Os anos 1930 marcam um crescimento econômico do país, o que impactou diretamente a imprensa. Com as atividades comerciais em expansão, houve um aumento de renda da população e do número de leitores dos periódicos, o que favoreceu o desenvolvimento de empresas jornalísticas. A partir desse período, registram-se notáveis mudanças na imprensa brasileira: primeiramente, o jornalismo opinativo, muito marcado pelo caráter político-partidário, começa a perder força, dando espaço a periódicos mais informativos; além disso, a influência europeia nos jornais diminuiu, e os jornais se aproximam mais do estilo estadunidense (HOHLFELDT; VALLES, 2008).

Durante o Estado Novo (1937 a 1945), a imprensa sofre um momento de silenciamento e de fechamento de diversas publicações. É criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), ferramenta de controle da ditadura, que tinha a função de supervisionar os jornais e as emissoras de rádio do país. O Departamento exercia sua influência através de fartas verbas distribuídas para a imprensa, além de indicar nomes de confiança para cargos-chave no setor.

Em 1946, foi elaborada nova Constituição, após o fim da Era Vargas. O texto buscava restabelecer liberdades e valores democráticos. Entretanto, o país ainda se encontrava em uma conjuntura de medo e terror policial. No documento, o artigo 160 dizia respeito à propriedade das empresas de comunicação. Ele determinava a proibição da posse destas empresas por estrangeiros. Contudo, isso não consegue ser posto em prática de fato. As empresas brasileiras dependiam de matéria-prima, o papel, e de investimentos, como os da publicidade, que vinham justamente do capital estrangeiro. Assim, ora a lei era burlada, tendo empresas de posse de brasileiros, mas completamente dependentes de estrangeiros, ora, simplesmente, ignorada, quando convinha aos empresários (SODRÉ, 1999).

Nos anos 1950, a influência do modelo estadunidense se firma na imprensa brasileira. Um dos marcos dessa afirmação é o uso da estrutura do *lead* pelas publicações noticiosas. Nesse momento, percebemos que se inicia um processo de adoção da *ideologia da objetividade*, importando assim o formato e a linguagem jornalística estadunidense. As informações políticas, econômicas ou literárias começam a dividir seu espaço com acontecimentos banais e de entretenimento. Nesse sentido, Lage (2001) destaca o sensacionalismo como um apelo para agenciar

o maior número de leitores após a superação da fase opinativa do jornalismo. Para ele, o sensacionalismo e o princípio da objetividade foram os meios para se alcançar, novamente, o controle ideológico e a lucratividade.

Com o desenvolvimento capitalista, no Brasil, as grandes empresas de comunicação acumulam cada vez mais poder e influência. Emissoras de rádio, revistas, jornais e, mais tarde, a televisão, pautam a opinião pública, mobilizando os sentimentos da população. Podemos perceber, também, a concentração dos meios de comunicação. Empresas pré-existentes, no setor da comunicação, incorporam diversas mídias, ou, em outros casos, integram outras indústrias. Com isso, elas reduzem a possibilidade da competição no mercado.

A ideologia desenvolvimentista, assumida pelo governo de Juscelino Kubitschek, apontava para a formação de um mercado cultural no país. É importante ressaltar que a evolução capitalista, no Brasil, ocorre de forma associada e dependente do capital estrangeiro. Ainda que possamos observar o início de uma sociedade de massa, a partir dos anos 1940, as empresas existentes se deparavam com grandes obstáculos para a expansão e a consolidação do mercado de bens culturais, devido ao retardo do sistema capitalista no país. Com o avanço desse sistema, nos anos de 1960 e 1970, temos a consolidação das indústrias culturais, além da concentração dos meios de comunicação, seguida pela formação dos conglomerados midiáticos. Essas empresas atuavam “conforme a lógica do regime de acumulação vigente - o fordismo- keynesiano - e sob a vigência do Estado, então sob o controle burocrático-autoritário dos militares” (FONSECA, 2008, p. 101).

O período da Ditadura Militar, no Brasil, também impactou muito o setor da comunicação. Podemos identificar o próprio modelo totalitário adotado, como favorável para a consolidação da indústria cultural. O governo investiu em tecnologia de ponta para a área de comunicação. Assim, implementou sua rede técnico-estrutural para garantir o controle do Estado (WEBER, 2000): criou leis, decretos e aparelhos repressivos para ter o comando da expressão nacional e conseguir preservar suas narrativas. A partir da *ideologia da Segurança Nacional*, o governo buscava legitimação, além do monopólio do controle e de coerção da sociedade.

Quando comparado a outros momentos da história brasileira, é na Ditadura Militar que tivemos os maiores índices de modernização do setor midiático. As empresas de comunicação se aliam aos governos para benefício próprio e são apoiadas financeiramente. Como aponta Weber (2000), o jornalismo passou a atuar

como *assessor governamental*, confundindo o papel profissional deste com outras áreas da comunicação, como as relações públicas e a publicidade.

O projeto econômico definido pelo regime militar visava, além do desenvolvimento econômico brasileiro, a sua inserção no mercado internacional. Ao longo dos governos militares, o modelo da indústria cultural se aprofunda e

torna-se parte das rearticulações globais do capital internacional que repõe, em outras bases, não apenas as questões econômicas, mas também políticas e culturais, da dependência e da autonomia dos países periféricos. (FONSECA, 2002, p.128).

Outro ponto importante a destacar é o conceito de *coesão social*, por parte dos militares. Eles defendiam que a integração do país era fundamental à *Ideologia da Segurança Nacional*, porque facilitaria o controle social, como também agradava à classe empresarial, criando uma integração do mercado (FONSECA, 2008). Para isso, os militares reconheciam, nos meios de comunicação de massa, um potencial para a difusão de suas ideias e a concretização da integração nacional, criando sentimentos e emoções coletivas.

A partir dos anos 1970, a indústria cultural brasileira passa por uma significativa expansão na sua produção, distribuição e consumo de bens. Com o crescimento das produções, conglomerados como a Editora Abril, o Grupo Folha, organizações Globo e o Estado de São Paulo se consolidam.

Para além do uso político e ideológico da comunicação, a indústria cultural apresenta um momento de subordinação do jornalismo às empresas midiáticas. Isso ocorria através de algumas práticas, como a centralização da produção jornalística¹⁶, hierarquização e especialização das tarefas. O trabalho nas redações é fragmentado e os produtos são gerados numa escala industrial¹⁷, o que está diretamente relacionado ao modo de produção fordista. Além disso, também começam a aparecer manuais que regem as redações. Esse é um dos instrumentos de controle instituído nesses ambientes. Tais fatores são ferramentas para reduzir custos e aumentar a

¹⁶ As operações da redação eram centralizadas e, assim, os produtos eram distribuídos para os diferentes veículos do conglomerado.

¹⁷ Podemos observar, como um dos exemplos desse processo, o aumento do protagonismo do *copy desk* (ou *copidesque*) nas redações. O papel desse profissional consistia basicamente em revisar os textos e adaptá-los aos requisitos do veículo. “Sua origem remete ao jornalismo americano, como consequência da separação entre o trabalho mecânico (gráfico) e editorial” (ALBUQUERQUE, 2010), o que dava, aos jornalistas, mais tempo para se dedicarem à redação de notícias.

produtividade das empresas, assim como aproximam cada vez mais o ambiente de trabalho a uma linha de montagem industrial.

Tais processos, adotados pelos conglomerados de comunicação no Brasil, moldam um perfil profissional que se exigia no mercado. Esse profissional, assim como as empresas midiáticas, distanciava-se do papel fundamental do jornalismo, para se subordinar cada vez mais à lógica capitalista. Para Fonseca (2008, p.114),

a partir do momento em que prevalecem regras determinadas pela lógica fordista de acumulação de Capital, o jornalista, antes se vivia com a missão intelectual de orientar a opinião pública, transforma-se praticamente num técnico, num especialista.

Nesse período, as assessorias também aparecem mais presentes no mercado do jornalismo. Entretanto, representavam espaços ainda mais controlados pelo governo e ganhavam fama de bloqueadoras e controladoras da informação. Souza (1988) explica que,

na conjuntura política em que vivíamos [regime militar], uma assessoria de imprensa – designação muito usada na época – não tinha nenhuma força, pois funcionaria, tão somente, como simples elemento transmissor de notícias oficiais, sem qualquer mérito jornalístico. (SOUZA, 1988, p. 16)

Com a redemocratização e o ressurgimento da liberdade de imprensa, fica evidente, para as empresas, a importância de se comunicarem diretamente com a sociedade e estabelecerem uma boa relação com a mídia.

O ambiente das redações está se tornando cada vez mais restrito e o mercado de trabalho do jornalismo se vê em meio a um momento turbulento. Assim, as assessorias aparecem como uma ótima alternativa para os profissionais. Esse cenário faz com que as assessorias se desenvolvam no país e consigam se consolidar no mercado:

Na busca de novas opções de trabalho, encontraram aberto o mercado nas empresas privadas, que estavam à procura de profissionais capazes, não apenas de abrir espaço para suas informações nas redações, mas também para elaborar produtos de comunicação empresarial, como jornais, revistas e vídeos de qualidade profissional (DUARTE, 2002, p.84).

Com os anos 1990, temos a intensificação da globalização. Por consequência, a reestruturação do sistema capitalista global e novos avanços tecnológicos, no que diz respeito às áreas da comunicação. Com a convergência tecnológica, a concentração no mercado midiático atinge um nível sem precedentes. Globalmente,

podemos identificar um movimento internacional de políticas liberais e privatizadoras. A partir daí, temos um pequeno número de empresas dominando o mercado mundial, aprofundando o fenômeno dos conglomerados.

Para Moraes (2003) as corporações midiáticas têm um papel, na contemporaneidade, de legitimação da lógica da globalização capitalista, fabricando o consenso do ideário global e o “transformando no discurso social hegemônico, propagando visões de mundo e de modos de vida que transferem para o mercado a regulação das demandas coletivas” (MORAES, 2003, p. 187). Além disso, a mídia se faz fundamental para a adesão e difusão desse pensamento, sendo capaz de interconectar o globo através de todo o aparato de telecomunicações, promovendo “o mundo em tempo real quase sempre sob o prisma ideológico norte-americano” (MORAES, 2003, p.189).

Tudo isso não seria possível sem o desenvolvimento tecnológico da comunicação e da informação. Além de satélites e cabos de fibra óptica, transformações também ocorreram no próprio conteúdo produzido. Com o conjunto de novidades nas telecomunicações e na computação, criou-se a possibilidade de convergência das mídias e de uma nova linguagem multimídia para se levar à população. Isso vai impactar diretamente a sociedade contemporânea:

O avanço do neoliberalismo, no terreno ideológico-cultural, repousa, em larga medida, na capacidade demonstrada pelas indústrias de informação e entretenimento de operar como máquinas produtivas que estruturam, simbolicamente, o capitalismo sem fronteiras. A mídia passou a ocupar a posição destacada no âmbito das relações produtivas e sociais, visto que é no domínio da comunicação que se fixa a síntese político-ideológica da ordem hegemônica (MORAES, 2003, p.188).

Uma nova estrutura social interconectada começa a se formar: a *sociedade em rede*. Nesse emergente arranjo social, o fluxo informacional atinge uma escala global e penetra a vida privada dos indivíduos. Perante esse crescente fluxo de informações, as empresas de comunicação precisam se expandir. Contudo, com a chegada da internet, o espaço da mídia é questionado e foi necessário tempo e aperfeiçoamento para que os profissionais conseguissem entender como ocupar, e dividir, esse espaço.

O avanço da internet, e seu uso cotidiano, afeta a comunicação como um todo diretamente. O modelo tradicional de mídia vê sua parcela de mercado fragmentar-se com a chegada dessas novas tecnologias. Tais transformações impactam o jornalismo com uma irônica dualidade: ainda que apresentem um grande potencial para a

comunicação, carregam dificuldades nunca enfrentadas, que culminam na crise do jornalismo, como a encaramos hoje. Essa crise é abrangente e alcança valores, identidade, produção e âmbito financeiro da profissão.

Todos esses pontos, além de outros fatores políticos e econômicos, como a Crise do Petróleo¹⁸, na década de 1970, implicaram em mudanças no setor produtivo das empresas, obrigado à otimização e reorganização da produção, com o objetivo de aproveitar o potencial multimídia (FONSECA, 2008). O novo modelo, definido pelas corporações, trazia um novo padrão tecnoprodutivo e a flexibilização do trabalho, demonstrando a superação do fordismo e, assim, formas de acumulação mais flexíveis se desenvolvem: o Toyotismo.

A mudança do modelo de produção também buscava combater a organização de movimentos reivindicativos por parte dos trabalhadores. Jessé (2010, p.38) aponta que “a adaptação ocidental do Toyotismo implicou cortar gastos com controle e vigilância em favor de uma auto-organização *comunicativa* dos trabalhadores por meio de redes de fluxo interconectados e descentralizados”. O autor explica que essa semântica foi redefinida para agradar ao setor proletário, que antes lutava pela auto-organização. Contudo, essa articulação e comunicação dos trabalhadores não é, de fato, livre, e nem se compara ao que as lutas propunham anteriormente:

Essa comunicação e expressão são completamente predeterminadas no conteúdo e na forma. Transformado em simples elo entre circuitos já constituídos de codificação e de descodificação, cujo sentido total lhe escapa, o trabalhador *flexível* aceita a colonização de todas as suas capacidades criativas em nome de uma *comunicação* que se realiza em todas as suas vicissitudes exteriores, excetuando-se sua característica principal de autonomia e espontaneidade (JESSÉ, 2010, p.38)

Nesse contexto, as relações de trabalho se modificam, não apenas pela inserção de tecnologias para executar tarefas que antes eram desempenhadas por humanos, como criam, também, relações flexíveis e, por consequência, instáveis. Regimes de contratação temporária, terceirização, *pejotização*¹⁹ e trabalho informal, são alguns dos exemplos de tais relações que se tornaram cada vez mais precárias

¹⁸ Sendo o petróleo a matéria prima central da economia internacional na época, a crise resultou em uma recessão econômica dos países industrializados, o que demonstrou a urgência de uma reestruturação produtiva.

¹⁹ Regime de terceirização em que o profissional é contratado enquanto pessoa jurídica (PJ), prestando serviços para empregadores e recebendo seu salário mediante a emissão de nota fiscal. Assim, o empregador se esquivava de pagar benefícios garantidos pela relação empregatícia, via CLT.

no mercado de trabalho contemporâneo. Além disso, ainda temos o regime de estágio²⁰ aparecendo como uma alternativa de redução de custos por parte das empresas, substituindo profissionais formados por estagiários.

A entrada no século XXI se viu marcada por uma euforia financeira em relação às empresas do setor de alta tecnologia. Fonseca (2008) explica que uma significativa fatia do capital financeiro mundial enxergou, nesse setor²¹, um horizonte lucrativo, nele injetando investimentos expressivos. Por algum tempo, os lucros registrados realmente foram inacreditáveis. Contudo, esses resultados não correspondiam à realidade de longo prazo:

Como o mercado parecia promissor, muitas das empresas virtuais iniciaram suas operações com grandes investimentos em infraestrutura e serviços, ocasionando, na mesma proporção o *boom* da rede, o que levou à crise de 2000. O declínio no valor das ações da bolsa eletrônica [...] determinou o fim da euforia, o enxugamento das empresas, o fechamento de diversos empreendimentos e inúmeras demissões (FONSECA, 2008, p.195).

Podemos observar que o mesmo movimento de euforia e hiper valorização de empresas tecnológicas aconteceu no Brasil. No que diz respeito às mídias, a abertura do mercado de telecomunicações gerou grande otimismo no setor. O medo da obsolescência dos meios, com o avanço tecnológico, e a aposta em uma rápida migração do público, da mídia tradicional às telecomunicações, fez com que os conglomerados nacionais apostassem nesse setor. Para isso, as empresas buscaram largos empréstimos internacionais, o que ocasionou abundantes dívidas.

Até o momento, este trabalho vem propondo uma análise das transformações do jornalismo e das práticas dessa área, relacionando-as ao desenvolvimento do sistema capitalista; seguindo esse raciocínio, nada mais lógico do que relacionar as recentes crises enfrentadas pela mídia com as desse mesmo sistema. É justamente em períodos de crise que o capitalismo tende a expor mais claramente suas contradições. No que tange ao jornalismo, isso fica evidente na precarização dos profissionais da área e na subordinação cada vez maior frente a pressões

²⁰ O estágio é questão muito debatida na profissão, tendo sua regulamentação como pauta antiga das representações de classe e do movimento estudantil. Em 1969, houve a primeira tentativa de regulamentação do estágio, sendo revogada após 9 anos, mas, em 1979, volta a ser pautada junto com a regulamentação da profissão. A partir desse momento, a prática de estágio passa a ser proibida até os anos 1990, quando os estudantes voltam a reivindicar o retorno dessa atividade (FENAJ, 2008).

²¹ As empresas da “nova economia”, como eram chamadas as organizações do nicho tecnológico (FONSECA, 2008).

econômicas. Assim, a visão mercadológica do jornalismo se expande com o aumento da competitividade e da instabilidade entre profissionais da comunicação.

2.5 A LÓGICA MERCADOLÓGICA E SEUS REFLEXOS NA PRÁTICA

O *jornalismo de mercado* acirra processos iniciados nas indústrias culturais, radicalizando a expressão mercantil da profissão. Esse processo está ligado a diversos fatores da produção noticiosa, vinculados à estrutura social (PEREIRA, 2004) e ao próprio consumo de informações, fenômenos que põem em xeque princípios deontológicos da profissão.

Mais uma vez, as empresas de comunicação e seus profissionais se veem obrigados a atualizar sua atuação e de seus produtos. Se, antes, prevalecia o ideal utópico do jornalismo, esse ideário é desafiado por imperativos comerciais que ameaçam a autonomia da profissão. Nesse novo ambiente digital, as empresas jornalísticas sofrem para manter seu negócio sobrevivente e lucrativo, adaptando-se à lógica neoliberal. Como Neveu aponta, essa fase do jornalismo “não designa a simples e velha obrigação de uma publicação de equilibrar seu balanço financeiro, mas um conjunto de evoluções pelas quais a busca de uma rentabilidade máxima vem redefinir a prática jornalística” (NEVEU, 2006, p.158).

A imediatividade, a convergência multimídia e a interatividade são características que, a partir desse momento, precisam ser pensadas para que os produtos jornalísticos não se tornem obsoletos, mas, para serem executadas, demandam profissionais adaptados às mudanças tecnológicas. O mercado se torna mais competitivo entre os produtores de conteúdos *online*, já que todos são, potencialmente, produtores, ou ainda, comunicadores:

Outra consequência desse processo é a mudança no status das fontes. Ao se tornarem entidades ativas, oferecendo aos jornalistas um imenso volume de informações, eles perdem a condição de *fontes* para se tornarem *produtores de notícias*. Submerso nesse dilúvio informativo, o jornalista perde o espírito de iniciativa, antes intrínseco à sua imagem (PEREIRA, 2004, p.11).

Ainda que a internet se apresente como ambiente democrático, em que todos se encontram enquanto iguais atrás de suas telas, essa realidade não dura muito tempo. No momento em que esse espaço é integrado à lógica do sistema capitalista, a competição das partes envolvidas não é mais equilibrada. Nesse sentido, é exigido

dos profissionais que sejam capazes de vencer sempre essa disputa pela audiência virtual.

O regime de produção, definido nesse contexto, determina que os trabalhadores não sejam apenas especializados em suas tarefas, como no fordismo. Agora, eles devem representar um profissional diverso, polivalente, que acumula especialidades e conhecimentos para exercer as diversas funções exigidas pelas empresas. “Por conta dessas novas demandas do mercado, as empresas com perfil multimídia perseguem um profissional com habilidades igualmente multimídia” (FONSECA; KUHN, 2009, p. 59).

Neveu (2006) indica, como resultado desse novo modelo de trabalho, a fragmentação da profissão do jornalista. Esta acabou se fragmentando em diversas atuações diferentes da área da comunicação, fazendo coro à defesa do profissional polivalente, o chamado comunicólogo. As fronteiras entre as profissões se tornam cada vez mais tênues, e os trabalhadores acabam por ser cobrados em funções de outras áreas do campo, que não a sua.

A fragilidade dessas barreiras na atuação impacta, também, na recepção dos produtos jornalísticos, contribuindo na crise de identidade e credibilidade que observamos no ofício. Para Fidalgo, a indefinição desses papéis

tem repercussões que extravasam o âmbito individual e colectivo dos jornalistas, afectando o modo como o seu trabalho é visto e recebido pela sociedade a que se destina. Afectando, portanto, o papel da informação (e a sua percepção) na esfera pública (FIDALGO, 2012, p.63).

Ademais, nesse momento, a *ideologia da objetividade* se mantém no jornalismo, mas, agora, de outra forma. Se, antes, a parcialidade era questionada pelas posições pessoais, hoje, os conglomerados de comunicação colocam “a lógica empresarial e a necessidade de sua sobrevivência como ente econômico na sociedade, acima das supostas preferências políticas e partidárias de seus dirigentes, embora essa postura não deixe de ser ideológica” (FONSECA, 2008, p. 155).

No momento em que a imprensa se submete aos princípios mercadológicos, as pautas abordadas pelos veículos são influenciadas. As páginas que antes eram dominadas por assuntos políticos, econômicos ou culturais perdem cada vez mais espaço para conteúdos fáceis e emocionais, mais rentáveis para as empresas. Além disso, as editoriais tradicionais também são afetadas por uma abordagem mais leviana.

O jornal se torna, então, um manual de vida diária; o jornalista se transforma em conselheiro e advogado de seu público. Essa orientação não conduziu à marginalização das editoriais *nobres* como a política, mas orienta sua cobertura (NEVEU, 2006, p.165).

Além de conseguir um acervo de notícias sem grande aprofundamento informativo, ou realmente relevantes para o interesse público, as empresas midiáticas reduzem seu custo de trabalho, poupando em processos de apuração, de checagem e de revisão. O acúmulo de tarefas, em um mesmo trabalhador, fez algumas funções desaparecerem ou serem reduzidas, com o pretexto de máxima eficiência e funcionalidade (MÜLLER, 2012). Fonseca (2008) também enfatiza que observamos o declínio da notícia como principal símbolo da profissão. No seu lugar, temos a “ascensão da ideia de informação de prestação de serviço e de entretenimento. Sustenta-se a hipótese de que a lógica capitalista dominante no negócio do jornalismo provoca mudanças nos critérios de noticiabilidade” (FONSECA, 2008, p. 293).

Essa busca por maior produtividade no trabalho dos jornalistas, sucateia a profissão e, por consequência, seus produtos. Além disso, sobrecarrega os profissionais desvalorizados, contribuindo para um sentimento de impotência para mudar essa produção que, muitas vezes, desafia os princípios do jornalismo:

O texto jornalístico adquire um caráter cada vez mais instrumental, identificado com os interesses do mercado. [...] O jornalista perde a aura de herói e identifica-se, cada vez mais, como simples operário de um sistema de produção *Taylorizado* (PEREIRA, 2004, p.10).

Com a hiper competitividade, baseada em regimes de trabalho completamente instáveis, jornalistas atuantes se veem, frequentemente, encurralados a seguir as práticas desse modelo comercial; ou pior, aderem espontaneamente a essa lógica para garantir o cargo almejado. Tal contexto criou uma narrativa sólida de práticas do mercado e inspira os próprios profissionais a demonstrarem produtividade e competência dentro desses padrões. “O conjunto de mudanças objetivas toma uma consistência redobrada quando elas se tornam interiorizadas pelos jornalistas, não como pressões, mas como um instrumento de avaliação de sua competência” (NEVEU, 2006).

Quando falamos de trabalhos que envolvem criatividade, como é o caso da comunicação, também devemos destacar o papel da indústria criativa nessas relações. Com ela, é constituída uma nova retórica que envolve termos como

criatividade, inovação, liberdade e independência, que antes constituíam a crítica ao sistema capitalista e às relações de trabalho industriais. Todavia, executivos e empresários começam a se apropriar desse discurso para, justamente, seduzir a mão de obra, vendendo assim o modelo de flexibilização do trabalho. Como aponta Grohmann,

em suma, trata-se de uma habilidade do próprio motor do capitalismo de tudo mudar para não mudar nada. O dinamismo do capitalismo provoca suas próprias transformações, por exemplo, reapropriando léxicos que eram de outros lugares sociais. (GROHMANN, 2013, p. 103)

Assim, é criada uma narrativa de que a flexibilidade está ligada a liberdade, trazendo o discurso de que *você é seu próprio chefe*. “O trabalho, então, é visto a partir da *ética da aventura* (BUARQUE, 2006), relacionado ao lazer, à liberdade e à satisfação individual” (GROHMANN, 2013, p.104). Com isso, são despejadas no próprio trabalhador todas as incertezas e inseguranças do mercado, levando a uma individualização das situações estabelecidas no trabalho.

A fetichização da indústria criativa e do trabalho digital acirra a precarização e a desregulamentação desses ofícios, buscando subtrair cada vez mais o próprio conceito de trabalho dentro de suas atividades. Dessa maneira, cria-se a percepção de que, na verdade, aquilo é diversão, ou, ainda, contribuição espontânea para as empresas.

As expectativas e cobranças são altas para os jornalistas, no mercado de trabalho, fazendo com que eles precisem estar constantemente se atualizando sobre conhecimentos puramente técnicos, para, assim, dominar o máximo de ferramentas e executar várias tarefas. Além disso, à equação ainda se soma a baixa remuneração, a falta de obrigatoriedade do diploma, a eliminação de benefícios salariais e as formas de contratação flexíveis e menos custosas para as empresas.

2.6 HAVERIA UM ABISMO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA?

Até aqui, apresentamos as diversas transformações sofridas pela prática e pela formação do jornalismo no mundo e, inclusive, no Brasil, durante o passar dos anos. Podemos entender o quão desafiador é, para a profissão e seu ensino, permanecer-

se atualizada quanto às novas realidades, que se apresentam. Com novas competências e habilidades exigidas pelo mercado de trabalho, é evidente que tais conhecimentos sejam integrados à formação acadêmica, mantendo os valores da profissão; e talvez, esse seja, justamente, o maior desafio que temos a enfrentar na área.

Contudo, ao montar essa equação, muitas vezes a relação entre teoria e prática, na trajetória dos estudantes e dos profissionais do jornalismo, e da comunicação, não se demonstrou, de fato, balanceado. Podemos ver a expressão disso apresentada nas propostas de currículos mínimos do curso que, historicamente, põem em divergência a formação prática – técnico-profissionalizante, e, quase que exclusivamente, ligada às demandas do mercado – da formação teórica – buscada no campo das humanidades, sem compreender a realidade da profissão (OLIVEIRA, 2011).

O mercado de trabalho e a academia são dois espaços que, invariavelmente, fazem parte da trajetória de jornalistas e estudantes de jornalismo. Todavia, eles têm enfrentado um problema de distanciamento entre si, intensificado na década de 1970, com a influência do CIESPAL (MEDITSCH, 2001), o que dificulta a atuação de pesquisadores, professores, jornalistas do mercado e estudantes. Além disso, essa dicotomia também afastou muito os diversos profissionais, formando obstáculos que persistem até hoje.

Essa ruptura tem raízes antigas, quando as escolas de jornalismo ainda estavam vinculadas às faculdades de filosofia, evidenciando um estudo demasiadamente teórico e desconectado da realidade nacional e profissional da área. A carência técnica dos cursos era predominante e os estudantes acabavam limitando seu contato com a prática nos ambientes de trabalho. Isso, e não apenas no Brasil, ajudou a formar a ideia das redações como as verdadeiras escolas. Esse argumento de que a profissão era aprendida na prática, nas redações e no mercado de trabalho, em geral, foi uma discussão séria na história da profissão, dificultando o avanço do ensino de jornalismo.

Por outro lado, quando o jornalismo consegue deixar o abrigo das faculdades de outras áreas que o acolhiam, a academia começa a ter algumas dificuldades referentes aos docentes do curso. Havia uma disputa no que dizia respeito a quem estaria mais capacitado para ensinar os estudantes de jornalismo. O embate também era alimentado pela conjuntura, visto que a academia não conseguia suprir a demanda

de professores das escolas de jornalismo no país. Sendo assim, o que percebemos, em um passado recente das faculdades de comunicação, foi o apelo por educadores que vieram do mercado de trabalho, ainda que estes não tivessem tido qualquer contato com abordagens pedagógicas ou estudos na área da educação (QUEIROZ, 1992).

Tal cenário inflou a oposição entre professores e jornalistas atuantes no mercado. Os docentes *práticos* reivindicavam sua autoridade na sala de aula, pelos seus conhecimentos do mercado, acumulados em seus anos de atuação profissional, assim construindo o capital necessário para se manterem e serem valorizados no ambiente acadêmico. Contudo, ao mesmo tempo em que existia o movimento de valorizar a prática, críticas começaram a ser direcionadas aos profissionais:

Argumentava-se que muitos profissionais traziam das grandes empresas a matriz de formação profissional para o ambiente de ensino, reproduzindo práticas legitimadas no mercado, isto é, um saber cristalizado que não era objeto de problematização ou inovação, sem preocupações de inserir o jornalismo num quadro teórico consistente (OLIVEIRA, 2011, p.82).

De outro lado, os professores nativos da academia tinham sua legitimidade amparada por títulos, publicações e reconhecimento acadêmico. Sobre esses, a crítica se fazia presente no distanciamento do mercado de trabalho e pela “incapacidade de se comunicarem com as demandas da prática profissional ou com aqueles que estão envolvidos na dinâmica das redações, agências e organizações de comunicação” (OLIVEIRA, 2011, p.82), muitas vezes, privando-se de englobar as realidades da profissão nas próprias pesquisas, contribuindo para o jornalismo fora dos muros das universidades.

Podemos entender que o afastamento da teoria e da prática inicia com fatores conjunturais, estimulados pelos currículos mínimos. Contudo, ele se agravou com o conflito entre os jornalistas *práticos* e os *teóricos*. Ainda que, com o aumento de programas de pós-graduação, na comunicação, tenham aumentado os casos de *professores híbridos* (com uma trajetória mista entre academia e mercado), seguimos buscando a superação real desse problema.

Precisamos integrar os dois ambientes para conseguirmos avançar, de fato, nos debates sobre a profissão, tendo ambas as partes responsabilidades e compromissos com ela. De um lado, a academia tem dever com o jornalismo

produzido e pensado pelos seus egressos; já o mercado precisa de profissionais capacitados, não apenas tecnicamente, mas para refletir e agir.

Meditich (2012), entende que o elo rompido entre teoria e prática resulta na insuficiência do ensino da área, impedindo o jornalismo de ser, verdadeiramente, uma forma de conhecimento. A reparação dessa ligação não se basta na simplicidade de somar o questionamento teórico à prática, ou à ação no estudo teórico; deve ir além da *pedagogia dos resultados* (que antes de realmente superar os problemas, busca a sua própria manutenção).

O que precisamos é uma solução mais complexa e transformadora daquilo que observamos até agora, uma práxis real. Uma pedagogia que se proponha a intervir e a transformar a realidade. Para isso, ela necessita entender, não apenas a realidade em que está inserida, mas também a sua relação com o conhecimento, enfrentando suas contradições:

O conhecimento depende da prática, uma vez que é nela que se encontra o seu fundamento, critério de verdade e finalidade última. Da mesma forma, à prática depende do sujeito e da matéria, do homem e da situação, do conhecimento que ele tem dela. Sendo intencionado em relação à prática, o conhecimento não é contemplação, não se constrói fora dela, espiando do alto da pirâmide. Pelo contrário, precisa partir da prática para retornar a ela – que já não será a mesma – no movimento em espiral sob pena de perder os fundamentos, os critérios de verdade e o próprio sentido, perdendo se a si próprio em pura abstração (MEDITSCH, 2012, p.94, grifo nosso).

Meditich (1992, p.51) ainda nos alerta sobre o papel do intelectual, que “precisa reconhecer-se não só como participante da sociedade em crise, mas principalmente como ocupante de uma posição específica dentro dela”, sendo, assim, o único agente transformador do campo de atuação do Jornalismo. Para isso, o papel de plena compreensão da teoria e da prática é fundamental para alcançarmos um jornalista completo e crítico à área e à sua atuação. A apreensão de apenas uma dessas perspectivas estagna o profissional e limita sua atuação.

3 COMPREENDENDO REALIDADES A PARTIR DE PERCEPÇÕES: ASPECTOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO

Até o momento, observamos como o ensino da Comunicação Social e de Jornalismo se transformaram e se desenvolveram no país, entendendo obstáculos e dificuldades históricas presentes no campo. Além disso, também buscamos perceber as mudanças na atuação e no mercado de trabalho da profissão.

Neste capítulo, abordaremos os aspectos metodológicos que embasam nossa análise. Esse trabalho se propõe, justamente, a compreender como é percebida a contribuição do ensino do Jornalismo na prática profissional dos jornalistas que atuam – ou atuaram por tempo considerável²² – no mercado de trabalho da área. Assim, considerando a conjuntura curricular, social e histórica de suas formações acadêmicas individuais, queremos entender a percepção desses profissionais no que diz respeito às relações estabelecidas entre o ensino e a prática.

Para alcançarmos nossos objetivos, utilizamos entrevistas semiestruturadas em profundidade e análise discursiva dos imaginários, como recursos metodológicos. Estas entrevistas buscam recolher respostas, com base nas experiências subjetivas dos entrevistados, através de teorias e pressupostos definidos pela pesquisadora. Acreditamos que este método seja proveitoso para esse estudo por permitir que acessemos as percepções individuais dos entrevistados. Ele visa promover maior abertura para o entrevistado, ao mesmo tempo em que permite a entrevistadora dar diferentes direcionamentos à conversa, a fim de alcançar seus objetivos (BONI; QUARESMA, 2005).

3.1 A ENTREVISTA ENQUANTO RECURSO METODOLÓGICO

A entrevista é uma metodologia amplamente adotada nas ciências sociais com a qual os pesquisadores buscam obter informações contidas nas falas, posturas e narrativas dos entrevistados, em que o que mais importa não são as respostas em si, mas o diálogo como um todo:

²² Fazemos tal ressalva por termos o interesse em entrevistar profissionais com idade e com condições de já estarem aposentados.

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é um ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores internos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação (GASKELL, 2002, p.65).

Esse diálogo, que define a entrevista, pode assumir formas variadas como recurso metodológico. Podendo partir desde uma conversa livre e fluida, centrada em um grande tópico central, até uma interação pautada por questões fechadas e tabelas de respostas. Entendendo que neste trabalho precisamos acessar experiências individuais e subjetivas da maneira mais espontânea possível para responder os problemas da pesquisa, optamos por uma forma entre esses dois extremos, a entrevista semiaberta, e semiestruturada.

É importante destacar que a entrevista, assim como outras metodologias qualitativas, não busca resultados estatísticos ou conclusões precisas, mas quer compreender estruturas de problemas, vivências e relações sociais. A entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos, e conforme o decorrer dos diálogos, novos questionamentos e hipóteses podem surgir. Como principais vantagens desse método, temos a liberdade da resposta do entrevistado e a flexibilidade da entrevistadora em ajustar-se a esse diálogo, livremente: “Nesse percurso de descoberta, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas” (DUARTE, 2005, p.1).

Essa técnica valoriza o papel da pesquisadora, ao mesmo tempo em que concede liberdade e naturalidade ao entrevistado, possibilitando, assim, contato com respostas e levantamentos ricos dentro da investigação. Podemos considerar que o entrevistado, a partir da sua narrativa, torna-se participante da elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 2015). Nessa interação, as duas partes se modificam e se revelam a partir desse diálogo.

Ao mesmo tempo que interessante, essa técnica se demonstra muito complexa, possibilitando o contato com realidades sociais

sendo transmitidas através do jogo e das questões das interações sociais que a relação de entrevista necessariamente implica, assim como do jogo complexo das múltiplas interpretações produzidas pelos discursos (POUPART, 2012, p. 215).

Como qualquer interação social, ela é moldada pelos seus participantes (entrevistadora e entrevistado) e, a partir disso e da relação de confiança estabelecida nesse diálogo, a pesquisadora poderá testar abordagens para descobrir novas pistas sobre a vivência dos indivíduos e suas relações sociais. A confiança conquistada na entrevista vai *desbloqueando* gradativamente o sujeito, fazendo com que este libere mais informações sobre o que está sendo questionado:

Mesmo tomando como referência uma situação ideal de empatia entre entrevistado e entrevistador, o que se coloca de imediato — em todas as entrevistas — é uma dinâmica de bloqueio e desbloqueio. De fato, as pessoas andam armadas umas em relação às outras (MEDINA, 2008, p.41).

Järvinen (2003) aponta que o papel da entrevistadora precisa ser participativo em alguma medida e não pode se manter neutro e passivo para que haja a interação desejada no diálogo. O envolvimento da entrevistadora deve respeitar sempre a negociação feita a partir da relação estabelecida entre os participantes e irá incentivar e provocar as respostas do investigado.

Um envolvimento ativo por parte dos entrevistadores não é necessariamente um problema, mas sim uma seção dos dados a serem analisados. Se considerarmos as entrevistas não como gravações, mas como situações interativas para construção de significado, o papel dos entrevistadores não pode ser totalmente passivo e neutro.²³ (JÄRVINEN, 2003, p.225, tradução nossa)

Além disso, é importante salientar que a condução e a postura da pesquisadora nas entrevistas têm grande impacto no alcance de experiências e opiniões mais íntimas e profundas. “O entrevistador deve possuir num grau raro os dotes de objetivação e de participação subjetiva” (MORIN, 1973, p. 124). A investigadora deve se equilibrar entre o distanciamento e a proximidade, mantendo uma condução tranquila e simpática.

Essa relação vai estar diretamente ligada ao desenvolvimento dos *elementos humanos* que determinam um clima favorável: simpatia, confiança e harmonia (TRIVIÑOS, 2015). Assim, a entrevista deve ser entendida como *diálogo social* que irá depender diretamente da relação estabelecida entre os seus atores e,

²³ “An active involvement on the part of the interviewers is not necessarily a problem, but rather a section of the data to be analysed. If one regards interviews not as recordings but as interactive sites for meaning making, the interviewers’ role cannot be totally passive and neutral.” (JÄRVINEN, 2003, p.225).

principalmente, da capacidade reflexiva da pesquisadora de, no decorrer do diálogo, alcançar um discurso complexo e multidimensional. “Toda comunicación implica um compromiso y define una relación, esto es, una comunicación no solo transfiere información, sino que a la vez impone conductas” (ALONSO, 1995, p.12).

Ainda que essa relação de confiança seja o mais horizontal possível, e que nela haja um entendimento das contribuições e participação do entrevistado na realização do trabalho, a pesquisadora deve estar consciente do seu papel de investigadora, que irá nortear o diálogo para alcançar os objetivos definidos em sua pesquisa. Dentre os métodos qualitativos, considera-se a comunicação e a atuação da pesquisadora como elementos evidentes da produção de conhecimento (FLICK, 2008). Nesse sentido, a sua subjetividade, tanto quanto a dos sujeitos estudados, incorporam-se ao trabalho:

As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto (FLICK, 2008, p.25).

Destacamos que o papel *reflexivo* da pesquisadora, em relação aos procedimentos metodológicos, é característico da pesquisa social. Esse sentido reflexivo vai envolver todo o processo da entrevista, ou seja, engloba a capacidade de observar, escutar, falar e interpretar. Alonso (2003) soma a essa ideia a importância da reflexividade da negociação para que o diálogo produza sentido, pois nessa interação existe uma renegociação constante do *contrato comunicativo*²⁴ estabelecido entre as partes. Essa renegociação vai, justamente, repensar as regras implícitas deste contrato.

Também devemos salientar a importância da pesquisadora em esclarecer o tema e os objetivos de sua investigação para que, assim, o entrevistado possa compreender o que se deseja da entrevista e qual a sua contribuição para o esclarecimento do problema. Com isso, é possível acessar um sentimento de participação e de utilidade do indivíduo que, assim, poderá mais colaborar no decorrer do diálogo.

²⁴ “Operativamente, la entrevista de investigación se construye como un discurso principalmente enunciado por el entrevistado; pero que comprendetambiénlas intervenciones del investigador, cada uno conun sentido y unproyecto de sentido determinado (generalmente distintos), relacionados a partir de lo que se ha llamadoun contrato de comunicación” (ALONSO, 2003, p.13).

Para Morin (1973) a *entrevista-diálogo* é quando se alcança esse sentimento de cumplicidade, essa ajuda e participação do entrevistado de modo mais ativo na conversa:

Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. (MORIN, 1973, p. 130)

A pesquisa qualitativa também não vai escapar de efeitos da revolução digital e tecnológica. Recursos e possibilidades vão ser inseridos, modificando, e, por vezes, facilitando o uso dessa metodologia. Nesse contexto, gravadores, filmadoras, plataformas digitais de vídeo ou áudio, *e-books* e publicações *online* são alguns exemplos das potencialidades disponíveis para os pesquisadores.

Neste trabalho, acreditamos que as tecnologias se façam ainda mais presentes devido ao período histórico em que ele foi desenvolvido. Com a crise sanitária no Brasil, devido à pandemia da covid-19, diversos planos desta pesquisa tiveram de ser adaptados. Grande parte da bibliografia foi encontrada *online*; os encontros presenciais, por ora, não são uma possibilidade concreta, situação que, inclusive, afetou as orientações e os grupos de que a pesquisadora participa.

Se as adaptações não foram fáceis, elas podem representar algumas novas possibilidades, como uma maior flexibilidade de horários e datas para o agendamento das entrevistas, bem como gravação em vídeo, de uma forma menos invasiva. Ainda assim, obviamente, as relações e a interação também foram afetadas pela falta do presencial, pedindo uma maior sensibilidade na condução dos diálogos.

3.1.1 Roteiro base e eixos guias

Ainda que a entrevista semiestruturada seja flexível e adaptável conforme as necessidades e os caminhos da pesquisa, essa metodologia se caracteriza por um roteiro base que guia a entrevistadora. Ele é pensado a partir do referencial teórico e, posteriormente, poderá ser adaptado no decorrer do trabalho. Compreendemos que diversos fatores sociais, morais e familiares se interseccionam e contribuem para que consigamos reconstruir e entender a vivência dos entrevistados. Para conseguir enfrentar esses fatores, definimos eixos temáticos, compostos por questões guias, que auxiliarão na condução e comparação das entrevistas.

Consideramos que a entrevista além de buscar enunciados concretos e comparativos sobre as questões-guia, também visa explorar a vivência e as experiências dos entrevistados para assim entender como tais pontos influenciam em sua atuação. Nesse trabalho, os eixos foram assim definidos: Dados de identificação, Formação acadêmica, Trajetória profissional, Prática da profissão.

O primeiro eixo cumpre um papel mais burocrático e introdutório, esboçando a identidade do entrevistado. Nessa primeira parte, são seis questões mais diretas que buscam identificar nome²⁵, idade, ano e área da graduação e a área de atuação. Essas perguntas não devem ser muito extensas, mas serão importantes para enquadrar os profissionais nos perfis determinados para a seleção dos entrevistados.

A partir do segundo eixo, entramos mais especificamente nas percepções dos entrevistados, percorrendo sobre a trajetória de formação, desde a escolha da profissão até seu contato mais recente com o ensino. A partir de doze questões, pretendemos provocar os entrevistados sobre sua caminhada acadêmica e como eles se relacionaram com a faculdade e o ensino. Aqui, já teremos uma presença mais marcante da narrativa e da memória, e é essa a primeira parte em que serão efetivamente aprofundadas as relações de negociação e confiança. Também por isso, acreditamos que seja o eixo com maior número de perguntas.

O terceiro eixo se dedica a compreender as trajetórias vividas pelos entrevistados no mercado de trabalho, bem como as mudanças percebidas, e já reflete uma relação entre a atuação e o ensino. Neste eixo, trazemos sete perguntas em que já buscamos comparar um pouco da sua trajetória e seus interesses na faculdade, com seus rumos profissionais.

O quarto, e último eixo, conta com cinco perguntas e se centra na questão da prática da profissão, buscando uma reflexão mais presente sobre atuação do profissional, além de tentar entender como as diferentes gerações convivem e se relacionam no mercado. Depois de já terem respondido às questões dos eixos anteriores, essa etapa final do diálogo traz uma carga mais reflexiva, provocando o entrevistado e retomando o que já foi dito na conversa.

Destacamos que, dentro dos diferentes eixos utilizamos perguntas abertas, que valorizam o espaço da narrativa sobre vivências dos sujeitos e exploram suas

²⁵ Destacamos que os nomes serão alterados para preservar a identidade dos entrevistados na publicação deste trabalho.

trajetórias pessoais; são perguntas mais embasadas nas teorias e problemas levantados para a pesquisa, que buscam “tornar mais explícito o conhecimento implícito do entrevistado” (FLICK, 2008, p.149), além de questões confrontativas, que têm o objetivo de revisitar criticamente pensamentos e narrativas dos investigados.

Quando bem construído, o roteiro cria um referencial cômodo e lógico, que ajuda a pesquisadora a não esquecer pontos essenciais, mas sem deixá-la escrava das perguntas. Devemos ter em mente que tal roteiro é definido na etapa inicial do trabalho, mas segue sendo aprimorado enquanto está sendo aplicado nas entrevistas.

A pesquisadora necessitará de grande habilidade para a condução desses diálogos da maneira mais proveitosa possível, conseguindo entender rapidamente como extrair as informações mais importantes de cada entrevistado. As questões são aprofundadas e repensadas a partir das respostas anteriores, tanto para as próximas interações, como em uma mesma entrevista:

en la entrevista, como en toda secuencia comunicacional, todo intercambio de *mensajes manifiestos* van retroalimentando el contexto interpersonal y marca los límites sobre la interacción posterior, por lo que no sólo resulta afectado el receptor, sino toda la relación (ALONSO, 2003, p. 12).

3.1.2 *Corpus*: Como definir os profissionais entrevistados?

A decisão dos sujeitos a serem analisados foi uma escolha complicada; menos pela definição dos perfis que selecionaremos, mas, sobretudo, pela dúvida sobre o número suficientemente representativo para alcançarmos resultados satisfatórios.

Essa dificuldade se dá na tentativa de equilibrar a representatividade dos profissionais com uma quantidade plausível de entrevistas a serem realizadas dentro do prazo da dissertação. Para a organização das entrevistas, consideramos a duração²⁶, as suas transcrições e o tempo para a interpretação e o desenvolvimento da análise desses diálogos.

Lembramos, também, que este é um estudo qualitativo que não tem o enfoque em resultados definitivos e estatísticos. Por isso, não trabalhamos com o termo *amostragem*, que se relaciona mais à ideia de amostra estatística sistemática da

²⁶ Acreditamos que cada entrevista deva ter a duração entre 40 até 60 minutos pelo número de questões definidas no roteiro.

população, mas com *seleção* que entende, justamente, a escolha de indivíduos a partir de critérios pré-determinados na pesquisa para compreender o espectro de pontos-de-vista e vivências: “A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2002, p.68).

Outro ponto a se considerar é que, para realizar um levantamento produtivo sobre as opiniões e pontos de vista do *corpus* de análise, a pesquisadora não necessita investigar todos os membros de um mesmo meio social. Portanto, a consideração que deve ser concretizada é de segmentação desse meio, considerando o tema estudado. Essa segmentação poderá ser feita através de levantamentos e pesquisas já realizadas anteriormente ou por meio da consulta a indivíduos pertencentes ao meio social que será analisado: “Sejam quais forem os critérios, o objetivo é maximizar a oportunidade de compreender as diferentes posições tomadas pelos membros do meio social” (GASKELL, 2002, p.68).

Considerando isso, optamos por realizar 18 entrevistas por via *online*, através de plataformas de vídeo chamadas²⁷. Esse número foi pensado a partir do cruzamento de três delimitações dos perfis dos profissionais que aparecem diretamente no referencial teórico e levando em consideração pesquisas sobre o perfil profissional dos jornalistas (MICK; LIMA, 2013). Também destacamos que, tanto a pesquisadora, quanto o orientador deste trabalho, fazem parte do mesmo meio que será investigado, sendo impossível não se ter considerações empíricas e teóricas sobre os critérios de seleção. São esses critérios:

- I. O período em que foi realizada a formação acadêmica;
- II. A área de atuação no mercado de trabalho;
- III. O sexo desses profissionais;

Além dessas principais características, ainda levamos em conta o tempo de inserção e atuação no mercado de trabalho, a localidade dessa formação (focando em profissionais que se formaram em Porto Alegre), a representatividade dos ambientes em que estes profissionais trabalharam e a continuidade dos estudos na

²⁷ A opção foi adotada por conta deste trabalho ter sido realizado durante o período da pandemia da COVID-19, impossibilitando encontros presenciais por motivos de segurança e saúde da pesquisadora e dos entrevistados. Por isso, utilizaremos de plataformas com recurso de vídeo, tentando diminuir um pouco o distanciamento causado pelo ambiente virtual.

área da comunicação. Ressaltamos essas delimitações secundárias para melhor conseguirmos comparar os investigados na análise.

Agora que já foram apresentadas, de maneira geral, as delimitações dos perfis profissionais, iremos explicá-las em mais detalhes nos parágrafos a seguir.

I. *O período em que foi realizada a formação acadêmica*: a escolha das gerações de profissionais foi baseada nos currículos e diretrizes instituídos no país, sendo eles: o primeiro Currículo Mínimo de 1962; o quinto Currículo Mínimo de 1984, marcado historicamente pelo início do movimento de redemocratização do país; e as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2013. Portanto, dentro desse segmento, não trabalharemos as gerações pelo critério de idade; ao mesmo tempo evitaremos tratar de profissionais que realizaram sua formação em épocas muito distantes do habitual (início da vida adulta e entre 4 a 5 anos de faculdade).

Acreditamos que o primeiro Currículo Mínimo de 1962 marca o surgimento do ensino superior em Jornalismo, tornando-se relevante para avaliações da formação na época, assim como para fins de comparação com os avanços e obstáculos da história do ensino. Já o Currículo de 1984 aparece em um momento histórico marcante para o país, em um período final do regime da Ditadura Militar, quando se iniciavam debates e movimentos que culminariam na redemocratização. Além disso, o documento também aponta alguns pontos importantes no debate sobre o ensino, sendo este o último currículo mínimo antes de implementadas as Diretrizes Curriculares Nacionais. Por fim, temos as segundas DCN, que são as Diretrizes atuais no momento de realização deste trabalho, que trazem a especificidade da formação jornalística e outras atualizações de conteúdos e disciplinas por conta de avanços tecnológicos e demandas do mercado de trabalho.

I. *A área de atuação no mercado de trabalho*: as áreas foram estabelecidas a partir de espaços representativos da profissão em que todas as gerações se façam presentes, sendo elas: Assessoria de Imprensa e Agências de Conteúdo; Rádio, TV e Jornais e, por fim, a Academia.

Selecionamos esses ambientes porque acreditamos que essas áreas apresentam dinâmicas de trabalho e produtos jornalísticos diferentes. Retomando a influência empírica da pesquisadora e do orientador, que fazem parte do meio social em questão, pensamos em tais segmentos por conhecermos as dinâmicas, as tarefas e as produções desses espaços.

Também consideramos que, na pesquisa realizada em 2012, *Quem é o Jornalista Brasileiro? Perfil da profissão no Brasil* (MICK; LIMA, 2013), os pesquisadores já dividiam o perfil do jornalista entre trabalhadores: Dentro da mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo etc.), Fora da mídia (assessoria de imprensa ou comunicação, além de outras atividades que utilizam conhecimento jornalístico) e Fora da mídia em docência (ambiente acadêmico). Ainda que a definição de *dentro* e *fora* da mídia não seja as mesmas que adotamos aqui, até para limitarmos um pouco mais a seleção, acreditamos que o documento ajuda a justificar a escolha da pesquisadora.

Na Assessoria de Imprensa e Agências de Conteúdo temos ambientes que apresentaram um crescimento mais recente, mas vêm ganhando cada vez maior espaço no mercado. São profissionais que, normalmente, exercem atividades relacionadas ao jornalismo, mas, ao mesmo tempo, acabam incorporando conhecimentos técnicos de outros cursos dentro da área da Comunicação Social. As Rádios, TVs e Jornais representam espaços já tradicionais do jornalismo, trabalhando mais massivamente com a opinião pública. Por último, a Academia, representa o ambiente de formação, portanto, justamente o ambiente que irá preparar os futuros jornalistas.

II. *O sexo desses profissionais*: também fazemos nesse trabalho um recorte dos sexos para a seleção dos entrevistados. Compreendemos ser possível que haja uma discrepância entre os entrevistados quanto ao sexo feminino e masculino, principalmente por trabalharmos com diferentes gerações. Ainda que recentemente os profissionais de jornalismo brasileiros sejam majoritariamente mulheres – como apontado, tanto no Censo de 2010²⁸, quanto na Pesquisa de Mick e Lima (2013)²⁹ –, em outros períodos elas tiveram maiores dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, o que apresentará, muito provavelmente, uma abrangência menor de mulheres de gerações anteriores do que profissionais que se inseriram mais recentemente no mercado.

²⁸ De acordo com o Censo de 2010, as mulheres representavam 58% dos jornalistas entre 20 e 29 anos, e 64% das estudantes dos cursos de jornalismo.

²⁹ A pesquisa aponta que o perfil predominante do jornalista brasileiro é de mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos de idade. (MICK; LIMA, 2013)

3.1.3 Diário de pesquisa e documentos complementares

Para além da gravação e da transcrição dos diálogos que coletamos a partir das entrevistas, já salientamos a importância da observação dentro desse método. Com ela, é possível documentar as ações e as interações, enriquecendo o contexto dos discursos apresentados e complementando as falas com elementos não-verbais. Para o registro desse percurso, é recomendado o uso de um diário de pesquisa. Assim, esse documento transforma relações e atitudes em textos, agregando informações aos levantamentos para a análise.

Considerando a importância da subjetividade da própria investigadora no trabalho, esse recurso se faz relevante, sendo ele um recurso de documentação, alimentado durante todo o processo da pesquisa, que irá detalhar abordagens, experiências, e dificuldades, bem como a aplicação dos métodos por parte da investigadora. Com isso, torna-se mais fácil compreender o seu papel no estudo: “Comparar essa documentação e as diferentes opiniões nelas manifestadas torna o processo de pesquisa mais intersubjetivo e explícito” (FLICK, 2008, p.269).

Os diários de pesquisa são compostos por notas de campo, registros dos contatos com entrevistados (agendamento, *e-mails*, conversas gravadas ou não, por exemplo), além de informações complementares envolvendo os estudados (matérias, entrevistas já realizadas, perfil na plataforma *lattes*, redes sociais com a trajetória profissional), etc.

Para os diálogos serem entendidos, antes de tudo, como momentos de interação, é importante anotar e perceber impressões subjetivas que se apresentam dentro deles:

As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto (FLICK, 2008, p.25).

O diário ainda pode ser entendido como um *amigo silencioso*, um companheiro durante todo esse processo de investigação. É um instrumento em que depositamos sentimentos e percepções, e que nos ajudará a refletir sobre eles. O diário é "pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congrega os diferentes momentos da pesquisa" (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2002, p.64). Por isso, também se deve destacar que, quanto

mais informações e detalhes esse recurso contiver, mais utilidade ele terá para a análise da pesquisa.

Ainda que as anotações devam ser feitas tão logo quanto possível, o ato do registro pode acabar interrompendo a interação entre os participantes. Lembrando que o objetivo dos diálogos é alcançar a maior naturalidade possível, a pausa para anotações desloca a entrevistadora da conversa, para registrar o que está sendo observado. Por isso, esses momentos devem ser calculados para acontecerem apenas ao término do contato com o investigado, logo de imediato ou à noite.

O fato de as entrevistas serem gravadas pode contribuir para uma revisitação do diálogo, posteriormente, em que a pesquisadora poderá reavaliar ou relembrar mais detalhes daquilo que foi observado durante a conversa.

3.1.4 Jornalistas: entrevistadores ou entrevistados?

Até agora, tratamos da entrevista enquanto técnica de investigação social, utilizada, principalmente, nas ciências sociais. Contudo, fazendo um exercício reflexivo, podemos questionar como os jornalistas se relacionam com a entrevista, considerando que ela aparece como instrumento usual da prática profissional.

Morin apontava que

uma entrevista é uma comunicação pessoal tendo em vista um objetivo de informação. Esta definição é comum à entrevista científica, praticada notavelmente em psicologia social, e à entrevista de imprensa, rádio, cinema e televisão. Mas a diferença aparece na natureza da informação. A informação em ciências sociais enquadra-se num sistema metodológico, hipotético e verificador. (MORIN, 1973, p. 116)

Portanto, ainda que compartilhem da mesma definição, e semelhanças técnicas, a entrevista jornalística e a da pesquisa científica se distinguem tanto no propósito, quanto pela execução. Quando usada no jornalismo, a entrevista representa o conjunto de informações expostas pela narração de uma fonte relevante, apresentada para que o público interprete e reflita a partir do conteúdo trazido no material; já na pesquisa, a própria investigadora irá interpretar e analisar os diálogos, apontando considerações a partir do seu referencial teórico.

Ademais, na pesquisa científica, a pesquisadora estará muito mais interessada na narração e em toda a interação estabelecida entre os envolvidos. Já na prática jornalística, treinamos para alcançar declarações relevantes e significativas, que serão

usadas para apresentar pontos-de-vista ou informações chave nas notícias ou reportagens. Nesse último ponto, a pesquisadora deve ter um cuidado especial ao trabalhar a entrevista em todo o seu potencial, ou, pelo menos, ao máximo possível dentro de suas possibilidades, enquanto recurso metodológico, evitando vícios profissionais.

Os discursos das entrevistas devem ser movimentados e trabalhados de forma densa e dedicada, para evitar ao máximo a tentação de invocar citações apenas para reforçar os pressupostos do trabalho (BROUSTAU et al., 2013). Esses diálogos devem ser desenvolvidos para provocar impactos maiores do que apenas atender à produção de determinado trabalho:

São palavras delegadas e modeladas pelo processo metodológico utilizado. Nesse sentido, a entrevista permite considerar os discursos dos jornalistas como produções constantemente retrabalhadas pelas atividades de comunicação que atravessam seus mundos e remetem a uma outra forma de expressão do jornalismo. Por meio dos discursos individuais, é o próprio jornalismo como atividade que se constrói, se produz e se reproduz (BROUSTAU et al., 2013, p.16).

Dos diálogos estabelecidos nesse trabalho, surgiram particularidades no processo de negociação entre os participantes, por ambos dominarem a técnica de entrevista. Isso cabe tanto para a pesquisadora, que precisa estar refletindo sobre suas práticas e não se deixar confundir entre a técnica científica e a profissional, como para os entrevistados.

Para alcançar a conversação desejada na entrevista, é necessário relativizar os papéis apresentados nessa relação, sem embaralhá-los. Os *estatutos* e os *papéis sociais* vão determinar a interação, ou seja, o comportamento e o entendimento da interação. O que irá, por sua vez, influenciar como e qual o discurso será construído na entrevista. Também devemos lembrar que esses estatutos e papéis não são fixos, podendo ser intercambiados de acordo com a dinâmica e condução da entrevista.

Para que se consiga uma entrevista mais fluída é importante relativizar esses papéis e atenuar o esquema de pergunta e resposta (PEREIRA; NEVES, 2013). Isso pode se tornar difícil, visto que o entrevistado está acostumado a essa dinâmica. Ainda que isso possa deixar o investigado mais confortável na conversa, também impõe dificuldades específicas, deixando o processo de negociação mais lento e delicado.

Pelo fato de o profissional conhecer e muitas vezes valer-se dessa técnica, ele poderá confundir os papéis durante a execução, tentando, por exemplo, antecipar

perguntas ou atitudes que espera na condução da entrevista. Embora eles tenham tais atitudes, normalmente, para tentar contribuir para o desenvolvimento da entrevista, isso acaba por dificultar a *negociação*, atrapalhando uma conversa natural.

Para evitar isso, Pereira e Neves (2013) apresentam algumas alternativas interessantes. Primeiramente, é possível que o pesquisado, de fato, inverta os papéis em alguns momentos da entrevista, revelando um pouco de sua história e respondendo, ele mesmo, às questões apresentadas. Ao se abrir e expor um pouco de sua narrativa, ele participa ativamente do diálogo e se envolve na entrevista, acrescentando os *elementos humanos* já defendidos nesse capítulo.

Outro ponto que poderá auxiliar a pesquisadora é a pesquisa de documentos e informações prévias³⁰ para a consecução da entrevista. Caso os profissionais se demonstrem menos cooperativos e demasiadamente sucintos, o conhecimento de suas trajetórias e dos contextos históricos, sociais e políticos, que envolvem sua narrativa podem ajudar a provocar o entrevistado e fazê-lo abordar pontos que ele não havia trazido por iniciativa própria.

Além disso, a investigadora pode alternar as questões da pesquisa, definidas no seu roteiro, com questões de ordem pessoal, que ajudam a “*quebrar o gelo*” e deixam a conversa mais dinâmica, também contribuindo para a simpatia e a leveza na condução da conversa.

Ao longo da relação estabelecida entre jornalista e pesquisadora, ambos participam dessa negociação que será afetada pelas suposições identitárias e estatutárias que o jornalista e a investigadora constroem:

No ato da entrevista, o pesquisador deve realizar um duplo movimento de análise. Primeiro, refletir sobre o modo como ele próprio se coloca frente ao jornalista, bem como as possíveis implicações disso na condução da entrevista. Ao mesmo tempo, deve se antecipar às interpretações que o jornalista faz da interação e o estatuto que ele atribui ao pesquisador e à pesquisa (PEREIRA; NEVES 2013, p.40).

Ao partirmos para a parte empírica da nossa pesquisa, iniciamos a etapa de teste de alguns pressupostos elaborados durante a revisão bibliográfica. Nesse processo, a investigadora deve ter cuidado para não forçar resultados, encaixando as entrevistas em suas suposições. Assim, devemos abordar as tendências indicadas,

³⁰ Poderão ser consultadas as trajetórias acadêmicas (*Lattes*) ou profissionais (*Linkedin*), além de, caso existam, entrevistas anteriores com os profissionais.

tanto pelas teorias e referenciais, como também pelo próprio senso comum e vivência da profissão da pesquisadora, sempre estando atenta se aquilo não se prove nas narrativas alcançadas.

Ainda que existam fortes indicativos sobre as transformações do ensino e da profissão no país, sempre é possível encontrarmos sujeitos que não sigam as tendências gerais. Ocorrendo um episódio assim, uma estratégia possível é referenciar os pressupostos que não se confirmaram, podendo o entrevistado elaborar novas reflexões sobre essas situações que eram esperadas pela pesquisadora.

Também é preciso observar como o jornalista interpreta a pesquisadora e o seu trabalho. Essa interpretação irá influenciar no comportamento do jornalista durante a entrevista. É comum serem feitos questionamentos sobre o estatuto dos pesquisadores (titulação ou posição na academia). Sobre o trabalho (finalidade, publicação, preservação da identidade), sobre essas questões sempre se deve responder com honestidade e considerar o efeito de suas respostas na produção do discurso do entrevistado (PEREIRA; NEVES, 2013).

Além disso, outro ponto que pode ser levantado é a aparição de uma *linha* ou *discurso oficial*. Isso ocorre quando o entrevistado se utiliza de discursos e narrativas idealizadas para explicar ou descrever concepções que, nesse caso, podem se surgir a partir da cultura jornalística. Ao abordarmos questões mais reflexivas e filosóficas, algumas respostas podem vir a serem lugares comuns, refletindo um imaginário já estabilizado no meio dos jornalistas. Perguntas como: "Como você percebe a prática do jornalismo hoje? O que mudou?" ou "Como você enxerga o seu trabalho?", poderão se localizar nesse imaginário.

Tais situações podem ser enfrentadas com algumas estratégias que buscam romper com esses discursos recorrentes. Uma alternativa é colocar a mesma pergunta mais de uma vez, mudando um pouco a sua colocação, para fazer com que o entrevistado tenha que responder de formas diferentes. Outra tática é assumir uma postura de ingenuidade, ou seja, fazer-se de desentendido, provocando o jornalista a desenvolver mais sua resposta.

É interessante pensar que, na entrevista, o entrevistado irá se apresentar enquanto indivíduo pertencente ao grupo social investigado. Portanto, a participação desse sujeito será, em parte, uma idealização do seu papel social, do seu status específico. Para Alonso (2003), o indivíduo, nessa interação, aparecerá com duas faces, a de *ator* e a de *personagem*, sendo sujeito autônomo que reage e responde

ao longo da conversação, mas, ao mesmo tempo, é representação do seu grupo social relevante para o estudo:

Así, la entrevista produce los símbolos verbales que el individuo usa com el único propósito de transmitir información -la comunicación en sentido tradicional y limitado del término-; pero siempre es complementada con acciones que tienden a perfilar al actor social como personaje (ALONSO, 2003, p.21).

É especialmente intrigante, para a investigação, pensar sobre os discursos arquetípicos dos indivíduos, baseados nos grupos a que eles pertencem, sendo esse discurso relevante para a pesquisa, por traduzir o coletivo estudado. “Por tanto, la entrevista abierta sirve para dar la palabra social a la estructura del carácter de un sujeto arquetípico” (ALONSO, 2003, p.21), criando uma oportunidade de interação entre o caráter pessoal e o generalizado.

Em casos com entrevistados jornalistas, talvez o primeiro passo, para se ter uma negociação bem-sucedida, seja o “reconhecimento recíproco das legitimidades de cada um em lançar um olhar crítico sobre o jornalismo” (BROUSTAU et al., 2013, p.17).

Felizmente, foram bastante comuns comportamentos de colaboração com a pesquisa por parte dos jornalistas, seja por identificação, seja por interesse pessoal. Relatos como auxílio com a bibliografia, indicação de entrevistados e interesse em ter contato com a pesquisa finalizada, são alguns exemplos dessas condutas.

3.2 ENTENDENDO PERCEPÇÕES INDIVIDUAIS E SOCIAIS: SUA RELEVÂNCIA NA PESQUISA

A entrevista aberta, ou semiaberta, possibilita-nos acessar narrativas subjetivas que, somadas à interpretação da pesquisadora, abordam as problemáticas sociais de uma forma rica e única. Em pesquisas que fazem uso dessa técnica, o valor da subjetividade vai se objetivar nas complexidades do sujeito, traduzidas no discurso do entrevistado que, através de suas próprias palavras, irá se descrever e descrever à realidade social que o cerca. Poupart afirma que

a entrevista, seria, assim, indispensável não somente como método para aprender a experiência dos outros, mas, igualmente, como instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que estas só podem ser

interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos autores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem as suas ações. (POUPART, 2012, p. 217)

Para Cáceres (1997), o mundo social é fascinante, e provoca tantos estudos, por causa de sua ambiguidade. Podemos até tentar prever as reações humanas, mas a verdade é que, ainda que tenhamos normas e padrões sociais de interação, também somos atores conscientes e complexos, que tomam suas próprias decisões. Para o exercício da pesquisadora, é justamente nesse ponto que se encontram as dificuldades. Cáceres coloca que “uno de los puntos clave es donde empieza y termina la vivencia personal, y donde están los límites de la experiencia científica” (CÁCERES, 1997, p.127).

Portanto, é na riqueza singular, possibilitada por esse recurso, que se apresentam tantos desafios. Já dizia Alonso (2003, p.2): “La subjetividad directa del producto informativo generado por la entrevista es su principal característica y, a la vez, su principal limitación”. Justamente por se apresentarem tantas dificuldades, esse método precisa ser muito bem compreendido e executado, de maneira organizada, consciente e reflexiva.

Ao tratar de perspectivas sobre vivências e entendimentos dos indivíduos, a entrevista deve ser interpretativa, em que a informação fornecida “no es ni verdad ni mentira, es un producto de un individuo en sociedad que hay que localizar, contextualizar y contrastar” (ALONSO, 2003, p.3). O autor entende a entrevista como um lugar em que o *eu* aparece como *eu narrativo*, que narra sua história e se inclui como um esboço de si nessa narrativa, distanciando-se da ideia de um sujeito parte de uma realidade objetiva.

As narrativas se apresentam com uma reconstrução das histórias. Elas vão recriar o passado a partir do presente, assim como, o presente a partir do passado. Para Alonso (2003), a memória aparece com a apropriação individual de uma cultura dentro de um contexto, que deve ser enxergada a partir do coletivo. Portanto, a leitura desses materiais, desses diálogos, depende também da construção feita através do olhar pessoal da pesquisadora.

Queremos ressaltar que não entendemos as perspectivas de um ponto de vista positivista-funcionalista, ao mesmo tempo em que não buscamos biografar nossos entrevistados. Nem sempre o que for recolhido a partir das entrevistas poderá ser generalizado, mas certamente as respostas podem abrir caminhos, permitindo

compreender, a partir daquelas vivências, fatores mais abrangentes do contexto social, político e histórico. Isso será possível através da comparação com o referencial teórico já levantado, e entre entrevistados que, supostamente, tiveram suas trajetórias em cenários similares.

Flick (2008) aponta que o *princípio de abertura* das pesquisas qualitativas é, muitas vezes, mal interpretado, sendo resumido para um sentido difuso e sem foco, quando, na verdade, é um diálogo entre posturas que vai liberando um conhecimento implícito a partir das provocações e das condições da pesquisadora. A entrevista em profundidade nos é útil, justamente, por nos interessarmos por indivíduos específicos que, devido à sua situação social, nos atraem a atenção ao discurso cristalizado nas suas particularidades e vivências, dentro do seu próprio coletivo social.

Pensando nisso, também consideramos importante agregar alguns conhecimentos envolvendo *histórias de vida*³¹ à metodologia escolhida. Considerando alguns apontamentos destacados nessa outra técnica da pesquisa social, que também se utiliza de entrevistas, poderemos ter resultados mais proveitosos, no que diz respeito a provocações e reconstituição das vivências dos profissionais entrevistados.

Para Cáceres (1997), uma das experiências mais complexas para um indivíduo é o encontro com o outro, bem como essa interação estabelecida entre eles. Assim, ele não compreende a história de vida como um instrumento de investigação, “sino de una intención cognitiva general hacia lo social y la cultura. La historia de vida más que un elemento sobre el que se decide, es una opción de aprendizaje, de experiencia, de comunicación” (CÁCERES, 1997, p.125).

Ao trabalharmos com as narrativas individuais dos entrevistados, acreditamos ser importante salientar a presença da memória em tais entrevistas. Quando tratamos do passado desses sujeitos, e seu entendimento sobre como esse passado contribuiu, e contribui até hoje, sua prática, essa narrativa deve ser analisada e interpretada com cuidado. Entendemos, assim, como é valioso o recurso metodológico escolhido, porque proporciona à entrevistadora guiar o informante na retrospectiva de sua própria

³¹ Esse recurso se aproxima, por vezes até se confunde, com a entrevista em profundidade. Contudo, nela o entrevistador incentiva uma narração longa e detalhada do entrevistado, em que “a tarefa do pesquisador é de se apagar o mais possível diante do autor e seu relato, evitar toda intervenção que possa fazer desviar a trama” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.158).

experiência com um outro olhar, mais maduro e crítico, principalmente considerando os assuntos abordados no diálogo:

Geralmente acontece a libertação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança. É um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato. [...] Nele podemos encontrar o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2002).

Para ajudar o entrevistado a recordar-se de sua trajetória, pode ser útil questioná-lo sobre outros acontecimentos pessoais que o ajudem a se localizar em uma linha de tempo. Assim como, visitar outras situações já citadas na entrevista para que ele reconstrua sua teia de vivências. A pesquisadora ainda pode compartilhar com os entrevistados as transcrições de suas entrevistas, possibilitando que eles façam eventuais correções, adições ou apontamentos posteriores ao diálogo.

Por trabalharmos com acontecimentos do passado, uma questão que identificamos ser possível de se apresentar, durante as entrevistas, é a ideia de os entrevistados não reconhecerem, inicialmente, os impactos do ensino. Isso pode ocorrer pela distância temporal de suas formações ou, até mesmo, pela desvalorização do ensino entre alguns ambientes e sujeitos da profissão. Considerando isso, novamente o papel da pesquisadora se faz essencial, questionando e provocando os entrevistados, sendo possível ainda que o entrevistado não identifique esse impacto e que isso seja percebido apenas pela interpretação da pesquisadora.

A memória dos entrevistados, especialmente considerando as indagações levantadas nesse trabalho, está diretamente relacionada ao grupo de que esse sujeito participa. Assim, “a relação que os jornalistas possuem com os outros colegas da área reforçam suas lembranças e servem como referência na reconstrução de um período” (PEREIRA; NEVES, 2013, p.44).

Novamente, reforçamos que o interesse da entrevista não é determinar o quê, de fato, aconteceu, mas sim, compreender e conservar o passado formado pelo indivíduo para, assim, acessar as relações criadas por ele, entre seu aprendizado e sua prática. Com isso, a memória deve ser entendida com uma seleção e uma construção feita pelo sujeito, que poderá destacar, apagar ou alterar o que aconteceu, conforme sua percepção e apreensão dos ocorridos.

Sendo assim, a entrevista precisa ser entendida como um discurso, fruto de uma interação entre aqueles sujeitos, que será produzido em condições específicas e geradas a partir da interação, mas sempre deverá ser analisada com essas considerações em vista. Portanto, mais uma vez, destacamos a importância de pensar todos os elementos que compõem a interação, levando em conta as transcrições, as anotações do diário de pesquisa, enfim, tudo o que compôs a situação da entrevista.

3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Agora que já abordamos a metodologia que utilizaremos, os seus possíveis obstáculos e táticas para contorná-los, além das reflexões necessárias para um uso que compreenda sua complexidade, vamos discorrer sobre a análise desses dados, depois que coletados, a partir do diálogo e da observação.

Primeiramente, destacamos que, após a pesquisadora realizar as entrevistas, será preciso editar e tratar esses materiais. É recomendado que os diálogos sejam transcritos o quanto antes para que a investigadora possa tomar nota sobre qualquer informação adicional que observou, enquanto a lembrança ainda está fresca.

Durante esse processo, poderão ser feitos pequenos retoques ortográficos e gramaticais, visando o melhor entendimento do texto, no trabalho. Também deve-se ter em mente que, para poupar a pesquisadora e o orientador de entraves burocráticos, optamos por preservar a identidade dos futuros entrevistados.

Para Duarte, ao ter a posse de todas as informações recolhidas durante o processo, a pesquisadora articula os diálogos, visando conduzir o leitor afundo nas suas reflexões. Entretanto, antes que isso possa ser possível, esse material deverá ser organizado conforme a investigadora delimitar. "Analisar implica separar o todo em partes e examinar a natureza, funções e relações de cada uma" (DUARTE, 2005, p.11).

A análise terá a função de compreender e de dar sentido às percepções coletadas. Nessa etapa, é necessário grande esforço e dedicação para interpretar e traduzir o que foi expresso, mergulhando nos textos. Para isso, é comum que a investigadora se debruce sobre transcrições grifando, acrescentando notas, identificando com cores ou fazendo diferentes marcações gráficas e visuais para localizar-se no mar de falas e situações que reuniu.

Nesse processo, a entrevistadora revive a entrevista. Cada uma delas será revisitada inúmeras vezes durante todo o desenvolvimento do trabalho. Sempre que houver uma dúvida ou ideia, os diálogos podem, e devem, ser revistos, para checagem ou inspiração. Também é comum que as entrevistas apresentem novos significados, conforme o avanço da pesquisa e a comparação com momentos anteriores.

Com esse rico material, são diversas as possibilidades de trabalho. Contudo, os problemas e objetivos da pesquisa sempre devem ser mantidos como norte. Essa metodologia exige flexibilidade e dinamismo da pesquisadora, que por vezes usará de sua imaginação, enquanto, em outros momentos, precisará ser metódica e cuidadosa:

A análise não é um processo puramente mecânico. Ela depende de intuições criativas, que pode muito bem ocorrer quando o pesquisador está falando com um amigo ou colega, ou naqueles momentos de reflexão ao dirigir, caminhar ou tomando um banho (GASKELL, 2002, p.86).

Quanto à organização desse material, Duarte (2005) destaca a importância de se estruturar o conjunto de informações adquiridas em categorias de análise que ajudarão a fracionar e classificar o material em temas independentes mas, ao mesmo tempo, relacionados:

Em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados, e escrevendo, analisando, referindo a teoria, citando frases colhidas durante as entrevistas e a tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado (DUARTE, 2005, p.11).

Para essa organização, usaremos os eixos temáticos, destacados a partir do cruzamento dos objetivos específicos da pesquisa, do roteiro-guia, dos depoimentos e do diário de pesquisa. Ainda que trabalhemos com essas categorias para nortear nossa análise, elas não são camisas-de-força. Portanto, as respostas dos entrevistados podem se enquadrar em mais de uma categoria ou, ainda, serem divididas.

Também lembramos, como já foi dito nesse capítulo, que tratamos com uma heterogeneidade de visões e histórias, naturais a esse método, que valoriza tanto a subjetividade. Sendo assim, não é esperado, nem aconselhável, que se façam comparações frias e puramente objetivas, nesses estudos:

Cada respondente apresenta uma visão que pode ter colorido, interpretações, versões diferentes. É papel do pesquisador organizá-las coerentemente em formato compreensível e articulado. O resultado em geral é mais descritivo, analítico, reflexivo do que conclusivo (DUARTE, 2005, p.12).

Assim, é necessário que reconheçamos as experiências vividas como plurais e dinâmicas,

cuja complexidade do objeto em estudo pode ser compreendida a partir da triangulação das diferentes interpretações das múltiplas visões e/ou realidades, valorizando, de forma empática e respeitosa, as experiências dos indivíduos estudados e também sua própria experiência, preservando os princípios da ética de pesquisa e resguardando dos riscos os envolvidos, tanto pela maneira de agir durante o estudo até a produção do texto da pesquisa (MENDONÇA; FARIAS, 2020, p.4).

A triangulação de dados representa o uso de diferentes fontes, que se complementam para a análise do trabalho. Em casos como o desta pesquisa, a triangulação cumpre um duplo papel, "de desconstrução do discurso do entrevistado e capacidade de objetivação dos dados e de produção de resultados mais ou menos generalizáveis" (PEREIRA, 2014, p.64). Assim, a pesquisa qualitativa consegue obter maior confiabilidade.

Por último, salientamos a potencialidade das entrevistas para, além de descrever e interpretar, propor ações e alternativas a partir das reflexões que surgem ao longo do trabalho. Mais do que um método de coleta de dados e consulta de sujeitos, a entrevista é uma experiência de aprendizado, que leva a pensar criticamente e a relacionar diferentes elementos e visões, durante todo o processo.

4. AS PERCEPÇÕES DOS JORNALISTAS SOBRE O ENSINO E A PRÁTICA

Até então, apresentamos os fundamentos teóricos sobre o ensino e a prática do Jornalismo, além de abordarmos a metodologia deste trabalho e suas complexidades. Aqui, daremos início à análise das entrevistas, comparando o material recolhido com o levantamento dos capítulos anteriores para, assim, chegarmos a algumas conclusões.

Por termos uma compreensão da importância da subjetividade e da reflexividade, buscamos uma análise que incluísse estes princípios na nossa investigação. Portanto, utilizaremos a Análise discursiva de imaginários para examinar o conteúdo dos discursos que compõem as entrevistas realizadas:

Toda análise é uma desconstrução. Um processo arqueológico de remoção de camadas que recobrem o objeto e o seu discurso. A pesquisa toma objeto e o desmonta para ver de que partes ele é composto. A pergunta fundamental é esta: o que um discurso quer dizer? Os discursos falam. Mas não necessariamente gritam o que dizem. Com frequência, sussurram suas verdadeiras intenções, cobrindo com ruídos teatrais as mensagens que, de fato, desejam compartilhar (SILVA, 2019, p.95).

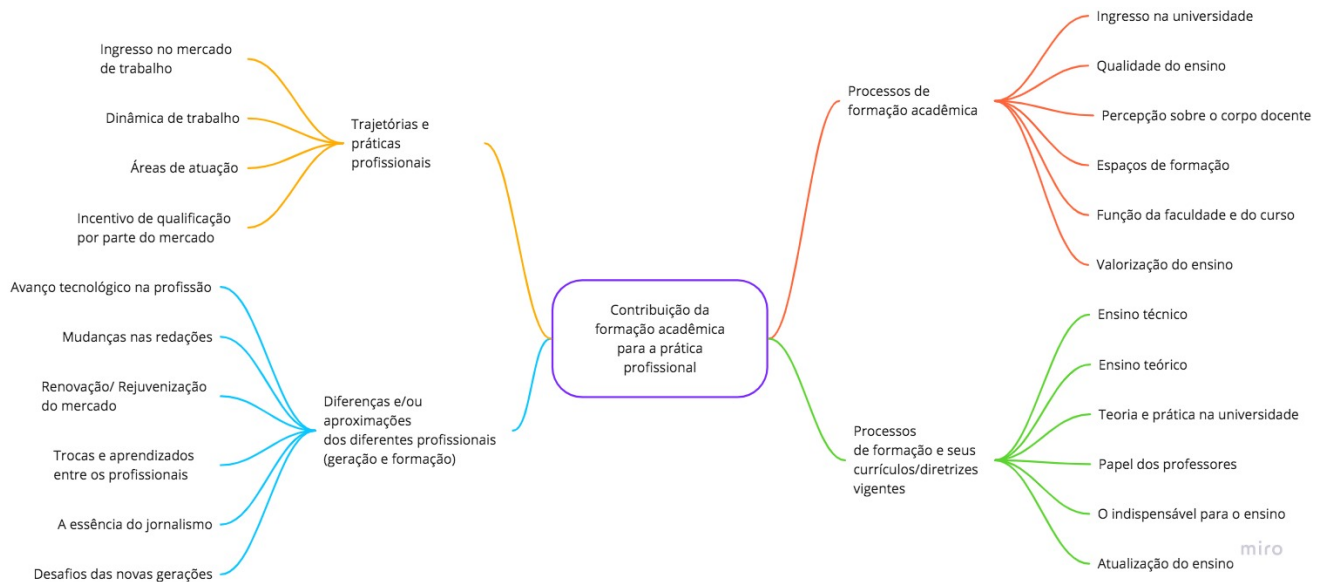
O objetivo é, através do desvelamento desses discursos, compreender o que eles revelam sobre a contribuição da formação acadêmica na prática profissional. Para isso, a análise seguiu as seguintes etapas:

- I. Organização do material levantado;
- II. Definição de eixos temáticos para guiar a análise, além de destacar alguns tópicos dentro de cada um dos eixos;
- III. Organização dos discursos, considerando os eixos estabelecidos;
- IV. Compreensão do que os discursos explicitam, considerando seus respectivos eixos e tópicos;

Após organizarmos os materiais da pesquisa, definimos os eixos temáticos e seus tópicos (quadro 2 abaixo). Foram determinados quatro eixos temáticos: Processos de formação acadêmica; Processos de formação e seus currículos/diretrizes vigentes; Trajetórias e práticas profissionais; Diferenças e/ou aproximações dos diferentes profissionais (geração e formação). Tais eixos foram

destacados a partir do cruzamento dos objetivos específicos do trabalho, do roteiro-guia das entrevistas e das transcrições e anotações das entrevistas.

Quadro 2 - Mapa mental dos eixos temáticos e tópicos específicos



Fonte: a autora (2022).

Em seguida, realizamos a uma segunda visita às entrevistas transcritas, para organizar os discursos segundo os eixos e tópicos definidos. Após essa organização, passamos para a etapa de compreensão do que os discursos explicitam.

Sendo assim, traremos nos próximos subcapítulos a apresentação dos sujeitos entrevistados e, em seguida, as falas dos entrevistados que serão analisadas em suas relações umas com as outras, sendo guiadas pelos eixos definidos. Importante lembrar que estes terão seus nomes substituídos por pseudônimos, para a preservação de suas identidades. Tais sujeitos serão agrupados em diferentes quadros correspondentes aos sexos identificados, relacionando os outros dois critérios de delimitação (período de formação e área de atuação).

4.1 OS SUJEITOS

Antes de iniciarmos, propriamente, a análise das entrevistas realizadas nesta pesquisa, é preciso conhecer os sujeitos que participaram deste trabalho, além de compreender um pouco do espaço que ocupam no mundo, desde onde estes sujeitos falam e, brevemente, algumas de suas experiências e vivências. Apresentamos,

assim, os dezoito sujeitos selecionados para a fase de entrevistas representados no quadro abaixo:

Quadro 3 - Nomes dos entrevistados

		Veículos de imprensa (Redações Tv, rádio e jornal)	Assessorias de imprensa e Agências de conteúdo	Academia
1ª GERAÇÃO (1962-1964)	Mulheres	Esther	Vânia	Clarissa
	Homens	Nasson	Fernando*	Manuel*
2ª GERAÇÃO (1984-2001)	Mulheres	Renata*	Luana	Tamara
	Homens	Clóvis	Régis	Luciano
3ª GERAÇÃO (2013 - Hoje)	Mulheres	Nina	Nathália	Alice
	Homens	Lorenzo	André	Alex <small>miro</small>

Fonte: a autora (2022).

Destacamos que, a fim de facilitar a comparação e relações estabelecidas pela pesquisadora entre as falas dos entrevistados, todos os sujeitos selecionados realizaram sua formação no estado do Rio Grande do Sul, em universidades da capital gaúcha e/ou região metropolitana.

Apesar de termos determinado os recortes geracionais pelas datas dos Currículos Mínimos e Diretrizes Curriculares, destacamos que alguns sujeitos (Fernando, Manuel e Renata), identificados acima pelo *, não realizaram sua formação exatamente no período determinado, porém, próximo dele. Isso ocorre porque, pelo tempo de realização da pesquisa e prazo de entrega desta, abrimos tais exceções pela dificuldade em encontrar profissionais que tivessem se formado nos períodos propostos. Contudo, acreditamos que isso não prejudique o estudo, pelas mudanças do ensino não se mostrarem instantâneas e abruptas.

A apresentação dos entrevistados será feita na ordem de disposição do Quadro 2. Sendo assim, nossa primeira entrevistada, Esther, tem 80 anos e veio de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Encontra-se aposentada, mas carrega consigo uma trajetória de 50 anos de profissão. Esther se formou em uma instituição

pública, na capital, integrando a primeira turma de Jornalismo da universidade, no ano de 1967. Antes disso, também realizou um curso técnico em contabilidade. Ela foi uma das primeiras participantes de um programa de estágios³² criado na sua época, em um dos principais jornais da cidade.

Vera tem 72 anos e também se encontra aposentada. Ela se formou em uma universidade pública na capital, em Jornalismo, no ano de 1968. Em sua trajetória, a última área na qual atuou foi o Jornalismo *online* em uma redação de um jornal digital e alternativo da cidade, mas traz uma vasta experiência no setor de assessoria de imprensa, tendo trabalhado em uma entidade de representação do setor industrial no início de sua carreira, assim como no poder público, durante considerável período de sua trajetória.

Clarissa tem 79 anos e foi a primeira mestre na área de comunicação no universo latino-americano. Com mais de 50 anos atuando na docência, atualmente, reside na capital do estado de São Paulo e segue ocupando um espaço de pesquisadora em uma universidade pública, na mesma cidade. Além de sua formação em Jornalismo, Clarissa também cursou Letras. Ambas as graduações foram realizadas em uma instituição pública, na capital gaúcha, e concluídas no ano de 1964.

Nasson tem 73 anos e se formou em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, no ano de 1971. Ele estudou em uma universidade pública na capital e, além de ter cursado Comunicação Social, também é formado em Educação Física, na mesma instituição. Nasson tem uma longa trajetória no Jornalismo impresso, tendo iniciado no Jornalismo esportivo - o que o levou a cursar Educação Física. Ele atuou nos principais jornais de Porto Alegre e segue como colaborador de um importante grupo de mídia do país. Além disso, também realiza trabalhos *freelancer* que envolvem redação e produção de conteúdo.

Fernando teve uma trajetória acadêmica um pouco mais estendida do que o tempo previsto. Ele ingressou no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em 1970, concluindo o curso 7 anos depois. O jornalista de 71 anos trancou o curso durante algum tempo o que atrasou sua formatura. Contudo, antes mesmo de finalizar a graduação, Fernando já atuava no mercado de trabalho e, ao concluir o curso, inclusive ocupava um papel de coordenação da área de esportes em

³² O programa aparece em diversas entrevistas, o que evidencia ter sido uma iniciativa marcante na época. Com ele, a redação conseguiu inserir jornalistas formados no mercado e renovar os profissionais atuantes.

uma das principais emissoras de rádio da capital. Fernando tem uma trajetória muito variada, incluindo os principais jornais e veículos eletrônicos do Rio Grande do Sul, campanhas políticas e atuação no setor público. Atualmente, ele se encontra aposentado, mas mantém uma coluna em um portal *online* que trata sobre carreiras e negócios, na área de comunicação.

Manuel tem 79 anos e concluiu a sua graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, no ano de 1970, em uma universidade privada, na capital. Iniciou sua trajetória como estagiário, em um importante jornal da época, local que trabalhou até o ano de 1981. Nessa data, largou a redação e, na sequência, foi chamado para lecionar na universidade na qual se formara, onde permaneceu até o encerramento de sua trajetória profissional.

Renata tem 61 anos e nasceu no interior do Rio Grande do Sul. Filha de agricultor, formou-se em uma universidade privada, na capital, no ano de 1981. Começou a trabalhar logo em seguida e completou 40 anos de profissão, no ano de 2021. Hoje, atua em um importante grupo de mídia brasileiro, tendo uma coluna no jornal impresso e no portal *online*, além de apresentar um programa em uma emissora de rádio.

Luana tem 48 anos, se formou em 1994, em uma universidade pública, na capital. Ela é Doutora em Comunicação Social e trabalha na área de assessoria de imprensa, além de ter um canal próprio de conteúdo. Já atuou como professora e coordenadora de cursos de comunicação, na graduação, e lecionou em cursos de pós-graduação em Comunicação e Gestão.

Tamara é formada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, por uma instituição pública na capital, tendo concluído o curso em 1986. Ela tem 55 anos e é, atualmente, professora na mesma universidade em que se formou. Antes de lecionar, Tamara trabalhou em redação de jornal, em um periódico no Rio de Janeiro, e de revistas de um grande grupo de mídia do país. Sua experiência em revista fez com que ela se interessasse pela pesquisa, querendo analisar o discurso do periódico em que atuava, na época. Assim, abriram-se as portas para a pesquisa e, posteriormente, para a docência.

Clóvis tem 46 anos e se formou em 2001, em uma universidade pública na capital. Antes de fazer o curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, realizou um curso técnico, na capital. Com mais de 20 anos de experiência no mercado, sua área de atuação mais expressiva é a do Jornalismo impresso, já

tendo passado por veículos *online*, emissoras de televisão e rádio. Atualmente, é editor em um dos jornais da capital e realiza o trabalho *freelancer* de reportagem e edição de textos.

Régis tem 60 anos e mais de 37 anos de profissão. Formou-se em 1985, em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, em uma universidade privada, na capital. Já atuou em várias emissoras de televisão e rádio no Rio Grande do Sul. Além disso, tem vasta experiência com assessoria de imprensa, tendo trabalhado na Secretaria de Comunicação do Governo Estado, Secretaria de Saúde de Porto Alegre e em uma entidade do setor industrial. Segue atuando como prestador de serviço para gestores da área pública e privada.

Luciano tem 55 anos e é natural de uma cidade na região sul do Rio Grande do Sul. Ele se formou em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo gráfico e audiovisual, no ano de 1986, em uma universidade pública, na capital. Antes de entrar na área de comunicação, Luciano realizou um curso de eletrotécnica, no segundo grau. Ele já trabalhou nas principais emissoras de rádio da cidade, e, posteriormente, decidiu lecionar, tendo feito parte do corpo docente de duas universidades privadas e, atualmente, de uma universidade pública de Porto Alegre.

Nina se formou em Jornalismo em agosto de 2019, numa universidade privada da capital gaúcha. Ela tem 24 anos e, atualmente, atua na área de produção de televisão em uma emissora, no Rio de Janeiro. Durante o período da graduação, também teve experiência de estágio em assessoria de imprensa. Além disso, Nina possui uma pós-graduação na área de Direito penal e Criminologia.

Natália tem 25 anos e se formou em Jornalismo em março de 2021, realizando sua graduação em universidade privada da capital. Atualmente, trabalha numa assessoria de comunicação focada em *marketing* de influência. No seu período de estágio, teve experiências em assessoria de imprensa, planejamento e estratégia institucionais, principalmente no setor público.

Alice concluiu o curso de Jornalismo em uma instituição privada, na região metropolitana, no ano de 2018. Ela tem 24 anos e, atualmente, é mestranda em uma instituição pública, na capital gaúcha. Como pesquisadora, ela atua no Programa de Pós-graduação em Sociologia com temáticas sobre relações raciais e branquitude. Durante sua formação na graduação, teve experiências voluntárias como redatora e *social media* em grupos da área de direitos humanos, além de ter sido bolsista de iniciação científica.

Lorenzo tem 25 anos e se formou no curso de Jornalismo em uma universidade privada, na capital, em 2018. Atualmente, ele atua em um importante grupo de mídia, como repórter da editoria de esportes. Durante seu período de estágios, teve contato com área de televisão e assessoria de imprensa.

André tem 23 anos e se formou em Jornalismo em uma universidade privada na capital do Rio Grande do Sul, no ano de 2020. O Jornalismo não foi sua primeira opção de curso, tendo, anteriormente, ingressado no curso de Ciências Sociais, na mesma instituição. Contudo, depois de dois semestres, ele optou pela transferência. Atualmente, ele atua na área de criação de conteúdo digital, com ênfase em *marketing*. Além disso, já teve experiências como assessor de imprensa, redator, assistente de conteúdo e assistente de mídia. André também foi bolsista de iniciação científica durante sua graduação, contribuindo em uma pesquisa sobre o uso de assistentes pessoais no combate às notícias falsas.

Alex tem 26 anos e se formou em Jornalismo 2019, em uma instituição privada, em uma cidade da região metropolitana, por via do ProUni³³. Em 2020, ele ingressou no mestrado, em outra instituição privada da região metropolitana, como bolsista CNPq. Durante sua graduação, teve uma breve experiência na área de assessoria de comunicação e foi bolsistas de iniciação científica. Como pesquisador, ele atua no Programa de Pós-graduação em Comunicação.

Após todos os sujeitos serem devidamente apresentados, iniciaremos o debate sobre os discursos trazidos pelas entrevistas, através dos eixos temáticos pré-determinados.

4.2 ANÁLISE DOS EIXOS TEMÁTICOS E TÓPICOS

Neste subcapítulo, iremos abordar os discursos apresentados pelas entrevistas, explorando-os através dos eixos temáticos e tópicos definidos. Convém lembrar os eixos definidos, a partir do quadro abaixo. Também aproveitamos para organizá-los e detalhá-los de maneira mais sistemática.

³³ O Programa Universidade Para Todos (ProUni), do governo federal, utiliza as notas do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) para distribuir bolsas de estudos aos estudantes de escolas públicas e bolsistas de colégios particulares.

Quadro 4 – Descrição dos eixos temáticos

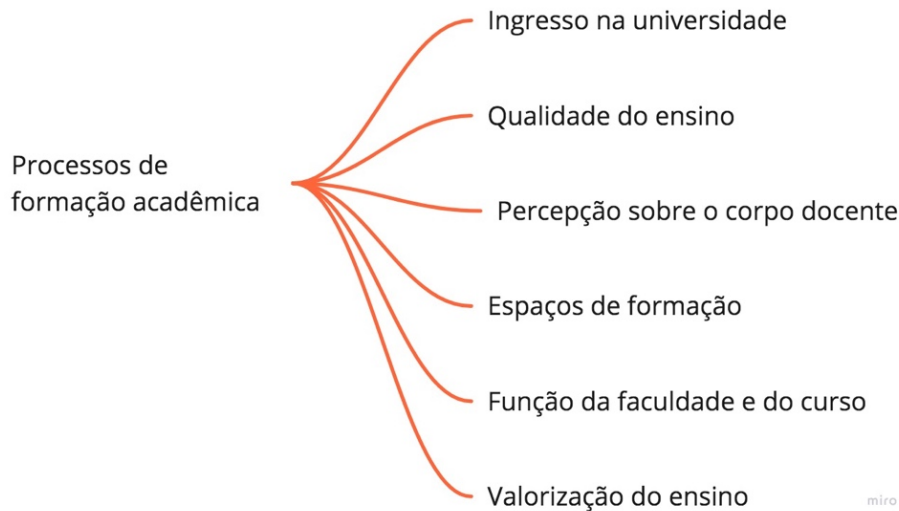
Eixos	Tópicos	Detalhamento
Processos de formação acadêmica	Ingresso na universidade; Qualidade no ensino; Percepção sobre o corpo docente; Função da faculdade e do curso; Espaços de formação; Atualização da formação	Exploramos as percepções dos entrevistados sobre a trajetória de formação, desde a escolha da profissão até seu contato mais recente com o ensino.
Processos de formação e seus currículos/diretrizes vigentes	Ensino técnico; Ensino teórico; O indispensável para o ensino; Atualização do ensino	Relacionamos as percepções dos entrevistados em relação ao seu ensino com questões curriculares.
Trajetórias e práticas profissionais	Ingresso no mercado; Mudanças nas dinâmicas de trabalho; Novas áreas de atuação profissional; Incentivo à qualificação profissional	Abordamos as percepções dos entrevistados sobre suas trajetórias no mercado de trabalho e dinâmicas profissionais.
Diferenças e/ou aproximações dos diferentes profissionais (geração e formação)	Avanços tecnológicos na profissão; Mudanças nas redações; Renovação/rejuvenização do mercado de trabalho; Relações de trocas e aprendizados entre os profissionais; Essência do Jornalismo; Desafios das novas gerações na profissão	Refletimos sobre as percepções e relações entre diferentes gerações na atuação profissional

Fonte: a autora (2022).

4.2.1 Eixo temático 1: Processos de formação acadêmica

O primeiro eixo temático que iremos analisar é o que chamamos de *Processos de formação acadêmica*. Descrevemos esse tópico da seguinte forma: percepções dos entrevistados sobre a trajetória de formação, desde a escolha da profissão até seu contato mais recente com o ensino. Aqui analisaremos todos os aspectos diretamente ligados à trajetória acadêmica dos sujeitos entrevistados, a relação com o ensino e os professores, o papel da universidade para sua formação, os espaços de aprendizado e a educação continuada.

Quadro 5 - Eixo 1: Processos de formação acadêmica



Fonte: a autora (2022).

Assim como antecipado pelo roteiro, a parte relacionada à formação acadêmica é a mais extensa e na qual os sujeitos resgatam a memória e a narrativa sobre suas trajetórias. Por essa razão, consideramos, também, um eixo especialmente particular e subjetivo, em que as perspectivas individuais aparecem de maneira muito explícita.

Ao pensarmos no ingresso na universidade e nos primeiros contatos com o curso de graduação, já era esperado que as expectativas e primeiras impressões dos sujeitos fossem, de certa maneira, deslumbradas e entusiasmadas. Tal ponto confirmou-se nos relatos de uma grande maioria dos jornalistas. Ainda que movidos por uma euforia e ímpeto de cursar Jornalismo, as primeiras gerações não sabiam o que esperar da graduação, em função do curso ainda ser recente nas universidades do país:

Vânia: Olha era tão novo o curso de Jornalismo que eu não tinha como comparar com outras coisas com outros cursos. [O curso] só tinha na [universidade]. Não tinha parâmetros, a gente ia indo, "vamos lá!" (VÂNIA, 2021).

Esther: Eu sempre fui muito interessada e sempre me dei bem com as coisas, viu? Com as matérias... eu acho que eu fui encontrando as coisas, não tive decepção... apesar de não existir a tecnologia de hoje, mesmo assim, foi fascinante. Eu não me arrependi (ESTHER, 2021).

Manuel: Olha, eu achei que o curso ia me ajudar, porque eu gostava de escrever, né? E, de fato, o curso me ajudou, e a minha turma também, ah... era muito... nós éramos muito interessados. Nós vivíamos embotados, então... ah, eu fiz o curso super bem. A tal ponto que, ainda fazendo curso, eu fui trabalhar (MANUEL, 2021).

Clarissa: Era muito gratificante. Nós saíamos da escola secundária direto para universidade, isso era um marco dos anos 60, porque o curso sai nos anos 50, uma década antes, mas era frequentado basicamente por

profissionais que iam para a universidade para adquirir um verniz. Já eram profissionais e iam em busca de um certo status. Nós, não. A minha geração, que entrou depois, [...] com a universidade se abria um leque por dois ramos do conhecimento: o conhecimento prático (dos laboratórios, e o conhecimento teórico) e o das ciências humanas (CLARISSA, 2021).

Renata: Assim, minha expectativa era de que eu iria aprender tudo, porque eu vinha super crua lá do interior. Eu não sabia, assim... quando eu passei, quando eu fiz a matrícula, eu olhava a grade curricular e tinha coisas que eu não sabia nem o que eram (RENATA, 2021).

Tamara: Eu também tinha muita expectativa de entrar na universidade. Daquilo ser um novo mundo, tendo contato com outras pessoas, pessoas que gostassem da mesma coisa que eu e com interesse em coisas que eu me interessava... em entrevistar pessoas, conversar com pessoas. Eu também queria ter a experiência da universidade em si (TAMARA, 2021).

Uma questão que se destaca são as críticas de terceiros referentes à profissão, no momento em que os sujeitos expressaram sua vontade de cursar Jornalismo. Para essas primeiras gerações, a graduação era recente e ainda estava se desenhando e se consolidando na sociedade brasileira. A partir dos relatos, é possível compreender que o Jornalismo nunca foi um curso tradicional e naturalmente aceito com uma profissão fácil e rentável. Se, antes, ele era encarado como uma profissão de pouco espaço no país; hoje, é entendido como um trabalho desvalorizado já que a demanda, principalmente nas redações, não atende ao número de formados que se expande a cada ano.

Há, também, uma preocupação de terceiros com o futuro daqueles que optam pela profissão e um claro desprestígio que pode ser reconhecido em todas as gerações. Inicialmente, isso ocorria por existirem outras profissões mais reconhecidas, como medicina, engenharia e magistério. Posteriormente, vemos uma desvalorização crescente da profissão e reconhecimento da área como mal remunerada, instável e perdendo sua credibilidade:

Vânia: Foi engraçado, porque a minha família tem uma tradição de as mulheres serem professoras: minhas tias, toda turma, eram de professoras, e eu não queria isso. Aí eu comecei a conversar com alguns amigos e dois deles me disseram “*Vai fazer Jornalismo. É uma coisa que tá surgindo*”. E quando eu entrei, eu acho que o curso tinha uns quatro ou cinco anos no máximo, e era um curso que não... não era Jornalismo propriamente dito (VÂNIA, 2020).

Esther: Inicialmente, todo mundo na família tinha certeza de que eu estava me preparando para Odontologia, mas eu fui lá e me inscrevi para Jornalismo. Quando eles ficaram sabendo, eu já tinha feito o vestibular e sido aprovada (ESTHER, 2021).

Clarissa: Meu pai ficou muito indignado que uma aluna de escola pública... Como eu iria desperdiçar a minha inteligência no curso de Jornalismo?! Meu pai não se conformava com isso e eu fiz Letras, também, para mostrar para ele que tinha outra via (CLARISSA, 2021).

Luciano: E quando eu falava, na escola, [que queria cursar Jornalismo], eu lembro que os meus professores falavam que eu estava louco, que eu podia ser professor, que eu tinha futuro (LUCIANO, 2021).

Luciano: Para quem vai entrar, o mercado é muito pouco estimulante. E a pessoa que tá dentro do mercado, ela olha e ela quer ser o grande profissional de rádio. Só que o grande profissional de rádio foi demitido faz dois meses, três anos, por quê o salário dele era muito alto... (LUCIANO, 2021).

São frequentes as falas que compartilham dificuldades no curso e na atuação profissional do Jornalismo. Está presente a relação da profissão com uma ânsia por mudança e transformação social. Desafiando alguns preconceitos sociais citados acima, os sujeitos reconhecem a importância da profissão e a vinculam, frequentemente, à ideia do papel social do Jornalismo.

É relatada, também, a necessidade da resiliência e da emoção pelo que é feito no Jornalismo, que apareceram como primordiais para o exercício da profissão, não apenas pela busca de um resultado com qualidade, mas pela própria dificuldade que é ser jornalista. O enfrentamento dos obstáculos tem que se justificar, de alguma forma: nas entrevistas, isso aparece majoritariamente pela *vocação* e pela *paixão*.

Clarissa: Certamente, é uma coisa obsessiva até hoje, eu sofro muito até hoje... era essa ideia de estar na rua. Estar na rua em busca da experiência do outro. E poder trazer para devolver para o coletivo, o significado da experiência humana, da experiência do outro (CLARISSA, 2021).

Manuel: Tu vai lá [no curso de Jornalismo] porque tu quer ser repórter. Porque tu vai sair de lá e vai tentar mudar o mundo. Tu vai ser útil. Tu vai ser importante pra sociedade (MANUEL, 2021).

Vânia: Eu esperava mudar o mundo. Realmente, a gente sonhava com uma outra vida para o Brasil e para os brasileiros, e eu achava que, com o Jornalismo, alguma coisa a gente podia mudar minimamente (VÂNIA, 2021).

Luana: Eu vi muitos alunos que não tinham vocação para o Jornalismo, que não tinham condições de ir adiante e que insistiam porque tinham aquele sonho de ser jornalista. Talvez não seja para todo mundo mesmo, esse sonho (LUANA, 2021).

Esther: Ele [o jornalista] precisa ter essa formação e ter essa coisa inata, essa curiosidade, essa coisa de estar dentro da notícia do acontecimento, de relatar o que tu vê, descobrir coisas novas. Tem que ter essa paixão. Se a gente não se envolve no Jornalismo... tu tem que aguentar os plantões, tem que estar disposto no feriado, porque a notícia não para. Tinha um cara do jornal que dizia: " Quer moleza? Vai para o banco"(ESTHER, 2021).

Nasson: a nossa profissão tem alguns atrativos diferenciados que nos fazem apaixonados pela profissão. Então, aqueles jovens que quiserem escolher o Jornalismo, tem que entender que eles vão trabalhar numa profissão de paixão, não é numa profissão só de suor e trabalho. Também é uma profissão de paixão (NASSON, 2021).

Tamara: Eu acho muito encantador, no Jornalismo, a gente poder conhecer pessoas e coisas, situações e lugares tão diferentes. Às vezes uma pessoa abre a porta da casa dela para ti, e te conta alguma coisa que tu nem

sabia que existia. Eu acho que isso é a coisa mais interessante no Jornalismo [...] E, também, me motivava e acho que era uma coisa que naquela época me motivava mais do que hoje, é essa ideia de poder denunciar alguma coisa, ver se tem alguma coisa errada e poder falar sobre isso para as outras pessoas, mostrar situações que são injustas, ou são preconceituosas. Com o objetivo de escancarar isso e talvez ajudar na vida de alguém. Acho que isso também me motivava bastante naquela época (TAMA, 2021).

Nina: Se tu entrou no curso, pensa se tu quer mesmo. Pensa se tu tem empatia, porque o Jornalismo, ele sobrevive muito à base do amor. Não é uma profissão que vai te pagar rios de dinheiros, ninguém entra no Jornalismo pensando em ganhar dinheiro. Se a gente entra no Jornalismo é porque a gente é apaixonado pela comunicação, entende o quanto a comunicação transforma. (NINA, 2021).

É importante salientarmos que a defesa e a valorização do curso de Jornalismo são, praticamente, unânimes entre os entrevistados. Eles reconhecem que o ensino, sim, foi importante para sua formação enquanto jornalista e que este vem avançando, ao longo dos anos. A pauta da não obrigatoriedade do diploma também aparece com frequência nas falas, sendo essa questão vinculada à desvalorização profissional e à perda da credibilidade jornalística:

Alex: A educação que eu tive na graduação, felizmente, foi muito boa. Eu tive sorte de ter bons professores que me incentivaram bastante a seguir um caminho que eu tô seguindo hoje em dia, dessa carreira acadêmica (ALEX, 2021).

Esther: Ah, foi bem importante. Se não fosse a faculdade, como é que eu ia saber fazer como era o jornal... pelo menos a teoria a gente tinha toda e a orientação (ESTHER, 2021).

Clóvis: Para ser jornalista, a gente precisa ter a formação acadêmica. A grande polêmica de precisar ou não do diploma... eu sou a favor de que tu precisa do diploma, porque a gente precisa dessa formação humanista que a faculdade nos traz, precisa da formação técnica que a faculdade nos traz. É diferente de tu ter experiência de texto, de tu saber redigir uma entrevista, saber conversar com uma pessoa, esses tecnicismos. Até pode ter não sendo jornalista, mas a questão humana, da conversa, em um texto, só faculdade vai saber te fornecer esse complemento. Então, eu acredito que é super essencial (CLÓVIS, 2021).

Renata: Há uma discussão sobre a faculdade de Jornalismo existir. E eu continuo achando que tem que existir. Que a gente precisa da Faculdade de Jornalismo. Tem que continuar existindo. A gente recebe uma formação, ela não se basta, mas ela é importante, assim como... eu uso até sempre essa expressão. Eu sei bastante de Direito eleitoral. Porque eu trabalho nessa área, eu tenho que estudar Direito eleitoral. Eu sei o código eleitoral, mas eu não posso ser advogada eleitoral, entende? Porque eu não fiz a faculdade de Direito, eu não fiz a OAB. Eu não tenho a carteirinha da OAB. Por que para o Jornalismo as pessoas acham que qualquer um pode ser? Eu acho que não (RENATA, 2021).

Nina: Qualquer formação acadêmica é fundamental. Eu acho muito triste que a gente não tem exigência do diploma para jornalista. Não que a gente não tenha bom jornalistas que não tem diploma, a gente tem, no Brasil. Mas eu acho muito triste, porque tu desvaloriza completamente uma categoria, no momento que tu diz que tu não precisa da obrigatoriedade do diploma. [...] A gente também impacta a vida das pessoas, a gente mexe com as vidas das pessoas e a gente pode acabar com a vida de pessoas. Então,

é fundamental que a gente tenha consciência do que a gente tá fazendo, que a gente saiba técnica, que a gente saiba escrever, que a gente saiba o contexto das coisas, que a gente entenda, que a gente pare e leia (NINA, 2021).

Vânia: Sim, tanto do ponto de vista teórico, quanto nessa abertura de mente, que ela, faculdade, me proporcionou [...] Inclusive, ele [o primeiro chefe] se admirava com algumas coisas que eu sabia, porque ele não tinha feito curso nenhum, ele era formado na vida. E daí, de repente eu dizia alguma coisa e ele perguntava: “como é que tu sabe isso?”, e eu dizia: “da faculdade né?” (VÂNIA, 2021).

Alice: Eu acho que, com todos os problemas, e são muitos os problemas na graduação [...], acho que ainda assim, a gente precisa ter um cuidado, porque, bem ou mal, a gente aprende na faculdade. Talvez não da melhor forma, eu acho. Acho que falta ir mais fundo nessa discussão, mas eu sou contra, hoje em dia, o Jornalismo não exigir a formação [diploma]. Apesar de existir pessoas que tem formação e que são maus jornalistas, todo o jornalista que é bom tem formação (ALICE, 2021).

Natália: Acho que sim [a faculdade foi relevante para a formação profissional], por esse motivo de terem me colocado em ambientes que eu consegui aprender bastante coisa. E também por ter me dado a base. Tem várias coisas que a gente só aprende na faculdade sobre Jornalismo, sobre técnicas, abrir tua cabeça para coisas que alguém precisa te apresentar e eu acho que esse é o papel da faculdade (NATÁLIA, 2021).

Os sujeitos avaliam a importância do ensino e da profissão considerando a conjuntura global, em que a produção de conteúdo e a distribuição de informação acabam banalizadas. Com isso, argumentam que a fortificação da profissão que chancela tais questões se torna ainda mais necessária:

Alex: Com a desinformação sendo bastante lucrativa, essas pessoas pegam o formato Jornalismo e fazem o que eles querem, porque não é exigido deles ética (ALEX, 2021).

Renata: A faculdade ajuda muito. E, nesse momento que a gente vive, essa crise de conteúdo... em que todo mundo acha que pode produzir conteúdo e aí as pessoas caem nas *fake news*, as pessoas produzem *fake news*, elas distribuem *fake news*. Mais do que nunca, eu acho que a nossa profissão é importante (RENATA, 2021).

Nas primeiras gerações, os profissionais do Jornalismo não tinham formação na área. Justamente pela novidade que o curso representava, os estudantes da época retratavam a renovação dos jornalistas. Contudo, ainda que viessem com uma bagagem formal mais robusta, o ensino apresentava diversas lacunas:

Vânia: Inclusive, ele [seu primeiro chefe] se admirava de algumas coisas que eu sabia, porque ele não tinha feito curso nenhum, né? Era formado na vida. Aí, de repente, eu dizia alguma coisa e ele dizia “ué, como é que tu sabe isso?”, e eu respondia “da faculdade, né?”. Foi um período muito rico pra ele, e pra mim também (VÂNIA, 2021).

Desde os primeiros cursos de Jornalismo do país, vinculados às faculdades de filosofia, "a luta pela qualidade de ensino do Jornalismo no Brasil se confunde com as lutas pela qualificação da profissão e pelo reconhecimento de sua especificidade" (MEDITSCH, 2012, p.136).

Entretanto, ressaltamos que, apesar de nossos entrevistados levantarem críticas em relação ao ensino daquele período, também há ponderações em relação ao contexto e época em que esse ensino estava inserido:

Fernando: A nossa faculdade era uma espécie de patinho feio da universidade, tanto que ela teve que se agregar a outra unidade para funcionar como faculdade. Só que ela tinha uma particularidade, trazia das outras faculdades profissionais de muita qualidade. Compensou a frustração que eu tinha... essas matérias de outras áreas (FERNANDO, 2021).

Luciano: Eu tenho certeza de que muito do que eu ensino na universidade, e não só eu, mas os da minha geração, a gente não aprendeu na universidade. E isso é uma constatação que naquela época tinha muito mais problema do que tem hoje. Era uma coisa muito embrionária, e eu não estou culpando os professores daquela época, era uma situação que não era da minha universidade... tinha [universidades] particulares que já estavam bem à frente, mas também era uma preocupação muito do mercado, mercado, mercado. Também não acho que tem que ser assim. A preocupação tem que ser com a formação para a profissão, só essa formação é uma formação ampla. E tu tem que meter a mão na massa (LUCIANO, 2021).

Esther: Poucos professores que não eram jornalistas, só os professores de história, de geografia, cultura geral... Esses eram professores formados nos seus cursos. Mas no Jornalismo mesmo, eram os jornalistas e não tinham feito curso de Jornalismo, porque nem existia antes. Eram advogados, tinha médicos, eles que formavam os jornais da época (ESTHER, 2021).

É reforçado que a formação dos jornalistas não se limita às universidades. Ainda que sejam espaços de ensino formal e o principal polo de debate e avanço científico nas áreas do conhecimento, para se manter atualizado na profissão e nos debates acerca desta, é preciso que outros espaços complementem a trajetória de cada um.

Tal necessidade ainda se torna mais expressiva na segunda e última geração, justamente pelas transformações sociais, profissionais e tecnológicas. Nos sujeitos representantes da primeira geração, percebemos uma grande vontade em aplicar os ensinamentos recebidos. Contudo, pela falta de espaços de prática os locais disponíveis para isso se limitavam a estágios em empresas de comunicação, sobretudo sob regime voluntário.

Assim, o que imperava era a transmissão verbal e dogmática do conhecimento teórico que, muitas vezes, conseguia apenas informar os discentes sobre as técnicas profissionais que eles não eram capazes de treinar efetivamente, nas universidades (MELO, 1979).

Esther: Os nossos professores eram todos jornalistas que trabalhavam em jornal. Hoje, exigem curso de pós-graduação, naquele tempo não. Era o jornalista que fazia o jornal diário que era convidado para ser o professor. E aí, ia nos ensinando, porque não tinha muitos recursos técnicos, mesmo. Era na teoria, isso foi a nossa formação. É bem diferente de hoje (ESTHER, 2021).

Régis: Mas na faculdade eu senti que precisava ir além do que os professores estavam me mostrando. Então, eu ia buscando estágio, trabalhando dentro da própria faculdade, tentando buscar formas paralelas de me instruir e me atualizar mais do que aquilo que tava sendo entregue para mim. Os meus professores eram, a maioria, de idade avançada. Eram professores mais conservadores no fazer Jornalismo, especialmente em televisão. Então, eu sentia necessidade de me atualizar, sentia que aquilo estava um pouco antiquado e precisava de uma linguagem mais moderna. Eu senti essa necessidade de preencher essas lacunas, que não eram nada dramáticas, mas que eu sentia isso (RÉGIS, 2021).

Luciano: Daí, no curso, eu comecei a fazer cadeiras que eram, entre aspas, práticas. Só que tu imagina... na cadeira de cinema, o professor falava: “imagina que aqui em cima dessa mesa tem uma moviola. Se tivesse moviola aqui, tu cortaria o filme ali”, e, assim, ia nos mostrando onde é que era para fazer umas coisas (LUCIANO, 2021).

Esther: Na época, a gente não tinha essas coisas que tem hoje, tanto, né? Era o quê dispunha do momento. Não tinha nada o que fazer na parte prática, isso tudo era muito incipiente, ainda... era tudo teoria. Quem gostava, gostava, quem não gostava, não ficou na profissão. Aliás, poucos ficaram, daquela leva. (ESTHER, 2021)

Renata: na primeira metade do curso, é muito básico. Era naquela época, né? A gente tinha as mesmas cadeiras da publicidade e de relações públicas. Aí, quando nós enveredamos, cada um pro seu lado, é que eu comecei a sentir algumas deficiências. E senti que eu precisava saber mais do que aquilo. Precisava ler pra ver como os jornalistas faziam, de fato, e treinar mais. Porque, senão, eu não ia ter muita... não ia ter esse diferencial que eu sempre achava que eu precisaria ter (RENATA, 2021).

Nesse contexto, também aparecem relatos que sobrepõem a participação do estágio à universidade, na formação dos jornalistas. Nas primeiras gerações, isso se dava por conta da falta de infraestrutura, como já comentamos, mas, ainda hoje, é possível localizar falas que sinalizam o distanciamento da teoria e da prática, apontando o mercado de trabalho como formador do jornalista, especialmente na parte técnica:

Vânia: Olha, eu acho que eu aprendi mais com o meu chefe do que a bagagem que eu trazia. Ele era um cara, não sei se tu já ouviu falar... Ele escreveu sobre esporte praticamente, mas era um grande jornalista. E eu aprendi bastante com ele (VÂNIA, 2021).

Manuel: Olha, o estágio foi muito bom. Porque o estágio já era a porta. Então, foi fundamental, assim, né? Ah, eu tinha que mostrar um pouco do que eu era, mas eu tava aprendendo muito, porque eu era só um teórico. A gente fazia reportagem pra cadeira de redação jornalística, mas não representavam um dia do trabalho. Em um dia, às vezes, eu fazia duas, três matérias, né? Aquilo te dá um pique (MANUEL, 2021).

Luana: Eu vou te confessar uma coisa, a parte jornalística não se aprende no curso. Na verdade, eu aprendi um pouco, o que é um *lead*, a pirâmide invertida, essas coisas. Mas, assim, não foi o curso que me deu ferramentas para eu fazer uma matéria, ou para eu fazer uma revista, eu experimentei algumas coisas ao longo do curso, eu fiz uma revista e um jornal experimental, fiz alguns programas de rádio... Mas, pelo menos naquela época, era a prática que fazia com que a gente colocasse a mão na massa. Foi o estágio, depois da experiência prática do primeiro emprego (LUANA, 2021).

Lorenzo: No local de estágio... eu não sei, mas eu sempre tive o azar ou é sorte, de ter estágios que me puxassem quase como que funcionário. Não em todo o tempo, mas em algumas oportunidades, sim. E eu acho que foi bom porque, que nem aquela famosa frase, a gente aprende na marra. Eu não sei se é o jeito certo, eu não tenho essa resposta ainda, mas eu acho que a gente aprende muito sobre o Jornalismo na prática. Eu não sei se precisava aprender tanto no ao vivo da prática, com as pessoas te olhando e te julgando, mas foi bom (LORENZO, 2021).

Luciano: Para me tornar jornalista, eu vou te dizer que o espaço que me formou foi o mercado. Sem dúvida nenhuma. E também, outra coisa, que foi uma experiência mais pessoal, quando eu trabalhei com a minha mulher. A gente montou uma empresa de assessoria de imprensa, e ela sabia fazer assessoria de imprensa e eu não (LUCIANO, 2021).

Natália: Em relação ao currículo, eu acho que foi bom para ter um conhecimento, mas não é aquilo que vai te fazer aprender realmente Jornalismo. Na minha experiência, eu aprendi muito mais do estágio do que no ensino da faculdade (NATÁLIA, 2021).

Se é verdade que a formação profissional não se limita à universidade, esta facilita o acesso dos estudantes a outras experiências e ambientes que complementam sua trajetória. Isso é importante para a consolidação de um profissional capacitado e que consiga se manter atualizado quanto às demandas do mercado e suas transformações:

André: eu também acredito que a universidade é tão poderosa que ela não se restringe à sala de aula. Eu acho a sala de aula essencial, lógico, apresenta os conceitos e nos prepara, mas, por si só, ela acaba não dando conta de tudo (ANDRÉ, 2021).

Outra questão que aparece é como as diferentes realidades sociais impactam na trajetória dos estudantes, podendo dificultar algumas oportunidades. Com a democratização do acesso à universidade que tivemos, principalmente nos momentos

de criação de políticas públicas educacionais para o ensino superior³⁴, as universidades foram impactadas. Por isso, aparecem casos em que a necessidade e a dinâmica de trabalho atrapalham a participação em outros ambientes de formação e o próprio aproveitamento máximo na instituição de ensino:

Nátalia: Eu acho que, com certeza os estágios [foram os espaços mais relevantes na formação profissional]. Claro que tinha outras coisas na faculdade que eu poderia ter aproveitado mais durante o percurso, mas tinham coisas que eram à tarde, eventos. E que eu acabei nunca podendo ir, porque, ou eram em datas ruins, ou eu não tinha dinheiro, ou eram horários ruins por causa do trabalho. [...] Então, estágio acabou sendo muito mais presente na minha formação do que a faculdade (NATÁLIA, 2021).

Tamara: A questão das cotas, nas universidades federais, foi um avanço enorme para o conhecimento do Jornalismo. Acho que isso deve ter acontecido em todas as profissões, e no Jornalismo, muito, também. Assim como, nas particulares, foi importante o ProUni, FIES... e nesses últimos anos, parece que a gente tá tendo um retrocesso forte no país, nas questões dessas discussões, mas ainda a universidade é um espaço de resistência, nesse sentido de manter essas discussões, pelo menos, dentro do Jornalismo (TAMARA, 2021).

Os entrevistados destacaram a importância dos ambientes de convívio com os colegas. Para muitos, a universidade aparece como uma oportunidade de ter contato com diferentes pessoas e oferece vivências únicas que contribuem para a formação profissional dos jornalistas:

Vânia: O bar da faculdade. Era o centro político da filosofia. Ali a gente se reunia depois da aula ou antes da aula. Era o local onde a gente discutia as coisas e aprendia, volta e meia tinha palestras, debates (VÂNIA, 2021).

Nasson: Sem dúvida, a sala de aula e o convívio com os outros estudantes. Como eu te disse, isso forma uma consciência coletiva da futura profissão dentro da sala de aula. E claro, tem uma coisa que eu preciso te relatar, já no nosso segundo ano, nós já começamos a trabalhar como estagiários em jornal. Então, muito antes de eu me formar, eu já trabalhava dentro de uma redação. E aí, sim, foi um grande aprendizado (NASSON, 2021).

Fernando: Eu vou te dizer que o que ajudou mesmo na formação foram esses grupos de trabalho, que te ajudam a pesquisar e tudo mais [...] nesses grupos de trabalho, era onde a gente era obrigado a ativar, se reunir e interagir, e puxar os que trabalhavam menos. Isso, eu acho que era o ponto alto, eu gostava muito e acho que rendia bem (FERNANDO, 2021).

Tamara: Eu tenho absoluta certeza que o espaço que mais me fez crescer na universidade, naquele momento, foi o bar, com os meus colegas. Eu, certamente, fui muito mais transformada pelo convívio com os meus colegas, do que em sala de aula, isso é incomparável. [...] E eu digo o bar, mas também o pátio, os corredores, os lugares onde eu estava com os meus

³⁴ O ProUni, Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), Financiamento Estudantil (Fies) e Cotas são alguns exemplos de programas de políticas públicas que conseguiram inserir diversos estudantes de múltiplos grupos sociais na universidade.

colegas. As várias coisas que a gente fazia juntos, porque o meu grupo de amigos era muito unido. [...] A universidade é isso de unir, então, ela pode contribuir no sentido de colocar em contato diferentes mundos, diferentes pontos de vista, diferentes formas de enxergar o mundo. E, ao mesmo tempo, te coloca em contato com pessoas que têm coisas parecidas contigo, gostos e interesses (TAMARA, 2021).

Outro espaço destacado por alguns, em suas falas, foram os congressos e espaços de produção e de divulgação científica, dentro e fora das universidades. Essa é uma das finalidades básicas das universidades. “O que diferencia uma universidade de uma instituição isolada de ensino superior é justamente o espaço que ela destina para o desenvolvimento da produção da ciência e tecnologia” (KUNSCH, 2008, p.27).

Na primeira geração, a pesquisa não estava estabelecida nos cursos de Jornalismo e de Comunicação Social. Já na segunda geração, a pós-graduação e a pesquisa aparecem com maior presença, mas em uma perspectiva de retomada da educação, depois de alguns anos de atuação profissional, principalmente representando a docência como uma alternativa no mercado de trabalho. Atualmente, essa realidade já é mais concreta, apresentando estudantes que seguem na universidade depois da conclusão da graduação. Assim, podemos perceber que já há um avanço no incentivo à pesquisa:

Pela sua própria missão, cabe à universidade criar condições institucionais de infraestrutura para que se cultive o interesse de jovens estudantes a participar da iniciação científica já na graduação. Além disso, devem-se fomentar iniciativas para a criação de novos centros de estudos avançados, institutos, núcleos de pesquisa etc. (KUNSCH, 2008, p.33).

Ainda que antes já existisse o interesse de alguns discentes pela pesquisa, a participação nesses espaços era restrita, no período de graduação. Hoje, percebemos que a presença de alunos na Iniciação Científica, laboratórios e núcleos de pesquisa é muito mais evidente:

Tamara: Não era algo que a gente pensava realmente. Não lembro de nenhum professor falando de pesquisa. O que se falava era de um Jornalismo mais técnico, do mercado de trabalho (TAMARA, 2021).

Laura: A [redacted] [universidade pública da capital] tinha isso de bom. A sala de aula, sim, também, mas a gente aprende muito fora da sala de aula, a gente aprende muito nos congressos, nos eventos. Não só nos eventos da nossa faculdade, mas os eventos que eu ia na Reitoria (LAURA, 2021).

Alice: Eu fui bastante congressista durante a minha graduação. Eu ia inclusive para ser só ouvinte, muito influenciada por esses professores [professores da coordenação do curso de sua faculdade]. Congresso eu acho que foi o principal, também participava de muita palestra, de muito curso de

extensão. Eu virei *nerd* na graduação, coisa que eu nunca fui. A sala de aula não foi tanto, porque, como eu falei, a gente trabalhava e estudava à noite. Então, às vezes, chegava na aula exausto. Espaços de pesquisa, como quando eu trabalhava no [REDACTED] [núcleo de estudos dentro da universidade]... era um espaço que a gente tava sempre falando de Jornalismo de alguma forma, mas lendo sobre relações raciais, e identidade. Eu li muito sobre representatividade, coisas assim, que eu acho que na graduação não teria lido tanto. (ALICE, 2021)

Luciano: Então, o lugar de aprendizado na pesquisa não é um lugar físico, é o grupo de pesquisa de rádio e mídia sonora da INTERCOM. Eu cheguei de mansinho, meio sem saber direito onde eu tava entrando, em função da minha orientadora. (LUCIANO, 2021)

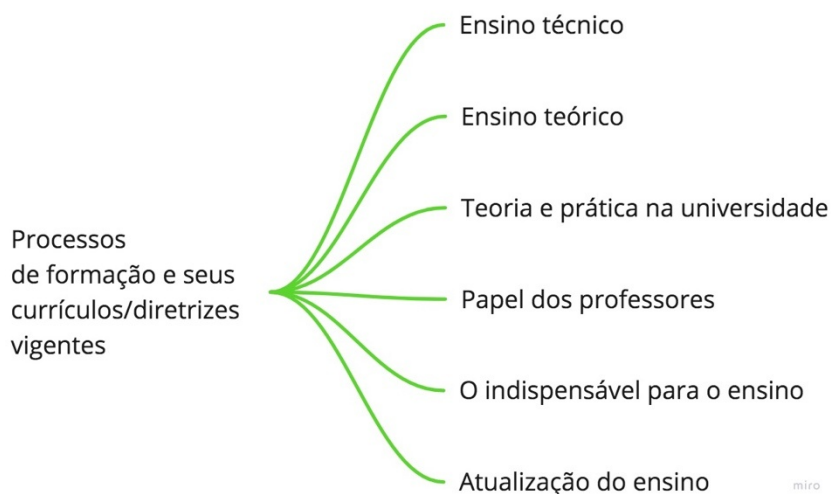
André: acho que elas [experiências de estágio] foram muito complementares e mais preponderantes para moldar a minha visão como jornalista ao longo da minha formação, mais do que qualquer outro espaço. Tanto os laboratórios que a faculdade disponibilizava, inclusive o laboratório de conteúdo científico, produção científica que foi uma experiência super enriquecedora e por se tratar de um laboratório foi - por que não? - também uma experiência profissional. Foi uma experiência que mostrou a questão da pesquisa aplicada na prática que a gente aprende de maneira muito superficial dentro da sala de aula. (ANDRÉ, 2021)

Fernando: Acho que tem, por outro lado, um grupo trabalhando muito forte na questão da pesquisa, de que a [REDACTED] [pesquisadora da área] participava. Nesse pessoal, acho que dá para botar algumas fichas, porque pode ser com uma coisa boa, em termos de oferecer alternativas para o futuro e uma reflexão melhor sobre o papel dos meios de comunicação (FERNANDO, 2021).

4.2.2 Eixo temático 2: Processos de formação e seus currículos/diretrizes vigentes

Denominamos o segundo eixo temático da nossa análise de *Processos de formação e seus currículos/diretrizes vigentes*. Como já detalhamos, iremos explorar: as percepções dos entrevistados em relação ao seu ensino com questões curriculares. Neste subcapítulo, analisaremos o ensino prático e teórico, o distanciamento entre eles, o que é essencial no ensino, o papel dos professores no ensino e como os entrevistados percebem sua atualização, relacionando tais pontos com o que já estudamos sobre os currículos e Diretrizes Curriculares Nacionais.

Quadro 6 - Eixo 2: Processos de formação e seus currículos/diretrizes vigentes



Fonte: a autora (2022)

Seguimos abordando relatos sobre o espaço da universidade, mas com um enfoque maior no ensino e nos Currículos e Diretrizes presentes nas trajetórias de nossos entrevistados.

Os entrevistados destacam a importância do embasamento teórico para o exercício da profissão, argumentando que isso teria trazido uma bagagem cultural importante para agregar qualidade na formação e na atuação profissional. Também é muito referenciado, nos diálogos, o fato da diversidade de áreas nas disciplinas do curso que traziam uma riqueza maior a esse embasamento teórico, especialmente, nas primeiras gerações.

Clarissa: [As disciplinas preferidas eram] as histórias - eu digo no plural porque a gente tinha todas as etapas históricas em estudo nos três anos -, a geografia humana, sociologia, a ciência política... os professores nos apresentavam a campos do conhecimento que estavam muito interligados com que a gente pretendia, que era ser autor de um novo discurso jornalístico. E nós queríamos colocar isso em prática nas mídias existentes na época (CLARISSA, 2021).

Vânia: Nós tínhamos aula de geografia e história, português, sociologia... enfim, uma série de outras matérias que formavam a nossa cultura, digamos assim... para que a gente tivesse embasamento na profissão que a gente exercer. O curso era dentro da Faculdade de Filosofia, e os nossos professores eram os mesmos da filosofia, nessas matérias básicas (VÂNIA, 2021).

Manuel: Até de cadeiras, como história, que a gente tinha, que não eram técnicas, mas cadeiras que te davam uma visão de mundo interessante. Elas faziam a gente ler mais e procurar mais. A faculdade me ajudou muito (MANUEL, 2021).

Fernando: A nossa faculdade era uma espécie de patinho feio da universidade, tanto que ela teve que se agregar a outra unidade para

funcionar como faculdade. Só que ela tinha uma particularidade, trazia das outras faculdades, profissionais [professores] de muita qualidade. Compensou a frustração que eu tinha... essas matérias de outras áreas [...] Isso funcionava bem. E até como forma de compensar a desestrutura, nós não tínhamos um laboratório, eram máquinas de escrever antigas, mas valia a pena essas matérias teóricas que nos davam a rigor uma base, matérias mais técnicas começavam no terceiro, quarto semestre (FERNANDO, 2021).

Os conhecimentos teóricos também representam um grande diferencial para quem se interessa e visa seguir uma trajetória acadêmica. Além disso, são nessas disciplinas que os estudantes têm o seu primeiro contato com a pesquisa e conseguem compreender se esse é um universo de interesse para eles.

Luana: E quando eu comecei o Jornalismo, eu me deparei com curso muito mais humanístico do que eu achei que seria. Nesse primeiro momento, o curso tinha muita formação humanística. E isso foi super importante para mim [...] Acho que me deu uma base muito importante que eu uso até hoje, provavelmente. Porque teorias da comunicação, quando eu fui para o mestrado, eu reencontrei esses conceitos todos, e eu vi como aquela base me fez diferença em relação a outros colegas (LUANA, 2021).

André: Eu decidi optar por um curso que tivesse um pouco mais dessa questão do estudo e da percepção, de uma maneira geral, das questões coletivas da sociedade, e eu acabei optando pelo Jornalismo porque acreditei que ele mesclasse um pouco das coisas que eu tinha interesse do universo da comunicação como um todo, sem perder a questão um pouco mais das ciências humanas. Daí, eu tinha algumas percepções quanto ao Jornalismo que durante o curso, principalmente nas cadeiras mais teóricas, acabaram se confirmando e atendendo essas expectativas (ANDRÉ, 2021).

Alex: As cadeiras de teorias, principalmente, as teorias da comunicação, assim como a de teorias do Jornalismo. Essas disciplinas, eu gostei muito e me fizeram pensar que, talvez, eu pudesse estudar isso mais a fundo, que é o que eu tô fazendo atualmente, no mestrado (ALEX, 2021).

Contudo, ainda que os sujeitos compreendam as disciplinas humanísticas como conhecimentos relevantes, há uma dificuldade de entendimento quanto à aplicabilidade desses conteúdos na prática profissional. Esse pensamento se repete, em algum nível, em todas as gerações. Podemos associar isso a uma desvinculação das teorias com a realidade nacional e com os contextos em que nos inserimos.

Em um dos seus artigos, Eduardo Meditsch (2012) destaca apontamentos feitos Wilson Gomes, então, representante da área, na CAPES:

O ensino básico de comunicação no Brasil depende fundamentalmente de bibliografia estrangeira ou proveniente de pesquisadores situados em outras áreas de conhecimento. Dessa forma, grande parte do esforço de pesquisa de nossos doutores está em correr atrás do que já foi pesquisado em outros locais, em vez de perseguir conhecimento novo (MEDITSCH, 2012, p.110).

Meditsch (2012) também adverte que, ainda que tenha trazido muita riqueza e conhecimentos para a área, a presença maciça de docentes provenientes de outras formações também pode ter contribuído para o rompimento entre teoria e prática, distanciando essas duas frentes do ensino:

Vânia: O professor que eu mais tive contato foi o professor que nos ensinou a redação, com certeza foi o professor que mais me influenciou. Tinha outros professores da filosofia mesmo, mas eu sentia que era só embasamento, que não era isso que a gente ia usar depois profissionalmente, embora nos desse sustentação e substância para poder escrever e compreender o mundo (VÂNIA, 2021).

Natália: As outras mais teóricas, antropologia, história do Jornalismo, muitas eu achava que era a mesma coisa em todas as cadeiras. Às vezes, eu pensava que tava perdendo meu tempo e meu dinheiro lá dentro e até hoje não me serviu para nada, quer dizer.... profissionalmente. [...] Acho que teria outras coisas para trazerem. Eu acho que às vezes eles colocam professores que talvez não estejam tão habituados para dar aquela cadeira, até por ser uma universidade privada eles acabam sugando a pessoa, se puder eles vão tocando (NATÁLIA, 2021).

Já em relação ao conhecimento técnico, notamos uma preferência pelos ambientes práticos que também estão relacionados a um sentimento de deslumbramento e encanto com a profissão e com o curso, principalmente, no início da trajetória acadêmica. Espaços como estúdios de fotografia, rádio e televisão, ou, ainda, disciplinas diversas que tragam, como resultado, algum material físico, como jornais e revistas, são destacadas pelos sujeitos em suas falas:

Esther: Eu não lembro o nome [das disciplinas preferidas], mas era uma prática do jornal e a de rádio. E o que que era prática do rádio? Eles nos davam informações, e a gente tinha que fazer os textos para rádio, curtinhos e tudo mais. Isso tudo tava iniciando recém... a gente só conheceu a TV como estudante, indo visitar o estúdio, acho que era [emissora da capital] ██████████ (ESTHER, 2021).

Vânia: a gente tinha aulas práticas. Isso nos entusiasmava. A gente foi conhecer uma instalação de um jornal, o diretor era nosso professor, e quando fomos conhecer a redação, as oficinas... era empolgante (VÂNIA, 2021).

Nasson: [A disciplina me motivava,] justamente porque nós tínhamos um retorno daquilo que nós fazíamos. O trabalho era voltado para o jornal escola e a gente... nós começamos na faculdade numa época do Jornalismo gráfico, isso precisa ficar bem consciente (NASSON, 2021).

Fernando: Eu gostava muito de fazer as matérias de rádio, programa de rádio. Eu gostava muito dessas matérias que te davam resultado, fazer o jornal da turma, por exemplo, o programa de rádio que tu tinha que produzir. Tu chegava em casa todo exibido contando do que tu tinha feito. Essas matérias práticas, eu gostava (FERNANDO, 2021).

Renata: Até me impressionei uma vez que eu fui lá, pra conversar com os alunos da universidade particular, e tinha laboratórios maravilhosos, que eu adoraria que tivesse no meu tempo (RENATA, 2021).

Tamara: Os espaços de laboratório, espaços de fazer *mesmo*, quando eu tava com câmera e microfone entrevistando alguém... no estúdio de rádio, eram momentos bem legais, e eu gostava bastante. Esses momentos do fazer Jornalismo dentro dos laboratórios (TAMARA, 2021).

Nina: Uma cadeira de laboratório de Jornalismo no início da faculdade, a gente tem um contato com uma espécie de mini redação. E aí fica ainda em êxtase com esses da faculdade, com toda aquela coisa de botar a mão na massa, então isso meio que encanta logo de cara (NINA, 2021).

Natália: As melhores partes do curso foram as cadeiras que são mais dinâmicas, que tu tem que fazer uma reportagem, e que são as coisas mais trabalhosas, mas ao mesmo tempo são as mais legais, porque tu aprende a fazer coisas que tu não vai ter oportunidade de fazer no mercado de trabalho. De escrever sobre aquilo que tu quer (NATÁLIA, 2021).

André: Durante o primeiro semestre de Jornalismo, já tiveram algumas cadeiras que me chamaram bastante atenção e que demonstraram que existe esse lado mais prático do Jornalismo, que também era muito interessante e até a questão dos laboratórios que a [redacted] [faculdade] oferecia. Poder vivenciar isso, de uma determinada maneira, mesmo que superficialmente, acabava sendo um atrativo para esse universo do Jornalismo e acabava expandindo a nossa percepção. Então, a partir do momento em que eu entrei no curso, isso passou a ser uma questão que me chamou muito atenção e eu tive muito interesse em todas essas disciplinas, durante o andamento da faculdade (ANDRÉ, 2021).

Além disso, essas disciplinas e ambientes práticos também são uma representação de algumas áreas do mercado, em especial as redações. Portanto, é natural que, nesses espaços, os estudantes consigam enxergar o seu futuro na profissão, ou o que imaginam dele, e que isso os motive:

Manuel: [A disciplina de redação] me interessava porque ia ser o meu futuro. Se eu aprendesse bem aquilo, ah... eu ia entrar na redação bem. A minha grande preocupação era essa, porque era muita gente tentando entrar e nem todos conseguiam (MANUEL, 2021).

Régis: Foi muito legal, o curso foi muito interessante e eu trabalhei durante o curso também, trabalhava como monitor da cadeira de televisão, operando os equipamentos para os alunos e também trabalhava numa produtora de vídeo que existe dentro da universidade que era quem prestava serviço para o curso de telejornalismo. Com isso, eu já fui me envolvendo ali. E ao mesmo tempo, eu comecei a tentar me aproximar do mercado estabelecendo contatos, buscando estágios, e assim foi intensificando essa busca até que eu me formei e na sequência comecei a trabalhar já (RÉGIS, 2021).

Luana: E claro, hoje, o aluno, e eu como professora de graduação percebo que o aluno tem muito mais pressa. Existe uma tendência a, e a gente é até estimulado a isso, a ser um curso muito mais prático (LUANA, 2021).

Renata: A possibilidade de me aproximar do que era o mercado, entendeu? Porque tinha coisas, disciplinas, que eu pensava, "ah, isso não me serve muito". Agora, redigir era uma coisa que eu gostava muito, porque eu sabia que era a coisa que mais eu seria demandada no mercado, era redação mesmo [...] Então, nesse sentido, eu acho que os laboratórios da particular me impressionam muito. O estúdio de rádio deles é igual ao nosso, tem a mesma qualidade. A mesa de som tem a mesma qualidade, os equipamentos de TV também... embora, hoje, se possa fazer uma emissora de TV inteira com celular, mas tem equipamentos bons. E esse treinamento me parece importante pra pessoa saber o que está fazendo (RENATA, 2021).

Nina: Eu fiquei em êxtase com tanto equipamento, com tanto estúdio, e tudo aquilo foi me motivando e me aproximando da realidade e do dia a dia do jornalista, porque tu sai do ambiente da sala de aula que é uma coisa dura, a cadeira, a mesa, e o professor na frente. E te coloca dentro de um estúdio de televisão ou de rádio, espaços que são todos moldados como a redação, e isso te dá muita vontade de trabalhar logo com isso. Então, eu fui lá e conheci e logo já fiquei encantada e pensei que era lá que eu queria estudar (NINA, 2021).

André: As disciplinas que sempre me interessavam mais eram as disciplinas que eu tinha mais afinidade, no caso, eram as disciplinas ligadas ao rádio, desde a primeira disciplina que era totalmente teórica, até os projetos experimentais. Foram as disciplinas, que eu fiz questão de idolatrar durante a graduação, porque elas eram o que eu consumia. E foram ligadas ao que eu exercia na profissão durante um ano e meio ou dois anos, durante o período de formação em que eu atuei. Todos os momentos que eu tive com as cadeiras acabaram sendo grandes propulsores de uma vontade de seguir trabalhando com isso, mas que em determinado momento a realidade se sobrepôs e meio que deu um choque de realidade (ANDRÉ, 2021)

Alex: Eu esperava, talvez, realmente, aprender os ofícios do Jornalismo, no começo do curso. Eu esperava aprender a fazer rádio, fazer TV. Enfim, esse pensamento bem técnico que as universidades de comunicação meio que tem na prática. Eu tive poucas cadeiras de teoria, infelizmente. E a expectativa que eu tinha era de aprender os instrumentos da profissão, e foi o que eu aprendi, mas eu aprendi muitas outras coisas também de ordem teórica que são fundamentais para a formação de qualquer um, mas não era uma expectativa inicial (ALEX, 2021).

É relatado pelos sujeitos a relação estabelecida com disciplinas práticas e espaços laboratoriais e o ingresso no mercado de trabalho por meio dos estágios. Segundo os depoimentos, a faculdade consegue contribuir para um preparo inicial, ainda que insuficiente, sozinho, para a atuação no mercado de trabalho. Por isso, podemos notar que o estágio também funciona como um ambiente de aprendizado para que os alunos possam experimentar e aprimorar seus conhecimentos, aplicando-os à realidade da profissão:

Esther: Toda a técnica que eu tive na faculdade... porque até entrar na faculdade, eu não tinha a mínima noção de como era [o Jornalismo]. Eu só conhecia o jornal e ponto. E, daí, quando começou a parte prática, aquilo ali tudo ajudou. Como é que tu vai fazer um teste para entrar num jornal, se tu não tem a mínima noção de como é que é aquilo? Aí com esse respaldo teórico, e se tu gosta da coisa, tu já saía fazendo, né? Porque o estágio era assim, era o teste e tal... depois, quando me chamaram, já no primeiro dia, o chefe de reportagem chegou lá e disse "ó, tu vai fazer uma matéria num colégio tal, assim e assado...". Saí assim, crua e fui. No outro dia, até deu matéria de capa. Ah, tava bom, então! (ESTHER, 2021).

Nina: O mais presente mesmo eu acho que foi a [redacted] [laboratório da faculdade] onde eu comecei na assessoria de imprensa. Porque eu aprendi muita coisa ali, aí não só a prática do Jornalismo (escrever um texto, ligar e entrevistar alguém...) mas também a ter contato com pessoas mais velhas de outros semestres, contato com professores, um contato mais próximo que extrapolava a sala de aula. A gente tava ali como espécie de funcionários deles, então de certa forma alisar era os meus chefes, não mais nos professores. Só que ao mesmo tempo, ainda eram os

professores, porque eles estavam ensinando o tempo inteiro, mas acho que a [redacted] [laboratório da faculdade] de assessoria de imprensa realmente me marcou demais e foi uma surpresa, para mim, porque eu nunca quis trabalhar com assessoria de imprensa (NINA, 2021).

Nina: Sim [via os conhecimentos refletidos no estágio], principalmente os conhecimentos práticos, porque na [redacted] [faculdade], a gente tem muito conhecimento prático. Isso com certeza facilitou. Aquelas aulas que a gente tinha de rádio. Ter contato na edição, me ajudou muito na [redacted] [emissora de rádio], e vice-versa, porque o meu estágio também me ajudou muito na faculdade. A tomar também algumas decisões e fazer algumas escolhas. Várias vezes, a opinião de algum professor me impactava. Várias vezes, eu lembrava de alguma aula específica que demonstrava alguma coisa, e até hoje eu vejo isso (NINA, 2021).

Além disso, é frisada a relevância do compromisso social do Jornalismo e o papel de extensão universitária. Nesse sentido, os laboratórios universitários podem contribuir muito para esse vínculo entre a sociedade e a universidade:

Clarissa: Na maneira como a gente fazia o jornal laboratório e principalmente a Rádio Universitária, nós tínhamos um vínculo comunicativo com a sociedade muito forte. O que já nos caracterizava. Eu levei isso para minha vida toda, nós não fazíamos uma mídia para o nosso próprio deleite (CLARISSA, 2021).

Neste eixo, novamente, é visível, em diversos diálogos, a percepção sobre a importância do equilíbrio entre teoria e prática no ensino da Comunicação e do Jornalismo. Nas visões das gerações mais antigas, essa relação aparece de forma mais conturbada, apresentando dificuldades reais, carregando alguns preconceitos, principalmente para com a academia. Já para os profissionais mais novos, isso vem com uma perspectiva de falta de aprofundamento e relações das teorias com outros assuntos relevantes e atuais:

Clarissa: Se sofria sempre um preconceito, né? Porque a pessoa que vinha da universidade era considerada teórica. Se fazia, então, essa dicotomia entre os práticos e os teóricos. Agora, quando a gente conseguia mostrar, na prática, o que a teoria pode enriquecer, né? Aí, não havia como contestar. [...] Então, você vê que se você separa a teoria da prática você tem um buraco aí a preencher né? De informação, de compreensão, da dimensão das coisas. Mas, há, até hoje, uma certa dicotomia entre o prático e o teórico, coisa que eu sempre combati na prática (CLARISSA, 2021).

Fernando: A universidade [tem que] se liberar desse estigma de ser a Bíblia do conhecimento, como se tudo tivesse ali. Eu acho que ela tem que ter o pé no chão. Eu tô falando disso na universidade pública, porque a universidade privada tá muito preocupada em tratar os alunos como clientes e acaba sendo muito leniente com isso. Não perder alunos e não perder a sua receita [...]. Tem que se abrir, tem que deixar de ser essa estrutura pesada. Cheia de meandros e disputas de poder, briguinhas de beleza... E realmente cumprir o seu papel, o tripé do ensino, pesquisa e extensão (FERNANDO, 2021).

Nasson: A grande queixa que ainda prevalece é o distanciamento da teoria e da prática. Esse ainda é o grande problema. Quando eu comecei no Jornalismo, tinha um diretor de redação da [redacted] [periódico relevante na época] que abriu o caminho para vários jovens, instituindo um programa de estágio dentro do que era então a principal empresa de comunicação do momento. Isso facilitou muito a nossa vida, porque como eu te disse, no primeiro e no segundo ano de Jornalismo, eu já tava dentro da redação. E facilitou essa aproximação da teoria e da prática, que eu acho que as universidades e as empresas de comunicação, assessorias de comunicação, deveriam buscar essa maior aproximação. Justamente, para que os estudantes já saíssem prontos para trabalhar. Essa, para mim, é a grande dificuldade e é o grande avanço que ainda falta andar. Uma aproximação maior e permanente entre a universidade e o mercado de trabalho (NASSON, 2021).

Nina: Não adianta a gente ter só a professora que é da academia, mas também não adianta a gente ter só professor de veículo, não dá para ter só uma das coisas. Tu precisa estudar para ter uma base e saber o que já foi feito, o que tu pode repetir, que pode transformar, e, ao mesmo tempo, tu tem que ter a manha, aquela coisa diária da profissão. Da correria mesmo (NINA, 2021).

Alex: E outra coisa, no Jornalismo e na Comunicação, nossa área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, não tem como dizer que as disciplinas teóricas discutem coisas que não são trazidas à prática. Não é uma coisa filosófica, não que a filosofia não tem a traços na realidade... mas é característica das Ciências Sociais Aplicadas a teoria de fatos observáveis. Então, esse é mais um motivo para a gente estudar as teorias da comunicação de maneiras mais abrangentes e completas nas graduações. Deveria ter mais, na minha opinião (ALEX, 2021).

Considerando isso, destacamos que o conhecimento técnico sozinho não é suficiente. Tal fato também é percebido pelos entrevistados:

A mutação tecnológica obriga os jornalistas a serem cientistas que não apenas dominam as técnicas, mas também as suas razões de ser, já que estas técnicas vão ter que mudar ao longo de sua vida profissional, e ele precisa participar de forma consciente e ativa nesta mudança. Ou seja, as técnicas precisam ser vistas como tecnologias, há que buscar o seu *logos*. O nosso Paulo Freire já o alertava para o fato das técnicas serem *teorias cristalizadas* (MEDITSCH, 2012, p.191).

Sendo assim, é necessário que os estudantes e profissionais sejam capazes de pensar o conhecimento técnico de maneira complexa, não se limitando ao aspecto operacional, mas conseguindo acompanhar o que essas transformações significam, para, assim, serem capazes de se adaptar às futuras, e permanentes, transformações:

Fernando: O pessoal confunde muito. E isso acontece nos ambientes que eu trabalhei, confundem as ferramentas digitais com o conteúdo em si. O conteúdo ainda é rei, isso tudo é só a ferramenta. É operação, não é o veículo em si. Ter essa noção é importante, e ter abertura para o novo (FERNANDO, 2021).

Quando questionados em relação às disciplinas e docentes que mais marcaram sua formação, diversos sujeitos destacaram professores que participaram da sua trajetória extrapolando o conteúdo de suas disciplinas. É recorrente docentes que demonstraram uma contribuição em estimular, em motivar e em exercitar coisas novas com os estudantes.

O benefício de os docentes desempenharem um papel nesse sentido é um apontamento antigo e que colabora para uma pedagogia mais eficaz para o Jornalismo. “A tentativa de repensar o papel do jornalista começa com a nova função que o professor deve desempenhar: a de ordenar ideias e dirigir debates, ao invés de simples tarefa de transmitir conhecimento” (TORQUATO, 1979, p.165), como podemos ver:

Fernando: Exatamente isso. Essa questão, e volto a dizer, eu gostava muito de cultura brasileira, porque ele [professor] esmiuçava e provocava as discussões, e isso era muito interessante, te provocava, te instigava, te fazia pensar. Essas matérias que faziam pensar, que eram reflexivas, eu gostava muito. Ainda mais quando tinha esses bons professores que eram os selecionados das outras faculdades (FERNANDO, 2021).

Manuel: A faculdade, tem que dizer isso que eu tô te dizendo. Eu fui ser professor lá e disse isso que eu estou te dizendo. Então, o que eu queria era motivar esse cara. Esse cara que estava fazendo Jornalismo. Bom, ele não podia não querer ver as aulas, não se interessar... tu vai lá porque tu quer ser repórter. Porque tu vai sair de lá e vai tentar mudar o mundo. Tu vai ser útil. Tu vai ser importante pra sociedade [...] o professor é um motivador, é um provocador (MANUEL, 2021).

Tamara: a gente [professores] pode falar sobre o que a gente quiser, pode experimentar. Isso é um grande diferencial na universidade, poder experimentar. E eu adoro experimentar, adoro fazer coisas novas, diferentes pensar com os alunos, estimular os alunos a não ficarem dentro da caixinha (TAMARA, 2021).

Nina: A faculdade conseguia trazer isso [realidades de fora] para a gente, fazendo que a gente ouça pessoas de fora, colocando a gente na prática mesmo, na rua, na sala de aula e tenha contato com as pessoas. Largar aquela preguiça de *whatsapp* e conhecer a fonte [...] Eu lembro que eu fiz uma matéria para aquele concurso do [redacted] [jornal popular da capital], que foi um concurso incentivado pela [redacted] [faculdade] e divulgado lá dentro. E eu lembro que a matéria era sobre uma família que vivesse com uma renda básica, que eu acho que era uns R\$ 700 no mês, era um troço absurdo. E eu lembro que eu falei para minha mãe eu preciso achar essa família, que isso era muito fora da minha realidade, não era algo simples para achar porque, querendo ou não, eu sou privilegiada. [...] Foi dentro da faculdade que eu vi aquela oportunidade que eu fui atrás daquilo e, incentivada por professores, eu vivi isso (NINA, 2021).

Alice: Acho que esses dois [professores] são bons exemplos o coordenador de curso e do [redacted] [núcleo de pesquisa da universidade], professor [redacted], a gente fez uma reportagem juntos e vencemos uma premiação do Instituto [redacted] [instituição sem fins lucrativos], foi muito massa. Acho que ele causava uma inquietação de ir lá descobrir, de parar de ficar choramingando. E essa professora, que é baiana, subcoordenadora, e que me fez pensar muito sobre a questão gaúcha. Esses

dois me levaram para o meu TCC, onde eu estudei o discurso de branquitude no Jornalismo gaúcho (ALICE, 2021).

Lorenzo: Eu lembro que Jornalismo ambiental foi bom, me marcou, pelo menos, para mim, como pessoa. Entender um pouco mais sobre o ambiente, sobre a natureza, sobre a parte ambiental do mundo e do Brasil [...] Eu fiz uma matéria que era entender quais eram os projetos de lei. Ali foi uma das coisas que eu senti aprofundamento. Não fui obrigado, mas incentivado a ir mais além (LORENZO, 2021).

Alex: Teve o professor [REDACTED], que era o meu orientador na iniciação científica e essa oportunidade de fazer a iniciação científica, numa universidade que tinha tão pouca oportunidade de fazer esse tipo de coisa... Ter conseguido essa oportunidade foi marcante para o resto da vida [...] E a professora [REDACTED] foi outra que me incentivou muito, foi a que mais me disse como funcionava o caminho para chegar no mestrado. Então, no começo, no primeiro ou segundo semestre eu falei que eu tinha interesse de pesquisar, porque antes mesmo de entrar na universidade, eu sabia que ela tinha como preceito ensino, extensão e pesquisa. Eu tinha interesse de alguma forma em fazer esses três tipos de coisa. Eu falei com essa professora, e ela me incentivou a seguir a pesquisa (ALEX, 2021).

Os professores, também, aparecem com uma função de revelar os *macetes*, o *know-how* – tanto referenciado no Jornalismo - para seus alunos. Os ensinamentos se encontram, muitas vezes, para além das salas de aula e oportunizam que os alunos levem problemas e inquietações, que envolvem a profissão, de sua realidade. Tal conduta parece ter se tornando mais presente no decorrer do desenvolvimento dos cursos de Jornalismo.

Além disso, também foram evidenciados a participação dos docentes no ingresso dos alunos no mercado de trabalho, indicando esses profissionais e demonstrando sua confiança em seus trabalhos:

Clarissa: Os professores dessas disciplinas que eu citei, o [REDACTED], que me chamou para ser professora na universidade. O professor de Ciências Políticas, que nós escolhemos para paraninfo, foi tudo muito marcante. Eu sempre encarei a formação de português e literatura como uma raiz que deu frutos incríveis (CLARISSA, 2021).

Luana: O professor, esse, [REDACTED], que me ofereceu a vaga de trabalho. Ele tinha me pedido para eu ligar para ele, quando eu liguei ele já tinha a entrevista marcada. Da entrevista, já saí como *freelas* (LUANA, 2021).

Tamara: A gente perdia muito sem o contato com os professores. Hoje, é completamente diferente. Eu, como professora, falo com vários ex-alunos sobre o estágio o tempo inteiro. Antes, ficava muito apertado, eu acho. A faculdade era uma coisa e o mercado era outra, tudo bem separado (TAMARA, 2021).

Nina: Teve alguns professores que me marcaram. E aí, não só relacionado à disciplina deles, mas é esse contato que a gente tem com os professores, porque isso acaba motivando e te ajudando. Então, eu tenho alguns professores, como o [REDACTED], que foi quem me deu a minha primeira oportunidade de trabalho em laboratório na [REDACTED] [laboratório da faculdade]. O [REDACTED] que foi quem me empurrou para o mercado de trabalho e me deu oportunidades no mundo da

assessoria de imprensa, que foi quem me deu muito puxão de orelha quando eu trabalhei com ele e eu ainda não sabia escrever direito (NINA, 2021).

Outro ponto abordado em nossas entrevistas foi o que os entrevistados consideravam indispensável na formação de um jornalista competente. O pensamento crítico, a empatia e a necessidade de bagagem cultural, são alguns dos atributos frequentes nas percepções do que o jornalista precisa ter e aprender.

Ainda que a técnica seja muito referenciada, ainda mais quando tratamos das mudanças tecnológicas, a formação humanística ainda é vista como parte central do Jornalismo, especialmente pelas gerações que tiveram isso mais destacado em sua formação. Já nas faixas etárias mais jovens, percebemos uma valorização maior da reflexão crítica e responsabilidade social na atuação:

Clarissa: Nós tivemos disciplinas riquíssimas que nos davam alimento, sob o ponto de vista de nos situar no mundo. [...] Mas também posso te contar uma outra disciplina que foi muito gratificante para nós: geografia humana. Jornalistas não podem ficar sem geografia, sem a geopolítica... e a história, que é fundamental. Os currículos perderam muito isso aí, quando abraçaram as tecnologias, perderam inteiramente o vínculo fundamental com as histórias. [...] A formação de autoria, dessa mediação social, está relegada à fórmula. A formação humanística foi deslocada para a tecnológica. Da inteligência natural e das suas transformações, se passou para a importância da inteligência artificial (CLARISSA, 2021).

Vera: Ele [o estudante de Jornalismo] precisa ter *cultura*, no mais amplo sentido. Compreender as pessoas, compreender a vida. Porque não adianta tu ir fazer uma entrevista e não saber o que perguntar ou não entender o que querem te dizer... ou cobrir um evento de uma forma mecânica. Isso não é Jornalismo. O Jornalismo, ele precisa ter embasamento e é o que eu critico muito nos colegas atuais. Eu sinto que eles não sabem exatamente do que que eles estão falando. É cultura, leitura, debate, discussão que falta. Tu tá vendo aqui [a biblioteca] atrás de mim? Muita leitura. É isso que abre a nossa cabeça (VERA, 2021).

Nasson: E eu ainda defendo que a pessoa tenha bastante leitura e é uma coisa cada vez mais difícil, porque as pessoas estão deixando de ler tanto, preferindo ficar na superficialidade. Ler manchete e ver videozinho engraçadinho. Então, eu acho que essa bagagem cultural é uma coisa que os jovens deveriam se preocupar um pouco mais. Para não ficar só na superficialidade, não deixar que o algoritmo trabalhe por eles o tempo todo, mas que eles também trabalhem, e entendam qual o setor e o público que eles querem atingir (NASSON, 2021).

Renata: O meu assistente que é um exemplo pra mim de profissional jovenzinho. Ele tem 23 anos e é maravilhoso, extremamente competente. É um menino que se foca, que se dedica, que lê, que estuda, que se prepara pra fazer as coisas. Eu acho que, basicamente, hoje, o que precisa muito é isso, né? É ser curioso, é não ter preguiça [...] Eu acho que o aluno de Jornalismo, ele tem que ser curioso, acima de tudo. Ele tem que ser inquieto, ele tem que contestar (RENATA, 2021).

Luana: Hoje, 2021, eu acho que ele [estudante de Jornalismo] tem que ser crítico. E aí é uma coisa que talvez esteja faltando, é a questão de encontrar um equilíbrio. Talvez, eu não tenha tido uma formação técnica, mas eu tive uma boa fundamentação teórica e visão crítica, isso faz com que a

gente olhe o mundo de outra maneira, olhe a notícia de outra maneira. Ter um certo ceticismo em relação a algumas coisas, não embarcar na primeira versão dos fatos. E isso eu acho que hoje faz falta, eu vejo que se fez um caminho muito na direção da formação técnica. Tem disciplina que convida a uma reflexão nos cursos, mas de qualquer forma eu acho que se perdeu um pouco dessa visão crítica e se faz um trabalho muito técnico hoje (LUANA, 2021).

Tamara: a coisa mais importante para o jornalista é saber ouvir. Normalmente, as pessoas decidem ser jornalista porque, como eu, gostavam escrever, gostam de falar, se comunicam bem... mas eu acho que a principal qualidade do jornalista é ouvir. Porque o mais importante é ter o encontro com o outro, te deixar tocar pelo outro, para entender o outro e para compreender a história dele. Ter empatia e alteridade, saber se colocar no lugar do outro (TAMARA, 2021).

Nina: Mas eu acho que primeiro de tudo é ter empatia. O jornalista precisa ter empatia, desde o momento em que ele tá na sala de aula, ele precisa ter empatia com o colega que talvez não tenha entendido direito o conteúdo e tenha pedido uma ajuda, até o momento que ele vai ter o contato com a fonte e vai precisar se colocar no papel daquela pessoa. Porque a gente tem uma profissão que é muito gostosa e é maravilhosa de fazer, mas, às vezes, ela é cruel, ela tem muita vaidade, muito ego e muita concorrência, inclusive interna. Mas, ao mesmo tempo, é uma profissão que te supre socialmente, também, porque a gente tem uma função social muito forte, precisamos ter consciência disso (NINA, 2021).

Alice: Acho que falta a gente ser mais humilde, virou desabafo já. Muita gente entra no Jornalismo e tem essa coisa: eu gosto de escrever, eu gosto de contar histórias... e, às vezes, eu acho que falta um pouco de gostar de ouvir, gostar de aprender, compartilhar [...] Era ruim, mas era bom ir se dando conta das coisas, sabe? Então, eu acho que... é esse lugar de inquietação, de ver que a gente não entende tudo. E de entender que, quanto mais fundo a gente vai, mais dá pra ir fundo, mais coisa tem pra gente entender, identificar e perceber. (ALICE, 2021).

André: Então, precisa estar antenado e tentar entender. Saber a relação de causa e consequência das coisas em um mundo tão caótico é a grande chave para que um jornalista consiga desempenhar bem a sua profissão, em qualquer área. A gente sabe que é tudo muito amplo e variado, jornalista faz tudo... mas eu acho que a única característica que o profissional de Jornalismo precisa, em todas essas áreas, é a necessidade de estar ciente de todas as transformações que estão acontecendo no mundo e até porque a nossa profissão, ela tá no olho do furacão de todas as transformações (ANDRÉ, 2021).

Alex: A graduação de Jornalismo, ela precisa ser mais reflexiva, eu sinto essa necessidade. A tecnicidade da coisa, a gente aprender a ler o *teleprompter*, aprender a fazer um *lead*... são coisas fundamentais, óbvio. Tu não pode sair da universidade sem saber fazer isso. Mas a gente precisa pensar em profissionais que não pensem mais no Jornalismo a partir de um mercado que acabou. As grandes redações e conglomerados que acabavam contratando bastante gente, e onde tinha atuações bem especificadas, tinha o repórter jornalista, o cara do som, o cinegrafista. Hoje, já não existe esse tipo de coisa. A graduação de Jornalismo tem que pensar a partir de um senso crítico, porque o jornalista, sem o senso crítico, não vai conseguir se adaptar a essas novidades (ALEX, 2021).

Considerando a decepção com a falta de disciplinas e temáticas sociais, podemos fazer um paralelo com abordagens mais atuais de temas culturais e sociais, contemplados em debates de estudos de gênero, de questões raciais, de

desinformação, etc. Aproximar essas pautas com a comunicação e o Jornalismo, traz frutos muito proveitosos para a prática profissional:

Tamara: Nos últimos anos complicou mais [com o governo de Bolsonaro], mas eu acho que hoje a gente tem um ensino do Jornalismo com novos elementos. Além de ter toda a questão teórica, técnica e de conhecimento, ele traz também para o debate questões de direitos humanos, feminismo, racismo, questões LGBT, várias questões. São coisas que a gente trata muito no curso e eu acho que passaram a tratar agora (TAMARA, 2021).

Lorenzo: Eu sentia que tinha uns temas um pouco mais atuais. Eu não lembro o nome das cadeiras, mas tinha uma cadeira que tratava sobre coisas mais contemporâneas. A própria troca de professores, teve ao menos uma coisa que foi boa, que tirou pessoas mais conservadoras e que pensavam Jornalismo muito das décadas passadas, para professores que pensavam um pouco mais adiante. Isso eu gostei (LORENZO, 2021).

Natália: Eu acho que a gente tem que aprender a ser crítico, até com as coisas que eu aprendi na própria faculdade, porque nem sempre a visão que a gente vê na faculdade é a real. Eu falo por, no meu caso, principalmente, ter tido muitos professores homens. Então, acabou sendo um espaço branco, cheio de homens e, então, às vezes, eles vinham com uma visão totalmente deturpada da realidade (NATÁLIA, 2021).

Também frisamos que essa atualização constante do ensino precisa passar pela permanente qualificação dos professores e pela criação de espaços que desenvolvam na perspectiva crítica e reflexiva em relação às mudanças sociais.

Ainda que o Jornalismo de áreas tradicionais, como redações de jornal impresso, emissoras de rádio e televisão, seja necessário e esteja presente nos cursos de graduação de Jornalismo, as transformações tecnológicas e do mercado fizeram com que diversos professores tivessem que repensar sua forma de dar aula e o que deveria ser ensinado. No entanto, apesar de que tais mudanças nas disciplinas tenham ocorrido, alguns relatos apontam uma insatisfação com relação ao ritmo dessa adaptação e um ensino ainda pouco adequado à realidade da profissão:

Esther: Hoje, eu vejo que, no ensino, os professores são muito mais bem preparados do que os nossos [...] Eles estão preparados, continuam estudando. Parece que hoje exigem... tem que ter o mestrado, acho que o doutorado também. Até porque, as Universidades, hoje, têm as classificações dependendo dos Doutores e Mestres. Isso tudo só acrescenta. Hoje, eles têm novas possibilidades de realizar um Jornalismo bem melhor. No nosso tempo, a gente ia pela prática. A maioria hoje tá fazendo mestrado, doutorado. Não só para melhorar na profissão, mas também como uma forma de garantir o futuro (ESTHER, 2021).

André: Então, eu acho que como a minha trajetória foi muito focada no Jornalismo tradicional no início. Eu sentia que se eu tivesse entrado na faculdade nos anos 70 eu podia ter feito a mesma trajetória, um laboratório de Jornalismo e depois um estágio no veículo de comunicação. Assim, todas essas questões um pouco mais tradicionais, elas se fizeram presentes no início da minha trajetória, mas ela também se fazia presente nas histórias dos

professores dentro da sala de aula, naquele ensinamento um pouco mais básico do Jornalismo como um todo (ANDRÉ, 2021).

Clarissa: E acho que os cursos de Jornalismo têm uma grande carência pedagógica. E os currículos transparecem isso aí, com uma ausência de aperfeiçoamento, de estudo, do que é ser professor universitário (CLARISSA, 2021).

Fernando: E tem que olhar com muito carinho e atenção os currículos. Esse currículo tá de acordo com a realidade? Se modernizou? Porque a velocidade das mudanças é tal que, se tu não estiver atento a isso, daqui a pouco, a universidade está ensinando coisas que não interessam mais. É muito rápido esse processo, nessa era digital, principalmente. Tem que ser uma via de duas mãos, a universidade tem que entregar, e tem que receber. E ela tem que ser humilde para poder receber o que tem de fora para dentro (FERNANDO, 2021).

Tamara: Eu acho que melhorou muito, mesmo que a gente possa ter críticas a algumas coisas. É como eu falei... Eu acho que, na minha época, se eu pensar em relação a hoje, acho que teve um avanço bem grande. Até porque o Jornalismo teve um avanço importante, das teorias do Jornalismo. E eu acho que o ensino acompanhou isso, esse lado mais crítico, exigência maior em relação ao que os alunos fazem, uma exigência maior no professor, dele tá sempre mais informado e atualizado (TAMARA, 2021).

André: Durante a própria graduação, a gente foi percebendo que tiveram alguns momentos, na faculdade, de mudanças estruturais, inclusive, que já davam um caminho de que a gente chegaria nesse momento de hoje. De um curso muito mais híbrido e com questões bem mais interligadas com universo mais distante do Jornalismo tradicional, que era um pouco daquilo que a gente tinha desde o início da formação (ANDRÉ, 2021).

Alex: Mas não só eu vejo que isso faz sentido que tenha mudado [o currículo dos cursos] hoje, mas como é fundamental que mude. E que de fato pensem as demandas do mercado de trabalho de maneira diferente do que ter três disciplinas de rádio, TV, redação... não precisa disso. A gente precisa ter uma interdisciplinaridade maior, o que não significa tirar dessas disciplinas, muito pelo contrário. Só que isso é necessário para pensar e atualizar os currículos, porque o mercado de trabalho e a comunicação, como ciência, são coisas muito mutáveis e você tem que estar sempre atento (ALEX, 2021).

Seja pela necessidade de desenvolvimento das faculdades, seja pela falta de interesse das instituições em explorar o debate nas disciplinas, alguns relatos apontam uma falta de desafios e aprofundamento durante o curso:

Lorenzo: Eu sempre achei um corpo docente bom, quanto a isso eu sempre me dei muito bem. Mas que nem eu te disse, eu acho que poderia ser mais difícil. Porque eu sempre senti a média da turma muito baixa. Talvez, por isso, eu tenha me saído bem. Tinha trabalhos que dava para explorar mais, provas que davam para explorar mais, leituras obrigatórias... sempre achei que dava para pegar mais pesado. E isso eu fui sentindo do início ao fim do curso (LORENZO, 2021).

Alice: Acho que a melhor maneira seria se a gente tivesse coordenadores e professores mais diversos. Porque o material existe, só não está sendo colocado. Não é por falta de discussão e nem por falta de diálogo, acho que é por falta de professores que estão preocupados em passar isso. Porque se eu olho a minha grade curricular eu consigo ver que em todas as disciplinas tinha o espaço para trazer várias coisas que às vezes não aparecem, que alguns professores não estão preocupados em mostrar. Então, mesmo que seja um professor de rádio, numa disciplina super técnica,

o que ele vai mostrar não precisa ser o programa mais conhecido e tradicional da rádio. Ele pode mostrar uma outra coisa que tá sendo produzida na periferia, uma outra maneira que encontraram de saber as notícias de lá. Não que não possa ter o programa principal da [redacted] [emissora da capital], mas falta mostrar outras coisas, mostrar que o Jornalismo é mais que aquilo. Então, acho que isso tá muito ligado à diversidade nos cargos de chefia e professores. E daí, não professor substituto, não professora adjunto, professora mesmo. Pessoas que podem propor projetos de pesquisa sobre isso, disciplinas eletivas que toque nesses assuntos. (ALICE, 2021).

Também, percebemos que as gerações mais recentes conseguem ter uma visão crítica em relação a transformações das instituições, seguindo uma lógica mercadológica. Assim como observamos esse movimento no ambiente profissional, isso também é acompanhado de uma mercantilização do ensino em algumas instituições.

Sabemos que esses problemas não são recentes e uma reforma se faz necessária, justamente, para que essas relações de poder na sociedade não sejam replicadas e alimentadas nos espaços de educação (MEDITSCH, 2012). Tais questões já eram ressaltadas, em 1904, na pioneira defesa de Pulitzer do ensino superior de Jornalismo:

A escola de Jornalismo deve ser, na minha concepção, não apenas não comercial, mas anticomercial. Deve exaltar princípios, conhecimento e cultura, às custas do interesse comercial se necessário for. Deve ser para sustentar ideias, manter a seção contábil no seu devido lugar e fazer da alma do editor a alma da publicação (PULITZER, 2009, p.26).

Nas entrevistas, o efeito prejudicial da mercantilização do ensino também é percebido pelos profissionais. Eles reconhecem que, nessa conta, tanto a universidade, quanto a profissão, saem perdendo:

Natália: A gente vê um movimento, de forma geral, que tem aberto muito curso de Jornalismo por aí, mas isso não significa qualidade. Eu acho que, hoje em dia, todo mundo quer ser jornalista e que bom que tenha bastante gente interessada, mas eu acho que os cursos tinham que ter uma qualificação maior. Eu acho que essa tendência, não só do Jornalismo, mas de todos os cursos, de deixar tudo muito em EAD... isso prejudica [...] nos últimos anos, como na minha faculdade, tem ocorrido várias demissões e eu vi esse movimento acontecendo em várias faculdades também, né? Privadas, principalmente, de terem demitido. Então, eu acho que eles não querem qualificar, não querem professores qualificados pra não ter que pagar tanto. E aí, acabam sugando o pobre coitado que está lá pra dar tudo que é coisa... para ter mais lucro e ficar abrindo um monte de curso (NATÁLIA, 2021).

Alex: A gente teve poucas disciplinas teóricas, na minha opinião, tinha que ter mais. Mas eu entendo que os professores da universidade vão acabar se curvando às reitorias. Principalmente, na [universidade] particular. Eles vão se obrigar a ter mais coisas técnicas, porque é aquilo que as

peessoas buscam quando elas entram. Como eu disse no começo, eu entrei pensando que eu ia aprender a ser jornalista aprendendo essas ferramentas. Então, eu entendo... para pessoa que está escolhendo uma universidade particular, e vai pagar por essa universidade, vai acabar pagando pela universidade que promete que tu seja um profissional tecnicamente impecável, mas pra ser tecnicamente impecável tu tem que saber onde que tu está, saber pensar. Então, para isso, tem que ter disciplinas teóricas (ALEX, 2021).

Outro ponto apresentado pelos entrevistados foi o fato de a universidade ter um papel central em discutir a ética profissional para seus estudantes, apresentando nisso um significativo diferencial em relação a jornalistas que exercem a profissão sem o diploma.

Joseph Pulitzer (2009), ao organizar sua defesa à escola de Jornalismo, em 1904, apontava a necessidade do ensino da ética no curso superior de Jornalismo, não se fixando em uma disciplina específica, mas que extrapolasse isso, permeando toda a formação dos profissionais:

Nasson: As expectativas [do curso], eu não sei te dizer quais eram, mas o que nos ofereceram, eu acho que foi muito útil. O que oferece até hoje. Foi, justamente, essa consciência ética de uma profissão que é voltada para o público. Isso, para mim, é a grande lição da universidade. Especialmente, nos cursos de Jornalismo, porque os alunos, querendo ou não, vão formando uma consciência ética da sua profissão. Então, mais do que conteúdo e técnica, eu acho que esse é o grande ganho da universidade. Porque ela tem um ambiente de construção da ética profissional. Isso começa, realmente, dentro da faculdade (NASSON, 2021).

Fernando: Com a formação acadêmica, e eu acho que o diploma representa isso, tu estar preso a alguns cânones da profissão. Aqueles valores que tu tem que tá respeitando. Eu acho que esse é o grande mérito da formação [...] pode parecer básico, mas é isso mesmo. Então, esse tipo de coisa que a formação acadêmica te propicia, de certa maneira te condiciona, e te faz um profissional melhor (FERNANDO, 2021).

Alex: Não vai ser no mercado de trabalho que a pessoa vai ter tempo para refletir. Por conta, pode ser que a pessoa pesquise, mas para ela ter esse pensamento de pesquisar por conta, se ela tem o incentivo na universidade. A gente tem que aprender a pensar, e, infelizmente, nem sempre a gente aprende a pensar. A gente tem que ser incentivado a pensar. Por isso, a universidade é o local para formar pessoas que pensem de maneira mais crítica possível. A universidade é um lugar para isso, não tem outro lugar para isso, é a função dela. Porque a gente tem muita informação a todo momento, mas se fosse só para adquirir informação, a gente não precisaria da universidade, mas ela existe para fazer essas informações de alguma maneira se tornarem úteis na cabeça da pessoa, com método pedagógico, científico, epistemológico (ALEX, 2021).

Natália: eu entendo que a faculdade que me proporcionou estar nos espaços de estágio, ter conhecido pessoas de dentro da faculdade... me possibilitaram a seguir outros caminhos. Ter entrado na própria faculdade foi o que me proporcionou me colocar nesses espaços (NATÁLIA, 2021).

É evidente o reconhecimento da contribuição da educação continuada nas falas dos entrevistados. Percebemos que, mesmo pessoas que se sentem distantes da

academia, buscam cursos de especialização ou aproveitam programas de aperfeiçoamento interno em suas empresas, para, assim, se manterem atualizadas sobre o desenvolvimento da profissão:

De fato, os impactos da tecnologia sobre as profissões são fortes a ponto de extinguir funções, alterar *modus operandi*, conferir novo ritmo, criar novas ansiedades e diminuir outras, motivar formações em novas competências. Elas movimentam não apenas o campo dos fazeres, mas também o dos saberes e dos valores (LOPES, 2011, p.7).

Vemos que todos esses impactos já mencionados aparecem interligados, modificando a profissão e nos obrigando a repensá-la no contexto social que vivemos hoje:

Esther: Acho que é fundamental para aqueles que podem fazer [seguir estudando], e hoje é a maioria. Alguns não podem porque os cursos são muito caros, mas tem a questão da bolsa [...] Até porque, hoje, tu vai acompanhando a evolução toda e podendo atingir outras profissões, ir para carreira acadêmica... isso é bom (ESTHER, 2021).

Clarissa: Eu estudo hoje como eu estudava antes. Hoje, eu tenho mais elementos para escolher meus estudos, mas eu não parei de estudar. Estou aposentada e não parei de estudar (CLARISSA, 2021).

Fernando: Eu fiz duas especializações. Fiz Jornalismo Empresarial [...]. Depois, eu fiz comunicação digital. Eu só não tenho o certificado porque eu fiquei de fazer o TCC e de vagabundo eu não fiz. Mas eu considero que eu fiz duas especializações. E eu só não fiz mais, porque agora querem fazer tudo EAD e eu não quero. Eu quero presencial, isso é o que me renova (FERNANDO, 2021).

Clóvis: Eu tentei o processo seletivo para mestrado duas vezes, em comunicação. A princípio, era algo que eu queria na época e como eu acabei não sendo aprovado em nenhum dos dois processos, e cada ano é uma tentativa, que envolve fazer projeto, um certo desgaste... eu larguei de mão naquela época e pensei depois eu tento mais tarde. Só que daí, eu acabei ficando no mercado, trabalhando, não tinha tempo, mas hoje eu ainda sinto falta de estudar. Eu estou, agora, fazendo uma pós-graduação EAD na [universidade privada da capital], sobre redes sociais, porque é importante a gente saber isso (CLÓVIS, 2021).

Nina: Eu fiquei seis meses parada porque eu disse que eu ia me dar o luxo, que eu não ia estudar nada, que eu ia ficar tranquila, só relaxar e trabalhar. Mordi minha língua. Não aguentei ficar mais de 6 meses parada, comecei a entrar em desespero, que eu precisava estudar alguma coisa, comecei a catar um milhão de cursos na internet, [...] e eu consegui uma bolsa. E agora que eu tô parada, desde janeiro, já tô me coçando de novo para saber o quê eu vou estudar, já tô catando mestrados, não parei de ler (NINA, 2021).

André: Eu tenho interesse em continuar [a estudar], justamente, porque eu não quero perder essa veia que me trouxe até a universidade, que foi um fio condutor, tanto para chegar ao Jornalismo, quanto para chegar às Ciências Sociais. É uma questão de que eu não abro mão, mas até o momento eu não procurei fazer isso, outra graduação ou alguma especialização (ANDRÉ, 2021).

Lorenzo: Eu considero [continuar estudando], porque eu acho importante. Enquanto ser humano, membro de uma sociedade, eu acho importante. Eu sempre tenho na minha cabeça que a minha geração tem que

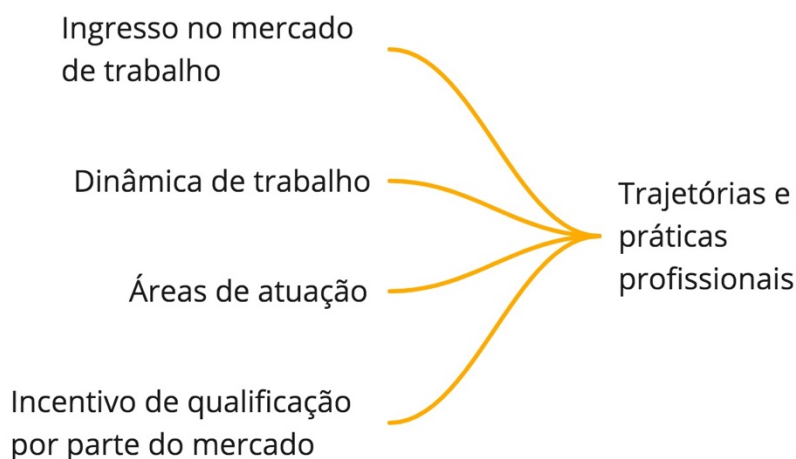
ter estudado mais do que a minha geração anterior da minha família (LORENZO, 2021).

Baldessar (2005) nos lembra que devemos ter claro que o Jornalismo sempre esteve ligado às tecnologias e seu desenvolvimento. Desde o surgimento da prensa, passando pela máquina de escrever, rádio e televisão, o cotidiano da profissão sempre envolveu essas transformações. “A cada novo invento a profissão modifica suas práticas, desenvolve linguagens, cria novas formas de mostrar o mundo através da informação” (BALDESSAR, 2005, p.58). Sendo assim, é natural, e necessário, que os profissionais se reinventem para conseguir acompanhar a necessidade constante de atualização nos diferentes contextos sociais e históricos.

4.2.3 Eixo temático 3: Trajetórias e práticas profissionais

O terceiro eixo temático da pesquisa é *Trajetórias e práticas profissionais*. Neste eixo, iremos abordar: as percepções dos entrevistados sobre suas trajetórias no mercado de trabalho e dinâmicas profissionais. Analisaremos, neste subcapítulo, seu ingresso no mercado, mudanças nas dinâmicas de trabalho, novas áreas de atuação profissional e o incentivo à qualificação profissional.

Quadro 7 - Eixo 3: Trajetórias e práticas profissionais



Fonte: a autora (2022)

Entre as primeiras gerações, aparecem relatos de experiências profissionais anteriores ao ingresso da universidade. Por vezes, até de maneira voluntária ou informal, essa foi uma das portas para a opção pelo curso de Jornalismo na graduação, confirmando a vontade dos jovens na época:

Clarissa: Eu ouvia na rádio Farroupilha um programa do comissário Bergnam, que era delegado de menores abandonados. Na época, se falava de menores abandonados, hoje, são menores em situação de rua. Eu fiquei emocionada com os programas e fui lá e disse que eu assistia a todos eles e que eu queria fazer um estágio na delegacia. Ele quase me desmontou, "guria, tá pensando o quê?! Achando que isso é a casa da tua família, isso aqui é muito duro". Só que eu consegui ficar um mês acompanhando a história dos menores abandonados. E daí com isso eu decidi que eu tinha que ser jornalista, para cobrir essa história do menor abandonado (CLARISSA, 2021).

Esther: Eu gostava de esportes - não tanto de praticar, mas muito como espectadora. E, na universidade, eu ia a todos os jogos. Eu ouvi muito rádio, sempre gostei muito de rádio. Lá, eu vi os jornalistas, que eram os estudantes da [redacted] [universidade pública da capital], trabalhando como voluntários. E eu achava aquilo lindo. Foi ali que despertou realmente o interesse, eu pensei: eu gosto de estar no meio dos acontecimentos. e daí virou a chave e eu decidi, então, fazer o vestibular (ESTHER, 2021).

Como destacado no primeiro eixo, os sujeitos, majoritariamente, compreendem o estágio como espaço imprescindível para a formação de um jornalista, tendo alguns entrevistados que, inclusive, frisam esse ambiente como o principal da formação. Contudo, também nos foi referida a polêmica sobre a obrigatoriedade do estágio. Para alguns profissionais, o estágio poderia ser substituído pela presença de ambientes práticos fortalecidos, que simulassem, de fato, a atuação profissional, mas possibilitando que os alunos tivessem mais espaço e liberdade criativa, além de não contribuir para a desvalorização e exploração profissional:

Clarissa: Estágio, na época, a gente rejeitava. A gente considerava, em termos de Unidade Nacional de Estudantes, que o estágio era uma exploração das empresas, porque se a pessoa saía formada por bons laboratórios e uma formação humanística, não tinha que se submeter a estágio. Nós rejeitamos isso nacionalmente nos congressos de estudantes de Jornalismo. Posteriormente, eu, como professora, rejeitava também. Os meus alunos na [redacted] [universidade em que leciona] realizaram, na graduação, uma coleção de livro reportagem que é hoje um fato histórico. [...] Então, se tu tem um laboratório como esse, tu acha que precisa estágio? O sujeito sai como autor, não sai como estagiário (CLARISSA, 2021).

Foram abordadas as dinâmicas de trabalho e as diferenças na atuação nesses ambientes, ao longo dos anos. Nas diferentes falas, percebemos duas ideias constantes que expressam um pouco do momento que vivemos na profissão: um passado glorioso e romântico do Jornalismo de redações em veículos, e, no outro lado, uma realidade atual conturbada, que está em crise e precarizando as relações de trabalho nesses ambientes que um dia já foram a referência da profissão:

Esther: Se tu gosta desse tipo de vida, desse tipo de trabalho, tudo bem. Agora, se tu não gosta, quer algo mais burocrático, algo fixo de segunda a sexta, com o horário certo... daí, tem que procurar outra coisa. Para trabalhar em jornal tem que ter isso. Cumprir as tarefas dentro do horário, mas os acontecimentos não têm hora (ESTHER, 2021).

Nasson: A coisa mais importante para nós, era escrever. Hoje, o mundo é muito diferente daquela época... na época de faculdade, quando eu comecei, era o Jornalismo gráfico que prevalecia. E todos nós entrávamos pensando em ser jornalista de jornal impresso (NASSON, 2021).

Fernando: os veículos impressos estarem sob pressão, porque não sabe, qual o futuro deles. Eles estão pressionados pela questão tecnológica e pelo mercado publicitário, que também encolheu. Ao mesmo tempo, também tá pressionado pelas questões políticas. Tem um cenário que tá muito sombrio, espero que melhore (FERNANDO, 2021).

Tamara: Tem uma exploração muito grande dos jornalistas, acho que as pessoas trabalham muito, ganham pouco ou na média. Acho que existe toda uma questão das métricas, dá ideia do Jornalismo de cliques, que eu acho que é bem complicado para quem tá em redação, hoje (TAMARA, 2021).

Ainda que tenhamos dividido os perfis dos profissionais por áreas de atuação, são frequentes as trajetórias compostas por múltiplas experiências profissionais em diferentes áreas. Tal diversidade está atrelada à instabilidade e à desvalorização profissional que faz com que os profissionais se desloquem em busca de diferentes oportunidades, procurando uma melhor qualidade de trabalho, remuneração mais satisfatória e, até mesmo, dinâmicas de trabalho que combinem com o seu ritmo de vida³⁵.

A dinâmica do mercado também influencia nas atuações profissionais e nas trajetórias que os profissionais acabam tendo. Refletindo sobre o passado, alguns entrevistados percebem que as suas opções de áreas de atuação foram, e seguem sendo, de certo modo, uma imposição do mercado.

Fernando: Isso a gente não leva, mercado é que te empurra. Passou-se o tempo, na década de 70 em que eu me dava o luxo de escolher onde eu ia trabalhar. Eu recebia convites e muitas vezes eu até recusava. Depois de um tempo, tu abraça o que tem (FERNANDO, 2021).

Renata: No jornal mais tradicional aqui, as pessoas só saíam quando morriam. E um amigo meu até me ofereceu uma vaga de emprego numa assessoria de imprensa. Eu falei "mas não foi pra isso que eu estudei. Eu não quero ser assessora de imprensa". Ele disse que era numa redação, era no governo do estado. "É uma redação com uma pessoa super profissional... tu vai aprender com ela. Enquanto não aparece uma vaga. Porque tu não pode ficar torcendo pra que alguém morra pra arranjar esse emprego". Porque, de fato, as pessoas só saíam quando morria. E, daí, eu aceitei. Não tinha outra opção (RENATA, 2021).

Lorenzo: [Fui para as áreas de atuação por] facilidade com o tema, domínio do tema e a primeira oportunidade que eu tinha de não ficar desempregado. Porque como eu disse, eu ia me formar em agosto e a

³⁵ Experiências como maternidade, casamentos e o estudo tem influência na opção de emprego dos profissionais.

conversa que eu tive foi em julho. Então faltava um mês para terminar o meu contrato. Eu acho que sempre foram essas coisas. Eu sempre tentei me antecipar a quando eu ia ficar desempregado ou sem trabalho para exercer. Sempre fui indo em ciclos, alguns eu errei, alguns eu deixei passar demais, mas eu sempre pensei nisso. Tentei não deixar com que o ciclo encerrasse para que eu tivesse que correr atrás, depois (LORENZO, 2021).

Há, também, uma preocupação em relação à instabilidade do mercado de trabalho. São frequentes as falas que compartilham um temor e apreensão em relação ao rumo que a profissão está tomando. “Como as principais características do novo mundo do trabalho foram equacionadas em maior exigência de produtividade e precarização, os efeitos no Jornalismo foram semelhantes” (THIBES, 2017, p.21).

Com tamanha incerteza na permanência em suas ocupações, também evidencia-se ainda mais necessária a expansão do Jornalismo para áreas diversas de atuação:

Esther: Ainda bem que abriram essas outras janelas aí, as assessorias e outras áreas. Eu vejo hoje e penso: “como é que eu consegui trabalhar 50 anos e nunca ter sido demitida?”. Não ter me preocupado que podia perder o emprego no dia seguinte. Hoje eu fico pensando, fico lá conversando... o pessoal que tá tirando [cursando]Jornalismo, deve viver numa tensão permanente. Hoje, não é sobre a tua capacidade ou a tua competência... Tu tá muito bem no jornal, na TV ou no rádio, e quando vê...te chamam lá e dizem que tem novos projetos e demitem a pessoa. Ela nem espera, é uma instabilidade muito grande. Na minha época, não tinha isso. Se tu trabalhava dentro da ética e dentro do que a profissão exige, tu estava tranquilo. Eu nunca tive essa preocupação de perder o emprego (ESTHER, 2021).

Renata: eu acho que [o mercado de trabalho] está extremamente difícil e limitado. Por isso, eu acho que as pessoas, hoje, têm que procurar outras alternativas também. Quem pensar assim “ah, hoje, eu quero trabalhar numa empresa tradicional de mídia assim...”, vai ficar difícil. As vagas são poucas, o salário pra quem está começando é baixo também. Então, tem que procurar outras alternativas. E aí, eu acho que fazer comunicação empresarial é uma opção. Não tem nenhum problema fazer comunicação pública... ou meter o próprio canal, que é o sonho de muita gente, ter um canal no *YouTube*. Ok, é legal. Mas tem que ter conteúdo. E se a pessoa estiver preparada (RENATA, 2021).

Naíla: Eu acho que quando eu entrei na faculdade, esse mercado que eu entrei hoje tava muito mais atrasado (no início). Foi quando começou a se popularizar mesmo essa questão de influenciadores. Já eram muito fortes os *youtubers*, mas esse mercado tá cada vez aumentando mais. Mas como eu me formei há pouco, não teve uma grande mudança no mercado nesse período. Teve muito mais essa questão das mídias alternativas, mas era um movimento que já estava vindo (NAÍLA, 2021).

André: Eu acho que hoje tudo é muito híbrido. Dentro do universo de comunicação, acaba sendo um pouco de cada coisa para qualquer pessoa que vem desse universo. As vagas de emprego pedem alguém sempre com formação em publicidade, ou em Jornalismo, ou em relações públicas ou em qualquer coisa que tem a ver com comunicação. Acho que tá tudo cada vez mais se confundindo dentro desse universo digital, que majoritariamente acaba sendo o destino dos profissionais da comunicação. A gente já vem vendo um crescimento no *ecommerce* e no Brasil acaba sendo um dos

destinos mais comuns que a gente vê aí dos profissionais do Jornalismo (ANDRÉ, 2021).

Outro ponto questionado, durante as entrevistas, foi se os sujeitos consideravam as novas áreas de atuação do mercado da comunicação como válidas e parte do ofício dos jornalistas. Essas tendências mais recentes tendem a mesclar as atividades de diferentes profissões da comunicação. Contudo, serão exercidas com perspectivas diferentes, considerando a formação do profissional.

Nos relatos, podemos notar que a ideia de um Jornalismo *de verdade* aparece menos atrelada às áreas e ambientes de atuação e mais com a conduta ética e profissional. Isso demonstra uma percepção preocupante de falta dessas características no modelo de Jornalismo adotado, atualmente, por alguns veículos de comunicação:

Esther: Teve um tempo que não valorizavam a assessoria de imprensa, quem trabalhava em assessoria de imprensa... os outros achavam que a pessoa não tinha dado certo ou que era cabide de emprego. Mas acho que é tão importante hoje. Para tu conseguir fazer Jornalismo nos meios de comunicação, se tu não tiver uma boa assessoria de imprensa é muito difícil. O próprio jornalista, hoje, precisa dessa ajuda do assessor [...] E essa outra parte de *marketing*, dessas outras coisas... hoje, tudo faz parte [do Jornalismo] (ESTHER, 2021).

Nasson: Estão surgindo coisas novas a cada ano, não só na tecnologia, mas em oportunidades. Agora mesmo, tu fizeste uma referência ao *marketing digital*. Essa já é uma área mais especializada do Jornalismo, entende? Na minha época, não existia essa possibilidade. Acho que o jornalista de hoje, ele tem que estar atualizado com isso de alguma maneira, independentemente dele estar trabalhando ou não, porque ele vai se relacionar com pessoas que dominam essa área (NASSON, 2021).

Renata: Se tiver conteúdo, ele [o profissional das novas áreas] não é menos jornalista. O que eu acho que é menos jornalista, é aquele que se mete, assim, sem se preparar pra nada. Achar que, por ser formado em Jornalismo, ele pode ter um canal e não precisa se preparar. Eu sento aqui e digo o que me der na telha, porque, afinal, eu tenho liberdade de expressão... isso não acrescenta nada. Mas, se a pessoa fizer, por exemplo, um canal de literatura e entrevistar escritores, livreiros, sei lá... Eu consumiria isso sem nenhum problema (RENATA, 2021).

Luana: Eu acho que há muitas formas de se fazer Jornalismo hoje, e eu não me sinto menos jornalista por estarem assessoria, muito pelo contrário, e eu sempre fui na linha do Chaparro: Jornalismo nível da fonte [...] Os jornalistas de assessorias *sérios*, eles vão procurar levar o mesmo rigor pra o trabalho de assessoria. Eu, pelo menos, tinha isso como uma premissa, pra mim. Sempre procurei trabalhar com muito cuidado com a credibilidade das informações que a gente veicula, pensando em o que vai interessar pro colega, interessar ao veículo (LUANA, 2021).

Tamara: Eu acho que tem que ter muitas alternativas e produtos. Bom, tem uma gama enorme de possibilidades que não existiam na minha época. Quando a gente se formava, ou a gente virava assessor de imprensa, ou ia trabalhar nas redações [...] E eu acho que, hoje, tem mil possibilidades. Tem muitos outros caminhos, algumas agências de conteúdo, a gente tem o Sul 21 [jornal alternativo digital], a Fronteira [agência de Jornalismo], tem

também o Nexo [portal de Jornalismo de dados], a Agência Pública [agência de Jornalismo investigativo]. Enfim, muitas possibilidades que são interessantes e são caminhos para se fazer um Jornalismo bem feito, transparente, buscando informação com apuração (TAMARA, 2021).

Natália: Eu acho que essa questão do mercado está se expandido para além do Jornalismo convencional, que são temas que a gente vê muito na faculdade, mas quando a gente sai, a gente percebe que existe Jornalismo fora dos veículos, existe carreira para além da [redacted] [grupo de mídia]. Eu acho que essas outras possibilidades são coisas positivas, como o campo da influência digital, redes sociais, novas formas de se comunicar, são outras possibilidades que estão surgindo para o Jornalismo (NATÁLIA, 2021).

Alex: Eu vejo um mercado muito complicado para conseguir emprego, e tem muito de, e eu odeio essa palavra, *empreender* sobre alguma coisa. Infelizmente, é isso que a gente vive hoje em dia. Ainda existe rádio no interior, a TV local, mas qualquer ambiente no Jornalismo para o jornalista que quer fazer Jornalismo [tradicional] é difícil. Existe um mercado novo de comunicação interna, isso tem, toda empresa média precisa de comunicação interna e aí o jornalista compete de voadora com publicitário e o RP. E essa é uma das possibilidades. Vários colegas meus também se formaram e são assessores de Vereadores, de Deputados. Mas para aquilo que eu pensava em 2015, quando entrei no Jornalismo, querendo investigar as coisas, daí é difícil... é realmente muito complicado (ALEX, 2021).

Destacamos que essa pesquisa trabalha com percepções individuais, portanto, é natural que apareçam contradições nas falas dos entrevistados. Quando questionados sobre a importância e validação de novas áreas de atuação e da pesquisa sobre áreas do Jornalismo, majoritariamente, os sujeitos afirmaram que eram ambientes válidos, representativos e importantes, principalmente, para os futuros jornalistas. Contudo, em diversos momentos esses ambientes são colocados como menores, dentro da profissão, e o trabalho do jornalista claramente relacionado à atuação em veículos:

Alex: Eu sou estudante de mestrado e eu tenho uma dificuldade de dizer que eu sou um pesquisador, porque o processo de mestrado é bem inicial e eu não consigo me dizer enquanto pesquisador. Não considero isso minha profissão. Eu sou jornalista, mas não exerço a profissão também, por eu não tenho emprego na área. Meu emprego entre aspas é a bolsa de pesquisa... eu tô nesse limbo em que eu mal sei dizer que profissão que eu tô exercendo (ALEX, 2021).

Nesse contexto, o Jornalismo tradicional aparece como o Jornalismo verdadeiro e original, que alcança a opinião pública. Entretanto, esse imaginário romântico da profissão contrasta com a realidade do Jornalismo de mercado que, muitas vezes, ignora os próprios preceitos jornalísticos, em busca por audiência, em meio à crise desse modelo de Jornalismo.

Como alternativa a esse mercado, é salientado o *Jornalismo Alternativo*, que seria um Jornalismo diferente ao modelo de mídias hegemônico, resgatando alguns

preceitos da profissão como a apuração, o interesse público, a checagem de fatos, mas também apontando uma renovação do modelo tradicional. Essas iniciativas

propõem uma outra forma de percepção da realidade cuja base de ação dialética disputa as atenções com os grupos jornalísticos dominantes, cujo propósito, em essência, é assumir este posto e de reorientar o pensamento sobre o que seria Jornalismo (CARVALHO; BRONOSKY, 2017, p.25)

Iniciativas que se enquadram nisso são apontadas como uma alternativa plausível e que deveriam ser destacadas no contexto atual para uma rearticulação do Jornalismo:

Alice: Aí [no Jornalismo alternativo], eu acho que é babado, porque aí eu vejo muita gente organizada, muito jornalista tentando fazer algo mais positivo. Muitas iniciativas muito massas. Essas coisas de *fact checking*, e outras iniciativas como *Nexo* [portal de Jornalismo de dados], *Agência Pública* [portal de Jornalismo investigativo]. Assim, a gente percebe que tem uma melhora, o *Alma Preta* [portal que trata de questões raciais] também. Isso não é nem melhora, mas a gente vê outras coisas aparecendo, é uma coisa muito positiva. Eu sigo uma *newsletter* que é *Farol Jornalismo*, porque eles estão sempre mostrando esses novos formatos, novas iniciativas, com novas propostas. Com muita gente que inclusive sai desse Jornalismo hegemônico e usa o que aprendeu nesse espaço para aplicar em uma forma que vai ser mais adequada, com mais respeito às fontes, mais cuidado com o contexto. (ALICE, 2021)

Alex: É um ambiente completamente hostil, um ambiente que, para quem quer fazer Jornalismo, não é possível, mesmo em lugares como a [conglomerado de mídia], porque a pessoa não consegue fazer um Jornalismo 100% crítico. O Jornalismo que é premiado, tu não consegue fazer isso em grandes veículos. Só se a gente estiver no ambiente de mídia independente. Aí sim. Mas para tu conseguir entrar numa mídia independente, tem que ter muitos contatos, tem que conseguir achar um nicho que seja novo, né? (ALEX, 2021)

Além disso, também surgem apontamentos destacando a importância da criação de novos espaços, para que o Jornalismo e seus profissionais possam se renovar e se adaptar. Isso também deve partir da formação profissional, as universidades precisam apresentar e preparar os profissionais para as novas possibilidades:

Esther: Eu acho que assessoria abriu também o mercado, foi uma sorte até, porque ampliou o mercado de trabalho para os jornalistas. Só focar em jornal, rádio e TV... o número de vagas é muito pequeno pelo volume de profissional que sai das faculdades. Então, cada um vai para sua área onde tem mais tendência. Hoje, qualquer jogador de futebol tem assessoria de imprensa, isso aí é tudo mercado de trabalho. Vai fazer o quê? Vai ficar só na meia dúzia nas redações... são oportunidades (ESTHER, 2021).

Clarissa: [O mercado está] difícil, né? Muito difícil. Mas sempre com um espaço para os profissionais que mantenham a sua autonomia autoral, e se desenvolvem e se aperfeiçoam constantemente. Eu acho que [eles] estão criando seus próprios espaços né? Não pode se esperar que o mercado

circunscrito, as instituições, as empresas, ou grupos fechados e em crise...que eles vão alimentar (CLARISSA, 2021).

Nasson: Ela [universidade] vai ter que abrir o leque para esses jovens e mostrar para eles que o Jornalismo tradicional não é a única escolha [...] Não podemos achar que só rádio e televisão são as opções principais e as únicas. Pelo contrário, como as redações tradicionais estão diminuindo cada vez mais, a universidade tem o dever de abrir esse leque e mostrar que as pessoas hoje podem ser *youtuber*, podem ser o que elas quiserem, fora do tradicional do Jornalismo. Mas é importante carregar com elas essa técnica e a sua ética profissional. Isso é importante, independentemente do campo novo que elas escolheram (NASSON, 2021).

FERNANDO: Tu vê que esse mercado de assessoria de imprensa tá crescendo. Eu vou usar o exemplo do Grêmio e do Internacional [clubes de futebol da capital gaúcha], que eu conhecia bem do tempo em que eu fazia cobertura esportiva. Tinha um assessor de imprensa para cada time. Hoje, eles devem ter uma das maiores redações de Porto Alegre. Hoje, não funciona só com assessoria de imprensa, é assessoria de comunicação. Esse é o mercado que daqui a pouco vai garantir espaços [...] Eu acho que esse é um caminho, tanto a assessoria de imprensa, quanto empreendedorismo e agências de conteúdo. O pessoal tá tratando muito a questão da imagem, cuidado com a imagem (FERNANDO, 2021).

Luana: Houve um tempo em que o Jornalismo era muito voltado para *hard news*, apenas, e hoje eu acho que os cursos já contemplam essas outras áreas de atuação, da produção de conteúdo, da questão da pesquisa, da assessoria de comunicação - que há muitos anos a [entidade de classe do Jornalismo] vem apontando como áreas de trabalho importantes, que empregam muitos jornalistas -e aos poucos os cursos foram se adequando nesse sentido ponto e eu acho, que isso sim, foi um avanço. Sair daquela visão de só formar repórteres, mas que também forma repórteres, não somente repórteres (LUANA, 2021).

André: Então, eu acho que o mercado de trabalho hoje é bem difícil pra pensar nessa questão de trabalhar com tudo que a gente vê durante a faculdade, tentar ser o mais fiel a esse ideário de jornalista. [...] O mercado, em geral, está muito híbrido e o jornalista acaba, para poder sobreviver, ele acaba por se adaptar a todas essas transformações. É, justamente, o ponto que me faz reforçar a ideia de que a faculdade está certa em fazer essas mudanças, esse desvio nos currículos mais tradicionais, porque a realidade no mercado de trabalho vem se impondo com uma força absurda de sucateamento (ANDRÉ, 2021).

Considerando a reestruturação da atuação do Jornalismo e da inclusão de novas áreas de atuação, também é evidente, para os sujeitos, a exigência de qualificação profissional, mesmo depois da conclusão do curso. Contudo, ainda que essa necessidade seja reconhecida, há uma valorização muito maior do conhecimento técnico (qualificação profissionalizante) do que de conhecimento teórico e reflexivo (pós-graduações *stricto sensu*):

Nasson: Como eu te disse, o ambiente da redação te obrigava a isso. Nós tínhamos reuniões permanentes para aperfeiçoamento profissional, cursos de aperfeiçoamento, os próprios colegas trabalhavam para isso. Eu tive que acompanhar até o final da minha atuação dentro da redação. Nisso, eu considero que eu me atualizei, relativamente, mas óbvio que eu não tenho a destreza de uma jovem como tu, por exemplo, de lidar com esse mundo novo (NASSON, 2021).

Renata: Isso foi uma coisa muito boa, mas tudo foi a empresa que me proporcionou, dentro do seu programa de treinamento. Ela tem programa de treinamento pra jornalistas, pra executivos, cada um dependendo da área em que a pessoa escolheu. Nessa época, eu ainda era editora. Então, eu tinha um cargo de gestão e aí eu dirigia uma equipe, pra ver como já faz tempo. Daí, depois que eu passei a ser colunista, eu só fiz cursos específicos pra coisas que eu precisava saber. Por exemplo, de *Indesign*, que é um negócio que eu não sabia e tive que aprender a lidar, que é o programa que nós usamos pra desenhar as páginas. E... edição de vídeos, rede social... N cursos (RENATA, 2021).

Tamara: Acho que é um diferencial bem importante. Porque, dentro das redações, a minha experiência me mostrou que tinha muito pouco espaço de reflexão. E como a nossa profissão é muito imediata, ela é contra o tempo, e o jornalista também trabalha muito, ele tem que se dedicar muito. São poucos aqueles momentos de reflexão crítica na profissão. Tu tem que estar sempre contra o relógio. Eu fui editora da revista e do jornal em que trabalhei e a gente tinha momentos de reuniões de análise, mas é muito pequeno esses espaços de crítica e de reflexão (TAMARA, 2021).

Alice: Na pesquisa, eu tenho me interessado muito por trabalhar com marcas mesmo, pensando em pesquisa para marcas, que tem tudo a ver com comunicação e com o que eu faço na academia. Mas agora, minha crítica vai à academia brasileira, que é um lugar muito precarizado, mais precarizado que o Jornalismo. Então, não tem como seguir a carreira acadêmica e apenas sobreviver da tua bolsa, morando em uma grande capital e querendo ter uma vida mais ou menos confortável, sem ter outros facilitadores, como casa própria e essas coisas. Então, eu não me vejo sendo só acadêmica. Mas é isso, comunicação, academia, todas essas coisas podem me levar para um lugar positivo. E parece que a gente pode fazer muita coisa sendo jornalista. É uma formação para muita coisa (ALICE, 2021).

Lorenzo: Eu sempre penso que aquilo que eu for estudar tem que me ajudar também na profissão. Pode me ajudar agora... se eu fizer um curso de *Design*, pode não tá ligado ao Jornalismo esportivo, mas daqui a pouco eu quero trabalhar em assessoria, ou em outra coisa, pode vir a me ajudar. Acho que sempre tem que pensar um pouco nisso. Por isso, eu não penso tanto em voltar para o meio acadêmico. Hoje, eu não vejo tanta necessidade, ou exigência, no mercado de trabalho (LORENZO, 2021).

É perceptível a falta de estímulo, por parte das empresas, para que os profissionais sigam os estudos depois de formados. Além disso, é constante o sentimento de que o prosseguimento dos estudos, principalmente focados na pesquisa e na reflexão teórica, não garante um retorno (valorização e remuneração) condizente no ambiente profissional, o que faz com que a escolha de realizar uma pós-graduação, por exemplo, não se justifique, muitas vezes:

Manuel: Olha, sempre é bom estudar, né? Sempre é bom estudar, mas isso não pode macular a tua carreira. Olha, tu decidiu, "vou estudar", e tu não trabalha, porque tu está só estudando... tu não tem tempo pra trabalhar, né? No meu caso, eu trabalhei, trabalhei pesado. E estudei também. Mas a minha turma, é o que eu te digo, ela era muito ativa (MANUEL, 2021).

Renata: Então, eu cheguei até a começar, junto com esse trabalho, uma pós-graduação na universidade privada. E, em julho, eu recebi a proposta pra trabalhar na Rádio [REDAÇÃO] [emissora de rádio da capital] e eu tive que fazer uma opção, se eu continuaria na pós-graduação ou se eu iria

pro mercado. Aí, eu avaliei que era mais importante pra mim o mercado (RENATA, 2021).

Nina: Acho que [o mercado atual] também é injusto, porque, como jornalista, a gente não ter a obrigatoriedade do diploma, e daí também não tem uma valorização tão grande dos profissionais que estudam tanto. Então, mesmo tendo uma pós-graduação, um mestrado, um doutorado... não quer dizer que tu vai ser considerado o repórter que tem mais conhecimento na casa. Não te garante nada disso, talvez tu esteja no mesmo patamar de alguém que nem se formou e está aí contratado, entendeu? (NINA, 2021).

Lorenzo: Dependendo da área da profissão em que tu vai atuar, não é impossível, mas é 90% impossível conseguir estudar. É bizarro o quanto é difícil, eu não consigo me imaginar hoje estudando, seja uma nova graduação, uma especialização. Para fazer um curso de edição de vídeo, que eu tô tentando desde janeiro, foi um parto. Então, eu fico me imaginando... imagina se eu fizesse mais especialização [...] Agora, eu acho que também parte muito da chefia entender, porque eu lembro que um dos chefes, ele tinha feito o mestrado. E ele desdenhava o mestrado que ele tinha feito. Então, imagina eu querendo fazer uma especialização, sabendo que eu ia enfrentar um preconceito por ser o chato dos horários e trocar a escala, sabendo que uma pessoa que já tinha feito duas etapas acima da minha não valorizava...o que que ele ia pensar? (LORENZO, 2021)

Além disso, ainda que a pesquisa tenha ganhado mais espaço e relevância na formação dos profissionais, vivemos um momento político em que a ciência é negada e sucateada. Por isso, optar por seguir na academia se torna uma decisão mais complexa e que não se adequa a muitas das realidades dos profissionais:

Tamara: A gente teve, nesses últimos anos, desde o início do [governo] Temer, a pesquisa passou a ser uma coisa muito difícil no país. Eu acho que a gente incentiva muito dentro da sala de aula, mas como diminuiu muito o investimento, diminuiu muito as bolsas... eu sinto isso, principalmente, no governo Bolsonaro. As pessoas ficam pensando como que vão viver disso, como vão fazer pesquisa. Mas o pesquisar em si, eu acho que é incentivado pelos professores em sala de aula, isso sim. Acho que tem essa pretensão, esse interesse dos professores. Mas sem dúvida nenhuma, passou a ser algo que perdeu força pela falta de incentivo e pelas críticas do atual governo (TAMARA, 2021).

Alice: Eu me formei e eu não sei muito bem como tá. Mas eu acho que se a gente seguir pelo menos com essa coisa da democratização do ensino, mais bolsas, mais cotas. Coisas que pararam nesse governo... Eu acho que isso já é um bom caminho (ALICE, 2021).

André: A gente não percebe que, talvez, isso seja uma das possibilidades para a profissão. Essa ideia entra muito mais próximo do período da conclusão do curso, com o TCC, que temos mais esse debate de produção científica e toda essa possibilidade que a gente tem dentro do universo acadêmico, de participar de eventos e escrever artigos por exemplo, e desenvolvendo o lado científico. Eu tinha um pouco de noção que esse universo existia por ter passado pela graduação de Ciências sociais, em que tudo que tu faz a produção científica (ANDRÉ, 2021).

Alex: Bolsista de iniciação científica ganhar r\$ 400, é um absurdo! É muito absurdo! Ainda mais que eles exigem dedicação exclusiva e são só r\$ 400. Mas isso foi uma escolha que eu fiz, porque eu me desencantei um pouco com o mercado de trabalho do Jornalismo. Porque além de ser muita panelinha, é muito difícil conseguir, mesmo pelo contato. E não que a área

acadêmica não seja assim, mas eu vi ali uma possibilidade menos precarizada do que o Jornalismo, ainda que seja precarizada (ALEX, 2021).

Além disso, os entrevistados salientam a importância do estudo e qualificação para o exercício da profissão de forma responsável e correta:

Nina: A gente também tem que tirar essa percepção de que é uma faculdade fácil. Tudo bem, tu pode passar sendo mediano, mas tu tem que estudar, estudar muito e estudar de tudo. Tu tem que entender como é que funcionam as relações. Tu vai estudar a vida inteira, cada momento que tu recebeu uma pauta tu vai estudar e aprender. E acho que isso a gente perde um pouco. Eu vejo muita gente falando que acabou a faculdade e não precisa mais estudar. Não! Entendeu tudo errado. Tu vai precisar estudar para sempre. É depois que começa a pior parte, porque antes tu só estuda comunicação, a prática, e as ferramentas da comunicação. Mas a informação que tu vai tratar, tu vai ter que estudar isso diariamente (NINA, 2021).

Natália: Acho que em qualquer profissão é importante [seguir estudando], até porque a comunicação está sempre se transformando, sempre abrindo novas possibilidades, então, é importante tu manter algum vínculo. Fazer um curso de extensão, fazer, uma pós fazer um mestrado. Para que tu não perca essa coisa de saber o que está acontecendo, porque daí, tu começa a conversar com pessoas que também estão buscando isso. É importante estar se atualizando (NATÁLIA, 2021).

Alice: Porque o mundo não para, né? A gente se forma, mas o mundo não para. Eu sou dessas. Todo mundo tem que estudar, todo mundo tem que ler. E não precisa ler o autor russo ou um sociólogo, mas a gente tem que tentar entender o que tá acontecendo. E se a gente tem o trabalho de tentar identificar os fatos e os acontecimentos que vão virar uma notícia, que são noticiosos, a gente tem obrigação de entender a sociedade que estamos inseridos (ALICE, 2021).

O ambiente do estágio aparece como local de partilha de conhecimentos e ensinamentos. Os sujeitos apontam que tem um cuidado de transmitir o que aprenderam para os seus colegas, assim como aprendem com eles. Dentro dessa relação, também notamos que aqueles que tiveram essa troca presente com seus chefes e professores tendem a passar isso adiante, instruindo e auxiliando seus subordinados no futuro:

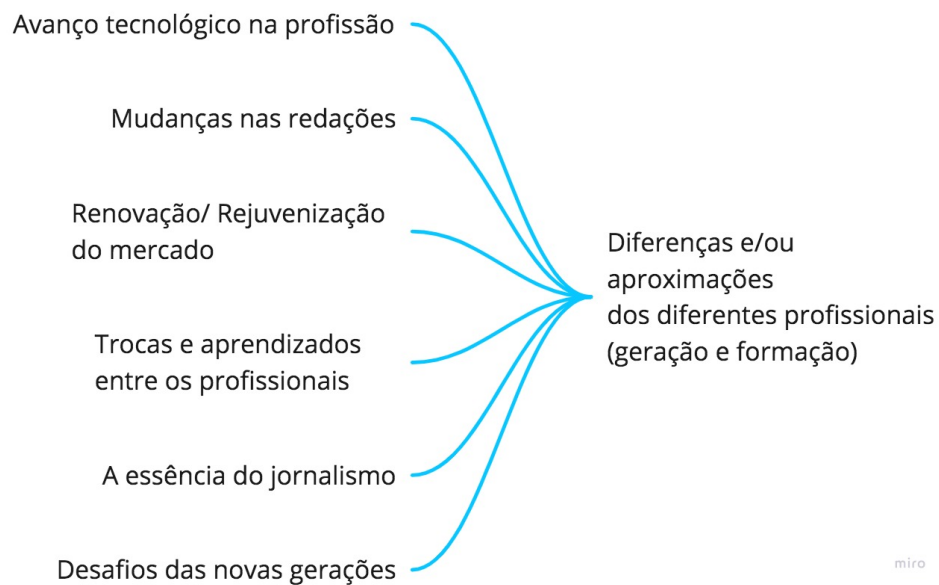
Nina: Eu lembro disso o tempo inteiro, dos elementos que os professores traziam para a sala de aula. Em prestar atenção em alguns detalhes, escrever de tal forma. Às vezes, eu tô editando algum texto dos meus produtores e tô lembrando deles falando. Isso, eu tento passar para os estagiários também como fazer, por onde começar, questionar o que que impacta eles. E é curioso também ver esse crescimento deles, porque o que eu aprendi lá na universidade e eu tô trazendo para minha prática, eu também estou repassando para minha equipe, porque talvez eles não tenham tido algum professor assim (NINA, 2021).

No entanto, percebemos que essas relações de trabalho e trocas de ensinamentos acabam ficando mais escassas nas novas áreas de atuação dos jornalistas. Com trabalhos cada vez mais individualizados, com um profissional acumulando funções, a oportunidade de trabalho em equipe ou compartilhamento da produção torna-se mais difícil.

4.2.4 Eixo temático 4: Diferenças e/ou aproximações dos diferentes profissionais (geração e formação)

Denominamos nosso quarto eixo temático de *Diferenças e ou aproximações dos diferentes profissionais idade e formação*. Descrevemos esse eixo da seguinte forma: reflexões sobre as percepções e relações entre diferentes gerações na atuação profissional. Iremos analisar os avanços tecnológicos na profissão, as mudanças nas redações, a renovação/*rejuvenização* do mercado de trabalho, as relações de trocas e aprendizados entre os profissionais, a essência do Jornalismo; os desafios das novas gerações na profissão.

Quadro 8 - Eixo 4: Diferenças e/ou aproximações dos diferentes profissionais (geração e formação)



Fonte: a autora (2022).

Como já discutimos nesta pesquisa, as mudanças tecnológicas e sociais modificaram todo o ensino, prática e atuação do Jornalismo.

Em um novo ambiente, o Jornalismo — bem como toda a Comunicação Social — precisa atualizar sua práxis, atingir seu público em locais diversos e conquistá-lo com narrativas, conteúdos e linguagens inovadoras (VASCONCELLOS, 2020, p.51).

Considerando isso, é inegável que o novo ambiente do Jornalismo está diretamente ligado às tecnologias de que dispomos hoje, ainda que essas tecnologias não devam ser encaradas de forma isolada, mas considerando a conexão humana estabelecida com elas (LOPES, 2011). Por isso, iniciaremos a análise deste eixo trazendo as problemáticas e as potencialidades percebidas pelos entrevistados em relação aos avanços tecnológicos e suas dinâmicas de trabalho,

Os sujeitos apontam que os avanços tecnológicos facilitaram algumas atividades da profissão, deixando o profissional com mais autonomia e recursos para conseguir as informações que busca:

Esther: Na nossa época, era tudo olho no olho. A gente tinha que ir direto no local, saía com as pautas e ia para Secretarias [do Estado]. Chegava lá e tinha que ficar esperando para falar com o secretário. Às vezes, chegava lá e a pessoa tinha viajado e a pauta morria, porque a pessoa tava viajando. Hoje, não. Tu pega o [número do] celular, se tu já tem, ou o assessor te passa o contato e ele pode estar lá na Cochinchina que ele fala contigo. Isso aí foi uma evolução tremenda. Comecei lá onde não tinha nem telefone direito, e terminei aqui na internet e as redes sociais. Acompanhei tudo isso (ESTHER, 2021).

Renata: Então, eu me divirto bastante trabalhando, as redes sociais mudaram muito a nossa realidade. Tornaram o nosso trabalho bem mais complicado. Mas, mesmo assim, acho que enriqueceu bastante e a gente é desafiado todos os dias (RENATA, 2021).

Luana: O Jornalismo investigativo, acho que isso foi um grande avanço. No meu tempo, não existia muito, até porque a gente não tinha muito dos recursos tecnológicos como temos hoje pra fazer apuração, cruzamento de dados, Jornalismo de dados, guiado por dados. Acho que foi um dos grandes avanços que as gerações mais recentes tiveram, né? Elas passaram a ter uma formação mais técnica, mas ao mesmo tempo com muito mais recursos de apuração (LUANA, 2021).

André: O Jornalismo nas redes sociais, ele tem esse grande problema, principalmente, que a gente não sabe como fazer pra ganhar dinheiro com isso. Mas, ao mesmo tempo, é uma das tantas possibilidades que a gente tem de campo pra estar trabalhando e pra estar entendendo como o nosso produto, e como essas questões mais essenciais, podem estar sendo trabalhadas onde as pessoas estão (ANDRÉ, 2021).

Contudo, a tecnologia sozinha não desenvolve o Jornalismo. O ensino e o exercício das habilidades necessárias para um bom jornalista ainda se fazem

primordiais. Ao compreender as vantagens, mas, também, as limitações da tecnologia, isso nos põe como central a nossa capacidade intelectual para lidar com esses desafios e novas possibilidades. “Se a era industrial precisava de mão de obra para tocar as máquinas mecânicas e elétricas, a era do conhecimento vai requerer cérebros operantes, para extrair da informação eletrônica o que ela pode dar de melhor” (MEDITSCH, 2012, p.120). É isso o que se verifica:

Luana: Acho que é isso que eu já te comentei, uma formação mais técnica, uma capacidade de apuração, tecnologia para levantar mais dados. [...] Acho que isso tudo facilitou, mas tá faltando aproveitar mais isso tudo. Aproveitar e interpretar. É o que a gente diz para os alunos no TCC, um gráfico é um gráfico, a gente tem que extrair mais do que só os números dele, o que eu posso relacionar com o passado? História, contexto, a gente também tem que ser capaz de fazer isso no Jornalismo (LUANA, 2021).

André: Mas eu acho que, principalmente, com essas questões estratégicas mesmo, de conteúdo, para buscas orgânicas no *Google*, o que é algo que o [portal de notícias nacional], por exemplo, faz muito bem, de destacar algumas partes do texto. Coisas que a gente vê como estratégias de *marketing* em empresas e de conteúdo publicitário trazem mais naturalidade, e o Jornalismo, às vezes, acha que é só fazer o feijão com arroz básico que vai dar conta, quando o universo digital tem toda essas transformações e que é mais uma das coisas que a gente pode estar sendo os agentes da mudança (ANDRÉ, 2021).

Nesse cenário, com as redes sociais e a ampliação do espaço de produção de conteúdo, o papel do jornalista se torna ainda mais importante para apurar, dar credibilidade e divulgar informações com responsabilidade:

Clarissa: Então, eu acho, assim, que há um grande universo de platitudes e de opiniáticos... que estamos na era dos comentaristas, opiniáticos. Há um fechamento em guetos, com as redes. Há também uma certa claustrofobia de egos. Mas no meio dessa circunstância, como sempre aconteceu na história, há destaques de autores. Então, se eu vejo um autor desses... por exemplo, [alguém que] está no Afeganistão, fazendo uma cobertura e me trazendo, não aquelas platitudes de lados dicotômicos - eles e nós, os bandidos e os mocinhos - não, mas que consegue espiar as contradições, que consegue espiar as sutilezas. Nossa, eu me agarro, imediatamente, e fico otimista, porque há autores a nossa volta (CLARISSA, 2021).

Esther: Eu acho que mudou bastante, até porque a gente não tinha as informações que hoje nós temos. A gente não contava com esses recursos para obter a informação, era difícil, e para divulgar também. Hoje, não. Hoje, o pessoal não precisa nem ser jornalista, todo mundo agora faz, com as redes sociais. Se, por um lado, ampliou isso; por outro, eles escrevem o que eles querem e sem responsabilidade. Mas o Jornalismo em si eu acho que é muito importante para divulgar e para dar veracidade às coisas, às notícias. Pelo menos tem uma responsabilidade no noticiário (ESTHER, 2021).

Vânia: Porque eu vejo, assim, que tem muita informação na internet que não é passada pelo crivo do Jornalismo. Pessoas que não tem a formação do Jornalismo, estão escrevendo como se fossem jornalistas. Aquela velha discussão do diploma, de que a gente participou muito, a

necessidade de se fazer o curso, e etc. Então, isso tudo está em aberto... É uma discussão que ainda está para ser feita (VÂNIA, 2021).

Renata: Eu mesmo, estando já com quarenta anos de profissão, eu não perdi esse brilho no olho. E eu acho que nós [jornalista] seremos importantes ainda. Pode ser que seja uma ilusão... que daqui a pouco a vida revele que nós somos irrelevantes. Mas eu continuo achando que o Jornalismo é importante pra melhorar a sociedade e, principalmente, nesse momento, né? Pra livrar a sociedade da loucura que são as redes sociais, com as notícias falsas que elas distribuem. A gente vai ter que ficar, mais do que nunca, atento, né? Na minha área, principalmente, é uma luta diária e tem horas que dá um certo desânimo de pensar "eu estou perdendo meu tempo aqui pra esclarecer uma coisa tão evidente", mas é meu papel (RENATA, 2021).

Luana: eu acho que a pandemia foi um divisor de água. Ela mostrou a força do Jornalismo profissional para combater *fakenews*, valorizar a vacinação, mostrar os números. O consórcio dos veículos eu acho que foi uma coisa muito importante, teve um fortalecimento da mídia tradicional para contrapor a enchente de notícias falsas e coisas sobre os medicamentos sem eficácia (LUANA, 2021).

As transformações tecnológicas também afetaram, de maneira muito negativa, as dinâmicas de trabalho e os produtos jornalísticos. A instantaneidade, acúmulo de funções, a viralização nas redes, o Jornalismo de cliques e a criação de novos mercados, foram alguns dos pontos destacados pelos entrevistados sobre o impacto dessas mudanças no trabalho dos jornalistas.

Tais mudanças não surgem a partir de inovações tecnológicas, apenas, mas, certamente, estas aceleram alguns processos que já estavam em curso e dão outra dimensão para o cenário que observamos hoje:

Renata: tem um impacto negativo evidente. Antes, eu escrevia um texto, eu podia ficar lambendo esse texto pra melhorar. A digitalização, ela te obrigou a ser muito instantâneo. Não só pra mim, acho que impactou no Jornalismo de um modo geral. Os textos pioraram. De um modo geral, pioraram. Porque, assim, ninguém tem o que eu chamo de tempo [revista de Jornalismo literário], né? Porque, na [revista de Jornalismo literário], tu tem três meses, seis meses, pra produzir uma reportagem. Tu pode escrever, ficar escrevendo, ninguém vai ficar te cobrando. Aqui, tem que entregar, porque o concorrente vai dar daqui a pouco. A instantaneidade, ela te obriga a isso. Ela acabou tornando os textos mais pobres, de um modo geral, eu acho isso triste pro Jornalismo. Eu gostaria que a gente ainda pudesse ter mais cuidado com o texto, mas tudo é um pouco atropelado... por essa realidade do tempo. O tempo digital é outro, completamente diferente do tempo analógico (RENATA, 2021).

Tamara: Agora, o que acontece é que em alguns espaços se perde um pouco as finalidades essenciais do Jornalismo. Então, alguns espaços são meio que um tiro no pé do Jornalismo. É o Jornalismo atirando no próprio pé. Não percebendo que o mais importante é a informação. Claro, a grande dificuldade que existe hoje é como monetizar isso. Como sobreviver nessa enxurrada de informações que a gente tem hoje por todos os lados, em todos os formatos. E acho que o Jornalismo precisa se diferenciar, reafirmando as suas características fundamentais (TAMARA, 2021).

Lorenzo: E outra coisa que eu enxergo, é que nem todo mundo é jornalista. A gente tá vivendo num momento um tanto perigoso, que o

influenciador tá virando jornalista. E daí, aqui volta a questão do diploma. Falta essa responsabilidade. Apresentadora de TV e comentarista, pode ser qualquer coisa, menos jornalista, ou até mesmo, comunicador. Então, isso é perigoso porque, número 1) tu desvaloriza a profissão. 2) com isso, tu abre um leque para as outras profissões, mas fecha para gente[...] E eu acho que hoje a gente é muito o *twitter*, muito *microblog*, sabe? Eu me sinto um pouco contaminado com isso, às vezes eu me deixo levar, porque eu não vou negar, é muito bom viralizar no *twitter*, é muito bom as pessoas te seguirem, a sensação de estar sendo visto e consumido. Mas se a gente parar para pensar é um pouco errado, em termos de notícia. Porque a notícia não é um *tweet*, talvez a manchete possa ser um *tweet*, ou uma chamada, um *lead*. Mas isso não é uma notícia. Tu não tem como tu dá uma informação completa no espaço de um *tweet* (LORENZO, 2021).

As redações, que antes eram o principal espaço de exercício do Jornalismo, hoje, estão tendo que se reinventar, assim como seus profissionais. Atualmente, percebemos essa adaptação da profissão, principalmente, para o formato *online*.

Novas rotinas produtivas e novos formatos para o conteúdo jornalístico emergem. Tais mudanças podem ser atribuídas à possibilidade de acesso a informações por meio de bases de dados, à convergência de mídias e de redações e à proliferação de mídias institucionais e de ferramentas de auto publicação”. (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p.45).

Tais mudanças estão presentes nos depoimentos, tanto pelas vivências dos entrevistados, quanto por relatos de colegas da profissão:

Esther: Hoje, não tem isso do furo de reportagem, isso era aquela notícia exclusiva, hoje é difícil de se conseguir, até porque sai uma notícia e já se espalha pela internet e todo mundo já sabe. Quando chega no jornal, já chega defasado, mas na época, não, as notícias chegavam através dos jornais. E a gente buscava notícia exclusiva. Eu saía do jornal com a pauta, com três pautas que era o normal, e tentando trazer seis de volta. Eu ia pegando as coisas diferentes, andava na rua observando (ESTHER, 2021).

Nasson: Nós estamos, e alguns professores já devem ter te falado, a gente tá fechando o parênteses de Gutenberg, que começou lá em 1400 e tantos com a invenção da prensa. Agora, tá sendo fechado com a substituição do impresso pelo digital. Então, primeira coisa que um estudante tem que perceber é como que ele vai se posicionar nesse mundo novo, multimídia e de ampla comunicação instantânea. Entender no que ele quer atuar nesse mundo (NASSON, 2021).

Renata: Mudou muita coisa. A começar pela divisão de funções. Em alguns países, ainda é algo controlado pelos sindicatos. Eles não deixam que o repórter redija, ou tenha outras funções. Hoje, as funções foram se acavando. Além disso, a gente dá muito mais importância pro digital, pela instantaneidade. O digital foi avançando de uma forma muito forte. E, hoje, se a gente não entrar no meio digital, tu também está fadado, a daqui a pouco, se tornar obsoleto, né? A transformação digital é uma realidade pra todos nós. Eu acho que essa é a coisa mais visível na nossa profissão (RENATA, 2021).

Alice: É tudo rápido, não tem muito tempo para tu elaborar e conseguir maturar as coisas. É tudo para agora e as redes sociais deixam essas coisas mais intensas ainda. Eu lembro que a [redacted] [jornal de relevância na capital] tinha um gráfico de quais matérias que estavam sendo mais acessadas, e quanto mais acesso maior a chance de continuar matérias

naquele sentido. E isso é muito negativo. É difícil fazer um julgamento de algo que é feito tão rápido. Por isso, eu acho que a formação é tão importante, porque se tu já tem uma formação, tu já vai chegar no fato com outros olhos (ALICE, 2021).

André: Eu acho que essa visão acaba surgindo um pouco mais conforme a gente vai tendo mais contato com universo do mercado de trabalho, que exige profissionais cada vez menos jornalistas teóricos e mais um pouco de cada coisa, um faz tudo de todas as áreas e trabalhando de todos os jeitos (ANDRÉ, 2021).

Nina: Eu percebo muito que essa coisa da rede social, de a gente ter tudo muito volátil e tudo mudar o tempo inteiro, e essa pressão, faz com que a gente esqueça um pouco de contexto (NINA, 2021).

Esse processo é difícil e dolorido para profissionais que viveram a experiência do Jornalismo impresso forte e de peso, no passado, ou para aqueles que sonhavam em ocupar esse espaço que, hoje, vem perdendo força:

Fernando: Eu tenho falado muito com eles [colegas de profissão] e eu observo uma desesperança. Isso me dói um pouco, muita angústia e desesperança. "Eu vou partir para outra, não quero mais isso", essas coisas. Era muito comum, antigamente, tu ficar além do expediente conversando, trocando ideia. Hoje, isso não existe mais nas redações. O cara quer sair logo para casa... agora também o pessoal tá trabalhando de casa, é outra questão, como que os veículos vão se reinventar. Vai ser meio híbrido isso aí. Vejo muitas pessoas angustiadas e com dúvida se fizeram o curso certo, mas agora é tarde (FERNANDO, 2021).

Luana: O mercado está difícil. Hoje mesmo, um colega de faculdade, da minha idade, me disse que tá 8 meses desempregado. E é um cara que tem nome no mercado. E eu disse para ele, se para nossa geração é difícil, imagina para quem tá começando. Então, eu acho que é muito difícil esse mercado hoje. Eu não desestimelei ninguém, mas eu fico feliz que a minha filha vai para outra área. Porque é um mercado muito difícil, só que ao mesmo tempo é um mercado apaixonante (LUANA, 2021).

André: Se a gente quer trabalhar com o Jornalismo *hard news*, a gente vai estar sujeito a trabalhar numa redação com menos gente do que deveria, trabalhando muito mais do que se poderia se trabalhar de maneira saudável. Tudo isso em nome de um ideal que cada vez mais se mostra vazio, por conta das transformações que vem acontecendo na sociedade. Esse mercado de trabalho vem devorando os sonhos de quem deseja ser um jornalista *hard news*. [...] É uma *uberização* do Jornalismo, de viver como *freelancer*, escrevendo para quem tá precisando de conteúdo o tempo inteiro, para qualquer coisa que seja, qualquer coisa nesse segmento de *e-commerce*, é o que vem sendo muito mais preponderante do que as vagas para trabalhar essencialmente com o Jornalismo. E aí, de novo, essas vagas que pedem, ou jornalista, ou publicitário, ou relações públicas, ou... então, esse jornalista mais coringa se faz necessário para poder ter um pouco de sobrevivência no mercado de trabalho, que é totalmente híbrido (ANDRÉ, 2021).

Alex: Eu percebo é o desmonte das redações, que como a gente via antigamente não existem mais. A redação da [redação] [grupo de mídia da Região Sul] que existia antes, hoje, não existe mais. Coitado da [redação] [jornalista do grupo], eu não sou o maior ouvinte dela, mas eu sei que ela está na rádio, no *site*, no jornal... deve estar até vendendo pamonha. Ela é o símbolo da polivalência do Jornalismo que, de fato, na prática, é a precarização da profissão (ALEX, 2021).

Entretanto, mesmo enfrentando desafios no mercado, principalmente em ambientes de redação tradicionais, os entrevistados identificam maior preparo e recursos para a preparação dos jornalistas, o que possibilita às novas gerações seguirem desenvolvendo a profissão.

O que é necessário é criar um espaço fértil e garantir oportunidade para que essas habilidades possam ser exploradas na adaptação do modelo de Jornalismo, para que consigamos incorporar os benefícios tecnológicos, sem perder a essência e os valores do Jornalismo:

Esther: Acho que isso daí depende muito do aluno, também. Se ele tá realmente interessado. Mas acho que hoje a gente vê a evolução desses novos repórteres que estão surgindo nas TVs e nos rádios. Acho que os professores estão cumprindo com a função de orientar, mostrar na prática o resultado, senão não teria essa turma tão boa que tá surgindo. Tem uns que não são tão bons, mas outros são. Uma nova geração. Hoje também tem mais ferramentas na época não se tinha muito. Mas é isso, Jornalismo evoluiu bastante, foi evoluindo (ESTHER, 2021).

Nasson: Eu acho que os jovens de hoje recebem um preparo técnico maior do que o que a gente recebia, evidentemente. Até porque as exigências são maiores também. Mas eles estão muito preparados. Todos os jovens que eu contratei ou ajudei a contratar a, a gente ficava admirado do preparo deles, falavam mais de um idioma, dominavam toda a tecnologia de comunicação, nisso eles eram preparados. Faltava só aquela bagagem cultural e aquela visão da prática (NASSON, 2021).

Renata: A minha [antiga] universidade tem muito isso, hoje, de trabalho prático. E, às vezes, eu vejo que os alunos saem muito bem em matéria de saber fazer, saber desenhar uma página, saber editar um vídeo, saber mexer com rede social. Eles têm bastante noção (RENATA, 2021).

Lorenzo: A gente enfrenta muita resistência interna dessas chefias mais velhas, mais conservadoras. Na época das *lives* no *instagram*, que todo mundo tava fazendo, eu sugeri que a gente fizesse uma *live* com entrevista durante uns 15 minutos todo dia, e o chefe falou que não. Ele disse que a gente era pago para ganhar audiência para o *site* e não entendia que a audiência do *instagram* podia reverter para audiência do *site*. E depois quando a gente teve que fazer a cobertura das olimpíadas de Tóquio e teve uma parceria comercial, no meio a gente foi obrigado a fazer *lives*. Então, tem um conflito de, às vezes, não aceitar a ideia dos mais jovens, mas daí, quando chega do comercial, daí, aceitam e acabou (LORENZO, 2021).

André: Eu acho que a nossa geração, quem nasceu entre 90 ou 95, já foi muito mais educada dentro desse universo digital. Quem não foi totalmente imerso no universo, pegou a transformação. Então, eu acho que é muito mais fácil para a gente ter uma percepção mais clara e mais objetiva de como as coisas são no mundo de hoje do que outros profissionais. (ANDRÉ, 2021)

Os entrevistados também destacam a preocupação com uma *rejuvenização* dos jornalistas, ou seja, demissões de profissionais mais antigos para contratação de uma mão de obra mais jovem, e, por consequência, mais barata. “Esse procedimento acirra a rotatividade e permite a manutenção de salários baixos” (BALDESSAR, 1998, p.82). Ao mesmo tempo que percebem a necessidade da renovação, também se

preocupam com o descaso com os profissionais mais velhos e com a perda de qualidade dos produtos jornalísticos:

Vânia: Eu observo que os veículos preferem contratar a gurizada, que recém saiu da faculdade, porque é mais barato. Isso prejudica o Jornalismo. Não que a gurizada não tenha condição de melhorar, mas ainda... enfim, não tem a formação completa. Tu só completa tua formação quanto tá no mercado de trabalho, no dia a dia, na correria, aí é que tu vira jornalista mesmo (VÂNIA, 2021).

Nasson: Eu nunca tentei sair. Eu estaria até hoje, se não fosse a chamada fadiga dos metais. Chega um tempo em que as pessoas têm que dar um lugar para as outras, para poderem se renovar e eu compreendo isso perfeitamente. Eu saí completamente conformado que já tinha completado meu ciclo dentro da redação e eu podia dar outro tipo de contribuição fora (NASSON, 2021).

Fernando: [O mercado] está muito restrito, especialmente, nos veículos. Cada três ou quatro meses tu vê uma leva de profissionais que são descartados. E, às vezes, são profissionais de muita categoria e qualificação. E por que esses são os preferidos pra serem descartados? Porque são aqueles com mais tempo de casa e maiores salários. Hoje, a questão é reduzir custo (FERNANDO, 2021).

André: A gente percebe que muitos jornalistas mais velhos estão desempregados por conta de não ter tanta experiência nessas novas áreas, ou por não ter tanto conhecimento técnico nessas áreas e a gente sabe que a mão de obra mais jovem é mais desvalorizada e mais barata. Mas ao mesmo tempo, esse não é o único fator determinante (ANDRÉ, 2021).

Essa substituição da mão de obra, no Jornalismo, prejudicaria a profissão, limitando o potencial do ambiente de trabalho enquanto espaço de troca de aprendizados e experiências entre diferentes gerações.

Outro apontamento frequente é a necessidade de aprofundamento na produção dos profissionais mais novos. Nas falas dos entrevistados, essa característica vem muito vinculada à ideia de experiência perdida pela falta dos jornalistas mais antigos.

Os sujeitos avaliam essa relação entre profissionais mais antigos e mais novos como algo proveitoso para a construção da notícia e divulgação da informação. Além deles (jornalistas mais experientes) terem um papel educativo para os mais jovens, no mercado, eles trazem referências e contextos para as produções, enriquecendo-as. Mas reconhecem que há uma relação entre a diminuição de qualidade do Jornalismo e as demissões de profissionais mais antigos, principalmente nas percepções das primeiras gerações.

Podemos relacionar esse contexto com as demissões de professores da área, reconhecendo essas mesmas problemáticas no ambiente acadêmico. Se, no mercado, os profissionais com maior experiência e inserção são demitidos por conta

dos salários altos, na academia, professores pesquisadores e com longas trajetórias no campo são liberados, desqualificando a educação de certas instituições

Esther: Eu sempre me dei muito bem com as novas gerações, e até porque eu era mais antiga eles diziam "qualquer coisa consulta a Esther". Eu sempre mantive uma boa relação com eles, até depois de ter saído (ESTHER, 2021).

Vânia: Na assessoria é mais tranquilo porque, tu tem uma linha, um formato de comunicação, que não tem muito como sair desse formato. Nós tínhamos, por exemplo, reuniões semanais para analisar o trabalho da semana para entender o que poderia acontecer na semana seguinte. Isso, a gente fazia com toda redação e com o pessoal de RP e publicidade, todo mundo participava. Então, isso nos dá uma boa perspectiva de companheirismo com as pessoas mais jovens e quem já estava mais tempo (VÂNIA, 2021).

Nasson: O problema é que não adianta tu ter a ferramenta, se tu não tem o conteúdo. O casamento das duas coisas é que acabou sendo importante para os antigos e para os jovens. [...] Essa aproximação é lucrativa para os dois lados, e eu já me coloco do lado que eu tava, que não tinha as ferramentas, mas tinha um pouco mais de roupagem na questão do conteúdo. O convívio na redação, me fez muito bem, justamente, por receber essas turmas jovens que sucessivamente foram entrando, porque nós aprendemos muito com eles. E no Jornalismo, a gente aprende todos os dias. Ninguém sabe tudo e amanhã tenho lição nova para aprender [...] eu acho que os jovens nos ajudaram muito, eu considero que aprendi bastante nos últimos tempos com a garotada que entrou. E tem um momento, que a gente percebe que o lugar é deles, ou seja, eles devagarinho vão tomando conta e trabalhando para isso (NASSON, 2021).

Fernando: Eu já fui veterano, a relação que eu tinha com os outros também era igual. Dois ou três anos depois [de entrar na redação], às vezes, até menos, era [uma relação] de igual para igual. Quando tu acende a uma função de chefia numa redação, tu te obriga a ouvir as camadas mais de baixo. O que que eles acham, porque eles que estão com o contato de verdade na rua (FERNANDO, 2021).

Renata: Então, eu acho vocês, jovens, levam uma vantagem muito grande nessa coisa digital. E penso que nós levamos vantagem no quesito profundidade mesmo, né? Essa coisa de não se enganar pelas fontes, porque é justamente uma coisa que a gente sabe menos pro diabo do que pro velho, né? (RENATA, 2021).

Tamara: o que aconteceu muito é que as redações ficaram muito mais jovens. Muita gente que começou a ficar mais velha foi demitida e eu acho que isso faz uma grande diferença. É muito ruim. É muito importante nas redações ter essa mistura, ter gente nova e ter gente mais velha, porque as duas coisas são importantes. A experiência é muito importante, a vivência. E em geral, eu sinto que os alunos que têm contato com editores mais experientes, eles têm um respeito. Eles gostam de aprender com a experiência dos outros, mas são poucos os lugares que têm alguém muito mais velho junto com jornalistas jovens, pelo menos que eu tenho contato [...] É muito importante essa troca, da pessoa que tá mais tempo e do mais jovem, o novo que vem com umas propostas diferentes, ideias novas. É uma relação fundamental. É uma relação fundamental na vida, por que no Jornalismo seria diferente? (TAMARA, 2021).

Luana: Falta um olhar sistêmico, um aprofundamento. Quem é mais velho vai começando a fazer conexões com coisas do passado e vai entendendo que a história é cíclica. Vai deixando de ser ingênuo sobre algumas coisas, mas também não adianta. Isso é a maturidade que dá, é a experiência que dá. E é por isso que as pessoas evoluem profissionalmente e vão acabando assumindo outras funções. Mas a gente vê que os jornalistas mais maduros, atendem, porque não é todos, até um olhar um pouco mais

aprofundado. Isso não é etarismo, mas é perceber que existe um amadurecimento (LUANA, 2021).

Nina: Eu converso muito sobre isso com chefias, de como as redações extinguiram profissionais mais velhos e experientes e eles são fundamentais para uma redação, porque, às vezes, eu tô fazendo uma matéria de algum assunto que vai remeter o caso que já aconteceu, e eu não vou me dar conta na hora ou eu nem saiba disso. O profissional mais antigo, talvez, até tenha participado da cobertura disso, e ele vai poder me dizer que isso já foi feito ou como isso pode ser feito. E esse contexto ele é fundamental para o Jornalismo. Jornalismo sem contexto é um Jornalismo que não informa e não te traz o conhecimento (NINA, 2021).

Entretanto, ainda que menos representativo, esse contexto de desvalorização e instabilidade também perturba essa relação. Com modelos de trabalho cada vez mais precarizados e mais individualizados, principalmente nas novas áreas de atuação do Jornalismo e comunicação, o coleguismo, que antes era muito marcante, é abalado e algumas dificuldades também aparecem nas relações entre profissionais de diferentes níveis de experiência:

André: Acho que, em alguns casos, pode ter relação de superioridade que tenta ser imposta através da idade, o que é bem estranho se a gente parar para pensar na questão do conhecimento mais técnico. Não que a gente, por ser mais jovem, seja melhor, mas só talvez a gente tenha algum tipo de conceito ou vivência um pouco mais próxima de tudo que se faz hoje (ANDRÉ, 2021).

Outra questão abordada nas entrevistas foi a essência do Jornalismo e alguns princípios que seguem imaculados na profissão. Apesar das diversas transformações estruturais no Jornalismo, é recorrente entre as falas a ideia de que a natureza da profissão, sua função, permanecem tendo o mesmo sentido para as diferentes gerações.

A profissão segue desempenhando o mesmo papel e, de uma forma similar, em sua essência, apenas utilizando outros meios e formatos:

Esther: A essência do Jornalismo, ficou. Dos acontecimentos mais importantes serem divulgados em forma narrativa, com dados. Isso aí, hoje, nós temos mais recursos, mas na época, se tu olhares, se um dia tu fizer pesquisa, tu vai acompanhar todo os grandes acontecimentos que ocorreram na época com a maior veracidade possível, e ampla cobertura, mesmo sem os recursos! Isso que eu acho fascinante no Jornalismo. Essas grandes coberturas, mas também o dia a dia, para mim tudo é importante! (ESTHER, 2021)

Vânia: O Jornalismo vai ser sempre um respiro, essa forma dos profissionais e das pessoas de serem ouvidas e por onde se manifestarem. E isso não pode ser reprimido, nem diminuído, ao contrário. Tem que ser cada vez mais incentivada a nossa profissão. Tanto do ponto de vista político, como cultural, não há possibilidade de nós termos uma vida civilizada sem o Jornalismo (VÂNIA, 2021).

Clarissa: Eu acho que só [mudaram no Jornalismo] os suportes, né? Porque, no fundo, os desafios continuam os mesmos. Eu acho que a complexidade cresceu, por causa da demografia das cidades, da urbanização. O que mudou de lá pra cá, é que a sociedade não é mais condicionada pelo urbano. Quer dizer... o urbano praticamente se alastrou pra tudo, pra dentro do rural, inclusive. E não é industrial, é pós-industrial, né? Então a complexidade cresceu pela demografia e pela movimentação dos humanos (CLARISSA, 2021).

Renata: O que mudou, na prática, é que tem essa coisa das funções que se acumularam, que a gente foi fazendo. Tem essa falta de profundidade, que é uma coisa complicada... mas na essência, também não mudou. Porque o Jornalismo, pra mim, ainda continua sendo apuração e transmissão pro público. A gente não é uma gráfica, né? Hoje, nós produzimos conteúdo. Como nós vamos entregar? Dai é cada um de um jeito (RENATA, 2021).

Tamara: Quanto ao que é ser jornalista, a importância da profissão e qual o papel do jornalista, acho que continua sendo o mesmo. O papel do jornalista é informar de forma qualificada, é de investigar, garantir democracia, fazer com que a população receba a informação, oferecer uma informação plural. Tudo isso, eu acho que continua sendo igual. Talvez, quando eu entrei no curso eu não pensava sobre tudo isso, mas eu pensava bem parecido. Que queria ouvir de pessoas diferentes, eu queria achar boas histórias e não aceitar coisas que eram injustas. Nesse sentido, eu acho que a profissão continua a mesma, o dever ser do jornalista (TAMARA, 2021).

Nina: A gente sempre formou os dois lados, bons e maus jornalistas, tanto na década de 80, quanto agora. São percepções diferentes, mas que na essência, a gente faz o mesmo Jornalismo, em termos de conteúdo, mas o que muda são as ferramentas. A essência do Jornalismo ela tá ali (NINA, 2021).

Como podemos perceber, através de todas as falas e observações de nossos entrevistados, não podemos negar os avanços da profissão. Contudo, ao mesmo tempo, a atual conjuntura social, política e econômica também levanta novos desafios para o Jornalismo e seus profissionais. Nos diálogos, aparecem provocações para as novas gerações de jornalistas pensarem sobre o que ainda falta ser alcançado.

Tais obstáculos, muitas vezes históricos, no nosso campo de atuação, devem ser pensados e encarados pelos novos jornalistas que estão ingressando nesse mercado e conseguem perceber e atuar nessas transformações conjunturais. Todavia, eles devem agir, recordando aquilo que já foi feito, pensado e batalhado pelas gerações anteriores:

Clarissa: Vocês, essa nova geração, tem muito o que fazer. E é bom pegar alguns pontos da luta histórica para ver se isso aí realmente avançou, porque me parece que não. Eu posso estar enganada, ainda mais agora que estou isolada e não tenho circulado muito. Mas antes da pandemia, eu estava circulando e tinha sentido muito dessa barra de abandono dos eixos fundamentais da profissão, que é essa responsabilidade social, desse autor de mediações, e não autor de opiniões (CLARISSA, 2021).

André: Acho que a gente tá cada vez mais parecido com publicitários que precisam escrever conteúdos para as marcas, do que com jornalistas que vão fazer a grande reportagem ou vídeo informativo, ou fazendo infográfico e botando um joguinho dentro da reportagem... eu acho que, justamente, pela

falta de espaço e desenvolvimento dessas coisas no Brasil, a gente tem poucas vagas com esse perfil e com esse caráter. Eu não acho que o que eu faça tem a ligação com essas transformações positivas que o Jornalismo pode estar passando (ANDRÉ, 2021).

Mesmo sendo esse o desafio dos jovens e profissionais mais novos que chegam para reciclar a mão de obra do mercado, esse obstáculo só poderá ser encarado em conjunto. Precisamos unir “a contribuição biologicamente renovadora dos jovens” (MELO, 1979, p.39), com a experiência profissional dos jornalistas atuantes e maturidade reflexiva dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve como objetivo compreender *como é percebida por jornalistas a contribuição da formação acadêmica para a prática profissional*. Essa questão desafiadora que nos inquietou durante toda essa trajetória acadêmica, trouxe-nos, não uma, mas diversas respostas. Respostas que não findam aqui, assim como é o natural na pesquisa acadêmica, mas que seguem provocando novas reflexões.

Antes de explorarmos mais profundamente as considerações levantadas a partir dos resultados dessa pesquisa, iremos resumir, brevemente, os principais pontos compreendidos em cada um dos eixos apresentados:

I. Eixo 1: Processos de formação acadêmica:

- a. A partir dos relatos dos nossos entrevistados, o ingresso no curso e a decisão de fazer Jornalismo foram permeados de questionamentos e julgamentos de terceiros. Nesse contexto, os depoimentos expressam a ideia de paixão e de vocação pela profissão, que justificaria a escolha e a permanência nessa atividade. Essas ideias são trazidas de forma mais romântica, pelas primeiras gerações, muito vinculadas à noção de atuação na redação tradicional e o impacto na opinião pública. Já a geração mais jovem relaciona a paixão com o papel social do Jornalismo e a sua relevância para a democracia;
- b. A valorização do ensino do Jornalismo é, praticamente, unânime nas entrevistas. Ele é reconhecido como importante para o exercício da profissão e a não-obrigatoriedade do diploma é vista como um fator desestimulante para a formação acadêmica. Os sujeitos também destacam a importância do curso de Jornalismo na conjuntura atual, considerando o aumento da desinformação e outros desafios que surgem para a profissão, no ambiente digital;
- c. A qualidade do curso e dos docentes é questionada pelas primeiras gerações, mas os sujeitos também ponderam as condições e os contextos da época, que não contribuíam para o desenvolvimento e qualidade do ensino. Estes entrevistados também demonstram perceber a evolução na formação acadêmica, no decorrer dos anos, e notam que, hoje, os estudantes saem melhor preparados das universidades;

d. Em relação aos ambientes de aprendizado nas universidades, os espaços práticos são os mais destacados pelos entrevistados de todas as gerações. Isso se dá por serem ambientes em que os alunos conseguem colocar em prática aquilo que aprendem na teoria. Nas primeiras gerações, o estágio é destacado com maior força, pois as universidades não tinham os equipamentos e a infraestrutura necessária para que eles exercitassem a prática na própria instituição. Já nas gerações mais recentes, especialmente a última geração, os laboratórios aparecerem mais frequentemente, representando espaços que, ao mesmo tempo, oportunizam a produção jornalística, mas também contam com a orientação de professores durante a prática;

e. Além do desenvolvimento do curso, fica evidente a evolução da pesquisa no Jornalismo e na Comunicação Social. Na primeira geração, a ideia de prosseguir os estudos na academia, praticamente, não existia, pois os cursos de pós-graduação estavam começando a surgir no país. Na segunda geração, podemos notar um crescimento, entre os entrevistados, daqueles que retornaram à academia, principalmente, após alguns anos de atuação no mercado de trabalho. Já na última geração, a pesquisa se torna muito mais presente, inclusive, desde o período de graduação, com oportunidades na Iniciação Científica e em laboratórios e núcleos de pesquisa universitários;

II. Eixo temático 2: Processos de formação e seus currículos/diretrizes vigentes

a. Entre todas as gerações, os sujeitos percebem a necessidade e a importância da teoria na formação profissional, defendendo que o jornalista precisa ter uma bagagem cultural extensa. Nas primeiras gerações, esse ponto aparece muito vinculado às disciplinas do curso que vinham de outras áreas do conhecimento. Para os profissionais mais jovens, isso acaba mais relacionado às disciplinas do campo da Comunicação Social, inclusive, por ter diminuído a oferta de disciplinas de outras áreas e o curso ter se focado nas especificidades do Jornalismo;

b. Ainda que exista a valorização da teoria, alguns profissionais também relatam ter dificuldade em compreender a sua aplicação na realidade profissional. Nesse sentido, os sujeitos atentam para o distanciamento entre

teoria e prática, desafio histórico em nossa área. Eles têm clareza de que o conhecimento teórico precisa estar vinculado à prática da profissão;

c. Quanto ao conhecimento técnico, os entrevistados reconhecem que ele é necessário para a rotina da profissão, assim como, destacam a preferência por disciplinas práticas, por estas resultarem em produções concretas, em que eles enxergam o seu trabalho materializado. Além disso, nos depoimentos da geração mais recente, os ambientes práticos aparecem como locais relevantes para a preparação do estudante ao ingresso no mercado de trabalho;

d. Os sujeitos destacam o papel do professor no ensino do Jornalismo. Entre todas as gerações, é frisada a importância dos docentes para a motivação e para a provocação dos alunos. Nas trajetórias dos profissionais mais jovens, os professores têm uma presença mais marcante, extrapolando a sala de aula e auxiliando os alunos a superar dificuldades da profissão ou se inserirem no mercado de trabalho;

e. É ressaltada, nos depoimentos, a necessidade de atualização do ensino do Jornalismo. A última geração aponta que a formação é muito focada em modelos de jornalismo tradicional, não agregando, suficientemente, novas áreas de atuação e debates atuais sobre a profissão, nos currículos dos cursos;

f. Para os profissionais das diferentes gerações, a formação acadêmica tem um papel fundamental para a discussão e para o fortalecimento da ética profissional, sendo esse o principal ponto para a defesa do ensino do jornalismo e da obrigatoriedade do diploma, nos depoimentos;

III. Eixo temático 3: Trajetórias e práticas profissionais

a. Nos relatos, os sujeitos destacam as mudanças nas dinâmicas de trabalho da profissão. A idealização do modelo tradicional da redação, ocupado, antes, pelos jornalistas da primeira geração, se choca com o modelo atual, vivido pelas demais gerações. Se, antes, as redações eram ambientes ricos de convívio e de produção, hoje, aparecem com menor relevância no mercado do jornalismo e muito mais precarizados que antigamente;

b. É comum, entre todas as gerações, que a maioria dos profissionais tenha uma trajetória diversa e siga com uma atuação ampla, em diversas áreas da profissão, até hoje. Isso está relacionado com a instabilidade e a desvalorização do Jornalismo. Profissionais mais antigos batalham para

permanecer no mercado, com os espaços de atuação diminuindo; jornalistas mais novos, ora são contratados para substituir profissionais antigos, ora encontram espaço em áreas mais recentes, como *marketing* digital, *social media*, comunicação empresarial, etc. Nesse contexto, o sentimento de apreensão e de desânimo são constantes na relação dos profissionais com o mercado de trabalho;

c. Considerando o avanço do jornalismo mercadológico, o Jornalismo alternativo aparece, nas falas dos entrevistados, como uma potente possibilidade para se resgatar os preceitos do Jornalismo nas produções;

d. Os entrevistados, de todas as gerações, destacam a necessidade de qualificação e de atualização dos conhecimentos para o exercício da profissão, considerando que as mudanças no Jornalismo ocorrem cada vez mais rápido e são constantemente influenciadas pelos avanços tecnológicos. Contudo, majoritariamente, existe uma maior valorização do conhecimento técnico, em detrimento do teórico, tanto por parte dos profissionais, quanto pelas empresas e chefias. Os entrevistados também relatam que há falta de incentivos para a continuidade dos estudos, após a graduação, sendo difícil equilibrar a dinâmica de trabalho com a dedicação necessária para o estudo;

e. O ambiente de trabalho aparece como espaço de partilha e coleguismo. Para as primeiras gerações, tais relações estão muito mais presentes, nos depoimentos. Já nas gerações mais recentes, percebemos uma perda dessas trocas, principalmente, pela individualização do trabalho e pela diminuição da mão de obra, influenciadas pela crescente digitalização;

IV. Eixo temático 4: Diferenças e/ou aproximações dos diferentes profissionais (geração e formação)

a. Os sujeitos salientam que os avanços tecnológicos impactam, diretamente, na profissão. Todas as gerações apontam que esses avanços abriram novas possibilidades para o Jornalismo e facilitaram algumas atividades da profissão que, antes, eram mais trabalhosas;

b. Os depoimentos expressam que a tecnologia depende da capacidade de reflexão e raciocínio humano para ser posta em prática e agregar na profissão. As gerações mais recentes têm uma facilidade muito maior com as novas tecnologias, portanto, são nelas que se deposita a expectativa de

desenvolvimento da profissão a partir dos avanços técnicos. Os profissionais mais jovens demonstram essa vontade; todavia, relatam a falta de oportunidade e abertura nos ambientes profissionais mais tradicionais para explorarem novas habilidades e incorporarem recursos tecnológicos às suas produções;

c. Todas as gerações expressam preocupações quanto à *rejuvenização* da profissão. Os profissionais mais velhos se veem perdendo espaço no mercado e percebem a qualidade dos produtos decaindo. Os jornalistas mais recentes sentem falta de orientação e contribuição de contexto e conteúdo dos mais experientes;

d. Ainda que sejam percebidas muitas mudanças, na prática, e no ensino do jornalismo, é consenso, para os, entrevistados que, em sua essência, o jornalismo permanece o mesmo, desempenhando o mesmo papel e com as mesmas responsabilidades sociais que antigamente;

Além dessas conclusões gerais, iremos apontar outras considerações que podem ser relacionadas ao nosso objeto de pesquisa. Também apresentamos algumas reflexões e caminhos pensados a partir do que foi apresentado e provocado pelos depoimentos dos nossos entrevistados.

Paulo Freire afirmava que o ser humano “é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação” (FREIRE, 2013, n.p). Nessa busca constante, e incansável, do indivíduo em se completar, em se nutrir de conhecimento, várias são as alternativas encontradas para se sentir em contato com a educação – seja isso percebido ou não.

Podemos considerar que o Jornalismo, enquanto atividade, é um ofício transformador que possibilita que o seu profissional tenha contato com infinitas fontes, abordagens e assuntos. Da mesma forma, o curso de Jornalismo permite transformações simbólicas aos seus estudantes, expandindo seu senso crítico, colocando-os em contato com realidades diferentes das deles, ensinando-os na arte do diálogo e na produção de conhecimento. Tudo isso, em um ambiente com a possibilidade de orientação e de experimentação, liberdade criativa e questionadora. Quanto mais próxima estiver a universidade desse caminho, mais frutos ela trará, não apenas para a formação, como para a prática profissional.

Em nossas entrevistas, o saber aparece com diversas faces. Quando percebido pelos sujeitos, ele é valorizado, seja ele técnico ou teórico. Nas primeiras gerações dos jornalistas selecionados para essa pesquisa, os profissionais apontam como a formação modificou imediatamente o perfil dos jornalistas que passaram a ingressar no mercado de trabalho.

Com a graduação, os jornalistas alcançaram um conhecimento da profissão transmitido pela educação formal, com uma metodologia e uma grade curricular definidas para o exercício da profissão. Embora o curso estivesse se desenvolvendo e não contasse com professores formados na área, esses primeiros egressos já relatam uma evidente melhora na prática da profissão, percebida inclusive por antigos jornalistas em relação à época em que não contavam com esse ensino.

Com o desenvolvimento do ensino de Jornalismo e o avanço do debate curricular, os cursos foram se aperfeiçoando e as avaliações de alunos, professores e profissionais se tornaram mais críticas. Se, no início da graduação, os alunos não sabiam o que esperar; atualmente, eles já têm expectativas sólidas, baseadas, não somente em relatos e conhecimentos do curso, mas também na atuação profissional e do mercado que os espera, ao deixarem a faculdade.

Além disso, nessas expectativas, também, se inclui a ânsia por compreender o futuro da profissão e como as novas áreas de atuação podem compor, de fato, a profissão, agregando no debate da opinião pública nos novos contextos em que vivemos, não mais regidos pelos veículos de notícia, como antes, mas pelas plataformas digitais que nos entregam a maior parte do conteúdo que consumimos.

Apesar de nos depararmos com diversas problemáticas históricas da profissão, e novos desafios, apresentados dentro da conjuntura atual, não podemos esquecer que a qualidade do jornalismo avançou muito desde a criação do primeiro curso superior da área. Sem o espaço universitário compondo a formação profissional, o Jornalismo antes parecia viver a partir de relações pessoais, políticas e de trocas de favores, produzindo sem o senso de responsabilidade com o interesse público ou com o acesso à informação.

Destacamos que, por conta de trabalharmos com percepções individuais e irmos, a partir do diálogo, provocando os próprios entrevistados, os relatos que recolhemos contém contradições individuais e indicações movidas por nostalgia – por vezes, até mais do que por fatos. Não é raro percebermos afirmações saudosas sobre o tempo passado e a sobre os profissionais se portavam e atuavam.

Observamos como a memória trabalha de formas peculiares nas nossas percepções. Não é novidade que a construção de memória é um processo, também, individual e subjetivo. Podemos ver isso expresso nos relatos quando os sujeitos abordam a profissão com a crença de um suposto modelo anterior, percebido como estável, seguro e de maior qualidade. Ao mesmo tempo, os sujeitos não hesitam em afirmar que o jornalismo mudou e se qualificou com o passar dos anos, seja pelo maior preparo dos profissionais, seja pela formação mais completa, ou pelo acesso e disponibilidade de equipamentos.

Será que não estamos presos a um modelo e formato tradicional, encarando-o como imutável, como se existisse um jornalismo que fosse imune a inovações e adaptações em sua estrutura? Porque ainda que observemos a ascensão do jornalismo mercadológico e diferentes desafios na prática profissional, a noção de jornalismo e os seus preceitos básicos e essenciais parecem permanecer claros para aqueles que tem a formação superior.

Nesse momento de crise do Jornalismo, contudo, fica evidente que precisamos compreender melhor como a nossa profissão deve se recolocar no mercado e na sociedade atual. Não podemos nos limitar ao jornalismo tradicional e de redação, se a informação e as notícias não são mais consumidas só dessa forma.

Ao mesmo tempo, seria importante dar espaço para essas áreas transversais da comunicação (*marketing* digital, assessoria de comunicação, *social media*, produtor de conteúdo, redator, etc.) serem desenvolvidas e pensadas dentro do jornalismo e da comunicação social – não como cursos para tecnólogos ou profissionalizantes, mas como parte do campo da Comunicação Social já estruturado – para que, assim, elas possam estar presentes em suas formações ao lado dos conhecimentos de ética e de responsabilidade social, reforçados nas graduações do nosso campo.

O Jornalismo, enquanto forma social de conhecimento e atividade intelectual, deve ter sua formação específica pensada a partir dessas características. Entretanto, nunca poderá estar desvinculado do campo da Comunicação Social. Necessita, sim, ser pensado e desenvolvido nessa relação entre as diferentes atividades profissionais dentro da comunicação. Isso se faz ainda mais primordial no momento em que tantas novas atividades transversais vem surgindo e se expandindo.

A comunicação corporativa, o *marketing* digital, a assessoria de comunicação e a coordenação e produção nas redes sociais, são algumas das áreas que estão

ganhando espaço no mercado. Separá-las do campo da Comunicação acaba por transformar esses profissionais em meros produtores de conteúdo, sem responsabilidade ou senso crítico.

Se, no mercado tradicional, ainda se consegue manter uma concepção unitária da importância da contratação de profissionais jornalistas, publicitários ou relações públicas, nessas novas ocupações se busca um perfil genérico, que tenha os conhecimentos técnicos e consiga interagir nesse novo ambiente plataformizado. Resultado: criam-se canais divulgadores de informação sem responsabilidade e sem conseguirem sequer assumir comprometimento com o público.

Nesse contexto, as faculdades não podem estar distantes desse debate que impacta diretamente as profissões da comunicação, assim como elas operam na sociedade. Todavia, as instituições enfrentam suas próprias contradições.

Atualmente, observamos um sucateamento do ensino público, falta de investimento e corte de verbas na produção científica. Já nas instituições privadas, e até mesmo confessionais, há, muitas vezes, uma visão mercadológica e excessivamente tecnológica. Todos esses fatores impactam a qualidade e o cumprimento do papel central da educação superior. Nos cursos Jornalismo não seria diferente.

Apesar das novas gerações disporem de mais recursos, infraestrutura e qualidade de formação, a profissão depende de um constante investimento no ensino e na valorização da profissão para conseguir se desenvolver. Se seguirmos para a mercantilização da atuação e do ensino, a profissão não irá conseguir entregar o que a sociedade merece: um jornalismo que vá além de um papel funcional de integração do indivíduo com a sociedade, mas que consiga produzir conhecimento (MEDITSCH, 1992).

Outro ponto que merece destaque nas considerações levantadas, neste trabalho, é a valorização e a relevância da pesquisa e da ciência. Sem investimento e incentivo para essa atuação, não haverá desenvolvimento da profissão, pois não será o mercado que irá pensar a reestruturação ou a renovação do jornalismo, mantendo seu compromisso social.

Ainda que os profissionais se interessem pela pós-graduação *stricto sensu*, eles não encontram incentivo por parte do mercado de trabalho. Em geral, as empresas não garantem um retorno financeiro, não liberam o funcionário do expediente e não fomentam esse tipo de formação em seu cotidiano.

Se a desvalorização é esmagadora dentro do mercado do jornalismo e da comunicação, como os profissionais vão conseguir conciliar a prática profissional com o prosseguimento dos estudos?

Mesmo assim, alguns indivíduos desafiam essa equação e optam por seguir se qualificando formalmente. Podemos relacionar isso com a inquietação desses profissionais que sentem necessidade de seguir pensando e contribuindo para o campo da profissão, assim como para uma necessidade de recolocação profissional, e, para isso, precisam atualizar suas técnicas, mas também sua compreensão sobre sua atuação.

Além disso, é possível perceber alguns sujeitos, especialmente nas gerações mais recentes, que seguem a trajetória acadêmica por não conseguirem se inserir ou se adaptar no mercado em crise que vivemos hoje. Ainda que os entrevistados demonstrem interesse e gosto pela pesquisa, há uma importante presença, nos depoimentos, do descontentamento em relação às suas experiências profissionais, ou à falta delas. A esses indivíduos, resta “uma escolha binária entre Ciência e Jornalismo, que acabará por ser decidida pela necessidade de venda da sua força de trabalho” (MEDITSCH, 2012, p.31).

Ao iniciarmos nossa trajetória como pesquisadores, torna-se ainda mais perceptível que a produção de conhecimento pode ser uma tarefa muito árdua e solitária. Por isso, na academia, cercamos-nos de espaços de compartilhamento e trocas, para pensarmos em conjunto, ouvirmos opiniões e impulsionarmos uns aos outros. Porque compreendemos que esse trabalho em conjunto é benéfico para todos.

Porém, isso não é exclusividade da academia. No mercado de trabalho, também devemos valorizar essas relações. É preciso que estimulemos uns aos outros e que partilhemos o que pensamos e produzimos.

Constatamos que há uma relação de troca entre os profissionais de diferentes níveis de experiência muito maior nos ambientes de jornalismo tradicional, ainda que isso esteja diminuindo pela própria redução de profissionais nesses espaços. Acreditamos que isso ocorra por conta das outras áreas de atuação serem mais recentes, mas, também, por elas representarem um trabalho mais individualizado e com menor interação e contato entre os profissionais.

Por esses trabalhos serem mais individualizados, a necessidade do conhecimento técnico é realmente essencial. Contudo, como já foi abordado, isso faz com que as produções percam conteúdo. Ao compartilhar o trabalho uns com os

outros, os jornalistas poderiam complexificar seus trabalhos e agregar mais na comunicação da informação, seja em que formato for.

Por fim, destacamos que precisamos reconhecer que a defesa de uma universidade de qualidade e de um ensino transformador perpassa a participação estudantil e docente, alinhada a um propósito comum de melhora do ensino do jornalismo e da comunicação. O Jornalismo é uma ciência ativa, que precisa de agentes politicamente ativos, não partidários, mas presentes no debate social, inclusive sobre a lógica e necessidade coletiva da profissão.

Compreendemos que o processo da pesquisa, na pós graduação, assim como a formação, na graduação, é múltiplo, agregando diversos ambientes e experiências que vão complementando o trabalho dos e das pesquisadoras. Cada trajetória é construída a partir de seus interesses e disponibilidade, mas, inegavelmente, é o espaço universitário que possibilita grande parte dessas oportunidades. Além de oferecer equipamentos e estrutura para o desenvolvimento do pensamento crítico, essas instituições conseguem agrupar indivíduos com vontade de se aprofundar, de refletir, não só sobre as práticas e as teorias atuais, mas sobre como que esse campo vai se colocar frente às mudanças da sociedade.

No mercado, observamos iniciativas que pensam um Jornalismo distinto ao modelo mercadológico presente na mídia hegemônica. Ainda que não sejam suficientes e que o espaço de elaboração e reflexão se consolide na academia, a efervescência de tais experiências demonstra que as mudanças sociais vêm sendo percebidas e pensadas por profissionais da área.

Acreditamos que, além de vários caminhos já apontados, a participação estudantil é um importante recurso para quebrar o distanciamento da teoria e da prática. A superação das rupturas que observamos no campo da Comunicação Social e no Jornalismo são profundas e, em grande parte, históricas. Sendo assim, a solução para elas deve ser conjunta.

A renovação do jornalismo precisa ser unificada, deve ser pensada pela academia, pelos profissionais do mercado, mas também, e talvez principalmente, por aqueles futuros profissionais que já vivem imersos nas transformações sociais em curso.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. Mudanças Estruturais no Jornalismo: Travessia de uma Zona de Turbulência. IN: **Jornalismo e Sociedade: Teorias e Metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

ALBUQUERQUE, A. de. A modernização autoritária do jornalismo brasileiro. **Revista Alceu**, v. 10, n. 20, p. 100–115, Rio de Janeiro, 2010.

ALBUQUERQUE, A. DE; ROXO, M. A. As Diretrizes Curriculares de Jornalismo e o modelo cartorial de ensino universitário. **Questões Transversais**, v. 3, n. 5, 2015.

ALONSO, L. E. **Sujeto Y Discurso**: El Lugar De La Entrevista Abierta en Las Prácticas. 2003. p. 1–23. Disponível em: <<http://mastor.cl/blog/wp-content/uploads/2016/01/Alonso-Cap-2-Sujeto-y-Discurso-El-Lugar-de-La-Entrevista-Abierta.pdf>> Acesso em: 05 de jun. de 2021

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2001.

ARFUCH, Leonor. **La entrevista, una invención dialógica**. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1995.

BALDESSAR, M. J. **A mudança anunciada: o cotidiano dos jornalistas e a Revolução Informacional**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

BALDESSAR, M. J. Jornalismo e tecnologia: pioneirismo e contradições: um breve relato da chegada da informatização nas redações catarinenses. **Encontro Nacional Da Rede Alfredo De Carvalho**, v. 3, p. 51–60, 2005.

BERNARDO, Cristiane Hengler Corrêa. **Educação jornalística: entre a cruz da academia e a espada do mercado**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande. 2010.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BROUSTAU, N. et al. **A entrevista de pesquisa com jornalistas**. Sur Le journalisme, vol. 1, n. 1, p. 1 -21, 2012. Disponível em: <<http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/download/17/12>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CÁCERES, Luis Jeséus Galindo. **Sabor a ti: Metodología cualitativa en investigación social**. Xalapa, Veracruz: Universidad Veracruzana, 1997.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio. Universidades mercantis: a institucionalização do mercado universitário em questão. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, p. 61-72, 2000.
APA

CARVALHO, G., & Bronosky, M. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Pauta Geral** - Estudos Em Jornalismo, 4(1), 21-29. 2017 Disponível em: <<https://www.revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/10007>>. Acesso em 15 jun. 2021

CUNHA, Luiz Antônio Constant Rodrigues da. **A universidade temporã: o ensino superior da colônia à era Vargas**. Unesp, 2007.

DUARTE, Jorge. Assessoria de imprensa no Brasil. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**, v. 3, p. 51-75, 2002.

DIAS, Paulo da Rocha. **Gênese do ensino de Jornalismo no Brasil: Influências norte-americanas (1908-1958)**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2018.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. **Atlas** online. p. 1-14. São Paulo, 2005. Disponível em: <shorturl.at/yHIK8>. Acesso em: 18 jun. 2021.

CORRÊA, Fabíola; CLAUDINO, Lorena; COSTA, Suanny. **História do Jornalismo no Brasil e no Pará, da Colônia à República Velha**. Intercom, n. VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte, p. 1–15, 2010.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Programa Nacional de Projetos de Estágio Acadêmico em Jornalismo**. Florianópolis: Fenaj, 2008.

FIDALGO, Joaquim. Jornalistas: um perfil socioprofissional em mudança. **Comunicação e Sociedade**, v. 5, p. 63, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Grupo A, p. 11–405, 2008.

FONSECA, André Azevedo da. Jornalismo para a transformação: a pedagogia de Paulo Freire aplicada às Diretrizes Curriculares de Comunicação Social. In: **Anais do Encontro de Pesquisa em Educação e Congresso Internacional de Trabalho Docente e Processos Educativos**. 2005.

FONSECA, Virginia Pradelina. A subordinação do jornalismo à lógica capitalista da indústria cultural. **Revista FAMECOS**, n. 17, 2002.

FONSECA, Virginia Pradelina. **Indústria de notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**, v. 2, p. 64-89, 2002.

GENRO FILHO, Adelmo **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. **Os discursos dos jornalistas freelancers sobre o trabalho**: comunicação, mediações e recepção. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2012

GROHMANN, Rafael. O Trabalho dos Jornalistas como Sintoma da Lógica dos Conglomerados. **Revista Alterjor**, 8(2), 101-115. 2013. Disponível: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88299>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

GROHMANN, R. O Trabalho dos Jornalistas como Sintoma da Lógica dos Conglomerados. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 101-115, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88299>>. Acesso em: 4 fev. 2022.

HOHLFELDT, Antonio; OLIVEIRA, Samir Rosa de. **Bicentenário da Imprensa brasileira**: reavaliação de Hipólito José da Costa, diretor e editor do “Correio Braziliense”. *Ecos de la comunicación*, v. 1, n. 2008, p. 85–98, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/7541/1/bicentenario-da-imprensa-brasileira.pdf>>. Acesso em: 01 de jun. 2021.

HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. **Conceito e história do jornalismo brasileiro na "revista de comunicação"**. Edipucrs, 2008.

JÄRVINEN, Margaretha. Negotiating strangerhood: Interviews with homeless immigrants in Copenhagen. **Acta Sociologica**, v. 46, n. 3, p. 215–230, 2003.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**: O que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo, Geração, 2003.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. A Pesquisa e a Produção Científica em Comunicação no Brasil e sua Integração com a Sociedade. In: **Comunicação: ensino e pesquisa. Organização**: Sonia Vuirgínia Moreira, João Pedro Dias Vieira. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 27-50, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOPES, F. L. Jornalismo e suas crises: um olhar sobre as questões da tecnologia, do emprego e do diploma no Brasil. **CIES e-Working Papers**, v. 107, p. 1–17, 2011.

MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo**: Elo perdido no Ensino da Comunicação. Dissertação de Mestrado. São Paulo, ECA-USP. 1990.

MEDITSCH, Eduardo. **Crescer para os lados ou crescer para cima**: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, p. 1–8, 1999. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/meditsch-eduardo-dilema-historico-jornalismo.pdf>> . Acesso em: 12 jan. 2022.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir**: A função da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

MEDITSCH, Eduardo. O elo perdido no ensino da Comunicação. In: **Pedagogia e Pesquisa para o Jornalismo que está por vir**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

p. 47–104.

MEDITSCH, Eduardo. Oportunidade para o reencontro entre teoria e prática. Observatório da Imprensa [Online], São Paulo, v. 18, n. 787, fev. 2014. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed787_oportunidade_para_o_reencontro_entre_teorica_e_pratica>. Acesso em: 04 fev. 2022.

MELO, José Marques de. **Sociologia da imprensa brasileira**: a implantação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, v. 10, 1973.

MELO, José Marques de. Os Primórdios do Ensino de Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 2, p. 73–83, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2074/1816>>. Acesso em: 18 de jun. 2021.

MELO, José Marques de, FADUL, Anamaria, Lins da SILVA, Carlos Eduardo. **Ideologia e Poder no Ensino da Comunicação**. São Paulo, Cortez & Moraes – Intercom, 1979.

MELO, José Marques de. **O campo acadêmico da comunicação**: história concisa. _____.(org.). Pedagogia da Comunicação: matrizes brasileiras. São Paulo: Angellara, p. 13-30, 2006.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. **A universidade no Brasil**. **Revista Brasileira de Educação** [online]. n. 14, p. 131-150, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782000000200008>>. Acesso em: 18 de jun. de 2021.

MENDONÇA, Luciana de Oliveira Souza; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Educação: Teoria e Prática, v. 30, n. 63, p. 1-7, 28 ago. 2020. Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista – UNESP.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. Perfil do Jornalista Brasileiro. In: **Características demográficas, políticas, e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Logos/Insular, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2002.

MOURA, Cláudia Peixotode. **O curso de Comunicação Social no Brasil**: do currículo mínimo às novas diretrizes curriculares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MOREIRA, Manoel Henrique Tavares; DA SILVA, Luiz Martins. A ABI e a construção da identidade profissional dos jornalistas brasileiros. **Universitas**: Arquitetura e Comunicação Social, v. 13, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.gti.uniceub.br/arqcom/article/view/3933/3139>>. Acesso em: 01 de jun. de 2021.

MÜLLER, Carlos Alves. **A crise estrutural dos jornais e o surgimento das mídias digitais**: impactos sobre a produção jornalística. In: *Jornalismo e Sociedade: teorias e metodologias*. Florianópolis: Editora Insular, 2012. p. 145–65.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. Edições Loyola, 2006.

OLIVEIRA, Michelle Roxo de. **Sobre fronteiras no jornalismo**: o ensino e a produção da identidade profissional. Niterói, RJ. 2011. Tese de Doutorado. PPGCOM/UFF.

PEREIRA, F. H. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado**: o jornalismo como profissão. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Corvilhão, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021

PEREIRA, Fabio Henrique. Objetificação e triangulação metodológica jornalistas: **Parágrafo**, v. 2, n. 2, p. 47–68, 2014.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalismo em tempos de mudanças estruturais**. Intexto. Poro Alegre. 2011.

PEREIRA, Fabio Henrique; NAVES, Laura Maria. A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. **Intexto**, v. 0, n. 29, p. 41–57, 2013

PINTO, Manuel. **O Jornalismo enquanto campo social e domínio de formação**. Comunicação e Sociedade 1, cadernos do Noroeste, Série Comunicação, v.12, p.75-95. 1999.

POUPART, J. A Pesquisa Qualitativa. In: **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 215–253.

PULITZER, Joseph. **A escola de jornalismo na universidade de Columbia**: o poder da opinião pública. Florianópolis: Insular, 2009.

QUEIROZ, A. Profissional professor ou professor profissional? Professor profissional! In: **O Ensino de Comunicação**: Análises, tendências e perspectivas. São Paulo: ABECOM - ECA/USP, 1992. p. 160–176.

RIZZINI, Carlos. **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. São Paulo: Nacional, 1957.

SAVIANI, Dermeval. A Expansão do Ensino Superior no Brasil: Mudanças E Continuidades. **Póiesis Pedagógica**, v. 8, n. 2, p. 4–17, 2010.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer**: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2019.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

THIBES, A. C. **O freelancer como estratégia de precarização do trabalho jornalístico**: um estudo sobre profissionais de grandes redações de São Paulo. UFSC, 2017.

TORQUATO, Gaudêncio. Formação do Jornalismo. In: **Ideologia e Poder no Ensino da Comunicação**. São Paulo, Cortez & Moraes – Intercom, 1979.

SOUZA, João Barcelos de. **Segurança pública e comunicação**: meandros da segurança pública no regime militar e o poder agregador da comunicação. Porto Alegre: Ed. do Autor, 1988.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

VASCONCELLOS, F. C. **As crises do jornalismo no contexto digital brasileiro um estudo sobre produção e imaginário porto alegre fernanda cristine vasconcellos as crises do jornalismo no contexto digital brasileiro Porto Alegre**. [s.l.] PUCRS, 2020.

VIEIRA, Ricardo. **Formação básica de um comunicador social voltado para a realidade brasileira**. Revista de informação legislativa, n. 55-56, p. 195, 1977.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação e espetáculo da política**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

WEBER, Patrícia. **Pesquisa sobre Jornalismo na Graduação**: inventariação temática, categorização metodológica, dificuldades dos pesquisadores nos trabalhos de conclusão e busca de soluções para Portugal e Brasil (RS). Tese de Doutorado. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2020..

DOCUMENTOS

DIRETRIZES Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo. **Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação**. Portaria n. 203/2009, de 12 de fev. de 2009.

PARECER n. 363, aprovado em 16 de novembro de 1962 (Currículo Mínimo para o Curso de Jornalismo). MEC/CFE. **Documenta**, Rio de Janeiro, n. 10, p.76-79, dez 1962.

PARECER n.1 203/77, aprovado em 5 de maio de 1977. (Currículo mínimo do curso de Comunicação Social). MEC/CFE. **Documenta**, Brasília, n. 198, p. 44-55, maio de 1977.

PARECER CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001. **Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social e suas habilitações**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

PARECER CNE/CES 1.363/2001. **Formula projeto de resolução específico para as Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social e suas habilitações**.

ENTREVISTAS

Esther. Outubro de 2021.

Vânia. Agosto de 2021.

Clarissa. Novembro de 2021.

Renata. Novembro de 2021.

Luana. Setembro de 2021.

Tamara. Novembro de 2021.

Nina. Setembro de 2021.

Natália. Agosto de 2021.

Alice. Setembro de 2021.

Nasson. Outubro de 2021.

Fernando. Novembro de 2021.

Manuel. Novembro de 2021.

Clóvis. Setembro de 2021.

Régis. Outubro de 2021.

Luciano. Setembro de 2021.

Lorenzo. Setembro de 2021.

André. Agosto de 2021.

Alex. Outubro de 2021.

APÊNDICE I

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFISSIONAIS EM GERAL

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Nome
2. Idade
3. Em qual curso se formou?
4. Em que ano concluiu o curso?
5. Em que área de jornalismo atua hoje?
6. Realizou sua graduação em uma universidade pública ou privada?

II. FORMAÇÃO ACADÊMICA

1. Como se deu a escolha da profissão e o ingresso no curso superior?
2. O que esperava da profissão?
3. Quais eram suas expectativas com o curso e com a universidade?
4. Durante sua formação acadêmica como você se sentia com relação ao ensino de jornalismo?
5. Quais disciplinas mais lhe interessavam? Por quê?
6. Alguma disciplina ou professor te marcou em especial durante esse período? Por quê?
7. Quais espaços você acha que se fizeram mais presentes na sua formação? (sala de aula, laboratório, estágio, palestras, cursos, etc.)
8. O que um aspirante a jornalista precisa aprender para poder desempenhar bem a sua função?
9. Como você enxerga o desenvolvimento do ensino de jornalismo/comunicação no decorrer dos anos?
10. A pesquisa é incentivada hoje?
11. Os jornalistas de hoje são menos jornalistas?
12. Depois de concluir a graduação, você continuou estudando? (especializações, MBAs, pós-graduação)
13. Você considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da profissão?
14. Considera que continuar/voltar a estudar também é importante?

III. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

1. Como se deu o seu ingresso no mercado de trabalho?
2. Você via o seu ensino refletido no seu trabalho (estágio)?
3. Onde já atuou? O que já fez na profissão?
4. O que faz hoje? O que te levou a isso?
5. Como você encara o mercado atual? (problemáticas, desafios, potencialidades)

6. Você se encontra comodamente no mercado de trabalho e com o quê realiza hoje em dia?
7. A prática profissional do jornalismo te levou a outras atividades e campos de atuação? Quais? Como se deu isso?

IV. PRÁTICA DA PROFISSÃO

1. Como você percebe a prática do jornalismo hoje? O que mudou?
2. Como você enxerga o seu trabalho?
3. E dos seus colegas?
4. O quanto sua percepção sobre a prática do jornalismo mudou desde o início do curso até hoje? Como?
5. Quais são as diferenças, se é que existem, que você percebe no seu modo de atuação e de seus colegas de outras faixas etárias?

APÊNDICE II

ROTEIRO PARA OS PESQUISADORES

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

7. Nome
8. Idade
9. Em qual curso se formou?
10. Em que ano concluiu o curso?
11. Em que área de jornalismo atua hoje?
12. Realizou sua graduação em uma universidade pública ou privada?

II. FORMAÇÃO ACADÊMICA

15. Como se deu a escolha da profissão e o ingresso no curso superior?
16. O que esperava da profissão?
17. Quais eram suas expectativas com o curso e com a universidade?
18. Durante sua formação acadêmica como você se sentia com relação ao ensino de jornalismo?
19. Quais disciplinas mais lhe interessavam? Por quê?
20. Alguma disciplina ou professor te marcou em especial durante esse período? Por quê?
21. Quais espaços você acha que se fizeram mais presentes na sua formação? (sala de aula, laboratório, estágio, palestras, cursos, etc.)
22. O que um aspirante a jornalista precisa aprender para poder desempenhar bem a sua função?
23. Como você enxerga o desenvolvimento do ensino de jornalismo/comunicação no decorrer dos anos?
24. Os jornalistas de hoje são menos jornalistas?
25. Depois de concluir a graduação, como se deu a continuidade dos teus estudos? (especializações, MBAs, pós-graduação)
26. O que te motivou?
27. Você considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da profissão?
28. Porque considera que continuar/voltar a estudar também é importante?

III. TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

8. Como se deu o seu ingresso no mercado de trabalho?
9. Você via o seu ensino refletido no seu trabalho (estágio)?
10. Onde já atuou? O que já fez na profissão?
11. O que faz hoje? O que te levou a isso?
12. Tu sente que tu faz jornalismo?
13. O que estuda na tua pesquisa?

14. Planeja seguir a vida acadêmica?
15. Como encara o espaço profissional da academia?
16. E fora dela? (problemáticas, desafios, potencialidades)
17. Você se encontra comodamente no mercado de trabalho e com o quê realiza hoje em dia?
18. A prática profissional do jornalismo te levou a outras atividades e campos de atuação? Quais? Como se deu isso?

IV. PRÁTICA DA PROFISSÃO

6. Como você percebe a prática do jornalismo hoje? O que mudou?
7. Quais reflexos você enxerga no seu trabalho?
8. E dos seus colegas?
9. O quanto sua percepção sobre a prática do jornalismo mudou desde o início do curso até hoje? Como?
10. Quais são as diferenças, se é que existem, que você percebe no seu modo de atuação e de seus colegas de outras faixas etárias?

APÊNDICE III

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO ESTHER

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Para a gente iniciar, tu pode falar o teu nome e a tua idade?

Esther: eu uso [REDACTED], meu nome de guerra durante os 50 anos de jornalismo, mas meu nome completo é [REDACTED] [REDACTED]. Eu me formei na [REDACTED] [faculdade de uma instituição confessional da capital], na primeira turma da [REDACTED] [faculdade de uma instituição confessional da capital]- tanto que no nosso convite de formatura diz que foi a primeira turma da [REDACTED] [faculdade de uma instituição confessional da capital]. Isso foi em 1967. Eu já comecei a trabalhar, a estagiar ou foi uma das primeiras estagiárias que o [REDACTED], quem criou os estágios na folha da tarde, eles faziam uma seleção e os alunos do último ano se candidatavam a um estágio de 6 meses na [REDACTED] [periódico relevante na época]. E aí eu comecei como estagiária, fiz estágio, foi efetivada e fiquei na [REDACTED] [companhia jornalística da capital] - tive algumas saídas no meio -, mas fiquei 50 anos. Tenho 80 anos, fiz agora em agosto.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: e como se deu a escolha da sua profissão e o teu ingresso no curso superior?

Esther: Eu vim do interior, de [REDACTED] [cidade do interior gaúcho]. E até a minha avó sempre dizia de pequena. Eu sempre tive, e a minha avó até sempre falava que eu quando era pequena deitada no chão para ler o jornal. E eu sempre tive interesse, mas eu não sabia que eu ia fazer... mas é porque eu dizia que queria ser pianista. Pegava máquina de escrever e fingia que era piano, mas não era. Acho que já era um pouco do jornalismo. Sempre gostei de Notícias, sempre estive interessada e atenta a tudo que acontecia. Depois, vim para Porto Alegre Depois do ginásio, porque não tinha segundo grau lá em [REDACTED] [cidade do interior gaúcho]. Daí, eu fiz o curso técnico de contabilidade em Porto Alegre, e depois e a fazer vestibular. Inicialmente, todo mundo na família tinha certeza que eu tava me preparando para Odontologia, mas eu fui lá e me inscrevi para jornalismo. Quando eles ficaram sabendo, eu já tinha feito o vestibular e sido aprovada. Eu já tinha esse interesse pela notícia e achava lindo aquilo. Inclusive, eu era estudante do segundo grau quando teve a universiada Porto Alegre, os jogos universitários do mundo inteiro que foram realizados aqui em Porto Alegre. E ali onde é outro do Face, Ali era o

famoso mata-borrão. Era um prédio que eles fizeram era a sede central da Universiada, onde ficava a imprensa. E o formato dele era de um mata-borrão, que era o que tu usava para não borrar quando escrevia com tinta. E nesse prédio reunião imprensa, eu gostava de esportes - não tanto de praticar, mas muito como espectadora. E na universiade eu ia tudo de todos os jogos. Eu ouvi muita rádio, sempre gostei muito de rádio. Lá, eu vi os jornalistas, que eram os estudantes da UFRGS, trabalhando como voluntários. E eu achava que o lindo. Foi ali que despertou realmente o interesse, eu pensei: eu gosto de estar no meio dos acontecimentos. E daí virou a chave e eu decidi, então, fazer o vestibular. No domingo o correio do povo costumava publicar a lista dos aprovados no vestibular de cada curso, já era esperado esse resultado, essa lista dos aprovados. E daí o meu pai tava na missa e veio alguém e parabenizou ele que eu tinha passado e seria jornalista. E ele falou assim: como jornalista? Ela tá fazendo vestibular para Odontologia. Mas com isso ele já ficou muito feliz, ele gostava que nem eu... de tá no meio dos acontecimentos. E a nossa turma, foi uma turma que assim... No início, começaram 75 estudantes e se formaram o quê... Que é 20, 20 e poucos. E o nosso curso de jornalismo, que pertencia na época, em 1965, pertencia à faculdade de Filosofia. E funcionava ali no [redacted] [colégio privado da capital] no centro e aí ele nós ficamos no primeiro e no segundo ano e depois fomos transferidos. Ah porque estava começando a fazer os prédios. Aí, levou o jornalismo lá para o campus da [redacted] [universidade confessional]. E foi lá, em 1966, dezembro de 66, onde ficou a faculdade dos meios de comunicação social. E a nossa foi a primeira turma, já em 67. Oferecia jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas, eles independentes, cada um com a sua formatura. Mas nós não tínhamos, na época, todos esses equipamentos, igual a hoje. Hoje, tem estúdio, tem jornal... o nosso era tudo... Imagina, 50 e poucos anos atrás.

Porto: e o que é que tu esperava da profissão, nesse início do curso?

Esther: eu sempre fui muito interessada e sempre me dei bem com as coisas, viu? Com as matérias... eu acho que eu fui encontrando as coisas, não tive decepção... apesar de não existir a tecnologia de hoje, mesmo assim foi fascinante. Eu não me arrependi. Desde o início, sempre procurava do Jornal, do Centro Acadêmico, cheguei até a fazer o jornal da [redacted] [universidade pública da capital gaúcha]- embora não fosse estudante lá. Eu tinha uns amigos lá e participava. E assim começou a minha trajetória que me levou a 50 anos de jornalismo, não me arrependo.

Porto: E quais eram as suas expectativas do curso e da universidade?

Esther: Na época, a gente não tinha essas coisas que tem hoje, tanto, né? Era o quê dispunha do momento. Não tinha nada o que fazer na parte prática, isso tudo era muito incipiente ainda... era tudo teoria. Quem gostava, gostava, quem não gostava não ficou na profissão. Aliás, poucos ficaram, daquela leva. E eu não cheguei com essa expectativa que nem tem hoje. A expectativa de estúdios e tudo... mas nós não tínhamos isso. Era tudo teoria, mas a gente foi aprendendo na prática. Eu tive sorte

de entrar para o jornal de início, antes de formar. Com essa janela que foi aberta na [redacted] [companhia jornalística da capital]. Era o estágio de três meses que o diretor resolveu fazer. Eles faziam uma seleção anual, e um chamando de três em três mas quando a gente entrava Eles já diziam que era só três meses de estágio, nos pagava um salário mínimo da época. E a gente bem faceiro, porque tu fica recebendo e já com a oportunidade de entrar numa redação. Quem gosta de jornalismo sabe o quanto que é especial isso. E daí depois disso ficamos, turma foi efetivada. De 3 em 3 meses frequentavam preço e acabava que quase todos iam ficando e sendo efetivados pontos até que falaram que falaram que se começasse efetivar todo mundo e acabar os estágios, mas não acabou. Foi até renovado os estágios. E foi aí que deu a renovação das redações dos jornais. Porque até então, quem trabalhava nos jornais eram os advogados, médicos, amigos do diretor, amigos do proprietário do jornal. Porque o curso de jornalismo era muito novo. Quando surgiu essa oportunidade de estágio, foi quando se abriu essa oportunidade para os formandos. E daí a gente foi.

Porto: E durante a sua formação, como tu se sentia em relação ao ensino?

Esther: eu procurava... E como eu não tinha uma expectativa muito grande... Os nossos professores eram todos jornalistas que trabalhavam em jornal. Hoje, exigem curso de pós-graduação, naquele tempo não. Era o jornalista que fazia o jornal diário que eram convidados para serem os professores. E aí eu nos ensinando, porque não tinham muitos recursos técnicos mesmo. Era na teoria, isso foi a nossa formação. É bem diferente de hoje... nós éramos formados pelos jornalistas, por exemplo [redacted] [redacted], uma referência que permaneceu por muitos anos, foi também nosso diretor... Poucos professores que não eram jornalistas, só os professores de história, de geografia, cultura geral... Esses eram professores formados nos seus cursos. Mas no jornalismo mesmo, eram os jornalistas e não tinham curso de jornalismo, porque nem existia antes. Eram advogados, tinha médicos, eles que formavam os jornais da época. Os jornais da época tinham muitos médicos, quando eu fiz a pesquisa para o correio do povo fez 100 anos, eu fiz uma pesquisa e resgatei várias coisas. E com isso eu pude ver, como eles faziam jornais e a evolução do jornalismo, das notícias. Uma curiosidade: quando chegava as notícias que eram por telegrama, no fim da tarde e guardava na frente da [redacted] [companhia jornalística da capital], tinha um Sininho que eles tocavam quando chegava à informação e deixavam os telegramas ali com as últimas notícias. E assim acompanharam a primeira grande Guerra, Segunda Guerra também. As notícias chegavam dias depois.

Porto: E quais as disciplinas que mais interessavam na graduação?

Esther: Eu não lembro o nome, mas era a prática do jornal, de rádio... E o que que era prática do rádio, eles me davam informações e a gente tinha que fazer os textos para rádio, curtinhos e tudo mais. De te ver ficou a gente tava iniciando a recém. A gente só conheceu a TV como estudante, indo visitar o estúdio, acho que era TV [redacted] [televisão pública].

Porto: E o que que te motivava?

Esther: a curiosidade de sempre relatar o que que acontecia, os acontecimentos, buscar reportagens, descobrir coisas novas... Era isso aí. Em todas as áreas do jornalismo, tanto política, ponto social Esporte. A gente ficava em funcionando e não tinha muito. E fazendo matéria do que eles davam para a gente fazer. O professor passava um tema e a gente tinha que fazer as matérias. Por exemplo, vai fazer matéria sobre a rua da praia. Daí a gente ia pesquisar, entrevistava as pessoas... e assim a gente foi formando. Assim também quando começou no estágio da folha. Eu me lembro que quando eu fiz o teste de estágio, a reportagem foi sobre a rua da praia. E daí ficamos nós três dessa seleção, os melhores colocados, e a cada 3 meses iam chamando outros. E essa grande turma toda que passou, acabaram fazendo estágio lá, depois foi um prazer hora, se destacaram... e assim foi.

Porto: e algum professor ou disciplina te marcaram de forma especial?

Esther: olha, eu gostava muito do Alberto André, ele era do [redacted] [jornal tradicional da capital] e depois foi até diretor da [redacted] [associação da classe]. Acho que foi ele que me levou a gostar de ser setorista de cidade. Descobrir as alternativas que a cidade oferece para as pessoas, o que que oferece, curiosidades de rua. Porque durante esse período eu sempre fui repórter, nunca quis ser outra coisa e se voltasse gostaria de ser repórter. Sempre gostei de buscar a notícia. Mais uma curiosidade. Hoje, não tem isso do furo de reportagem, isso era aquela notícia exclusiva hoje é difícil de se conseguir até porque sai uma notícia e já se espalha pela internet e todo mundo já sabe. Quando chega no jornal hoje, já chega defasado, mas na época não, as notícias chegavam através dos jornais. E a gente buscava notícia exclusiva. Eu saía do jornal com a pauta, com três pautas que era o normal, e tentando trazer seis de volta. Eu ia pegando as coisas diferentes, andava na rua observando. Eu tinha colega de faculdade que trabalhavam... um deles era engenheiro da prefeitura, daí a gente conversava e às vezes ele saía com algumas coisas interessantes, "vai acontecer tal coisa, vai mudar o trânsito...". Daí eu chegava no jornal e já escrevi a matéria e às vezes virava a manchete do dia seguinte. Eu buscava coisas diferentes, isso daí sempre me fascinou muito. Nas entrevistas coletivas, a gente tinha muita coletiva, quando eu ficava na entrevista, eu ficava ouvindo e quando eu via que tinha algum assunto que os outros não perguntavam ou não tinham se dado conta que era importante, daí eu não perguntava na hora para não despertar o interesse dos outros. Daí eu esperava que saísse as pessoas e eu ia lá e falava com o entrevistado sozinho. Chegava no jornal e fazia matéria sobre aquilo. Depois chegava o colega e perguntava como que eu tinha conseguido as declarações ou as informações, falando que quase tinha ido para rua por não dar informação... Quando era coletiva, eu pegava exclusiva se o assunto era bom. Assim que a gente ia fazendo, buscar as notícias com exclusividade. Na época, isso era muito importante, porque o jornal vendia por isso. A folha da tarde era vespertino, então pegava aquele pessoal que estava saindo do

emprego, então vivia muito de manchete. Na nossa época, pessoal entrava no bonde e tava todo com o jornal da folha da tarde.

Porto: e quais os espaços que tu acha que se fizeram mais presentes na tua formação (sala de aula, laboratório, estágio, palestras...)?

Esther: Eu acho que o estágio. A aula deu a teoria, mas o estágio foi muito importante. A redação. Foi a oportunidade que a gente teve de colocar em prática aquilo que a gente recebeu de orientação na universidade. Eu acho muito importante essa parte do estágio. Em qualquer curso, é a parte que oportuniza o estudante a colocar em prática aquilo que ele tá aprendendo na teoria. Eu sempre gostei muito, sou uma apaixonada pelo jornalismo. Trabalhei 50 anos como se não tivesse trabalhado.

Porto: e para ti, o que que tu acha que um estudante de jornalismo precisa saber para ser um bom jornalista?

Esther: Ação cultural, a curiosidade, o amor ao jornalismo. Porque se tu não tiver aquela paixão pelo jornalismo. O jornalismo é uma profissão que exige paixão. Se tu não tiver a paixão, se envolver com a notícia, não é algo que vai te satisfazer. Ele precisa ter essa formação e ter essa coisa inata, essa curiosidade, essa coisa de estar dentro da notícia do acontecimento, de relatar o que tu vê, descobrir coisas novas. Tem que ter essa paixão. Se a gente não se envolve... no jornalismo, tu tem que aguentar os plantões, tem que estar disposto no feriado, porque a notícia não para. Tinha um cara do jornal que dizia "Quer moleza? Vai para o banco". Ele já acabava com a história. Ele sabia que não adiantava a pessoa... ou tu gosta ou tu não gosta! Se tu gosta desse tipo de vida, desse tipo de trabalho, tudo bem. Agora, se tu não gosta, quer algo mais burocrático, algo fixo de segunda a sexta, com o horário certo... daí, tem que procurar outra coisa.

Para trabalhar em jornal tem que ter isso. Cumprir as tarefas dentro do horário, e os acontecimentos não tem hora. Quantas vezes, eu tava em casa de madrugada ou de noite. Às vezes, eu nem esperava me chamar, quando eu vi que tinha acontecido alguma coisa eu ia para o jornal. Mesmo agora, depois de muitos anos eu continuava indo. Quando morreu o Papa, eu tava em [redacted] [cidade da serra] e voltei na mesma hora, porque eu sabia que a gente ia ter que fazer milhares de matérias. Acho que tem que ser isso, é uma profissão que exige uma doação. Não não dá.

Porto: E tu acha que a faculdade consegue motivar e estimular essa parte emotiva e humana também?

Esther: hoje, eu não sei. Na minha época, a gente até achava interessante, gostava de ver aqueles professores que trabalhavam em jornal. O jornal era uma coisa espetacular. Hoje, não sei, mas eu acho que... não sei se tu chegou a ter aula, mas o [redacted] [professor de jornalismo]? Eu sei que era um que encantava os alunos. Ele é um entusiasta da profissão. Vários que eu converso falam que foi ele que os

motivaram. O [redacted] [professor de jornalismo] era outro. Eram os professores bem famosos por mobilizar os alunos e até hoje... eles trabalharam comigo lá como estagiários.

Porto: e como tu enxerga o desenvolvimento da profissão e do ensino? Pode ir pensando na relação que tu foi se envolvendo na profissão vendo nova jornalistas que se formaram depois de ti...

Esther: eu acho que hoje por essa oportunidade que os novos tem de já contar com essa nova tecnologia, contar com essas redes sociais, que estão tomando conta... Eu acho que eles estão sendo influenciados bastante. Eu não conheço todos, mas os que conheço parece que se dedicam bastante. E os alunos... parece que tá saindo uma safra muito boa de jornalistas. Acho que isso daí depende muito do aluno, também. Se ele tá realmente interessado. Mas acho que hoje a gente vê a evolução desses novos repórteres que estão surgindo nas TVs e nos rádios. Acho que os professores estão cumprindo com a função de orientar, mostrar na prática o resultado, senão não teria essa turma tão boa que tá surgindo. Tem uns que não são tão bons, mas outros são. Uma nova geração. Hoje também tem mais ferramentas na época não se tinha muito. Mas é isso, jornalismo evoluiu bastante, foi evoluindo.

Porto: e pensando nessas novas tecnologias e redes sociais, e nessas novas áreas que os estudantes acabam indo, como marketing, redes sociais, assessorias e agências de conteúdo... tu acha que esses estudantes, são menos Jornalistas do que os de antigamente?

Esther: não. Eu acho que, hoje... Teve um tempo que não valorizavam assessoria de imprensa, quem trabalhava em assessoria de imprensa os outros achavam que a pessoa não tinha dado certo ou que era cabide de emprego. Mas acho que é tão importante hoje. Para tu conseguir fazer jornalismo nos meios de comunicação, se tu não tiver uma boa assessoria de imprensa é muito difícil. O próprio jornalista, hoje, precisa dessa ajuda do assessor. Antigamente, para gente fazer uma matéria com o secretário, um governador, um técnico de futebol, qualquer um... Se tu não fizesse o contato direto com eles, disso não tinha informação. Hoje não, o assessor de imprensa tem essa missão. Eu inclusive parabenezo a [redacted] [associação de classe], que recentemente criou um prêmio para assessoria de imprensa. Eu achei isso um prêmio muito bom, vai estimular ainda mais e valorizar ainda mais assessoria de imprensa. Porque sem assessoria de imprensa hoje. E essa outra parte de marketing, dessas outras coisas... hoje, tudo faz parte. No mundo atual não dá para ficar só na dependência de uma pessoa. Tu tem que ter uma assessoria que possa divulgar... ou pelo menos, o que faz um acessório, ele divulga o produto, e daí os jornalistas vão em busca para ampliar aquela notícia. Mas se não tiver uma Assessoria por trás dos grandes projetos ou dos pequenos projetos, ou ações sociais... Se não tiver assessoria de imprensa, dificilmente as coisas andam. Eu acho que assessoria abriu também o mercado, foi uma sorte até, porque ampliou o mercado de trabalho para os

jornalistas. Só focar em jornal, rádio e TV... o número de vagas é muito pequeno pelo volume de profissional que saem das faculdades. Então, cada um vai para sua área onde tem mais tendência. Hoje, qualquer jogador de futebol tem assessoria de imprensa, isso aí é tudo mercado de trabalho. Vai fazer o quê? Vai ficar só na meia dúzia nas redações... são oportunidades. E para os veículos de comunicação também é muito importante assessoria. Estou preciso mais informações, quer saber detalhe desligou tu liga para assessora, todo mundo tem assessora. A gente não tinha nem telefone para ligar, tinha que marcar a ligação com a telefonista e dizer para quem queria ligar. Daí, depois ela conseguia a ligação. Quando tu ia fazer uma entrevista com alguém, tu ligava. Na nossa época, era tudo olho no olho. A gente tinha que ir direto no local, saía com as pautas e ia para Secretarias [do Estado]. Chegava lá e tinha que ficar esperando para falar com o secretário. Às vezes, chegava lá e a pessoa tinha viajado e a pauta morria, porque a pessoa tava viajando. Hoje, não. Tu pega o [número do] celular, se tu já tem, ou o assessora te passa o contato e ele pode estar lá na Cochinchina que ele fala contigo. Isso aí foi uma evolução tremenda. Comecei lá onde não tinha nem telefone direito, e terminei aqui na internet redes sociais. Acompanhei tudo isso.

Porto: e depois de concluir a graduação do seguir estudante de alguma forma?

Esther: Não, depois não deu. Casei, tive filhos, gera bastante coisa para mim . Não deu. Fiquei lá como jornalista mesmo, como repórter. Na nossa época, nem tinha mestrado, essas coisas. Hoje tem, mestrado, doutorado, pós-graduação... Isso aí veio bem depois. Na época, formava na faculdade e ia para prática, acompanhando a evolução no dia a dia.

Porto: e tu considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da sua profissão?

Esther: Ah, foi bem importante. Se não fosse a faculdade, como é que eu ia saber fazer como era o jornal... Pelo menos A teoria a gente tinha toda e A orientação.

Porto: e tu considera que voltar a estudar é importante hoje em dia para os jornalistas?

Esther: Hoje, eu acho que é, acho que é bom. Acho que é fundamental para aqueles que podem fazer, e hoje é a maioria. Alguns não podem porque os cursos são muito caro, não sei que tu consiga a bolsa... A formação já está difícil né? Eu sei porque eu tive muitos colegas lá te toma jornal, mas ainda tão pagando a faculdade, Por que fizeram com crédito e tal. Então, aqueles que podem eu acho que precisam. Até porque hoje tu vai acompanhando a evolução toda e podendo atingir outras profissões, e para carreira acadêmica... Isso é bom. Acho que quem pode, e hoje há mais possibilidade, deve. O mercado foi ampliado bastante nessa área, maior oferta de pós-graduação, mestrado e doutorado... muito bom. Se na minha época tivesse essa oferta, e as disponibilidades que têm hoje, certamente, eu teria feito.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: agora entrando um pouco na sua trajetória profissional, nesse teu período de estágio de três meses, e depois quando foi contratada, tu viu teu ensino sendo refletido na prática?

Esther: Sim, muita coisa. Toda a técnica que eu tive na faculdade... porque até entrar na faculdade, eu não tinha a mínima noção de como era [o jornalismo]. Eu só conhecia o jornal e ponto. E, daí, quando começou a parte prática, aquilo ali tudo ajudou. Como é que tu vai fazer um teste para entrar num jornal, se tu não tem a mínima noção de como é que é aquilo? Aí com esse respaldo teórico, e se tu gosta da coisa, tu já saía fazendo, né? Porque o estágio era assim, era o teste e tal... depois quando me chamaram, já no primeiro dia, o chefe de reportagem chegou lá e disse “Óh, tu vai fazer uma matéria num colégio tal, assim e assado...”. Saí assim, crua e fui. No outro dia, até deu matéria de capa. Ah, tava bom, então!

Porto: e depois eu trabalho na folha da tarde, onde mais tu atuou?

Esther: eu trabalhei na folha, daí eu saí e fui para a... Nesse período, eu trabalhei no jornal e também era assessora de imprensa do Estado. Fazia um turno no jornal e outro Turno no estado, e assessora de imprensa da secretaria de educação, também fui o gabinete da primeira-dama... E sempre com um dos turnos na folha da tarde. Depois fui para Brasília, fiquei quatro anos lá, trabalhando no Ministério da Previdência Social. Depois, Trabalhei na empresa brasileira de notícias, O que era o órgão federal de notícias. Depois, voltei e foi assessora de imprensa, também no gabinete da primeira-dama, [REDACTED]. Depois, Trabalhei na assessoria de imprensa do Palácio, na época do [REDACTED]. Depois Trabalhei na [REDACTED] [emissora de televisão], do Ministério do Trabalho. Depois eu me aposentei no estado e fiquei no [REDACTED] [jornal tradicional da capital], quando reabriu o correio, eu voltei para [REDACTED] [companhia jornalística da capital]. Quando fechou, em 1986, fechou correio, ele foi à falência. Só a Guaíba que ficou funcionando, fechou o correio, folha da tarde, a folha da manhã... Tudo de lá. Ficou quase dois anos fechada e quando voltou, aí eu voltei para o jornal. E no [REDACTED] [jornal tradicional da capital] fiquei até agora, quando sai em 2016. Eu trabalhei até o 75. Agora, eu fazia na história de ensino, cuidava do ensino superior.

Porto: e o que que te levou a voltar para o [REDACTED] [jornal impresso da capital] e ficar até os 75 anos?

Esther: foi o amor pelo jornalismo. Assessoria de imprensa eu também sempre gostei, mas quando fechou o [REDACTED] [jornal], eu não tava no jornal, eu tava voltando de Brasília. Aí, eu fiquei só trabalhando e assessoria de imprensa do Palácio, era

funcionária pública concursada... E quando reabriu, eles me chamaram. Começaram a chamar o pessoal que já tinha trabalhado lá, e eu entrei aí. O jornal era patrimônio da cidade, quando ele voltou foi muito emocionante. Foi bem festejado. Eu adorava a redação, a reportagem, ser repórter... mesmo que tu esteja na assessoria, se tu gosta disso... a redação é outra coisa. Eu voltei a trabalhar nos dois, depois me aposentei e fiquei só no jornal. Nos últimos anos, eu estava só no jornal. E no [redacted] [jornal que trabalhou anteriormente], eu fiz muitas reportagens. Grandes acontecimentos... como foi o incêndio das lojas [redacted], sabe? Foi um horror. Eu lembro que quando eu cheguei no jornal tava o chefe de reportagem e ele disse para eu ir lá e ver o que tava acontecendo, porque tava saindo uma fumaça. E eu fui, quando eu cheguei lá era um horror. Pegou fogo, e morreu um monte de gente. E eu fui uma das primeiras a chegar lá, acho que fiquei umas 4 horas no local. Daí, a gente saiu dali e ainda saiu no jornal daquele dia.

Porto: e tu se encontra satisfeita com a trajetória e com esse lugar que tu ocupa hoje?

Esther: sim, eu me encontro graças a Deus. Eu tive essa sorte. Eu sempre dizia lá que eu nunca ia trabalhar, que eu ia me distrair. Eu nunca encarei aquilo [como trabalho], desde sempre, eu ia com o maior prazer. Eu me lembro quando tinha época de praia. Minha turma ficava na praia e era domingo, 11 horas da manhã e eu pegava o carro e ia direto para o jornal. E até me esqueci que eu tinha deixado a praia. Fazer a carnaval, vinha da praia e fazia direto da avenida, ficava fazendo matéria até de madrugada... Daí umas 6 horas eu voltava para praia. Daí de ônibus, senão eu dormia. Eu vinha, fazia Avenida de noite, e ia o jornal... Naquela época, jornal trabalhava 24 horas. Fazia matéria para o jornal e pegava o ônibus para voltar para praia, para Cidreira. Mas hoje, eu me sinto, agora aposentada e com o cuidado que eu tenho com a minha mãe, que tem 101 anos, e acompanha tudo até hoje. Eu digo eu sou uma pessoa realizada, porque eu exerci uma função que eu adorava e que sempre gostei, que foi ser repórter. Por 50 anos e então hoje, graças a Deus, tenho minha vida tranquila de aposentada. E eu me aposentei com 75 anos eu tinha me dado conta, que ainda tava lá. Só que com a história da minha mãe, de tem que cuidar dela e dá mais atenção, eu disse que tava na hora de eu parar. Se não eu estaria lá ainda até hoje, bem Faceira.

Porto: E como tu encara o mercado de trabalho atualmente?

Esther: com muito temor. Ainda bem que abriram essas outras janelas aí, as assessorias e outras áreas. Eu vejo hoje e penso: "como é que eu consegui trabalhar 50 anos e nunca ter sido demitida?". Não ter me preocupado que podia perder o emprego no dia seguinte. Hoje eu fico pensando, fico lá conversando... o pessoal que tá tirando [cursando] jornalismo, deve viver numa tensão permanente. Hoje, não é sobre a tua capacidade ou a tua competência... Tu tá muito bem no jornal, na TV ou no rádio, e quando vê... te chamam lá e dizem que tem novos projetos e demitem a pessoa. Ela nem espera, é uma instabilidade muito grande. Na minha época, não tinha

isso ponto se tu trabalhava dentro da ética e dentro do que a profissão exige, tu estava tranquilo. Eu nunca tive essa preocupação de perder o emprego. Hoje, não. As pessoas saem e ainda encontram o mercado de trabalho que não tá Te esperando. Não tem como conseguir vaga em outro jornal, em outra coisa. Não é porque tu não é competente, é porque a empresa decide que vai demitir e demite. Hoje a gente tá com o mercado muito instável. Eu vejo isso com muito temor, e fico vendo as pessoas e fico com pena. Nos últimos anos a gente já via passaralhos. Daí, já ficavam atentos, e não era só em uma empresa. Ficava uma atenção nas outras redações também, já existia essa tensão. Então, hoje, tá muito pior do que naquela época. O mercado hoje, não está restrito só a TV, rádio e jornal ponto ainda bem que tem as assessorias de imprensa, é o o melhor mercado que tem hoje. Porque hoje todo mundo precisa, seja imprensa, seja empresa, seja comercial. A TV, o rádio, eu acho que tá muito restrito para o número de alunos que saem formados a cada ano.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: e a prática profissional do jornalismo te levou a outras atividades fora da comunicação?

Esther: não, eu fiquei me dedicando mais... A não ser as assessorias de imprensa, mas faz parte do jornalismo. Mas outra atividade, eu não cheguei a me dedicar. Eu gostava mesmo era daquilo. Ah, eu lecionei algum tempo. Agora, me lembrei, mas eu não gostava muito. Eu fui professora de Escola Técnica, antes de entrar para faculdade de jornalismo, eu fiz curso da [redacted] [universidade pública da capital] para formação de professores, e daí eu trabalhei um tempo como professora. Mas não era minha área, trabalhava porque precisava.

Porto: E agora falando da prática da profissão, como tu percebe a prática do jornalismo hoje? O que que tu acha que mudou?

Esther: eu acho que mudou bastante. Na minha época, a gente tinha uma orientação que sempre houve dois lados, que não podia ter essa tendência política. Na época, não existia tanto essa esquerda, direita, e não sei o quê. Não era tão assim... tinha que ter isenção, nós tínhamos a orientação de ser isentos e não puxar muito para nenhuma tendência. Outra coisa, Dar sempre voz para aquele que quisesse reclamar da matéria no dia seguinte. Ah, hoje, Eu vejo que às vezes os repórteres não estão muito bem preparados quando eles vão dar as notícias. Mesmo notícia simples, nem sempre eles situam bem a matéria, Falam "no km tal da BR". Mas eu não sabia onde era, tem que dizer entre as duas cidades, para se localizar. Isso que eu acho que o jornalista jovem peca um pouco hoje. Às vezes muitas coisas eles desconhecem, até pela idade, a gente tem a história na cabeça, pelo menos os últimos 70 anos tem. Aí a gente vê o quantas vezes falta para eles...

Porto: e o quanto que a tua percepção sobre a prática do jornalismo mudou, desde o início do curso até hoje?

Esther: Eu acho que mudou bastante, até porque a gente não tinha as informações que hoje nós temos. A gente não contava com esses recursos para obter a informação, era difícil, e para divulgar também. Hoje, não. Hoje, o pessoal não precisa nem ser jornalista, todo mundo agora faz, com as redes sociais. Se por um lado ampliou isso; por outro, eles escrevem o que eles querem e sem responsabilidade. Mas o jornalismo em si eu acho que é muito importante para divulgar e para dar veracidade às coisas, às notícias. Pelo menos tem uma responsabilidade ao noticiário. Eu acho que, nesse período, de lá para cá, o que mudou foi isso. É que a gente não tinha todos as ferramentas que hoje tem. Se te falta algum nome, ou informação, tu pega o Google e ele te dá na hora. Antigamente, não tinha isso tu precisava de alguma informação e tinha que pesquisar, pegar livros, ir na biblioteca, ou ir no arquivo do jornais, para poder saber aquela história e como foi. Hoje, tu tem muita facilidade. Sempre tem alguém filmando, alguém que vê... e daí, é só fazer a matéria. A essência do jornalismo, ficou. Dos acontecimentos mais importantes serem divulgados em forma narrativa, com dados. Isso aí, hoje, nós temos mais recursos, mas na época se tu olhares, se um dia tu fizer pesquisa, tu vai acompanhar todo os grandes acontecimentos que ocorreram na época com a maior veracidade possível, e ampla cobertura, mesmo sem os recursos! Isso que eu acho fascinante no jornalismo. Essas grandes coberturas, mas também o dia a dia, para mim tudo é importante! Os fotógrafos reclamavam de fazer foto de buraco, essa parte de cidade...

Porto: tu percebia diferenças na prática profissional e no modo de atuação entre os teus colegas mais jovens? Quando tu ainda estava no [redacted] [jornal tradicional da capital].

Esther: eu via assim, quando chegavam os novos, Eu sempre me dei muito bem com as novas gerações, e até porque eu era mais antiga eles diziam "qualquer coisa consulta a Esther". Eu sempre mantive uma boa relação com eles, até depois de ter saído. E eu via que os que gostavam do jornalismo mesmo, no dia que eles chegavam, tu olhava, e conversava e tu já havia. E aqueles eram os que ficavam, e iam crescendo... Outros não estavam tanto, tu já via que não estavam tão interessados no jornalismo. Eu acho que surgiram grandes nomes e essa nova geração veio com essa gama de conhecimentos, e mais ferramentas, que nós não tivemos. Quando começou a internet, foi uma revolução, a gente nem sabia. Não queria largar a máquina de escrever. Até que foi vindo aos poucos e a gente foi aprendendo na marra.

Porto: mas como tu percebi a relação, tu sentia que tinha diferenças por causa das tecnologias e por causa do ensino que essas pessoas tinham recebido?

Esther: eu acho que pelos dois. Hoje, eu vejo que, no ensino, os professores são muito mais bem preparados do que os nossos. Os nossos eram professores formados na

prática, não existia curso. Eles até tinham curso superior, mas de outros segmentos. A maioria era advogado. E hoje, não. Eles estão preparados, continuam estudando, parece que hoje exigem... Tem que ter o mestrado que é certo, mas acho que o doutorado também. Até porque as Universidades hoje tem as classificações dependendo dos doutores e Mestres. Isso tudo só acrescenta, hoje eles têm novas possibilidades de realizar um jornalismo bem melhor. O nosso tempo virou a gente ia pela prática. A maioria hoje tá fazendo mestrado, doutorado; não só para melhorar na profissão, mas também como uma forma de garantir o futuro. Sabe que o jornalismo é isso, hoje mais do que nunca. Antigamente os repórteres ficavam vários anos. Hoje, chegou nos 40 ou 50 e eles já começam a fazer a seleção para substituir pelos mais novos. Mesmo que as pessoas estejam no auge da profissão. Isso é em todo o Brasil. A ■■■ tem essa linha, quando fazem 60 anos já saem todos. Acho que esse aperfeiçoamento que as pessoas estão fazendo, essas duas coisas: melhorar na profissão, até se tu quer alguma especialização tu faz curso nessa área, mas também para ser professora e pode ir para outra área ou buscar novos segmentos dentro da comunicação.

TRANSCRIÇÃO VÂNIA

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Essa primeira parte né de mais dados de identificação. Eu gostaria que o teu nome e tu pudesse a tua idade.

Vânia: Meu nome completo é [REDACTED] e eu tenho 72 anos

Porto: E qual curso que tu se formou?

Vânia: Em forma em jornalismo na [REDACTED] [universidade pública da capital gaúcha]

Porto: E o ano de conclusão?

Vânia: 1968

Porto: E como tu define a última área que atua no jornalismo?

Vânia: A última área que atuei foi no jornalismo online, quando a gente criou o jornal online [REDACTED] [jornal online da capital]. E é uma área que ainda tem milhares de possibilidades e muita coisa a ser explorado ainda mais. Eu acho que é o futuro, eu não vejo o jornalismo impresso como uma coisa que vai durar muito tempo.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Como que se deu a escolha da sua profissão?

Vânia: Foi engraçado porque a minha família tem uma tradição que as mulheres serem professoras, minhas tias, toda turma era de professores, e eu não queria isso. Aí eu comecei a conversar com alguns amigos e dois deles, o [REDACTED] e outro, me disseram "Vai fazer jornalismo. É uma coisa que tá surgindo...". E quando eu entrei eu acho que o curso tinha uns quatro ou cinco anos no máximo, e era um curso que não... não era jornalismo propriamente dito.

Nós tínhamos aula de geografia e história português, sociologia... Enfim, uma série de outras matérias que formavam a nossa cultura digamos assim... para que a gente tivesse embasamento na profissão que a gente exercer. O curso era dentro da Faculdade de Filosofia, e os nossos professores eram os mesmos da filosofia nessas matérias básicas. Além para professor que esses então nos ensinavam as matérias da área mesmo de jornalismo. E essa convivência com o pessoal da filosofia foi muito rica. Havia muita atividade era um período de muita atividade política e a gente se envolvia muito nisso foi um período muito rico.

Porto: E o que tu esperava do jornalismo quando tu decidiu o curso?

Vânia: Olha eu não sei o que eu esperava. Eu esperava mudar o mundo. Realmente, a gente sonhava com uma outra vida para o Brasil para os brasileiros e eu achava que com o jornalismo alguma coisa a gente podia mudar minimamente. Acho que hoje em dia eu não penso mais assim.

Porto: As suas está expectativa do ensino?

Vânia: Era aprender a escrever, a gente tinha aulas práticas, isso nos entusiasmava. A gente foi conhecer uma instalação de um jornal, o diretor era nosso professor, e quando fomos conhecer a redação, as oficinas... era empolgante. Eu me lembro de um fato que me entusiasmou muito, nós saímos dessa visita e em frente ao jornal tinha um bar que o nosso professor nos levou. Aí ele mandou servir uma bebida e a primeira coisa que eu fiz foi olhar o rótulo ele falou que não conhecia era tipo um achocolatado... e ele me disse "essa é uma boa jornalista essa vai ser uma boa jornalista", pela curiosidade que eu tive que olhar o rótulo.

Porto: E durante a sua formação acadêmica como tu se sentia em relação ao ensino do jornalismo?

Vânia: Olha era tão novo o curso de jornalismo que eu não tinha como comparar com outras coisas com outros cursos. Só tinha na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha]. Antes de mim se formou a [redacted]... Não tinha parâmetros, A gente ia indo, "vamos lá"!

Porto: E quanto atingiu a reta final do curso tu ainda sentia falta de parâmetros ou tu já conseguia ter uma compreensão de uma avaliação crítica de como eu ensino?

Vânia: Não, eu não tinha uma avaliação crítica. Eu saí da faculdade muito entusiasmada achando que eu sabia tudo sobre jornalismo. E como eu te disse, foi um período de muita dificuldade política, de muita atividade. Mesmo depois do curso a gente continuava se encontrando em manifestações políticas. Isso me deu uma continuidade, tanto no ponto de vista profissional quanto no ponto de vista político.

Porto: E quais as disciplinas que mais interessavam durante a faculdade?

Vânia: Acho que foi redação mesmo, com esse professor que era a diretora do [redacted] [jornal diário da capital] escrever foi o que mais interessou. Claro que eu adorei estudar sociologia, geografia etc. Os professores eram muito bons! Mas escrever era o que eu queria.

Porto: E por que isso?

Vânia: Porque eu achava que eu tinha possibilidade ao escrever e transmitir o que eu pensava, e o que outras pessoas pensavam, podia mudar alguma coisa do ponto de vista político e social. A ideia era transformações.

Porto: E teve alguma disciplina o professor que te marcou, que te transformou durante essa trajetória?

Vânia: O professor que eu mais tive contato foi esse professor que nos ensinou a redação, com certeza foi o professor que mais me influenciou. Tinham outros professores da filosofia mesmo, mas eu sentia que era só embasamento que não era isso que a gente ia usar depois profissionalmente, embora nos desse sustentação e substância para poder escrever e compreender o mundo.

Porto: Quais espaços que fizeram mais presentes durante a sua formação?

Vânia: O bar da faculdade. Era o centro político da filosofia. Ali a gente se reunir depois da aula ou antes da aula. Era o local onde a gente discutia as coisas e aprendia, volta e meia tinha palestras, debates... E tinha bebida (risos)

Porto: Como que tu acha que esses momentos, essas confraternização agregaram na formação?

Vânia: Ampliou muito meu horizonte eu vinha de uma família de descendentes de italianos, nascida no interior. Meu pai era médico, mas a minha mãe não trabalhava, enfim. Então, eu tive uma formação muito... Estreita, eu acho que é a palavra certa. E ali na filosofia no curso de jornalismo abriu... As comportas se abriram.

Porto: E na tua opinião o que tu acha que um jornal um estudante de jornalismo precisa aprender para desempenhar bem o papel de jornalista?

Vânia: Ele precisa ter cultura. No mais amplo sentido. Compreender as pessoas, compreender a vida. Porque não adianta tu ir fazer uma entrevista e não saber o que perguntar ou não entender o que querem te dizer... ou cobrir um evento de uma forma mecânica. Isso não é jornalismo. O jornalismo ele precisa ter embasamento e é o que eu critico muito nos colegas atuais. Eu sinto que eles não sabem exatamente do que que eles estão falando. É cultura, leitura, debate, discussão que falta. Tu tá vendo aqui atrás... Muita leitura. É isso que abre a nossa cabeça.

Porto: E tu acha que essas pessoas que estão se inserindo agora no mercado de trabalho, os estudantes que estão concluindo agora a formação, tu acha que eles têm essa Cultura?

Vânia: Olha, eu tenho contato com eles apenas no ponto de vista que eles elaboram e falam não tenho contato direto com eles. Mas o que eu percebo, é que falta

embasamento, e eu vejo por exemplo na [redacted] [um dos principais jornais da capital] que eles estão demitindo os profissionais com mais idade e contratando a gurizada que sai da faculdade pelo que me parece com um pouco embasamento pouca Cultura, pouca leitura... Não sei do ponto de vista da escrita porque eu não tenho ideia do que seja hoje em dia o currículo das faculdades. Mas o que me parece é que eles saem muito crus acho que a palavra, sem passado por um foguinho, sabe?

Porto: Entendi. Mesmo que seja olhando de fora, como tu percebe a evolução do ensino do jornalismo desde que tu se formou até agora?

Vânia: Olha eu tive pouco contato com as faculdades. A não ser com a [redacted] [faculdade de uma instituição confessional da capital], porque a [redacted] que é muito amiga minha, inclusive, eu fui em algumas palestras e fiz algumas palestras com ela, e ali eu percebi a essa preocupação dela também do que eu chamo de falta de cultura.

Porto: Até pensando no desenvolvimento do curso, quando ele saiu da faculdade de Filosofia consegue perceber alguma diferença dos profissionais com o passar do tempo?

Vânia: Não eu nunca me detive observar isso eu realmente não sei. Tenho dificuldade de analisar isso....

Porto: E depois que tu concluiu a graduação, seguiu estudando de alguma forma especialização pós graduação pós-graduação?

Vânia: Não, eu terminei o Jornalismo e fui trabalhar em seguida. Depois de um tempo casei, fui morar no Uruguai em que não trabalhei, na volta voltei a trabalhar. Então, foi uma vida muito cheia de tarefas, três filhos, não muito tempo para nada.

Porto: E tu voltou a estudar de alguma forma que não seja dessas titulações formais? Fazer alguns cursos por conta própria, leitura diária... Tu encontra o estudo como parte da sua formação até hoje?

Vânia: Cursos eu não fiz, que eu me lembre. Provavelmente não tenha feito mesmo. Mas a leitura é uma coisa imprescindível para mim eu tenho muitos livros sobre jornalismo, sobre história enfim é uma coisa que eu tô permanentemente me atualizando. E eu gosto de ler jornais fora do Brasil, não sou perfeita nos idiomas, mas consigo entender mais ou menos o que querem dizer.

Porto: E tu considera que o ensino foi importante para o exercício da profissão?

Vânia: Sim, tanto do ponto de vista teórico quanto nessa abertura de mente que ela faculdade me proporcionou.

Porto: E tu considera voltar a estudar?

Vânia: Não, não vejo nenhuma perspectiva para voltar a estudar. Nada tá me chamando. Eu até gostaria mas nada tá me interessando muito no momento.

Porto: E tu acha que é importante para os profissionais que no mercado hoje seguir estudando?

Vânia: Sim, sem dúvida! Por que, é aquilo que eu te falei, as mídias impressas daqui a pouquinho estão se extinguindo e uma nova linguagem vai surgir. E eu percebo que as pessoas que se comunicam via internet tem uma linguagem que ainda não tá dominada. Ou é aqueles textões imensos ou uma coisa em pílula, então, é um trabalho que ainda está para ser feito. É um trabalho que ainda está para ser feito: que linguagem que o jornalismo deve usar para se comunicar via mídias *internéticas*. Porque eu vejo assim que tem muita informação na internet que não é passada pelo crivo do jornalismo. Pessoas que não tem a formação do jornalismo, estão escrevendo como se fosse em jornalistas. Aquela velha discussão do diploma, que a gente participou muito, a necessidade de se fazer o curso e etc. Então isso tudo está em aberto... É uma discussão que ainda está para ser feita.

TRAJETORIA PROFISSIONAL

Porto: Agora entrando na trajetória profissional, como é que se deu o teu ingresso no mercado de trabalho?

Vânia: Eu me formei e fui trabalhar no [redacted] [jornal na capital], mas fiquei pouquíssimo tempo lá. E daí me convidaram para ir trabalhar na [redacted] [entidade de representação do setor industrial], né seria de imprensa lá. O chefe da assessoria era um jornalista que passou por alguns dos principais jornais da capital. E ele convidou eu e mais duas colegas minhas de faculdade, não sei como é que ele chegou nos nossos nomes, e nós fizemos um pequeno teste e eu fui para lá e a outra colega ficou trabalhando com ele, porque ele precisava de um Jornalista para escritório dele. Depois, eu casei e fui para o Uruguai, aí quando eu voltei continuei na [redacted] [entidade de representação do setor industrial] até 86.

Porto: E tu viu o ensino refletido no teu trabalho durante o período?

Vânia: Olha eu acho que eu aprendi mais com o meu chefe do que a bagagem que eu trazia. Ele era um cara, não sei se tu já ouviu falar... Ele escreveu sobre esporte praticamente, mas era um grande jornalista. E eu aprendi bastante com ele.

Mas tu conseguir relacionar o que tu aprende em sala de aula com o que tu praticava o trabalho?

Vânia: Inclusive, ele se admirava de algumas coisas que eu sabia porque ele não tinha feito curso nenhum, né? Era formado na vida. Aí de repente eu dizia alguma coisa e ele dizia “ué, como é que tu sabe isso?”, e eu respondia “da faculdade, né?”. Foi um período muito rico pra ele, e pra mim também.

Porto: E como estava se a relação entre uma pessoa que foi formada só no mercado de trabalho, e tu que fez ensino formal de jornalismo?

Vânia: É isso que eu te falei ele, uma vez por semana tinha reunião almoço e é um palestrante sempre e a minha tarefa era ouvir a palestra e depois fazer uma matéria e para mim era muito tranquila, não tinha muita dificuldade. Eu sempre achava esse tema que, essa frase é importante, esse foco que ele deu... e o [REDACTED] achava “Que legal! Como é que tu conseguiu fazer?”, e eu disse olha a gente aprende né? Foi um período muito rico.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Seguindo a trajetória o que mais tu fez além da [REDACTED] [entidade de representação do setor industrial]?

Vânia: Então, eu saí da [REDACTED] [entidade de representação do setor industrial] e eu fui trabalhar no jornal [REDACTED] [jornal já extinto da capital], um jornal cujo proprietário era o dono da [REDACTED] [jornal de economia do Brasil], e tinha uma sucursal aqui em Porto Alegre. O [REDACTED] o diretor. Mas ele durou pouco tempo, tem uma disputa muito forte com a [REDACTED] [um dos principais jornais da capital] principalmente, disputa de patrocínio e o jornal durou uns 2 anos. Eu era a editora de economia. Foi uma experiência fantástica porque redação era escolhida de dos colegas eram maravilhosas.

E quando fechou e ele colar nós ocupamos o prédio. Acho que ficamos lá uma semana. Porque a gente temia que eles não pagassem os débitos que eles tinham conosco, o salário já vinham sendo atrasados, já tinha um tempo e a gente tinha bar eles vão nos deixar pendurado. Então nós ocupamos o prédio até que o governador, [REDACTED], mandou um comissário para conversar com a gente e com a conversão jornal e garantir o pagamento. E daí nós saímos.

Mas só para ter uma ideia a gente da maluquice... A gente construiu um caixão escrito [REDACTED] [jornal diário da capital], e todos os dias às 6 horas da tarde a gurizada pegava o caixão dava uma volta pela [REDACTED] [rua da capital] e ele pelo [REDACTED] [jornal tradicional da capital], naquela região ali, para as pessoas saberem o que que tava acontecendo. Foi um período difícil e ao mesmo tempo muito rico. Eu era presidente do sindicato naquela época. Depois eu fui para prefeitura quando o [REDACTED] [prefeito da capital] ganhou, depois, segui lá com o [REDACTED] [sucessor do prefeito anterior], depois quer um tempo no jornal da [REDACTED] [universidade pública]

quando a [redacted] [professora universitária] era diretora de comunicação, ela me convidou para fazer o jornal. Depois fui para Brasília onde eu fiquei trabalhando com o [redacted] no ministério de relações institucionais e depois no Ministério da Justiça.

Porto: E como se foi chegar no [redacted] [jornal online da capital]?

Vânia: Depois que o [redacted] [segundo prefeito que assessorou] encerrou o mandato dele, ele era um dos financiadores do [redacted] [jornal online da capital], e mais alguns advogados amigos dele. Então a gente conseguiu uma casa começou a construir o jornal, foi um período bem interessante, bem inovador para mim. Eu que vim do curso do jornalismo na filosofia.

Porto: E como tu encara o mercado do jornalismo atualmente?

Vânia: Muito difícil, mas não é só jornalismo, acho que todas as áreas de trabalho, no Brasil, estão complicadas. Mas, especificamente, sobre a área do jornalismo, é aquilo que eu te falei, eu observo que os veículos preferem contratar a gurizada, que recém saiu da faculdade, porque é mais barato isso prejudica o jornalismo. Não que a gurizada não tenha condição de melhorar, mas ainda... enfim, não tem a formação completa. Tu só completa tua formação quando tá no mercado de trabalho, no dia a dia, na correria, aí é que tu vira jornalista mesmo.

Porto: E tu acha que tem potencialidades nesse mercado atual?

Vânia: Eu acho que tem nessa área que eu te falei da internet né? Em rede. Acho que é por aí que a coisa vai, mas assim tá todo mundo indefinido.

Não tem legislação que garanta o veículo vai ser feito por um Jornalista, qualquer um chega lá e começa redigir.

Eu tava lendo, só me lembrei agora, de uma época em que teve, se eu não me engano... 54 jornais de bairro em Porto Alegre, que foi uma forma dos Jornalistas fugirem das redação opressivas de alguns veículos. Mas esses jornais desapareceram.

Eu me lembro que quando eu tava na Secretaria de Comunicação da prefeitura, a gente negociava com esses veículos pequenos e da verba pública para eles também terem espaço. A gente chamava de mídia técnica, não é só o tamanho do veículo ou o número de leitores, que nos interessava, mas sim o perfil dos leitores, o perfil que o jornal atingia. Ele atingia o perfil dos profissionais que trabalhavam lá. Quando a gente saiu do governo, isso acabou e acho que só sobrou o [redacted] [jornal de bairro], não lembro se tem mais algum outro.

Porto: O futuro do jornalismo nessa perspectiva como positivo ou negativo? Acha que ainda tem chance de retomar essas outras formas de comunicação que tu comentou aqui que se perderam?

Vânia: Que pergunta difícil. Eu acho que não, viu? Eu acho que o jornalismo todo tá mudando. O impresso não vai existir mais, as emissoras [de rádio] então cada vez mais só com música... Tem poucas emissoras em rede que tem programas com jornalistas falando, o resto é música. Então, é difícil de avaliar porque é um momento de transição, porque tu sabe que o passado não vem mais e o futuro tu tá olhando louca para saber o que vai acontecer. Mas é difícil.

Porto: E durante a tua trajetória profissional tu enxerga que tu exerceu atividades fora do campo do jornalismo ou da comunicação?

Vânia: Não, eu trabalhei na área de assessoria de imprensa na área de jornalismo mesmo, no círculo de jornal. Não trabalhei em televisão e rádio, e tive uma coluna no jornal [redacted] [jornal da capital], na época que ainda era impresso. Além de cuidar dos meus três filhos, era isso.

Porto: E tu se sente satisfeita, cômoda, durante essa trajetória profissional?

Vânia: Teve altos e baixos. Eu sempre me senti muito recompensada por ter escolhido o jornalismo. Por exemplo, quando eu tava em Brasília foi maravilhoso conhecer Brasília, conhecer presidentes da república, o pessoal todo... colegas de profissão que são super conhecidos, que estavam em veículos. E, enfim, foi muito legal. Mesmo no [redacted] [jornal já extinto da capital] quando fechou, aquela forma como a gente tratou o fechamento... foi muito legal.

E teve período de Sindicato dos Jornalistas que eu comecei como tesoureira, durante 3 anos, e depois tive mais dois períodos como presidente do sindicato. E também foi um período muito legal que me deu muitas alegrias e muitos desafios, nós fizemos greves. Coisas que importantes mas que eram duras de levar.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Como tu percebe a prática do jornalismo hoje? O que tu acha que mudou?

Vânia: Mudou muita coisa. Aquela célebres perguntas iniciais quem, como, quando, onde e por quê? Isso não existe mais, agora as pessoas abrem a matéria de uma forma mais poética. Não é aquela rigidez de antes. Porque essas perguntas são do jornalismo norte-americano, foi lá que começou esse formato e agora isso não existe mais. E eu não sei se isso é bom ou não. E tem dessas, que eu gosto de ler, mesmo que não sejam esses formatos, e tem outros que são um vexame.

Esses dias eu vi uma manchete da [redacted] [importante jornal da capital] que repetiu duas vezes a palavra "no", é inimaginável que um editor, que acho que não existe mais essa função, deixe passar uma bobagem dessas. Tinha que ser essencial.

Porto: Por que tu acha que isso passa? Por que que isso acontece?

Vânia: Aquilo que eu te falei, eu acho que os mais experientes saíram e os menos experientes ficaram, pressionados pelos donos dos veículos. Eles que tem medo de que jornais impressos fechem e tentam se reinventar, mas de uma maneira muito ineficaz. Essa mudança que eu disse, que as pessoas estão olhando, mas não consegue entender o que que vem.

Porto: Pensando que tu começou e terminou o curso de uma forma até deslumbrada com a profissão, e era assim que tu encarava a prática, e como tu encara hoje? O que mudou?

Vânia: Tu imagina que me formei com 20 poucos anos se tô com 70, então teve 50 anos aí e muita coisa mudou. Eu fui acompanhando isso até um determinado ponto, como aposentada faz mais ou menos uns três anos, mas tento continuar acompanhando, lendo jornal principalmente online.

Eu acho que o jornalismo sempre vai ser algo imprescindível porque é comunicação, se não existe isso... pensando do ponto de vista político, se não existir jornalismo com diferentes opiniões, vira uma ditadura. O jornalismo vai ser sempre respiro, essa forma dos profissionais e das pessoas de serem ouvidas e por onde se manifestarem. E isso não pode ser reprimido, nem diminuído, ao contrário. Tem que ser cada vez mais incentivada a nossa profissão. Tanto do ponto de vista político, como cultural, não há possibilidade de nós termos uma vida civilizada sem o jornalismo. Que frase em? Nem eu pensei nisso antes.

Porto: E como tu enxerga essa relação de profissionais de diferentes gerações, faixa etárias no mercado de trabalho do jornalismo?

Vânia: Pois é, eu não tô no mercado. E quando eu saí, eu tava em assessoria de imprensa, então... fica difícil avaliar.

Porto: Pode ser pensando no teu tempo do mercado. Como tu acha que os profissionais relacionavam?

Vânia: Tu diz os que estavam há mais tempo e os jovens?

Porto: Isso, considerando que foram formações e ensinamentos diferentes...

Vânia: Na assessoria é mais tranquilo porque, tu tem uma linha, um formato de comunicação, que não tem muito como sair desse formato. Nós tínhamos, por exemplo, reuniões semanais para analisar o trabalho da semana para entender o que poderia acontecer na semana seguinte. Isso, a gente fazia com toda redação e com o pessoal de RP e publicidade, todo mundo participava. Então, isso nos dá uma boa

perspectiva de companheirismo com as pessoas mais jovens e quem já estava mais tempo.

Porto: E teve algum momento que tu se surpreendeu com alguma atividade ou exercício de alguém mais novo que nem o teu chefe na [redacted] [entidade de representação do setor industrial]?

Vânia: Deixa eu pensar... Tem, o [redacted] e o [redacted] [profissionais do jornalismo] que me surpreenderam muito, porque foram meio que os pioneiros da área das redes sociais e do uso da internet. E isso, me surpreendeu positivamente. Eu me lembro que um deles era muito ia muito seguido lá no palácio, para a gente conversar sobre o uso das mídias *internéticas*.

TRANSCRIÇÃO CLARISSA

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Clarissa: Você pode me atacar de todos os lados, porque obviamente eu sou dessa geração das primeiras turmas do jornalismo, da formação dos cursos, e, principalmente, eu sou a primeira mestre nessa área no universo latino-americano... em toda a América Latina, na pós-graduação que foi implementada na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha] em 1972. Eu me mudei de Porto Alegre para São Paulo justamente para fazer essa pós-graduação. De maneira em que, eu, sem nenhuma glória, mas por circunstância, sou a primeira mestre dentro do território latino-americano, porque quando se queria uma especialização ou algum aprofundamento na área, se ia para fora, para França ou para os Estados Unidos, basicamente eram esses [locais]. E daí, foi criado o primeiro [programa de] pós-graduação latino-americano, mas, antes disso, eu sou da geração da [redacted] [universidade pública gaúcha] que já está no início da formação do jornalista na universidade. Então, eu estou à disposição para você explorar esse caminho com essa dupla estrada, porque sempre foi dupla, a prática profissional e a pesquisa da área.

Porto: eu fiquei muito feliz quando tu concordou em participar. Eu achei teu nome através da lista dos egressos da tua universidade. Eu fui abrindo nome por nome para ver se as pessoas ainda atuavam. Aí, via se estavam disponíveis para entrevistas e, enfim... quando eu vi o teu nome eu reconheci. Eu li um dos seus livros sobre entrevista para o meu trabalho, e o meu orientador já tinha comentado um pouco sobre ti. Então, eu fiquei numa expectativa de conseguir a entrevista. Sobre nosso diálogo, ele vai passar por quatro eixos, e para iniciar pode falar o teu nome e a tua idade?

Clarissa: eu estou em [redacted] [capital paulista], me chamo [redacted] e a minha trajetória vem de [redacted] [capital gaúcha], onde eu me formei em Jornalismo e Letras em 1964. Ambas as formações nesse ano e eu faço uma referência muito específica a formatura de jornalismo na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha], porque ela se deu no dia 31 de março de 1964. O paraninfo, que é um grande autor do Rio Grande do Sul, já falecido, o [redacted], ele chegou a universidade, ao salão de atos da Universidade, nos falando, à boca pequena, que alguma coisa muito grave estava acontecendo no Brasil. No dia seguinte, a gente amanhecia com o golpe militar. A formatura é um marco que tem um estigma de a partir daí nós sermos convocados, pela nossa formação, a ingressar na resistência cultural. O curso de jornalismo tinha na época três anos, de maneira em que ele terminou em 63, mas a formatura foi marcada para Março. Se nós quisermos fazer uma formatura separada dos outros cursos, tal nosso empenho na época pela regulamentação profissional e pelo reconhecimento da profissão de jornalista na sociedade brasileira. Nós não queríamos que a nossa formatura estivesse diluída com os outros cursos da Faculdade de Filosofia, ciência e letras. O curso de jornalismo nessa época não era

autônomo. O curso de letras que na época também era possível fazer em uma mesma universidade pública dois cursos. E daí é o fiz o curso de letras, ele tinha 4 anos e daí ele terminou em 64, mas em dezembro de 64. Então, a formatura do jornalismo foi em março, e a de letras já se projetou para dezembro do mesmo ano. A partir daí, o ingresso na profissão como jornalista. Então, o meu colega de curso [REDAÇÃO], ele trabalhar para nós nos casarmos. Ele fez um concurso para o Banco do Brasil e foi chamado para trabalhar em Camaquã, tendo, então, esse desvio profissional para que a gente conseguisse concretizar a vida a dois. E aí eu também, em Camaquã, ficamos apenas três anos lá, mas eu fui professora de língua e literatura no segundo ciclo, por conta do meu curso de letras. Mas mantive em Porto Alegre a minha condição de jornalista. Eu vinha sempre às quintas-feiras para Porto Alegre trabalhar na revista do [REDAÇÃO] [revista de grupo carioca em Porto Alegre] que já não existe mais, mas quero uma revista muito importante no Rio Grande do Sul. De maneira que você vê, que a minha dupla estrada, de Educadora de jornalista, já estava posta no início dos anos 60 e ela vai-se afunilar para quase uma proposta exclusiva de profissional de jornalismo quando eu volto de Camaquã e deixo então a escola que eu dava aula e saio da área de educação e fico apenas na área do jornalismo. Mas a vida tem dessas coisas e um professor, o qual eu tinha uma relação muito afetiva, porque ele coordenava o jornal escola, me chamou para ser assistente de catedrático em 1967. Portanto, e o ingresso na carreira de docente, em Porto Alegre, para assistir um catedrático - antes da reforma Universitária que eliminou essa cátedra e criou outras formas de carreiras. Então, eu fui trabalhar com isso. E o que que eu fazia na universidade? Durante um turno eu era jornalista no mercado e no outro turno, de manhã, eu era coordenadora com os alunos de um jornal laboratório. No final dos anos 60, quando eu entrei para ser professora Universitária, e ainda não tinha nenhuma especialidade para essa área, eu me senti realmente em contato com os alunos que estavam se formando em jornalismo não veículo laboratório, eu senti que simplesmente eu passar para esses alunos a minha experiência profissional e fazer um jornal com eles, Isso não era o papel fundante e essencial do ensino universitário. Porque o ensino universitário é, no meu entendimento, é para que o profissional saia como autor transformador técnico adestrado. Um técnico que apenas escolarizado para praticar as técnicas do mercado. Dessa maneira, eu fiquei inquieta de diagramar e colaborar com as redações dos alunos sem me valer de um âmbito mais amplo de pesquisa e de transformação. Eu não queria estar ali apenas ajudando a treinar técnicos, mas eu queria era que se tornassem autores de um processo que é o processo de narrativas da contemporaneidade, como eu chamo hoje. Então, a mediação social que eu havia aprendido, a formação humanística dos cursos de jornalismo dessa primeira etapa, indicavam que essa mediação social era uma esfera muito importante do jornalista e para ele ser digno de se chamar um mediador social. É preciso, então, que ele tenha um papel de articulação dos significados que estão disponíveis à informação, e possa articular com autoria uma narrativa da contemporaneidade. Eu estou te dizendo tudo isso, porque foi com esse objetivo que ouvi falar que iria ser criado o primeiro pós-graduação de ciências da comunicação na [REDAÇÃO] [Universidade paulista]. Vim a São Paulo, em 1970, para saber o que que

acontecia e se, efetivamente, iria ser aberto essa pós-graduação. Recebi as informações de uma grande professora da época, que coordenava o departamento de jornalismo e ainda não havia editoração, era o departamento de jornalismo na [escola da universidade paulista], Professor [que faleceu recentemente]. E o [professor] ao saber do meu repertório e do meu currículo, imediatamente, me convidou para trabalhar no departamento de jornalismo da [escola da universidade paulista]. Porém, o que eu estava procurando era o pós-graduação. Como a pós-graduação não saiu imediatamente, como era previsto, e foi só a ser implantado em 72... E 1971, eu já estava em São Paulo, com a família. O meu marido também foi convidado a trabalhar na época, porque ele tinha uma boa experiência de editor no [jornal carioca]. Além de ele ter sido funcionário do Banco do Brasil, ele fazia várias colaborações para o [jornal carioca]. Então, o [professor] também o chamou para ele assumir o curso de editoração na [Universidade paulista]. Então, viemos nós dois para São Paulo e eu em 1971 não podia me sustentar com um trabalho parcial, como era o meu contrato com a [Universidade paulista]. Fui, então, trabalhar nas mídias que me foram disponíveis, que foi o [jornal paulista já extinto], depois [TV privada de São Paulo] e [TV pública de São Paulo], como jornalista. Aí, eu vou ter um período bastante intenso com essa dobradinha de professora, que no meu entendimento já era de pesquisadora, e profissional no mercado, levanto da pesquisa e dos estudos que nós estávamos desenvolvendo, principalmente, com a pós-graduação. Então, levando certas mudanças de estilo e de consistência, porque meu primeiro livro saem 1973, "a arte de terceiro presente" e eu reuni a quatro mãos uma pesquisa...E esse primeiro livro propunha para o profissional de jornalismo que a reportagem é o foco, o eixo central, do jornalismo, e que a reportagem atingir uma consistência maior do que a notícia, teria que caminhar e em quatro vertentes fundamentais. Isso, a gente não tinha terminado o pós-graduação, mas estávamos estudando a teoria da interpretação. Então, como se interpretava o real numa reportagem. O livro esgotou, era de uma editora artesanal, esse livro tinha essas quatro estratégias para uma reportagem aprofundada, já se falava do novo jornalismo nessa época. Tom Wolf já propunha no novo jornalismo, mas novo jornalismo norteamericano insistia muito na forma, ou seja, na qualidade literária da reportagem. do nosso livro insiste na captação. E na captação nós propusemos como eixos inaugurais: a busca do protagonismo social - de preferência o protagonista anônimo que não está no mundo oficial -, Esse protagonismo deve estar dentro de um contexto social coletivo, E qualquer contexto ou história de vida está enraizada na história e na Cultura, E, finalmente, São as vozes especializadas que dão diagnósticos e prognósticos a respeito daquele tema. Veja você, Como que é importante você pesquisar e não simplesmente repetir técnicas que estão no mercado e que estão até nas gramáticas jornalísticas que se publicam por aí. Então, que eu aprendi basicamente na mudança para a universidade pública de São Paulo, é A fertilidade da pesquisa para a prática profissional. Hoje, você ver Os relatos de Laboratórios e os avanços de saúde, os avanços na pandemia... De onde vêm as informações que sustentam? Diagnósticos e prognósticos da nossa situação vem da pesquisa. O

jornalista não é um sujeito que fique apenas Tecnicamente desempenhando a sua profissão com as técnicas convencionais ele precisa estar em um estado permanente de estudo, de pesquisa, para reformular, renovar e transformar as técnicas que estão por aí e se tornaram autor mediador. Aí foi, sem a nossa intenção, porque a ditadura nos ia sair da Universidade 75. E nessa saída eu fico 10 anos completamente dedicada, ou exclusivamente dedicada, a profissão como jornalista no [redacted] [redacted] [tradicional jornal de São Paulo]. Onde eu vim a ser a primeira Editora mulher.

Porto: eu vou te interromper um pouco, para gente retomar um pouco a linha do tempo...

Clarissa: Deixa eu só fechar essa etapa. Para concluir, então, esse é o único período que eu estou exclusivamente jornalista.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: eu só queria te questionar, como se deu a escolha do jornalismo como curso superior?

Clarissa: Letras foi algo muito fácil. Eu sempre estive muito ligada a arte. A arte de maneira geral, cinema, teatro, literatura, artes plásticas... Então, eu pensei que me dedicar a letras, muito estimulada por professores, fosse natural. Meu pai ficou muito indignado que uma aluna de escola pública... Como eu iria desperdiçar a minha inteligência no curso de jornalismo?! Meu pai não se conformava com isso e eu fiz letras também para mostrar para ele que tinha outra via. Antes disso, quando eu tinha uns 17 ou 18 anos, eu estava muito enganada. Tinha aquela coisa de medicina, matemática... Era uma confusão total. Eu fui fazer uma orientação profissional, o colégio tinha a oferta um estudo de vocação profissional. Isso resultou, querida Porto, foi que eu dava para tudo. O que me deixou mais confusa ainda. E daí surgiu um fato, que eu gosto de citar, que eu ouvia na rádio Farroupilha um programa do comissário Berger, que era delegado de menores abandonados. Na época, se falava de menores abandonados, hoje, são menores em situação de rua. Eu Fiquei emocionada com os programas e fui lá e disse que eu assisti a todos os programas e que eu queria fazer um estágio na delegacia. Ele quase me desmontou, "guria, tá pensando o quê?! Achando que isso é a casa da tua família, isso aqui é muito duro". Só que eu consegui ficar um mês acompanhando a história dos menores abandonados. E daí com isso eu decidi que eu tinha que ser jornalista, para cobrir essa história do menor abandonado. Foi assim que eu escolhi esses dois cursos muito claramente.

Porto: E antes de ingressar na faculdade, talvez até antes estágio, o que te esperava da profissão de jornalismo? Qual era a tua ideia sobre a profissão?

Clarissa: certamente, é uma coisa que é obsessiva até hoje, eu sofro muito até hoje, era essa ideia de estar na rua. Estar na rua em busca da experiência do outro. E poder trazer para, devolver para, o coletivo, o significado da experiência humana, da experiência do outro. Tanto que eu nunca tive tentação de ser crítica de literatura, mesmo com a minha formação e paixão por literatura. O meu interesse era a reportagem, porque o reportar que me dava significado para profissão de jornalista. E eu digo que estou sofrendo, porque esses tempos me deixam fora do meu habitat natural, que é andar por aí. Todas as minhas situações teóricas, que o desenvolvimento livros e nos cursos, elas tem uma mala direta com a vivência e a experiência do cotidiano fora de mim.

Porto: Em relação ao curso, quais eram as suas expectativas?

Clarissa: Era muito gratificante, porque nossa íamos da escola secundária direto para Universidade isso era um marco dos anos 60, por que o curso sai nos anos 50, uma década antes, mas era frequentado basicamente por profissionais que iam para a universidade para adquirir um verniz. Já eram profissionais e iam em busca de um certo status. Nós, não. A minha geração que entrou depois, e aí a mulher principalmente, nós éramos egressos da escola secundária e portanto a universidade se abria um leque por dois ramos do conhecimento. O conhecimento prático, dos laboratórios, e o conhecimento teórico, das ciências humanas. Nós tivemos disciplinas riquíssimas que nos davam alimento, num ponto de vista de nos situar no mundo. A gente queria fazer um novo Brasil, sem desigualdade, a gente olhava para o Nordeste pensava que tinha que mudar essa situação. Então, o nosso horizonte era muito voltado para a política, para a Ciência Política. Mas também posso te contar uma outra disciplina que foi muito gratificante para nós: geografia humana. Jornalistas não pode ficar sem geografia, sem a geopolítica... e a história, que é fundamental. Os currículos perderam muito isso aí, quando abraçaram as tecnologias, perderam inteiramente o vínculo fundamental com as histórias. Na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha], nós íamos da pré-história até a história do Rio Grande do Sul. As histórias eram fundamentais, geografia humana, então, nem se fala, vinham uma experiência que os professores traziam da França que estava sendo muito trabalhado. Ainda não tinha, mas vai surgindo na [redacted] [universidade pública paulista], outra área que para mim é fundamental: a antropologia. A antropologia vai ser um implante pioneiro lá, no curso de pós-graduação em 72, e na minha formação de mestre. Quando eu defendo a dissertação, que hoje é um livro [redacted] [nome do livro]. E com ele, eu vou trazer para o jornalismo uma Vizinhança muito fértil com a antropologia. Veja, que para nós este universo das humanas e laboratório prático... Nós éramos tão arrogantes (como todo jovem é) que chegamos para o reitor da época E descemos que a gente estava como uma comitiva do curso de jornalismo e que queríamos que todas as mídias da Universidade fossem entregues para os alunos de jornalismo. A prática, então, era absolutamente casada com esse universo maravilhoso de disciplinas das humanas. E a gente queria que uma rádio da universidade, assessoria de imprensa da Reitoria

não fossem a voz oficial, alienada da realidade que estava em curso. Fica evidente a nossa formação humanística que se perdeu, De certa forma, quando vem a sedução da formação tecnológica. Como se a tecnologia viesse com a inteligência viva e humana pudesse resolver os nossos problemas.

Porto: aproveitando que tu já citou algumas entrevistas, Tu poderia me dizer quais eram as disciplinas que mais interessavam?

Clarissa: [As disciplinas preferidas eram] as histórias - eu digo no plural porque a gente tinha todas as etapas históricas em estudo nos três anos -, a geografia humana, sociologia, a ciência política... Os professores nos apresentavam a campos do conhecimento que estavam muito interligados com que agente pretendia, que era ser autor de um novo discurso jornalístico. E nós queríamos colocar isso em prática nas mídias existentes na época. E com isso, fomos ao reitoria exigir... olha a arrogância! Que ele nos localizasse nas diferentes instâncias da comunicação social. Era comunicação social, depois dos anos 70 o jornalismo passa ser comunicação social.

Porto: e teve alguma disciplina o professor específico que te marcaram de alguma forma especial?

Clarissa: sim, eu acho que vários [professores me marcaram]. Os professores dessas disciplinas que eu citei, o [redacted] [professor], que me chamou para ser professora na universidade. O professor de Ciências Política, que nós escolhemos para paraninfo, foi muito marcante. Eu sempre cito, como uma raiz que deu frutos incríveis, a formação de português e literatura. Tanto em letras, quanto em jornalismo, porque os professores eram comuns, foram professores que nos deram uma abertura para a língua e para prática que eu ainda apelo hoje no trabalho com a pós-graduação, ou na minha disciplina com a terceira idade. Eu tento trazer, para essas disciplinas, aquilo que eu aprendi de uma maneira muito fértil, com esses professores. Foram dois professores que nos iniciaram a toda a plástica dos falares, dos usos da língua no Brasil e que vão ser muito mais tarde serem estudados por entenderem a língua brasileira como um dado de realidade e que um Jornalista precisa ter a sensibilidade de captar a língua brasileira e não se manter dentro de uma gramática ortodoxa que segue o padrão oficial. Eles foram absolutamente fundantes para minha narrativa com o jornalista, e digo mais, para narrativo do meu marido como ficcionista e romancista.

Porto: Que espaços físicos tu acha que se fizeram mais presentes durante a sua formação (sala de aula, laboratório, estúgios, palestras)?

Clarissa: Estúgio, na época, a gente rejeitava. A gente considerava, em termos de Unidade Nacional de Estudantes, que o estúgio era uma exploração das empresas, porque se a pessoa saía formada por bons laboratórios e uma formação humanística, não tinha que se submeter a estúgio. Nós rejeitamos isso nacionalmente nos congressos de estudantes de jornalismo. Posteriormente, eu, como professora,

rejeitava também. Os meus alunos na [universidade pública paulista] realizaram, na graduação, uma coleção de livro reportagem que é hoje um fato histórico. Foram vários livros reportagens em que cada ano realizavam dois projetos, um primeiro semestre e outro no segundo semestre. Dois livros de reportagem sobre São Paulo. Então, os alunos que fizeram esse projeto, hoje são jornalistas ou professores que estão espalhados pelo mundo. Um deles inclusive foi parar em Barcelona e criou uma produtora de documentários, e um desses dias eu encontrei ele em São Paulo e me disse que estava indo muito bem, fazendo documentários para a BBC, para Itália... E ele falou que foi o São Paulo é de perfil, o livro-reportagem, que deu a ele a oportunidade. Então, se tu tem um laboratório como esse, Tu acha que precisa estágio? O sujeito sai como autor, não sai como estagiário. Esse eu acho que aconteceu na formação lá dos anos 60 e aconteceu depois sempre que eu tive oportunidade de lidar com graduação ou com oficinas, no Brasil ou fora dele. Antes da pandemia, foi convidada para fazer uma oficina na Paraíba e eu só vou se a gente consegue produzir algo para devolver para a sociedade esse investimento que é dado nas universidades. Nesse caso, a gente fez um livro sobre saneamento básico. O que é coisa mais importante e atual do quê saneamento básico?! Então, que fizeram o livro sobre essa questão local do saneamento básico na Paraíba e as reportagens que lá estão, e as discussões levantadas, são extremamente oportunas. Qualquer oficina que eu faça, do ponto de vista acadêmico, sempre terá um resultado concreto para ser devolvido a sociedade.

Porto: e na tua formação do considere que acontecia isso?

Clarissa: sim. Na maneira como a gente fazia o jornal laboratório e principalmente a Rádio Universitária, nós tínhamos um vínculo comunicativo com a sociedade muito forte. O que já nos caracterizava. Eu levei isso para minha vida toda, nós não fazíamos uma mídia para o nosso próprio deleite. Mesmo porque, eu vou te dizer uma coisa muito importante muito histórica, nessa época não assinávamos matérias na mídia convencional ou nos laboratórios. O jornalista criava a sua mensagem e a sua escritura em reportagem sem assinar. Portanto, não havia a cultura do ego a reportagem era para narrar uma situação social é uma situação externa ao ego do escritor ou do jornalista.

Porto: Tu já pensou várias coisas em relação ao trabalho do jornalista, mas como tu acha que tu pode resumir o que que um estudante de jornalismo precisa saber para ser um bom profissional?

Clarissa: eu acho que tem aí o arte de tecer o presente, como esse livro já está muito gasto e esgotado, tem um livro mais recente, que levou o mesmo título, mas com um subtítulo narrativas e cotidianos. E nesse livro tem um capítulo que pode ser consultado como uma remissão é o primeiro livro, que é [título do seu primeiro livro]. Eu acho que essa é a primeira chave que vem lá desse primeiro livro. A arte de construir uma narrativa da contemporaneidade. A segunda

chave, também está em outro livro, que a minha concepção da relação da interatividade entre sujeitos jornalistas e os sujeitos fontes, mas que eu prefiro chamar de protagonistas sociais. Então, a relação entre o jornalista, autor de uma narrativa da contemporaneidade e o sujeito social que é o seu protagonista. Eu prefiro lidar com essa perspectiva de sujeito-sujeito, e não sujeito-objeto. E para falar disso eu teria que recorrer há uma etapa de interdisciplinaridade, em um seminário que eu fiz com cientistas de várias áreas, e na física quântica surge a reversão de sujeito-objeto, para sujeito-sujeito. E isso nós temos que trazer para a nossa área. Pois, se você vai entrevistar alguém já com uma pauta configurada, formatada, e você vai colher as respostas que você quer enquadrar na sua pauta... você está tratando o protagonista como objeto. Então, à relação sujeito-sujeito reverte inteiramente o nosso comportamento cultural, o nosso comportamento em relação aos protagonistas sociais. Isso aí eu passo a chamar de o signo da relação, e não mais o signo da distribuição da informação. Porque, no signo da relação, o sujeito se transforma. Você me provoca, eu te provo, nós estamos aqui infelizmente numa relação à distância... à essa altura, se a gente estivesse juntas, a gente estaria mobilizando olfato, paladar, o gesto... para além da escuta e do olhar. Então, a interação e a relação transformadora, porque estaríamos presentes com os cinco sentidos, desarmados de ideologias, de pressupostos, de estereótipos. Nós podemos sair do estado de transformação. E para acrescentar uma terceira instância, que é muito cara, que é observação experiência. Acho que, hoje, isso é mais importante que a entrevista, a observação experiência. Porque a observação experiência, captada por todos os cinco sentidos, nos dá uma imersão mais profundo do que o diálogo verbal.

Porto: e tu acredita que essa questão da narrativa contemporânea e social, a questão da relação sujeito-sujeito e a observação experiência... elas são ensinadas hoje para quem tá na faculdade?

Clarissa: não. Isso faz parte de um universo muito pequeno. Eu tenho já um grupo muito alargado no horizonte espacial do Brasil, e até fora dele, que capital essa proposta e tão trabalhando nela, alargando ela. Tem uma professora que está fazendo um trabalho de signo da relação, com as periferias de São Paulo, que é uma coisa muito importante. Então, eu acho que tem gente que se espalhou, mas não é que seja curricular. Eu nunca estive dentro do currículo. Sempre estive na rebeldia e na marginalidade do currículo. Quando me ofereceram para voltar para [universidade que leciona atualmente], para ser novamente admitida na [universidade que leciona atualmente], era para eu dar aula de redação jornalística. E eu falei que não, daí, eu implantei o projeto [projeto do livro reportagem] que não tinha espaço no currículo. No currículo era redação jornalística 1, 2, 3... Pelo amor de deus! Muita coisa eu aprendi na didática do curso de letras de Porto Alegre. E acho que os cursos de jornalismo têm uma grande carência pedagógica. E os currículos transparecem isso aí com uma ausência de aperfeiçoamento, de estudo, do que é ser professor universitário.

Porto: aproveitando, como tu enxerga o desenvolvimento do ensino do Jornalismo e da comunicação no decorrer dos anos?

Clarissa: Aos Trancos e Barrancos. E agora estamos Aos Trancos. Não há uma linearidade, infelizmente. Nós lutamos pela regulamentação, não como um privilégio corporativo, mas como um aprofundamento de formação e um aprofundamento na pós-graduação e pós-doutorado de vida inteira. Eu estudo hoje como eu estudava antes. Hoje eu tenho mais elementos para escolher meus estudos, mas eu não parei de estudar. Estou aposentado e não parei de estudar. A vertente de regulamentação profissional não era para uma defesa corporativa, mais um aprofundamento. Aliás, eu fui solicitada pelo CIESPAL para escrever um livro sobre a profissão do jornalista. Em um dos meus livros, que me foi pedido nos anos 80, eu fiz um histórico da profissão e dos cursos, e eu fico muito entristecida e abalada que, se a gente vai ver os currículos hoje e os rumos dos cursos, não estão na plataforma 2021. A formação de autoria, dessa mediação social, está relegada a fórmula. A formação humanística foi deslocada para tecnológica. Da Inteligência natural e das suas transformações, se passou para a importância da inteligência artificial. Enfim, eu acho que nós tínhamos muito... vocês, essa nova geração, tem muito que fazer. E é bom pegar alguns pontos da luta histórica para ver se isso aí realmente avançou, porque me parece que não. Eu posso estar enganada, ainda mais agora que estou isolada e não tenho circulado muito. Mas antes da pandemia eu estava circulando e tinha sentido muito dessa barra de abandono dos eixos fundamentais da profissão, que é essa responsabilidade social, desse autor de mediações, e não autor de opiniões.

Porto: e tu enxerga que a pesquisa incentivada hoje?

Clarissa: em poucas instâncias. Há muita sedução do mercado, de se preparar para um êxito no mercado e esse êxito está mais condicionado pelo aprendizado tecnológico. Você tem um espaço de inquietudes e de pesquisa, como o do [redacted] [professor] e da [redacted] [universidade profissional], a universidade pública também está aí... Já circulei em algumas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, mas também em Brasília, Nordeste... O importante é a gente fazer essa experiência que a gente está fazendo, de reconstituição de alicerces. Não está tudo arrasado, mas nós estamos com um terremoto bastante perturbador.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Certo. Agora passando um pouco mais pra trajetória profissional, tu enxergava o ensino refletido na no na tua atuação, no início da tua trajetória profissional?

Clarissa: É... se sofria sempre um preconceito, né? Porque a pessoa que vinha da universidade era considerada teórica. E se fazia, então, essa dicotomia dos práticos e os teóricos. Agora, quando a gente conseguia mostrar na prática o que a teoria pode

enriquecer, né? Aí não havia como contestar. Começou a cobertura da AIDS, em início dos anos oitenta, eu estava no [redacted] [tradicional jornal de São Paulo] e inaugurei a cobertura de AIDS, em um primeiro seminário sobre AIDS no Brasil que foi feito no [redacted] [tradicional jornal de São Paulo] e eu que coordenei. A discussão que se colocava lá nesse seminário entre as vozes de saúde né? Dos pesquisadores e infectologistas, tinha que ser articulada com histórias de vida. Não podia ficar só nas vozes dos pesquisadores. Porque, por exemplo, se espalhava uma versão a respeito de contaminação de que só havia um tipo de contaminação, que era pela prostituição e pelo homossexual e etc. E quando vai se descobrir na realidade, pelas histórias de vida e da amplitude real dos protagonistas sociais, a mulher estava também sendo infectada. Então, você vê que se você separa a teoria da prática você tem um buraco aí a preencher né? De informação, de compreensão, da dimensão das coisas. Mas, há até hoje, uma certa dicotomia do prático e o teórico, coisa que eu sempre combati na prática. Por isso, eu faço o seguinte na oficina de terceira idade, se você quiser eu te mando um exemplo, vamos tratar da importância do contexto nas histórias de vida. Eu podia fazer uma explanação assim... Abstrata, né? No mundo das ideias. Não, eu escrevo uma historinha, mando pra eles. Eles escrevem e aí nós trocamos figurinhas. Uma das historinhas que fez sucesso... Porque eu estou chamando de oficina de memórias lúdicas, que nós estamos numa situação tão trágica e a memória tem que ser mobilizada para a gente lembrar coisas engraçadas. Então, eu contei uma historinha assim, que eu faço experiência de narrador... Ah esse é outro outro outra conquista que a gente tem que se lançar. O narrador de terceira pessoa ou de primeira pessoa do jornalista é extremamente pobre. Você tem que ter a capacidade de deslocamento de narradores, então, veja o exemplo situação enredo da historinha memória. Eu tenho a minha filha com seus três anos, por aí... Daí ela foi com a gente pra Tramandaí e nós resolvemos ir para um Rio Tramandaí fazer um passeio de barco. Pra opção da praia, vamos fazer isso! Lá nos anos sessenta, né? Porque a minha filha, hoje, tem cinquenta e cinco, vai fazer agora cinquenta e seis em outubro. Então, ela tinha três anos quando essa história se passou. Vamos no barco e a menina tem vontade de fazer xixi. Então, tem vontade de fazer xixi. Ela pede mamãe, "quero fazer xixi" e tal. Vou no fundo do barco, né? Baixa as calcinhas, daí ela faz xixi. Tá fazendo xixi... De repente, uma tainha enorme, pula no barco. Isso é real! História é real. Aí houve o pandareco, né? A criança gritando e tal, o meu marido pega, consegue agarrar a tainha, com os dois braços, e joga pro mar! O barqueiro lançou um olhar pra cima do meu marido, como que ele jogou aquela tainha fora?! Essa história né? É contada por vários narradores, tem narrador, filha, tem o narrador mãe, o narrador pai, tem o narrador, o barqueiro, tem o narrador tainha. Então, eu circulo, nessa história, pelos vários narradores. Qual é o mote teórico dessa história? O mote teórico é que nós precisamos aprender a descentralizar o autor em narradores. Essa descentralização representa um passo democrático da narrativa. Enquanto a narrativa, centrada no jornalista de terceira pessoa, pretende dar a ilusão de que ele está sendo objetivo, isso e aquilo, imparcial... Aquela tralha toda que você conhece. E eu não deixo de ser fiel à realidade, mas eu acrescento a essa fidelidade a cor de cada protagonista que está ali envolvido. E isso é uma passagem que nós fazemos

do real para o simbólico. Nós não trabalhamos com o a objetividade do real. Nós construímos simbolicamente um outro real, que é o real simbólico, a produção simbólica. Agora, se eu não vou a narratologia, que é uma um estudo das próprias letras, da área de letras. Se eu não vou a narratologia, eu fico a vida toda com as técnicas as técnicas condicionantes, doutrinadas, da gramática ortodoxa jornalística. Principalmente dessa terceira pessoa que é absolutamente não fiel e se faz passar por fiel. A fidelidade ao outro é o são é outra instância, é uma instância de captação né? Porque se você vai ao outro como um objeto de pauta, você nunca vai ser fiel. Você vai ser utilitário né? Vai usar o outro como utilidade né? Da sua história, do seu enredo. Mas então eu não prego ideias, eu ponho no papel assim ó: isso aqui é uma historinha que eu tô contando, agora todo mundo discute e todo mundo manda a sua história. E aí, nós fazemos esse intercâmbio, e esse é um laboratório, não é uma exposição, né? Um discurso expositivo.

Porto: E como é que tu encara o mercado de trabalho atualmente?

Clarissa: Difícil, né? Muito difícil. Mas sempre com um espaço para os profissionais que mantenha a sua autonomia autoral, e se desenvolvem e se aperfeiçoam constantemente. Eu acho que estão criando seus próprios espaços né? Não pode se esperar que o mercado circunscrito, as instituições, as empresas, ou grupos fechados e em crise... que eles vão alimentar. Mas engraçado, isso aí no dos anos noventa eu já via nos meus alunos da [redacted] [escola da universidade paulista]. Eles pensarem em não ir pra [redacted] [jornal paulista] ou não ir pra [redacted] [TV carioca]. Pras mecas assim, né? Já havia uma série de alunos, depois de passar pelo [redacted] [projeto do livro reportagem], que pretendiam criar seu espaço de profissão. Seu espaço de autoria profissional. Do ponto de vista individual, eu sempre digo que eu tenho na minha carteira profissional quatorze pedidos de demissão. Porque quando eu não me situava né? Ou eu não achava o espaço possível pra essa pesquisa e esse compromisso social, eu pedia as minhas contas e ia pra outra freguesia. Então, acho que a gente tem que sair da universidade com essa dignidade autoral, de construir o seu caminho independente das amarras que estão aí e tentando nos aprisionar numa função carreirística ou burocrática. Essas são as duas opções que se colocam para o facilitismo profissional; ou você se acomoda, ou você se dedica a uma carreira que não mede responsabilidade sociais coisa nenhuma né?

Porto: E, hoje, tu se sente satisfeita no local que tu ocupa no mercado?

Clarissa: Bom, o local que ocupo agora é de.... como que eu vou dizer... é de sênior! Foram os professores da área de econômica e de exatas na minha universidade que exigiram no conselho universitário que o professor aposentado, e que continua na pesquisa, seja nomeado professor titular sênior, e não aposentado, porque ele está trabalhando na pesquisa. Então, eu estou numa situação, enfim... privilegiada, nesse sentido. Porque eu sou sênior, continuo trabalhando, mas não esqueço os que estão a minha volta, um tanto quanto deslocados, né? Porque na aposentadoria, muitos

ficam à margem, né? Não é o meu caso, eu me sinto, nesse sentido, com raiz bem fundada. E, o trabalho, agora, com esse grupo da da terceira idade. Esse espaço que também é um espaço pioneiro da [redacted] [Universidade paulista]. Isso me dá muita gratificação, porque são pessoas muito maduras né? Agora, já está variando... A coisa já desandou, não é mais terceira idade. Tem um aluno de quarenta anos, trinta e poucos anos. Já tá tudo misturado, né? O que é ótimo. E, mas são pessoas que abraçam com muita... Acho que com muita alegria, e consistência da maturidade, esse projeto de enfim de ir ao outro. Sair de si pra ir ao outro, que é a essência do meu trabalho.

Porto: E a prática profissional, algum dia, já te levou a exercer outras atividades que não fossem da comunicação e do jornalismo?

Clarissa: Não, não. Fora a educação né? A educação sim. Foram esses dois campos paralelos. Mas aí em Porto Alegre ainda tentamos um estúdio de criação para a publicidade, mas durou muito pouco e eu aprendi que não era o meu pedaço. O tal de empreendedorismo... Não, eu acho que a área essa área que eu escolhi ela é tão plena de interrogações, tão plena de desafios, que eu não tenho necessidade nenhuma de sair dela. Tentações, sim, né? De quererem me levar pra isso ou para aquilo... Mas não dava.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Sim. Agora, passando pra prática profissional, que é o nosso último eixo, como é que tu percebe a prática do jornalismo hoje? Então, antes a gente estava falando do mercado como um todo, mas como tu percebe como que o jornalismo se apresenta pra nós né?

Clarissa: Eu ando sempre de lupa, procurando autores. E acho! Na rádio, eu sou ouvinte de rádio, telejornalismo, internet, mídia impressa... Claro, que eu não consigo absorver tudo que está saindo, mas também me comunicam as pessoas do meu grupo de pesquisa, que é um grupo muito solidário, quando se encontra alguma peça dessas, de autoria, logo eu fico sabendo e eu fico deleitada com essa autoria. Então, eu acho, assim, que há um grande universo de platitudes e de opináticos... que estamos na era dos comentaristas, opináticos. Há um fechamento em guetos, com as redes. Há também uma certa claustrofobia de egos. Mas no meio dessa circunstância, como sempre aconteceu na história, há destaques de autores. Então, se eu vejo um autor desses... por exemplo, [alguém que] está no Afeganistão, fazendo uma cobertura e me trazendo, não aquelas platitudes de lados dicotômicos - eles e nós, os bandidos e os mocinhos - não, mas que consegue espiar as contradições, que consegue espiar as sutilezas. Nossa, eu me agarro, imediatamente, e fico otimista, porque há autores a nossa volta. Você talvez não conheça o poeta, porque ele é daí, mas ele está fora daí há muito tempo, [redacted] [poeta brasileiro]. Ele tem um livro

que é uma preciosidade, um livro de poemas. Cujo título resume o samba. Sabe qual é o título? Somos poucos. Então é isso: somos poucos, mas somos. Não há porque ser pessimista né? Há uma avalanche de pseudo autores, mas há no meio, em qualquer mídia, em qualquer empresa, em qualquer instituição, em qualquer grupo... Há sempre alguém que toca sensivelmente a realidade complexa que está a nossa volta.

Porto: E tu acredita que essas transformações impactam hoje a academia?

Clarissa: Que transformações?

Porto: Essas mudanças na prática do jornalismo, que tu listou.. A questão do ego, os comentaristas a opinião em demasia...

Clarissa: A academia não é infensa a essas circunstâncias. Na academia, nós temos também uma inflagem do ego, uma luta de poder... Todas as mazelas estão dentro da academia, não é só fora da academia. Agora, eu ontem estava dizendo pra um médico que participa, diretamente da Europa, na oficina da terceira idade. E, ele escreveu um texto, assim, muito pessimista sobre a atualidade. Ele fez lá um intimismo... Uma narrativa muito pessimista. Aí, eu fui, virei pra ele e disse assim: "olha, eu vou te dizer uma coisa, eu acho que você pode encontrar, nas suas narrativas, algumas janelas lúdicas. Eu pelo menos percebo aquilo ali e tal... Alguns pontos né? Eu vou te contar uma história. Eu fui a Buenos Aires para um encontro, nos anos noventa. Um encontro que tinha lá a presença de pessoas incríveis, como o [nome do sociólogo] [sociólogo francês] que agora está fazendo cem anos né? E e outros pesquisadores internacionais e um deles, um químico Prêmio Nobel, que já morreu, [nome do químico]. Ele nos apresentou, nesse encontro de Buenos Aires, um experimento de laboratório com formigas. E aí ele nos mostrou o vídeo no laboratório, se traçou um caminho, assim, de formigas... Duas estradinhas pra cá e uma rotatória que juntava esses quatro caminhos. As formiguinhas que vinham de cima, e as formiguinhas que iam de baixo pra cima, se cruzavam, trocavam uma informação e seguiam o mesmo rumo. Trocavam informação e seguiam o rumo naquela linha reta. É o controle total, majoritário, hegemônico da informação né? Só que, de repente - e ele mostrava isso no vídeo - uma X formiguinha quebrava a rotina e saía por outro caminho. Aí dizia ele pra nós: o mundo está em caos! E essa era a observação dele, da química, da célula, da natureza. Ele era químico, físico, prêmio Nobel. O mundo está em caos. Mas, no caos, existem atos emancipatórios". Ou seja, há sempre a possibilidade duma formiguinha romper com aquele controle. Não é incrível? Ele tem livros sobre a teoria do caos, se você quiser um dia estudar. Mas, enfim, então, o meu aluno lá ficou pensando assim: "é, eu vou estudar aí uma formiguinha que saía do caos que nós tamos vivendo".

Porto: É, acho que todo mundo tá precisando olhar só pra essas formiguinhas agora. Do caos dinâmico, né? E o quanto que é tua percepção sobre a prática do jornalismo mudou desde que tu ingressou no curso até hoje?

Clarissa: Ah, eu acho que só os suportes né? Porque no fundo, os desafios continuam os mesmos. Eu acho que a complexidade cresceu, por causa da demografia, das cidades da urbanização. O que mudou de lá pra cá, é que a sociedade não é mais condicionada pelo urbano. Quer dizer... o urbano praticamente se alastrou pra tudo, pra dentro do rural, inclusive. E não é industrial, é pós-industrial, né? Então a complexidade cresceu pela demografia e pela movimentação dos humanos. Eu acho que hoje a questão das migrações põe em pauta aquilo que sempre foi uma pauta na humanidade, que é a viagem, né? O deslocamento. Mas só que com hoje, com umas condições concentradas de gente... afogadas no mediterrâneo ou os haitianos lá em cima no Brasil... enfim, você tem quantidades imensas, e isso dá uma complexidade maior. E, nós temos que, então, nos preparar, como diria sempre [sociólogo francês], para lidar com a complexidade, não com o reducionismo. Há uma tendência que é facilitista, né? Porque é fácil você reduzir a realidade a um estereótipo, a uma dicotomia. Ao bem e o mal, ou outras dicotomias que andam por aí, né? Isso é um facilitismo, mas sempre a humanidade também foi preguiçosa pra enfrentar a complexidade. Então, essa coisa de ser velha, me dá essa possibilidade de não achar tanta novidade, porque se você recorre ao passado, você encontra lá as variáveis que estão presentes no nosso momento. Mas a questão demográfica sempre me inquietou, e, às vezes, ela passou tangenciando as discussões e das pautas né? Inclusive, o Brasil foi o país que mais cresceu no século vinte. A população brasileira foi a que mais inchou. Então, os problemas que nós temos hoje, tá? É, também, considerando essa demografia que se alargou, surpreendentemente, no século vinte.

Porto: E, durante a trajetória, quais diferenças, se é que elas existem, que tu observava na atuação e na relação de colegas de faixa etárias deferentes? E que, conseqüentemente, tiveram uma trajetória diferente, um ensino diferente, uma compreensão diferente do jornalismo...

Clarissa: Eu sempre me preocupei e socializei essa compreensão com os meus alunos jovens, porque, nos esquemas já estruturados das empresas, os editores assumiam uma posição sempre, e assumem, uma posição de poder que é muito pouco receptiva dos jovens talentos. Isso, foi uma observação continuada que eu tive e, pelo que me trazem de testemunhos, de registros do que estão vivendo hoje, parece que continua porque é um problema de poder. Estrutura de poder. O sujeito sobe no poder, em termos de carreira, ou de profissão, ou de domínio daquela área, e ao exercer o poder, fica extremamente temeroso da competição do jovem talento. Essa é uma luta que eu enfrentei, que você enfrenta, e que todos enfrentam, porque é uma luta do poder. Não dá pra abstrair dessas situações profissionais, como não pode abstrair na academia, a luta pelo poder e pra conservar o poder.

Porto: E como que isso impacta o jornalismo na tua opinião?

Clarissa: Ah, o impacto é que falta aí lubrificação, renovação. Às vezes, a renovação se faz assim a base de um trançaços, né? De trançaços porque, naturalmente deveria ser o que a situação normal, mas não é. Isso faz parte da estrutura social, da estrutura humana, quando se vê num coletivo, num grupo. A minha situação específica, que eu posso citar, é que quando eu fui editora, né? Já citei pra você que eu fui a primeira editora mulher, a editoria, no [redacted] [tradicional jornal de São Paulo], não tinha estrutura de repórter e copydesk e o editor e o subditor socializavam inteiramente a diagramação e a elaboração editorial das páginas do dia, tá? Eu gostava muito de diagramação, esse espaço para diagramar ou palpar. "Eu acho que isso aqui tem mais peso do que isso, e tal...", essa era uma experiência. E se destoava inteiramente do resto do jornal. E só mais uma coisinha dessa etapa do jornal. O jornal é segmentado em editorias, mas eu, teoricamente, ou do ponto de vista acadêmico, eu situo esse problema na fragmentação industrial. Para mim, já na era industrial não tinha mais sentido... imagina, na era pós industrial. Então, eu ia pra reunião dos editores, às seis da tarde, seis e meia da tarde, e havia um assunto quente pra primeira página do jornal, e, naturalmente, o editor que levava ia ter o prestígio daquela matéria que está na sua editoria. Só que eu brigava com o grupo de homens e editores e dizia assim, mas esse assunto tem um pé na arte, tem um pé na economia, tem um pé na no esporte, tem um pé na política... Por que que vai ser só pra uma editoria? Então, a concepção de editorias está inteiramente furada, e ainda mais hoje. Você tem a possibilidade de links, possibilidade aberta pela mídia eletrônica né? Então, você não tem a a necessidade de espremer aquela pauta para uma editoria X, num cantinho lá da editoria. Isso era uma briga diária, uma briga diária.

TRANSCRIÇÃO NASSON

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Tu pode me dizer teu nome e a tua idade?

Nasson: Meu nome é [REDACTED]. Eu nasci em 31 de agosto de 1948, então, Acabei de completar 73 anos.

Porto: Qual o curso que tu se formou?

Nasson: Eu me formei em jornalismo na [REDACTED] [universidade pública da capital gaúcha], na [REDACTED] [faculdade da universidade pública da capital gaúcha]. E educação física na [REDACTED] [universidade pública da capital gaúcha] também, tenho dois cursos de graduação.

Porto: Qual foi o ano de conclusão?

Nasson: Jornalismo, eu conclui em 71. Já educação física, não tenho certeza, mas acho que foi 1984 que eu conclui.

Porto: Qual a área do jornalismo que tu se encontra?

Nasson: Eu comecei a trabalhar com jornalismo esportivo. Eu fiquei no esporte durante muito tempo, e essa foi a razão pela qual eu voltei a universidade para fazer o curso de educação física, como uma espécie até de complemento da minha atividade. Depois disso, com o andamento da profissão, eu trabalhei como editor de esportes nos [REDACTED] [grupo de jornais da capital]. Comecei a trabalhar na [REDACTED] [periódico relevante na época], que é um jornal já extinto. Trabalhei durante 14 anos na [REDACTED] [grupo de jornais da capital], depois sai e fui trabalhar seis anos no [REDACTED] [jornal tradicional do país], que tinha uma sucursal em Porto Alegre. Trabalhei um ano na revista [REDACTED] [revista de relevância nacional] e depois 32 anos na [REDACTED] [importante grupo de mídia do estado]. Lá eu comecei a trabalhar também na área esportiva, só que também fui editor de justiça e acabei como editor de opinião. Hoje, eu sigo colaborador da [REDACTED] [importante grupo de mídia do estado], como colunista da [REDACTED] [jornal do grupo].

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Essa foi a primeira parte, bem rápida. E agora a gente vai para parte mais legal, da formação acadêmica. Tu pode me dizer como que se deu a escolha da profissão para ti e o teu ingresso no curso superior?

Nasson: A escolha da profissão foi curiosa. No nível médio, eu cursei contabilidade. Eu sou técnico em contabilidade. E quando tava me preparando para o vestibular, eu disse que gostaria de fazer jornalismo, em uma das aulas, e um dos professores me disse que eu era muito tímido para fazer jornalismo. Na verdade, foi isso aí que me provocou a fazer jornalismo. Exatamente isso. Daí eu fiz o primeiro vestibular, não pode ser ele falou que não tinha nenhuma preparação. Depois de terminar o curso de contabilidade, eu acabei me matriculando no cursinho que era quase gratuito, dentro da própria universidade pública. Era um cursinho oferecido pelos alunos da universidade. Isso para mim me facilitou muito a vida, porque eu já convivi com o ambiente Universitário, antes de ingressar, de fato. Isso me facilitou na hora do vestibular, me dando mais tranquilidade de fazer a prova. Foi aprovado e acabei frequentando a última turma que começou na faculdade de Filosofia, antes de se transferir para [redacted] [faculdade da universidade pública da capital gaúcha]. Nós conversamos o primeiro ano na filosofia, depois fomos transferidos para faculdade de comunicação.

Porto: O que que tu esperava da profissão quando tu entrou no curso?

Nasson: A gente não tinha muita noção, para falar a verdade. A gente não tinha noção. Embora, a gente acompanhasse, era o período militar... A gente acompanhava o noticiário, sempre com as posições uma esquerda festiva que tinha naquela época na universidade, com muito medo da repressão também... só que a gente esperava que fosse uma profissão de resistência aquilo que nós estávamos vendo naquela época. Ou seja, que o jornalismo tinha uma missão de defender a democracia. A gente tinha essa noção, embora, fossemos muitos jovens.

Porto: e quais eram as suas expectativas do curso, da universidade?

Nasson: bem, o curso... As expectativas eu não sei te dizer quais eram, mas o que nos ofereceram e que eu acho que foi muito útil. O que oferece até hoje. Foi, justamente, essa consciência ética de uma profissão que é voltada para o público. Isso, para mim, é a grande lição da universidade. Especialmente, nos cursos de jornalismo, porque os alunos querendo ou não vão formando uma consciência ética da sua profissão. Então, mais do que conteúdo e técnica, eu acho que esse é o grande ganho da universidade. Porque ela tem um ambiente de construção da ética profissional. Isso começa, realmente, dentro da faculdade.

Porto: Durante a tua formação, como você se sentia em relação ao ensino?

Nasson: Nós sempre desconfiávamos de alguns professores e confiávamos em outros. Realmente, jovem tá sempre questionando e nem todos os professores tinham o preparo que a gente esperava, mas muitos deixaram bons ensinamentos. Eu ainda me lembro de um professor interessante que nós tivemos, que era diretor do [redacted] [redacted] [jornal relevante na época], e ele deu um ensinamento que eu nunca mais

esqueci. No primeiro ano da universidade, ele dizia assim "na parede do [redacted] [redacted] [jornal estadunidense] tinham um cartaz escrito lembre-se que você está escrevendo para ele, o leitor". Isso é o ensinamento da profissão que eu trago, pensando que o nosso trabalho não é para nós, o nosso trabalho é para o leitor. Esse tipo de coisa universidade ensina quando tem um bom professor.

Porto: Aproveitando que tu já começou a falar dos professores, e quem compôs essa tua trajetória, qual disciplinas que mais se interessavam?

Nasson: Eu sempre gostei de técnicas de redação. Essa para mim era a disciplina mais interessante de todas. Claro, a gente se sair bem em uma ou em outra... A gente teve uma coisa que vocês nunca tiveram, que era aula de taquigrafia. Então, nós começamos no curso de jornalismo, tinha taquigrafia e era obrigatório. Era uma coisa difícil, porque tu utilizar aquela linguagem de sinais para fazer anotações, é uma coisa para especialistas. Eu gostava muito de todas as disciplinas voltadas para técnica de redação, sempre gostei muito de escrever e isso me ajudou muito.

Porto: Por que que essas te motivavam em especial?

Nasson: Justamente, porque nós tínhamos um retorno daquilo que nós fazíamos. Trabalho era voltado para o jornal escola e a gente... nós começamos na faculdade numa época do jornalismo gráfico, isso precisa ficar bem consciente. A coisa mais importante para nós, era escrever. Hoje, o mundo é muito diferente daquela época... Na época de faculdade, quando eu comecei, era o jornalismo gráfico que prevalecia. E todos nós entrávamos pensando em ser jornalista de jornal impresso.

Porto: E teve alguma disciplina ou professora que te marcaram de alguma forma especial durante a trajetória?

Nasson: Além desse professor que eu já fiz referência, nós tínhamos um professor de Literatura e ele era especialista em Fernando Pessoa. E até hoje eu sou leitor de Fernando Pessoa, até decorei algumas poesias, graças a esse professor.

Porto: Por que que ele te marcou?

Nasson: Justamente, por isso. Pela sensibilidade de fazer com que nós percebêssemos, em textos escritos, um pouco mais do que a tradução literal. Ele lia as poesias do Fernando Pessoa e puxava para uma outra interpretação que a gente não tinha naquela época, e que aprendeu com ele. Uma sensibilidade mais artística até do que pro professoral.

Porto: E tu acha que isso contribuiu para a prática profissional?

Nasson: eu acho que sim, porque a interpretação de texto é uma coisa muito importante para o jornalismo. E a partir dessa interpretação, com maior sensibilidade, a gente também vai se tornando sensível aos textos que a gente lê ou que trabalha ao longo da profissão.

Porto: e quais os espaços que tu acha que fizeram mais presentes na tua formação (sala de aula, Laboratórios, estágios, cursos...)?

Nasson: sem dúvida, a sala de aula e o convívio com os outros estudantes. Como eu te disse, isso forma uma consciência coletiva da futura profissão dentro da sala de aula. E claro, tem uma coisa que eu preciso te relatar, já no nosso segundo ano, nós já começamos a trabalhar como estagiários em jornal. Então, muito antes de eu me formar, eu já trabalhava dentro de uma redação. E aí, sim, foi um grande aprendizado.

Porto: e para ti, o que que um aspirante a jornalista precisa aprender para poder desempenhar bem a profissão?

Nasson: Hoje, é muita coisa. Assim, primeiro, as pessoas tem que compreender esse mundo novo que nós estamos vivendo. Nós estamos, e alguns professores já devem ter te falado, a gente tá fechando o parentes de Gutenberg, que começou lá em 1400 e tantos com a invenção da prensa. Agora tá sendo fechado com a substituição do impresso pelo digital. Então, primeira coisa que um estudante tem que perceber é como que ele vai se posicionar nesse mundo novo, multimídia e de ampla comunicação instantânea. Entender no que ele quer atuar nesse mundo. E eu ainda defendo que a pessoa tenha bastante leitura e é uma coisa cada vez mais difícil porque as pessoas estão deixando de ler tanto, preferindo ficar na superficialidade. Lê manchete e ver vídeozinho engraçadinho. Então, eu acho que essa bagagem cultural é uma coisa que os jovens deveriam se preocupar um pouco mais. Para não ficar só na superficialidade, não deixar que o algoritmo trabalhe por eles o tempo todo, mas que eles também trabalhem, e entendam qual o setor e o público que ele quer atingir. Onde que ele quer se posicionar nesse mundo novo de múltiplas atratividades. Isso, para mim, é o primeiro passo para um bom jornalista. O segundo, é ele entender que ele não vai trabalhar para ele, ele vai trabalhar para o setor que ele escolheu. Ele tem que entender que ele vai trabalhar público, que aquilo que eu te disse e funcionou durante toda a minha vida. A pessoa tem que entender que ela não vai entrar para o jornalismo para brilhar, para ser o apresentador do [redacted] [noticiário televisivo], e serviço por todo país. Eu vou entrar para trabalhar com o público que eu escolhi trabalhar. E a terceira, embora essa não seja uma ordem de importância, é a pessoa entender que ela vai tropeçar muitas vezes e que ela tem que aprender a ser resiliente, insistir naquilo que ela quer fazer. Eu ainda considero que não tem profissão mais gratificante do que aquela que a gente escolhe. Eu acho que é o jornalismo, porque foi a que eu escolhi. Provavelmente, um engenheiro vai achar que a dele, o médico vai achar que é dele, o motorista vai achar que é dele... Mas a nossa profissão tem alguns atrativos diferenciados que nos fazem apaixonados pela profissão. Então,

aqueles jovens que quiserem escolher o jornalismo, tem que entender que eles vão trabalhar numa profissão de paixão, não é numa profissão só de suor e trabalho. Também é uma profissão de paixão.

Porto: E como tu acha que a universidade pode ajudar nesses pontos que tu levantou?

Nasson: Primeiro, ela tem que ter um quadro de professores menos mestres e doutores, e mais comprometidos, realmente, com o jornalismo, tá? Isso para mim é o fundamental. Se as universidades compõem um quadro de pessoas que amam o jornalismo, tô falando do curso de comunicação, evidentemente, acho que isso vai ajudar bastante. Segundo, ela vai ter que abrir o leque para esses jovens e mostrar para eles que o jornalismo tradicional não é a única escolha. Hoje tem múltiplas escolhas que eles não podem ficar pensando só em rádio e em televisão - e nem vou falar do jornal porque eu já considero que já está um pouco esquecido nisso. Não podemos achar só que rádio e televisão são as opções principais e as únicas. Pelo contrário, como as redações tradicionais estão diminuindo cada vez mais, a universidade tem o dever de abrir esse leque e mostrar que as pessoas hoje podem ser *youtuber*, podem ser o que elas quiserem, fora do tradicional do jornalismo. Mas que é importante carregar com elas essa técnica e a sua ética profissional. Isso é importante, independentemente, do campo novo que elas escolheram.

Porto: e como tu enxergas o desenvolvimento do ensino do Jornalismo e da comunicação no decorrer dos anos?

Nasson: A grande queixa que ainda prevalece é o distanciamento da teoria e da prática. Esse ainda é o grande problema. Quando eu comecei no jornalismo, tinha um diretor de redação da [redação] [periódico relevante na época] que abriu o caminho para vários jovens, instituindo um programa de estágio dentro do que era então a principal empresa de comunicação do momento. Isso facilitou muito a nossa vida, porque como eu te disse, no primeiro e no segundo ano de jornalismo, eu já tava dentro da redação. E facilitou essa aproximação da teoria e da prática, que eu acho que as universidades e as empresas de comunicação, assessorias de comunicação, deveriam buscar essa maior aproximação. Justamente, para que os estudantes já saíssem prontos para trabalhar. Essa, para mim, é a grande dificuldade e é o grande avanço que ainda falta andar. Uma aproximação maior e permanente entre a universidade e o mercado de trabalho.

Porto: Tu conseguia perceber diferenças e esse desenvolvimento com os jornalistas que estavam chegando na redação enquanto tu já atuava?

Nasson: Sim, muitas vezes eu participei de processo seletivos de novos jornalistas. Por várias vezes, a gente fez seleções de jovens, tanto dentro do programa [redação] [programa de um jornal da capital gaúcha], quanto para admissão mesmo. A gente via a diferença entre estudantes que estavam vindo da faculdade sem nenhuma

experiência prática, e de outros candidatos que já vinham de algum trabalho prático, que já tinham mais noção. Mesmo existindo hoje dentro das universidades o jornal escola, eles ainda não trazem da universidade essa visão do que é trabalhar realmente para o público no mercado de trabalho. Ainda não traz essa visão completa. Isso tem sido uma barreira ainda, nos testes de seleção. A gente percebe essa inexperiência.

Porto: Tu comentou sobre essas novas áreas do jornalismo, tu acha que os jornalistas que acabam optando por essas novas áreas, eles são menos Jornalistas do que os de antigamente?

Nasson: Em hipótese alguma, muito pelo contrário. Eu acho que os jovens de hoje recebem um preparo técnico maior do que o que a gente recebia, evidentemente. Até porque as exigências são maiores também. Mas eles estão muito preparados. Todos os jovens que eu contratei ou ajudei a contratar a, a gente ficava admirado do preparo deles, falavam mais de um idioma, dominavam toda a tecnologia de comunicação, nisso eles eram preparados. Faltava aquela bagagem cultural e aquela visão da prática. Isso é o que faltava, mas o preparo é maior. Os jovens hoje estão se saindo muito bem da Universidade nesse sentido.

Porto: e depois da conclusão da graduação, tu seguiu estudando?

Nasson: Pois é, eu voltei para Universidade, fazendo novo vestibular, justamente, porque eu trabalhava na editoria de esportes e achava que era importante ter uma complementação dentro daquela área. Com isso, eu cursei toda a Faculdade de Educação Física, demorei mais tempo para concluir. Nessa época eu trabalhava em dois empregos e cursava educação física, em dois jornais. Eu considerava dois empregos, naquela época podia, e ainda estudava. Concluir, e achei que foi importante. Eu cobri duas Copas do Mundo como repórter e isso sempre me ajudou, mas não fiz pós graduação. Já muito forte, essa possibilidade. Mas acho importante que as pessoas, cada vez mais, se aperfeiçoem. Acho que ninguém deve parar de estudar nunca.

Porto: e por que que tu acha isso, especialmente, no jornalismo?

Nasson: No jornalismo, por isso. Porque estão surgindo coisas novas a cada ano, não só na tecnologia, mas em oportunidades. Agora mesmo, tu fizesse uma referência ao marketing digital. Essa já é uma área mais especializada do jornalismo, entende? Na minha época, não existia essa possibilidade. Acho que o jornalista de hoje, ele tem que estar atualizado com isso de alguma maneira, independentemente, dele estar trabalhando ou não, porque ele vai se relacionar com pessoas que dominam essa área. Então, é como eu te disse, o leque se abriu muito, atualmente, e as pessoas tem que se preparar mesmo, permanentemente.

Porto: E tu considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da tua profissão?

Nasson: Eu considero, Sem dúvida nenhuma. Por essas razões que eu te disse. Um pouco pelo conteúdo e pela técnica, mas muito mais pela transmissão da Visão ética do jornalismo. Isso eu acho que a grande contribuição que a universidade dá para as pessoas, os estudantes, que entram sem ter essa visão de que o jornalismo é acima de tudo um compromisso ético com o público.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Esse foi o segundo eixo, agora a gente vai para trajetória profissional. Tu poderia falar como que se deu o teu ingresso no mercado de trabalho? Principalmente, nesse período de estágio que tu já citou.

Nasson: Bem, é curioso isso, porque eu fui parar na [redacted] [periódico relevante na época] por acaso. E olha bem como a questão da tecnologia é importante. Na época que eu entrei numa redação, os meus colegas estavam se preparando para ir fazer o teste de estágio e eu fui junto sem nem saber direito o que que a gente ia fazer. Quando nós chegamos lá, os examinadores mandaram que a gente saísse para fazer uma reportagem, voltasse e datilografava se a matéria. Vários dos meus colegas, não sabiam datilografar. Eu que cursei contabilidade e fiz um curso de datilografia, naquela época, eu datilografava bem com os dez dedos. Para ti ter uma ideia, eu fiz o meu teste, datilografei a minha matéria, e ainda ajudei dois colegas que não sabiam datilografar e escreveram a mão os textos e eu datilografei para eles. Aí, tem uma questão técnica, e o quanto que é importante tu dominar redes sociais, computador, uso do celular... Hoje, é importante, assim como na minha época já era importante dominar a datilografia. Nessa minha trajetória, eu acompanhei a redação da datilografia para o computador. A gente viveu isso. E foi uma mudança traumática para os jornalistas da época. Tinha jornalista que não queria se livrar da sua máquina de escrever de jeito nenhum... Passado o período de estágio, nós fomos contratados, alguns de nós. E daí eu fui para a editoria que eu queria, editoria de esportes. Trabalhei como setorista de um dos clubes de futebol. Depois, comecei a trabalhar na redação como redator, depois copydesk, editor e editor de esportes depois. Fiz essa carreira dentro da área esportiva. Cobri a Copa do Mundo de 78 na Argentina, e a da Espanha.

Porto: Tu viu o teu ensino refletido nesse teu trabalho, principalmente no período de estágio?

Nasson: A gente percebia que os profissionais egressos da Universidade formavam uma espécie quase que de elite do jornalismo, apesar de eu não gostar de se termo. Porque antes aqueles profissionais não cursaram jornalismo. Então, gente percebia o

quanto que eles tinham de dificuldade em algumas coisas, principalmente, nos textos, mas também uma dificuldade ética. Eram pessoas que vinham de uma outra época, em que o jornalismo vivia de favores, que o jornalista tinha um duplo emprego, trabalhava também órgão público, não existia conflito de interesse muitas vezes, ou só não se importavam com isso, os próprios empregadores achavam importante que os profissionais tivessem um outro emprego, porque daí eles não precisavam pagar um salário muito grande. Era uma época de pouca ética, eu acredito. E que a universidade contribuiu para qualificar e melhorar essa visão da profissão. Futuramente, quando eu tava na [um importante grupo de mídia do país], se instituiu lá que o jornalista não poderia ter outro emprego, qualificou ainda mais a profissão.

Porto: O que que tu acha que te levou a se encaixar na tua área de atuação do jornalismo?

Nasson: A redação é um mundo a parte. Tem aquela lição famosa do Garcia Marquez, o jornalismo é a melhor profissão do mundo. Ele descreve muito bem a sensação de um jornalista que convive diariamente com a notícia, como se ele estivesse sendo um protagonista dos fatos que ele narra. Essa é a sensação, é a cachaca do jornalismo é a gente se sentir parte dos acontecimentos que a gente narra. Então, esse ambiente de redação é o ambiente que te prende para o resto da vida. É muito difícil um jornalista que conviveu com isso, e que amou fazer isso, dizer que vai sair para fazer outra coisa.

Porto: Mas por que tu acha que tu seguiu tanto tempo e não conseguiu sair desse espaço?

Nasson: Eu nunca tentei sair. Eu estaria até hoje, se não fosse a chamada fadiga dos metais. Chega um tempo que as pessoas tem que dar um lugar para as outras, para poderem se renovar e eu compreendo perfeitamente. Eu sair completamente conformado que já tinha completado meu ciclo dentro da redação e eu podia dar outro tipo de contribuição fora. Só que é muito difícil largar uma profissão dessas que é tão apaixonante. A gente fala da nossa, mas deve ser difícil para todas as profissões e encerrar esse ciclo, se a pessoa gosta da atuação.

Porto: Como tu encara o mercado de trabalho atualmente?

Nasson: Nós estamos em transição, então, esse é o momento desafiador porque, agora, mais do que nunca, o profissional de comunicação tem que ser dono do próprio nariz. Ele não pode ficar aguardando que alguém vá decidir por ele, tanto na carreira profissional, quanto nas coisas que ele gosta de fazer. Ele tem que aprender que a decisão é dele. Se ele quer empreender por conta própria ou se ele quer trabalhar como comunicador, disputando um espaço que muita gente disputa. Eu acho assim, que o jornalista tem que entender que ele é cada vez mais um indivíduo, e que ele

tem que se preparar para enfrentar o campo que ele escolher. E cada vez mais saber que ninguém dura tanto no emprego mais. Nem sei se deve durar mesmo, porque as oportunidades novas surgem todos os dias, e tu tem que se reciclar permanentemente. Ninguém vai ser mais um [redacted] [apresentador de TV] que montou uma imagem e não se afastou mais daquilo. As pessoas têm que entender que elas têm que estar trocando constantemente de atividade e que a cada dia surgem novos interesses. Hoje, eu brinco com os meus colegas que a grande disputa é pela atenção do público. Porque as pessoas hoje só prestam atenção nelas mesmas, não com o celular na mão como se fosse o espelhinho do Narciso. Ela só vem as coisas que interessam elas. A gente tem que disputar a atenção das pessoas hoje, isso se tornou a coisa mais desafiadora da nossa atividade. E para disputar essa atenção, a gente tem que oferecer alguma coisa que ela julga interessante e que seja útil. E esse é o grande desafio do jornalismo, independentemente da área de atuação.

Porto: E quais as potencialidades que tu enxerga nesse mercado novo que está surgindo?

Nasson: Para te responder sinceramente, eu diria não sei. Como cada dia tem uma coisa nova, tu não tem mais certeza de nada. A única certeza que eu tenho é que as pessoas têm que estar preparados para o que der e vier. Ou seja, cada dia vai surgir um desafio novo que as pessoas têm que estar preparadas para isso. Amanhã vai ter algo novo. Isso que elas tem que colocar na cabeça.

Porto: Tu se encontra satisfeito com a tua trajetória na profissão?

Nasson: Não, ninguém pode se considerar realizado antes de alguém pegar alça do teu caixão. Eu me lembrei agora, que eu acabei de inventar uma coisa nova para [redacted] [Associação de classe]. A cada Feira do Livro, a gente entrevista um Jornalista e escritor dentro da Feira do Livro como evento da [redacted] [Associação de classe]. Nesse ano, por minha sugestão, gente inventou uma coisa bem diferente. Nós vamos fazer a maior entrevista coletiva póstuma da história do jornalismo. Pode até ir para o Guinness Book. Vamos fazer uma entrevista com o Barão de Itararé. O Barão de Itararé foi o precursor do jornalismo humorístico. Antes do [redacted] [semanário alternativo brasileiro], ele fez um jornal vergonha e ele trabalhou em vários jornais, mas um deles foi [redacted] [jornal matutino no Rio de Janeiro], que era uma brincadeira com o maior Jornal do Rio de Janeiro da época, que era jornal [redacted], fazendo um trocadilho com o título. E esse era um jornal humorístico de muita ironia, trocadilho, e muita alfinetada nos poderosos e nos governantes. Ele era do Partido Comunista e fez um jornal de crítica humorística. Durante muito tempo ele se consagrou como o maior humorista do Brasil. E ele virou uma personalidade Nacional na época do Getúlio Vargas, acabou inclusive preso pela polícia política da época e até nisso ele brincadeira. Depois que ele foi preso ele pendurou na sala dele uma placa "entre sem bater", porque ele foi espancado. E agora a gente descobriu que ele vai fazer 50 anos da morte e resolver alguns homenagear ele com uma entrevista póstuma. Esse cara

deixou muitas frases e muitos trocadilhos que até hoje são utilizados e as pessoas nem sabem que são dele. " de onde menos se espera, daí que não sai nada", é uma frase dele que todo mundo usa e ninguém sabe que é dele. E agora quando tu me perguntou se eu estava realizado, Eu me lembrei de uma frase dele "Viva cada dia como se fosse o último, um dia você acerta ". Então, ele era muito divertido, a gente pegou essas frases dele e passamos para vários jornalistas. E desafiamos eles a fazer uma pergunta, já tendo a resposta. Agora, tu pergunta se eu tô realizado... Não, não tô realizado digo eu ainda trabalho diariamente, tanto com colunas em jornal, quanto com produção de textos para um instituto que eu trabalho e tenho uma empresinha, dessas que a gente monta quando sai de um serviço fixo, em que eu faço textos e escrevo para as pessoas que me procuram. Eu escrevo livros, faz 4 anos que eu sair da redação e escrevi um livro, já fiz um manual de ética para uma empresa... Então, experiência nessa área. Usando ela sem muito empenho, não tem uma atividade diária muito puxada, mas continuo trabalhando.

Porto: A prática profissional do jornalismo já te levou a atividade de outros Campos de atuação?

Nasson: Sim, porque é saber escrever é uma coisa importante, mesmo hoje que todo mundo escreve todo mundo digita. Ter a técnica jornalística e saber redigir uma entrevista, na reportagem, uma crônica... Isso para esse mundo novo de atividades que estão surgindo. Então duas vezes uma agência de conteúdo que a publicar O Manifesto de uma empresa, eles tem que procurar um Jornalista para fazer um bom texto. Eu acho que a nossa profissão nos prepara para o exercício de outras profissões, inclusive, essas novas que estão surgindo dentro da área de comunicação.

Porto: Quais coisas diferentes tu já fez?

Nasson: Eu escrevi um livro inteiro. É uma coleção de livros do Internacional, e eu escrevi um livro sobre a participação do Inter nos Jogos Olímpicos de 1984. Quando o Internacional, o time do Inter, representou a seleção brasileira nos Jogos Olímpicos. Então, eu fiz essa pesquisa e escrevi esse livro. Eu tô trabalhando para um site, para Instagram e redes sociais de um instituto, que trabalha com educação. Lá eu produz as matérias, faço as postagens... Isso tudo jornalismo que me proporcionou. A questão de aquisição da tecnologia a garotada nos ensina.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Bom, agora a gente vai para o último eixo da nossa conversa O que é a prática da profissão. E como tu percebe a prática do jornalismo hoje, o que que tu acha que mudou?

Nasson: Eu acho que o jornalismo, hoje, é muito mais profissional do que na minha época. O jornalismo evoluiu de uma época que ele era comprometido politicamente, para uma época em que ele tem apreço pela independência e neutralidade. Estou falando do jornalismo profissional aqui. Evidentemente, que tem exceções em todas as áreas... Nós temos bons profissionais, maus profissionais, bons e maus veículos, e temos, ainda, alguns resquícios de comprometimento político e ideológico, que talvez nunca vamos erradicar totalmente porque somos humanos e as pessoas têm os seus interesses. Tanto os proprietários, quanto próprios jornalistas. Mas eu acho que o profissionalismo avançou muito, e que hoje o público fiscaliza. Isso que é o mais importante, que evoluiu mesmo, para agora, é que o público ganhou poder de fiscalizar o Jornalismo e até de cometer excessos até. Mas de qualquer maneira hoje... Tinha uma época que o jornalista escrevia e dizia o que ele queria, e tava se lixando para o público. Gradativamente, ele foi adquirindo consciência, e o público foi adquirindo consciência do seu poder de exigir e fiscalizar a informação. O público hoje é muito mais consciente e muito mais atuante nessa fiscalização do que na época em que eu comecei no jornalismo. O jornalista hoje está sob constante vigilância do público.

Porto: Como tu acha que se impacta o Jornalismo das redações?

Nasson: Muito porque ele desafiou, mais até do que em época de árbitro, a coragem do jornalista de atuar com independência e com isenção. A permanente fiscalização do público, faz com que tu te cuide muito mais com o teu trabalho e se aperfeiçoe muito mais no teu trabalho, sem que os bons jornalistas renunciem do seu compromisso com o Jornalismo e com a humanidade. Eu sempre digo assim, eu sou um Jornalista acima de tudo, mas antes de jornalista eu tenho que ser um ser humano. E isso é o mais importante. E eu acho assim, os jornalistas demoraram muito em decorrência dessa fiscalização

Porto: O quanto que a tua percepção sobre a prática do Jornalismo do, desde o início do curso até hoje?

Nasson: Mudou muito. Tanto nessa área das múltiplas possibilidades que se tem hoje, quanto nessa questão intrínseca do jornalista. Antigamente, nós tínhamos jornalistas especializados em determinadas coisas, tinha cara que só sabia fazer determinada coisa. Hoje o jornalista não sobrevive se ele não for multitarefa, se ele não se preparar para todas as áreas em que ele é exigido. E nem o empregador quer, nem ele individualmente vai ter sucesso, Se ele vier a empreender por conta própria, e só souber fazer uma coisa. Isso impactou muito e exigiu que o profissional se tornasse muito mais eclético na sua atividade. Eu acho que essa questão do público exigente é fundamental e esse eu vou frisar bem para tu registrar, porque eu acho que essa é a maior mudança de todas dentro da profissão. O público se tornando mais exigente e ganhando poderes e instrumentos de fiscalização, entrar dentro da redação através de e-mail, whatsapp, ou outras coisas que ele consegue ter acesso. E os próprios veículos e profissionais, em determinado momento, eles sentiram essa necessidade

de se expor e abrir esses canais para que o público pudesse chegar até eles. Existem excessos nisso, eu acho que alguns veículos profissionais e alguns programas, abrem espaço demasiadamente para o público. Às vezes colocando coisas que não acrescentam na informação e nem na opinião... Ainda tá todo mundo aprendendo como organizar melhor e como tirar o melhor proveito disso.

Porto: e tu sente que tu conseguiu acompanhar essas transformações?

Nasson: eu trabalhei dentro de uma redação até pouco tempo. Querendo ou não, eu tinha que acompanhar isso. Como eu te disse, o ambiente da redação te obrigava a isso. Nós tínhamos reuniões permanentes para aperfeiçoamento profissional, cursos de aperfeiçoamento, os próprios colegas trabalhavam para isso. Eu tive que acompanhar até o final da minha atuação dentro da redação. Nisso, eu considero que eu me atualizei, relativamente, mas óbvio que eu não tenho a destreza de uma jovem como tu, por exemplo, de lidar com esse mundo novo. Esse pessoal que já nasceu na era digital, eles têm a facilidade disso, para mim, é com esforço ainda.

Porto: e quais são as diferenças, se aquelas vezes tem, que tu percebe no modo de atuação dos seus colegas que eram mais jovens e dos profissionais mais antigos?

Nasson: bom, Eles já vinham com todas as ferramentas disponíveis. Nós tivemos que adquirir isso com o carro andando. Então, é óbvio que na questão de tecnologia os mais jovens vieram melhor preparados, isso não há dúvida nenhuma. O problema é que não adianta tu ter a ferramenta, se tu não tem o conteúdo. O casamento das duas coisas é que acabou sendo importante para os antigos e para os jovens. Ou seja, como trabalhar o conteúdo, tu tendo as ferramentas, e como tu me dar o conteúdo se eu tenho ferramentas. Essa aproximação é lucrativa para os dois lados, e eu já me coloco do lado que eu tava, que não tinha as ferramentas, mas tinha um pouco mais de roupagem na questão do conteúdo. O convívio na redação, me fez muito bem, justamente, por receber essas turmas jovens que sucessivamente foram entrando, porque nós aprendemos muito com eles. E no jornalismo, a gente aprende todos os dias. Ninguém sabe tudo e amanhã tenho lição nova para aprender.

Porto: e tu enxergava essas relações como proveitosas? Tu conseguia ver a disposição dos dois lados?

Nasson: eu acho os jovens, e não apenas na redação, mas até nas suas próprias causas, eles tenham um pouco de paciência. Junto com essa destreza tecnológica, vem uma ansiedade, que é natural. Tu deve ter pouca paciência para ensinar a tua mãe, teu avô, essas coisas não são muito fáceis. A gente, realmente, perceber a dificuldade das pessoas para adquirir determinado conhecimento que para os outros podem ser naturais. Isso, é abrangente e vale para família e vale para o trabalho também. Evidentemente, aqui dentro de uma redação, até por questões hierárquicas, os jovens acabam procurando mostrar serviço. As redações mais preparadas, elas

pensavam nisso, tinham esses cursos de aperfeiçoamento, e as pessoas tinham que ser preparadas. A nossa mudança da máquina de escrever para o computador, foi precedida por um trabalho amplo de divulgação interna, de preparo psicológico até, para conseguir assimilar essa mudança. E cada dia que surgiu uma mídia nova, que surge algo novo, as pessoas têm que ter essa transição. Mesmo que venha de fora, já com algum preparo, tem que entender que nem todo mundo tem a mesma rapidez de assimilar as coisas. Não sei se eu te respondi, mas eu acho que os jovens nos ajudaram muito, eu considero que aprendi bastante nos últimos tempos com a garotada que entrou. E tem um momento, que a gente percebe que o lugar é deles, ou seja, eles devagarinho vão tomando conta e trabalhando para isso.

TRANSCRIÇÃO FERNANDO

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Então, para começar, tu pode dizer a tua idade e o teu nome?

Fernando: Meu nome é [REDACTED], estou em Porto Alegre desde 1950.

Porto: E qual curso que tu se formou [REDACTED]?

Fernando: Eu me formei em Comunicação Social pela [REDACTED] [faculdade de uma universidade pública da capital gaúcha] ficou a sua primeira turma do novo currículo. Antes, a [REDACTED] [faculdade de uma universidade pública da capital gaúcha] não existia. O curso de jornalismo era ligado à filosofia no campus central, junto a reitoria e tinha duas unidades, que era o jornalismo e a biblioteconomia, que se fundiram e formaram a faculdade.

Porto: Tu pode falar o ano de conclusão do curso?

Fernando: Eu me formei 77, eu era um aluno muito relapso. Tu ver, eu entrei em 70 e por alguma razão eu deixei de fazer matrícula ao longo dos anos, mas daí é a unidade da universidade que coordenava as graduações viu que tinha vários estudantes nessa situação, então reuniu todo mundo, botou para dentro de volta da universidade para se formar. Então eu me formei em 77 com esses vários que estavam pendurados para se formar... um monte de gente.

Porto: E qual a área do jornalismo que tu atuava?

Fernando: Quando eu me formei, eu já atuava. Eu já era o coordenador do esporte da [REDACTED] [uma das emissoras de rádio da capital]. Naquele tempo o controle sindical e o controle de funcionários era mais flexível. Eu fiquei muito tempo trabalhando na [REDACTED] [periódico relevante na época], desde 74 e em 76 eu fui para [REDACTED] [emissora de rádio da capital]. Eu era considerado estagiário, mas eu recebia o salário de um profissional, era uma distorção, provavelmente, para driblar a legislação. Então, em 77, eu já era profissional há pelo menos 5 anos, e já tinha 2 anos de Rádio [REDACTED] [emissora de rádio da capital] e coordenador de esportes, era uma operação muito importante na época. E mesmo assim não estava formado. Depois eu fiquei mais 17 anos na [REDACTED] [emissora de rádio da capital], exercendo essa atuação de rádio...

Porto: E durante ou trajetória, qual tu acha que foi a área mais presente que tu atuou?

Fernando: Sem dúvida, foi o rádio. Eu atuei 7 anos na [redacted] [emissora de rádio da capital]., voltei e depois como gerente de programação, daí eu acho que eu fiquei mais uns oito meses. Trabalhei 7 anos na [redacted] [emissora de rádio da capital]. Também, tive um período... Na verdade eu comecei em rádio na [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital], em 75, Antes de eu ir para [redacted] [emissora de rádio da capital]. Também era coordenador de Esporte. Sem contar que estive também na Rádio [redacted] [emissora pública de rádio da capital] por 2 anos. Então, eu acho que de quase 40 anos de carreira, mais de metade foi dedicado ao rádio. Eu gosto muito de rádio, é um veículo com muito potencial, que exige muito... Era o chamado teatro da mente, tu tem que ser muito habilidoso para poder transmitir o que tu quer.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Esse foi o nosso primeiro eixo, como eu falei bem rápido. E agora, a gente entra na tua formação acadêmica. Então, como que se deu a escolha da profissão para ti?

Fernando: Olha, eu até tenho, em um dos meus livros, de quando eu fiz 69 anos. Lá, eu conto que a minha vocação eu acho que começou quando eu tinha uns 14,15 anos. No bairro Petrópolis, onde eu morava, tinha um jornalzinho é chamado [redacted]. Mimeografado... tu provavelmente nem conheceu esse processo, mas os mais antigos conhecem. Eu acho que ali nasceu a minha vocação para o jornalismo. Depois, a rigor eu tentei duas ou três vezes a faculdade de arquitetura. Só que o processo mostrou que eu tava errado, não era essa minha profissão. Tentei o jornalismo então, tanto na pública quanto na privada, passei nas duas e evidentemente optei pela [redacted] [universidade pública da capital] porque era gratuita. Eu acho que a vocação mesmo nasceu lá atrás nesse processo desse jornalzinho do Bairro. Eu passei umas férias minhas trabalhando com assessoria de imprensa, na época se chamava assessor de divulgação, e fui assessor das cartas brasileiras. Eu tinha um período de 30 dias de férias me apresentei no [redacted] [periódico relevante na época] que eu conhecia um editor lá, para fazer um estágio, daí me colocaram na editoria de polícia por 30 dias. Absolutamente de graça né? A vocação nasceu lá, com certeza.

Porto: E como se deu esse ingresso no curso superior? Quais eram as tuas expectativas?

Fernando: Eu tinha expectativas muito boas. Eu estudei muito tempo em colégio particular, tive uma boa formação, lia muito, tinha uma boa base... mas eu vou te dizer que eu fiquei ligeiramente decepcionado. Eu imaginava que fosse uma coisa diferenciada, especialmente, as matérias relacionadas a profissão em si. A nossa faculdade era uma espécie de patinho feio da universidade, tanto que ela teve que se agregar a outra unidade para funcionar como faculdade. Só que ela tinha uma particularidade, trazia das outras faculdades, profissionais de muita qualidade. Compensou a frustração que eu tinha... essas matérias de outras áreas. Tinha um

professor de psicologia, que era muito, muito bom, o pessoal que ensinava Ciências Sociais, cultura brasileira, literatura... tinha um agregado de professores, aqui para nós ajudava. Funcionava bem. E até como forma de compensar a desestrutura, nós não tínhamos um laboratório, eram máquinas de escrever antigas... mas valia a pena essas matérias teóricas nos davam a rigor uma base, matérias mais técnicas começavam o terceiro quarto semestre.

Porto: E o que que tu esperava da profissão, dá atuação, nesse início de curso?

Fernando: Com essa parte não me surpreendi. Eu acho que eu era tão vocacionado, que eu só queria atuar, fazer. E eu comecei o trabalho, principalmente, nos primeiros anos, como repórter de jornal esporte quer uma coisa que eu gostava muito... e eu fui fazer esporte nesse período dos anos 73, 74. No auge do período da ditadura, nos anos de chumbo. Mas o esporte era uma área que tu podia dizer alguma coisa. Tu poderia chamar um dirigente de ladrão. Experimenta fazer isso com o político para ver. Se tu não pegava um DOPS. Tu tinha muito mais liberdade, muito mais capacidade para ser irônico, do que em outras áreas. Então, eu não tive surpresa, eu fiquei muito faceiro e ingressar nesse mundo. E tem aquela satisfação pessoal, que tu deve ter sentido, de ver a matéria publicada no dia seguinte. Isso era glória todo mundo tá sabendo que eu escrevi no jornal. Jura, né? Por ilusão, mas tinha um gosto todo especial saber que a tua matéria. E essa experiência eu tive, tava andando de ônibus e tem alguém lendo a minha matéria na [redacted] [um dos principais jornais da capital] diga uma matéria sobre um jogador do [redacted] [time da serra gaúcha]. Isso dá uma gratificação pessoal muito grande

Porto: Tu comentou dessa tua decepção inicial, e até a compensação das matérias mais humanísticas... Mas durante a formação acadêmica, como tu se sentia em relação ao ensino?

Fernando: olha, eu acho que academia, isso persiste até hoje, tá numa redoma. Então, aquilo ali. Tu não pode ser crítico... É academia, um repositório de todos os conhecimentos... só que não é bem isso. Eu tava na [redacted] [universidade pública da capita], não tinha muita responsabilidade, não tinha só questão de pagar. Se eu tivesse que pagar eu teria me formado em 4 anos certo. Com isso eu levei sete anos, fiquei dois anos fora, tinha um pouco de responsabilidade e em consequência também. E não só em mim, mas outros alunos também, só tu ver quantos se formaram comigo. Mas isso também porque a gente já trabalhava na época, a gente já era profissional. Tanto é que quando eu voltei para universidade, eu tive que fazer algumas matérias à noite porque eu trabalhava dois turnos na Rádio [redacted] [emissora da capital], pela função de coordenador, e tinha muita dificuldade de ir às aulas, especialmente pela manhã. E a [redacted] [universidade pública] tinha disso, eu não facilitava nas aulas. Facilita pro professor, mas não facilita para aluno. Tudo isso é um caldo de problemas e que te induz daqui a pouco de ser leniente na tua presença na participação universitária.

Porto: E quais as disciplinas que mais se interessavam?

Fernando: Eu gostava muito dessas disciplinas de outras áreas. Principalmente, essa de cultura brasileira. Até porque, mais de metade do curso eu já fiz por ser profissional. Então, as técnicas não me atraíam tanto. Talvez, televisão, que era uma coisa que eu acabei não atuando muito, mas a única que não tinha equipamento. Tinha que fazer as coisas lá na [redacted] [universidade privada]. Eu gostava muito de fazer as matérias de rádio, programa de rádio, esse eu gostava muito dessas matérias que te davam resultado, fazer o jornal da turma por exemplo, o programa de rádio que tu tinha que produzir. Tu chegava em casa todo exibido contando do que tu tinha feito. Essas matérias práticas, eu gostava. Mas as outras de base teórica [da parte prática]... eu já era profissional, não me diziam muito pouco. Eu gostava dessas que te davam uma base teórica mais substancial, de cultura brasileira por exemplo. Tinha uma visão de mundo melhor ir para atuar induzido algumas leituras mais instigantes.

Só que também tinha algumas coisas... professor convidado para dar aula de texto, era o [redacted] [nome do professor]. Ele era um grande entendedor de Fernando Pessoa, era apaixonado pelo Fernando Pessoa. Ele era capaz de te declamar Fernando Pessoa. Falava tudo do Fernando Pessoa.

Porto: o que que te interessava nessas disciplinas que tu citou?

Fernando: Exatamente isso. Essa questão, e volto a dizer, eu gostava muito de cultura brasileira, porque ele esmiuçava e provocava as discussões, e isso era muito interessante, te provocava, te instigava, te fazia pensar. Eu acho que essas matérias que faziam pensar, que eram reflexivas, eu gostava muito. Ainda mais quando tinha esses bons professores quero os selecionados das outras faculdades. Tinha outro professor muito bom que dava aula de relações internacionais e lá tinha um... Com sotaque italiano que dava jornalismo econômico, também excelente ponto eu não aprendi nada, mas o cara era muito bom.

Porto: Teve alguma disciplina ou o professor que te marcaram de alguma forma especial durante a trajetória?

Fernando: olha, teve um episódio de uma pessoa que era muito minha amiga, era até numa matéria de redação jornalística, e ela me rodou. E me rodou porque eu era muito vagabundo, ela tinha razão. Eu até bate boca com ela, a turma, evidentemente, ficou do meu lado, mas ela tinha razão. Porque eu tinha que apresentar uma matéria, um resultado... E tinha essas facilidades, tu não ia na aula, mas apresentava o trabalho e tu passava. E nem isso eu fiz. E ela disse que eu ia ter que repetir a disciplina. E eu fiquei muito bravo, mas repetir. Hoje em dia, eu vejo que ela tinha razão, o filho dela é muito meu amigo. São coisas da atividade acadêmica

Porto: e quais os espaços que se fizeram mais presentes na tua formação (sala de aula, laboratório, estágio...)?

Fernando: eu vou te dizer que o que ajudou mesmo na formação foram esses grupos de trabalho, que te ajudarão a pesquisar e tudo mais. Porque, primeiro, os laboratórios eram muito precários, as câmeras eram super antigas, a redação tinha meia dúzia de máquina de escrever, o laboratório de TV tinha que fazer na universidade particular... Então, essas aulas práticas, tão pouco acrescentaram. Mas esses grupos trabalham era onde a gente era obrigado a ativar, se reunir e interagir, e puxar os que trabalhavam menos. Isso eu acho que era o ponto alto, eu gostava muito e acho que rendia bem.

Porto: Na tua opinião, o que tu acha que um estudante de jornalismo precisa aprender para poder desempenhar a sua função bem?

Fernando: Eu vou te dizer o básico. O estudante que não lê, não vai a lugar nenhum. A primeira questão é ler, ler, ler, ler! De bula de remédio ao capital de Marx. Eu já trabalhei com muito jornalista que não sabe escrever. Por quê? Por que não Lia. Na leitura que tudo é depura o texto. E mais, um olhar atento para o que tá acontecendo lá fora, sair um pouco da bolha. Os meus veículos fazem desse jeito... tem que dar uma olhada lá fora. Hoje eu recebi um manual de jornalismo científico da Knight Center of Journalism, de Austin no Texas. Tem que depurar aquilo de jornalismo científico! Como a gente está cada vez mais segmentado, às vezes, tu estreita o teu foco. Quando na verdade tu tem que ter a especialização, mas também uma abertura para o macro. Saber o que que está sendo feito nos Estados Unidos, o que está sendo feito na Europa, o que está sendo feito no centro da América Latina, em termos de comunicação. O pessoal confunde muito, e isso acontece nos ambientes que eu trabalhei, confunde as ferramentas digitais com conteúdo em si. O conteúdo ainda é rei, isso tudo é só a ferramenta. É operação, não é o veículo em si. Ter essa noção é importante, e ter abertura para o novo. O que vai acontecer daqui a pouco? Tu não sabe, eu também não sei.

Porto: E como tu acha que a universidade pode incentivar esses pontos que tu citou?

Fernando: Eu acho que a primeira coisa, é a universidade se liberar desse estigma de ser a Bíblia do conhecimento, como se tudo tivesse ali. Eu acho que ela tem que ter o pé no chão. Eu tô falando disso não universidade pública, porque a universidade privada tá muito preocupada em tratar os alunos como clientes e acaba sendo muito leniente com isso. Não perder alunos e não perder a sua receita. Quando eu falo em universidade, estou me fixando mais na universidade pública. Tem que se abrir, tem que deixar de ser essa estrutura pesada. Cheia de meandros e disputas de poder, briguinhas de beleza... E realmente cumprir o seu papel, o tripé do ensino, pesquisa e extensão. Talvez, muito investimento na pesquisa, eu acho que isso é importante, eu acho que esse tem que ser o papel. E tem que olhar com muito carinho e atenção

os currículos. Esse currículo tá de acordo com a realidade? Se modernizou? Porque a velocidade das mudanças é tal que se tu não tiver atento a isso, daqui a pouco, a universidade está ensinando coisas que não interessam mais. É muito rápido esse processo, nessa era digital, principalmente. Tem que ser uma via de duas mãos, a universidade tem que entregar, e tem que receber. E ela tem que ser humilde para poder receber o que tem de fora para dentro .

Porto: Pensando em todo esse contexto que tu colocou, como tu enxerga o desenvolvimento do jornalismo no decorrer dos anos?

Fernando: Olha, eu acho que deu uma evoluída. Eu não tenho muitos elementos. Eu tenho muito contato com o pessoal mas não entro... não me aprofundo, tá? Conheço a maioria dos profissionais e que são muito competentes, a maioria deles formado no mercado de trabalho - o que é bom. Nas públicas, eu acho que tem um pouco mais de dificuldade nisso, porque não podem exercer outra profissão. Mas nas privadas a maioria dos profissionais têm uma boa carga de influência no mercado de trabalho. Eu também não sei se eles estão atualizados em relação a isso... Por essa agilidade, transformações muito rápidas que estão acontecendo. O que observo é que houve algumas iniciativas interessantes, o [redacted] [universidade privada e confessional da capital], por exemplo que era um currículo bem e para as assessorias de imprensa - que hoje é o maior mercado que nós temos aí. Na [redacted] [universidade privada na capital] também tinha um perfil diferenciado, voltado para o marketing. Mas eu não sei como estão as outras tem uma observação que eu faço, nas minhas seleções de estagiário, que é o seguinte: os alunos da [redacted] [principal universidade comunitária da capital] era muito voltados para TV. Olha, o que tinha de futuro âncora da TV... e alguns até viraram mesmo! E os da [redacted] [universidade pública da capital] eram mais ligados na jornal impresso ou pesquisa. Eu conheço profissionais da universidade pública, que nunca passaram na frente de um veículo. Ou seja, eu acho que tem um pouco de divórcio ainda - e eu tô te dizendo a partir da minha percepção - entre a formação acadêmica e as necessidades de mercado. Como tu pode resolver isso? Eu acho que resolve com algumas coisas simples, algumas parcerias para estágio, porque é uma mão de obra que funciona e não é cara; Tu pode fazer um banco de novos talentos, pode fazer com intercâmbios no exterior ou com outros estados. Acho que tem, por outro lado, um grupo trabalhando muito forte na questão da pesquisa, que a [redacted] [pesquisadora da área] participava. Nesse pessoal, acho que dá para botar algumas fichas que pode ser com uma coisa boa, em termos de oferecer alternativas para o futuro e uma reflexão melhor sobre o papel dos meios de comunicação. Outro dia eu recebi, um *paper* de dois americanos e um argentino, e eles proponham uma reestruturação total no ensino do jornalismo e na prática do jornalismo, não só nas operações. Um trabalho que ainda tá muito incipiente e eu não sei que se vai vingar, e acho que a base dele é justamente essa questão do jornalismo científico. Todas as redações e os veículos, foram desafiados a ter uma atuação durante a pandemia, não só mudando sua maneira de atuar, como

enfrentando o desafio de decupar uma doença que pouca gente sabia. Nem a área científica tinha grande conhecimento. E eu acho que até de modo geral, a comunicação de uma boa resposta isso... Só que o que melhor ficou, é a missão de estar preparado para esse tipo de coisa. Agora mesmo, em grande destaque, tá a questão do meio ambiente. Não adianta dizer que estão queimando a Amazônia... acho que esse é um pouco do desafio, sair um pouco da nossa bolha e tem um olhar, uma percepção diferente para esse tipo de tema, que agora começaram a vir com mais força e desafiando jornalistas.

Porto: Depois de concluir a graduação, prosseguiu estudando e de alguma forma?

Fernando: Sim, eu fiz duas especializações. Fiz jornalismo empresarial, pela [redacted] [escola de ensino superior], que depois virou [redacted] [universidade privada da capital]. Isso foi especialização, inclusive fazendo o TCC no final. E o trabalho final, fiz sobre os dez mandamentos da assessoria de imprensa de órgão público. Não tinha muita base acadêmica, mas eu gosto muito do trabalho porque eu acho que ficou bem divertido. Depois, eu fiz comunicação digital. Eu só não tenho o certificado porque eu fiquei de fazer o TCC e de vagabundo eu não fiz. Mas eu considero que eu fiz duas especializações. E eu só não fiz mais, porque agora querem fazer tudo EAD e eu não quero. Eu quero presencial, isso é o que me renova.

Porto: legal, E como tu acha que essas especializações te ajudaram no teu trabalho?

Fernando: me ajudaram muito. Essa de jornalismo empresarial, eu fiz quando estava na Secretaria da Prefeitura, então, abriu muitos horizontes em relação aquilo. Melhorou a minha percepção em relação algumas coisas. E a do digital, qual é o problema do digital? Dois anos depois eu já estava defasado. Defasa muito rapidamente. Vamos considerar que eu só da cultura na lógica, eu já tinha alguma dificuldade, mas consegui me sair relativamente bem. Só que em seguida tudo é fada, se tu não tá exercitando aquilo. É as redes sociais tudo mais, mas às vezes eu me surpreendo ah não mas os likes orgânicos, não sei o que... Não me pergunta o que que é que eu não sei. Eu suspeito que sei, mas não me arrisco.

Porto: e tu considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da sua profissão?

Fernando: com certeza foi. Pelo seguinte, com a formação acadêmica e eu acho que o diploma representa isso tu tá preso a alguns cânones da profissão aqueles valores que tu tem que tá respeitando. Eu acho que esse é o grande mérito da formação, te passar os valores que tu tem que respeitar da profissão, como médico tem os dele, o dentista tem os dele... Tem aqueles valores do jornalismo que tem que respeitar, que é a busca da verdade, as questões éticas envolvidas, ser assertivo. A gente pode parecer básico, mas é isso mesmo.

Então, esse tipo de coisa que a formação acadêmica de propícia que de certa maneira te condiciona, faz um profissional melhor.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Bom, esse foi o nosso segundo eixo. Agora a gente vai para trajetória profissional, tu pode falar um pouco de como se deu o teu ingresso no mercado de trabalho?

Fernando: eu comecei com assessor de divulgação das [redacted]. Dai, um dia pintou uma vaga no arquivo da [redacted] [um dos principais jornais da capital], naquela época, se entrava por esses percursos. Teve uma época que foi pelo copydesk... E tinha um amigo meu, colega de aula, que me perguntou se eu tocava e para lá. E ele foi perdendo dinheiro, porque eu ganhava bem... Daí fiquei um ano e pouco lá e em seguida, em 72, veio olimpíadas e o reforço. Naquela época, tu não mandava representante, era tudo por agências de notícia... E comecei no esporte com isso. Em seguida, eu me fixei no esporte e recebi um convite para ir para [redacted] [periódico relevante na época], era uma empresa forte ainda na época. Nessa época eu trabalhava na [redacted] [periódico relevante na época] de noite, como copydesk, na [redacted] [extinta rádio da capital], na [redacted] [extinta TV da capital] e também era freelancer de esporte no [redacted] [jornal carioca]. [redacted] [periódico relevante na época], eu passei para [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital], e esse 76 e fiquei até 83, de lá eu saí e fui para [redacted] [um dos principais jornais da capital]. E daí me convidaram para voltar para [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital] como gerente de programação, mas eu não me acertei lá. Saí, acabei na [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital]. Daí trabalhei mais um tempo na [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital], voltei para [redacted] [um dos principais jornais da capital], como repórter especial de geral, daí o [redacted] [jornalista] me convidou para o esporte da [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital] e eu fiquei lá até 1994. Início de 95 eu dirigia a rádio [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital]. Sai da [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital], fui para o esporte da [redacted] [TV importante no estado], no ano de 99 até 2003. E eu tava com uma ideia de montar uma assessoria de imprensa, mas acabei fazendo campanha política. Depois voltei, para te ver, como presidente interino. Fiquei até o final do governo [redacted] [ex-governador], daí fui para a assessoria de imprensa da prefeitura. Saí de lá, para dirigir a TV, fiquei até o início do governo Yeda, voltei para prefeitura. Ah, antes eu tinha sido assessor de imprensa do [redacted] [ex-governador]... Tanta coisa que eu já tô perdido. Em resumo é isso. E depois, fiz campanha política de novo. Dai fui pro [redacted] [ex-prefeito], depois fui secretário do [redacted] [ex-prefeito]. Eu saí depois da Copa, e voltei agora no governo [redacted] [prefeito], mas aguentei só seis meses. Já tava aposentado. E agora sou só blogueiro, e colunista do portal [redacted] [portal online da capital].

Porto: e tu sentiu o teu em cima sendo refletido no teu trabalho, principalmente, no período de estágio e antes de tu se formar?

Fernando: nesse período, sim. Depois, não. Claro, que as especializações me ajudaram bastante. As especializações, sim. Mas aquela graduação anterior, não. Eu até tinha projeto de daqui a pouco fazer até uma outra graduação, talvez sociologia ou ciências políticas. Mas não me animei, preferir fazer a especialização. As especializações me ajudaram muito, esse reconhecimento eu faço. Só que a graduação não, até porque era outro período, era outra época, outro tipo de ensino, outras metodologias. Acho que o pessoal hoje, até porque tem mais recurso, saem muito melhor preparado do que a gente saía naquele período.

Porto: O que é que te levou as áreas mais recentes da tua atuação?

Fernando: isso a gente não leva, mercado é que te empurra. Passou-se o tempo, na década de 70 em que eu me dava o luxo de escolher onde eu ia trabalhar. Eu recebia convites e muitas vezes eu até recusava. Depois de um tempo, tu abraça o que tem. Eu pude me dar ao luxo de muitas vezes dizer que eu não queria, e com isso corre alguns riscos, mas sempre foi bem-sucedido nas escolhas que eu acabei fazendo e opções que eu acabei escolhendo. Porém, vou considerar que talvez eu seja uma exceção. A maioria vai ao sabor do que o mercado oferece, tem que fazer... vai lá e faz. Se ele tem que ir para o interior, vai para o interior. Não é por outra razão que muita gente deixa de atuar em veículo e vira assessor de imprensa já de saída. Ou tenta a pós [graduação] para se qualificar como professor, provavelmente é o teu caso. E daí, vai para a área de ensino ou de pesquisa. E aquela ideia que tu tinha anteriormente, na década de 70, que o assessor era chapa-branca e tudo mais. Hoje, não é. O assessor é um elemento importantíssimo hoje. As redações não vivem sem ele porque eles é que fazem a intermediação com as fontes. Agora mesmo, mês passado, eu fui jurado do prêmio de assessores de imprensa da ■■■ [associação da categoria]. Cada case era mais interessante que o outro, especialmente, os que entravam na questão da pandemia. Tu não condiciona o mercado, mercado é que te condiciona.

Porto: Entrando um pouco nisso que tu já estava falando, como tu encara o mercado de trabalho atualmente?

Fernando: Está muito restrito. Especialmente, nos veículos. Cada 3 ou 4 meses tu vê uma leva de profissionais que são descartados. E, às vezes, são profissionais de muita categoria e qualificação. E por que que esses são os preferidos pra serem descartados? Porque são com mais tempo de casa e maiores salários. Hoje, a questão é reduzir custo. Mas ao mesmo tempo tu vê que esse mercado de assessoria de imprensa tá crescendo. Eu vou usar o exemplo do ■■■ e do ■■■ [clubes de futebol da capital gaúcha], que eu conhecia bem do tempo que eu fazia cobertura esportiva. Tinha um assessor de imprensa para cada time. Hoje, eles devem

ter uma das maiores redações de Porto Alegre. Hoje, não funciona só com assessoria de imprensa, é assessoria de comunicação. Esse é o mercado que daqui a pouco vai garantir espaços. E daí tem a área do empreendedorismo, do pessoal que tem seu blog, que comercializa, que sobrevive graças a isso. Acha um nicho para trabalhar e em cima disso constrói uma carreira. Até tem gente muito bem-sucedida nisso, embora eu acho uma inflação desses blogs. Eu acho que esse é um caminho, tanto a assessoria de imprensa, quanto empreendedorismo e agências de conteúdo. O pessoal tá tratando muito a questão da imagem, cuidado com a imagem. Antes, estava na moda fazer Comunicação Integrada; hoje, eu acho que é mais do que isso... tu tem que estar com o olho no digital, outro no analógico, cuidar disso e cuidar daquilo. Eu volto a dizer, é uma questão que eu sempre debato: nada supera o conteúdo. Conteúdo é rei, o resto é ferramenta.

Porto: Pensando nesses novos caminhos que tu citou, espaços que estão surgindo no mercado de trabalho, tu considera que essas pessoas são menos Jornalistas do que os de antigamente?

Fernando: Tem uma discussão sobre isso aí, uma vez eu fui dar uma palestra com amigo, e o tema era esse. E o meu colega advoga que assessor de imprensa não é jornalista... que aí não tem que ser tratado como jornalista, mas, sim, como assessor de imprensa. Eu discordo. É a mesma coisa que tu dizer que o médico de hospital tem um nome e o médico do consultório tem outro nome, eu faço essa analogia. Eu acho que ele é tão jornalista quanto qualquer outro. E até eu não gosto muito disso, prefiro que seja agentes da comunicação. Extrapola as coisas, jornalista te remete à ideia do jornal, e hoje a comunicação é mais ampla, tem *influencer*, mais tanta coisa... Eu acho que talvez mudar a nomenclatura nem faria mal, mas aí já é outro debate. Se a questão for essa, assessoria de imprensa é jornalista também.

Porto: Eu se encontra hoje de maneira satisfeita com a trajetória profissional?

Fernando: Eu tô satisfeítíssimo. Eu só não cometeria os mesmos erros que eu cometi. Os erros que eu cometi que... e tu vai ver que na minha trajetória isso aparece muito, eu troquei de emprego demais. Muito provavelmente, eu perdi belas oportunidades trocando tanto de emprego. Quando, por exemplo, eu deixei a [redacted] [redacted] [emissora de rápido da capital], eu ganhava uma fortuna, era grana que não tinha tamanho, mas eu considerava que isso não era o mais importante naquele momento. Não era mais importante do que eu pensava em relação ao que eles pensavam. Olhando para trás, eu acho que eu não passei vergonha. Acho que deixei bons amigos, bons trabalhos. Tanto é, que se tu olhar, eu saí de alguns empregos e deu um tempo eu voltei para aquele mesmo lugar. Então, eu deixei raízes lá e boas impressões, acho eu. E isso não faz puxando o saco, mas apresentando trabalho.

Porto: A prática profissional do jornalismo já te levou a outras atividades que não jornalísticas?

Fernando: Não, eu até poderia. Hoje, por exemplo, eu sou sócio de uma geriatria. Maldosamente, dizem que eu tô preparando o caminho para ir para lá. Mas eu só faço a questão financeira. E isso não é do jornalismo. E tem uma coisa que é do jornalismo me ajuda, que é das relações. O jornalismo te impõe muito essa relação social, de trocas. Claro, o jornalismo me ajudou em algum momento, com os livros que eu já fiz. Mas eu não considero que isso é uma atividade extra, é uma coisa que me dá prazer. É uma derivação da arte de escrever. Me ajudou muito ter o texto já elaborado, cuidado com a gramática, tenho um viés de história do que eu tô contando, ser fidedigno com as coisas e honesto. Eu uso muito material reeditado e digo qual é o original. Esse tipo de coisa. Eu não gosto de chamar de escritório, fico meio envergonhado, mas nesses lados de escreveu o jornalismo me ajudou bastante. Eu diria mais, foi fundamental.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: agora, nós vamos para o último eixo sobre a prática da profissão. E como tu percebe a prática do jornalismo hoje o que se modificou?

Fernando: eu acho o seguinte, o jornalismo, primeiro, tá muito opinativo. Isso tanto nos veículos de impresso, quanto na rádio, quanto na TV... Sem contar nos blogs. Acho que ele tá opinativo demais, tinha que ser menos opinativo e mais interpretativo. Existe uma sutil diferença aí. Acho que... eu vejo que pessoal tem muito preparo, porque tem muito acesso às coisas, pesquisas. O material apresentado, tanto em entrevistas.... eu vejo pessoal muito bem preparado, se prepara muito para as entrevistas. Esse é um lado bom. Mas como ele tá muito preparado, às vezes, eles orbitam e em vez de perguntar, fazem tese. Porque tem informação demais, eles precisam botar para fora essas informações. Eu não sei se eu tô sendo exagerado... eu vejo as informações muito assustados porque o mercado de trabalho tá se restringindo. E porque os veículos estão focados, especialmente, nesse momento, no governo Bolsonaro. As redações estão, enfim... tem que fazer o jogo do patrão. Tu não consegue imaginar que alguns jornalistas de opinião da [redação] [grande grupo de mídia do país] vai fazer uma opinião favorável ao Bolsonaro. Eu acho até que tem boas razões para massacrar ele, mas não vou entrar no mérito. Eu vejo essas duas questões. Especialmente, os veículos impressos estarem sob pressão, porque não sabe, qual o futuro deles. Eles estão pressionados pela questão tecnológica e pelo mercado publicitário que também se encolheu. E ao mesmo tempo também tá pressionado pelas questões políticas. Tem um cenário que tá muito sombrio espero que melhore. E é mais sombrio ainda pela incerteza do que vem pela frente. Outra coisa, tem oferta de mais de produtos. Agora eu tava dando uma *parada* pela *net* e tem sei lá quantos canais. Tem os *streamings*, aqui em casa, nós assinamos vários. E tem mais 500 outros. Tudo isso está pressionando os veículos de comunicação. O

que que vai restar disso? Eu não sei te dizer. E essa angústia, talvez, passe para as redações, para os profissionais que estão chegando e os do mercado também.

Porto: Como tu acha que se impacta a tua área de atuação?

Fernando: como eu tô fora do mercado, já não impacta tanto. Agora eu passei para o outro lado do balcão, só consumidor. Isso é outra questão do jornalismo, todo mundo é produtor de conteúdo e aí tem um problema. Que conteúdos são esses que são produzidos?! Como consumidor, eu sou seletivo, noticioso, futebol, filmes... tu faz a tua seleção. Não sei se todo mundo age da mesma maneira, mas o meu caso é esse. Meu papel agora é de consumidor, não de produtor.

Porto: e tu percebe-se impactado teus colegas?

Fernando: a, com certeza. Eu tenho falado muito com eles e eu observo uma desesperança. Isso me dói um pouco, muita angústia e desesperança. "Eu vou partir para outra, não quero mais isso". Era muito comum, antigamente, tu ficar além do expediente conversando, trocando ideia. Diz que hoje, isso não existe mais isso nas redações. O cara quer sair logo para casa... agora também pessoal tá trabalhando de casa, é outra questão, como que os veículos vão se reinventar. Vai ser meio híbrido isso aí. Vejo muitas pessoas angustiadas e com dúvida se fizeram o curso certo, mas agora é tarde.

Porto: e o quanto que a tua percepção sobre a prática do jornalismo mudou desde o início do curso, até hoje?

Fernando: Mudou muito. Como eu te disse, eu acho que os profissionais ficaram mais qualificados, se preparam melhor... menos pela academia, só que mais pelo acesso à informação, as fontes, a pesquisa. Acho que também entendi a melhor a realidade. E acho que foi aberto espaço para outros temas, fazia tempo que eu não via uma boa cobertura de cidade. Os jornais eram muito preocupados com questões macro, quando o que interessa, às vezes, é o buraco que tá na frente da tua casa, o poste que não funciona. Eu tenho essa experiência do outro lado do balcão, como secretário de comunicação. Essa visão do teu entorno, eu acho que o jornalismo e os veículos começaram a prestar mais atenção. E mais, trabalharam muito fortemente, e esse é um viés que é interessante de se observar, a questão de serviços. A prestação de serviços, trânsito, emprego, falta de água ou luz, temporal e como agir em situações assim... E na questão da pandemia, eles trabalharam muito bem essa questão de onde vacinar, como vacinar, como se cuidar. Essa prestação de serviço eu acho que é um dos pilares que vai sobreviver do jornalismo.

Porto: E quais as diferenças que tu percebe no modo de atuação de colegas de outras faixas etárias?

Fernando: eu não tenho essa percepção, porque uma coisa que interessante, tu entra no jornal e no ano seguinte tu já é veterano. Essa lacuna entre as gerações, deixa de existir. No dia a dia da redação, em 12 anos tu já vira veterano e já tá discutindo de igual para igual com os mais antigos. Claro, o cara que fez as coberturas mais importantes, que foi correspondente de guerra, uma eleição de papa, viveu no exterior, isso tudo dava um verniz um pouco maior. Só que não é muito mais do que os outros.

Porto: em relação, justamente, à formação... Durante a trajetória profissional, do percebi a diferença nessa faixa etária que tinha uma formação diferente da tua?

Fernando: não. Da mesma maneira que eu tô te falando, antes, era menos ainda. Eu já fui veterano, a relação que eu tinha com os outros também é igual. Dois ou três anos depois, às vezes, até menos, era de igual para igual. Quando tu acende a uma função de chefia numa redação, tu te obriga a ouvir as camadas mais de baixo. O que que eles acham, porque eles que estão com o contato de verdade na rua. Esse *gap* ele deixa desistir, aí experiência que eu tenho me indica isso.

TRANSCRIÇÃO MANUEL

Eixo I – Dados de identificação

Porto: Tu pode falar o teu nome e a tua idade, pra gente iniciar?

Manuel: [REDAÇÃO] com [REDAÇÃO] no fim, que lido de trás para diante fica da [REDAÇÃO]. Estou com setenta e nove.

Porto: E o curso que tu se formou?

Manuel: Ah, me formei em jornalismo

Porto: e a área que tu atuava?

Manuel: Em jornalismo, em redação. E depois professor universitário.

Porto: E depois e que ano tu concluiu o curso?

Manuel: Em 70, 1970

Porto: E a universidade era pública ou privada?

Manuel: É a [REDAÇÃO] [universidade confessional], privada.

Eixo II – Formação acadêmica

Porto: Como se deu a escolha da tua profissão?

Manuel: Olha, eu queria fazer medicina, como te contei a outra vez. E, um dia, eu tô estudando química orgânica, e daqui a pouco eu parei e disse "o que eu quero com isso?". Eu não conseguia entender né? Eu queria entender o que eu queria com isso? Por que eu estou estudando isso? Estou estudando essa confusão para fazer medicina. Mas, então, eu preciso saber isso pra ser médico... fui ficando assim sabe? Foi rejeitando aquilo. Não, mas será que é isso, que é medicina mesmo que eu quero. Aí peguei um papel, e ali fiz uma lista de profissões e fui riscando, riscando, riscando... e daqui a pouco, lá no fim, ficou jornalismo. Como eu não tinha pensado nisso?! Porque, eu quando era estudante de segundo grau, as minhas redações eram sempre selecionadas como uma das melhores e comecei a ver que tinha uma competência pra escrever. Por que eu não faço uma profissão que se escreva? E aí botei num papel as profissões que tinha lá e tal e fui tirando... daqui sobrou jornalismo lá. Mas fiquei enlouquecido, assim, da mudança! Mas como é que eu não tinha me

dado conta?! Daí me inscrevi no vestibular fui aprovado, fácilimo, entrei na faculdade feliz e passei quatro anos lá na faculdade de comunicação. E aí, antes de terminar o curso, eu fui fazer um teste na tal do jornal [redacted] [periódico relevante na época] pra estágio. Do grupo que estava lá, eles escolheriam quatro estagiários e dos quatro dois seriam contratados. Eu estava no grupo dos quatro escolhidos, e fui um dos dois também escolhidos pra ficar no jornal. E aí a minha vida mudou, aí eu fui e vi que era aquilo que eu queria, eu vivia naquilo, né? Foi encantador, tudo que eu sou, devo ao jornalismo. Um dia eu estava falando com o padre, outro dia estava falando com um assassino, no outro dia eu estava falando com um político, no outro dia eu estava falando com uma freira. Enfim, aquilo me abriu o mundo, né? Ser repórter me abriu o mundo e me fez muito feliz. Aí trabalhei anos como repórter, mas chegou um momento lá que eu estava meio sem ânimo... aí a [redacted] [faculdade de comunicação em uma universidade confessional da capital] tava precisando de professor e o coordenador do departamento de jornalismo, e que foi repórter também naquela mesma época comigo, ele me convidou pra lecionar lá. Aí eu larguei e fui pra lá. Terminei a minha vida profissional como professor.

Porto: Ah que legal e nesse início do curso o que que tu esperava da profissão? O que que tu achava que era ser jornalista?

Manuel: Olha, aquela coisa que é o jornalismo né? Tu contar o que está acontecendo no mundo. Tu abastecer o cidadão de informações pra ele chegar à conclusão de que mundo é esse que nós estamos vivendo? Então é uma missão de desvendar coisas, trazer coisas... É a reportagem. Primeiro, tu começa com a notícias. Mas depois, que foi meu caso, eu me dediquei só a reportagem. E aí eu passava um mês fazendo a reportagem. Viajava pelo interior do estado, colhendo dados para voltar e fazer uma grande reportagem, às vezes, uma série né? Pegava um tema, exauria aquele tema e ia publicando diariamente. Duas páginas, três páginas... Dependendo da matéria. Eu estava muito feliz! Mas quando eu terminei, eu já estava querendo parar, não estava satisfeito comigo. Aí eu recebi um convite pra ir lecionar na faculdade e fui pra lá. E também fui muito feliz, adorei o que eu ia fazer. Já era macaco velho, então, eu selecionava o que era interessante pro aluno pra ele poder exercer a profissão. Já dá mastigado o caminho né? E dá um toque para todo mundo sobre a reportagem... e não que a notícia não seja importante, a notícia é muito importante. Mas a notícia seca e dura e, muitas vezes, a notícia é muito boa tão boa que tu vai pra capa né? Então, às vezes, é só tu que tem aquela notícia e tu fura teus colegas, tem outros jornais né? Isso é muito, muito bom. Mas a reportagem é muito boa porque a reportagem... com ela tu entra dentro de um assunto e vasculha aquilo três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez dias pra fazer uma série de matérias de duas páginas por dia, por exemplo. Ou cinco dias de duas páginas, né? A reportagem não é mais uma notícia, a reportagem já é interpretação de uma situação, a descrição. Por exemplo, eu fui pra dentro de uma mina de carvão e passei lá trabalhando, vendo como é que trabalha o cara lá dentro no buraco da mina. Lá no fundo, sabe? Quem é esse cara? Quanto é que esse cara ganha? A vida desse cara, né? Qual é o futuro desse cara... o futuro

desse cara é que foi o meu enfoque. A minha matéria era assim: mineiro tem pedra de carvão no pulmão. Esse cara ficava doente, porque ele o pulmão dele absorvia aquela poeira e ele ficava assim [tossindo]. Um cara de vinte e poucos anos e já estava com o pulmão estourado. Sabe? Então, isso é muito importante no jornalismo, tu dizer isso. Para aí, as minas de carvão, no caso, darem proteção pra esse pessoal, para que eles não adoçam o aos vinte poucos anos, e morram aos trinta. Poxa, maravilhoso tu dizer isso e tu conseguir mexer com isso aí, né? Todo mundo vê que absurdo, né? Como é que pode ainda nesse mundo moderno essas coisas acontecerem? Agora eu vou ter que dizer uma outra coisa que é importante. Tu não vai ser repórter, mas o repórter toma nota no papelzinho, sabe? Se a tua fonte é uma fonte astuta, esperta, usa o gravador, porque depois ele vem e diz assim "eu não disse aqui", então, tu mostra pra ele. Mas, normalmente, no teu dia a dia o cara falou e tu está tomando nota e está tomando nota. Tu já está vendo o que que é bom, o que que não é bom, pra tu focar a tua matéria, entende? Então, tu vai ficando com um pique que é incrível né? Porque tu já vai vendo de longe, tu já vai sentindo a coisa lá adiante, né? Tu já vai tomando nota, né? Se tu grava, que que acontece? Volta pra redação, tu tem que decupar aquilo primeiro. E daqui a pouco está aquele pessoal... está na hora do fechamento. E, tu ainda está escrevendo a tua matéria. Então, o repórter tem isso. Ele tem que ir lá fazer, e voltar, e publicar, e não atrasar nada. É muito duro, mas é muito agradável tu no outro dia ver que tu, com aquele teu assunto, ganhou a capa. E quando tu dá manchete? O valor não existe. Entende? Jornal não é boletim. Jornal é notícia.

Porto: E quais eram as tuas expectativas do curso quando tu entrou na faculdade?

Manuel: Olha, eu achei que o curso ia me ajudar, porque eu gostava de escrever né? E, de fato, o curso me ajudou, e a minha turma também ah... Era muito... Nós éramos muito interessados, nós vivíamos embolados, então... Ah, eu fiz o curso super bem, a tal ponto que, ainda fazendo curso, eu fui trabalhar. Eu fiz um concurso na [redacted] [periódico relevante na época] e vários candidatos. Desses vários candidatos, quatro ficariam e eu e eu fui um dos que foi selecionado pra ficar, pra estagiário. Desses quatro que estagiário, dois ficariam contratados e eu fui um dos dois que foi contratado.

Porto: E durante a tua formação acadêmica, como tu foi se sentindo em relação ao ensino na universidade? Que que tu ia percebendo?

Manuel: Aí já no mercado de trabalho, tu já começa a ver que a faculdade está mais servindo pra tu concluir. Tinha gente, inclusive, que fazia o seguinte, entrava na faculdade e se era contratado como repórter, desistia da faculdade. Que não foi meu caso. Fui até o fim. Então, eu sou bacharel em jornalismo. Especializado em jornalismo impresso, radiofônico, televisado e cinematográfico.

Porto: E quais as disciplinas que mais te interessavam?

Manuel: Era a redação. Também... a televisão foi legal, gostei de brincar com a televisão, né? Mas não era o que eu queria, eu queria, era o jornalismo gráfico, sabe? Esse que dá manchete, esse que vai pra rua e o leitor está a espera do jornal pra ler.

Porto: E o que que te motivava nessas disciplinas?

Manuel: Como assim?

Porto: Por que que elas te interessavam?

Manuel: Ah, sim. Me interessava porque ia ser o meu futuro. Se eu aprendesse bem aquilo, ah... eu ia entrar na redação bem. A minha grande preocupação era essa, porque era muita gente tentando entrar e nem todos conseguiam. Tanto que o jornal que eu entrei convocou estudantes e jornalistas pra fazer um teste pra estagiar, e, desse teste, quem foi escolhido seriam contratados. O que eu achei muito bom, porque, normalmente, a gente entrava por indicação. Tinha um amigo, de um amigo, de um amigo... que tinha o outro amigo que conhecia alguém da redação, então, esse cara chegava lá na redação, certo? Tu tinha que pedir favor e no meu caso, não. Eles fizeram o teste conosco, e aquela história da vida chega quem quer e quem pode, fica quem pode também, né? Quem conquistou, porque é uma luta dura, pesada, mas ela é dignificante.

Porto: E quais os espaços que tu acha que se fizeram mais presentes na tua formação, sala de aula, laboratório ou estágio...?

Manuel: Olha, o estágio foi muito bom. Porque o estágio já era a porta. Então, foi fundamental, assim, né? Ah, eu tinha que mostrar um pouco do que eu era, mas eu tava aprendendo muito, porque eu era só um teórico. A gente fazia reportagem pra cadeira de redação jornalística, mas não representavam um dia do trabalho. Em um dia, às vezes, eu fazia duas, três matérias né? Aquilo te dá um pique! Tu começa a conhecer gente, tu começa a conhecer político e te relacionado com outras pessoas, que antes só via nas páginas dos jornais e agora tu está me entrevistando pela pessoa, né? Gente importante, secretário de estado, né? Entrevista com o governador, por exemplo, né? E a gente ali... ah, foi maravilhoso!

Porto: E o que que um aspirante a jornalista precisa aprender pra desempenhar bem a sua função, na tua opinião?

Manuel: Olha, ele tem que meter o pé no barro. Ele tem que fazer um estágio numa redação, e aí ele vai ver que se ele dá pra coisa ou se não dá pra coisa. Porque é assim, tem que sair e voltar com a matéria. E essa matéria tem que ser boa. Entende? Ah! Então tu está sempre te cuidando, né? Tu está sempre preocupado pra que tu possa. Quando tu vê a tua matéria publicada e tu diz: "nossa!". E é complicado, a

coisa é meio enlouquecida... mas meu Deus do céu, eu não acreditei que eu ia que eu conseguiria aquilo. Mas daí até ser um bom repórter, tem uma caminhada inteira... Tem uma caminhada incrível. Primeiro lugar, tem que querer. Tu tem que querer ir pra uma vila, por exemplo, e entrar pra dentro da vila e trazer [a matéria] pro jornal, para a capa, o que é uma vila popular, sabe? Isso é um serviço de utilidade pública e, às vezes, é uma coisa, assim... eu fui lá fazer uma vila que ficava na beira dum valão. Então, pra tu pra tu pegar o ônibus tu tinha que atravessar o valão. Só que a rua da vila, que tinha uma rua só, batia no valão. Tu tinha que caminhar tanto pela beira do valão, pegar uma ponte lá adiante, atravessar a ponte e voltar pra frente daquela rua, porque a parada de ônibus era na frente daquela rua. Aí eu contei isso. E aí, a prefeitura foi lá e botou a ponte na rua. Então, as pessoas não precisam mais fazer aquela volta. Tu não acha isso maravilhoso? Eu, como repórter, consegui uma coisa pra eles. Quanto tempo isso levavam pra fazer aquela caminhada, dia de chuva, com criança... então, tu ajudar com as tuas matérias, né? Tu fazer uma matéria de restaurante universitário, por exemplo, com a comida estragada. Dá um mexe-mexe quanto sai isso. E tu está dizendo a verdade. Os estudantes reclamando que a comida é podre... E aí o que que acontece? Muda! E aí a comida não é mais podre, porque eles começam a cuidar da comida. Bom, isso é um regalo pra ti poder ajudar. E pra eles, muito mais, né? Estudante, longe de casa, restaurante universitário, sabe?

Porto: E como tu acha que a universidade, então, pode colaborar nesse pontos e pra ajudar a formar um profissional mais qualificado pro mercado?

Manuel: A universidade, a faculdade, tem que dizer isso que eu tô te dizendo. Eu fui ser professor lá e disse isso que eu estou te dizendo. Então, o que eu queria era motivar esse cara. Esse cara que estava fazendo jornalismo. Bom, ele não podia não querer ver as aulas, não se interessar... tu vai lá porque tu quer ser repórter. Porque tu vai sair de lá e vai tentar mudar o mundo. Tu vai ser útil. Tu vai ser importante pra sociedade. Tu vai fiscalizar o que está errado, vai meter o dedo na ferida e vai botar o podre pra fora. E tu não acha maravilhoso? É duro começar. É muito duro, mas se tu está com vontade tu chega. Não chega aquele que está "eh fez o curso, mas pra mim tanto faz, sabe? Estou numa outra e tal". Está na dele. Ele vai ter que achar uma outra faculdade, porque aquela ali não é. E tem um outro que faz o curso e quer ser, e vai ser. E você está bem. Tu vai fazer medicina por exemplo não vai ser médico. Por quê? Como assim? Vai ser arquiteto, vai ser professor, né? E e ser professor é maravilhoso. Na medida em que tu dava ao teu aluno picadinha a coisa. Você está me entendendo? Eu ia lá para dar picadinha e dizia pra eles isso, o que eu estou te dizendo. Quer dizer, deixava o cara motivado. Pô! Fazer com que as matérias deles ganhassem a capa. Então, quando eles entregavam os textos deles, que eles tinham feito, eu dizia o seguinte, "eu quero o texto pra chamar minha capa". Então, todo mundo estava atrás de fazer um bom texto. Nem todos podiam, tinha gente que tinha dificuldade, né? Mas havia uma luta, havia um "vou atacar o início assim". Eles queriam a conquista, né? É esse o trabalho de um professor também né? Professor não chega e dá uma aula

morna, sem graça, "Peguem o livro agora, vamos ler isto aqui". Não, o professor é um motivador, é um provocador.

Porto: E, como tu enxerga o desenvolvimento de jornalismo no decorrer dos anos?

Manuel: Olha, eu, agora, não tenho mais condição de dizer, porque fiquei totalmente separado da universidade, né? Porque eu voltei pra faculdade para lecionar a redação jornalística. E dar a redação jornalística, mas estou fora de lá sei lá há quantos anos.

Porto: Mas durante mas durante o período que tu esteve lá? Pode voltar um pouco....

Manuel: Ah não, houve uma evolução. Houve uma evolução, não resta dúvida. Porque quando eu voltei para lá, já era outra coisa. E os professores eram mais... já tinham estado no mercado de trabalho. Tinham trabalhado em jornal. Então, esse cara vem com a picardia da experiência, né? Então, muda. Tu não vai lá pra estudar a cadeira de redação, como eu já disse, que aí o professor faz um uma prova perguntando: o que que é o ambiente? Não, professor tem que fazer uma matéria que tem o *lead*. O professor pede uma matéria que tenha uma retranca. O professor pede uma matéria que tenha intertítulo. Então, tu está pondo em prática uma teoria, e não só teorizando.

Porto: E, depois concluir a graduação, tu continua estudando?

Manuel: Não, eu concluí a graduação e fui trabalhar em jornal, né? Eu fui pra lá, pra ser professor, depois, né? Eles me chamaram para ser professor. E eu fui com a minha experiência. O que me valeu muito, porque se eu não tivesse experiência, como é que eu ia dar aula? A aula tem que motivar, tem que levar o cara pra lá. Tu [estudante] não pode chegar em uma aula dizendo: "Nossa, que hora que vamos? Quer tomar um cafezinho?". Não, o cara tem que vim pra aula e querer, ficar e sair irado! Porque esse cara tá dizendo, eu quero fazer, né? Quero. Aí, vamos fazer, vamos escrever texto. Não tem que ouvir o que que é um *lead*. Mostra o que é o *lead*. Escreve uma matéria com tudo.

Porto: Tu considera que a formação acadêmica foi importante pro exercício da tua profissão?

Manuel: É, foi, foi! Eu aproveitei muito. A minha turma era muito ativa, assim, sabe? Nós éramos muito envolvidos, muito. Não era uma turma que sentava, ficava parado... Quando precisava, cobrávamos dos professores... Foi uma turma que marcou uma época, porque todo mundo era *ligadão*. E, depois eh tinha as nossas festinhas, que a gente fazia. E foi uma turma muito unida, tudo muito legal, mesmo. Muito legal.

Porto: E tu considera que voltar a estudar, continuar estudando é importante? Principalmente, nos dias de hoje?

Manuel: Olha, sempre é bom estudar, né? Sempre é bom estudar, mas isso não pode macular a tua carreira. Olha tu decidiu, "vou estudar", e tu não trabalhas, porque tu estás só estudando... tu não tens tempo para trabalhar né? No meu caso, eu trabalhei, trabalhei pesado. E estudei também. Mas a minha turma, é o que eu te digo, ela era muito ativa. Nós vivíamos embotados, assim... Então, aprendíamos em conjunto, não tinha marcação de aulas. Foi uma turma que não matou a aula. Claro, que tem aquelas escapadinhas que tu dá, aquelas coisas.... Mas não era assim que daqui a pouco está o professor na frente ali com oito alunos, dez alunos. Estava sendo todo mundo junto. Todo mundo interessado, nós éramos muito ligados.

Porto: Agora, a gente já vai para trajetória profissional. E, tu pode falar um pouco de como se deu o teu ingresso no mercado de trabalho?

Manuel: É o meu ingresso foi assim, o jornal chamou estudantes de jornalismo para fazer um teste. Desse teste, como é que a gente diz... escolheram quem eram os melhores, sem precisar tá ensinando. Pegaram os que estavam mais na ponta, porque eles já queimavam uma etapa, né? Então, os melhores já começaram a trabalhar como repórter, né? Claro, que a gente tava iniciando, então ainda foca, como a gente chama, né? Experimentando. E, sabe, assim... tinha gente mais velha que nós, então, a gente chamava alguns desse né? porque nós éramos a ralé.. mas aí no dia a dia tu vai... E daqui a pouco tu publica uma matéria tua e fica enlouquecido. Meu Deus do céu, tu olha tua matéria, mesmo não estando assinada, aquilo era uma glória! E depois, começar a publicar matéria assinada... Bah! Era, assim, a glória. Então, eu ainda estava estudando e já estava trabalhando como jornalista né? Era meu último ano. Então, foi ótimo.

Porto: E tu viu o teu ensino sendo refletido no teu trabalho, nesse período?

Manuel: Sim, é claro! Até de cadeiras, como história, que a gente tinha, que não eram técnicas, mas cadeiras que te davam uma visão de mundo interessante. Elas faziam a gente ler mais e procurar mais. A faculdade me ajudou muito. Me ajudou muito, foi muito boa para mim. E eu fiz a faculdade, assim, enfiado nela. Eu não passei por ela, eu não matava aula, eu gostava de ir. Eu queria aprender, eu queria ser [jornalista]. E até para eu já ser profissional e me desligar da família. Eu já comecei a pagar a minha faculdade quando estagiei, já comecei a pagar minha faculdade e já me liberei dessa. Isso é uma glória para quem está começando, né?

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Sim. E, daí depois dessa contratação, tu pode falar um pouco dessa tua trajetória na folha da tarde e depois na [] [universidade confessional]? Como é que se deu isso?

Manuel: Bom, eu quando comecei a trabalhar sendo repórter, até que recebi um convite pra lecionar. E me sentindo muito honrado. Houve um teste de seleção. Não me lembro mais como é que se deu essa minha entrada, sabe? Então, faz quantos anos... cinquenta anos. Então foram anos incríveis. Mas o que eu quero te dizer é isso. Desculpa a palavra... não é pejorativa, mas é a palavra que me aparece pra mim. Pra mim te dizer, eu acho tu morna na tua expectativa do jornalismo. Sem experimentar, eu diria que seria interessante tu ir meter o pé no barro. Tu não sabe o que é alegria de abrir o jornal e ver a tua matéria e as pessoas lendo a tua matéria. E tu desvendando um assunto que só tu tem esse assunto. E ensinando o leitor sobre aquela coisa que o leitor não sabia. Isso é uma coisa assim, que te leva pra uma coisa, no outro dia tu quer outra. No outro dia, tu quer outro... É incansável. E quanto mais tu trabalha, mais dá gosto, porque tem gente que trabalha e pensa "vamos embora, porque eu não suporto mais". Não, tu vai até a hora de ver publicada, vai pro boteco... Aí no outro dia tu pega tua matéria e lê ela lá na página. Isso para mim, claro. Cada pessoa tem um jeito de ser. Mas nisso tu mexe com as coisas, foi o que eu te contei. Tu vai numa vila e os cara caminham não sei quantas quadras pra pegar o ônibus, quando se tu botar, assim, uma pontezinha na boca de rua, tu atravessar uma rua ali... então, eu ajudei aquela comunidade, uns pobre coitado. Tu imagina a alegria. Eu fui lá depois e estava todo mundo feliz, cara. E o que me custou aquilo? Nada! Quando ele me disse, é a gente vai lá, pega aquela ponte lá, ó. A gente vai até lá, passa e depois volta aqui porque a parado do ônibus é aqui na frente. A prefeitura viu a matéria e resolveu. Pra mim foi maravilhoso eu hoje tenho sim.

Porto: E o que que te levou a aceitar o convite da universidade? O que te levou a mudar tua carreira pra lecionar?

Manuel: Bom, aí tem isso, né? Agora tu vai dar uma picadilha pro teu aluno. Entende? Tu é um professor que não é um teórico, é um prático. Um teórico e o prático. Então, tu vai dizer pra eles isso. Tu vai fazer eles fazerem matéria. E escreverem as matéria. E tu vai ler... E vai colocar assim, se tu fizesse assim ficaria melhor... por que tu não abre a tua matéria com isso aqui? Por que o teu título foi bunda mole? Tu quer ver um título maravilhoso? Está aqui nesse teu texto. Pegue esse assunto aqui e joga de título, e agora isso, que tá lá no quarto parágrafo, tu bota no primeiro e tu chama o leitor. Bom, aí quando o cara vai fazer um jornalzinho da faculdade lá, o cara está usando essa técnica. Ele tá chamando atenção pra matéria dele. O cara ser o primeiro, ele que ver se ganha a manchete de página. E quando tu é manchete de jornal, a melhor coisa que tinham era tua matéria. Nossa! E é assim que é o jornalismo. Jornalismo não é assim: "É, eu estou fazendo jornalismo escrevendo umas matérias aí e tal". Não! É: "eu estou enfiado no barro, atolado no barro, sabe? Mas tô ajudando".

Porto: Como tu enxerga o mercado de trabalho atualmente?

Manuel: Olha, eu não tenho condições de responder essa pergunta, porque eu estou totalmente por fora, sabe? Não sei.

Porto: Mas pelo que tu ouve dos outros...

Manuel: É, o que está acontecendo é o seguinte, aqui Porto Alegre, tem só dois jornais, né? E, agora, nesse momento, é difícil porque esse é um momento que tem a pandemia... então, é um momento complicado né? As coisas não estão sendo feitas com facilidade. Então, eu acho que os jornais estão passando por dificuldades por causa da pandemia, né? Teve gente que foi pra casa... e aí depois voltou. Mas é um momento difícil e não sei como é pros profissionais, porque também, daqui a pouco, vai começar a ter gente demais na redação. O jornal vai ficar sem condições de albergar todo mundo. Vai ter que demitir, né? Se já não demitiu bastante até agora, né? Então, é um momento difícil...

Porto: Tu se encontra satisfeito com a tua trajetória profissional, até hoje?

Manuel: Eu fui muito feliz. Eu fui muito feliz, como aluno eu fui muito feliz, como repórter também. E eu me tenho como um repórter. As pessoas dizem "o que que tu é?", e eu digo "eu sou jornalista!" Quando eu era repórter, fui muito feliz e fui muito feliz como professor. Muito feliz com o professor. Adorei ser professor, sabe? Ah, porque eu trazia na mão a coisa da minha experiência, né? E eu provocava, queria que escrevessem matéria, que e escrevessem bem, pra quando fossem fazer um teste numa redação, fossem aprovados né? Então, aí o que que acontece? Os muito, muito bons seriam admitidos. Era isso que eu queria né?

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Sim. E daí, entrando já pra última parte, como tu percebe a prática do jornalismo hoje? O que que tu acha que mudou?

Manuel: Olha, no nosso caso aqui em Porto Alegre, por exemplo, nós temos dois jornais e teve épocas que tinha muito mais jornais, né? Então, assim, aquela disputa de quem dá melhor foi desaparecendo. Ainda tem, ainda tem, mas não tem como era na nossa época. Porque é por nós, repórteres, que o jornal dá manchete. Então, essa briga de trazer a matéria pra capa, e tal. Isso era muito forte na nossa época. E agora, não tem muita disputa, porque é só o [redacted] [jornal tradicional da capital] e a [redacted] [um dos principais jornais da capital] né? Então, está mais dócil, não tem tanta aquela correria que tinha no passado. E agora, com a pandemia, então... Imagina a dificuldade que tem de se fazer.

Porto: E como tu acha que isso impacta no trabalho dos teus colegas?

Manuel: O bom para o jornalismo, é tu ter um jornal adversário, porque tu é obrigado a ser bom. Aí, tu é bom, e aí o outro vê que tu é bom, e vai ficar melhor que tu. E tu vai querer ficar melhor que ele. Mas ele vai querer ficar melhor com tu... Essa é a graça da coisa, sabe? Né? Se for "ah... fizemos a matéria, entreguei logo e vamos pra casa"... Não, tem que ter a empolgação. A emoção de saber se a tua matéria vai ganhar a capa, e se não ganhar a capa, ganha uma chamadinha... Tu sabe o que é tu ganhar a manchete, cara? Nossa, ganhar manchete e a glória do repórter né? E pra ganhar manchete tu tem que trabalhar. Tu tem que trabalhar. Porque, às vezes, é tu e o adversário, ou os adversários, fazendo o mesmo assunto. E, agora? Como é que tu dá melhor que os outros? Né? Isso nos instiga.

Porto: E o quanto que a tua percepção sobre a prática do jornalismo mudou desde o início do curso até hoje?

Manuel: Olha, vou te dizer... Lá no início, quando comecei a trabalhar, haviam vários jornais concomitantes, né? E hoje são dois jornais. Sabe aquela guerra, entre aspas... A boa guerra, entre fazer melhor que o outro, é que te leva do a tu fazer um bom jornal. E, tu fazendo um bom jornal, o leitor compra. O leitor comprando, é bom pro jornal, e jornal quer fazer melhor ainda, sabe? Isso te leva... Isso te dá um estímulo né? Tu chamar na capa, como te disse, é um estímulo pra ti. E chamar na capa, pode crer que está entre as melhores coisas que tem dentro do jornal. E aí, tu olha o jornal adversário, ele não tem, saca? Essa briguinha do outro tem e tu não tem, é muito boa. Isso leva à luta... Que no meu tempo tinha, porque eram vários jornais. E, hoje, são dois que estão ainda mais agora, nessa pandemia, é difícil, né? É muito difícil, porque tem gente em casa. Há dificuldades...

Porto: E, quais as diferenças que tu percebe no modo de atuação dos mais jovens, em comparação com os profissionais mais antigos?

Manuel: Olha, hoje eu não sei te dizer... Porque eu tô fora, né? Eu tenho um pouco de informação sobre a [redacted] [um dos principais jornais da capital], porque tem vários jornalistas que foram meus alunos que estão lá. Que foram pra lá e ficaram lá, já são velhos... Então, às vezes, eu fico sabendo de alguma coisa. Mas eu tô bem distante disso. Depois de tanto tempo já fora do mercado, né? A minha vida já tá de outra maneira, eu estou em casa, que eu quero sonhava. Aposentado e lendo, estou conseguindo fazer isso. Aí, pra mim, é um prazer, sabe? Eu estou bem em casa. Então, um aposentado tranquilo... Não sinto vontade de sair pra rua, sabe? Veio a pandemia, então, menos vontade eu tive. Antes eu saía, ia ver amigos, tomar mate com os amigos, os amigos vinham aqui... Com a pandemia, a coisa diminuiu, né? Então tem que esperar acabar isso pra voltar a normalidade.

Porto: E, o que tu conseguia notar assim... Até voltando um pouco pra quando tu atuava, quando tu ainda tinha o contato da universidade como professor, mas também, pensando nessas observações e nesses contatos que tu tem com outros

colegas. O que tu acha que tu pode apontar como diferenças, entre o modo de atuação dos jovens, ou tu acha que não há diferenças? Enfim...

Manuel: O que eu te falei, é isso. É que, hoje, e por causa da pandemia, tem que aceitar. Está difícil a coisa, né? As redações estão... Não é fácil levar uma redação assim. Agora já está mais solto, o pessoal tá saindo pra rua, indo trabalhar... Então, eu espero que volte ao normal. Agora, também tem essa história... É que antes eram vários jornais, concomitantes, lutando. Cada um queria ser melhor que o outro. Aquilo dava um relâmpago pra todo mundo. E, hoje, em função da pandemia, principalmente, já é mais difícil de tu fazer. Então está se dando o que você pode dar.

Porto: Sim. E como tu percebe essas áreas que vem ganhando o espaço, fora das redações? Então, assessoria de imprensa, agência de conteúdo, redes sociais... Como tu vê isso dentro do jornalismo?

Manuel: Eu acho que não tem nada a ver com jornalismo, né? Pode ter um jornalista trabalhando lá. Mas não é jornalismo. Jornalismo é tu sair pra rua buscando a manchete do jornal. Ah! É uma coisa, como é que eu vou dizer... É um prazer, assim, tu fazer jornal, trabalhar em jornal. Tu vive em prazer. Ah, e tu luta e tu furunga.. para poder dar esse prazer para o leitor e para ti poder ter esse prazer. De trazer a boa notícia para o leitor. A boa notícia, que pode ser um desastre até, mas cobrir bem o desastre. Para o leitor ficar sabendo como foi. Aqui tá dizendo assim: modo pouca energia fechar bateria fraca.

Porto: Tá então só pra encerrar, a última pergunta. Agora, como observador, do outro lado do jogo, não mais como repórter e produtor de notícia. Como é que tu encara as produções do jornalismo de hoje?

Manuel: Nesse momento, que a gente tá vivendo, tá difícil de tu conseguir, sabe? Então, tá em compasso de espera, tá se fazendo o jornal, mas não é um jornal que queriam tá fazendo, sabe? Eu espero que termine essa crise, para de novo voltar a competitividade saudável dos jornais. Isso é muito bom. É bom pro leitor e é bom pra redação, pra redação fica viva. Ela fica viva, ativa, quando a gente consegue dar o furo do outro. Tu fica numa alegria louca. Aí, no outro dia, o outro vem com o furo e tu não tem... Porra nenhuma. Isso nos leva pra frente. O jornalismo não é uma coisa burocrática, jornalismo é uma coisa muito boa de se fazer. A gente fica muito feliz fazendo. Acho que te dei a manchete do jornal.

TRANSCRIÇÃO RENATA

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Pra iniciar, então, tu pode dizer o teu nome e a tua idade:

Renata: Meu nome é [REDAÇÃO], eu tenho 61 anos.

Porto: E qual o curso que tu se formou, Renata?

Renata: Eu me formei em jornalismo em uma universidade privada, de Porto Alegre, no final de 1981. São muitos e muitos anos já de prática né? Na verdade, eu comecei a trabalhar logo em seguida, então, eu posso dizer que eu estou fazendo 40 anos de profissão.

Porto: E qual a área do jornalismo que tu atua hoje?

Renata: Hoje, eu atuo na política. Aliás, hoje e há muito tempo, né? Eu atuo na política, e como jornalista multimídia, porque eu faço de tudo um pouco. Eu sou colunista de política na [REDAÇÃO] [um dos principais jornais da capital], eu apresento um programa - não é só política - o gaúcho atualidade na [REDAÇÃO] [uma das emissoras de rádio da capital], que é política, economia geral... Fala até de esportes, mas eu não me meto porque eu não entendo. Faço, eventualmente, comentários de TV também, tenho a minha coluna online que é uma extensão do que eu faço no papel, mas o principal dela, onde eu dou mais informações, é no nosso site [REDAÇÃO] [portal de notícias]. Eu apuro, eu publico, eu edito, eu publico, eu domino as ferramentas que não existiam na época em que eu estava na faculdade. Isso eu acho que é um ponto importante, assim, que eu tive que ir aprendendo ao longo da minha vida profissional a lidar com as novidades que foram aparecendo. Porque se eu ficasse só com o que eu aprendi na faculdade, já teria sido excluída do mercado certamente.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Certo. Bom, esse foi o primeiro eixo, como eu falei bem rapidinho. Agora, a gente entra na formação acadêmica, e como que se deu a escolha da tua profissão?

Renata: Bom, assim, eu nasci lá no interior do Rio Grande do Sul e eu sempre gostei muito de ler e de escrever. Eu nem sabia que existia a figura do jornalista e as pessoas me perguntavam o que eu queria ser, e eu dizia que eu queria ser escritora de jornal. O meu pai queria muito que eu estudasse, embora, ele não tivesse nenhuma formação, fosse agricultor. Então, é assim... a lembrança mais remota que eu tenho da minha decisão de ser jornalista. E eu, na escola, modéstia a parte, eu sempre era aluna número um em redação, eu gostava disso. Quando eu fiz o ensino médio, na

época se chamava segundo grau, era um tempo que tinha que se escolher uma profissão, obrigatoriamente. Coisa daquelas reformas lá do governo militar. E não tendo outra coisa mais próxima, eu fiz magistério. Então, a minha formação, no ensino médio, é de professora, mas eu nunca exerci. Aos dezessete anos, eu fiz vestibular aqui em Porto Alegre, passei, me mudei pra cá e nunca mais saí de Porto Alegre pra morar. E, enfim, tanto eu entrei aqui em 78, terminei no final de 81. Me formei no dia 8 de janeiro de 82 e não larguei mais. Se eu tivesse que começar tudo de novo, eu começaria tudo de novo.

Porto: E o que que tu esperava da profissão nesse início do curso assim?

Renata: Olha, eu não tinha grande expectativa, porque, na verdade, eu preciso reconhecer, hoje, que eu era extremamente ignorante em relação ao que era [o jornalismo]. Eu sabia que jornalista trabalhava em jornal. Pronto, era isso que eu queria. Escrever pra jornal. Aí, na faculdade, eu fui abrindo os olhos, vendo que eu tinha outras possibilidades, que existia assessoria de imprensa, que existia rádio, que existia TV... mas, nesse meio tempo, eu só me imaginava em jornal. Havia uma certa separação, assim. As bonitas iam pra TV, os de voz boa, voz empostada, iam pro rádio. O rádio exigia isso. E as pessoas normais, comuns, assim como eu, iam pra jornal. Eu tinha isso quase como um determinismo, sabe? Que era isso que eu ia fazer. Só que quando eu terminei a faculdade... não antes de eu terminar, eu preciso dizer uma coisa importante. Eu achava que, na faculdade, eu não estava aprendendo muito a prática. Então, o que eu fazia era que eu me fingia de jornalista, assim, pras coisas eu gostava, como em corrida de carros. Então, eu ia no autódromo, aqui em Tarumã, e eu fazia falsas reportagens pra mim mesma. Eu acompanhava lá, escrevia no dia seguinte e depois eu comparava com o que os meus colegas profissionais tinham escrito. Daí eu pensava: "olha até que eu acho que eu dou pro negócio". Não tinha grandes diferenças, eu até, às vezes, achava que o meu texto estava melhor do que de muitos colegas. A pretensão nessa idade... é bobagem né? E, bom, eu também, nas férias, eu aproveitava e sempre trabalhei. Não com jornalismo, eu trabalhava aqui numa empresa de petróleo e depois numa de bomba de gasolina, do mesmo grupo da [REDACTED] de petróleo. E eu não tinha muito tempo, assim, pra fazer atividades extras, porque era trabalho oito horas, a faculdade à noite, mas assim... aos fins de semana, eu fazia essas coisas. Eu fazia trabalho pros meus colegas, também. E eu, na época, eu sempre achava assim é um abuso, né? Fazia trabalho em grupo, eu sempre fazia, mas eu sempre pensava: "estou fazendo porque, no mercado, ninguém vai fazer por eles. Alguém vai ter que fazer". Então, eu tinha essa ideia de competitividade, assim, numa boa. Não passar por cima de ninguém, mas me preparar pra enfrentar o mercado. E acho que eu me preparei e nunca tive problema de emprego. Um pouco por isso, também. Porque eu sou muito pé de boi, mas muito pé de boi, mesmo. O trabalho nunca me assustou. Só que quando eu saí da faculdade, assim, era uma crise enorme no mercado. Aliás, já estava quando eu entrei. Meus professores diziam assim: "se vocês tiverem juízo, larguem enquanto é tempo". E eu pensava, "não, mas não é possível né? Eu sempre quis isso, passo num

vestibular difícil pra quem vinha lá do interior. Como é que eu vou largar? Não posso". E eu também pensava que ia ter lugar pra alguns, pros melhores. Eu preciso é tratar de ficar entre os melhores. Porque vai continuar tendo jornal. Agora, eu já sabia que tinha rádio, que tinha outras opções. E, quando eu saí da faculdade, eu me frustrei bastante. Porque eu não conseguia emprego em jornal. No jornal mais tradicional aqui, as pessoas só saíam quando morriam. E um amigo meu até me ofereceu uma vaga de emprego numa assessoria de imprensa. Eu falei "mas não foi pra isso que eu estudei. Eu não quero ser assessora de imprensa". Ele disse que era numa redação, era no governo do estado. "É uma redação com uma pessoa super profissional... tu vai aprender com ela. Enquanto não aparece uma vaga. Porque tu não pode ficar torcendo pra que alguém morra pra arranjar esse emprego". Porque, de fato, as pessoas só saíam quando morria. E, daí, eu aí aceitei. Não tinha outra opção. Eu tinha decidido que eu largaria esse meu emprego que era muito bom, me pagava muito bem, mas eu queria ser jornalista. E eu fui, então, trabalhar nessa assessoria e, assim, a minha chefe era muito legal. Eu aprendi muito com ela, mas logo em seguida eu consegui um emprego de redatora na [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital]. Bom, era outra coisa que eu posso fazer, redação de rádio. Isso me deu bastante treinamento em sintetizar, né? Porque notícia de rádio é uma coisa que dá uma possibilidade de aprendizagem muito grande. Nessa época, eu estava um pouco em dúvida com o que que eu faria, porque eu não gostava daquele meu trabalho. Eu tinha porque era necessário. Então, eu cheguei até a começar, junto com esse trabalho, uma pós-graduação na universidade privada. E, em julho, eu recebi a proposta pra trabalhar na [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital] e eu tive que fazer uma opção, se eu continuaria na pós-graduação ou se eu iria pro mercado. Aí, eu avalei que era mais importante pra mim o mercado, até porque eu não estava, assim, achando muito boa aquela pós-graduação. E, eu fui pro mercado e eu não saí mais. Trabalhei alguns anos em rádio, primeiro, só como redatora, depois, eu trabalhei como repórter. Depois, em 86, quando o [redacted] [jornal tradicional da capital], que tinha fechado, reabriu com outro dono, eu fui convidada pra ser repórter, já de política. Então, eu não escolhi trabalhar com política, era o que tinha. Se tivessem me oferecido qualquer outra área eu teria topado, porque eu queria trabalhar em jornal. Eu fui pra política, trabalhei três anos na política, até um dia que abriu uma vaga na economia. E aí, o meu chefe disse que precisava de mim pra uma missão... abriram duas vagas, uma de editor de economia e outra pra editor de geral e internacional. Critério zero, né? Eu podia escolher qualquer uma das duas, aí, na dúvida, eu preferi a economia. E eu não tinha noção nenhuma, praticamente, de economia. Aí, eu tive que começar a me virar, pra aprender um pouco. Era um jornal popular, então, a gente não tinha assim grandes preocupações com o investidor de bolsa, com os mercados... era mais a economia do dia a dia mesmo. E eu fiquei três anos nessa função, até que a [redacted] [um importante grupo de mídia do estado], já sob nova direção editorial, fez algumas mudanças, e me convidaram pra ser editora de política. Isso foi em 92. Então, pra te resumir a história, agora, em 2022, eu completo trinta anos de [redacted] [um importante grupo de mídia do estado]. E na [redacted] [um importante grupo de mídia do estado] eu comecei como editora de política, depois eu

fui aos poucos escrevendo algumas colunas de opinião... depois, eu fui fazendo algum comentário eventual de rádio, e no fim, há 18, quando saiu o colunista principal de política, me chamaram pra substituí-lo. E eu estou lá, assim, tendo uma longevidade que nem eu acreditava quando eu comecei que eu fosse ficar 18 fazendo uma coluna de política num país radicalizado como esse, e num estado em que tudo é binário né? Tudo muito radicalizado. Mas, inacreditavelmente, eu continuo fazendo e a coluna completa 18 agora em dezembro. Então, é tudo muito simbólico, assim, esse ano 21 e 22 é muito simbólico pra mim. Eu faço 18 anos de coluna agora em abril, eu completo 15 anos de apresentação do gaúcho atualidade, os meus outros companheiros de apresentação foram saindo e eu fui ficando, já nesse rodízio já passaram vários... e 30 de empresa. Mais ou menos é isso, assim, pra te resumir a história.

Porto: E quais eram as tuas expectativas em relação ao curso nesse teu início, nesse ingresso na universidade?

Renata: Assim, minha expectativa era de que eu iria aprender tudo, porque eu vinha super crua lá do interior. Eu não sabia, assim... quando eu passei, quando eu fiz a matrícula, eu olhava a grade curricular e eu tinha coisas que eu não sabia nem o que eram. E que nem tu vai saber o que era na época, porque as coisas mudaram muito né? Então, por exemplo, era um tempo da pré-história da informática, e a gente tinha uma cadeira que se chamava Cibernética, com um professor que não tinha nenhuma ideia do que ele estava fazendo. Era um doidão, assim, e eu, até hoje, eu não sei o que que a gente fazia na aula de cibernética. Era uma coisa muito louca. E, claro, tinha coisas super interessantes, né? A gente tinha cinema, tinha muita aula de português, que isso aí era óbvio. Tinha a diagramação, tudo no papel. Tudo naquelas aquelas folhas, enfim, os diagramas mesmo. Às vezes, eu mostro pros meus filhos, com o que a gente trabalhava. E eles acham tudo muito engraçado, né? Porque, hoje, com tudo digital, só no computador, pensar em como a gente fazia... e que dava certo, que X laudas de papel, cabinho naquele espaço. Enfim, eu tinha essa expectativa de aprender. E acho que eu aprendi muito, sim, na faculdade. Tem gente que diz que não aprendeu nada, eu aprendi muito, mas não o suficiente. Eu complementei a aprendizagem, lendo, lendo muito. É o que eu sempre digo pros estudantes, assim, "não tenta ser jornalista, se tu não gostar de ler. Quem não lê bem, não escreve". Então, eu lia muito... fazia estágios. Nas férias do meu trabalho, eu arranjava algum lugar pra fazer estágio de graça, rádio, jornal. Para pegar um pouquinho de experiência né? E, claro, sempre fui aprendendo e acho que é isso, a gente não sai pronto de lugar nenhum. Então, eu tive que aprender a cada mudança, a cada ciclo que aconteceu. E sempre peguei no pesado, assim, se precisasse... ah tinha que passar um telex. O Telex era uma coisa, assim... era um ganho que a gente tinha. Era um diferencial competitivo. O telex era um negócio chato. Eu passei por tudo que tu imaginar... Tinha a máquina também, depois a máquina elétrica, que foi uma invenção sensacional. Mas que não tinha nas redações, né? Eu tinha a minha própria. Depois, o computador, que quando chegou era uma coisa completamente absurda. Os primeiros computadores a gente achava maravilhoso, né? Perto do que tinha

passado... o computador foi um avanço espetacular. Até chegar a esse ponto de hoje, em que eu não preciso fazer tudo isso, mas eu sei fazer se eu precisar. Então, assim, já fui numa viagem pra China... hoje, está muito fácil, eu poderia fazer tudo com o meu celular. Mas na época, não. Eu com uma câmera enorme, que pesava sei lá três quilos, um computador com o Premiere. Para a transmissão era assim. Para transmitir um minuto e meio de vídeo, levava uma hora, mas a gente fazia né? Então, assim, é isso que eu te digo... eu não nunca me assustei com o trabalho, mesmo que sejam coisas que não fazem parte da minha rotina, eu preciso aprender. Eu aprendo e vou fazendo né? Hoje, tudo ficou mais fácil, mas eu já passei por perrengues enormes com essas coisas de lidar com a tecnologia, de ter que aprender. Nós, no tempo que eu entrei na redação, tínhamos pessoas que faziam cada uma das coisas. A gente só escrevia. O outro só revisava. O outro desenhava, colocava nas páginas. Hoje, a gente faz tudo, inclusive, desenhar a própria página no papel.

Porto: E durante a tua formação, talvez pensando mais nessa reta final da tua graduação... como tu se sentia em relação ao ensino? Como é que tu foi percebendo essa tua trajetória?

Renata: Eu tinha... até por ter sido eu sou de uma geração que a gente tinha um enorme respeito e não contestava, né? O professor dizia e eram as verdades dele. Mas aí, a partir da metade do curso, a gente começa a se dar conta que tinha alguns professores que eles nem eram tudo aquilo que se imaginava. Porque verificava-se, assim, que não tinha uma trajetória, que o texto não era bom... conforme a gente fazia as perguntas, as respostas eram respostas frágeis, né? Então, eu acho que foi na metade do curso mesmo que foi quando... até porque na primeira metade do curso é muito básico, a gente tinha as mesmas cadeiras da publicidade e de relações públicas. Aí quando nós enveredamos, cada um pro seu lado, é que eu comecei a sentir algumas deficiências. E senti que eu precisava saber mais do que aquilo. Precisava ler pra ver como os jornalistas faziam, de fato, e treinar mais. Porque, senão eu não ia ter muita... não ia ter esse diferencial que eu sempre achava que eu precisaria ter. Era o que faria a diferença e de certa forma fez né? Porque da minha turma, nós entramos e éramos uns 45, hoje, no mercado, dá pra contar nos dedos. Eu conto cinco, alguns eu perdi totalmente o contato. Mas, no mercado mesmo, hoje, pra dizer a verdade somos três fazendo jornalismo. Teve gente que se deu melhor do que eu porque fez concurso público pro judiciário, entende? Mas eu não quero ganhar mais no judiciário. Eu acho que não ficaria feliz, fazendo um trabalho que me pagasse muito, mas que fosse uma coisa chata, né? Então eu me divirto bastante trabalhando, as redes sociais mudaram muito a nossa realidade. Tornaram o nosso trabalho bem mais complicado. Mas, mesmo assim, acho que enriqueceu bastante e a gente é desafiado todos os dias.

Porto: E, durante a tua trajetória, quais as disciplinas que mais te interessavam?

Renata: Ah, era a redação mesmo. Redação e rádio, foram as coisas que mais gostei.

As técnicas de rádio... eu passei a gostar de rádio. Eu sempre ouvi muito rádio quando eu era criança, porque era o único meio de comunicação que chegava lá na roça regularmente. Meu pai ouvia a rádio todos os dias. E o jornal era uma coisa muito rara, assim... era quando ele ia pra cidade, trazia enrolando banana. Daí, eu lia tudo. Ah... depois nós passamos a ganhar umas revistas, de um senhor que a filha estudava na cidade. Ele dava algumas revistas e eu me encantei com aquilo. A leitura mesmo me despertou mais ali, lendo revistas antigas que chegavam. Mesmo assim eu acompanhei, quanto eu tinha nove anos, a trajetória da ida do homem à lua por essas revistas, né? Uma coisa espetacular. E era basicamente isso. Eu não gostava de diagramação, achava uma coisa extremamente chata, e que mais? Eu não sei mais nem quais eram as disciplinas que a gente tinha... da primeira fase claro eu gostava de filosofia, eu não gostava de ensino religioso... mas basicamente era isso. Eu gostava mesmo era de redação.

Porto: Ah, e o que que te interessava nessas disciplinas?

Renata: A possibilidade de me aproximar do que era o mercado, entendeu? Porque tinha coisas, disciplinas, que eu pensava, "ah, isso não me serve muito". Agora, redigir era uma coisa que eu gostava muito, porque eu sabia que era a coisa que mais eu seria demandada no mercado era redação mesmo. E gostava também das aulas de português, porque eram aulas que eu sempre aprendia um pouco mais do que eu já sabia, embora, seja uma coisa que eu sempre tive facilidade.

Porto: Aham e teve alguma disciplina o professor que te marcou de forma especial durante essa trajetória?

Renata: Bom, a gente tinha o professor [redacted] [professor e jornalista], que era o rei da faculdade, né? Ele era o nosso diretor na minha época e ele foi super importante, porque ele era uma pessoa divertida. E acho que até era introdução ao jornalismo que ele nos dava, mas sempre foi uma pessoa que me inspirou muito e que infelizmente ele morreu cedo. Foi uma pessoa que me inspirou bastante, porque era um jornalista apaixonado pela profissão. E aí, teve outras coisas, assim, que eu não aprendi bem porque eu não tinha interesse né? Diagramação, por exemplo, era uma coisa que eu achava muito chato. E teoria da comunicação, eu achava chatíssimo, não era uma coisa que eu curtisse.

Porto: E quais os espaços que tu acha que se fizeram mais presentes durante a tua formação? Sala de aula, laboratório, estágios, palestras...

Renata: No meu tempo, foi mesmo a sala de aula, porque a gente tinha quase nada de laboratórios. Era pouquíssimos na época. Era uma pobreza geral. Ah, e os estágios que eu fiz foram super importantes, porque, assim, era não remunerado em períodos de férias. Só isso que eu fazia. E aí eu fazia de tudo um pouco... fiz um estágio, numa rádio, em que eu fazia qualquer coisa. Eu lia noticiário, lá do interior tinha essas coisas.

Daí eu chegava da cidade, achavam "bom, essa aqui sabe tudo né?". Me deram pra fazer tudo, me exploraram a beça, mas eu achei que foi bom. Eu sou super tímida, então, eu também perdi um pouco a vergonha de falar nessa rádio. Me dava um microfone e mandavam vai! E aí, eu tinha que ir.

Porto: Na tua opinião, o que que um estudante de jornalismo precisa aprender para ser bom na sua profissão?

Renata: Eu falo pelo que eu conheço dos colegas que eu considero bons no seu trabalho. Eu tenho, por exemplo, o meu assistente que é um exemplo pra mim de profissional jovenzinho. Ele tem 23 anos e é maravilhoso, extremamente competente. É um menino que se foca, que se dedica, que lê, que estuda, que se prepara pra fazer as coisas. Eu acho que, basicamente, hoje, o que precisa muito é isso né? É ser curioso, é não ter preguiça. Hoje, muitas pessoas tem. Agora nós estamos fazendo essa conversa aqui por vídeo por necessidade né? Por óbvio. Mas durante muito tempo, eu não ajudei alunos porque, se eu notasse que a pessoa era preguiçosa, eu pensava "Não, escolhe outro. Não sou eu". Eu já recebi centenas de estudantes de jornalismo da graduação.. mas aí muitos mandavam assim "Ah, eu preciso fazer um trabalho e tal, estou lhe mandando aqui as perguntas e preciso da resposta até amanhã". Não sou eu que vou te dar isso. Não é assim que jornalista trabalha, entende? Primeiro, me pergunta se eu posso fazer presencial. Ou se tu não pode fazer presencial, porque... ah mora em Novo Hamburgo, por exemplo... Explica e pergunta se a gente pode conversar por telefone, né? Mas essa ideia, assim, de copiar e colar e entregar pro professor. Não conte comigo! Então, eu acho que muitos estudantes fazem isso por preguiça. E aí, eu penso: que um profissional vai ser um estudante que faz isso?! Será que na correria do dia, quando eu precisar que ele trabalhe na redação.... Será que ele vai se empenhar? Se ele tem preguiça de ligar pra um jornalista, um colega... um futuro colega pra fazer as perguntas, né? O profissional não vai conseguir ser um bom profissional se ele esperar que as coisas caiam prontas do céu. Acho que é até importante, quando eu te disse que eu falo demais... eu sei que vai te dar um trabalho enorme pra resumir, mas é a vida é assim, né? A gente sua a camiseta pra espremer dali aquilo o que vale a pena, e o que é supérfluo, que vai ter que ser cortado. Mas essa é a vida. Agora, se eu ficar esperando que me mandem pelo *WhatsApp*, tu me responde e ficamos só nisso... fica mais pobre, né? Pra que a entrevista seja rica, eu preciso me preparar antes, eu tenho que ler antes, eu tenho que saber o que essa pessoa já disse ou deixou de dizer. E depois, sim, eu vou fazer perguntas que não sejam as óbvias, que é uma coisa que eu também acho que jornalista não pode ser: óbvio. A gente vê, às vezes, na TV. Eu tenho horror, quando eu vejo uma entrevista coletiva, e o repórter chega com o seu microfone ou pergunta assim, "como é que o senhor vê a situação do Brasil hoje?". Que pergunta é essa? Né? Como é que o senhor vê? A pergunta como é que o senhor vê... é de quem não se preparou pra fazer uma coisa mais objetiva e dá margem pro entrevistado ficar fazendo um discursinho. Por isso eu acho importante essa preparação que vai também de ir treinando. No início ninguém faz as coisas como tem que ser, mas a

gente aprende, ao longo da vida. A preparação pra qualquer coisa, é tudo. Então, não é só pra fazer uma entrevista. Se eu vou fazer uma entrevista com alguém que escreveu um livro, por exemplo... esses dias, eu estava ouvindo uma entrevista e aí o apresentador falou assim: "eu não li seu livro, então, eu não sei se no livro tu trata desse assunto...". Tu não faz então! A entrevista era sobre o livro, como que tu não lê o livro. Meu marido é escritor, também, e ele fica muito louco quando, às vezes, vai nas escolas ou universidades, e aí os alunos não leem. Aí a pergunta é, o que? Sabe? "Ah, como é que o senhor começou a escrever e tal...". Mas não tem o foco naquilo que importa. Esses dias, eu ia entrevistar o Clóvis Tramontina, só pra dar um exemplo, que é o empresário de sucesso, tem um livro contando a trajetória dele. Okay, eu conheço o Clóvis Tramontina, eu conheço da vida dele, mas se ele escrever um livro. Se o foco é o livro em que ele conta tudo sobre a vida dele, eu preciso ler esse livro. Ah, mas não cabe dentro das minhas oito horas. É verdade, não cabe dentro de nenhuma jornada de trabalho ler um livro desse tamanho. Mas pra fazer a entrevista eu tenho que ler, então, eu li o livro. Daí, bom, já que eu li e me ofereci pra fazer a resenha também. O profissional, assim, desde a faculdade, ele precisa ter essa noção de que a gente precisa entregar sempre um pouco mais. Não é ser o que alguns colegas falam... ser pelego. Eu nunca tive essa coisa de achar, assim, "ah, mas não me pagam pra eu ler um livro de noite", "poderia estar no cinema, estar no bar bebendo e eu estou lendo o livro"... pode parecer meio escravocratas a minha ideia, e eu não peço que ninguém faça isso, entende? Mas só estou te dizendo que eu acho importante, quando as pessoas tem essa disposição, ela, certamente, fazem um trabalho melhor.

Porto: E como tu acha que a universidade pode ajudar nesses aprendizados?

Renata: É... hoje, eu não sei. Bom, nesse momento, está tão ruim com esta função da pandemia. Eu tenho a sensação de que, tanto na universidade, quanto na escola básica, ninguém está aproveitando muito bem, né? Essa coisa do distanciamento, não tem feito bem. Embora, seja muito mais possível um estudante universitário aprender no modo remoto. Poderia até, teoricamente, ser sempre no modo remoto. Mas o que eu tenho visto não é isso. O que eu tenho visto é as pessoas dizerem que não se concentram em casa, que fingem que estão na aula e não estão. Então, vamos pensar em tempos normais. Tá? Voltando a sala de aula. Primeiro, eu acho que tem que dar muita coisa prática pras pessoas fazerem, também. Porque tem muita teoria, e isso vale pra qualquer universidade... no magistério, por exemplo, eu vejo os cursos de formação de professores, eles são extremamente fracos porque não ensinam a ensinar uma criança. Aprender matemática, aprender ciências da natureza, que é o que eles tem que aprender. Então eu acho que, primeiro, as faculdades tem que dar mais trabalho prático. A minha [antiga] universidade tem muito isso, hoje, de trabalho prático. E, às vezes, eu vejo que os alunos saem muito bem na em matéria de saber fazer, saber desenhar uma página, saber editar um vídeo, saber mexer com rede social. Eles tem bastante noção. E, das outras, nem posso falar muito porque eu não conheço bem, mas o pessoal da pública entra super bem. São pessoas que entram

com uma formação melhor em geral, porque, pra passar no vestibular, tem que ter uma formação melhor... mas, durante um tempo, eu tinha a impressão que era muita teoria e pouca vida real. Até me impressionei uma vez que eu fui lá, pra conversar com os alunos da universidade particular, e tinha laboratórios maravilhosos, que eu adoraria que tivesse no meu tempo. E, na pública, eu fui e a mesa, ah do que seria a bancada a atividade era... tipo uma mesa de churrasco, assim, com dois cavaletes com uma tábua em cima. Então, a universidade pública, eu acho que por essa coisa da burocracia pra comprar, das crises... ela acabou ficando pra trás um pouco em matéria de equipamentos. E isso acaba, obviamente, prejudicando. Então, nesse sentido, eu acho que os laboratórios da particular me impressionam muito. O estúdio de rádio deles é igual ao nosso, tem a mesma qualidade. A mesa de som tem a mesma qualidade, os equipamentos de TV também... embora, hoje se possa fazer uma emissora de TV inteira com celular, mas tem equipamentos bons. E esse treinamento me parece importante pra pessoa saber o que está fazendo.

Porto: E como tu enxerga o desenvolvimento do ensino do jornalismo no decorrer dos anos?

Renata: Olha, difícil pra mim te responder isso. Eu não tenho equipe há muitos anos, eu também não tenho muito esse acompanhamento, entende? Eu participo de poucas seleções. Na coluna, eu sempre tenho alguém que me ajuda. E aí pego os novinhos, mas é um, né? Que fica ali, e quando ele está no ponto eu tenho que entregar pra redação e pego outro e vou treinando. Aí, eu vejo nas seleções. E aí, eu tenho dificuldade pra fazer uma avaliação, acho que eu posso até ser injusta com a avaliação como está. Eu também não acompanho muito. O que eu acompanho mais é, exatamente, quando eu participo de alguma seleção. E daí, eu vejo nas perguntas... eu pergunto pra um candidato, por exemplo, "gosta de ler? Qual é o último livro que tu leu?". E, às vezes, me respondem "Ah, faz tempo. Eu não consigo me lembrar". Aí, eu me preocupo, sabe? Será que nas faculdades não estão dizendo que os jornalistas tem que ler!? Ou será que não mais ler? Ou eu é que sou do tempo antigo aqui, achando isso? Então, acho que hoje tu tem essa coisa de informação... que a gente tem uma overdose de informação. O tempo todo entrando as coisas por aqui, mas eu tenho um pouco de preocupação que as pessoas parecem que me passam mais tempo nas redes sociais, hoje, do que se preparando pra uma entrevista. Hoje, o Facebook está meio deixado de lado... mas houve um tempo em que a gente olhava pras máquinas, na redação, e eram tantas janelas abertas na página do Facebook.... meu Deus! Vai te preparar pra entrevista. Vai te preparar pra fazer um texto melhor. Sei lá!

Porto: E tem alguma outra coisa que te chama atenção? Pode ser, considerando esse contato que tu tem nas seleções... porque essas entrevistas, também vão muito da percepção dos meus entrevistados. Então, pode ser uma análise, assim, mais pontual dessas tuas visitas a universidades ou desses teus contatos com os jovens na redação. Tem alguma outra percepção que tu tem em relação ao ensino deles?

Renata: Ah, eu acho que tem uma coisa importante, que eu gostaria de registrar. Eu percebo coisas nos contatos com as universidades, justamente. A gente tinha um projeto que era, no aniversário da [redacted] [jornal relevante da capital], em maio, e alguns dos jornalista - não todos, né? - iam cada um numa universidade. E eu já fui a várias. Algumas, assim, como alunos extremamente atentos, que tinham curiosidade, tinham sede de perguntar. Mas outras que o professor tinha que ficar fazendo perguntas. A gente falava, e eu sempre gosto de deixar mais tempo pras perguntas, pra não falar pro vazio, pra que a pessoa possa participar. Quer saber o que? Sobre mercado de trabalho, quer saber sobre o que eu lido? Enfim, eu vou daqui a Pelotas, ou eu vou a Santa Maria, eu vou a Caxias... e como é que alguém não pergunta? E eu já peguei turmas, assim, que eu me assustei. Porque se esses alunos não têm curiosidade de saber nada, ou quase nada, de alguém que está no dia a dia, que tem uma experiência de trabalho de tantos anos... o que que ele está fazendo? É impossível que a pessoa não tenha curiosidade. O jornalista que não tem curiosidade, pra mim... e eu acho que isso os professores têm que estimular, a curiosidade. Ou eles acham que sabe tudo, ou eles têm preguiça de perguntar... porque que as pessoas, às vezes, não perguntam? Em compensação, eu ia em outras universidades e não dava tempo. A gente já tava na hora de ir embora e tinha gente que queria saber mais e mais. Então, tem algumas coisas, assim, que eu fico pensando, se uma turma inteira é assim apática, tem algum problema nessa faculdade, sabe? Eu acho que o aluno de jornalismo, ele tem que ser curioso, acima de tudo. Ele tem que ser inquieto, ele tem que contestar. Ele também não pode ficar, assim... achando eu falo aqui e ele não tem que falar. Muitas vezes, eu já fui contestada. Em, assim, dizer alguma coisa "ah, mas isso vocês fizeram diferente". Eu gosto de ser contestado também. Acho que o aluno tem que ser tem que fazer isso.

Porto: Aham. E depois de concluir a graduação, então, tu deu continuidade no teus estudos? Tu já comentou dessa pós-graduação que tu iniciou...

Renata: Sim. Só... não no meio acadêmico, porque eu trabalho numa empresa em que nos dá muitas oportunidades de formação. Então, a gente teve muitos cursos de N coisas, pra aprender coisas na prática. E também fiz um master para editores, que é uma espécie de mestrado profissional, da Universidade de Navarra, que tinha uma representação em São Paulo. Então, eu passei todo um ano indo lá, a cada duas semanas... não, a cada mês ficava duas semanas. Eu acho que era isso. Isso foi uma formação muito legal, porque nossos professores eram, assim, eram estrangeiros né? Muitos eram espanhóis, tinha gente de outros países... tinha dos Estados Unidos também. E aí, nós aprendíamos uma visão assim de mundo do que estava se fazendo no jornalismo nos outros países, com gente que vinha de lá, que trazia exemplos que, nos questionava, que nos inquietava. Isso foi uma coisa muito boa, mas tudo foi a empresa que me proporcionou, dentro do seu programa de treinamento. Ela tem programa de treinamento pra jornalistas, pra executivos, cada um dependendo da área em que a pessoa escolheu. Nessa época, eu ainda era editora. Então, eu tinha

um cargo de gestão e aí eu dirigia uma equipe, pra ver como já faz tempo. Daí, depois que eu passei a ser colunista, eu só fiz cursos específicos pra coisas que eu precisava saber. Por exemplo, de indesign, que é um negócio que eu não sabia e tive que aprender a lidar, que é o programa que nós usamos pra desenhar as páginas. E... edição de vídeos, rede social... N cursos que eu não guardo nem certificados, porque eu, também, não tenho muito essa coisa de organizar a minha vida. Se eu tivesse que fazer um currículo vai parecer que eu não tenho nada.

Porto: E o que te motivou a esses cursos?

Renata: Aprender pra fazer. Eu sempre acho que é isso. É importante aprender pra fazer, pra me qualificar, pra saber mais do que eu preciso, pra na hora que eu precisar, eu já saber. Então, isso sempre me motivou. Mas eu nunca... depois, assim, de muito tempo eu me perguntava se muitos dos colegas optaram pela academia né? E aí, eu vejo os trabalhos e eu admiro vocês tem paciência pra isso, porque eu acho essas coisas de metodologia... rigorosa, tão chatas, tão dentro do quadrado. Eu não consigo lidar muito bem com isso. Quando meus filhos fizeram a monografia da faculdade... tinha um negócio, sei lá, trezentas e tantas páginas, e aí tinha que escrever dentro daquela metodologia. E eu pensava, "meu Deus que coisa mais chata". Eu sou de fazer. Eu admiro quem consegue focar nas teorias, escrever dentro das regras da ABNT. Eu sou caótica, assim. Eu escrevo dentro de uma página, eu escrevo uma coluna. Se precisar resumir uma história, eu escrevo quatro páginas mas se precisar eu faço em uma e se precisar eu faço em dez linhas. Então, eu não sou muito disciplinada pra essas coisas da academia. Acho alguém tem que fazer isso, mas não é a minha na minha vocação. Realmente, não.

Porto: E tu considera que a formação acadêmica, então, foi importante pro exercício da tua profissão?

Renata: Sem dúvida, eu considero que foi pra mim e considero que foi pra outras pessoas também, porque há uma discussão sobre a faculdade de jornalismo existir. E eu continuo achando que tem que existir. Que a gente precisa da Faculdade de Jornalismo. Tem que continuar existindo. A gente recebe uma formação, ela não se basta, mas ela é importante, assim como... eu uso até sempre essa expressão. Eu sei bastante de direito eleitoral. Porque eu trabalho nessa área, eu tenho que estudar direitinho eleitoral. Eu sei o código eleitoral, mas eu não posso ser advogada eleitoral, entende? Só que eu não fiz a faculdade de direito, eu não fiz a OAB. Eu não tenho a carteirinha da OAB. Por que que jornalistas as pessoas acham que qualquer um pode ser? Eu acho que não. A faculdade ajuda muito. E, nesse momento que a gente vive, essa crise de conteúdo... em que todo mundo acha que pode produzir conteúdo e aí as pessoas caem nas *fake news*, as pessoas produzem *fake news*, elas distribuem *fake news*. Mais do que nunca, eu acho que a nossa profissão é importante. Eu mesmo, estando já com quarenta anos de profissão, eu não perdi esse o brilho no olho. E eu acho que nós seremos importantes ainda. Pode ser que seja uma ilusão...

que daqui a pouco a vida revele que nós somos irrelevantes. Mas eu continuo achando que o jornalismo é importante pra melhorar a sociedade e, principalmente, nesse momento, né? Pra livrar a sociedade da loucura que são as redes sociais, com as notícias falsas que elas distribuem. A gente vai ter que ficar, mais do que nunca, atento, né? Na minha área, principalmente, é uma luta diária e tem horas que dá um certo desânimo de pensar "eu estou perdendo meu tempo aqui pra esclarecer uma coisa tão evidente", mas é meu papel. Eu tenho que fazer esse esclarecimento, né? Parece incrível, mas eu preciso dizer que isso é verdade. Agora não pego só política, né? Na rádio eu trabalho com todos os assuntos e a pandemia nos obrigou a aprender coisas de saúde que não eram da nossa área. Então, eu não vou explicar como é que os vírus atuam, mas eu tenho que entender minimamente. Eu tenho que entender de vacina, eu precisei aprender muita coisa nesse período. Eu e todos os colegas que estávamos nas ruas, em casa. Para a gente poder perguntar as coisas com sentido, porque senão como é que a gente iria traduzir pra população. Entrevistar médico que, em geral, não é uma pessoa muito didática, né? Alguns são, outros não. Nós também precisamos fazer um treinamento, um autotreinamento, um autopolicimento, pra quando um médico que está precisando explicar alguma coisa não consegue ser didático nós temos que puxar pra realidade e dar didatismo por eles.

Porto: E tu considera que continuar estudando é uma coisa importante pros jornalistas principalmente pensando atualmente?

Renata: Eu não tenho dúvidas de que é importante. Aí, só depende de como cada um estuda, né? Tem gente que é autodidata mesmo, que prefere estudar por tutoriais... e não tem nada de errado nisso. Tem gente que prefere a coisa formal de seguir uma linha, de fazer o mestrado, de fazer doutorado... daí, segue uma carreira acadêmica. Tem colegas que preferem fazer outro curso, eu acho bastante interessante também. Eu só não fiz história porque eu não tinha onde enfiar na minha a genda um curso de graduação de história. Mas eu teria feito, não pra ser professora de história, mas pra agregar mais. Porque eu acho que é importante o conhecimento pro meu trabalho de jornalista, teria sido melhor. Estudar pra mim é sempre importante. A gente fazer, formal ou informalmente, se a tua empresa oferece... ótimo. E a nossa sempre oferece cursos. Agora, com essa possibilidade de cursos online, então, a gente tem muitas opções. Não faz quem não quer, a gente tem mil e uma oportunidades de aprender, né? Esses pacotes de master classes, assim, que tu pode comprar.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Aham. Esse foi o nosso segundo eixo. Agora, a gente entra na trajetória profissional, tu comentou já alguns pontos, mas pode falar um pouco mais de como se deu o teu ingresso no mercado de trabalho?

Renata: Então, como eu disse lá no início, eu não conseguia emprego no jornalismo de cara, porque eu não tinha experiência, porque eu era novinha, porque eu estava recém saindo da faculdade, porque os jornais não demitiam as pessoas, não substituía. Eu entrei, então, numa assessoria de imprensa. Minha chefe, o marido dela era chefe de redação da Rádio Guaíba, daí ela achava que eu escrevia bem e me indicou pra ele. Eu fiz uma substituição de férias, gostaram do meu trabalho e me contrataram. E daí, durante muito tempo, eu tive o famoso duplo emprego. Por isso que eu sou, absolutamente, contra essa jornada de jornalista de cinco horas. É uma falsa vantagem, porque temos uma carga de cinco horas, só que paga-se tão pouco, que a gente precisa trabalhar em dois lugares. Hoje, eu não faço isso, mas na época, invés de eu ter cinco, eu tinha dez horas de trabalho. Mas eram dois empregos diferentes. Depois eu fui passei da rádio pro jornal, e, como já falei lá atrás, fui contratada pela [redacted] [um importante grupo de mídia do estado]. Na verdade, a minha carreira, o forte dela, é todo feito na [redacted] [um importante grupo de mídia do estado]. Eu já fiz gestão, mas eu não assim... não era uma coisa que me animasse. Eu nunca tive a pretensão de ser diretora de redação, eu ia morrer de pânico. Eu não gosto de gerenciar nada. E aí quando eu passei pra esse galho da comunicação, assim, a vida melhorou bastante, porque eu realmente faço o que eu gosto. Eu entrevisto pessoas, eu tenho contato com o dia a dia do... da essência do jornalismo. Eu não fui treinada pra ser editora chefe, pra ser gerente, essas coisas assim... pra ter que pensar em orçamento, sabe? Eu gosto mesmo é de fazer as coisas do dia a dia

Porto: Aham. E, principalmente nessa etapa inicial, tu via o teu ensino sendo refletido no teu trabalho?

Renata: Sim, certamente. Foi o que me ajudou muito, lá no início, a entender... eu não tinha ideia do que que era uma entrevista, técnica de entrevista, como é que a gente faz. Teve coisas que eu aprendi na vida, depois, com pessoas que sabiam mais que eu, com gente mais experiente. Até quem me ensinou a não cair nas armadilhas das fontes, a identificar quando alguém estava mentindo, né? Identificar quando alguém está te enrolando. Isso tudo é manha que a gente pega depois na prática, ao longos dos anos de trabalho.

Porto: Sim, e o que tu acha que te levou a exercer o que tu exerce hoje?

Renata: De uma de certa forma, foi o acaso mesmo. Aquelas encruzilhadas da vida, assim. Ah, se eu tivesse feito isso... se eu tivesse ido pra Brasília... não sei, alguns colegas foram pra Brasília e acabaram todos lá em assessoria de imprensa. Eu fiquei aqui e eu não vou dizer que a sorte me ajudou, porque eu acho que a sorte ajuda os que trabalham. Como eu sempre demonstrei capacidade de trabalho, eu sempre entreguei mais do que esperava. A minha primeira promoção no [redacted] [jornal tradicional da capital] se deu quatro meses depois que eu entrei. O meu chefe foi pra Santa Cruz do Sul, eu era repórter. Ele, o editor, e o sub editor foram pra *Oktoberfest*. Aí, beberam na *Oktoberfest* e concluíram que não iam chegar a tempo

pra editar o jornal num domingo. Ele me ligou de lá e disse, "olha, não vou conseguir chegar, tu faz?". Eu disse que fazia. Aí no dia seguinte eu fui promovido a editora, que eu nem queria, queria ser repórter, mas naquele momento eu mostrei que eu sabia fazer. E o fato de que eu não me assusto com o trabalho, com carga de trabalho, com o desafio... eu sou, não é tão simples também. Eu sei que eu não sou boa de vídeo, então, eu me lembro de quando eu tive que fazer TV. Meu chefe falou que a partir da volta das minhas férias, eu iria fazer um comentário na [redacted] [emissora pública de televisão]. Eu não sou de TV, não tenho cara pra TV, não é o meu negócio. Daí eu fiz todo um treinamento. Primeiro comentário que eu fiz nessa emissora, embora, eu fosse uma TV comunitária de alcance pequeno... eu saí toda molhada, tive que pedir uma camiseta que os *office boys* usavam lá. Então, também quando eu tive que assumir o programa gaúcha atualidade, que é o de maior audiência da [redacted] [relevante emissora de rádio da capital], também, nunca tinha feito apresentação de rádio. Eu fazia um comentário coadjuvante. Nós éramos três, eu era coadjuvante ali. Mas eu encarei, eu não fiquei me encolhendo. Ah, isso eu não faço. Porque, hoje, na nossa profissão, tem que fazer de tudo um pouco. Não tem mais o especialista que aquele que só escreve sobre música clássica. Não tem mais futuro pra esse, né? Até porque num momento, a gente vai ser demandado. Eu não sou de política internacional, mas no dia que cai as torres gêmeas, todos nós viramos repórteres daquele assunto. E aí, como tu vai ficar "eu não posso, vou ficar aqui de braços cruzado enquanto todo mundo está nesse mutirão porque ah, de política eu não falo". Tem uma hora que vai apertar, tem a força tarefa da eleição nós vamos ter que chamar gente de outras editorias. Aqueles que tiverem mais habilidade mais versatilidade, eles poderão daqui a pouco ser aproveitados né? A gente pode descobrir talentos que nem imaginava quando se faz essas forças tarefas. Eu estou te falando de um jeito que parece que eu trabalho numa empresa que escraviza, mas não, é eu que me *autoexploro*. E como que os repórteres em geral eles batem ponto, não tem isso?

Porto: E como tu encara o mercado de trabalho atualmente fazendo?

Renata: Ah, hoje, eu acho que está extremamente difícil e limitado. Por isso, eu acho que as pessoas, hoje, têm que procurar outras alternativas também. Quem pensar assim "ah, hoje, eu quero trabalhar numa empresa tradicional de mídia assim...", vai ficar difícil. As vagas são poucas, o salário pra quem está começando é baixo também. Então, tem que procurar outras alternativas. E aí, eu acho que fazer comunicação empresarial é uma opção. Não tem nenhum problema fazer comunicação pública... ou meter o próprio canal, que é o sonho de muita gente, ter um canal no *YouTube*. Ok, é legal. Mas tem que ter conteúdo. E se a pessoa estiver preparada. Eu me assusto com a quantidade de jornalistas que as faculdades largam todos os anos e que não tem pra onde ir. E, muitas vezes, também, essas pessoas vão parar na assessoria de imprensa, sem terem sido preparadas. Eu acho que tem... voltando lá atrás, tem uma deficiência nas faculdades, que, assim, já que é um mercado a assessoria de imprensa. Então, vamos ensinar melhor essas pessoas. Porque, isso,

sim, me parece que muita gente que vai pra assessoria de imprensa, vai sem nenhum preparo. Não foi ensinada de que ali pode estar uma boa fonte de renda, um bom trabalho. Se levado a sério, pode ter futuro.

Porto: Considerando esses novos espaços que tu está comentando... tu acha que esses profissionais que acabam optando por esses caminhos, eles são menos jornalistas do que os de antigamente?

Renata: Eu não acho que sejam menos jornalistas. Se tiver conteúdo, ele não é menos jornalista. O que eu acho que é menos jornalista, é aquele que se mete, assim, sem se preparar pra nada. Achar que, por ser formado em jornalismo, ele pode ter um canal e não precisa se preparar. Eu sento aqui e digo o que me der na telha, porque, afinal, eu tenho liberdade de expressão... isso não acrescenta nada. Mas, se a pessoa fizer, por exemplo, um canal de literatura e entrevistar escritores, livreiros, sei lá... Eu consumiria isso sem nenhum problema.

Porto: Sim. E tu se encontra satisfeita no mercado de trabalho e com o que tu realiza hoje?

Renata: Sim. É difícil alguém te dizer isso. Eu me encontro, mas eu tenho que admitir que eu sou exceção, entende? Não é assim. A maioria das pessoas, da minha geração, não está mais no mercado de trabalho. São muito poucos os que ainda estão e, também, não tem uma vida confortável como a minha, não tem um salário como o meu... que não é nada muito, mas que me permite viajar, que me permite ter uma vida acima da média, né? Eu não tenho do que reclamar disso. Eu construí, com o meu trabalho, um patrimônio que é pra minha vida. Eu não quero ser rica, porque eu sempre soube que eu não ficaria rica no jornalismo, mas eu consigo, assim... ter uma vida boa. Pode parecer até mediocridade, "se contenta com isso"... mas eu consigo me garantir uma tranquilidade já. Então, assim, eu não tenho pessoalmente do que reclamar, mas se eu olhar o mercado... eu vou te dizer, o mercado está ruim e os salários do jornalista é absurdamente baixo. Absurdamente baixo.

Porto: E a prática profissional do jornalismo já te levou a outras atividades ou outros campos de atuação?

Renata: Não, porque, entre outras razões, eu tenho um contrato bastante fechado. Eu não posso ficar fazendo coisas por fora, nem teria tempo. O que a minha profissão me deu foram oportunidades que talvez eu não tivesse numa outra profissão. Então, há muitos lugares que eu viajei por minha conta, com o meu dinheiro, mas há muitos lugares que eu só conheci porque a minha profissão me permitiu. Eu, certamente, por mais que eu... digamos, se eu fosse advogada, eu poderia conhecer todos os lugares que eu conheço, mas talvez me faltasse tempo. Graças ao meu trabalho, eu conheci a maioria dos países da Europa, eu conheço Estados Unidos, eu conheci o Japão, eu conheci a China. Talvez eu pudesse ter conhecido a Europa, os Estados Unidos, por

minha conta... mas China, Japão, esses lugares mais fora de mão assim, eu conheci pelo meu trabalho. Talvez, isso seja uma coisa que não aconteça mais, com as próximas gerações. Porque, agora, a gente descobriu, na pandemia, que não precisa viajar. Muitas coisas que se faziam viajando, agora, se fazem em modo remoto, né? E, tenho pena de quem não vai conseguir ter as oportunidades que eu tive né de viajar pra lugares incríveis, fazendo o trabalho, acompanhando viagem de governador e que agora as coisas são resolvidas em reuniões remotas.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Aham. Agora a gente já vai pro último eixo da nossa conversa que é sobre a prática da e como tu percebe a prática do jornalismo hoje, o que que tu acha que mudou?

Renata: Quando eu comecei... mudou muita coisa. A começar pelo fato, das divisões de funções. Em alguns países, ainda é algo controlado pelos sindicatos. Eles não deixam que o repórter redija, tenha outras funções. Hoje, as funções foram se acavando. Além disso, a gente dá muito mais importância pro digital, pela instantaneidade. O digital foi avançando de uma forma muito forte. E, hoje, se a gente não entrar no meio digital, tu também está fadado, a daqui a pouco, se tornar obsoleto, né? A transformação digital é uma realidade pra todos nós. Eu acho que essa é a coisa mais visível na nossa profissão. Antes eu também não precisava me preocupar, assim... a preocupação com imagem, era preocupação do fotógrafo. Hoje, eu tenho que ter a preocupação com que imagem eu vou ilustrar uma matéria, mesmo que eu não saia pra fazer a matéria. Nesse período de pandemia, a gente ficou aqui, fazendo as coisas de dentro de casa. E tinha que ter uma imagem que combine com aquele texto. Então, são preocupações que a gente passou a ter e que antes não tinha. De fazer todo o serviço completo pra uma reportagem.

Porto: Sim. E tu já comentou um pouco de como isso afeta o teu dia a dia, na tuas funções, mas tu poderia falar mais sobre como isso impacta no teu trabalho e no produto que tu, enfim, produz?

Renata: Oh, tem um impacto negativo evidente. Antes, eu escrevia um texto, eu podia ficar lambendo esse texto pra melhorar. A digitalização, ela te obrigou a ser muito instantâneo. Não só pra mim, acho que impactou no jornalismo de um modo geral. Os textos pioraram. De um modo geral, pioraram. Porque assim, ninguém tem o que eu chamo de tempo [redacted] [revista de jornalismo literário], né? Porque na [redacted] [revista de jornalismo literário], tu tem três meses, seis meses, pra produzir uma reportagem. Tu pode escrever, ficar escrevendo, ninguém vai ficar te cobrando. Aqui tem que entregar, porque o concorrente vai dar daqui a pouco. A instantaneidade, ela te obriga a isso. Ela acabou tornando os textos mais pobres, de um modo geral, eu acho isso triste pro jornalismo. Eu gostaria que a gente ainda pudesse ter mais cuidado com o

texto, mas tudo é um pouco atropelado... por essa realidade do tempo. O tempo digital é outro, completamente diferente do tempo analógico.

Porto: E tem outros impactos que tu enxerga no trabalho do teus colegas? Dessas mudanças e transformações?

Renata: Eu acho que basicamente é o mesmo, é isso, né? É a falta de profundidade, que alguns ainda conseguem fazer, porque tem mais tempo, mas de um modo geral, o mundo se tornou mais superficial, né? As pessoas também não querem consumir textos [redacted] [revista de jornalismo literário], quando você fala o índice de leitores que tem tempo, paciência, vontade, disposição pra consumir um texto [redacted] [revista de jornalismo literário]... uma reportagem de fôlego, descrita. Eu sou apaixonada pela [redacted] [revista de jornalismo literário], eu acho que ela é um exemplo de texto, mas não tem muito disso. Então, estou falando isso na mídia impressa, digital... falando de TV, que é uma área que eu não navego muito, mas que também vejo que ficou se tornou bastante superficial.

Porto: E o quanto que a tua percepção sobre a prática do jornalismo mudou desde o início do curso até hoje?

Renata: Ai, é difícil eu te dizer... essas coisas, assim, é quase como botar o sapo na panela de água fria, entende? Quando vai esquentando, o sapo nem percebe que foi esquentando. É, as coisas vão mudando e eu olhando lá atrás, às vezes, quando eu falo dessas coisas de equipamentos que a gente usava, que não usa mais, do Telex... ou a máquina que recebia as fotos, tudo parece que se passaram trinta séculos entre uma coisa e outra. Mas a gente foi mudando, mudando, mudando... e tu meio que não percebe. O que mudou, na prática, tem essa coisa das funções que se acumularam, que a gente foi fazendo. Tem essa falta de profundidade, que é uma coisa complicada... mas na essência, também não mudou. Porque o jornalismo, pra mim, ainda continua sendo apuração e transmissão pro público. A gente não é uma gráfica, né? Hoje, nós produzimos conteúdo. Como nós vamos entregar? Dai é cada um de um jeito. Eu acho que eu precisaria melhorar muito ainda, pra entregar melhor meus produtos. Eu precisaria vender melhor as coisas que eu faço, mas eu não gosto de fazer vídeo. Eu acho chato. Eu não gosto de fazer *stories*, por exemplo, acho chato... não gosto nem de fazer, nem de olhar, pra dizer a verdade. Talvez, eu vendesse mais os meus produtos se eu conseguisse fazer isso. Mas eu sempre tenho uma preocupação também de não ser *over*, sabe? Não ser aquela pessoa que está o tempo todo em todos os lugares ali. Daí, eu cuido um pouco pra não me expor muito nas redes sociais. E tem, claro, essa coisa da rede social. Tu acaba entrando, né? E que é um mundo completamente doido. Eu tenho conta no *Twitter*, eu tenho duzentos e sete mil seguidores, mas eu não discuto muito por ali... eu mais uso pra dar link das minhas matérias, porque eu vejo um povo muito desqualificado ali. Tu só te desgasta muito e não te dá nada em troca.

Porto: E quais as diferenças que tu percebe no modo de atuação de colegas mais novos e colegas mais antigos? Dentro do jornalismo...

Renata: O que eu posso te dizer... acho que os mais novos, eles são muito melhores do que nós em mídias digitais, são mais preparados. Eles são digitais. A gente demora mais pra aprender, a gente faz as coisas com menos... as coisas são mais difíceis pra nós, os mais antigos. E eles já chegam, assim, sabendo. Às vezes, a gente precisa pedir um socorro, que a gente brinca, pedir o socorro aos universitários. Nossa! Como essa garotada chega a mil, né? Pede pra fazer um vídeo, eles pegam o telefone aqui e fazem. Pra nós, essas coisas são mais difíceis. Então, eu acho vocês, jovens, levam uma vantagem muito grande nessa coisa digital. E penso que nós levamos vantagem no quesito profundidade mesmo, né? Essa coisa de não se enganar pelas fontes, porque é justamente uma coisa que a gente sabe menos pro diabo do que pro velho, né?

TRANSCRIÇÃO LUANA

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Para iniciar, então, tu pode falar o teu nome a tua idade?

Luana: [REDAZÃO], 48 anos.

Porto: e o curso que tu se formou?

Luana: Jornalismo na [REDAZÃO] [universidade pública da capital gaúcha], em 1994.

Porto: perfeito, e em que área atua hoje?

Luana: Hoje, em assessoria de imprensa, basicamente, e eu tenho um canal próprio de conteúdo também, uma plataforma sobre café conteúdo autoral, e eu sou professora universitária nas horas vagas. Não ato mais na graduação, e só estou indo quando me convidam para pós-graduação, curso de extensão.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Legal, esse foi o primeiro eixo, bem rápido como eu disse. Agora, entrando na parte mais interessante, que a gente consegue conversar um pouco mais: a formação acadêmica. E como tu escolheu o teu curso?

Luana: Eu escolhi basicamente por gostar muito de escrever, sempre, desde que eu me conheço por gente... muita facilidade e contar histórias desde criança e escrever redações, sempre muito elogiada no colégio por ter essa facilidade com a escrita, e com as humanas no geral. No vestibular, eu lembro de gabaritar a prova de literatura, enfim essas disciplinas sempre foram muito tranquilas para mim. Eu pensei em publicidade ou jornalismo. Na verdade, originalmente, eu pensava em arquitetura - e hoje eu também... tem hora que vejo como uma forma de comunicação. Gosto muito desse lado estético, dos ambientes, prédios, patrimônios históricos... - só que aí a matemática me afugentou. E daí eu fui para área da comunicação que foi a que mais me agradou e mais me identifiquei, fiquei um pouco na dúvida entre publicidade e jornalismo, hoje eu até me questiono se não deveria ter feito publicidade também, porque uso muito as ferramentas da publicidade, mas a escolha pelo jornalismo pesou mais. Existia toda aquela coisa do Imaginário do Jornalismo, e foi o Jornalismo. Eu lia muita revista, na época, e eu me imaginava jornalista de revista, desde o início. Acabei atuando, mas não nas áreas que eu imaginava. Eu imaginava que eu ia trabalhar numa revista de arquitetura, por exemplo. E acabei indo trabalhar com economia primeiro, os caminhos foram um pouco diferentes.

Porto: E o que que tu esperava da profissão, pegando o gancho do que tu falou. Como tu via o jornalismo no início do curso?

Luana: Eu nunca me idealizei como repórter, ou apresentadora de TV, que era o que as pessoas sempre imaginavam, o jornalismo associado a isso. Eu sempre me imaginava como uma jornalista mais do texto e de redação mesmo. Me imaginava sempre fazendo redação e gostava mais da mídia da revista do que o jornal impresso. Então, eu sempre tive um fetiche por revista, até hoje, eu adoro editar revistas. Quando eu tenho oportunidade. Agora, eu fechei uma revista para um cliente, é sempre muito prazeroso, eu gosto de editar revista. E eu acho que eu imaginava isso, atuar como uma jornalista de texto, não sabia exatamente que que eu ia fazer. Com 20 Poucos Anos...

Porto: E nesse início do curso, como tu enxergavam ensino, o que que tu achava do curso dentro da academia mesmo?

Luana: Eu entrei muito nova, eu falei de 20 e poucos anos, mas eu me formei com 21. Então, eu entrei com 17 anos, para o segundo semestre. Naquela época a [redacted] [universidade pública da capital] tinha o provão e as provas mais específicas E aí, a gente conforme a colocação, entrava para o primeiro ou segundo semestre eu entrei para o segundo. Então eu fiquei um semestre fazendo datilografia, coisas bem da época né? Datilografia mecânica e elétrica. E quando eu entrei no curso, foi já com expectativa muito prática, digitar rápido e tal. E quando eu comecei o jornalismo, eu me deparei com curso muito mais humanístico do que eu achei que seria o jornalismo. Nesse primeiro momento, o curso da [redacted] [universidade pública da capital] tinha muita formação humanística. E isso foi super importante para mim. Então, muita formação humanística nos primeiros anos junto do pessoal de publicidade e RP. Gente da filosofia, linguística... ter linguística foi muito importante para entender e ter toda uma base. O que me chamou atenção é que eu tive contato com o jornalismo mesmo, acho que depois de um ano e meio do curso. O primeiro ano foi bem humanístico. É difícil puxar tantos anos atrás, isso nós estamos falando de 1990...

Porto: Mas como tu encarava essa iniciação mais geral e até como tu disse mais de humanas, e talvez não tanto da social aplicada que é o jornalismo?

Luana: Eu gostei, como eu sempre gostei muito dessas áreas, de história. Eu não tive filosofia no colégio, no meu tempo tinha outras coisas... aas eu sempre gostei muito de ler teóricos, entender algumas coisas. Então, para mim, foi muito bom. Acho que me deu uma base muito importante que eu uso até hoje, provavelmente. Porque teorias da comunicação, quando eu fui para o mestrado, eu reencontrei esses conceitos todos, e eu vi como que aquela base me fez diferença em relação a outros colegas. Ter tido essa formação me ajudou bastante. E claro, hoje, o aluno, e eu como professora de graduação percebo que o aluno tem muito mais pressa. Existe uma tendência a, e a gente é até estimulado a isso, a ser um curso muito mais prático. E o

meu não foi um curso prático, no início, e mesmo até para o final. Até para o final, a gente ainda tinha bastante disciplina teórica e eu tinha muito essa busca, na hora que tinha as eletivas, e eu lembro que por exemplo eu fiz história da arte, eu fiz algumas de idiomas instrumental... Então, eu acabei e também, nas que eu pude escolher, também escolhi essa parte mas humanística.

Porto: Legal, e seguindo essa trajetória, como tu foi mudando a tua opinião, ou não, em relação ao ensino durante a trajetória?

Luana: É eu acho que... Eu vou te confessar uma coisa, a parte jornalística não aprende no curso. Na verdade, aprendi um pouco, o que é um lead, a pirâmide invertida, essas coisas. Mas assim não foi o curso que me deu ferramentas para eu fazer uma matéria, ou para eu fazer uma revista, eu experimentei algumas coisas ao longo do curso, eu fiz uma revista e um jornal experimental, fiz alguns programas de rádio... mas, pelo menos naquela época, era a prática que fazia com que a gente colocasse a mão na massa. Foi o estágio, depois da experiência prática do primeiro emprego. Nos primeiros meses, depois de formada, foi ali que eu comecei a ter contato realmente com a profissão. Porque o que me parece que tinha muito era uma visão panorâmica do curso. A gente tinha uma ideia das áreas de atuação do curso, mas não se tinha uma prática muito efetiva. Por exemplo, em fotografia, o porque o que a gente tinha era muito noções básicas e a [redacted] [universidade pública da capital] sempre muito sucateada. Naquela época, os laboratórios também eram muitos sucateados. Eram muito deficitários em relação à [redacted] [faculdade de uma instituição profissional da capital], por exemplo... Então, a gente sempre tinha essa coisa da soberba da [redacted] [universidade pública da capital]. Tem os melhores professores, mas tinha Laboratórios muito ruins. Então a gente não tinha se a formação técnica muito forte, era uma formação básica irregular, mas não era isso que fazia. Quem queria os melhores laboratórios e a para [redacted] [universidade comunitária da capital] era o estigma daquela época.

Porto: Quais eram as disciplinas que mais te interessavam?

Luana: Eu gostei de todos os projetos experimentais, principalmente de revista que foi que eu mais gostei. As disciplinas de redação eu também gostava, embora eu achasse elas um pouco fracas. A gente escrevia pouco, era pouca prática. Gostei bastante de semiótica foi uma que me interessou muito. E por isso que eu digo, eu sempre lembro dessa minha base, da linguística para semiótica. E a gente teve uma base muito boa de autores da semiologia e da semiótica que eu pude usar no meu mestrado e doutorado depois. Principalmente no doutorado. As eletivas eu me lembro delas virou essa de história da arte gostava muito...

Ba, é difícil de lembrar sim, devia ter pego meu diploma para olhar...Mas eu acho que são essas. Ah, eu me lembro de um professor que deu um dos projetos experimentais para nós. E ele foi o primeiro cara que falou em multimídia para nós, falava que a gente tinha que ficar atentos para isso, era umas coisas que estavam chegando. Claro,

pensa que isso era 93... era uma transição assim de um mundo muito analógico, para o mundo digital. Tanto que as aulas onde a gente tinha redação, tinham máquinas de escrever, *software* de diagramação, edição de texto, foram coisas que eu fui ter contato só no mercado de trabalho, e 95, 96.

Porto: O que te motivava nessas disciplina?

Luana: Acho que principalmente a experiência prática, basicamente. Eu sou uma pessoa meio conteudista, eu gosto de ler, de fazer prova, então nós teóricas eu gostava disso. E nas práticas, eu gostava de escrever. Colocar na prática a questão jornalística, a gente não tinha muita noção. Eu lembro de uma vez que eu fiz um texto, e os colegas tinham que avaliar os textos um dos outros, e detonaram meu texto, que eu não tinha ouvido fontes e tal. Eu nem me lembro direito qual era o assunto. E daí eu fiquei muito chateada, aquilo me marcou, pensei nunca mais vou fazer isso, de não ouvir uma fonte, porque a gente também não tinha experiência, era muito o professor que dava a lição, o assunto, e a gente ia atrás das informações. Então, a gente não tinha muita orientação de quem buscar. Era no talento natural, aprender fazendo. Os professores da [redacted] [universidade pública da capital gaúcha] das práticas eram muito ruins, perto das teóricas. Muitos não tinham nunca pisado numa redação. Então, assim, era uma coisa meio largada. Agora eu lembrei de uma disciplina que eu gostava muito que era de português. E essa disciplina era muito boa ponto. Era um português bem prático para jornalistas, a gente aprendia muita coisa. Ela era no final da tarde, isso é outra coisa, na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha], as disciplinas eram de manhã, de tarde e à noite. Então, a gente ficava o dia todo envolvido.

Porto: Teve alguma disciplina o professor que te marcaram de forma mais especial? Que transformaram de alguma forma?

Luana: Eu acho que o [redacted] foi um professor que me marcou, foi um cara que me fez ter insights interessantes. Ele conduziu a gente em mais de uma disciplina e ele vai tava vindo de um exílio, então tinha todo um gás, era um cara muito atualizado. E alguns eu até hoje tenho contato, já se aposentaram maioria. Ah, eu tive um professor de uma das disciplinas de redação, nem sei se ele tá vivo ainda, que foi o professor que me deu a primeira oportunidade de trabalho. Ele me deu uma das disciplinas de projeto experimental, redação, e ele me encontrou um dia quando eu tava me informando e me perguntou o que eu ia fazer. Naquela época, era muito mais fácil conseguir emprego, e daí eu disse que tava procurando, que eu tava me formando, já tava na lista dos formandos e tudo ponto e ele disse para eu ligar para ele a tarde, naquela época não tinha *whatsapp* nem e-mail, e ele me deu o telefone dele e me conseguiu uma entrevista. Com a revista amanhã, que foi o meu primeiro *free* [trabalho *freelancer*] lá e que depois acabou sendo meu primeiro emprego. Então acho que ele acabou marcando bastante a minha carreira profissional.

Porto: Quais os espaços que tu acha que se fizeram mais presentes na tua formação, sala de aula, estágios, palestras, cursos...?

Luana: Eventos, muitos eventos. A [redacted] [universidade pública da capital] tinha isso de bom. A sala de aula, sim, também, mas a gente aprende a muito fora da sala de aula, a gente aprende a muito nos congressos, nos eventos. Não só nos eventos da nossa faculdade, mas os eventos que eu ia na Reitoria. Eu sempre fui bolsista ganhava, uma graninha com isso, e acabava me ajudando financeiramente. Eu era bolsista de iniciação científica, fui de dois professores até, e cheguei a fazer alguns projetos na Reitoria de apoio de eventos, de congressos e tal. E às vezes eles me chamavam para congressos que não eram da comunicação, eu participei do apoio de ciências políticas, semiótica e foi muito legal, porque nessa época, como eu sempre gostei da sua área de humanas, eu acabava assistindo palestras maravilhosas de ciências políticas, de semiótica. E acabava aprendendo com aquelas pessoas que estavam ali, além de participar desses eventos. Então, tem ótimas memórias desses eventos na Reitoria, por exemplo.

Porto: e para ti o que que um estudante de jornalismo precisa saber para ser um bom jornalista hoje?

Luana: Hoje, 2021, eu acho que ele tem que ser crítico. E aí é uma coisa que talvez esteja faltando, é a questão de encontrar um equilíbrio. Talvez eu não tenha tido uma formação técnica, mas eu tive uma boa fundamentação teórica e visão crítica, isso faz com que a gente olha o mundo de outra maneira, olhe a notícia de outra maneira. Tenha um certo ceticismo em questão a algumas coisas, não embarcar na primeira versão dos fatos. E isso eu acho que hoje faz falta, eu vejo que se fez um caminho muito na direção da formação técnica, tem disciplina que convida a uma reflexão nos cursos, mas de qualquer forma eu acho que se perdeu um pouco dessa visão crítica e se faz um trabalho muito técnico hoje. Eu acho que tinha que ter um meio termo, um meio termo entre a formação mais humanística, porque a técnica a gente aprende no mercado, não adianta tu dar uma disciplina de assessoria de imprensa, por exemplo, tu pode praticar release com os alunos, mas é quando ele vai estagiar numa assessoria de imprensa é que ele vai aprender a dinâmica da atividade. Então, o que eu preciso dizer para ele, passar para ele, é o conceito dessa área de trabalho dentro da profissão, as características, os pós e contras, é isso que é importante. Porque a prática a gente acaba aprendendo a técnica. Claro, tem que lapidar um pouco o talento na faculdade. E eu acho que é muito importante também, para as pessoas não insistirem no erro. Eu vi muitos alunos que não tinham vocação para o jornalismo, que não tinham condições de ir adiante e que insistiam porque tinha aquele sonho de ser jornalista. Talvez, não seja para todo mundo mesmo esse sonho. Eu acho que tem que ter um perfil muito específico para jornalista, tem que ser curiosa e você tem que ser uma pessoa com uma boa bagagem cultural, tem que ler. Enfim, não é todo mundo que se adequa a nossa profissão. Tem que ser um cara meio maluco, que tá o tempo todo meio que acompanhando também. Tu vê, eu não tô em veículo, aas eu tô sempre

acompanhando, com o radar ligado, vendo a CPI, por exemplo, mesmo que eu não esteja trabalhando com isso, é quase que uma necessidade visceral. Tu tem que estar informado, tem que saber o que tá acontecendo no país, no mundo. Notícias sobre a pandemia. É uma coisa que era nossa natureza virou nosso jeito de ser.

Porto: E como tu enxerga o desenvolvimento do ensino do jornalismo no decorrer dos anos?

Luana: Eu acho que avançou, e daí, eu falo especificamente, por exemplo, em relação a assessoria de imprensa e outras áreas de atuação. Houve um tempo em que o jornalismo era muito voltado para *hard news*, apenas, e hoje eu acho que os cursos já contemplam essas outras áreas de atuação, da produção de conteúdo, da questão da pesquisa, da assessoria de comunicação - que há muitos anos a [entidade de classe do jornalismo] vem apontando como áreas de trabalho importantes, que emprega muitos jornalistas - e aos poucos os cursos foram se adequando nesse sentido ponto e eu acho, que isso sim, foi um avanço. Sair daquela visão de só formar repórteres, mas que também forma repórteres, não somente repórteres.

Porto: Na tua opinião, essas outras áreas que foram agregadas e acabam ganhando mais espaço hoje, tu considera elas menos jornalísticas do que a redação tradicional?

Luana: De forma alguma. Eu acho que há muitas formas de se fazer jornalismo hoje, e eu não me sinto menos jornalista por estarem assessoria, muito pelo contrário, e eu sempre fui na linha do Chaparro: jornalismo nível da fonte. Hoje mesmo é dia do cliente. Aí, eu fiz um *card* de para postar nas redes onde eu disse quem é o cliente da assessoria? O cliente da assessoria não é só quem está contratando assessoria, é a fonte, mas é também o jornalista de veículo e é também a opinião pública. Então a gente precisa parar de achar que tu é assessor de imprensa tu é menos jornalista. Não. Tu vai trabalhar com valor notícia. Os jornalistas de assessorias sérios, eles vão procurar levar o mesmo vigor pra o trabalho de assessoria. Eu, pelo menos, tinha isso como uma premissa, pra mim. Sempre procurei trabalhar com muito cuidado com a credibilidade das informações que a gente veicula, pensando em o que vai interessar pro colega, interessar ao veículo. Eu acredito muito nesse lado educativo de dizer para o cliente que talvez o jornalista vai ouvir outras fontes, vai ouvir a concorrência, vai checar informação, vai querer que tu fale aquilo que tu não tá afim de falar e tu tem que estar preparado para tudo isso. Esse trabalho eu sou fascinada, defendo muito trabalho de assessoria a muitos anos. Mas veja isso também em outras áreas, outra coisa bacana. O jornalismo investigativo, acho que isso foi uma um grande avanço. Que, no meu tempo, não existia muito, até porque a gente não tinha muito dos recursos tecnológicos como temos hoje pra fazer apuração, cruzamento de dados, jornalismo de dados, guiado por dados. Acho que foi um dos grandes avanços que as gerações mais recentes tiveram, né? Elas passaram a ter uma formação mais técnica, mas ao mesmo tempo com muitos mais recursos de apuração e, talvez, voltando um

pouco aquela origem, bem lá inicial, do jornalismo, né? Bem aquela coisa de descobrir a informação... se bem que hoje é muito difícil achar furo, né?

Porto: e depois que tu concluiu a graduação vir tanto continue estudando Como Tu já falou a, mas pode contar um pouco mais dessas a trajetória depois da graduação?

Luana: eu tive intervalo, depois que eu me formei e 94 eu fui para o mercado, e daí em 98 fui fazer uma pós graduação na [universidade confessional], e que depois eu acabei aproveitando algumas disciplinas. E aí, já era sobre comunicação organizacional, justamente, a minha deficiência na formação da [universidade pública da capital]. Eu percebi que quando eu fui para o mercado eu não tinha tido, na minha formação, nada que me desse uma visão de gestão, de assessoria no sentido do papel da assessoria - que é muito que eu tento passar hoje, qual o papel das assessorias dentro das organizações e tudo mais. Com essa pós, eu também já fiquei mais convicta que era isso mesmo que eu queria fazer. Daí em 2001, eu fui para o mestrado. Vivi um tempo em Lajeado, antes eu fui para Brasília, e quando eu voltei de Lajeado, um pouco antes da minha filha nascer - ela nasceu no meio do meu mestrado. Eu não fiz tudo direto, como tu fez, eu fui dando intervalinhos. Três anos entre a graduação e a especialização, depois em 2001 fiz mestrado, depois eu também dei um intervalo entre mestrado e doutorado, e agora eu tô com 11 anos doutorado concluído. E eu tô louca para voltar a estudar, não me aguento mais. Mas agora eu devo ir para outra área, devo ir para Ciências Sociais, como aluna especial, para dar uma retomada, e tentando puxar esse lado da Gastronomia, que é uma coisa que eu tô trabalhando também. Então, eu tô indo para uma coisa bem diferente, não muito a ver com a comunicação diretamente, mas a sociologia do comer que eu vou fazer agora.

Porto: isso também é do jornalista, já, naturalmente, uma pessoa meio inquieta

Luana: é, eu gosto de estudar idiomas, sempre gostei. Tudo me interessa sempre gostei de estudar.

Porto: então, tu considera que a tua formação acadêmica foi importante para o exercício da sua profissão?

Luana: Sem dúvida. Não foi a melhora, talvez, olhando hoje, considerando a formação que os meus alunos tiveram, eu acho que eu saí com muitas deficiências., não se falava em jornalismo ambiental, não se falava em jornalismo investigativo, já que eles não de dados, nada disso. Mas acho que me deu bases importantes e que me permitiram e me permitem estar a 25 anos nessa estrada.

Porto: e tu considera que é importante voltar a estudar?

Luana: sem Dúvida. Eu sempre acreditei que o conhecimento tem tempo de vaidade, na verdade, não é que ele desapareça, mas existe uma obsolescência de algumas coisas pontos então tu precisa estudar de novo para lembrar alguns conceitos e para ver o que que tá acontecendo naquele momento. Porque não adianta, imagina um cara que é da fotografia, ele não pode tar com conceito da fotografia analógica. Quanta coisa já evoluiu nesses últimos 30, 25 anos. Então, ela é muito importante voltar para os bancos acadêmicos, bancos foram outras formas de educação, que eu acredito que existam hoje, como ensino online ou outras ferramentas. É fundamental está sempre vivo a vida inteira. O conceito de educação continuada, educação por toda a vida. A gente não pode parar.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: esse foi nosso segundo eixo, agora vamos para a trajetória profissional. Tu pode falar um pouco mais de como foi esse teu ingresso no mercado de trabalho?

Luana: O professor esse, [REDACTED], que me ofereceu a vaga de trabalho. Ele tinha me pedido para eu ligar para ele, quando eu liguei ele já tinha a entrevista marcada. Da entrevista, já saí com *freelas*. Depois disso, já surgiram férias para cobrir, nesse meio tempo também surgiu um trabalho na [REDACTED] [revista de circulação nacional], na sucursal de Porto Alegre. Nesse caso foi interessante porque era para cobrir férias também e, mas de uma função administrativa, mas como eu tava recém-formada e eu queria muito pegar experiência e tá perto da [REDACTED] [revista de circulação nacional], eu aceitei e foi legal porque eu conheci muitos jornalistas. E com isso eu acabei também fazendo alguns frilas, pequenos, porque eu era uma foca, menina de 20 e poucos anos. Mas depois que eu tinha coberto essas férias, eles continuavam me chamando para alguns trabalhos pequenos. Em paralelo a isso, eu tava trabalhando na revista amanhã, e acabei me direcionando mais para questão da economia e dos negócios. Ali, eu comecei a cobrir salão da propaganda, cobriu uma série de conteúdo de empresas, eventos. E dali, eu tive a oportunidade de trabalhar dentro de um braço da revista amanhã que era mais corporativo. E aí que foi o meu povo do gato para assessoria. Eu comecei a fazer alguns produtos editoriais por demanda. Antes eu trabalhava para a revista amanhã, fazendo pautas para revista, e depois eu comecei a fazer cadernos dentro da revista e depois eu comecei atender clientes que eram da [REDACTED] [empresa de comunicação], que era do mesmo dono da revista, mas fazendo uma revista para [REDACTED] [federação do terceiro setor], revista para o [REDACTED] [entidade de apoio à micro e pequenas empresas]. E é isso, revista, daí eu tava feliz da vida, era o meu chão. E eu cheguei a trabalhar uns bons anos nessa empresa e foram uns quatro ou cinco anos e quando eu sair, eu saí já editando. Comecei como repórter e cresci lá. Depois disso, eu fui para o [REDACTED] [sede governamental] trabalhar com assessoria de imprensa, trabalhando com texto, basicamente eu trabalhava na central de texto. Uma coisa legal que me lembro dessa época, dos anos 90, eu sempre tive um lado empreendedor, naquela época eu sempre

queria ganhar um dinheirinho extra. Então, quando eu trabalhava na [redacted], na Ipiranga, do lado tinha o sindicato dos taxistas. Daí, eu vi aquela entidade, com entre sai de táxis, e pensei: será que eles têm algum canal de comunicação? Eu fui ali, bati na porta deles, depois do expediente, e acabei fazendo por um bom tempo um jornal para eles. Foi meu primeiro projeto solo, me lembro até que a gente teve um erro na impressão, aí eu tive que bancar em impressão. Aquela coisa Idealista, que não podia deixar o cliente com erro... E trabalhei um bom tempo com eles, fiz algumas edições do Jornal dos Taxistas, foi uma boa experiência. Numa linguagem bem Popular, por um público bem específico e foi desafiador.

Porto: e antes da [redacted] [revista da capital], teve alguma experiência de estágio?

Luana: Eu tive o [redacted] [ONG de prevenção à AIDS], que foi meu primeiro e único estágio. Por muito tempo, eu dava aula de inglês na faculdade, eu tinha formação do cultural e isso me dá uma graninha é boa. E eu acabei por uns três anos só dando aula de inglês e fazendo a faculdade. Até que um namorado que eu tive me disse que eu tinha que fazer estágio e que eu não podia ficar sem experiência, só estudando. E acho que isso, também, me deu essa percepção de que o curso podia ter outra perspectiva para quem tava estagiando. Com isso, no terceiro ano é que eu fui me dar conta de que eu tinha que fazer estágio. Daí, encontrei um estágio no [redacted] [ONG de prevenção à AIDS], bem no auge da aids nos anos 90, Cazusa, Freddie Mercury, e se fazia muitas campanhas de prevenção de AIDS. Esse, inclusive, foi o tema do meu TCC, foi AIDS no carnaval, uma análise das coberturas de campanhas de prevenção de AIDS no carnaval. A gente tinha muito financiamento, e era bem legal o trabalho lá. Muita coisa que hoje eu uso na minha atuação na saúde. Eu tenho um cliente que é da área da saúde, muita coisa eu busco dessa origem, de ter compreensão sobre o HIV, sobre os grupos, que na época eram considerados os grupos de maior risco... Enfim, foi uma aula de vida para mim. Não se falava em LGBTQI, mas eu lidava com esse público todo e foi muito positivo, muito interessante.

Porto: Nessa tua experiência tu via o teu ensino refletido no teu trabalho, durante o estágio?

Luana: No estágio, Sim. Até isso a [redacted] [universidade pública da capital] tinha de bom naquela época. A gente tinha um professor que era mais voltado para esse tema, a gente tinha muito comunicação e saúde, era um tema bem presente. Por ter esse professor que era do [redacted] [hospital privado], eu acho, e era muito por iniciativa dele. Então a gente tinha essa visão de comunicação hospitalar, campanha de saúde, etc... E aí, eu conseguia fazer as coisas, tanto que o TCC foi sobre o meu local de estágio. Que tá acontecendo.

Porto: E quanto as técnicas do jornalismo, tu também conseguia ver o ensino relacionado com o que tu tava atuando?

Luana: sim. Foi inclusive em rádio, que a minha experiência foi pequena, porque eu sempre fui mais de texto, mas ali no tempo do GAPA [ONG de prevenção à AIDS] a gente produzia um programa com a FM cultura, que chamava expressão de vida. E a gente ia toda semana lá na FM cultura, para produzir o programa, a gente gravava lá e produzia. E foi muito bom. A gente colocava em prática, fazia roteiros ensinava música quero um programa musical também fazer entrevistas.

Porto: e o que que tu acha que te levou para o espaço que tu ocupa no jornalismo hoje?

Luana: Eu acho que eu sempre fui uma pessoa muito institucional, se eu tivesse ido para reportagem, mas *hard News*, por exemplo, talvez, eu tivesse ido logo para um cargo de Gestão. Eu sempre fui muito institucional. Então, o caminho da assessoria foi muito natural. Eu vi na assessoria um lado de poder exercitar o jornalismo, técnica, mas pode também fazer um trabalho com qualidade, com tempo, sem muita pressão, ainda que tenha muita pressão. Mas nisso eu vi uma possibilidade bem legal de conciliar o que eu achava que era interessante. Não imagino, como eu vejo outros colegas, fazendo reportagem de rua. Talvez eu não teria muito êxito, se eu fosse por esse caminho.

Porto: E como tu encara o mercado do jornalismo hoje?

Luana: O mercado está difícil, hoje mesmo, um colega de faculdade, da minha idade, me disse que tá 8 meses desempregado. E é um cara que tem nome no mercado. E eu disse para ele, se para nossa geração é difícil, imagina para quem tá começando. Então, eu acho que é muito difícil esse mercado hoje. Eu não desestimulei ninguém, mas eu fico feliz que a minha filha vai para outra área. Porque é um mercado muito difícil, só que ao mesmo tempo é um mercado apaixonante. Quem entra dificilmente sai, sai por situações específicas... financeira ou porque quer mudar de vida, mas eu nunca consegui abandonar comunicação esses anos todos. Já reclamei muitas vezes, questionei, mas não abandono. É uma profissão Agridoce digamos assim. Ela tem um lado doce, mas um lado muito duro, na rotina e na falta de valorização e reconhecimento. Eu trabalho com outra profissão que também não é muito valorizada, aqui sozinho enfermeiras, e eu vejo a luta delas na profissão, e os técnicos de enfermagem, principalmente. E eu vejo que o jornalismo é quase que começa a questão da enfermagem, a gente foi fundamental nesse período da pandemia, e é fundamental ao longo da história toda pela contribuição que o jornalismo da, Porque sem informação as pessoas não sabem nem que roupa usar de manhã cedo, quem dirá outras decisões mais importantes, mas ao mesmo tempo isso não se transforma e valorização salário tem mais postos de trabalho.

Porto: E tu se encontra satisfeita no lugar que tu ocupa hoje no mercado e na tua atuação?

Luana: Olha a, se eu olho o conjunto da obra, sim. Eu queria ter mais trabalho, estar ganhando mais, sem dúvida, eu queria. Eu não estou satisfeita no ponto de vista de onde eu estou, hoje, financeiramente, eu gostaria de estar muito além. Mas ao mesmo tempo, olho para o lado e vejo que eu não tô tão mal quanto outras pessoas, mas também tem pessoas que estão melhores. Tem muita gente tendo muito sucesso na comunicação e do jornalismo, eu tô no intermediário, nem tão maravilhosa e nem tão ruim assim. Mas olhando para o conjunto da obra é um orgulho, tenho um orgulho do meu passado, não tenha tanto orgulho do presente, mas certamente tenho muito orgulho do meu passado.

Porto: Quanto ao gosto pela prática como é que tu se sente hoje, exercendo o teu trabalho nessa área da assessoria, também um pouco nessa área acadêmica que tu comentou?

Luana: O melhor momento, para mim, continua sendo quando eu tô na frente da tela escrevendo. Aquele momento onde eu me acho, e ao mesmo tempo me perco no tempo. É um momento que eu fico tão absorta, envolvida, que eu esqueço do resto. Eu não gosto da coisa chata da profissão, tomar chá de banco, a pessoa te enrolando, clientes que não pagam, cobrar de cliente... esse lado administrativo, eu odeio, mas tem que fazer. Assessoria também tem esse lado de ficar pressionando jornalista, perguntando da pauta, a gente gosta quando mandamos e já publicam...

Porto: E o que que tu levou a explorar a área da academia também?

Luana: Eu sempre dei muita palestra, sempre tive muita facilidade com comunicação. Eu gostava, era uma época que tava começando a crescer um ensino superior, início anos 2000, então, tinha novos cursos surgindo de comunicação. Enfim, era um momento de muito crescimento, de muito desenvolvimento. E eu fui muito feliz como professora, como coordenadora de curso que fui. Eu acompanhei o período de ouro eu acho, infelizmente, agora a gente teve um recuo enorme. Eu tinha salas lotadas de ProUni, FIES, era maravilhoso... mas, ao mesmo tempo, preocupante. Nem todo mundo ia ter condições, não só financeiras, mas também talento, para seguir na profissão.

E eu sinto falta disso. Se tu me perguntasse se eu gostaria de estar em sala de aula hoje, eu gostaria. Mas eu acho que é um tempo que não volta mais, tem que mudar muita coisa para gente voltar a ter as universidades com as aulas cheias, até por conta da pandemia.

Porto: Nessa realidade de hoje, tu ainda gostaria de estar na sala de aula?

Luana: Seria bem mais difícil, eu saí bem no início da crise. Então, eu percebi que eu peguei uma época boa, mas eu vejo que colegas meus que ficaram e passaram por perrengues, tá sendo desafiador. Talvez, eu sentisse mais dificuldade, hoje. Mas eu

gostaria igual, eu gosto da experiência da sala de aula. Agora, já me acostumei a dar aula na pós, não sei se eu ainda teria facilidade de voltar para graduação. A pós é muito boa porque é um ambiente de pessoas mais maduras, é uma outra discussão. A gente consegue focar mais em assuntos, não é uma formação generalista.

Porto: E a prática profissional do jornalismo já te levou a exercer outras atividades que não propriamente jornalísticas?

Luana: Sim, muitas vezes eu fiz coisas administrativas. Dentro da atividade de assessoria, é extremamente normal. Carregar caixas, fazer coisas que não são diretamente relacionados ao jornalismo, você é um pouco psicólogo dos clientes, conversar e entender que naquele dia o cara não tá bem, acaba não falando sobre pauta e fala sobre outras coisas, dar sugestões de outras coisas também. É normal, acho que isso acontece em todas as profissões, de acabar fazendo coisa que não são diretamente da nossa área.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: e agora indo para o último eixo da prática da profissão, como tu percebe a prática da profissão hoje? O que que tu acha que mudou?

Luana: eu acho que é uma consequência daquilo que a gente tava falando da formação mais técnica. Eu noto uma diferença muito grande entre o repórter hoje, e o repórter de antes. Antigamente, ele era mais interpretativo, mais dissertativo, tanto que muitos hoje viraram comentaristas. Pegando o exemplo da [canal de notícias de televisão por assinatura], alguns jornalistas que estão hoje em comentários, são jornalistas que tem uma capacidade mais reflexiva. E o jornalista que está na rua, ele é mais prático, muitas vezes, ele não faz um aprofundamento maior. E isso é um divisor de águas que tá acontecendo, hoje. A gente sente isso nas assessorias também. Os assessores mais experientes são diferentes dos assessores mais jovens, inclusive na forma em que se relacionam com os veículos. Esses dias, eu atendi uma aluna que estava com um problema com um cliente dela – porque, às vezes, eu também faço mentoria de assessoria – e deu para perceber que foi uma falta de habilidade dela. O cliente tinha problema? Tinha. Mas tinha muita falta de habilidade dela, ela conversar, extrair a informação corretamente, agir preventivamente, deixou uma crise se instaurar entre ela e o cliente. E ficou um mal-estar muito grande, porque ela não teve uma habilidade ele ficou tudo naquela coisa de *whatsapp*. E às vezes tem que parar, tem que fazer uma reunião, nem que seja online, fazer o olho no olho. Isso não tem a ver só com a idade, também tem a ver com a postura da pessoa, mas como a gente vive tempos muito líquidos, vezes falta essa capacidade de aprofundar um pouquinho. Fazer uma interconexão entre as coisas.

Porto: E tu percebe alguma mudança na prática que afeta o teu trabalho hoje?

Luana: Sim, por exemplo, às vezes eu tenho dificuldade de vender pautas porque parece que não tão prestando atenção para o que tá acontecendo no mundo. Em alguns casos, tu vende o argumento e ele se convence que aquilo é importante, os colonistas. Às vezes, tu fala o *lead* e o cara já entende que aquilo é importante. Para outros, tu manda e parece que não caiu a ficha dele, tem que quase desenhar. Tu entra numa pré produção da notícia, acaba fazendo o trabalho que é do veículo. Muitas vezes, por uma falta de experiência e capacidade do jornalista que está no veículo.

Porto: Em relação aos seus colegas, tu percebe que eles também sentem algum reflexo dessas mudanças que a prática do jornalismo tá encarando hoje?

Luana: Esse colega que me ligou hoje, provavelmente também é uma pessoa que tá sentindo esse impacto. Quando a gente tá em rodas de conversas entre jornalistas, às vezes, até com os mais antigos, a gente percebe esse mal-estar. Existe um certo mal-estar de como algumas coisas são feitas hoje. Nem tudo são flores, eu acho que tem coisas boas, mas ao mesmo tempo muito mal-estar também.

Porto: e quais tu acha que são essas coisas positivas?

Luana: Acho que é isso que eu já te comentei, uma formação mais técnica, uma capacidade de apuração, tecnologia para levantar mais dados. Outras coisas que nem são só do jornalismo, como a lei de acesso à informação, possibilidades de ter acesso a informações de maneira mais fácil. Acho que isso tudo facilitou, mas tá faltando aproveitar mais isso tudo. Aproveitar e interpretar. É o que a gente diz para os alunos no TCC, um gráfico é um gráfico, a gente tem que extrair mais do que só os números dele, o que que eu posso relacionar com o passado? História, contexto, a gente também tem que ser capaz de fazer isso no jornalismo.

Porto: E o quanto que a tua percepção sobre a prática do jornalismo mudou desde que tu iniciou o curso até hoje?

Luana: Muito, eu acho que eu passei a valorizar mais a profissão nos últimos anos. Eu comecei a ver o quanto o nosso trabalho é transformador na sociedade e o quanto nós formamos a opinião, e o quanto a gente também manipula. Nós enquanto mídia, né? O quanto a mídia tem esse poder de manipular de levar a sociedade muitas vezes para um caminho que nem sempre o melhor. E aí, entram vários interesses políticos, econômicos, etc. Então, ao mesmo tempo que eu entendo nosso papel, também questiono o nosso papel, e o que que a gente faz. Claro, eu questiono de um lugar de fala que eu tô muito mais envolvida com a notícia e com o jornalismo. Só que eu fico pensando em uma pessoa desavisada, quanto que ela entra nessa engrenagem sem saber. A gente sabe, a gente filtra, né? Não existe bonzinho nessa história. Se

surgiram as *fake news*, surgiram também como um contraponto, psicológico, talvez, que a imprensa faz. Porque muitas vezes não concorda com aquilo que tu tá lendo. E algumas pessoas acham que o caminho daí é inventava, fazer a sua versão dos fatos.

Porto: Teve algum acontecimento, algo que te levou a, justamente, pensar nessa valorização. Que fez tu começar a dar mais importância e valorizar mais o trabalho do jornalismo mais atualmente?

Luana: Eu acho que a pandemia foi um divisor de água. Ela mostrou a força do jornalismo profissional para combater *fake news*, valorizar a vacinação, mostrar os números. O consórcio dos veículos eu acho que foi uma coisa muito importante, teve um fortalecimento da mídia tradicional para contrapor a enchente de notícias falsas e coisas sobre os medicamentos sem eficácia. Então, a pandemia foi um divisor de águas muito importante.

Porto: e quais as diferenças, se é que existem, na atuação de colegas mais novos e mais velhas na profissão?

Luana: Falta um olhar sistêmico, um aprofundamento. Quem é mais velho vai começando a fazer conexões com coisas do passado e vai entendendo que a história é cíclica. Vai deixando de ser ingênuo sobre algumas coisas, mas também não adianta. Isso é a maturidade que dá, é a experiência que dá. E é por isso que as pessoas evoluem profissionalmente e vão acabando assumindo outras funções. Mas a gente vê que os jornalistas mais maduros, atendem, porque não é todos, até um olhar um pouco mais aprofundado. Isso não é etarismo, mas é perceber que existe um amadurecimento.

TRANSCRIÇÃO TAMARA

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Poderia dizer teu nome e a tua idade?

Tamara: meu nome completo é [REDACTED], mas as pessoas me conhecem mais por [REDACTED]. Eu tenho 55 anos, nasci em 28 de maio de 66.

Porto: Qual curso que tu se formou?

Tamara: Eu me formei em jornalismo na [REDACTED] [universidade pública da capital gaúcha].

Porto: qual o ano de conclusão do curso?

Tamara: 1986.

Porto: Que área do jornalismo tu atua hoje?

Tamara: Eu, hoje, sou professora de jornalismo, na universidade pública.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Esse foi o primeiro eixo, bem rapidinho, e, agora, a gente entra na parte mais de diálogo. Tu pode falar um pouco sobre a escolha da profissão e o ingresso na universidade?

Tamara: Eu decidi fazer jornalismo quando eu estava no último ano do colégio. Até o segundo ano eu ainda tinha muitas dúvidas, eu sempre gostei de fazer outras coisas além de escrever. Eu gostava muito de teatro, gosto muito da parte de artes, cantar, tocar violão. Então, eu tinha um pouco de dúvida se eu iria para essa área, mais artística. Mas aí, no terceiro ano, eu decidi pelo jornalismo porque... acho que essa é uma resposta que todo mundo tem um pouco, mas por gostar de escrever, de ler. Ao mesmo tempo, muito por ser curiosa e gostar muito de conversar com pessoas, conhecer as histórias das pessoas. Tenho essa vontade de conhecer diferentes pessoas com diferentes histórias. Foi muito por aí. E a minha família é muito da área de comunicação. Os meus irmãos quase todos são da área de comunicação, eu tenho cinco irmãos. E isso acho que também influenciou. Essa formação familiar, dever o meu pai, a minha mãe, muito ligado em notícias e informações. Tu ver, eu tenho um irmão jornalista, um publicitário, um cineasta, tem uma irmã que a médica, mas também fez doutorado em comunicação... só tem uma irmã que não foi para essa área.

Porto: O que tu esperava da profissão, nesse início do curso?

Tamara: Quando eu comecei, a minha ideia inicial era ir para área da TV. Eu gostava muito e já me interessava por fazer documentário, queria aprender mais a trabalhar com vídeo. Só que no fim a vida acabou me levando mais para o texto mesmo. Então, eu esperava aprender bastante sobre como escrever, como contar as histórias das pessoas. Mais isso eu acho.

Porto: E como tu enxergava os profissionais que atuavam, nessa época? O que tu achava da prática da profissão?

Tamara: Tu sabe, eu sempre fui uma pessoa que nunca tive muitos ídolos dentro do jornalismo, na verdade, em nada quase. Eu tenho referências, claro, mas eu não tinha alguém que eu adorasse na época da faculdade. E nem sei se eu tenho hoje, uma grande referência. Naquela época, eu levava mais em consideração os jornalistas de telejornalismo, era o que eu gostava mais da época. Mas ao mesmo tempo, não tinha nenhum nome. Achava interessante o trabalho feito em telejornalismo, naquela época.

Porto: E quais eram as suas expectativas do curso na universidade?

Tamara: Eu acho que aprender. Assim, eu já gostava muito de escrever, mas eu tinha a expectativa aprender a escrever melhor ainda, e aprender o texto jornalístico em si, em qualquer um dos formatos. Embora eu goste muito de ouvir a rádio, eu nunca pensei em trabalhar em rádio, não era o que mais me chamava atenção. Então, eu tinha a expectativa que o curso me proporcionasse um aprendizado na área do texto, e questões técnicas de imagem. Eu também tinha muita expectativa de entrar na universidade. Daquilo ser um novo mundo, tendo contato com outras pessoas, pessoas que gostassem das mesmas coisas que eu e com interesses em coisas que eu me interessava. Gostava dessa coisa de entrevistar pessoas para conversar com elas. Eu também queria ter a experiência da universidade em si.

Porto: Seguindo essa linha cronológica, durante a trajetória, como tu se sentia em relação ao ensino?

Tamara: Eu fiz a faculdade super rápido. Eu entrei com 16 anos na universidade, porque eu entrei muito cedo no colégio. No meu primeiro ano eu tinha 5 anos. Daí, eu entrei na faculdade com 16 e eu fiz a faculdade em três anos e meio. Então, eu fiz muito rápido. Eu me formei na metade do ano, em junho porque eu consegui adiantar um semestre. Eu iria ficar com apenas uma disciplina no último semestre e daí eu consegui uma quebra de pré-requisito. Na época, não tinha TCC ainda. Para mim, foi muito natural. Eu achava as disciplinas muito boas de fazer e não tinha dificuldade. Não gostava de algumas, a gente ainda tinha que fazer algumas disciplinas das outras áreas, de publicidade... isso eu não curti. Mas gostava muito das aulas de foto, de

tele, de texto. Embora, eu não tivesse uma admiração por todos os professores. Gostava mais alguns e outros eu achava mais matado. Acho incomparável com a Universidade de hoje, entende? Acho que é muito mais.... Hoje tem uma exigência muito maior, por parte dos alunos. Naquela época, para mim, parecia tudo meio fácil.

Porto: Aproveitando que tu já começou a falar um pouco sobre os professores e algumas matérias, quais eram as disciplinas que mais interessavam?

Tamara: As de redação, todas de redação. A gente tinha redação, tanto de jornalismo, como de português mesmo. A gente tinha com um professor da Letras. Com ele, a gente fazia redações mais livres, eu amava era uma das coisas que eu mais gostava. As de redação como o [redacted] [professor e jornalista relevante] e as de telejornalismo. As de telejornalismo, eu gostava muito, mas eu achava o professor um pouco fraco. Então, o que eu fiz: eu acabei, com os meus colegas, fazendo documentários. Por conta própria mesmo, a gente acabava fazendo fora da sala de aula e era muito legal. Embora, também fizesse as coisas da aula. E eu acho que essas eram as que eu mais gostava. E até a de diagramação, era maravilhosa, eu gostava bastante. Não segui fazendo isso, mas é uma área que me interessa bastante e tanto que, mesmo eu não fazendo, eu trabalho muito com isso. Hoje, eu faço revista com os alunos.

Porto: O que te motivava nessas cadeiras?

Tamara: Eu acho que o que mais me motivava... eu sempre encarei o jornalismo como um campo onde a gente conta história. Conhece histórias e conta essas histórias para as outras pessoas. E eu acho que isso é o que mais me motivava e continua me motivando, até hoje. Tanto nas aulas de redação, que eu podia contar uma história, ainda que fictícia, mas também saber que eu poderia conhecer pessoas, conhecer histórias, e poder contar essas histórias para os outros. Então, o que sempre me motivou, e acho que me motivava muito naquela época, era poder contar histórias, conhecer coisas diferentes. Eu acho muito encantador, no jornalismo, a gente poder conhecer pessoas e coisas, situações e lugares tão diferentes. Às vezes, uma pessoa abre a porta da casa dela para ti, e te conta alguma coisa que tu nem sabia que existia. Eu acho que isso é a coisa mais interessante no jornalismo. Eu acho que eu sempre achei isso. Essa possibilidade de poder encontrar alguém e conhecer coisas novas. E, também, me motivava e acho que era uma coisa que naquela época me motivava mais do que hoje, é essa ideia de poder denunciar alguma coisa, ver se tem alguma coisa errada e poder falar sobre isso para as outras pessoas, mostrar situações que são injustas, ou são preconceituosas, com o objetivo de escancarar isso e talvez ajudar na vida de alguém.

Porto: E teve alguma disciplina ao professor que te marcaram de forma especial durante a trajetória?

Tamara: Eu acho que assim... O [redacted] [professor e jornalista relevante] eu acho que foi a pessoa que mais me marcou por me ajudar e me ensinar. Ele me ensinou a escrever o texto de jornalismo. O professor de português, por me ensinar a escrever numa questão mais da língua mesmo. Eu já vinha estudando no colégio, inclusive ele tinha sido professor do meu colégio, muito certamente. E o [redacted] [professor de diagramação], nem ensinava algo que eu amava tanto, mas me marcou mais em relação à forma como ele me ensinava e do jeito que ele era, mais do que o conteúdo ensino.

Porto: Como eles transformaram a tua trajetória?

Tamara: Pois é... eu acho que O [redacted] [professor e jornalista relevante] me ensinou a entender melhor o jornalismo, acho que nesse sentido que ele me transformou mais. O [redacted] [professor da Letras] me transformou no sentido de... além de conhecimento, eu acho que me ajudou e me transformar um pouco no sentido do autoconhecimento. Porque eu acho que escrever sempre um pouco um ato de auto conhecimento. E os textos que a gente fazia para a aula dele, eles eram muito sobre nós, sobre experiências pessoais. Acho que nesse sentido foi transformador, talvez, a transformação tenha sido mais no sentido da generosidade, dele ser alguém acolhedor. Então, talvez, com ele, eu tenha percebido que era possível ser assim também. Ser uma pessoa mais acolhedora.

Porto: e quais os espaços que tu acha que se fizeram mais presentes na tua formação (sala de aula, laboratórios, estágio...)?

Tamara: Eu tenho absoluta certeza que o espaço que mais me fez crescer na universidade, naquele momento, foi o bar, com os meus colegas. Eu, certamente, fui muito mais transformada pelo convívio com os meus colegas, do que em sala de aula, isso é incomparável. Na verdade, eu acho que não era um curso de excelência que a gente tinha, fizeram o que era possível naquela época. Eu diria sim, o bar, o convívio com os colegas. E eu digo o bar, mas também o pátio, os corredores, os lugares onde eu estava com os meus colegas. As várias coisas que a gente fazia juntos, porque o meu grupo de amigos era muito unido. E além de festas convivo em geral, a gente fazia muitas coisas juntos. A gente criou um jornalzinho fora da sala de aula, a gente fez uns três documentários, e a gente inscrevia em prêmios. Certamente, foi isso que mais me transformou, que mais me ajudou na vida e na profissão. E fora isso, os espaços de laboratório, espaços de fazer mesmo, quando eu tava com câmera e microfone entrevistando alguém... no estúdio de rádio, eram momentos bem legais, e eu gostava bastante. Esses momentos do fazer jornalismo dentro dos laboratórios

Porto: Na tua opinião, o que um aspirante a jornalista precisa aprender para ser um bom jornalista?

Tamara: Ba, tem bastante coisa. Mas a coisa mais importante para o jornalista é saber ouvir. Normalmente, as pessoas decidem ser jornalista porque, como eu, gostavam escrever, gostam de falar, se comunicam bem... mas eu acho que a principal qualidade do jornalista é ouvir. Porque o mais importante é ter o encontro com o outro, te deixar tocar pelo outro, para entender o outro e para compreender a história dele. Ter empatia e alteridade, saber se colocar no lugar do outro. Então, eu acho que o mais importante é ouvir. E, claro, tem que saber escrever, independentemente, da área que vai atuar, tem que saber contar uma história. Nesse sentido, tem que ser uma pessoa clara, que consiga se comunicar. Acho que é bem importante ser curioso, no sentido de querer descobrir coisas, conhecer novas pessoas e tem um estranhamento, é uma coisa que a gente vai desenvolvendo no jornalismo. E isso é aquela coisa de saber que a pauta pode estar em qualquer lugar e consegui identificar as coisas no mundo que podem ser informação. Ser curioso no descobrir as coisas do mundo. Ter atenção e não se contentar com "ah, isso é natural". E não aceitar o que alguém te diz sem questionar, sem verificar. Tem que ter o Rigor da verificação, de só aceitar informações que forem qualificadas.

Porto: Pensando nessas coisas menos técnicas que tu apontou que tu acha que a universidade pode contribuir para isso?

Tamara: Eu acho que a minha resposta tem um pouco a ver com o meu sentimento que eu tinha com os meus colegas. Eu acho que a universidade é um lugar incrível. Eu já achava, e, atualmente, eu acho mais ainda. Porque lá é um lugar que vai ter o encontro de pessoas muito diferentes. A universidade é isso de unir, então, ela pode contribuir no sentido de colocar em contato diferentes mundos, diferentes pontos de vista, diferentes formas de enxergar o mundo. E, ao mesmo tempo, te coloca em contato com pessoas que têm coisas parecidas contigo, gostos e interesses. Acho que, então, existe essas duas coisas, de tu encontrar tua turma e ao mesmo tempo ver que existem muitos tipos de pessoas e muitos pontos de vista, diferentes e essências. Acho que isso contribui muito na vida de qualquer pessoa. E a universidade é um lugar onde algumas pessoas ouvem falar de coisas, e não só de conceitos, mas de ideias e realidades que nunca tinha ouvido falar antes. Na universidade, tem pessoas que vêm do interior, pessoas que vêm de outros estados - apesar de não ter sido uma coisa que acontecia no meu tempo -, e, ali, vão ter o contato com o pensamento crítico que nunca tinham tido. Eu acho que é um lugar que ajuda a gente a pensar, refletir, conhecer.... É um mundo novo que a gente conhece.

Porto: e como tu enxerga o desenvolvimento do ensino do jornalismo no decorrer dos anos?

Tamara: Eu acho que melhorou muito, mesmo que a gente possa ter críticas a algumas coisas. É como eu falei... Eu acho que na minha época, se eu pensar em relação à hoje, acho que teve um avanço bem grande. Até porque o jornalismo teve um avanço importante, das teorias do jornalismo. E eu acho que o ensino acompanhou

isso, esse lado mais crítico, exigência maior em relação ao que os alunos fazem, uma exigência maior ao professor, dele estar sempre informado e atualizado. Eu entrei na universidade no momento em que estava começando a abertura política. Eu não peguei a época forte da ditadura, mas era o momento em que a gente estava começando a falar disso mais abertamente. Nesse sentido, foi o início que depois foi se desenvolvendo cada vez mais. Da gente poder falar de assuntos de uma forma mais clara. As pessoas que vieram antes de mim sofreram mais. Hoje, eu acho que hoje já é outra lógica. Quer dizer... Nos últimos anos complicou mais [com o governo de Bolsonaro], mas eu acho que hoje a gente tem um ensino do Jornalismo com novos elementos. Além de ter toda a questão teórica, técnica e de conhecimento, ele traz também para o debate questões de direitos humanos, feminismo, racismo, questões LGBT, várias questões. São coisas que a gente trata muito no curso e eu acho que passaram a tratar agora. A questão das cotas nas universidades federais foi um avanço enorme para o conhecimento do jornalismo, acho que isso deve ter acontecido em todas as profissões, e no jornalismo muito também. Assim como, nas [universidades] particulares, foi importante o ProUni, FIES... e nesses últimos anos parece que a gente tá tendo um retrocesso forte no país nas questões dessas discussões, mas ainda a universidade é um espaço de resistência, nesse sentido de manter essas discussões, pelo menos dentro do jornalismo.

Porto: Tu acha que a pesquisa incentivada hoje?

Tamara: A gente teve, nesses últimos anos, desde o início do [governo] Temer, a pesquisa passou a ser uma coisa muito difícil no país. Eu acho que a gente incentiva muito dentro da sala de aula, mas como diminuiu muito o investimento, diminuiu muito as bolsas... Eu sinto isso, principalmente, no governo Bolsonaro. As pessoas ficam pensando como que vão viver disso, como vão fazer pesquisa. Mas o pesquisar em si, eu acho que é incentivada pelos professores, em sala de aula. Isso, sim. Acho que tem essa pretensão, esse interesse dos professores. Mas, sem dúvida nenhuma, passou a ser algo que perdeu força pela falta de incentivo e pelas críticas do atual governo.

Porto: E durante a tua formação, na graduação, a pesquisa aparecia de alguma forma?

Tamara: Muito pouco. Olha, nem me lembro de se falar. Não era algo que a gente pensava realmente. Não lembro de nenhum professor falando de pesquisa. O que se falava era de um jornalismo mais técnico, do mercado de trabalho. Como eu falei, tinha uma questão mais crítica, de pensar na ditadura e no que que tinha acontecido, mas não no sentido de que existe a área da pesquisa e que dava para ir por esse caminho. Não me lembro de ter sido incentivada nesse sentido.

Porto: Depois da graduação, como que se seguiu a tua formação? Pensando bem nessa parte acadêmica e de ensino.

Tamara: Assim, eu me formei e fui para redação. Eu trabalhei basicamente em três lugares. Quando eu me formei, eu fui para o Rio de Janeiro e lá eu trabalhei num jornal alternativo, chamado de [redação], de um gaúcho que foi um dos criadores do [jornal alternativo crítico ao Regime Militar]. Daí, eu voltei para Porto Alegre e trabalhei na [revista de circulação nacional] que foi o lugar que eu mais fiquei, e, até aí, eu não tinha pretensão de fazer nada na área do ensino. Eu saí da [revista de circulação nacional], fui para a [jornal relevante da capital] e depois voltei para ver já como *freelancer*. Quando eu tava trabalhando como *freelancer*, começou a me incomodar muito a forma como era feito o trabalho na [revista de circulação nacional]. E foi isso que acabou me levando para pesquisa, por isso que eu tô falando. O que acontecia: a gente fazia os textos na redação de Porto Alegre e os textos eram totalmente modificados pelos editores de São Paulo. E começou a me incomodar muito essas transformações de sentido que tinham no texto que a gente mandava da sucursal para os editores de São Paulo e a forma como ele saía na revista. Às vezes, os sentidos eram opostos aos que a gente escrevia no texto original. Isso me fez querer pesquisar sobre isso. Daí, eu fui procurar lugares onde eu poderia fazer isso. Naquela época, eu não encontrei, na faculdade de comunicação, alguma linha que encaixasse isso. Hoje vir da faculdade e um para outro lugar, que eu não lembro quais eram. E eu acabei encontrando espaço para isso na [faculdade de] Letras, porque tinha uma linha que era da análise do discurso. Eu vi que lá eu iria conseguir. Daí, eu fui fazer o mestrado na Letras em análise do discurso, defendi em 2000. Lá eu fui ver justamente isso, a modificação de sentido dos textos que saíam do repórter e passavam pelo editor. Eu acabei o mestrado e demorei muito para ir para o doutorado. Porque além do trabalho do jornalismo, também tive a minha vida pessoal no meio, de ter filho... coisas que acabaram fazendo com que eu demorasse bastante tempo. Acho que eu fiquei uns 10 anos entre um e outro. E quando eu fui fazer o doutorado, eu pensei " agora, eu vou fazer no jornalismo mesmo", e nesse período já tinha mudado bastante o programa. E no doutorado eu fui estudar uma coisa completamente diferente, que é uma coisa que eu pesquiso até hoje, que é jornalismo infantil. Na época, o meu doutorado foi sobre a revista [revista científica infantil] e como que esse jornalismo acionava o desejo de consumo das crianças. Hoje, eu não pesquiso exatamente isso, eu pesquiso a presença, ou ausência, das crianças no jornalismo tradicional. Eu fui fazer o meu trabalho nessa área, que era a área que eu tava tendo interesse, talvez, até por conta de ter filhos e acompanhar eles. Quando eu tinha recém acabado mestrado, eu fui professora substituta na universidade pública e eu fiquei aquele período que deu para ficar, eu acho que foi um ano na época. E depois eu fui trabalhar na [universidade privada da região Metropolitana]. Eu fiquei 20 anos dando aula na [universidade privada da região Metropolitana], até 2016. Em 2017, eu entrei na universidade pública, quando as [universidades] particulares começaram a ter muito problema, ter muitas demissões. E eu era a coordenadora de curso, coordenadora da agência experimental, tinha um salário alto, já estava lá há algum tempo... e eu comecei a ficar

com medo porque muita gente começou a ser demitida. E quando surgiu o concurso na pública, eu fiz o concurso lá e entrei.

Porto: Tu considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da profissão?

Tamara: O mestrado, eu acho que foi bem importante. No doutorado, eu fiquei um tempo fazendo e pegando alguns trabalhos *freelancer*, depois eu não consegui mais. O doutorado começou a me absorver muito e eu trabalhava como professora. Bom, como professora de jornalismo, tanto mestrado como doutorado me ajudaram muito. Muito mesmo! E a graduação, eu acho que é a base. Como eu falei, que eu acho que era um curso fraco, mas, Claro, que me ajudou também. Me ajudou principalmente a conhecer o jornalismo e aprender a entrevistar...

Porto: E tu acha que continuar a estudar também é importante, atualmente, para os jornalistas?

Tamara: Acho que é um diferencial bem importante, porque, dentro das redações, a minha experiência me mostrou que tinha muito pouco espaço de reflexão. E como a nossa profissão é muito imediata, ela é contra o tempo, e o jornalista também trabalha muito, ele tem que se dedicar muito. São poucos aqueles momentos de reflexão crítica na profissão. Tu tem está sempre contra o relógio. Eu fui editora da revista e do jornal que trabalhei e a gente tinha momentos de reuniões de análise, mas é muito pequeno esses espaços de crítica e de reflexão. Então, eu acho que estudar, fazer um mestrado, um doutorado, ou mesmo uma especialização, ajuda bastante porque é o momento que tu para e pensa sobre o fazer jornalismo. Pensar o dever ser do jornalista, quais as finalidades do jornalismo e o que que a gente não pode abrir mão. Estudar ajuda muito a pensar sobre o que a gente faz e não sair levando o barco sem refletir.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: esse foi o segundo eixo e agora a gente vai para trajetória profissional. Tu pode contar um pouco de como foi o teu ingresso no mercado de trabalho?

Tamara: Como eu te falei, eu acabei o curso em três anos e meio e me mudei para o Rio de Janeiro por questões bem pessoais. O meu marido da época passou em um concurso no Rio e como eu estava me formando eu fui para lá. Eu fiz poucos estágios antes disso. Acho que eu fiz um estágio só, em uma rádio que nem existe mais. E daí, eu fui para o Rio de Janeiro sem saber com o que eu ia trabalhar. Claro, daí, eu comecei a procurar emprego, fiz alguns testes de TV. Disseram que meu sotaque gaúcho era muito forte, e que não dava para ser da TV. Um baita preconceito. Até que eu descobri que tinha esse jornal que tava abrindo lá no Rio de Janeiro, [REDACTED]

█ [jornal alternativo], e que era do █ [diretor do jornal] que era um gaúcho. Era um jornal super alternativo, bem debochado. E eu tinha 20 anos, recém-formada, e fui falar com eles. Eles pediram para eu fazer uma matéria e gostaram. Então, eu fiquei um ano o jornal, depois disso ele faliu. As pessoas que trabalhavam lá eram muito geniais, o █ [diretor do jornal] era um cara muito genial, brilhante, mas um péssimo administrador - até porque ele era alcoolista pesado. Mas eu acho que aquele ano, foi um ano que, talvez, eu tenha aprendido mais do que no curso de jornalismo, porque eu tava com cabeças geniais lá. Tinha um monte de gente muito genial, todo mundo era muito bom. Daí, tinha uns três ou quatro repórteres mais experientes, além dos caras que eram mais a cabeça do jornal, e tinha eu e mais uns dois colegas que éramos, assim, com 20, 21 anos... éramos quase como estagiários, mas nós éramos repórteres. Fomos contratados e recebíamos como repórteres. Daí, no meu teste eles me pediram para passar um dia na delegacia da mulher no Rio, porque tinha aberto a pouco tempo. E fiquei lá, um dia, observando, vendo mulheres chegar muito machucadas, contando histórias absurdas. Foi muito bom. Na verdade, foi horrível, mas me ensinou muito. E esse era meio que meu teste, daí eu cheguei na redação, entreguei o texto e eu me lembro que quem editou o texto foi um dos jornalistas experientes. E ele me disse "o teu texto tinha muitos problemas de redação de português, mas eu acho que isso não é culpa é tua, é do ensino". E isso que eu era uma das melhores alunas em redação, era monitora de redação e adorava escrever. Mas daí ele falou que poucas vezes ele tinha visto um texto tão forte, ele gostou do texto, embora tivesse visto esses problemas de formato. Daí, eles me aprovaram e eu fiquei lá um ano, trabalhando e fazendo as coisas mais incríveis do mundo. Eu fazia desde cobertura na favela, entrevista com traficante na Rocinha, até passar um carnaval com a Xuxa. Era umas coisas... isso que eu digo, são poucas as profissões que te proporcionam essas oportunidades tão diferentes. Foi um aprendizado incrível. E quando o jornal fechou, porque faliu, eu acabei voltando para Porto Alegre. E daí, a revista já me contratou direto porque um repórter tinha saído, e █ [jornal que trabalhava] acabou sendo meu portfólio. Eu fiquei um tempão na █ [revista de circulação nacional], primeiro como repórter, depois eu fiquei como a chefe da sucursal de Porto Alegre, depois fui para São Paulo coordenar as █ [revista] regionais. Aí acho que eu fiquei um ano lá, e daí eles fecharam as verdinhas porque não deu muito certo financeiramente. Eu voltei para Porto Alegre, fiquei mais um tempo na sucursal da █ [revista de circulação nacional] e acabei sendo demitido, bem por questões pessoais de relacionamento. Só que eu fui demitida e no mesmo dia a zero hora me ligou e me convidou para ser editora de geral da █ [um dos principais jornais da capital]. Daí, eu fui para lá e fiquei acho que uns três anos na █ [um dos principais jornais da capital], mas eu sempre me identifiquei muito mais com revista do que com jornal. O próprio █ [jornal alternativo do Rio de Janeiro] era um jornal semanal, então, era diferente. Eu gosto muito mais, e sempre gostei muito mais, de fazer reportagem do que fazer notícias. Depois que eu engravidei do meu primeiro filho, eu fiquei mais um tempinho ali, quando ele já tava um pouco maior eu resolvi sair porque o ritmo era muito puxado, eu não me identificava tanto e fiz alguns trabalhos para lá como *freela*. E na █ [revista de

circulação nacional], eu sempre fiz muito *freela* para outras revistas do grupo. Qualquer outra revista que precisasse fazer alguma coisa sobre aqui [Porto Alegre], eu acabava fazendo o trabalho para eles. Até que chegou um ponto do doutorado que não deu mais para fazer *freelas*. Eu tava na [redação] [universidade privada da Região Metropolitana], fazendo doutorado, meus dois filhos, ficou bem puxado e eu não consegui mais dar conta. Daí fiquei, que nem as pessoas dizem, só dando aula.

Porto: E durante, principalmente, esse período inicial, tu viu o ensino sendo refletido no teu trabalho?

Tamara: Não via, no meu estágio, foi muito curto. Certamente, não era como hoje, que os estágios têm uma importância muito grande, foi um estágio muito curto. Eu não via o ensino ser refletido e pensado dentro da redação. "Ah, aquilo que eu aprendi lá, agora eu estou fazendo", isso não era algo que eu pensava. Eu acho que, hoje, tem muito mais disso. Eu nunca procurei um professor para perguntar alguma coisa. Claro, eu também tava no Rio, naquela época, não tinha internet, não tinha celular. A gente perdia muito contato com os professores. Hoje, é completamente diferente. Eu, como professora, falo com vários ex-alunos sobre o estágio o tempo inteiro. Antes, ficavam muito apertado eu acho. A faculdade era uma coisa e o mercado era outra, tudo bem separado.

Porto: Os aprendizados que tu teve no rio, tu sentia eles mais presentes?

Tamara: Certamente, muito mais. Eu aprendi muito e principalmente para seguir trabalhando como jornalista. Eu aprendi a entrevistar pessoas, e até me portar como jornalista. E isso, eu acho que a [redação] [revista de circulação nacional] também me ensinou bastante. Eu falei que esse meu primeiro ano foi de grande aprendizado, até para saber como falar com as pessoas, mas mesmo na [redação] [revista de circulação nacional] eu acho que eu tive grandes aprendizados, por mais que no final tenha saído com muitas críticas em relação à forma que era feito, e até fui fazer o meu mestrado sobre isso. Mesmo assim, eu certamente tive muitas situações de dilemas éticos, de incerteza do que eu devia fazer, que eu falava com os editores e eles me ajudavam e me orientavam. Muitas vezes, eu errando e eles me corrigindo, inclusive.

Porto: O que que te levou a lecionar?

Tamara: Eu acho que uma das coisas que me levou a lecionar foi a pesquisa. Quando eu fiz o mestrado eu trabalhava na [redação] [revista de circulação nacional]. O mestrado foi o primeiro passo para eu querer dar aula. Eu acho que tem também a questão financeira e econômica. Além de ver a pesquisa e que com isso eu poderia ensinar, e também era uma outra possibilidade de trabalho que eu poderia seguir. Acho que foram essas duas questões que me levaram a lecionar: pesquisar e a questão financeira de um outro campo. Embora, também acho que tem uma coisa... naquela época, eu não sei se eu tinha total noção que essa era uma coisa que eu poderia

gostar tanto. Eu comecei a dar aula, e daí eu comecei a gostar. Foi mais nesse sentido do que eu realmente pensar sobre isso. Nunca na minha vida, quando eu tava fazendo graduação, que eu ia pensar que eu ia dar aula. Não era uma meta, não era uma possibilidade. Assim como eu não imaginava que eu poderia fazer pesquisa, eu não imaginava que eu poderia dar aula.

Porto: E como tu encara o mercado de trabalho atualmente?

Tamara: É óbvio que tem muitas coisas boas sendo feitas. Agora, o jornalismo tradicional... primeiro, tem uma exploração muito grande dos jornalistas, acho que as pessoas trabalham muito, e ganham pouco ou na média. Acho que existe toda uma questão das métricas, dá ideia do jornalismo de cliques, que eu acho que é bem complicado para quem tá em redação hoje. Por outro lado, eu acho que tem muitas alternativas e produtos novos. Bom, tem uma gama enorme de possibilidades que não existiam na minha época. Quando a gente se formava ou a gente virava assessor de imprensa ou ia trabalhar nas redações. Por isso, talvez, o [redacted] [jornal alternativo do Rio de Janeiro] tenha sido meio que um ponto fora da curva, porque ele não era um grande veículo, não era a [redacted] [revista de circulação nacional], era um jornal diferente. E eu acho que hoje tem mil possibilidades. Tem muitos outros caminhos, algumas agências de conteúdo, a gente tem o [redacted] [jornal alternativo digital], a [redacted] [agência de jornalismo], tem também o [redacted] [portal de jornalismo de dados], [redacted] [agência de jornalismo investigativo]. Enfim, muitas possibilidades que são interessantes e são caminhos para se fazer um jornalismo bem feito, transparente, buscando informação com apuração. Então, eu acho que tem amplas possibilidades, mas se a gente pegar a massa, isso é um jornalismo que acho que castiga um pouco esses repórteres que trabalham muito ligados no jornalismo digital, seguindo a lógica das métricas. Isso é o que deve angustiar as pessoas.

Porto: E pensando nesses espaços mais recentes que vem dominando um pouco mais do nosso mercado (agência de conteúdo vírgulas redes sociais, marketing), tu considera que esses profissionais sejam menos Jornalistas do que os de antigamente?

Tamara: Não, não acho. Porque eu acho que a profissão, como qualquer outra, vai se modificando. É claro que algumas coisas... produtor de conteúdo, por exemplo, que tu tem que entender onde tu tá trabalhando. Tem lugares que são mais respeitosos com o dever de ser do jornalismo, e outros que respeitam menos. Seria muito bom se todo mundo pudesse refletir mais sobre isso e pensar. Porque, assim, eu acho que o jornalismo é uma profissão fundamental para a sociedade, para democracia, importante para que as pessoas possam se localizar no mundo, entender o mundo contemporâneo. Então, nesse sentido, acho que qualquer pessoa que trabalhe com Jornalismo pode auxiliar as pessoas a viver no mundo de hoje. Isso é fundamental. Agora, o que acontece é que em alguns espaços se perde um pouco essas finalidades essenciais do jornalismo. Então, alguns espaços são meio que um tiro no pé do

jornalismo. É o jornalismo atirando no próprio pé. Não percebendo que o mais importante é a informação. Claro, grande dificuldade que existe hoje é como monetizar isso. Como sobreviver nessa enxurrada de informações que a gente tem hoje, por todos os lados, em todos os formatos. E eu acho que o jornalismo precisa se diferenciar, reafirmando as suas características fundamentais. O que não significa que a gente não precisa fazer vídeo, fazer *podcast*. Tem que fazer tudo! Até porque, não tem como não fazer, é o que tá aí. Só que eu acho que tem que pensar sempre nessas questões do jornalismo, fazer um jornalismo que vai fazer diferença na vida das pessoas.

Porto: E tu se encontra satisfeita no espaço que tu ocupa hoje?

Tamara: Sim, eu gosto muito. Depois de 20 anos na universidade particular, chegar na pública foi meio que um choque. Parecia que eu não pertencia àquele lugar, mesmo tendo estudado lá. Mas isso passou muito rápido. E óbvio que toda a questão da pandemia, e do ensino remoto, mudaram algumas coisas e como eu fico muito cansada. A aula nesse formato é muito difícil, mas eu sinto um prazer enorme em dar aula, eu sou muito apaixonada. Hoje, eu dou duas disciplinas na graduação e uma na pós-graduação. Eu entrei na pós-graduação esse ano agora, em 2016 entrei para dar aula de jornalismo na graduação e agora no programa de pós-graduação. Eu sempre estive envolvida em cadeiras muito práticas. Toda minha vida como professora, eu fiz uma revista em uma das minhas disciplinas. Então, parece que eu continuo no mercado de alguma forma. Eu tenho essa sensação, porque um espaço em que eu posso refletir sobre o jornalismo, passar conhecimento, debater com os alunos, mas ter também um produto das aulas. Atualmente, eu não escrevo, porque são os alunos que produzem o conteúdo, mas eu meio que continuei com uma função de editora. Então, eu adoro fazer a revista. Eu me sinto muito confortável e realizada fazendo isso. Claro, também tem muito das questões burocráticas e administrativas. Eu entrei e logo depois eu já fui coordenadora do curso, e fiquei dois anos como coordenadora, o que trouxe uma parte administrativa, que é mais chata. Só que eu gosto da gestão também, é algo que eu também gosto. Então, me sinto bem feliz, bem realizada. Então, tirando essa parte do [ensino] remoto, que acabou sendo muito exaustivo, principalmente, nesse último ano, eu gosto muito do contato pessoal... Mas eu me sinto muito satisfeita no local que eu ocupo. Agora, eu pesquiso, tenho um grupo de pesquisa, dou aula e faço a revista... Então, eu fico bem feliz. Uma coisa que eu acho muito legal, é o quanto o contato com os alunos me faz crescer, me fazem aprender. Assim como eu consigo passar a minha experiência para eles, eu acho muito legal as pautas que os alunos trazem. A gente debate temáticas que eles estão vivenciando. Eu acho que é um ânimo de vida, conviver com jovens que estão ali muito interessados na profissão, acho muito estimulante. Me faz refletir muito.

Porto: E a prática profissional do jornalismo já te levou a outros campos de atuação?

Tamara: Deixa eu pensar... porque eu faço outras coisas. Eu gosto muito de fazer outras coisas, me envolver com arte, música, trabalhos manuais, mas isso não é profissionalmente. Não me lembro de ter feito alguma coisa que fosse remunerada. Acho que não.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Indo já para o último eixo, como tu percebe a prática do jornalismo hoje? O que mudou?

Tamara: Eu acho que eu te falei um pouco já disso. A gente saía da faculdade para ir para redação ou para assessoria de imprensa, e era isso. Tu ficava como repórter, depois de um tempo passava ia para editor. Hoje, mudou muito. Eu peguei muitas transformações no jornalismo. Quando eu comecei a trabalhar a gente trabalhava com máquina de escrever. na [redação] [revista de circulação nacional], eu trabalhava com teletipista. No sentido técnico, mudou barbaramente. Até na lógica da escrita. Tu não tinha como apagar, não tinha como editar tanto. Hoje, o texto vai para lá e para cá... Aí teve um dia que chegou o fax, na redação, e o teletipista foi demitido... depois teve o computador. As questões técnicas mudaram muito, todas. E fora isso, tem aquilo que eu te falei - isso não é o que eu vivo, mas acompanho pelos alunos, que é essa lógica de métricas, dos cliques, sem pensar no que é mais interessante, mas no que vai chamar mais as pessoas. As pessoas também ficam pouco tempo nas notícias, então, tem que ficar o tempo todo pensando nisso. E isso não foi algo que eu vivi, mudou muito nesse sentido. E não que não possa fazer, tem espaços que tem onde fazer. Mudou também a questão do investimento. Quando eu trabalhava na [redação] [revista de circulação nacional], eu ia para o Uruguai fazer cobertura, ia para a Argentina, para São Paulo... viajava toda hora. Mesmo para o interior. E ia eu, o fotógrafo, o motorista, e a gente ficava dias fazendo uma matéria. Hoje, não tem mais esse tipo de investimento tão grande. A não ser em situações específicas. Não deixam uma pessoa muito tempo em uma matéria a não ser que tu seja uma Eliane Brum [jornalista relevante].

Porto: Como tu acha que isso impacta no teu trabalho?

Tamara: Por exemplo, isso que os alunos vivem nas redações, a gente trata muito em sala de aula, conversa bastante sobre. Obviamente, eu tive que aprender um monte de coisa durante a minha carreira, não só como jornalista, mas com professora também, sendo que no último um ano e meio, todos os professores tiveram que aprender muito de uma hora para outra. Nossa, se eu for pensar em tudo que eu aprendi só de programas... a revista que era impressa, hoje, é online. Agora no próximo semestre a gente vai conseguir fazer online e impressa. Então eu aprendi a fazer isso, aprendi a mexer no *Wordpress*. Nesse sentido, impacta bastante. Mas a universidade é um espaço muito privilegiado, no sentido do que eu posso fazer com

os alunos O que a gente achar melhor fazer. Então, gente debate essas temáticas do mercado de trabalho, mas a gente pode falar sobre o que a gente quiser, pode experimentar. Isso é um grande diferencial, na universidade, poder experimentar. E eu adoro experimentar, adoro fazer coisas novas, diferentes... pensar com os alunos, estimular os alunos a não ficarem dentro da caixinha.

Porto: Tu percebe os impactos na atuação dos teus colegas? Pelo que tu acompanha de colegas das redações ou fora delas?

Tamara: Percebo, certamente. Para os professores e nas redações. Dentro da universidade, todo mundo aprendeu muito nos últimos anos, mas claro que tem alguns professores que tem muito mais resistência nessas questões tecnológicas e mesmo de achar que tem que ser como era antigamente. Eu não penso muito assim. Acho que tem coisas e não dá para abrir mão, mas não tenho absolutamente nada contra fazer experimentação. Para os jornalistas [de redação] as mudanças impactaram muito. Eu convivo bastante e tenho muitos amigos jornalistas. Na nossa época, era muito diferente a quantidade de trabalho, enfim, até a questão de interação de leitor, antes tinha muito pouco. Sempre teve as cartas ao leitor, o leitor que ligava para redação, mas só os comentários que tem hoje nas publicações já é outra lógica. E cada lugar lida de uma forma diferente. Deve ser bem difícil, para quem vive em redação, lidar com essas transformações. A questão do tempo, tem que fazer muitas matérias no mesmo dia, saber que tu escreveu e uma pessoa ficou 12 segundos na sua matéria, entende? Acho que tudo isso impacta. É meio complicado. Embora, o problema sempre tenha tido, sempre existiram situações éticas que a gente viveu, mesmo com editores. Coisas que pediram para eu fazer e eu achava um absurdo, mas tinha que fazer. Isso aconteceu várias vezes. Talvez sejam coisas diferentes, mas são dilemas que sempre existiram. Talvez, hoje tenha mais.

Porto: E o quanto que tu a percepção sobre a prática do jornalismo mudou, desde o início do curso até hoje?

Tamara: Mudou muito nessas situações mais práticas. Como a gente está falando, na tecnologia, na forma de fazer, mas quanto a o que é ser jornalista, a importância da profissão e qual o papel do jornalista, acho que continua sendo mesmo. O papel do jornalista é informar de forma qualificada, é de investigar, garantir democracia, fazer com que a população receba a informação, oferecer uma informação plural. Tudo isso, eu acho que continue sendo igual. Talvez, quando eu entrei no curso eu não pensava sobre tudo isso, mas eu pensava bem parecido. Que queria ouvir de pessoas diferentes, eu queria achar boas histórias e não aceitar coisas que eram injustas. Nesse sentido, eu acho que a profissão continua a mesma, o dever ser do jornalista. A forma como é feito, eu acho que mudou, é bem diferente.

Porto: Quais as diferenças que tu percebe no modo de atuação de profissionais mais jovens, com uma formação mais recente, e profissionais mais antigos?

Tamara: Pois é, eu não estou dentro das redações para ver. A minha percepção, ela é mais dos novos, pelos alunos e grupos de pesquisa; e os velhos, pelas redes sociais e professores, talvez. Acho que existe um pouco de resistência às mudanças. Por um lado, eu acho que tem uma certa resistência, mas eu acho que também tem uma razão. Existe uma crítica à forma mais mercadológica do jornalismo que está sendo desenvolvida. Nesse sentido, eu também tenho essa crítica e acho que os mais velhos concordam com isso. Agora, eu também não acho que os mais novos não acham isso. Eu acho que os mais novos também têm essa percepção e crítica. Quando eu falo com os alunos, eu acho que eles também têm essa visão. Mas como eles estão dentro da redação, e são repórteres, e não tem muito poder de decisão, eles acabam aceitando mais passivamente. Só que quando nós éramos jovens, a gente também aceitava passivamente. Não aceitava passivamente... mas a hierarquia também existia e não tinha muito como discutir. Eu até tenho curiosidade se existe uma mudança realmente efetiva da percepção sobre o jornalismo dos mais jovens para os mais antigos. Eu acho que talvez exista a percepção diferente da linguagem, do formato. Mas acho que isso não se encaixa na percepção do que que é ser jornalista, do que o jornalismo é em si.

Porto: E com o contato com os alunos, e com outros colegas, tu tem comentários ou percepções sobre a relação entre essas duas partes, dentro do ambiente de trabalho?

Tamara: O que aconteceu muito é que as redações ficaram muito mais jovens. Muita gente que começou a ficar mais velha foi demitida e eu acho que isso faz uma grande diferença. É muito ruim. É muito importante nas redações ter essa mistura, ter gente nova e ter gente mais velha, porque as duas coisas são importantes. A experiência é muito importante, a vivência. E em geral, eu sinto que os alunos que têm contato com editores mais experientes, eles têm um respeito. Eles gostam de aprender com a experiência dos outros, mas são poucos os lugares que têm alguém muito mais velho junto com jornalistas jovens, pelo menos que eu tenha contato. As redações estão muito novas e eu acho que tem uma perda aí que é a significativa. É muito importante essa troca, da pessoa que tá há mais tempo e do mais jovem, o novo que vem com umas propostas diferentes, ideias novas. É uma relação fundamental. É uma relação fundamental na vida, por que no jornalismo seria diferente?

TRANSCRIÇÃO CLÓVIS

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Então, para iniciar, tu pode falar o teu nome e a sua idade por favor?

Clóvis: [REDACTED], tenho 46 anos.

Porto: Certo. E qual o curso que tu se formou?

Clóvis: Eu fiz jornalismo na [REDACTED] [universidade pública da capital gaúcha], entrei no ano de 94, no segundo semestre, e me formei em 2001. Nesse meio tempo, eu peguei algumas greves pelo caminho, coisas que acabam acontecendo em universidades públicas, e me atrasei. Levei um ano e meio a mais, mas me formei em 2001.

Porto: Mas isso no jornalismo também não é tão incomum né?

Clóvis: a gente tinha que fazer alguns estágios no horário de aula também, então algumas coisas vão ficando para o final, algumas eletivas. E chega no último semestre, dá uma correria para cumprir aquela carga de eletivas, às vezes, que tu não fez durante o curso. Então, isso acabou atrasando, mas é normal.

Porto: Faz parte. E qual a área que tua hoje?

Clóvis: Hoje, o ato no jornalismo impressos, no [REDACTED] [jornal da capital], sou editor de economia. Eu entrei aqui como repórter de economia, passei por várias editorias, vários setores. Depois, fui editor de cultura e voltei para a economia. Faz um ano e meio mais ou menos.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Esse foi o primeiro eixo, bem rápido mesmo. E agora a gente começa a conversa de verdade, sobre a tua trajetória. Como que tu escolheu a profissão do jornalismo?

Clóvis: É uma pergunta bem... eu vou te responder baseado na minha memória, empiricamente. Na verdade, desde criança eu gostava de escrever. Na minha cabeça, escrever era uma coisa ligada a literatura. E quando criança tu não tem noção do que são as profissões, o que é mercado. Tô falando aqui quando tinha uns 7, 8 anos. Eu gostava de escrever, chegava da aula e escrevia tudo de novo, passava a lição a limpo em outro caderno. Depois, o meu pai comprou um quadro-negro e colocou na garagem, daí, eu comecei a escrever as disciplinas nesse quadro. E com isso, eu

percebi que eu queria aprender mais sobre língua portuguesa. Daí, eu fui crescendo, fiz primeiro grau, no interior, segundo grau... Eu cheguei em Porto Alegre e acabei fazendo uma escola técnica, vi que não era aquilo e, daí, eu pensei que eu queria fazer jornalismo. Além de escrever, eu também gostava muito de ler. Lia muita literatura de ficção, muito texto histórico, eu sempre gostei de ler. E não tinha internet, então, a leitura era nossa companheira. Eu também assisti a muita televisão, e comecei a gostar do jornalismo, da questão das notícias, e acabei indo nesse rumo. Na minha cabeça, o Jornalismo e a Informática meio que estavam relacionados, porque tinha a ver com tecnologia, a tecnologia com a comunicação. Depois, eu vi que não tinha nada a ver, as duas se complementam, uma a outra. Elas andam juntas. O jornalismo e a tecnologia, tecnologia e a comunicação. E acabei fazendo vestibular no jornalismo, em 94 na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha], foi a minha primeira opção. Também acabei fazendo na [redacted] [universidade confessional] no mesmo ano, e não passei na [redacted] [universidade confessional] e passei na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha], para minha sorte. Eu já imaginava. Mas minha escolha foi basicamente baseada nisso, pelo meu gosto pela literatura, pelo meu gosto por escrever e pelo meu gosto por assistir telejornal. Eu sempre fui um jovem, adolescente, de assistir telejornais. Eu gostava mais de telejornais do que assistir, por exemplo, programas de entretenimento, que eu também gostava. Eu gostava de ler textos de jornais e acabei indo para o jornalismo, tendo essa visão um pouco romântica da profissão, e que seria o ideal, retratar o dia a dia, a verdade... Eu gostava daquela questão do ambiente da televisão, que eu acabei não me direcionando, mas foi assim que eu entrei no jornalismo. Não tenho nenhum parente jornalista, nada, sou o primeiro da família. Influência familiar não teve nenhuma, foi mais o meu desejo mesmo, desde pequeno.

Porto: Entrando um pouco nisso que tu falou, o que tu esperava da profissão? Quais eram as tuas expectativas do jornalismo quando tu ingressou no curso?

Clóvis: A gente, quando entra no jornalismo, entra um pouco com a visão diferente do que é o curso. Eu pensava mais nessa questão meio literária. Eu queria escrever e eu gostava de escrever, desenvolver texto né? E isso acabou me dando uma visão meio errônea, mais próxima, talvez, de letras. Talvez eu devesse ter ido para letras. Eu gostava de literatura. Mas aí quando eu entrei no curso, eu vi que o jornalismo oferece uma visão ampla de toda a sociedade. Tu tem aquele início meio igual para todos os cursos, até o quarto semestre - pelo menos era assim na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha], nos anos 90. Então, ficava todo mundo junto, pessoal de Publicidade, de RP e de Jornalismo, o curso era Comunicação Social, habilitação em jornalismo. Eu não sei se mudou já?

Porto: Sim, hoje é só jornalismo.

Clóvis: Ah, é separado. Isso era legal, porque fornecia uma visão um pouco mais abrangente do curso. Quando eu entrei, eu confesso que eu fiquei pensando "Por que

que tem que saber um monte de filosofia? Por que tem que saber estatística?!". Normalmente, quem é de humanas não quer saber de exatas. Só que no início do curso tinha isso, jornalista tinha que saber estatística, tinha disciplina de marketing, algumas coisas meio casca dura no início, que para alguém que vai para área de humanas, de comunicação, não gosta. Só que depois, tu entende, que tu precisa saber interpretar um gráfico para fazer um texto de economia, por exemplo. Isso eu costumo dizer para todo mundo: a gente não consegue viver sem economia. Fazendo um parêntese, eu pergunto para os meus estagiários se eles gostam de economia, e eu falava "tu tem que gostar, porque a economia que te permite pagar as contas, que permite estudar, permitem os teus pais e tu de viajarem para praia. Tu tem que saber como funciona essa engrenagem que leva o dinheiro para dentro de casa". Então, eu fiz esse parentes, para mostrar que o jornalismo, mais do que aquela visão de retratar os fatos, mostrar como eles são, ele também tem uma função social de desmistificar essas questões para as pessoas. Mostrar porque que os juros estão subindo, porque tal ação está em alta, porque o dólar subiu... Isso tudo vai impactar na renda, na escola das crianças, no preço do plano de saúde, na manutenção do carro... Só que isso tudo, eu fui descobrindo com o passar do tempo, após superar a visão um pouco mais romântica, e quando eu falo romântica, é essa visão um pouco mais pueril. Achando que o jornalismo é aquela coisa que a gente aprende e que ele deveria ser... Mas quando eu entrei eu consegui, então, a partir desses primeiros semestres mais duros, compartilhado com os outros cursos, eu fui tendo cadeira de política, design. Isso tudo eu vejo hoje, que eu tenho certa clareza. Não eram disciplinas que eu gostava de fazer na época, admito, mas eu sabia que tinha que fazer. E depois que eu concluía as disciplinas de filosofia, é que eu me dava conta de como era importante fazer filosofia. Coisas que até hoje eu me lembro das aulas de filosofia, embora na época, às vezes eu não gostasse... talvez pelo professor, e tem muito disso na faculdade, a gente cria ranços com os professores. Mas esse preâmbulo todo é para dizer que a minha visão mudou depois que eu entrei [na faculdade].

Eu sempre soube que eu não ia ficar rico fazendo jornalismo e isso alguns parentes meus disseram antes do curso. Porque eu não tenho nenhum parente jornalista, mas a família principalmente do lado da minha mãe, eles são do interior, moram em regiões mais pobres economicamente e que tem muito aquela questão do campo rico, fazendas... de tu trabalhar no campo e vender gado, plantar arroz. Tinha alguns tios nessa situação e eu me lembro de ouvir comentários na família "Tu vai viver de que? Tu vai comer jornal? Por que tu não vai fazer medicina, direito, engenharia?". Mas aquilo entrava por um ouvido e saía pelo outro. Porque quem importava para mim, que era o meu pai a minha mãe, eles não estavam nem aí. Eles me deixaram livre para fazer o que eu quisesse. Então, eu nunca me deixei influenciar, porque se todo mundo for se deixar influenciar pelo que os outros pensam, provavelmente, ninguém seria jornalista. Porque a profissão já é complicada há muito tempo. Eu entrei na faculdade em 94 e o mercado já estava saturado. Isso já se passaram 25 anos e o mercado só piora. O que a gente teve, foram algumas mudanças de mercado. A questão da sociedade de imprensa, o papel do jornalista mais como redator de conteúdo, que é um mercado que se abriu... E mesmo assim, hoje, continua saturado. Eu não sei te

dizer agora como estão os últimos vestibulares, mas o jornalismo sempre teve as cabeças, em termos de densidade. É difícil explicar, é porque o mercado sempre foi complicado para gente, e continua sendo. Ainda mais em uma época que os veículos estão diminuindo, demitindo, que o mercado está mudando, que a tecnologia entrou com tudo...

Porto: E durante a tua formação, como é que tu foi se sentindo, ao longo da sua trajetória, em relação ao curso e ao ensino?

Clóvis: eu não tinha muito a base de comparação. Eu sempre ouvi falar que a pública tinha a melhor faculdade, era a melhor universidade. Então, a gente passar na pública era ter melhor ensino, na minha família, ninguém mais estudou na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha]. E realmente, eu gostei muito da universidade pública, gostei muito do curso, gostei muito dos professores. Eu vi a que as pessoas eram dedicadas. A gente tinha deficiências, de material, de laboratório. A questão do computador tava iniciando ainda, mas na privada já tinha laboratório. A [redacted] [faculdade de uma instituição confessional da capital] sempre teve essa questão tecnológica muito presente, tanto que foi considerado o melhor curso de jornalismo por anos. Mas a [redacted] [universidade pública da capital gaúcha] tinha essa questão do capital humano muito importante. Na minha formação, eu tive professores que foram importantes para trazer para mim essa noção de universidade pública, ensino público e mostrar que quem tá lá ensinando não é vagabundo, quem tá lá aprendendo também não é vagabundo. Às vezes a gente escutava isso, que quem tava lá dentro era filhinho de papai. Não era, tinha muita gente que não tinha condições. Às vezes o cara fez o vestibular 4, 5 anos até conseguir passar. Às vezes o cara fez cursinho, pago com ajuda de amigos, que foi o meu caso por exemplo. Meu pai juntou os meus irmãos e falou que eles iam pagar pelo meu cursinho, eles eram mais velhos. E eu fiz o cursinho que me ajudou entrar. Eu fiz o segundo grau público, e infelizmente, tu não sai preparado para enfrentar essa maratona, esse funil que é o vestibular. O sistema por um lado é um pouco injusto, as cotas melhoraram um pouco isso. Na medida que tu tá na universidade, tu vai se dando conta de como funciona. Tu te dá conta de como é importante ter um curso numa universidade pública, ensino de qualidade, uma instituição em que todos são ouvidos, com professores de qualidade. Rolava muita coisa que a gente ainda vê hoje, não dá para negar, faltava professor, tinha que recuperar aulas, questão de greve... Isso atrapalha o ensino, mas como eu vinha de uma formação anterior de escola pública, eu fui criado em greve... só que a gente, como estudante, também tá cansado e queria sair da faculdade de uma vez. Cansa... tu quer ir logo para o mercado, naquela visão romântica do mercado.

Mas depois desse susto inicial, porque eu não sabia que esse período inicial era essa coisa mais geral, da comunicação, e não do jornalismo... Tudo isso, tu percebe a importância depois. Eu só lamento de não ter saído antes da faculdade. Mas eu fiz algumas opções logo que eu entrei, de estagiar já em 95, num programa de TV. E aquilo me tirava no período da noite para complementar as cadeiras, mas foi uma opção minha. Depois na metade final do curso, eu vi que eu tinha deixado algumas

coisas para trás e isso iria me atrasar. Eu tive vários colegas que entraram comigo, no meu ano, e saíram no máximo meio ano depois. Só que essas pessoas não trabalharam. Gente que passou o curso inteiro estudando. E eu acho importante estudar, mas, a partir do segundo semestre, o cara já pode começar a estagiar. No primeiro semestre, tu ainda tá se ambientando, mas no segundo semestre é importante já estar no mercado. Eu digo isso para gurizada que vem fazer estágios. A gente tem um estagiário que está indo embora e que fez dois anos com a gente. Ele está recém no quinto semestre, então, ele tem ainda mais 3 ou 4 semestre para estagiar. É ruim depois ficar com o diploma e começar a bater na porta de jornal, de empresa, e não ter experiência. "Ah mas as empresas não deveriam pedir experiência de recém-formados", realmente, não deveriam, mas o mercado não é assim. O mercado pede. Qualquer estágio que te dê experiência de texto, experiência com fonte, de responsabilidade, saber fazer entrevista, de redes sociais, para aprender sobre SEO... tudo é para acrescentar. Conhecimento não ocupa espaço. É uma bobagem, mas é verdade. Não dá para sair da faculdade sem nada de prática. Isso vai ajudar muito a vida profissional.

Porto: E como tu percebia as disciplinas durante a trajetória?

Clóvis: Tinha disciplinas que eu detestava, essas mais ligadas às exatas, à estatística, eu cheguei a fazer duas vezes por causa disso. Só que essa disciplina era pré-requisito para outras, isso eu fui me dar conta depois. Isso tudo eu fiz, porque eu tava numa universidade pública e não tinha que pagar. Se eu estivesse em uma universidade privada iria ser diferente. Por um lado, é ruim de dizer isso, eu tive colegas que ficaram mais tempo e não se formaram. Imagina o tempo que as pessoas ocuparam dentro da universidade que podia ser de outra pessoa, mas enfim... Uma coisa que eu achei muito interessante, foi as disciplinas, a partir do 3º semestre, que a gente entrava especificamente na questão do jornalismo. Redação jornalística, diagramação, vídeo, gravar pequenos clipes, na rua...

A partir do terceiro, quarto semestre, eu comecei a perceber que eu queria mais era trabalhar com texto. Desde o início eu gostava de escrever. Tinha uma revista que a gente produzia para o final do curso, e eu não via a hora de fazer essa revista. Eu tinha um verdadeiro pavor das disciplinas de rádio, inclusive já trabalhei com rádio, mas não era minha praia e eu não tenho voz para rádio. Mas passei com a, tudo maravilhoso. E todo mundo tem disciplinas que gosta, e que não gosta, só que é importante saber. Essa questão do profissional multifacetado, sabendo um pouco de tudo, é importante na nossa formação. Isso, eu repito para todo mundo. Às vezes as pessoas chegam aqui muito focados, querendo ser repórter esportivo, e depois elas percebem que o mercado não é o que elas pensavam, e percebem que tem que ter disponibilidade de trabalhar em outras áreas da profissão. Como profissional, assim, tem que manter a mente aberta e não pensar que não quer trabalhar com determinadas áreas. Tem que trabalhar com tudo. Infelizmente, a gente tá passando por um processo, e que não é só no Brasil, de enxugamento das redações. O jornalista, hoje, tem que fazer cada vez mais coisas, tem que fotografar, editar um

texto, selecionar uma foto, fazer chamada... Então, isso pode ser no New York Times ou no [redacted] [jornal da capital gaúcha], isso acontece porque as redações mudaram e isso tudo é impactado pela tecnologia e pela questão de enxugamento de custos. O mercado mudou, fazer jornalismo empresta caro, trabalhamos com muitas coisas importadas. Então, jornais que ainda mantêm em jornal impresso diariamente, eles são meio heróis, porque na verdade não dá lucro, a margem é muito pequena. E eu te digo que eu não vejo o horizonte muito longo também para o jornal impresso, não tem como. A gente tem uma questão de mercado que exige essa mudança para digital. E uma coisa que eu fiz errado, e acho que as pessoas não devem fazer nunca, é a questão de não deixar o trabalho final em segundo plano. Como eu fiquei muito envolvido no meio do curso com a questão de escrever, fazer estágio, chegou o sexto e sétimo semestre, que eu tinha que pensar em monografia, e daí eu pensei em 3 ou 4 temas, não consegui decidir nenhum, minha orientadora já tava no meu pé... E acabei tendo todo oitavo semestre fazendo o TCC junto com algumas disciplinas que eu acabei deixando, mas o ideal é o cara começar a pensar nisso pela metade do curso. Quando eu entrei na faculdade eu pensava que eu ia fazer um trabalho ligado à semiótica, mas eu não tinha a menor ideia do que era. Eu gostava do nome. Daí, eu acabei mudando completamente, quando eu estava me formando, início dos anos 2000, a internet já vinha com tudo. Não era o que é hoje, mas já se falava muito e já surgiram algumas questões que continuam até hoje. Questões sobre direito autoral, propriedade da obra, aquilo que Walter Benjamin falou lá nos anos 40 de reprodutibilidade técnica, continua até hoje. E eu acabei fazendo um trabalho sobre o direito autoral na internet, direito autoral de texto, de material intelectual. E vejo que, mesmo hoje, esse assunto é difícil de estudar, não sei como eu fiz o TCC sobre isso. Eu via que o material era super escasso, tinha pouca pesquisa nessa área...

Porto: Teve alguma disciplina ou professor que te marcaram de forma especial durante a sua trajetória?

Clóvis: Teve, cinco. A própria professora de filosofia, que acha que até hoje ainda é professora, se eu não me engano. Ela era muito austera, muito rígida. A gente tava no início do curso e eu ficava muito irritado. Ela mandava a gente ler uns textos enormes e, a gente não entendia nada, e ela dizia que o nosso problema era deficiência de leitura. Hoje, eu vejo isso como algo importante para gente se dar conta do que estava acontecendo, mas na época parecia um xingamento pessoal. A gente ficava até meio amedrontado, ninguém confrontava ela. E, ainda hoje, se tu pega um texto complexo e tu não tem uma base literária boa, tu vai ter dificuldade. É o grande problema, hoje, da nossa Juventude, que a gente fala de textos curtos na internet, que as pessoas não leem... Então, eu sempre achei importante e eu comecei a me dar conta depois, quando eu tava nesse período da faculdade. A gente teve um professor, uma disciplina chamada Mercadologia. Ele era de origem alemã, e ele era, também, super rígido. Mas parece que quanto mais rígido era o professor, mais vontade tu tem de aprender a disciplina. Às vezes, até com um pouco de ódio. Essa vontade de não passar vergonha de mostrar que tu sabe. E é verdade, entendeu? Aprender com essa

grana assim é bom para pessoa que tá desestimulada. Tu precisa ter alguém que te traga para realidade e te puxe. A vida não é só aquilo que a gente gosta. As disciplinas de redação, tinham 4. A minha monografia, com a professora [REDAZÃO]. Ela é uma pessoa que deve ser responsável por metade dos Jornalistas que estão na ativa hoje no Rio Grande do Sul. Ela orientou muito trabalho. Ela segurou essa barra da monografia comigo, uma pessoa que eu tenho muito carinho, até hoje. Também a professora [REDAZÃO], uma professora inteligentíssima, de um carisma... uma pessoa que sabe contextualizar, ouvir o aluno. O professor [REDAZÃO], que era uma figura quase que folclórica na universidade, ex-combatente, chegava na universidade de moto, meio loução. Ele dava a disciplina de Jornalismo Comparado e ele que nos deu gosto de diferenciar matérias de diferentes veículos... Nos ensinou a fazer e a pensar em coisas que a gente faz, incentivar a mente. E não dá para mentir, que a redação é quase que uma linha industrial, a gente tem um horário a cumprir. Às vezes a gente não consegue pensar numa página, um produto final como a gente gostaria de ter. Tem o imediatismo, tem que botar as matérias no ar no site, isso tudo também faz parte dessa mudança de mercado.

Porto: E quais os espaços que tu acha que se fizeram mais presentes na tua formação (sala de aula, laboratório, estágios, cursos...)?

Clóvis: Sala de aula e estágios. Os laboratórios na [REDAZÃO] [universidade pública da capital gaúcha]... a gente tinha um laboratório que era o Lico, mas estava surgindo ainda, eram poucos computadores e eu fui ter contato mais para o fim do curso. Quando eu comecei a fazer a primeira disciplina de redação, ainda tinha máquina de escrever na biblioteca. Ao mesmo tempo, no segundo semestre que eu tava na faculdade, eu já comecei a estagiar. Então, tinha contado com fonte, marcar entrevista... eu trabalhava para um programa de TV. Então, tinha contado com pauta de TV, ler material. Isso foi muito importante para mim, eu tinha uns 21, 22 anos. E essa questão dos estágios, por opção minha, acabaram atrasando a minha formatura e hoje eu penso que eu não mudaria isso. Foram importantes e eu não deixaria de fazer os estágios para sair no tempo exato de 4 anos. Eu acredito que eu sairia diferente, sem uma formação e importante para mim naquela época. Estágio não é exploração, tô cansada de dizer isso. Ninguém abusava e dizia que vai passar o dia inteiro aqui fazendo as coisas. A gente trabalhava que nem qualquer outro profissional, e tu aprende. Os Estagiários que vem trabalhar comigo eu falo que está já para aprender e é muito fácil tu chamar um estagiário e deixar o cara no canto fazendo uma notinha de obituário. A gente coloca as pessoas para fazer pauta na rua, sob supervisão minha, mas coloca. E a gente ensina a escrever, a gente fica horrorizado pessoas que não sabem escrever, que põem ponto em título... Eu diria que o ideal é conjugar a tua formação com os estágios. Claro que hoje em dia a gente tem um papel dos laboratórios muito diferente, entrou a internet, mas para minha formação, eles não foram importantes.

Porto: e agora já pegando esse gancho, o que que tu acha que um estudante de jornalismo precisa aprender para ser um bom jornalista?

Clóvis: tem que gostar de ler, tem que ser curioso, tem que ter paciência. Por que gostar de ler? Ele tem que saber escrever e para saber escrever, tu tem que ler. Não adianta, ninguém tem um texto bom se não leu. E eu não tô falando de textos clássicos tá? Tu pode ler romance, Agatha Cristie... E não é começar a ler aos 20 anos, tem que começar antes, não dá para chegar na faculdade sem saber escrever. Eu já vi muitos profissionais bons, mas que não sabiam escrever, de várias profissões. Paciência, também. O jornalismo exige paciência. Às vezes tu tem que ter paciência com o editor que vai mexer no teu texto. Ao mesmo tempo que a gente muda um texto, a gente tem que explicar por que que mudou esse texto. A gente não edita um texto para piorar, é sempre para melhorar. Às vezes o repórter faz um título, ou muda a vírgula de local, ou não cita a fonte, ou errou nas aspas. E te digo que, com essa questão do remoto, eu acabo vendo os textos só quando tá pronto, o que também prejudica. Quando a redação, era integrada todo mundo junto, dava tempo de tirar dúvidas... Sempre tive a sorte de ter chefe que me ensinaram. Sobre a curiosidade, isso me lembra um pouco o filme do Hitchcock, "Um corpo que cai". O que o cara fica na janela cuidando de todo mundo. E não é ser enxerido, é curioso, é saber o que tá acontecendo ao teu redor. O jornalista é um pouco assim, às vezes a gente está na parada de ônibus esperando o ônibus, e as coisas começam a acontecer. Um acidente de carro, ou ele tá dentro do ônibus e vê que o sistema eletrônico de bilhetagem não tá funcionando, ele vai pegar o avião e vê que tão usando o sistema biométrico para o cadastramento de passageiros, tudo isso pode ser matéria. Tu começa a ter uma visão um pouco mais aguçada no teu dia a dia e de coisas que passa aí eu despercebidos. Eu chamo isso de curiosidade criativa, curiosidade jornalística. A gente tem a tendência um pouco de passar, assim, que nem cavalo... passar reto, sem olhar para os lados às vezes. A gente vive com medo, tem medo de assalto, a gente anda um pouco apavorado nas cidades, fica mais em casa, fica mais restrito, com essa questão da internet e dos streamings por exemplo. A convivência diminuiu e a depressão aumentou. As pessoas começam a se confrontar com os próprios problemas... Eu costumo dizer que essa curiosidade criativa alimenta o interesse pelo mundo. Isso que, por alguns, pode passar às vezes por bisbilhotice, mas não é. Pode muito bem virar uma matéria, pode ser importante. Idade de querer saber o que está acontecendo a nossa volta, não fica fechado as coisas ao nosso redor. Obviamente, tu não pode ficar o tempo todo ligado no 220 se não consegue descansar nunca. E a gente tem colegas assim, que mesmo de férias fica elétrico e não sabe desligar um pouco esse Faro.

Porto: E tu acha que tu teve esses ensinamentos dentro da faculdade?

Clóvis: Eu não tive, não. Até porque nunca se falou muito nisso, eu acho que é uma coisa mais instintiva, mais intuitiva, de pessoa para pessoa. E a gente também desenvolve isso no comportamento. Eu tenho isso em casa, de, às vezes, ir lá na

minha janela olhando para os lados, no elevador, na rua... Na faculdade, ninguém disse essas coisas, a gente tinha professores que falavam que a gente tinha que se manter atualizado com o que acontece no mundo. A gente vive de informação, trabalha com informação, a gente tem que saber o que tá acontecendo no mundo, saber o que é notícia. A gente tem o dever de se informar. Até porque, quando a gente vai para o Twitter fazer um comentário a gente tem que saber sobre o que que a gente tá falando. Tem muita gente que dá importância porque o jornalista fala, não é à toa que muitos profissionais são formadores de opinião. Com um cara que segue determinado apresentador, acredita no que aquele apresentador diz. A gente tem que cuidar com aquilo que a gente fala. Então por isso que é essencial ter esse olhar um pouco mais aguçado, instintivo, curioso. Tu não pode se fechar para o mundo, ou fazer só aquilo que tu quer...

Porto: Tu acha que a universidade tem que incentivar essas características?

Clóvis: O aluno tem que sair curioso da universidade. Não sei se ele entra curioso... acho que ele entra curioso em relação ao concurso, não com o mundo. Acho que a gente vive numa época que a gente tá um pouco acomodado, com a questão da tecnologia nos trazendo tudo muito facilmente, a gente não procura mais informação, a gente tem a informação 24 horas por dia na palma da nossa mão. Se tem que fazer uma pesquisa, a gente vai no Google, não vai mais à biblioteca como era na minha época. A gente tinha mais trabalho para buscar. Hoje, a gente tem a informação ao alcance. Ao mesmo tempo tu não sabe o quanto dessa informação é verdadeira, quanto é falsa, o quanto essa informação tá certa e o quanto tá errado. Tu tem que peneirar essa informação, selecionado as fontes da informação. Não é à toa que a gente tem esse debate sobre *fake news* incendiando o país. As redes sociais viraram veículo de informação para muita gente, tenho parentes que acreditam em tudo que vem pelo *whatsapp*. E que não vem televisão e não assistem telejornal, porque é tudo mentira... Daí tu vai explicar que as coisas do *whatsapp* são falsas... A gente também tem esse processo de descrença do jornalismo, infelizmente. Tem aumentado nesses últimos anos essa percepção sobre os jornalistas, essa descredibilidade, desvalorização da comunicação. Se até as autoridades no governo federal desprezam o trabalho dos jornalistas... A gente vive numa época que as pessoas acreditam no que elas querem, não é à toa que no *Twitter* as pessoas seguem quem elas querem, no *Facebook* a gente é amigo de quem a gente quer, a gente só vê o que a gente gosta e o que a gente quer. A gente não quer ver o contraditório, isso nos obrigaria a pensar fora da caixa. E a gente está numa tendência de ficar acomodados... A gente tem o *streaming* dentro de casa nos dando os conteúdos. E é legal, ainda mais em época de pandemia, mas as pessoas ficam um pouco anestesiados, ficam dentro de casa o tempo todo, não pega um livro para ler às vezes. E eu não tô tentando dizer que o entretenimento é ruim, ele é bom, mas a questão de ficar o tempo inteiro conectado... A gente tem uma dificuldade de desconectar, se desligar.... Contigo mesmo, eu tô falando contigo, mas tem outro celular que tem mensagem entrando. Eu saio de férias e eu não posso desligar o *whats*, porque eu também me comunico

com a minha família, mas ao mesmo tempo eu recebo pautas por *whats*... Mas às vezes a gente tem que sair do automático para não deixar de ver o mundo, e as suas mudanças, e o que que pode acontecer com a nossa profissão também.

Porto: Como tu inchar o desenvolvimento e as transformações do ensino? Pensando também nesse acompanhamento que tu tem como os estagiários, o que tu observa que mudou?

Clóvis: A questão tecnológica mudou muito, a questão dos laboratórios. Eles têm mais disciplinas que fazem essa conexão entre comunicação e tecnologia. A questão da *cibercomunicação*, do *mundo líquido*, de nada mais ser apenas aquilo que aparece. De a gente ter a comunicação dependente da internet, e a sociedade também. Quando eu estudei a gente tinha algumas disciplinas sobre pós-modernismo e, até então, era tudo teoria, e daí a gente viu que aquilo tudo passou a ser verdade. Aquilo que existe... esse outro mundo, quase um mundo Matrix, que as coisas fluem sem limites, que a informação flui sem limite. E quando vier o 5G, que promete revolucionar ainda mais a comunicação, a internet controlando a cidade... Eu acho que isso tudo hoje tem que estar interligado na formação das faculdades. E isso tá acontecendo, eles chegam sabendo muita coisa que a gente levava anos para aprender, o que é normal de geração para geração. Assim como meu pai tinha dificuldade e não sabe até hoje ligar um computador, aí para mim isso é uma coisa muito fácil. Eu, hoje, não sei mexer e não uso tablet, não sei fazer stories, mas quem tem 15 anos faz rindo, porque já cresceu nesse mundo. E vai ser assim com as futuras gerações. O jornalismo tá andando junto com isso, com essas tecnologias e com essa gurizada.

(Aqui a conexão ficou ruim e o entrevistado tinha um compromisso em seguida, marcamos a continuação da entrevista para a semana seguinte)

Porto: depois da tua graduação prosseguiu estudando de alguma forma?

Clóvis: não, eu tentei o processo seletivo para mestrado duas vezes na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha], em comunicação. A princípio, era algo que eu queria na época e como eu acabei não sendo aprovado em nenhum dos dois processos, e cada ano é uma tentativa e envolve fazer projeto, um certo desgaste, eu larguei de mão naquela época e pensei depois eu tento mais tarde. Só que daí, eu acabei ficando no mercado, trabalhando, não tinha tempo, mas hoje eu ainda sinto falta de estudar. Eu estou agora fazendo uma pós-graduação EAD na unitter, sobre redes sociais, porque é importante a gente saber isso. Mas na época, sim, eu tentei continuar e acabei não conseguindo, isso ficou meio adormecido durante a minha carreira profissional inteira, agora que talvez eu esteja pensando em retomar um pouco.

Porto: Tu considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da sua profissão?

Clóvis: Sim, importantíssima. Para ser jornalista, a gente precisa ter a formação acadêmica. A grande polêmica de precisar ou não do diploma... eu sou a favor de que tu precisa do diploma, porque a gente precisa dessa formação humanista que a faculdade nos traz, precisa da formação técnica que a faculdade nos traz. É diferente de tu ter experiência de texto, de tu saber redigir uma entrevista, saber conversar com uma pessoa, esses tecnicismos. Até pode ter não sendo jornalista, mas a questão humana, da conversa em um texto, só a faculdade vai saber te fornecer esse complemento. Então, eu acredito que é super essencial.

Porto: e tu considera que é importante então seguir estudando depois da graduação?

Clóvis: Sim. Quando eu fiz faculdade, 20 anos atrás, a gente brincava que era super importante a gente saber em inglês e informática. Hoje em dia, isso não basta mais, faz muito tempo que mudou. A gente tem que saber em inglês, tem que saber um pouco de francês, um pouco de alemão, espanhol, informática, internet, saber gravar uma entrevista, editar uma entrevista, pensar um projeto inteiro... Então, a profissão muito mais abrangente. E esse complemento a gente precisa ter via pós-graduação, sejam MBA em comunicação digital, ou mestrado em comunicação... Mas eu acredito que é importante sim continuar estudando.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Esse foi o segundo eixo, e agora a gente entra na trajetória profissional. E como que se deu o teu ingresso no mercado de trabalho, pensando bem inicial de estágio?

Clóvis: minha entrada no mercado de trabalho aconteceu no segundo semestre, e 95. Eu fui fazer um estágio no programa de TV da [redacted] [extinta emissora de televisão]. E até então, qualquer trabalho em jornalismo para mim era inédito. Foi muito legal, eu fiquei seis meses lá, conheci muita gente, aprendi a lidar como entrevistados, fiz amizades e conheci gente muito bacana. Foi um emprego que me deu oportunidade de conhecer, de saber, um pouco mais sobre o dia a dia do jornalismo. Depois dali, eu acabei saindo, fiquei seis meses e fiz um processo seletivo para um estágio no governo do estado, ainda em 95, no gabinete do Governador. E nesse, eu fiquei até o final de do Governo, em 1998. Eu trabalhava diretamente no gabinete, fazendo levantamento de dados e redigindo matérias para alimentar o site do governo. Éramos um grupo de seis estagiários contratados para alimentar essa rede, a gente era subordinado a um gestor de comunicação e a gente fazia esse trabalho conforme as demandas que iam chegando das secretarias. Para mim, isso foi muito importante, porque a gente pegou o processo todo de informatização. Foi onde eu tive meu primeiro contato de verdade com computador e trabalhar diretamente com a internet, a questão do e-mail, aplicativo de comunicação. Foi

importante para essa questão técnica da informática. Depois disso, eu fiz um trabalho *freela* de rádio, que era acompanhar o movimento nas estradas, o movimento para o litoral, durante feriados e o verão, fazendo entradas ao vivo em rádio. E isso me deu uma outra experiência que eu também não tinha, foi muito legal e durou o verão inteiro. No final de 99, eu entrei para [redacted] [Associação de classe na área da saúde], foi onde eu fiz mais um estágio e fiquei lá até 2002. Lá trabalhava na assessoria de comunicação, de novo a informatização já estava bem mais importante, eu fazia boletins, texto para médico...E logo depois eu ter me formado em 2002, eu saí de lá e fiquei um tempo parado em Porto Alegre. Resolvi ir embora para Curitiba porque eu tinha um amigo morando lá, mas não foi uma experiência muito boa porque eu não consegui trabalho na minha área, fiquei trabalhando com vendas uns 6 meses e voltei para Porto Alegre. Meados de 2003 então eu fiquei uns meses parado, desempregado, até que surgiu a oportunidade de ser *freelancer* aqui no [redacted] [jornal da capital gaúcha]. Eu fiz um trabalho *freelancer* para um caderno especial e depois que eu fiz esse caderno eu fui fazendo outros trabalhos. Até que surgiu uma vaga na editoria de economia e eu fui contratado como repórter efetivo em 2005. Hoje, acabei de fazer 16 anos aqui, aliás. E fiquei um ano como repórter de contabilidade, depois surgiu uma vaga para cobrir mercado financeiro e eu pedi transferência. Fiquei um ano e meio nessa vaga, mas a gente sempre quer evoluir, ganhar mais. Surgiu uma vaga de editor de economia, eu pedi essa vaga também. O meu chefe me deu e fui promovido. Fiquei uns dois anos editando economia e foi quando eu peguei mais o traquejo mesmo de pensar a página, entender as fotos, gerenciar mais o trabalho do repórter, do fotógrafo, da questão mais da equipe de trabalho. Só que aí depois de um tempo, eu queria ganhar mais, queria seguir evoluindo, sempre tive isso comigo, até que surgiu uma vaga na editoria de cultura. Era uma área completamente diferente e eu me candidatei de novo para essa vaga, como editor-chefe. Meu chefe me deu esse voto de confiança e me convidou para ser o editor de cultura. Eu fui morrendo de medo, mas era um salário atraente, diferente e no princípio foi um pouco difícil, porque era uma equipe muito fechada. Quando eu cheguei eu fui meio que visto como um elemento de fora. Isso foi um pouco difícil, não era tão fácil interagir com eles. Só que aos poucos a gente conseguiu criar um método de trabalho. Algumas pessoas acabaram saindo, porque era uma equipe que tinha uma faixa etária muito elevada e alguns se aposentaram. Eu acabei ficando 10 anos como editor de cultura no jornal, até 2019. Até que surgiu uma vaga de editor de economia e eu não pedi a vaga, na verdade, essa vaga surgiu e o editor-chefe me chamou para conversar. Ele já conhecia minha trajetória e sabia que eu tinha um perfil de trânsito muito bom nas áreas e me ofereceu a vaga que eu estou até hoje. Paralelamente, eu sempre fiz trabalho de *freelancer*, texto para revistas, cobertura para sites... No jornalismo, tem várias pessoas que trabalham aqui e acabam tendo outros trabalhos, um tem uma assessoria de imprensa, outro é repórter de uma entidade associativa... Todo mundo se vira. Mas a minha trajetória nesses últimos 16 anos foi aqui dentro do jornal.

Porto: Tu consegue enxergar o teu ensino refletido na prática profissional?

Clóvis: Consigo. O fato de eu gostar de ler e de ter tido uma formação boa nisso... Ter feito primeiro grau, segundo grau, ter a faculdade, é extremamente importante. Ainda hoje, a gente encontra pessoas que saem da faculdade com essa deficiência de texto, e essa questão do texto não se resolve sem tu ter uma bagagem prévia de leitura ou de escrita. Não adianta a pessoa querer fazer Jornalismo e aprender o Português. Tinha que ter aprendido português antes, é a tua língua-mãe, tu tem que aprender desde cedo. E esse é o erro de muita gente deixar para pensar nas coisas depois que chega na faculdade. Foi essencial tudo que eu aprendi, questão de editar texto de lua de fontes, fazer entrevista. A faculdade contribuiu sem dúvida

Porto: Nos teus estágios, essa relação era mais presente, de tu enxergar o ensino?

Clóvis: No estágio, não. No estágio era mais técnico, eu diria. Por um lado, o estágio é bom, e te permite transitar. Sair da questão da academia e vivenciar a prática. Para isso que serve o estágio. É óbvio que o estágio é importante para complementar a faculdade. Mas eu nunca vi o estágio como algo complementar, eu via como um trabalho, uma função. Legalmente, a gente sabe que não é. Tu recebe uma bolsa-auxílio, tu não é considerado funcionário da empresa, mas eu sempre me dediquei muito a isso. Eu sempre me colocava em pé de igualdade com os outros funcionários, pensando que um dia eu ia estar formado e que eu iria virar funcionário efetivo. Então, nunca enxerguei o estágio como algo obrigatório, ou algo que eu não gostasse de fazer, eu sempre enxerguei como algo essencial para minha carreira e por isso que eu acabei atrasando alguns semestres.

Porto: Essa questão técnica, tu conseguia ver isso bem na faculdade?

Clóvis: Quando a gente entra na faculdade, a gente não sabe nada de jornalismo, na minha cabeça jornalismo escrever. Tu não sabe que tem que apresentar, não sabe como fazer um boletim de rádio, como entrevistar... Basicamente, antes de entrar na faculdade, o único contato que a gente tinha era com jornalismo de televisão. Tu via a profissão ocorrendo ali. Só que eu não tinha a mínima ideia do trabalho que a produção fazia no estúdio, que as entrevistas foram gravadas e editadas, nada disso eu sabia, aprendi na faculdade. O conhecimento dessas atividades, isso tudo academia me trouxe.

Porto: O que te levou o trabalho que tu exerce hoje?

Christiano: A função que eu estou hoje tu fala, né? Eu não busquei essa área, ela foi se apresentando no meu caminho. Antes de entrar aqui no jornal eu trabalhei, como eu te falei, em TV, assessoria de imprensa, fiz alguns trabalhos em texto... Só que quando eu entrei aqui, 16 anos atrás, foi que eu me encontrei com o impresso e o texto, aí hoje eu adoro que eu faço. Se eu precisar fazer um trabalho para rádio, para internet, para TV, eu farei um trabalho para esses lugares. Só que eu posso dizer que

o meu *background* profissional é voltado para texto. Eu não procurei o texto, ele me achou nesse meio tempo. Ele foi me buscando, a partir do momento que eu tomei a decisão de ficar aqui dentro. A gente também tem problemas, que nem qualquer empresa. Tem excesso de trabalho e a questão salarial, mas a gente sabe que o mercado tá muito ruim e só piora. Os veículos estão fechando. E eu sou uma pessoa com quase 50 eu não posso pedir demissão daqui para outro. Porque não existem vagas de editores seniores em outros veículos. Eu fico aqui, e vou acabar ficando aqui. Até quando eu não sei. Porque o jornalismo impresso, ele tá passando por um processo de migração para o jornalismo *online*. A gente tá começando esse processo internamente. Isso é um processo lento, trabalhoso, envolve muitas questões de técnicas de informática, montagem de sites, engajamento, é tudo uma linguagem nova. A gente tá falando aqui dessa mistura do velho jornalismo, que é o impresso, com o novo jornalismo que é uma online. E é difícil conciliar essas duas áreas, mas eu tô tentando e vamos ver até onde a gente vai.

Porto: Pegando esse gancho, como é que tu encara o mercado atual?

Clóvis: Terrível. Eu não recomendo a ninguém fazer jornalismo, como eu não recomendava há 10 anos, mas pelo jeito não adianta porque tem muita gente fazendo jornalismo. Eu recebo currículo semanalmente, às vezes diariamente, de gente procurando emprego. Cada vez que a gente anuncia uma vaga de estágio, a gente recebe currículo de pessoas formadas querendo trabalho. Tem muita gente que sai da faculdade e fica desempregado e acaba indo para outras áreas ou empreendendo. E esse jornalismo de veículo está cada vez mais raros, os veículos estão fechando... Tem muita vaga de assessoria de imprensa e comunicação institucional, redes sociais, só que são vagas que o salário, às vezes, meio achatados. A gente tem um piso de R\$ 2.700,00 que é muito baixo. Não dá para uma pessoa viver ganhando isso de salário e pagando mil e pouco de aluguel...É muito insuficiente. É uma profissão que tem esses problemas salariais, a mudança para o digital, um mercado muito competitivo... Infelizmente, eu não recomendaria. E, hoje, se eu fosse jovem, com essa cabeça, eu não iria para essa área da comunicação. Até por ter outros interesses que tenho hoje em dia e que quando eu era adolescente eu não tinha. Eu não recomendo não, acho bem complicado o jornalismo hoje em dia.

Porto: Tu falou de muitos problemas que a gente enfrenta, mas tu percebe alguma potencialidade, coisas positivas, nesse contexto de hoje?

Clóvis: O jornalismo sempre foi essencial para a sociedade, e é ainda mais nessas épocas atuais, com essa questão do imediatismo, com a informação na palma da mão... a gente não consegue mais se desconectado celulares. Então, o jornalismo, ele faz parte disso, desse contexto. Ele entra com a informação que a gente consome todo dia. A informação, ela precisa ser filtrada. Hoje, a informação circula livremente e as pessoas são livres para fazer as opções que elas quiserem, mas a gente tem que aprender que nem tudo que chega na nossa palma da mão é informação verdadeira,

e informação jornalística. Tem muita informação falsa, informação que não foi checada, informação que não é de fonte segura. São problemas que a gente sempre teve, credibilidade de fonte, mas parece que hoje em dia tá cada vez mais presente. Mas o jornalismo vai continuar sendo muito importante para trazer esse reflexo da sociedade para dentro de casa. Por mais que a gente seja criticado por governantes, por políticos, por pessoas que são contrárias de um jornalismo de qualidade... E nisso eu faço um parênteses que a gente sabe que tem veículos que são mais alinhados com o governo, mais de esquerda, mais de direita, mas isso é do jogo. Desde que isso seja mostrado, deixe clara essa posição, não tem problema nenhum. O que tu não pode é desacreditar o veículo por conta dessa posição. Achar que o jornal ou os japoneses que trabalham lá, por isso, não são merecedores de valor. São profissionais que merecem ser respeitados e estão ali fazendo seu trabalho. Nunca antes a gente viveu isso, de ter que tirar o crachá quando vai fazer alguma cobertura, por poder ser agredido por militantes, por manifestantes na rua... A nossa profissão também vive sobre um grande risco hoje em dia. É perigoso ser jornalista.

Porto: Tu se encontra satisfeito com o que tu realiza hoje?

Clóvis: Com que eu faço hoje, sim. A gente sempre pode melhorar, tem questões de fluxo interno, tem um momento da pandemia que nos obrigou a deixar a equipe em casa, os processos ficaram mais trabalhosos... A gente tem que cada vez mais trabalhar um pouco mais para fazer a mesma coisa que a gente fazia antes. A gente perde mais tempo pedindo para arrumar as coisas. A gente reaprendeu a fazer o que a gente fazia antes, depois de um ano e meio tô mais tranquilo, mas foi bem complicado no início. Mas eu tô bem satisfeito onde eu tô. A gente tem alguns problemas, como todos os jornais têm, mas por circunstâncias do mercado. Tem coisas que a gente não consegue fazer e a gente tem que adaptar as coisas.

Porto: E a prática profissional do jornalismo já te levou exercer outras atividades que não fossem propriamente jornalísticas?

Clóvis: Eu já fui jurado, várias vezes, não sei se conta, mas fui jurado em prêmios jornalísticos, concursos de teatro - quando eu era editor da Cultura -, prêmios literários... São coisas que a profissão me proporcionou. Eu viajei bastante, já participei de um congresso de jornalismo na China - representando o Brasil e o jornal. Isso só foi possível porque eu trabalhava aqui, então... Essa área econômica a gente vê bastante isso, agora também parou essa questão turística, mas tinha. O jornalismo me proporcionou trabalhar bastante, conhecer bastante gente, lugares diferentes e conhecer o mundo. Coisas que, talvez por meios próprios, a gente não teria como. É uma profissão que tem problemas, só que também é uma profissão muito legal. E tem uma palavrinha, que minha primeira chefe me disse e que eu nunca esqueci, "o jornalista é que nem empregada, vive de referência". E é verdade, eu sempre digo para todo mundo para trocar cartões, anotar o número do colega. Isso é importante, tu coloca tudo no Whats, a gente nunca sabe o dia de amanhã... Pode precisar entrar

em contato quando for procurar vaga, tem que ter referência, tem que conhecer as pessoas. O jornalista proporcional muito isso e eu sou muito agradecida a ele.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Legal. Agora, a gente vai para o último eixo, sobre a prática da profissão. Como tu enxerga a prática do jornalismo hoje, o que que tu acha que vem mudando?

Clóvis: Acho que o jornalismo tá mais rápido, mais fluido. Pela questão da internet. A gente tem que fazer o mesmo trabalho em menos tempo, tem a pressão do *online*, tem essa disputa interna de veículos. O grande desafio, hoje, do momento, é essa convivência entre o impresso e *online*. Compreender quais são os públicos, quais são os leitores diferentes e as linguagens diferentes. Essa eu acho que é a grande encruzilhada do Jornalismo .

Porto: Como tu acha que esse contexto influencia a tua prática hoje?

Fechando: Influencia porque eu tenho que pensar duas vezes. Tenho que pensar no material que eu tô fazendo para o impresso e tenho que pensar que esse material também vai para *online*. Posso pensar que a resolução das fotos é diferente, que o texto é corrido não *online*, que para o impresso vai a assinatura, e *online* pode sair sem... A gente tem que pensar duas vezes a mesma pauta, às vezes. Tem um repórter fazendo uma matéria, ele produz para *online*, e depois a gente adapta essa matéria para o impresso. E, como editor, eu tenho um pouco desse trabalho de pegar o texto, fazer uma retranca. São suportes diferentes no jornal impresso e *online*. Na verdade, isso influi muito na questão de a gente ter que adaptar nossa rotina diária muitas vezes fazendo um pouco de retrabalho.

Porto: Como se enxerga o trabalho dos teus colegas nesse contexto?

Clóvis: É basicamente a mesma coisa. A gente passa por esse mesmo processo juntos. Os repórteres têm mais a questão que eles estão passando por uma mudança, que começou a uns 2, 3 anos. De escrever primeiro para *online* e depois esse material mudar para o impresso. Alguns adaptaram seus textos, escrevendo um pouco menos, outros não adaptaram e daí a gente que pega esse texto e muda ele... Isso acontece por N fatores... repórter que estão em *home office* e a gente não consegue dar assistência adequada, a gente sabe também que tem deficiências tecnológicas... Tá todo mundo passando por esse mesmo processo de ter que fazer a mesma coisa duas vezes, eu diria. E acredito que em todos os veículos têm sido assim.

Porto: Em outras áreas, que não a redação, como é que tu enxerga isso?

Clóvis: Ah, tem um campo muito vasto que o jornalismo criou. A questão da assessoria de imprensa... a gente brincava na faculdade que quem não dava certo com o jornalismo vira assessor de imprensa. E era uma visão super preconceituosa. Assessoria de imprensa, dependendo, pode pagar muito melhor. Tu tem demandas diferentes, existe um pouco dessa visão torta dentro dos jornais, de não ter saco para falar com o assessor... Isso acontece mesmo, eu recebo 300 *e-mails* por dia, às vezes vem *e-mail* triplicado... então tu também acaba perdendo tempo com isso. E, ao mesmo tempo, tu tem que dar um *feedback* para assessora durante a tarde, às vezes, tu não consegue fazer isso, é um pouco complicado. Eu diria que o que mudou fora das redações é a assessoria de imprensa, que ampliou bastante, e que bom que ampliou. É um mercado que está abrigando esse monte de jornalistas que tá se formando. A questão de conteúdo em redes sociais também foi uma mudança importante, e muita gente que virou empreendedora, e hoje tá fornecendo conteúdo. Eu diria que tem muita gente se adaptando a esse mercado jornalístico que tá há anos com problemas. Pessoas estão sobrevivendo.

Porto: Com essa ampliação do mercado, considerando a assessoria de imprensa, redes sociais, agência de conteúdo... Tu considera que esses profissionais são menos Jornalistas do que os anteriores?

Clóvis: Não, muito pelo contrário. São jornalistas com outra visão de mercado, tiveram a mesma formação que eu tive, com algumas adaptações de currículo, só que tem outra visão de mercado e com capacidades que eu não tenho. Eu não tenho capacidade de hoje analisar métricas de matérias, conteúdos, porque eu não tive a formação para isso. E eu respeito muito quem faz isso. O mercado criou essa figura, criou esse profissional, e eu acho super importante. O fato dele ser formado com o jornalismo só ajuda nesse sentido, se ele é formado em PP, RP, essas outras áreas comunicação, também. Até porque, se tu pensar, os veículos que existem em Porto Alegre, por exemplo, são três ou quatro e não deve ter 50 pessoas em cada redação. Isso não absorve nem metade da dos jornalistas que seriam formados em um ano no Rio Grande do Sul. Para onde vai toda essa gente? Tem que ir para alguma outra área. Não é uma área desmerecida, alguém tem que fazer esse trabalho e a um trabalho super importante. Que bom que são profissionais da área da comunicação que estão fazendo, valorizo muito isso.

Porto: Sobre a tua percepção sobre a prática do jornalismo, o quanto que ela mudou desde o início do curso até hoje?

Clóvis: Mudou bastante. Essa questão de informática, da comunicação, a gente perdi a tempo com *fax*... Hoje em dia, tem tudo na mão, é muito mais rápido. Tu tem acesso a imagens muito rapidamente, banco de imagens, tu consegue entrevistas prontas, a fonte mandando respostas por áudio no *whatsapp*, isso tudo agiliza muito trabalho. Ao mesmo tempo, isso coloca uma pressão para fazer mais em menos tempo. Mas o jornalismo mudou completamente. Um repórter que antes tinha um dia ou dois para

fazer uma matéria, hoje, tem que fazer duas ou três por dia. Porque tu consegue entrevistar o cara mais rapidamente... A rotina do jornalista mudou muito, mas o mercado exige isso. Acabou acontecendo, não vejo demérito nenhum. O jornalismo acompanhou essa evolução do mercado, evolução tecnológica, o perfil antigo não teria como mais, a gente tem um mercado muito amplo que demanda muita informação e essa informação tem que ser rápida.

Porto: Pensando nisso, como é que tu acha que se relaciona as diferentes faixa etárias de jornalistas que tiveram um ensino e uma convivência com o mercado diferente, e hoje trabalham e se relacionam juntos?

Clóvis: Olha, eu vejo pelo meus estagiários, que tem metade da minha idade. Eles são super curiosos, super dedicados, quando eu falo, às vezes, em fazer tal coisa, eles falam que já fizeram. Ele já pensam rapidamente. São muito atinados, e isso vem dessa geração que nasceu nos anos 2000 para cá, essa geração pós 11 de setembro, quando começou o século 21. Eles vêm com a internet na mão, o imediatismo, e ao mesmo tempo é muito legal conversar com eles, porque eles tem umas ideias de pauta muito interessantes, são muito mais ligados a questões de sustentabilidade, questões de responsabilidade social, questões de gênero... Que a gente que é um pouco mais velho fica de fora, em questões mais duras, de economia e etc... Eles conseguem contribuir com essas questões nas pautas, trazendo um olhar diferente. Tu tem outros pontos de vistas que são complementares para tu fazer um produto que também tem que ser interessante, antenado com o que acontece no mundo. Não adianta o jornal fica fechado não falar desses assuntos, são temas importantes. E essas são ideias que surgem dos estagiários, porque são coisas que eu não sabia que existiam. Eles vêm com essas ideias, com esse olhar diferente para rua, que, às vezes, dentro da redação a gente não tem. Então, é super importante esse intercâmbio.

TRANSCRIÇÃO RÉGIS

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Para iniciar, tu poderia falar teu nome e a sua idade por favor?

Régis: Meu nome completo, na certidão de nascimento, é [REDACTED]. Mas o nome profissional é [REDACTED], E o nome de guerra mesmo é [REDACTED]. Estou na flor dos meus 60 aninhos, rumo ao 61, com mais ou menos 37 anos de profissão. Eu me formei em 1985. Comecei a trabalhar nesse ano mesmo, e já tinha estágios na área antes.

Porto: Qual a área do jornalismo que tua hoje?

Régis: Hoje, eu estou atuando em várias áreas, em consultoria. Eu não fechei as portas de nada. Tentando colocar isso de maneira mais objetiva, os caras da minha geração, se eles não estão vinculados à um nicho muito específico no mercado, eles têm que ter um leque amplo, porque o mercado já não aceita eles para várias funções, pessoas com a minha idade, com mais experiência. Então, isso é um fator determinante, tu tem que ter possibilidades. E em tese, eu sou um consultor de comunicação. Consultoria é um termo para lá de amplo, em que a gente vai ter um CNPJ e fazer mil coisas. Eu faço *freelas* de reportagem para TV, recentemente fiz para [REDACTED] [relevante emissora de TV] – coisa que eu fiz a minha vida toda que é reportagem – faço muito *media training*, tenho uma empresa que é focada nisso, especialmente para o pessoal do setor público. Faço campanha política, recentemente, eu fiz toda a transmissão da expointer digital, como apresentador dos telejornais. Ou seja, tô atacando em várias frentes. E agora eu tô me preparando para abrir um canal, focado em jornalismo, uma espécie de tutorial, bem leve e educativo, mais focado no fazer jornalismo.

Porto: E Tu estudou em uma instituição pública ou privada?

Régis: Privada, na [REDACTED] [universidade confessional].

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Esse foi o primeiro eixo, como eu disse, bem rápido. E agora a gente entra na parte que a gente realmente mergulha na conversa, em relação a tua formação acadêmica. Para começar, como que se deu a escolha da profissão do jornalismo?

Régis: Na verdade, foi meio acidental. Eu entrei na faculdade de comunicação na área de publicidade, porque eu sempre gostei muito de cinema e direção, e eu tinha uma vontade muito grande de dirigir comerciais. Só que no período básico, eu comecei a

procurar estágio e num desses estágios, o meu primeiro trabalho foi na produção da TV educativa, para que o estágio se efetivasse, eu precisava estar no curso de jornalismo, senão eles não iam me aceitar. Com isso, eu acabei trocando de curso. E ao trocar, e começar a fazer as cadeiras e teu contato mais direto com esse trabalho, eu percebi que era ali que eu tinha que estar desde o começo. E assim foi.

Porto: E como que foram esses primeiros anos do ingresso no curso de jornalismo?

Régis: Foi muito legal, o curso foi muito interessante e eu trabalhei durante o curso também. Eu trabalhava como monitor da cadeira de televisão, operando os equipamentos para os alunos e também trabalhava em uma produtora de vídeo que existia dentro da universidade que era quem prestava serviço para o curso de telejornalismo. Com isso, eu já fui me envolvendo ali. E ao mesmo tempo eu comecei a tentar me aproximar do mercado estabelecendo contatos, buscando estágios, e assim foi intensificando essa busca até que eu me formei e na sequência comecei a trabalhar.

Porto: O que que tu esperava da profissão? O que o Régis, lá do início do curso, enxergava na profissão?

Régis: Como é que eu vou te dizer... desde o começo, eu nunca fui uma pessoa adepta a visão romântica e bastante interessante, que o Jornalismo é 24 horas, que tem que se doar, e primeiro o Jornalismo e o resto vem depois. Eu sempre pensei que eu queria ter minha vida e que eu queria que a profissão também fosse uma forma de prazer. Então, além de eu gostar muito da profissão, sempre ter me dado muito bem – especialmente por meio da televisão – eu sempre procurei fazer com que aquilo fosse divertido também para mim, não é? Procurei sempre trabalhar pautas que eu criava, além daquilo que eu recebia de missão para fazer. Eu sempre procurei elaborar pautas que iam de encontro as coisas que eu gostava de fazer. Aos poucos, também por conta disso, foi me notabilizando como repórter muito *outsider*, de fazer muita matéria de aventura, porque era uma coisa que tinha muito a ver comigo, de ir para campo, passar trabalho, chuva, frio, esse tipo de coisa. Eu sempre procurei trabalhar a profissão nesse sentido também, crescendo profissionalmente, explorando o maior número de campos possíveis, procurando espaços que eu me encaixava melhor. Como repórter de TV, a gente acaba sendo muito generalista. Eu nunca acabei trabalhando com questões específicas, como setorista de política, por exemplo. Eu sempre procurava ir para o lado mais rua, eu procurava direcionar o meu trabalho e criar uma identidade mais focada em outros gêneros do jornalismo, com os quais eu me identificava mais. Sempre foi muito da matéria especial, procurar matérias mais trabalhosas, especializadas, buscar um acabamento melhor do que aquela coisa muito *standard*, do dia a dia. Sempre procurei tentar fazer com que a coisa fugisse da média, e fazer um pouquinho diferente, por mais que simples que a pauta fosse.

Porto: E quais eram as suas expectativas em relação ao curso?

Régis: Olha, quando tu entra na faculdade, tu vem, obviamente, cheio de expectativas. Eu estudei de 1982 a 85, eram outros tempos, era outro currículo e outra mentalidade. Era o período de redemocratização, como tu citasse lá no início, o que trazia uma ânsia por mais liberdade de expressão, de falar, aquela coisa toda. Mas, ao mesmo tempo, ao contrário do que eu acho que acontece hoje, na época, a minha faculdade e os meus professores não eram tão preocupados com a questão política, como existe hoje. Eu tinha um grupo de professores muito qualificados, e o eventualmente achava que a coisa era burocrática demais, aquela velha história que até hoje permanece... a distância entre a academia e a realidade das ruas, isso permanece e eu diria que até pior. Eu tenho uma experiência como professor universitário também que me deixou com isso muito claro, mais recentemente.

Mas na faculdade eu senti que eu precisava ir além do que os professores estavam me mostrando. Então, eu ia buscando estágio, trabalhando dentro da própria faculdade, tentando buscar formas paralelas de instruir e me atualizar mais do que aquilo que estava sendo entregue para mim. Os meus professores eram, a maioria, de idade avançada. Eram professores mais conservadores no fazer jornalismo, especialmente em televisão, então eu sentia necessidade de me atualizar. Sentia que aquilo estava um pouco antiquado e precisava de uma linguagem mais moderna. Eu senti essa necessidade de preencher essas lacunas, que não eram nada dramáticas, mas que eu sentia isso. A gente não tinha internet, naquela época, para buscar esse volume de informação, então o que eu fazia: eu lia muito, tentava assistir outros canais e buscar informações em outros locais, e assim foi construindo.

Porto: Durante a sua formação, como tu se sentia em relação ao ensino, nessa perspectiva de como que o teu entendimento foi mudando no decorrer do curso até tu te informar?

Régis: Ela foi mudando à medida que eu fui entendendo o jornalismo. Até eu entrar na faculdade, eu tinha uma visão muito romântica estereotipada do jornalismo, aquela coisa do ideal que se cria. E eu fui tomando mais pé da situação, conversando com professores que eram mais experientes e também eram egressos do mercado. Eu fui tendo contato com os conteúdos que me foram apresentados e indicações de literaturas. Tudo isso foi criando uma nova massa de conhecimento que começou a mexer mais com a minha cabeça, no sentido de entender melhor o Jornalismo, o papel da profissão e do repórter; e tentar fazer a diferenciação o que é o lado romântico da coisa, daquilo que realmente era possível fazer no mercado. Foi tentando encontrar e montar essa imagem do mercado, coisa que, na verdade, eu só pude cristalizar quando eu botei o pé no mercado e comecei a ir para rua trabalhar.

Porto: Tu mencionou que quebrou um pouco dessa ideia romântica, e começou a entender que algumas coisas eram possíveis de fazer no mercado. O que era possível fazer?

Régis: Bom, tu como repórter novo, o bom e velho foca, completamente verde, tu se insere no mercado. Quando eu me formei, comecei a trabalhar como repórter na TV Guaíba, e já passei aí a cumprir ordens, ter chefe de reportagem, editores, chefe de jornalismo. E eles começaram a me dar os rumos, impor limites, fazer as cobranças, aquilo que todo mundo faz quando cai no mundo real. Quando tu passa a ser peça de uma engrenagem, que tu tem que entregar um trabalho, tem ordens a cumprir, uma linha que tu precisa seguir de acordo com o trabalho, e aquilo foi construindo aos pouquinhos o que era o mundo real para mim. Tu vai para rua e tu tem um *deadline* para seguir, uma edição que tu precisa encaminhar, tem que fazer um texto razoável, e de bronca em bronca tu vai aprendendo. O que foi possível fazer? Foi o que era necessário fazer, o que era inescapável: ou seja, aprender com aquilo. Fazendo as coisas como tu achava que dava para fazer, acertando e errando. Aos trancos e barrancos, como é o começo de todo mundo.

Porto: E quais eram as disciplinas que mais te interessavam?

Régis: Telejornalismo, cinema, as que tinham mais a ver diretamente com o jornalismo, claro. A gente tende a ter uma certa resistência com matérias muito teóricas, as coisas de teorias da comunicação, semiótica, eu era muito refratário. Eu já tinha uma espécie de negação, eu era muito reativo ao academicismo, ao excesso de filosofia da comunicação. Eu queria ir para rua, queria botar a mão na massa, porque eu acho que não é bem isso... tá muito bonito aqui no papel, todas as teorias da comunicação parecem interessantes, mas eu acho que as coisas lá fora não são bem assim. Então, eu procurei sempre explorar ao máximo as minhas aulas práticas, de TV, do cinema, que eu sempre gostei muito. E abrindo um parênteses, de porque que eu acho tão importante cinema, eu acho relevante que a gente tenha referências culturais e de linguagens para definir um estilo de trabalho. Eu sempre uso muitas referências para que aquilo diferencie o meu trabalho. Isso era o que mais me interessava nas operações de jornalismo, mesmo sendo possíveis só dentro da universidade.

Porto: Teve algum professor ou disciplina que impactaram, te transformaram, de forma especial na sua trajetória acadêmica?

Régis: Sim, eu tive vários professores bons. [redacted], que até pouco tempo era professora na [redacted] [universidade confessional], o [redacted], que foi um professor de atividade muito intensa no passado e super sintonizado com o mundo, participou de muitas iniciativas do jornalismo muito fortes. Os meus professores de televisão, o [redacted], professor de cinema. Eu, felizmente, tive professores, que embora fosse professores de uma certa idade, tinham uma vivência muito rica. E melhor do que isso, comparando com o que eu vejo hoje, eles tinham uma capacidade de serem eles mesmos e não professores a serviço de uma narrativa do momento, que é o que a gente vê hoje. Hoje, tu tem que ter um posicionamento político e, em cima daquele posicionamento político, tu estabelece a tua pedagogia.

Na época que eu estudei, felizmente, isso não tinha, ou eu não percebia. Eu nunca me senti patrulado, orientado, no sentido ideológico. Eu acho que hoje isso é uma coisa muito mais forte. Eu tive um corpo de professores que, embora tivessem alguma defasagem, que eu atribuo um pouco a idade, em sua essência, foram professores muito bons.

Porto: Esses professores que tu citou, como exatamente eles te transformaram, particularmente durante esse período?

Régis: Me transformaram a partir do momento em que eu comecei a interagir mais com ele. A partir das missões que eles me davam, trabalhos que nós fazíamos. Quando tinha que fazer uma matéria, uma redação, estabelecer uma pauta, produzir uma matéria, tu tinha a interação com eles no sentido de receber a resposta, “está errado isso”, ou “tu fugiu muito para esse lado”, ou “tá muito bom”. E eu não tô dizendo nada de novo aqui, foi o que foi determinante. Não digo que mudaram ou transformaram profundamente, mas eles me deram ferramentas para que eu pudesse entender essa vida, entender o ofício e como me introduzir no ofício. Algumas cadeiras deixaram a desejar, de uma maneira geral. Eu, particularmente, penso assim. Com base na experiência que eu tenho de professor universitário, pouco pode ser dado como instrumento definitivo para o aluno de comunicação para ele dar os seus primeiros passos. Porque ninguém sai pronto da universidade, nem 50% pronto, talvez nem 30% pronto. Ele precisa daqueles 10% que vão ser a diferença na hora que ele vai sentir o calor da batalha na rua. Daí, vai lembrar do que os professores disseram, vai lembrar da observação que fizeram. A transformação que aconteceu comigo foi o mercado que me deu, o calor da batalha, o frio na nuca que eu senti quando parei com o microfone da mão em frente a uma câmera de verdade.

Porto: Isso já nos leva a próxima pergunta, qual espaço físico que tu acha que mais se fez presente na tua formação? Citando alguns como sala de aula, o laboratório, estágio, palestras...

Régis: Eu acho que os estágios e o laboratório sem dúvida foram muito importantes. Como eu te disse, durante a faculdade eu me interessei em trabalhar com operação da televisão, eu opera a edição das matérias dos alunos, filmava, ou seja, já tava trabalhando como operador e vivendo uma coisa de Jornalismo. As matérias especiais, mais para o final do curso, como elaboração do jornal, também foram importantes. Chegava o final do curso, e a gente tinha a produção de um jornal que era feito pelos alunos, a gente tinha que ir a campo e realmente criar uma pauta e fazer uma matéria de verdade. Nesse processo, onde houve a discussão de pauta, encaminhamento da editoração, formar o final da redação, ali que a coisa começou a fazer diferença, e eu comecei a realmente ter uma noção da profissão. É aquela velha história da reta final, em que tu começa a sentir a essência do ofício que tu vai encarar. E claro, aí também foi importante o TCC. O TCC ele te obriga a fazer pesquisa intensa, no meu caso foi sobre o rádio nos anos 80. Eu fiz uma abordagem bastante intensa,

fui entrevistar pessoas em vários veículos, entrevistar pessoas em São Paulo... construí um material bem bacana. Uma bela de uma experiência, uma preparação muito boa.

Porto: Legal! E na tua opinião, o que um estudante precisa aprender para ser um bom jornalista?

Régis: Cultura geral. Para mim, esse vai ser sempre o principal. Por que parar na frente de uma câmera, escrever um texto básico, isso é fácil. O que é realmente difícil, é tu fazer diferente, sair da mesmice. E como se sai da mesmice? Tem que ter consistência. E, claro, que tu não sai 100% da faculdade, tu vai construindo a partir da tua evolução na profissão, mas o que precisa fazer? Não ter medo de ousar, buscar sempre informação, fugir daquela coisa de "vou fazer assim, porque assim que todo mundo faz", esse é o principal problema. Então, eu acho que quanto mais cultura a pessoa tiver, e não tem que ser intelectual, ela tem que saber, lê muito, para poder ter um bom texto de um bom vocabulário de uma boa construção do texto. E, hoje, isso é especialmente importante porque a gente vive esse rolo compressor da internet que te obriga a usar linguagens muito mais rasteiras e, abordagens mais rasteiras e apurações que beiram a irresponsabilidade de tão rápidas que são. Por mais que a tecnologia por um lado seja maravilhosa, por outro é uma armadilha muito grande. Ela te obriga a ser superficial, na verdade ela não te obriga, mas ela cria armadilhas para que tu seja assim. Tu vai ser superficial para atender o prazo, não perder tempo, por uma matéria virar várias (matéria para o jornal, rádio, TV, site) E como tu não pode fazer linguagens diferentes, tu faz um modelo único para aquilo tudo, aí nesse modelo único tu acaba compactando demais. E dessa compactação sai um caldo muito raso, é isso que eu vejo hoje. A pessoa que tem a capacidade de pensar melhor sobre uma abordagem, e entender melhor aquilo e fugir do lugar comum, eu acho que esse é o primeiro passo. O resto, as operações, a forma de lidar com as plataformas, isso é barbada. Isso qualquer um aprende. O que tem que saber mesmo é ter consistência. E também não tô inventando a roda, mas muitas vezes as pessoas esquecem. É mais fácil tu fazer a coisa básica.

Porto: E como tu acha que a faculdade pode contribuir para isso?

Régis: Com certeza, a faculdade tem que contribuir fazendo o que eu tô falando. Que é exatamente, obrigar, e obrigar mesmo, aos alunos abrirem as suas cabeças para buscar em formação consistente. Tem que fazer lê muito. Eu vou dar um exemplo, como professor de TV e rádio na Ulbra, eu tinha uma prática que no início da disciplina eu aplicava para os alunos um teste Geral de atualidades e conhecimentos gerais. Então, colocar vale umas 20 perguntas de tudo, geopolítica, ciências, geografia, história, enfim de tudo... E as primeiras perguntas eram focadas na manchete do dia para que eles tivessem uma noção do que que tava acontecendo no mundo e outras perguntas de conhecimentos gerais de outros Campos de conhecimento. Bom, o que acontecia no início do semestre, as primeiras provas eram absurdas. E na aula

seguinte eu fazia a correção com eles, lendo as respostas deles, sem expor ninguém, e daí eles ficavam envergonhados. E com isso eu dava um puxão de orelha para ele se *antennarem*. Isso que eu fazia, se eu voltasse da aula de novo, talvez usasse a maior parte na primeira aula para isso. Porque as técnicas de jornalismo, que não precisa do semestre inteiro para dar, mas tu precisa sim que essas pessoas, que já vem de uma educação deficiente, e chegam na faculdade com um nível raso de conhecimento geral, entendam a importância disso. Então, sempre entende que talvez fosse mais importante de focar nisso, do que na técnica daquela disciplina - que obviamente eu tratava, tava previsto disciplina - eu sempre dava um jeito que os alunos perceberem que se eles precisavam de cabeça para pensar, e instrumentos dentro da cabeça para construir ideias e raciocínios sobre as coisas, interpretar, fugindo do local comum. Eu sempre falava que eles tinham que ser antes de tudo pessoas muito consistentes o resto é fácil.

Porto: E como tu enxerga o desenvolvimento do ensino de jornalismo, ou da comunicação, no decorrer dos anos?

Régis: Eu acho que naturalmente houve uma evolução, sem dúvida nenhuma... foram entrando novas gerações de professores. Agora, o que eu acho complicado é o seguinte, e de novo não vou falar nenhuma novidade, por imposições do MEC, todo mundo sabe que as Universidades são obrigadas a ter uma pontuação que se refere a qualidade do seu corpo docente, quanto mais professores com a pós-graduação, melhor. Aquilo, em tese, significa que aquela faculdade tem professores de excelência, mas não é exatamente isso. Porque para que os professores que estavam no Jornalismo focassem no mundo acadêmico, eles passaram a viver do estudo. E viver do estudo impõe uma dedicação muito intensa, é pesquisar, dar aula, aquela coisa toda... e tu te afasta do mercado, inevitavelmente. E até por questões de como o mercado ficou cada vez mais difícil, muita gente já na própria faculdade, foca seu futuro no mundo acadêmico. Então, já sai da faculdade se preparando para fazer uma pós, para já focar na docência. Ok, vão com qualificações acadêmicas importantes e boas notas, mas o calor da batalha, cadê? Muitas dessas pessoas irão ensinar os futuros jornalistas, sem ter vivido o que os futuros jornalistas vão enfrentar. O que esses professores fazem? Se apoiam no conhecimento teórico, filosófico, e acabam fazendo aquele abismo, entre realidade e academia. E os professores que eram mercado e passaram a focar no mundo acadêmico, também tiveram que se afastar do mercado, pelo menos eles têm a lembrança do mercado. É um processo que acontece há mais tempo. Na minha época tinha muito disso, professores que tinham uma vivência absurda de mercado, mas como eram pessoas que sempre viveram em mercado e nunca tiveram a possibilidade, inclusive financeira e de tempo, de fazer uma qualificação. O que aconteceu? A partir da imposição do MEC de que as Universidades tinham que ter mais gente qualificada, esses veteranos com uma imensa experiência, foram sendo retirados e sendo substituídos por pessoas com uma qualificação acadêmica. É óbvio que não quer dizer que não poderia ter isso, mas é preciso que haja um equilíbrio. Claro que é importante ter professores com altas

qualificações, mas tu não pode tirar de dentro da faculdade os professores que viveram as dificuldades do mercado. Esses é que tem a verdadeira informação de saber o fodor da batalha, e que é isso que vai fazer diferença. E transpondo um pouco mais, isso também acontece nas redações. É a falta dos chamados espelhos, não tem mais nas redações os veteranos, que são aqueles que podem chegar para um repórter mais jovem e falar "é assim", "segue por esse caminho", "tu abordagem tá errada", essas coisas. Hoje, o processo de aprendizado dentro do próprio mercado tá bastante comprometido por falta dos veteranos.

Porto: E depois de concluir a graduação, e continuou estudando?

Régis: Eu tentei. Tentei fazer uma especialização, mas não consegui porque eu tava trabalhando muito. Acabei interrompendo e nunca continuei. Quando eu comecei a fazer essa especialização, foi também o período que eu comecei a dar aula na Ulbra. Então, como eu estava cursando a especialização, houve a possibilidade de eu começar a integrar o corpo docente, mas acabei não conseguindo terminar. Tentei outras vezes, cogitei de retomar a fazer uma pós, mas acabei não fazendo. Como eu fui muito forjado na rua e no trabalho, precisando correr atrás das coisas, com microfone na mão, acabei não fazendo. Pode ter sido um erro? Pode. Mas acabei por direcionar a minha vida profissional para isso, atuando em várias áreas dentro do jornalismo, e acabei deixando o academicismo de lado. Até porque, na ponta do lápis, eu pensei: eu vou gastar 2, 3 anos fazendo um estudo que vai me exigir empenho, gastar dinheiro com isso e não sei se eu vou ter a devida compensação como professor. Então tudo isso me fez não dar muita importância para ter esse recurso da possibilidade de acadêmica, por mais que o ame dar aula.

Porto: Tu considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da tua profissão?

Régis: Em alguma medida, sim. Não posso dizer que não, ela foi importante. Eu não vou dizer que ela foi fundamental, porque o que eu aprendi mesmo, foi na rua. Que é o que a rua exige. Sem dúvida, eu tirei conhecimentos importantes, especialmente no campo de percepção da construção do texto, abordagem, porque os professores que eu tinha eram professores experientes que puderam me dar uma visão mais objetiva do jornalismo.

Porto: E tu considera voltar a estudar?

Régis: Hoje, não mais. Pelo mesmo motivo que eu te disse. Eu fico pensando, na vida que eu tenho hoje. Se eu for pensar agora em ser professor, eu vou ter que investir nisso, existe também a barreira da idade, as Universidades estão contratando cada vez menos... Em outros tempos, era um mercado promissor. A gente precisa planejar a vida entendendo o que é promissor, e eu acho que o mundo acadêmico não é mais promissor hoje. Se um dia foi; hoje, não é mais. E depois, com todas as facilidades,

eu acho que - e pode ser ruim falar isso e lamento pelos meus colegas que são professores - hoje, tu pode criar, como eu vou fazer, um canal no youtube que tu pode até monetizar e conseguir ser o próprio curso. A tecnologia de hoje permite isso. E tu alcança quem tu quiser vir no tempo que tu quiser, no formato que tu quiser e tendo a estrutura dentro da tua própria casa. Então, eu acho que hoje eu não investiria nisso. Pelo que eu tenho visto, e até pelos relatos dos meus colegas que são ou eram professores, já não é tão compensador assim.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Agora, a gente vai entrar no terceiro eixo de trajetória profissional. Como se deu o teu ingresso no mercado de trabalho? Começando pelo período de estágio mesmo.

Régis: Eu comecei trabalhando na faculdade mesmo, na cadeira de televisão. Até porque essa produtora que era da [redacted] [universidade confessional] também fazer trabalhos externos. Acabei também tendo contato com isso, então. E no final do curso eu consegui esse estágio na TV. Não era exatamente em jornalismo, era na produção de um programa de cultura gaúcha, que existe até hoje, mas eu com vivia com o pessoal do jornalismo. Foi muito interessante para mim. A partir dali, eu fui tentando estágios, fazia testes e seleções. Fiz um teste na [redacted] [extinta emissora de televisão na capital gaúcha] e o pessoal me disse: olha, o teu teste ficou bom, mas tu precisa estar formado. Eu me formava em um mês, então eu disse “Ok, depois eu volto aqui”. Me formei, cheguei lá com diploma, e comecei no outro dia. E daí, entrei direto e comecei na reportagem já. A partir dali, eu não parei mais. Passei a trabalhar na [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital] ao mesmo tempo, e daí eu fui desenvolvendo a minha aptidão de lidar com as informações na rua, aprendendo toda aquela dinâmica de trabalho em equipe, construir matéria, viver a rua mesmo, ter aquela diversidade de pauta, entre pautas tensas e mais simples, e assim foi. Tu vai tendo contato com outros colegas ligou daqui a pouco alguém de um outro veículo de convida...E assim eu fui galgando. Eu entrei na [redacted] [extinta emissora de televisão na capital gaúcha], depois fui para a [redacted] [emissora de televisão], aqui na época tinha uma iniciativa de jornalismo muito importante com o [redacted]. Era uma iniciativa muito legal com vários profissionais experientes, e me chamaram para participar - eu como foca. Lá, eu ganhei muita experiência. Foi lá também que eu ganhei o primeiro prêmio de reportagem, já naquela época, um ano depois de me formar... Enfim, eu fazia parte de uma equipe de jornalistas muito fortes, todos muito experientes, e com isso se aprende horrores. Esse foi o grande salto profissional na minha carreira. Daí eu fui para [redacted] [importante grupo de mídia do estado], e nessa empresa eu trabalhei por 15 anos. Até que saí da [redacted] [importante grupo de mídia do estado] em que eu fui para [redacted] [relevante rede de televisão], porque surgiu uma proposta interessante, era uma novidade. Depois de um ano e pouco, o projeto não deu certo e eu voltei para RBS onde eu fiquei mais uns doze ou treze anos. Somado

a isso, eu trabalhei em assessorias. Época também era possível trabalhar em mais de um local ao mesmo tempo, que não só a tua redação. Na [redação] [importante grupo de mídia do estado]. Eu também trabalhava, ao mesmo tempo, na direção da central de vídeo da [redação] [federação de classe]. Era pesado, mas a gente tinha que trabalhar. Tu também conseguia fazer assessoria, então eu trabalhei na assessoria da Secretaria do Trabalho, da Cohab. Eu fui aprendendo todos os caminhos do jornalismo quando era possível fazer isso. Depois que eu saí da [redação] [importante grupo de mídia do estado], pedi demissão de lá por umas questões pessoais, fui presidente da [redação] [emissora de televisão educativa], um cargo de gestão muito importante, também coordenei assessoria de imprensa e fiz campanhas política. Depois, trabalhei na [redação] [rede de televisão] e fiz mais um monte de coisa. Consegui fazer com que a minha trajetória fosse muito diversificada. E ainda quero fazer muito mais!

Porto: que bom. E tu viu o teu ensino refletido na prática profissional?

Régis: Sim, o ensino eu via. Claro! Tu sempre lembra daqueles mestres que fizeram a diferença. Quando tu vai redigir um texto, dependendo da abordagem, vai lembrar daquele professor que realmente te marcou, aquilo vem à tona. Quando lá no teu ensino, aquele professor realmente fez diferença para ti, aquilo vai voltar no futuro, tu vai lembrar daquilo. Por isso, é tão importante tu ser impositivo com aluno. Não dá para passar a mão por cima. E eu não digo que tu tem que ser draconiano, não precisa ser excessivo, mas tu tem que ser impositivo, chacoalhar o cara. Porque a vida lá fora vai cobrar, por isso a importância de tu ter conhecimento da rua. Tu forçar um aluno a ele assimilar teorias da comunicação, filosofia semiótica e blá-blá-blá... Sendo que aquilo parece um tanto abstrato... Não é a mesma coisa que te falar "amigo, tem que fazer a reportagem porque na rua acontece assim, quando a bala começa a comer, tu tem que ir para tal lado, tu pode até levar tiro. Então, tu tem que fazer assim...". Essas orientações que vão fazer a diferença lá na frente, que tu vai lembrar do professor. E várias coisas foram úteis para mim desses bons professores.

Porto: O que te levou a o que tu atua hoje?

Régis: A dinâmica do mercado. Primeiro, na medida que a gente vai avançando e idade, o mercado vai definindo algumas coisas, e hoje é mais intenso do que nunca. Parece conversa de jornalista em bar, mas é verdade. Os veteranos são cada vez mais desconsiderados. Se banalizou muito a forma de fazer jornalismo, então como a superficialidade passou a ser quase que a regra, não se exige mais tanto a qualificação. Não exigindo a qualificação, tu pode dispensar aqueles profissionais que são extremamente qualificados, com tudo que viveram, e também, por isso, são os mais caros. Eles já têm mais tempo de empresa, um salário diferenciado. É aquela velha história, tira o cara que ganha 10, para botar três que vão ganhar 2 e pouquinho, ou menos. Tá todo mundo querendo trabalho. Sempre vai ter gente para trabalhar. Então, mercado faz isso contigo. Infelizmente, essa é a dinâmica. O que vai fazer que

tenha mais oportunidades aqui ou ali? A estrada que tu construístes. A maneira com que o teu nome ficou gravado, que o teu trabalho ficou bem guardados na memória do mercado. Hoje em dia, não pode-se ter a pretensão de ser a vida inteira repórter de TV, por exemplo, porque é muito pouco provável que eu vá ter colocação em algum veículo. O pessoal quer os estereótipos do momento, galera ligada em mídia digital, a galera que está ligada. O que é uma besteira, claro. As gerações mais novas têm mais familiaridade com as novas tecnologias. Isso é absolutamente natural, e, aliás, é elogiável. Afinal de contas, é uma evolução. O problema é que não se pode endeusar essa evolução como se ela fosse a solução para tudo. Na verdade, ela é apenas a solução para que tenha um processo mais barato, mais imediato e que supra as necessidades econômicas dos veículos. Tão somente isso. A gente trabalha em cima daquilo que a gente construiu. Não é fácil, mas se o mercado não cria essas portas o tempo todo, tu tem que criar essas portas. E é o que eu tô fazendo. Com a consultoria, tu vai e cria o teu canal. Aproveita as redes sociais para colocar conteúdo, e não só fotinho. Eu uso muito as redes sociais para colocar a minha experiência, minha trajetória. Um bom manancial de memórias e fotos, assim que utilizo muito redes sociais. Coloco lá *recuerdos* da vida, como eu costumava dizer...

Porto: Tu te encontra satisfeito no mercado de trabalho e com o que tu atua hoje?

Régis: Não. Eu não poderia dizer isso, hoje, poucos podem. Satisfeito eu não estou, porque tu não consegue ficar absolutamente seguro, estável. A gente tá sempre pulando de galho em galho na verdade. Quando tu trabalha com consultoria, tu tem que ter contratantes em um certo ritmo que te dê uma constância de rendimento. E isso o mercado poucas vezes possibilita. Tu pode ter essa constância, mas trabalhando com remuneração menor. Se por um lado eu me sinto de certa forma um pouco mais confortável com um trabalho independente, por outro lado tu fica sempre preocupado com o sustento, com o porvir. A gente tem que estar sempre cavando oportunidades, buscando alternativas, se atualizando tecnologicamente também, para não ficar fora do *mainstream*. Tá sempre na luta, porque, infelizmente, a gente não tem como baixar a guarda.

Porto: E tu já chegou a exercer outras atividades que não fossem do campo do jornalismo durante a tu trajetória profissional?

Régis: Eu sempre estive ligado a comunicação, sempre fui ligado a comunicação. Quando eu tive em cargo de gestão, de certa forma me afastava da linha de frente. Mas por estar na posição de tomar decisões e planejar. Eu continuava ligado de alguma forma isso... Nas consultorias que tu faz, tu ensina as pessoas a lidarem com a imprensa. Tu vai para um outro lado, tu vai ensinar as pessoas a não terem aquilo que tu é, ou às vezes tu tem que ensinar as pessoas até enfrentar aquilo que tu é. Mas eu sempre estive ligado a comunicação, nunca tive uma mudança radical. Hoje, eu tenho uma segunda atividade que é uma questão de como a minha vida se direcionou, que é em função da minha esposa e a atividade dela. Ela cria cães de

raça, e hoje também eu sou um criador de cachorro. A gente tem um canil, então a gente trabalha com isso também, é uma forma complementar a renda, para mim e para nós todos. Isso sim não tem nada a ver com a comunicação, mas é trabalho também.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Certo. Agora, a gente já vai para o último eixo, sobre a prática da profissão. Como tu percebe a prática do jornalismo hoje? O que que tu acha que mudou nessa questão?

Régis: É aquilo que a gente falou lá no começo, é sempre complicado de a gente falar... parece que os veteranos que tão falando que só eles sabiam fazer direito, mas o fato é que realmente a coisa mudou e ela mudou de uma maneira que não é legal. É como eu citei lá no começo, hoje, tu tem o superficialismo que é muito maior, tu tem a profundidade cada vez mais rasa, os conceitos de cobertura... E a estrutura é muito mais tolerante com coisas pouco consistentes. Não existe mais aquela coisa de “não, vamos fazer um trabalho de excelência”. Ninguém tem essa preocupação mais. Hoje, a preocupação, mais do que nunca, é econômica. E as novas tecnologias e a economia, de uma maneira geral, obrigou essa questão da agilidade de fazer o mais rápido possível. Fazer o máximo possível com a menor equipe possível. Isso obviamente achatou salários, fez com que muita gente desiste da profissão, mudou o perfil das redações e não mudaram só o perfil das redações, mudou o jornalismo como um todo. Isso é inevitável. Porque tu perdeste a cultura jornalística, todo lugar tem que ter uma cultura jornalística, cada redação e cada jornal tem uma cultura que é estabelecida pela experiência que os anteriores trouxeram, pelas conquistas que veículo teve, pela imagem que o veículo construiu com aquela população. Hoje, tu não tem isso. Tu tem a informação a granel, de uma maneira muito simplificada. O telejornalismo, aqui, para mim, sempre foi o eixo da minha profissão. Hoje, eu fico muito triste quando eu vejo o telejornal. Eu vejo que os repórteres fazem matérias com linguagens cada vez mais banais e precisavam ter responsabilidade com isso. E eu vou fazer uma colocação aqui, por mais que ela posso aparecer desagradável ou preconceituosa, essa *juvenilização* dos veículos de comunicação, que é decorrente do barateamento dos processos, ela prejudicou todo mundo. E inclusive os jovens. Porque hoje o cara sai novinho da faculdade, chega numa redação e ele já não vai mais encontrar aquele jornalista experiente, que tem 40 anos de profissão e conhece todas as fontes, passou por todas as durezas. Não. Ele vai encontrar um cara um pouquinho mais de vida que ele, os 2 ou 3 anos de experiência a mais e que já tá na chefia de reportagem, sem ter tido experiência de rua ou de vida sequer. Então, esse cara, foca, que precisaria ser alimentado por experiências consistentes, não vai ter essa oportunidade. Ele vai ter que se satisfazer com aquilo ali. E volto a falar daquilo que eu já disse, por isso que é importante o cara já sair da faculdade com o seu ferramental consistente, já que ele não vai ter, em princípio, essa orientação toda do

ambiente, cultura jornalística ao serviço dele. Ele vai ter que se valer daquilo que ele traz consigo mesmo, que é a capacidade de ter percepção dos conteúdos verdadeiramente importantes, capacidade de escrever com objetividade, com classe e estilo, sem fazer textos rasteiros e abordagens rasas. Então, infelizmente, salvo as exceções, o jornalismo está indo para esse caminho, da banalização da informação. Eu não vou nem entrar na questão que vivemos hoje, do Brasil, que tem a questão da polarização política que afetou demais o comportamento da Imprensa, com essa coisa de controlar Bolsonaro... O fato é que a gente tem um decaimento da qualidade do jornalismo muito lamentável. Eu fico muito triste que a maioria das produções do jornalismo de hoje, elas são rasteiras. E tem um outro lado perverso também, jornalistas veteranos que, por sorte, permaneceram na redação, eles foram soterrados pela cultura paralisante, ou seja, eles não conseguem avançar com o conhecimento que têm, porque são barrados numa lógica de "não se faz mais assim". Daí, eles se acomodam para manter o emprego. É uma realidade muito perversa que a gente tem hoje.

Porto: Como isso impacta o teu trabalho?

Régis: No meu trabalho, não impacta tanto. Se eu tenho a oportunidade, eu faço do jeito que eu sei fazer, mesmo que eu tenho que me adaptar algum veículo. Vou te dar um exemplo, há pouco tempo eu trabalhei na [redação] [rede de televisão] como repórter do [programa da rede], que é um programa de temática mais políciarsca, popularesca. Quando me contrataram, já sabendo que eu tinha uma experiência o tanto diversa, naquele modelo, eu disse " eu não vou fazer aquele modelo do repórter esbaforido correndo atrás e fazendo aquela dramatização absurda, só para parecer que aquilo é maior do que é, mas eu vou fazer bem meu trabalho. Óbvio que eu tive que me adaptar. Tive que fazer algum tipo de concessão, com limites. E eu fiz isso até a hora que não deu mais para trabalhar. Até a hora em que eu realmente bati de frente com o modelo que exigia que eu contrariasse tudo aquilo que eu considerava como coisas importantes para mim. Não pedi demissão, mas acabei sendo dispensado por exatamente não conseguir ficar na mesma linha. Infelizmente as coisas são assim.

Porto: E o quanto a tua percepção sobre a prática do jornalismo mudou desde o início do curso até hoje?

Régis: Mudou horrores. Mudou muito. Todos os lugares que eu trabalhei, aí eu vou insistir muito nessa coisa de estar no lugar onde tu tem a cultura jornalística, a minha formação foi dada pelas pessoas com as quais eu convivi dentro das redações. As pessoas que me ensinaram a fazer matéria, que me deram bronca pelas bobagens que eu fiz, as pessoas que me deram os caminhos e as oportunidades. Só que hoje realmente eu vejo que isso se perdeu. Eu tive vivência de redação até pouco tempo, e eu noto que a cultura hoje é diferente. Claro que existem as imposições básicas, mas o que eu lamento muito, e eu vou acabar me repetindo, o que importa, hoje, é a

entrega. Contou mais ou menos a história já tá bom, o importante é a matéria que vai ao ar. Então, mudou muito, mas infelizmente, e apesar de tudo o que a tecnologia nos permite hoje, que era para ser um mundo novo com novas possibilidades... Hoje, a gente tem tudo na palma da mão, até uma emissora de tv, que antes a gente precisava de 15 pessoas para fazer. Só que esse recurso espetacular é muito mal utilizado. Porque a cultura é de fazer de qualquer jeito, o importante é tá lá, não importa se enquadramento tá errado, se a imagem tá horrível. Existe uma coisa que eu chamo de a ditadura do factual. Hoje, tu aceita qualquer porcária de registro porque tem atualidade, porque a gente também começou a ser inundado por imagens. Qualquer porcária de registro com algum griteiro no fundo, é que não significa muita coisa, ganha uma aura de factual, de novidade. E daí tá valendo.

Porto: E quais diferenças tu enxerga no modo de atuação teu e dos seus colegas, e do modo de atuação dessa juventude que tá entrando na profissão agora?

Régis: Diferença, essencialmente é aquilo. Esse pessoal é obrigado a trabalhar com muita pressa por conta das imposições das várias plataformas que eles tem que atender. Hoje, em um mesmo veículo, tu tem várias plataformas para atender. Tu faz o conteúdo para televisão, para rádio, para o portal, e o conteúdo para o jornal. Isso com o mesmo tempo para fazer todos tem que entregar logo e correndo porque já vai sair à tarde. Se alguém twittou, tu já perdeu. Então, um pessoal para fazer isso, como eu mencionei antes, eles fazem de um jeito muito *standard*. Uma forma para poder atender tudo. Pela pressa, por ação ele é deficiente, a forma de levantar as informações não é a mais adequada, deixa-se de entrar a fundo nas coisas, e com isso, deixa-se de cristalizar a cultura, de fazer algo consistente. Eu acho que esse é o grande problema das últimas gerações, elas estão a reboque da tecnologia. Se por um lado ela traz possibilidades espetaculares, por outro lado ela, junto com o viés econômico que determina isso, orienta as pessoas a trabalharem de uma maneira muito mais rasteira do que em outros tempos. E, com isso, o conteúdo e a qualidade do jornalismo acabam sofrendo. Hoje, há bons jornalistas, eu percebo quando eu leio o conteúdo ou se assisto matérias dos colegas mais jovens que são diferenciados, eu noto que ali tem o dedo de uma consistência na formação pessoal. Eu penso: esse aí leu, esse aí, de alguma maneira, se diferenciou. E o que vai fazer a diferença nesse mundo em que cada vez as coisas estão mais medíocres? A diferença tá naquele que realmente quer fazer a diferença. E não nessa coisa terrível que é a mistura do entretenimento com o jornalismo, esse jornalismo que tem que ser engraçadinho, piadista, teatral. Isso já é outra questão e a mais complicada... Faz parte desses novos tempos, mas infelizmente é como a gente tá vendo as coisas acontecerem.

TRANSCRIÇÃO LUCIANO

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Tu pode falar teu nome e a tua idade, para a gente iniciar?

Luciano: [REDACTED], 55 anos e natural da cidade de Rio Grande.

Porto: Qual o curso que tu se formou?

Luciano: Eu me formei... O nome do curso na época, era comunicação social habilitação em jornalismo gráfico e audiovisual.

Porto: Qual a área que tu atua hoje?

Luciano: Na docência. Dou aula em duas cadeiras na graduação e na pós graduação da [REDACTED] [universidade pública da capital gaúcha].

Porto: E tu realizou a tua formação numa instituição pública ou privada?

Luciano: Em uma instituição pública.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Esse foi o primeiro eixo, como eu disse, bem simples. Agora, a gente entra na parte mais legal em que a gente conversa mais. Então, tu pode me falar como se deu a escolha da tua profissão?

Luciano: Olha, assim, eu fiz um curso de eletrotécnica no segundo grau, no [REDACTED] [colégio técnico de sua cidade natal]. Na época, isso funcionava dentro da [REDACTED] [universidade pública de sua cidade natal]. Eu comecei a ler jornais ali por 1977, 78... quando eu tinha uns 13 ou 14 anos, comecei a ler principalmente a [REDACTED], depois a [REDACTED] [jornais gaúchos já extintos]. Minha família ouvia rádio, meu pai na hora do [REDACTED] [noticiário de televisão] parava para assistir, era o único Jornal da cidade. Meu irmão também ouvia muito a [REDACTED] e eu a [REDACTED] [emissoras de rádio gaúchas]. Eu me lembro de ouvir sobre um ditador da Argentina que veio visitar Porto Alegre e teve uma manifestação na frente da João Pessoa, na frente da casa dos estudantes. Eu me lembro de ouvir essa transmissão na [REDACTED] [emissora de rádio gaúcha], com uma sensação de que eu gostaria de estar lá. Não sei se era para estar com o estudante. Eu acho que era com a ideia de já estar como profissional. Em paralelo, eu me lembro de começar a ler nos jornais e me dar conta do que estava acontecendo no mundo. Era um momento da abertura política, os meus pais tinham medo de falar algumas

coisas em casa... antes, quando falávamos do Brizola, mudava-se de assunto já. E nesse momento, eles começaram a falar dessas coisas que antes não podiam ser ditas. Daqui a pouco começam a falar sobre coisas que a gente não entendia direito, socialismo, anarquismo... Lembro de ver um filme com meu pai, numa sessão organizada pelo [redacted] [representação estudantil de sua cidade]. Era aquele filme Sacco e Vanzetti. E eu saí sem nem entender bem o que era aquilo, quem eram as personalidades, quem eram os anarquistas... Meu pai me perguntava umas coisas e eu não entendia o que ele tava perguntando. Depois, mais recentemente, eu descobri que meu avô tinha sido anarquista na Itália. Então, nesse caldo de cultura, um dia eu tô no segundo ano do curso de eletrotécnica... Eu não sou um cara que tem dificuldade com física e matemática e, por isso, foi para o jornalismo, era um dos melhores alunos da minha turma... cheguei a pensar em ser físico, estudar arquitetura... E, nessa época, eu comprei uns livros, com o dinheiro da mesada, que eu tinha lido em alguma notinha da [redacted] [jornal gaúcho já extinto] de um cara chamado Fernando Gabeira. O livro Era "O que é isso companheiro", depois comprei o "Crepúsculo do macho". Com esses dois livros, eu comecei a ficar com vontade de ser jornalista. Para mim, ser jornalista, naquela época, era como ser astronauta, eu não ia conseguir. O Brasil não tinha problema espacial, naquela época! Vai chegando o momento, então, de ir para o vestibular, e eu fui ao cinema e encontrei um colega meu da eletrotécnica. O cara me diz assim: "eu vou fazer medicina ", e eu falei "tu tá louco, eu vou te dizer outra coisa então. Eu vou fazer jornalismo". E com isso, eu comecei a falar na minha casa que eu queria jornalismo. Daí, estudava para o vestibular no cursinho de Rio Grande. E quando eu falava na escola, eu lembro que os meus professores falavam que eu estava louco, que eu podia ser professor, que eu tinha futuro. E eu criei uma desculpa para mim mesmo na minha cabeça sobre esse negócio, que era para eu vir para Porto Alegre, fazer Jornalismo e no final do ano eu podia fazer o vestibular de novo para fazer Arquitetura junto com Jornalismo. Daí, eu descobri que para fazer os dois cursos, teria que ser numa outra Universidade, porque na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha] não podia fazer dois cursos. Enfim, ficou por isso mesmo. Daí, a vida me atropelou depois. Meu pai faleceu logo em seguida. O ensino da [redacted] [universidade pública da capital gaúcha] era um horror, eu não sei se é verdade, mas falavam que o orçamento da faculdade de comunicação era menor do que da rádio da universidade. Os militares que mandavam no Brasil não estavam preocupados com o pessoal da área de comunicação, tanto que o curso de Comunicação funcionava dentro do campus médico da universidade. Acho que não tinha outro lugar para jogar o pessoal da comunicação. E eu fui fazer meu curso lá numa situação que tinha máquina de escrever dos anos 30. Tinha uns botões na máquina que ninguém sabia para que serviam. A gente dividia com a [redacted] [universidade privada da capital] a estrutura de laboratórios. Não sei se eu tô me estendendo demais, mas foi assim que eu decidi fazer o Jornalismo. Graças ao Fernando Gabeira, que em um dos dois livros, ele conta que peitava um militar. Também não sei, né? Mas eu achei aquilo sensacional. Pô, eu tenho esse poder, vou chegar lá e tal. E daí eu me lembro que as primeiras entrevistas que eu fiz com agentes do regime militar na época, numa eu tomei uma porrada violenta do cara e na outra

ele ficou me olhando, mas não fez nada. Eu fui cobrir um a inauguração de um prédio, o prédio não tava pronto e veio o [REDACTED], ministro educação, inaugura o tal do prédio. E eu fui cobrir como estagiário da rádio da universidade. Eu gravei o áudio ambiente, dos Estudantes protestando e tal. Daí, que ataquei o [REDACTED] com uma pergunta, e ele muito educado me respondeu. Eu cheguei feliz da vida, louco para botar aquilo no ar. E a chefe da rádio da Universidade falou "guri, tu tá louco?! se a gente botar isso no ar nos tiram do ar".

Porto: Muito legal. E quanto tu entrou o que que tu esperava da profissão então?

Luciano: Sinceramente, eu acho que eu não esperava nada porque eu não entendia direito o que era a profissão. Eu tinha um desconhecimento muito grande do que quer a profissão. E quando eu chego na faculdade, primeiro dia, eu tava mais preocupada com o trote do que com qualquer outra coisa. Fui preparado para sair careca do prédio da faculdade.

A gente fazia quatro disciplinas, e eu me lembro das disciplinas: era Cultura brasileira, Introdução á sociologia, Estudo dos problemas brasileiros e mais uma... agora me deu um branco, mas era tudo teoria, muito distante da realidade. Eu me lembro desse primeiro semestre me decepcionando completamente. Daí, no segundo semestre, eu resolvi fazer tudo que dava. Começou a ter uma ou outra disciplina mais profissional, mas ainda assim muito teórica. Eu pensava: "o que eu tô fazendo aqui?!". Ao fim do primeiro semestre da faculdade, eu cheguei a pensar em uma coisa completamente maluca – maluca porque eu não teria a mínima condição financeira para isso –, mas de me transferir para [REDACTED] [universidade confessional]. Eu fui olhar o que tinha no curso da [REDACTED] [universidade confessional], e pensei "é esse curso que eu quero fazer, não o que eu tô fazendo". Só que onde eu fazia era de graça. Então, obviamente, acabei ficando na universidade pública. Daí, no curso, eu comecei a fazer cadeiras que eram entre aspas práticas. Só que tu imagina... na cadeira de cinema o professor falava: "imagina que aqui em cima dessa mesa tem uma moviola. Se tivesse moviola aqui, tu cortaria o filme ali". E, assim, ia nos mostrando onde é que era para fazer as coisas. As aulas de rádio também, eu não gostava de rádio... Tu vê, é o que eu fui pesquisar depois e agora é o que tá me dando um prêmio na [REDACTED] [congresso de comunicação]. E a aula era fazer um roteiro, ir para frente no microfone e ler. Os professores de rádio eram professores meio fora da curva. E daí, era aquela coisa, vai para o estúdio gravar o texto. A gente não sabia nada de estúdio, começava a me engasgar, se complicar... Em jornalismo gráfico, eu tive um ensino de qualidade e eu tive aula com dois caras que foram ótimos professores. Chegavam dizendo como era a estrutura, o que era o lead, tu entregava o texto e ele te destruiu para te mostrar as coisas... As aulas de TV, a gente usava o estúdio da [REDACTED] [universidade confessional], e no convênio emprestavam uma câmera. Daí, a gente saía com aquela câmera, com muita frequência a gente saía e ela não gravava. A gente mesmo que operava imagina isso. Minha carreira começa... Eu fiz um estágio, comecei em 1984, em um jornal em Canoas, que o cara era malufista – hoje, seria bolsonarista – o cara conseguiu dar calote no CIEE. O jornal era para ser semanal, virou quinzenal, e eu acho que não

chegou até a segunda ou terceira Edição. Eu larguei a partir de um determinado momento, fiquei um mês, um mês e pouco. Depois fui ser estagiário de uma revista, e depois tu fazer estágio na rádio da universidade. Na época, podia fazer dois estágios, então, no período de férias, eu fiquei nesses dois. E daí, pintou uma oportunidade, tinha um cara mais maluco do que eu na rádio da Universidade que tinha conseguido uma vaga para trabalhar na [REDACTED] [emissora de televisão da época]. Eu falei que não era nem formado, como é que eu ia trabalhar? Daí, ele pegou o telefone, ligou para [REDACTED] [emissora de televisão da época] e falou que ia me levar para almoçar na TV, ia me apresentar algumas pessoas e eu ia virar funcionário de lá. E, com isso, eu virei pauteiro da [REDACTED] [emissora de televisão da época]. Sem experiência nenhuma e virei pauteiro! Depois de um tempo, quando as coisas regularizaram, eu pedi para virar repórter. Só que você não queria trabalhar em rádio, imagina em TV, que ainda tinha que aparecer. Mas tá. Aí eu fui trabalhar, porque tinha que trabalhar de alguma forma eu precisava sobreviver, nessa época, foi trabalhando na televisão. Para a minha surpresa, eu dou de cara com uma colega minha na faculdade e ela tá falando para alguém: "isso aí é a fita da sonora". E eu nem sabia o que que era sonora, não tinha aprendido isso na faculdade. Então, eu fui trabalhar na [REDACTED] [emissora de televisão da época] sem ter feito nunca uma reportagem. E aprendi a fazer essas coisas com os cinegrafistas da TV. Os caras eram maravilhosos. E quando eu tava lá, a diretora vem falar comigo querendo saber o que tinha acontecido que tinha ouvido que eu tinha brigado com alguém dentro da rádio, jogado uma garrafa de um colega. Na verdade, eu tinha esbarrado em uma garrafa de alguém e não tinha tido briga nenhuma. E daí, eu saí para fazer reportagem, e no caminho pensei "eu não vou trabalhar mais nisso aí. Os caras não acreditam na minha palavra, ficam me acusando". Eu sei que eu cheguei no final da tarde, datilografei uma carta de demissão e liguei para o meu chefe. Eu nem pensei, não aguentava mais. Daí, depois da [REDACTED] [emissora de televisão da época] eu fiquei uns dois ou três dias sem fazer nada e um colega meu, um dos melhores críticos de cinema do Rio Grande do Sul, me chamou e eu fui trabalhar no jornal que ele trabalhava. Fiquei um mês trabalhando no jornal até que eu encontrei o [REDACTED] [jornalista da capital], na faculdade, falando que tinha uma vaga na [REDACTED] [uma das emissoras de rádio da capital] para trabalhar nas eleições. E ele perguntou porque que eu não ia lá. Depois de alguns dias, eu encontrei o operador da rádio da universidade e na [REDACTED] [uma das emissoras de rádio da capital], e ele também me falou sobre essa oportunidade de *freelancer* e que devia ir na [REDACTED] [uma das emissoras de rádio da capital]. Daí, eu perguntei com quem que eu podia falar lá, e ele disse para eu falar com o [REDACTED]. No dia seguinte, eu fui lá no prédio da gaúcha, eu cheguei às 9 horas e pedi para falar com o cara. A secretária me olhou com muito estranhamento, mas eu dei uma enrolada fenomenal nela, e eu nem sabia quem que o cara era. Daqui a pouco, eu enchi o saco da mulher e conseguir passar, outros tempos... Eu olho e tá o nome do cara em alguma placa dizendo gerente-executivo. E eu pensei: que burrado que vou me enfiar. O cara me atendeu e me perguntou o que que eu fazia. Eu exagerei um pouco na parte sobre conhecer política, porque eu não conhecia nada, e ele me passou para outro cara. Com cara, fiz um tal de teste, me chamaram e eu fiz a

eleições. A primeira vez que eu falei sem texto no rádio, foi no microfone da [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital]. Em cobertura, eu passei por uma outra situação, que o [redacted] que iria entrar no ar e não conseguiu. Eu tava no carro voltando da minha cobertura e ligam para o carro pedindo para eu voltar. Passei por um constrangimento monumental, porque demitiram o [redacted] porque ele tinha chego atrasado e eu acabei sendo contratado no lugar dele. Imagina o clima, parecia que eu tinha derrubado o cara, e eu me encolhi a mais ainda, gaguejava que era um horror. Daí, depois da cobertura das eleições, me avisaram que na sexta e eles iam fazer um teste de dia comigo para ver se eu ficava ou não. Eu saí na sexta-feira para fazer uma matéria, passei numa assembleia dos motoristas de taxi, que queriam protestar contra o aumento do combustível, e fui fazer outras pautas. Quando eu tava saindo dessa outra pauta, eu resolvi passar no sindicato dos motoristas... E quando eu passo ali, os caras tão por sair - na época não existia a palavra, mas era uma carreata. Os caras pararam a cidade toda, imagina uns 3 mil táxis. Que daí só tinha um repórter cobrindo esse troço: eu. Tive que entrar no ar no meio do [redacted] [programa da emissora], a maior audiência da rádio. Quando eu cheguei na rádio, me olharam e falaram "acho que tu foi contratado, só teve uma rádio que cobriu isso". Daí, com isso, me contrataram, e eu fiquei na [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital] até eleição de 1990. Nesse ano, eu tinha feito uma seleção para professor na [redacted] [universidade privada da região metropolitana]. E eu já tava de saco cheio de trabalhar lá, diga-se de passagem. Tinha tido uma greve na [universidade privada da região metropolitana] e ia ter umas aulas em Janeiro e Fevereiro. Alguns dos professores não queriam dar aula nesse período, então me chamaram em novembro. Eu pedi demissão da gaúcha. Eu tinha uma empresa de assessoria de imprensa, com a minha namorada na época, minha esposa atualmente, e foi uma semana muito maluca. Na mesma semana, me chamam para dar aula na [universidade privada da região metropolitana]. Nessa na semana, eu tô fazendo assessoria para o [redacted] [escritor relevante], que na época era o cara que mais vendia livro no mundo. Daí, eu virei professor, fiquei uns 4 anos nessa universidade e fui demitido. Volto para veículo, ganhando o pior salário da minha vida na [redacted] [emissoras de rádio da capital], como coordenador de produção e depois vou ganhar o salário mais alto que eu ganhei veículo, como gerente de jornalismo da [redacted] [rede de mídia]. Também fui demitid. E aí, eu já tava dando aula na [redacted] [universidade confessional]. Na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha] eu fiz mestrado e doutorado e ele vai com professor na Ulbra. Depois a Ulbra tá quebrando, me cortam a minha carga horária... Eu vou dar aula em [redacted] [cidade do interior do estado], fico na [redacted] [universidade pública do interior do estado] e faço o concurso na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha] e virar professor na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha]. Essa é a história mais ou menos...

Porto: Durante a sua formação, tinha alguma disciplina que te interessava mais?

Luciano: Eu gostei, eu lembro de ter gostado muito. Eu não lembro direito da cadeira, porque até aparecia abreviado nos documentos, mas que era mais ou menos isso: Introdução a tele rádio difusão audiovisual. Essa cadeira falava um pouco de história do rádio e tal. Por minha conta, eu fui ler um livro, que é o Por trás das ondas da Rádio Nacional escrito, da Miriam Goldfeder. Eu me lembro de gostar do livro. Assim, eu gostei muito, não vou te negar que eu gostei de fazer algumas coisas de rádio. Lembro que teve um trabalho, um documentário, que a gente fez sobre meninos de rua, meninos e meninas de rua. Daí, pegamos o livro do [REDACTED], que era o nosso professor. Pedimos para ele gravar uma parte do livro para usarmos no documentário. E daí, fomos para a Rua da Praia gravar entrevista com aquelas crianças. E eu aprendi uma lição sem querer. A pior pergunta que eu já fiz na minha vida para uma pessoa, eu fiz para um guri neste trabalho. Perguntei como é que ele se sentia vendo tanta gente comprando presente tal, no dia de Natal, e o guri chorou. Foi um dos piores momentos da minha vida como jornalista. Eu sempre tive uma certa barreira para fazer reportagem com criança, eu acho que começou ali. Foi uma irresponsabilidade, falta de habilidade monumental. No final do ano, perto do Natal, eu lembro que eu comprei, junto com uma colega, alguns brinquedos e saímos dando para as crianças no centro de Porto Alegre. E foi por causa disso aí. E eu fico imaginando até hoje que fim levaram essas crianças. Eu me lembro de uma cadeira que eu fiz de comunicação dirigida. O nome da cadeira era esse. Foi a primeira disciplina que o [REDACTED] deu na faculdade, hoje meu colega. E eu aprendi ali que tu tinha que focar no público, que determinado trabalho precisa ser focado no público. Lembro de ter gostado dessa disciplina e lembro de ter gostado de coisas assim, introdução á sociologia, sociologia geral, que eu acho que era interessante...

Porto: O que te chamava atenção nessas disciplinas?

Luciano: Era um lance meio que assim de descoberta, tu entende? Se eu fosse hoje, talvez, fazer alguma outra graduação, mas acho que eu não vou fazer nunca. Eu faria na área de história ou sociologia, sabe? No final das contas, eu acho que tem uma relação, sabe? Nunca parei pra pensar e tu está me suscitando isso. Acho que tem uma relação entre coisas lá que na época eu não entendia o que estava acontecendo. Mas que fica aquela sementinha lá na tua cabeça e vai ter reação. Então, por exemplo, se eu fui pesquisar e aí tem um outro processo. Eu entrei na [REDACTED] [universidade pública da capital gaúcha]. A [REDACTED] [universidade pública da capital gaúcha] tem muito uma coisa assim... e é uma crítica que eu faço, entende? E também, talvez, seja o seu mérito... aquela coisa assim “nós somos intelectuais, vamos fingir que somos intelectuais” e, às vezes, os caras com mais capacidade, como cientista mesmo, nem são reconhecidos. A [REDACTED] [universidade confessional] já tem um contexto diferente, tem vários caras que podem ser reconhecidos como cientistas. Na [REDACTED] [universidade pública da capital gaúcha], tem o [REDACTED], um cara que me influenciou muito, na pós-graduação. Teve um outro cara, já faleceu e me influenciou também pela obra dele, o que é Valério Britto. O cara da fase da multiplicidade da oferta, economia política da comunicação. Mas isso tudo já no mestrado. Na

graduação, o que eu gostei de fazer foi cultura brasileira, história do Brasil, que era uma cadeira eletiva. Gostei de fazer introdução à sociologia, introdução à economia... Mas daí tem uma outra coisa, eu me choquei um pouco quando eu entrei na faculdade, porque era tudo muito solto. Eu vinha de um ensino, e alguns vão dizer que eu sou mais cartesiano, que a responsabilidade era tua. Se não era responsável, o problema era teu. Ninguém ia passar pano. E era assim no [redacted] [escola técnica], minha noção de ensino é a do [redacted] [escola técnica]. Para mim, a minha noção de como eu devo dar aula, vem muito de um cara de lá. O professor de matemática, que chegava em aula para dar geometria analítica e o quadro dele era um desenho perfeito. E era lógica da aula dele, tinha início, meio e fim. Quando eu comecei a dar aula, eu chegava meia hora antes e botavam um esquema no quadro, com o tempo algum desses esquemas eu fotografei e viraram artigos. Porque eu ficava pensando aquilo esquematicamente. Hoje, chamam de mapa mental. Também era um pouco de insegurança do início, de não poder esquecer de nada, servia como recurso de memória também. E vinha lá da minha aula de matemática.

Mas quando eu entrei na faculdade, minha sensação era que estudando ou não, passava igual. As aulas não começaram no horário, professores se atrasaram... nem todos também. O professor que dava História do Brasil e Cultura brasileira, chegava no horário e derramava conteúdo. E eu queria conteúdo. O cara de Economia também, sabia muito. Eu passava a aula inteira anotando o que ele ficava dizendo. E as outras, às vezes nem era culpa do professor, mas a falta de estrutura mesmo. Então, assim, quando eu fui fazer o mestrado, foi uma sensação de descoberta. Porque aquela base teórica que eu não vi, e que, hoje, vocês veem na faculdade, fui ter lá. Eu vi um início de discussão disso, e como eu já tava com foco de ir para o mercado... Eu nunca imaginei que eu fosse dar aula.

Eu começo a virar professor na [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital], porque eu cheguei para colega disse "Olha só, lançaram livro...", o manual de radiojornalismo da [redacted] [emissoras de rádio]. Eu li de cabo a rabo porque eu achava meio que aquele ensino que eu tive, não era bem o que eu tava fazendo na rádio. Isso não era culpa do professor, porque não tinha estrutura para dar aula antes. Então, de certa forma quando eu li esse livro, e depois eu vou fazer um concurso na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha] para professor em que eu não tinha chance nenhuma de passar. Não tinha titulação, nem nada. Depois, me surgiu a oportunidade de me inscrever para uma outra seleção que era só entrevista e currículo. E teve um outro episódio que eu tava na livraria Globo, e dava para pegar uns livros para ler lá, e eu peguei o Técnicas de Jornal e Periódicos, do Luciano Amaral. Anos depois, eu virei amigo do Luciano, uma das pessoas mais queridas. E eu comecei a folhear o livro e pensei, é isso aqui que eu quero fazer. E, sem pensar, eu comprei o livro. Esse livro do Luciano me mudou um pouco, me deu certo a convicção, que independentemente do conteúdo que eu recebi ou deixava de receber, do que faltava ou deixava de faltar, eu queria fazer isso. Então, eu tinha que buscar conhecimento por conta própria. No final, que eu não te contei a história que eu ia contar das lojas Renner. Eu fui abrir uma conta nas lojas Renner, e a mulher do caixa me disse "o senhor ganha só isso? Não acredito. No seu contracheque tá que você é

repórter da [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital]". Isso aconteceu duas vezes, uma na Renner e outra na Caixa Federal. Não acreditavam que eu ganhasse tão pouco. Então, várias vezes teve essa coisa de querer sair da profissão, mas daí veio a alternativa de me reinventar para ser professor. Tu também não fica rico, mas consegue sobreviver, dar uma viajada de vez em quando... Tem mais estabilidade. Pelo menos na universidade pública, nas privadas é outra coisa. Uma coisa que eu acabei fazendo em determinado momento da minha vida, foi assessoria de imprensa. E isso eu vi muitíssimo pouco na universidade. Tanto que a gente na última reforma do currículo, eu já como professora em 2013, e quando efetivamente vai ter cadeira de assessoria na [redacted] [universidade pública da capital gaúcha], porque alguns colegas acham que a função de assessoria não é função de jornalista. Isso porque nunca tiveram que trabalhar como assessora provavelmente.

Porto: Tu já falou de vários espaços que tu transitou e que ajudar ela na tua formação, mas se tu fosse destacar um principal que se fez presente na tua formação, qual tu destacaria? Como sala de aula, estágio, laboratórios, palestra...

Luciano: Tu diz da profissão para jornalista ou pesquisador professor?

Porto: Bom, para os dois...

Luciano: Para me tornar jornalista, eu vou te dizer que o espaço que me formou foi o mercado. Sem dúvida nenhuma. E também, outra coisa, que foi uma experiência mais pessoal, quando eu trabalhei com a minha mulher. A gente montou uma empresa de assessoria de imprensa. Ela sabia fazer assessoria de imprensa e eu não. Eu tinha um baita preconceito com assessoria de imprensa... e um dia eu me dei conta, se eu não me engano, no dia 17 de dezembro de 1989, o segundo turno das eleições... eu passei o dia inteiro sofrendo censura na [redacted] [uma das emissoras de rádio da capital]. Imagina eu tô cobrindo o comitê do PT em Porto Alegre, e a empresa é [alinhada a outros políticos] [redacted]. Então, eu passei o dia inteiro ouvindo que não era para criar polêmicas, tendo denúncias com provas, vídeos com seguranças contratados por empresários coagindo e batendo em militantes do PT. Até que uma hora eu me estourei e quase perdi emprego ali, dizendo: "Vocês estão pensando que eu sou palhaço?!? Primeiro, eu não posso entrar com uma pessoa entrevistada para que ela dê notícia, depois, vocês não querem que eu nem esclareça os fatos errados...". E aí, eu passei uma tarde inteira sem falar, a cada 20 ou 30 minutos eu chamava a rádio para dizer alguma informação que tinha chegado e não me deixavam dar. Eu cheguei em casa com a convicção de que eu não queria mais trabalhar com isso e a gente montou uma empresa de assessoria. Desse trabalho que a gente fez nessa empresa de assessoria, a gente foi escrever um livro de assessoria, teoria e prática. Algumas coisas que a gente fez ali foi o trabalho que a gente fez com os clientes. Acho que eu sempre tive uma preocupação nesses dois campos: uma reflexão mais profunda sobre história, essa coisa mais da academia, do pensar científico. E, também, uma preocupação muito grande sobre a formação viva. Por isso

que eu escrevi manuais. Além disso, eu acho que tem alguma coisa que vem de algum momento, talvez dos meus pais... que é a coisa de ter uma preocupação com a sociedade. Nesse momento, eu tô organizando um livro com os meus alunos de pós-graduação, meus orientandos, sobre a covid-19. Foi a disciplina que eu dei no último semestre na pós-graduação. Eu não sei muita coisa sobre a covid, tá? Então, a gente chamou pessoas especialistas que falaram em alguns capítulos sobre as suas áreas. E os alunos fizeram artigos em cima de pequenas e grandes preocupações deles, com base científica. Eu te diria, assim, eu acho que a minha formação como jornalista, ela passa por essas cadeiras que eu te citei, principalmente, as do [redacted] [professor] que foi Introdução ao jornalismo; a específica de redação do [redacted] [professor e jornalista relevante]; passa pelas cadeiras de rádio do [redacted] [professor] e passa por essa de Rádio difusão e audiovisual. Depois da graduação, passa também pelas cadeiras que eu vou fazer com [redacted] [professor e jornalista relevante] na pós, cadeiras de metodologia de pesquisa que eu fiz com a [redacted] [professora e pesquisadora]. Passa, fundamentalmente, com a professora [redacted] que foi a minha orientadora de mestrado, e na prática, também do doutorado. E a [redacted] [professora e orientadora] me ensinou a eu tentar achar o que que o aluno realmente quer, em termos de pesquisa. Quando eu cheguei para ela eu acho que eu tava tentando fazer pose de intelectual e cheguei com um projeto mirabolante, uma viagem monumental, e ela começou a falar comigo e viu que eu queria fazer algo sobre a história do rádio. E me disse que aquilo não tinha sido feito e foi isso que eu fiz. Ah, e tem outras pessoas. Pô, o teu orientador é um desses caras, entende? Eu acho que cara que sabe demais, né? E, assim, pra ser jornalista ou pra ser pesquisador não basta ficar apenas naquilo que está sendo lido, tu tem que gostar de viver. Tem que gostar de comer bem, se tiver condição de fazer isso, tem que gostar de ir ao teatro, ir ao cinema, se tiver condição de fazer isso, tem que gostar de música, de arte... Tem que se deslumbrar na frente de um quadro do Picasso. Eu olhei o Guernica, em Madrid, e fiquei pensando como eu poderia transformar aquilo em som. Eu comecei a fazer um exercício com os meus alunos na graduação de transformar quadros em áudios de 30 segundos, usando três palavras que não podem formar uma frase e o resto é música e efeitos sonoros. Além disso, tem um outro lugar que é o o lugar onde eu aprendi mais nos últimos trinta anos. Que é o grupo de pesquisa em rádio da [redacted] [entidade de pesquisa], o grupo de pesquisa em rádio, mídia sonora, que foi fundado pela [redacted], e é um lugar de muitos afetos também. Então, o lugar de aprendizado na pesquisa não é um lugar físico, é o grupo de pesquisa de rádio e mídia sonora da [redacted] [entidade de pesquisa]. Eu cheguei de mansinho, meio sem saber direito onde eu tava entrando, em função da minha orientadora. Eu fui para o primeiro congresso, como estudante de mestrado. Cheguei, assisti o que as pessoas estavam apresentando, eu tava com uma impressão de que aquilo ia ser uma chatice, ia ter gente totalmente distanciada do rádio que se faz, cheias de teorias... Cheguei com aqueles preconceitos trazidos do mercado. E eu já tava dando aula há algum tempo. Daí eu vou para reunião do grupo, tem uma mesa em que eles vão apresentar o livro "Rádio e pânico", e daí eu comprei o livro na ocasião, peguei a tropas dos autores e papá. E depois disso começa a participar da

reunião, dar sugestões do que pode ser levado para o próximo encontro. Eu pensei: Coisa estranha... será que eu posso sugerir alguma coisa? Acabei sugerindo algumas coisas e acataram algumas coisas. E quando saíram para almoçar a [redacted] [pesquisadora do grupo] perguntou se eu não queria almoçar com eles. Eu pensei assim: eu posso? Depois eu vi que eu acabei fazendo isso com outras pessoas, acolhendo elas.

Porto: Durante a graduação, você teve algum espaço que te incentivou, de alguma forma, a pesquisar?

Luciano: Não. Na época em que eu fiz graduação, o contexto era diferente. Não tinha nem trabalho de conclusão de curso naquela época, que é uma coisa fundamental para te incentivar a pesquisar. Bolsa de iniciação científica, também não. Tem o contexto da universidade pública, aquela coisa da ditadura militar... Não existia incentivo à pesquisa. O máximo que teve, foi relativo a uma cadeira chamada Comunicação comparada, e eu até sinto falta dessa disciplina agora nos cursos, era dada pela [redacted] e ela explicava os meios em contexto. E isso me deu uma compreensão diferente das coisas. E esse foi o máximo de incentivo que teve. Na verdade, tudo era um desincentivo, era para ti não ser jornalista! Porque tu ia fazer televisão e não tinha equipamento. Tu ia fazer rádio e não tinha equipamento. Tu ia fazer redação para jornal e eram máquinas de escrever antigas. E daí, tem alguns professores que os caras te davam algum incentivo com o jeito deles. Mestrado e doutorado, a gente nem sabia o que que era. Metodologia também, não tinha nada disso. Teoria de comunicação, não tinha nem disciplina, tava começando o Núcleo de pesquisa do [redacted] [professor e pesquisador]. A maioria dos professores eram pessoas de mercado e que pareciam estar fazendo um bico. A gente não achava ruim, mas era a situação da época.

Porto: Para ti, o que um aspirante a jornalista precisa aprender para desempenhar bem a profissão?

Luciano: Tu sabe que a impressão que eu tenho é que sempre me perguntam isso e cada vez eu respondo uma coisa diferente. Ontem de manhã, eu tava conversando com um grupo de alunos da [redacted] [universidade pública da região nordeste], e a professora me perguntou isso. Assim, eu acho que tem duas coisas diferentes: ser jornalista e ser pesquisador. E eu incluiria uma outra, uma coisa é estudante e outra é pesquisador. O pesquisador deixa de ser estudante quando ele passa teu uma atitude proativa. Ele começa a definir as coisas que ele vai pesquisar por conta própria, vai precisar do orientador e de todas essas coisas, mas é quando ele se solta. E o jornalista, às vezes, ele já tá como um embrião quando ele é estagiário, porque vão cobrar desse sujeito como se ele fosse um funcionário normal. Então, eu acho que precisa ter um conhecimento que vai além do que aparece no dia a dia, que tenham conhecimento de vida e tenham conhecimento teórico. O conhecimento teórico, é o que os manuais dizem sobre a técnica jornalística, como se

faz, a ética da profissão... E eu sinto falta disso, principalmente na pós. Quando eu pegava o pessoal em veículo, eu já sentia falta, mas na pós-graduação é mais. Sinto falta de base teórica do jornalismo. Eu não sou especialista em teoria do jornalismo, mas precisa saber o que é o jornalismo interpretativo, opinativo, de serviços... E eu sinto muita dificuldade do pessoal na pós-graduação, para tu ver. Mas fora essa questão do jornalista em si, o aspirante a jornalista ele, primeiramente, tem que gostar de gente. E isso eu aprendi com um ex-aluno meu, quando ele usou essa expressão na aula e eu gostei. Tem gostar de gente, tem que gostar de falar. Isso não significa que a pessoa não possa ser mais tímida. Não é isso. A gente representa um papel como jornalista, muitas vezes na frente da câmera e microfone é uma coisa, no dia a dia é outra. Eu acho que precisa ter vivência, e isso não quer dizer idade. Às vezes, pessoas de 18 anos tem mais experiência do que uma de 30. Em um documentário que eu tô vendo sobre o pasquim um dos caras fala que falta boteco para o jornalismo. E eu acho que falta boteco para o jornalismo, não precisa ser doido que nem os caras do Pasquim eram. Também tem muito de mística no imaginário em cima disso... Mas um sujeito que vai no cinema, convive com pessoas mais diversas possíveis, isso sim. Tinha um documentário que eu passava para os meus alunos assistirem em aula, de um Jornalista de fazer um desses programas popularescos, políciarscos, que o cara dizia que o jornalismo tava muito perto da elite, e muito distante do povo. Então eu diria que um aspirante a jornalista ele tem que andar de ônibus, andar no meio das pessoas, para ver o que tá acontecendo, e não passar de carro com ar-condicionado ligado, distante... Tem que estar mais envolvido com as pessoas e, daí, vai entender melhor a realidade e ver que a realidade não é essa realidade classe média. Tem que saber que a gente até muda o mundo, mas tem coisa que a gente não consegue mudar. Jornalismo não rima com militância, ele não combina com militância. Eu não gosto de jornalismo panfletário. Não é jornalismo. E tem uma coisa que falta nesses novos jornalistas, que aquela história assim, não vou colocar também falando isso e eu não tô gostando. Mas eu não tô gostando porque ele é de direita, ou esquerda? E se ele concordasse comigo politicamente, eu concordaria? Porque se isso muda de acordo com a posição ideológica dele, tem um problema aí, e não é com a fonte, é com jornalista. É aquela história, precisa ter formação humana. Tem que ter uma certa indignação perante as coisas, mas tem que saber como dosar essa indignação. Uma sensação que eu tenho, é que antes a gente brigava mais com as chefias do que hoje. Claro, tinha muita ressalva, a gente vivia na ditadura. Tem muita gente que se silencia para não se incomodar... Tem uma história, dos caras da [redacted] [importante grupo de mídia do estado], que protestaram porque não queriam usar crachá. Hoje não tem muito. Parece que todo mundo concorda com tudo, não vale a pena discordar. A gente é jornalista, a gente precisa discordar.

Porto: E como tu enxerga o desenvolvimento do ensino durante esses anos?

Luciano: Tá muito melhor do que já foi, com certeza. O [redacted] [professor e jornalista relevante], numa entrevista que a gente fez, ele contou como se desenvolveu a história da pesquisa. Ele disse que era mais ou menos assim: as

faculdades começaram com pessoas de mercado dando aula e agregando alguns teóricos de outras áreas (Sociologia, Psicologia, Ciência Política, História e Ciências). Daqui a pouco começou a ter o cara que vinha do mercado, ou da própria graduação, e queria uma especialização, fazer mestrado, doutorado... E, a partir daí, que de fato foi começar a se desenvolver a pesquisa no Brasil. Em paralelo a isso, a gente tem o próprio desenvolvimento de uma entidade, a [entidade de pesquisa da comunicação], em torno dela, começa ser organizar muito da difusão da pesquisa no Brasil. E dela que saem todas as entidades que a gente tem hoje. Então, eu acho que melhorou bastante. O que eu acredito que esteja faltando nesse processo é um pouco de equilíbrio. Assim, a sensação que eu tenho é que a gente, como se fosse um pêndulo, tava muito perto do mercado, daqui a pouco vem muito perto da teoria. Tem que achar um ponto de equilíbrio. E, em paralelo a isso, algumas instituições que tinham esse ponto de equilíbrio, normalmente universidades particulares – as federais sempre tiveram uma característica um pouco mais teórica –, mas essas que tinham o ponto de equilíbrio, em função da crise, ou em função da política muito equivocada educacional do nosso país, isso se perdeu. Começou a pipocar curso barato e sem a menor qualidade, isso atingiu universidades particulares. Isso fez com que começassem as demissões, isso afetou o ensino. Do meu ponto de vista, a gente precisa ter um equilíbrio entre a parte teórica, que tem que ser muito forte e não só com uma disciplina de teorias da comunicação, isso também tem que ser cobrado, porque a gente tem muito problema com essa questão da cobrança e não é um problema só da área de comunicação. E dizendo isso, já virei cartesiano, ditatorial, mas tô acostumado... Eu vim de uma cultura de um colégio técnico, que a gente tinha muita liberdade, mas era cobrado. Para mim, tem que ser assim. Tem que ser um ensino forte, humano e entendendo que algumas pessoas têm facilidade com algumas coisas e outras com outras, mas precisa necessariamente disso. Tu tá ali para transformar as pessoas. E, para mim, foi um choque quando eu cheguei na área de comunicação, porque poucas pessoas estudavam e a gente tem que recuperar um pouco o valor do estudo. O que transforma as pessoas, a única coisa que te faz diferente das outras pessoas, é o que tu carrega conhecimento. E nesse sentido, os cursos melhoraram muito, mas ainda falta muita coisa, tu entende? A sensação que eu tenho é que a gente não consegue. Criou-se uma sociedade em que o valor do conhecimento, ele é menos importante que o valor do lazer. Precisa apostar no valor do conhecimento. E as Universidades foram melhorando a graduação, surgiu a pós-graduação, e às vezes isso não volta.... Às vezes, se distanciar tanto... Eu acho, que a gente se afastou demais da realidade muitas vezes. Às vezes, a gente pesquisa coisas que eu fico pensando que não é um bom investimento de dinheiro público. Será que isso não é muito específico? Eu acho importante fazer pesquisa que tu quer fazer, ela tem que ser válida e tu tem que tá afim de fazer. Mas às vezes tem umas coisas, muito, mas muito específicas e distante da realidade.

Porto: Antes tu comentou que era quase que como se desincentivassem a pesquisa, hoje tu acha que tem esse incentivo dentro e fora da academia?

Luciano: Olha, eu acho que hoje tem um incentivo dentro da Universidade. Tem questões de bolsas de iniciação científica, eu tenho alunos que hoje estão na pós-graduação, de duas gerações diferentes, que foram meus alunos na graduação. E tu nota uma diferença, dos que passaram pela iniciação científica comigo, mesmo que tenha sido voluntária. Corre muito mais rápido. Acho super importante a iniciação científica. O trabalho de conclusão de curso também. Os trabalhos de conclusão de curso de hoje, tem muito mais metodologia e desenvolvimento teórico do que os de antes. Hoje, a gente tem salões de iniciação científica, eu vejo as pessoas mobilizadas nesses salões. A gente tem eventos focados na pesquisa para iniciantes, temos o [congresso de pesquisa para graduandos] e é muito legal.

Porto: Tu considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da profissão?

Luciano: Olha, foi. Mas eu tenho certeza que muito do que eu ensino na universidade, e não só eu, mas os da minha geração, a gente não aprendeu na universidade. E isso é uma constatação que naquela época tinha muito mais problema do que tem hoje. Era uma coisa muito embrionária, e eu não estou culpando os professores daquela época era uma situação que não era culpa da minha universidade. Tinha particulares que já estavam bem a frente, mas também era uma preocupação muito do mercado, mercado, mercado. Também não acho que tem que ser assim. A preocupação tem que ser com a formação para profissão, só que essa formação é uma formação ampla. E tu tem que meter a mão na massa. Assim como não se admite que o engenheiro civil não saiba fazer um projeto de um prédiozinho quando se forma, não se admite que um jornalista formado não saiba fazer uma reportagem. O problema é que a gente tem jornalista formado que não sabe fazer uma reportagem e, engenheiro que faz o projeto prédio e o prédio cai. Então, o problema não é de hoje, será que é da universidade? Será que não é da formação anterior também? É complexa situação... Mas eu tinha noções das coisas, noções vagas de algumas coisas e outras mais, mas elas foram fundamentais. Eu aprendi muita coisa no dia a dia, Isso não é legal. Porque tu pode aprender o certo ou tu pode aprender o errado.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Agora, a gente vai entrar na trajetória profissional. Durante o período de estágio, e a tua iniciação no mercado de trabalho, tu via o teu ensino sendo refletido na prática?

Luciano: Na realidade, eu via a falta do ensino na minha prática. Mas de novo, não culpo os professores, era a falta de estrutura que era dada para eles. Eu fui trabalhar em rádio e nunca tinha feito uma reportagem ao vivo. O normal, hoje, na mesma faculdade que eu estudei, é que o aluno já teria feito uma reportagem ao vivo. Ele tem aqui equipamento disponível, ele aprende a estrutura de uma reportagem, o professor chega para ele e apresenta situações que ele já viveu... Isso acontecia mais com os

professores de [jornalismo] impresso, na minha época. Eu sentia a necessidade de buscar mais, e tanto que eu fui atrás... Tinha coisas que estavam faltando e eu comprava os livros para sanar essa falta. E eu também acho que hoje o pessoal vai atrás, eu tenho muito relato, e que me gratifica bastante, de pessoas que falam que não fizeram faculdade e leram o meu livro. Eu acho que eu também acabei produzindo algumas coisas em função disso. Queria fazer algo importante para as pessoas, como foram esses livros para mim.

Porto: E como tu encara o mercado de trabalho atualmente?

Luciano: Ah.... Dá para encarar? Há muito tempo, eu sempre dava a minha primeira aula de rádio 1, em todas as universidades que eu passei, eu chegava em aula e fazia uma simulação de mercado. Hoje, de uns anos para cá, se eu chegar para os alunos e fizer isso, e às vezes eu até faço, é assim: primeiro dia de aula, como seria o primeiro dia de trabalho no mercado. Vocês são 30 alunos. Então, vamos demitir 20 e os outros 10 vão fazer todo o trabalho que esses outros 30 teriam que fazer. No Final do semestre, a gente acaba com a disciplina e ela deixa de existir. Porque é isso que o rádio está fazendo com ele próprio hoje. É uma prática suicida. O mercado tem que se reinventar, eu inclusive tô trabalhando nisso em um artigo agora. O faturamento da rádio, vem caindo há anos e eles não conseguem se reinventar. Tinha aquela coisa do *podcast*, e quem tá se fazendo *podcast* no Brasil, mas são produtoras independentes, emissoras de TV e jornal. E a rádio correndo atrás. Porque elas iriam fazer *podcast*? Talvez por ter estúdio, profissional, tudo parado, só não faz *podcast* porque não tem vontade. Parece que não consegue entender que mudou o mercado. O mercado tá feio. Para quem vai entrar, o mercado é muito pouco estimulante. E a pessoa que estão lá dentro, ela olha e ela quer ser o grande profissional de rádio. Só que o grande profissional de rádio foi demitido faz dois meses, três anos, porque o salário dele era muito alto. O mercado tá muito complicado, e ele não respeita o conhecimento. Esse é o problema, não tá preocupado com isso. Tá preocupado com tecnologia, não com ter profissionais qualificados. Se ele tiver muito conhecimento, pode ser complicado, ele pode reclamar. Vamos pegar outro cara livre para ele fazer a mesma coisa, o público não quer saber. E tem um problema a gente tem que colocar nesse cálculo que é o público. A falta de exigência do público. Um ex-aluno e colega deu uma palestra e disse que a população se acostumou com a baixa qualidade, com vídeo de baixa qualidade, foto de baixa qualidade áudio de baixa qualidade... E é real, a gente vive um jornalismo que tá cheio de coisas de baixa qualidade feitas pelo público. E também não sei se antes tinha tanta exigência, talvez os profissionais antes tivessem mais exigência formal ao conteúdo. O mercado tá antes de um momento que a gente não sabe exatamente quando é, mas que deve redefinir tudo. Quando que vai vir? Eu também não sei.

Porto: E dentro das Universidades, como é que tu acha que tá a realidade para os professores?

Luciano: Olha, variável. Uma coisa são as universidades públicas e outra coisa são as universidades privadas. Nas públicas, a gente é considerado terrorista, vagabundo e comunista pela parcela dos governantes. Então tem isso. Mas nós temos estabilidade, e ainda conseguimos fazer pesquisa. Há espaços, inclusive, para acolhida de profissionais relevantes que saíram das universidades particulares. Já nas privadas, nós temos as universidades particulares séria e tem as picaretas. E essas daí que são os problemas, criam fórmulas mágicas, cursos baratíssimos, sem conteúdo, pagam o mal aos professores, não querem professores com doutorado e mestrado. E isso aí começou a desequilibrar todo o sistema. Também acho que tem curso de graduação e de pós-graduação em demasia. Quanto mais melhor? Sim, mas precisa ter estudante, precisa ter uma necessidade social. E isso eu não sei, é uma impressão minha. E tanto no mercado, quanto nessas universidades particulares, as pessoas mais experientes estão sendo substituídas por pessoas mais novas e mais baratas. Existe também uma parcela que não conseguiu se transformar com as mudanças de tecnologia, isso também tem que se considerar. Eu sempre tento ver o negativo, o positivo e o ponto médio. É aquela velha história, às vezes, para a gente conseguir ir para frente, a gente tem que dar um passo para trás.

Porto: Tu se encontra satisfeito na tua vou passar um profissional hoje?

Luciano: Eu, como é que eu vou te dizer... Seria um absurdo eu te dizer que não estou satisfeito por causa do [redacted] [prêmio recebido pelo seu trabalho na pesquisa]. Mas, assim, eu acho que tem muita coisa que a gente precisava fazer. Qualquer universidade vai ser assim, não tem parceria para fazer as coisas. Já teve coisas que eu fiz em universidades particulares, que eu gostei muito mais do que eu faço às vezes nas universidades públicas, entende? Às vezes, eu sentia que eu tava sendo mais importante para o aluno, mas eu me sinto realizado. E até em função desses últimos meses de ano passado, para mim foi muito forte. Apesar da pandemia, apesar de eu ter problemas em sair de casa, com o distanciamento social, mas eu me sinto realizado. Nesse momento específico, me sinto realizado. Tô até pensando o que eu vou fazer da vida. O que eu sinto é que eu gostaria de ter mais envolvimento de alunos, eu acho que os alunos hoje entra na faculdade sem maturidade. Com toda a minha imaturidade, quando eu cheguei do interior, inocente, puro e besta. A gente era mais maduro. A minha geração queria sair de casa, mesmo se a gente morasse nos piores lugares possíveis e mesmo que a gente, daqui a pouco, se acovardasse e voltasse para casa. Eu gostaria que as pessoas tivessem mais envolvimento com a questão do conhecimento, me sentiria mais satisfeito. Tu propõe fazer coisas, que tu já propusesse em outros momentos, e engajamento é mínimo. Eu sinto muito falta desse engajamento nas coisas. Parece que as coisas são feitas na última hora. Só que a gente consegue fazer, porque sempre tem aquele grupo que vai salvar as coisas.

Porto: Agora, a gente já vai para o último eixo, e como tu percebe a prática do jornalismo hoje? Como tu acha que ele se modificou?

Luciano: Eu acho que tem um fenômeno muito ruim, eu não sei como chamar isso, mas comecei a chamar de jornalismo de bolha na semana passada, um jornalismo entre aspas. Não é jornalismo, é propaganda. Isso é muito ruim, exemplo: *Jovem Pan*. A gente tem episódios assim que a gente associa mais com a outra direita, mas a gente tem alguns episódios identificados com a esquerda. E pode ser uma idealização da minha parte, mas eu não gosto nem do *Antagonista*, nem do *Intercept*. Se eu pegar denúncias da *Vaza Jato* do *The Intercept*, e comparar com as denúncias do Watergate, eu fico imaginando que força teria, com tanta opinião. Acho que tem esse problema do jornalismo. Fora as questões que a gente já citou. Pagar mal do jeito que os caras estão pagando, falta de perspectiva, sobrecarga, precarização da profissão... Mas ao mesmo tempo eu vejo pessoas melhor preparadas do que eu estava. E não só pela universidade, o cara fala em inglês, fala francês daqui a pouco fala alemão também...

Porto: Como tu enxerga que essas transformações impactam no teu trabalho?

Luciano: O Whats, hoje, é uma ferramenta fantástica. Eu acho que com a pandemia ficou mais ainda. Eu tento conversar muito com profissionais, e me manter atualizado sobre o que tá acontecendo nessas conversas. Não que eu concorde com tudo que eles tão fazendo, mas tem um grupo de uns 10, 12 profissionais de várias áreas do rádio... E com isso eu consigo manter mais ou menos atualizado através dessas pessoas. Eu sinto falta de técnica do que está sendo feito hoje. E isso é um problema da Universidade, Universidade não conseguiu, ao que me parece, ela não consegue ensinar essa técnica.

Porto: O quanto que a sua percepção sobre a prática da profissão mudou desde o início do curso até hoje?

Luciano: Olha, eu acho que eu tinha uma percepção mais idealizada, quando eu queria fazer Jornalismo e não era jornalista. E tinha uma perspectiva que também era idealizada do que era a aula. Acho que mudou isso, mas na essência, acho que não mudou tanto assim. A rigor, qual a diferença em fazer jornalismo em rádio, TV, internet? Mudam algumas práticas, algumas técnicas, mas, na notícia, tem algumas coisas que não mudam. Às vezes, parece que tá tudo mudando, mas a essência do Jornalismo não mudou. Querem fazer uma mudança com esse negócio dos jornais se posicionando porque é moderno. É moderno? Bem-vindo ao século 19 e o jornalismo panfletário. Eu acho curioso, algumas dessas pretensas mudanças... agora o rádio é participativo. Agora a gente tem *storytelling*. E não é que eu seja contra as novidades, mas eu quero entender se essa novidade é realmente novidade. Nada aparece do nada. Eu brinco com essa frase: a história não começou no dia que eu nasci. E para

vocês, também, isso vale. Temos mudanças significativas, mas na essência muita coisa permanece. Só existe o Jornalismo. Aí, tu faz bem feito ou tu faz mal feito... Agora, a gente tem essa picaretagem de caras darem opinião e dizer que é liberdade expressão. E vende uma extrapolação do jornalismo opinativo, sem contraditório, isso é propaganda.

Porto: Tu falou dessas quebras de idealismos que tu tinha, pode explicar um pouco melhor isso?

Luciano: Eu achava que a gente conseguia convencer as pessoas sobre determinadas coisas. Hoje, eu tenho dúvidas sobre isso, antes eu tinha certeza. Hoje, eu tenho dúvidas que a gente consiga convencer alguém, que não queira ser convencido. Um fanático não vai ser convencido. Essa pessoa perde oportunidade de aprendizado. Ela pode continuar pensando que ela tá pensando, mas ela podia tentar compreender. Eu aprendo com pessoas que têm o pensamento embasado e que não concordam, necessariamente, comigo. Tem esse lado também.

Porto: Dentro da sala de aula é assim também? De ter pessoas que não querem ser convencidas?

Luciano: Eu vou te dizer o seguinte, o que mais me espanta hoje é que, antes da pandemia já acontecia isso, é que as pessoas às vezes acham que não vale a pena discutir contigo. E vem dessa lógica das bolhas. Me preocupa bastante. Uma vez eu falei um negócio sobre *podcast* e uma aluna me contestou, talvez tenha sido a última vez que me contestaram de verdade na sala de aula. Ela tinha razão, virou a minha bolsista de iniciação científica. Parece que não vale a pena. Porque ou o sujeito vem feroz, com tudo para cima de ti, ou não vale a pena, ele só deixa e volta para bolha dele. Sala de aula é como qualquer outro ambiente. É possível que as lógicas das redes sociais tenham transbordado para isso também. Se a minha área de pesquisa não fosse tão específica eu teria vontade de trabalhar com comunicação interpessoal e como que a lógica das bolhas influenciaram isso.

Porto: Entrando um pouco nessas mudanças sociais que tu tava falando, tu acha que tem diferença na atuação desses profissionais mais jovens e mais recentes em relação aos profissionais antigos?

Luciano: Precisaria analisar com muita calma isso. Eu tenho uma sensação que tem, mas pode ser contaminada pelo fato de eu estar ficando velho. Mas a sensação que eu tenho é que esse pessoal briga menos. Não que todas as brigas que a gente tinha fossem válidas, mas é essa sensação que eu tenho. Só que tem outro fator, eu trabalhava na [redacted] [emissora de rádio da capital] e se o cara me mandasse para rua, aí eu tinha possibilidade de conseguir emprego em outras rádios que eram relevantes. Hoje, qual concorrência dos veículos que tem Porto Alegre? Quantos espaços relevantes a gente encontra? Então, as pessoas também se acomodam,

muitas vezes em função da sobrevivência. E eu tenho ouvido muito relato da idealização do jornalismo romântico, se chocando com o cara que era repórter de rádio e foi trabalhar como vendedor numa loja ou, como aconteceu, um cara que eu pego em um carro de aplicativo, e reconheço ele da profissão que jornalista. É uma realidade muito cruel, talvez tenha isso. Não sei se eu não tenho que dar razão para eles também, porque em alguns momentos da minha vida eu abaixei a cabeça e engoliu o sapo.

TRANSCRIÇÃO NINA

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Para começar, eu vou pedir para te falar teu nome e a cidade

Nina: [REDACTED] 24 anos

Porto: E tu se formou em qual curso?

Nina: Jornalismo em agosto de 2019.

Porto: Em que área atua hoje no jornalismo?

Nina: Hoje eu e tu na produção da tv, mas a gente acaba fazendo um pouquinho de tudo, também atuo na rádio. Enfim, tudo que a gente acaba fazendo para tv e rádio também vai para site, e não tenho uma editoria específica então acabo tendo contato com um pouco de tudo, polícia, saúde, ciência, economia, tudo junto.

Porto: e tu realizou a tua graduação numa universidade pública ou privada?

Nina: Privada.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Agora a gente já vai para parte acadêmica, esse primeiro eixo foi bem introdutório, e agora a gente pode explorar mais. Então, como que se deu a escolha da sua profissão?

Nina: Nossa é uma pergunta que eu sempre me faço, porque eu acho que sempre foi uma coisa meio orgânica para mim. Uma coisa muito natural, eu gostava de escrever, eu achava em um determinado momento da minha vida que eu ia ser escritora, e daí eu me vi gostando mais de livros que falam da realidade em si do que de ficção. Então, em vez de ler um livro de histórias de romance, eu preferia ler um livro de romance em Auschwitz. O que aconteceu de fato. E aí quando eu me dei conta disso, eu vi que tinha alguma coisa diferente ali e eu fui procurando cursos que tinham mais a ver com isso e aí e aí o jornalismo surgiu como opção. Acho que nem teve outro curso que eu pensei em fazer. Eu queria ser escritora lá pela sétima série, e pelo ensino médio eu já tava decidida sobre o jornalismo.

Porto: e como se deu o ingresso no curso superior mesmo?

Nina: Tu diz em relação ao vestibular? Em relação ao que exatamente?

Porto: Como foi a percepção de ingressar na faculdade e começar o curso de jornalismo?

Nina: Foi bem positiva, porque na verdade eu quis estudar na ■■■ [universidade confessional] depois que eu fui naquele open campus, eu fiquei apaixonada por tudo aquilo. Eu fiquei em êxtase com tanto equipamento, com tanto estúdio, e tudo aquilo foi me motivando e me aproximando da realidade e do dia a dia do jornalista, porque tu sai do ambiente da sala de aula que é uma coisa dura, a cadeira, a mesa, e o professor na frente. E te coloca dentro de um estúdio de televisão ou de rádio, espaços que são todos moldados como a redação, e isso te dá muita vontade de trabalhar logo com isso. Então, eu fui lá e conheci e logo já fiquei encantada e pensei que era lá que eu queria estudar.

Lembro que teve uma época que a minha mãe queria muito que eu fizesse a federal, mas ela não tinha essa percepção de equipamento e quando ela me assistiu para fazer na ■■■ [universidade pública da capital gaúcha] eu falei para o meu pai que se ele tivesse condição de pagar eu preferia fazer na ■■■ [universidade confessional] e que era meu sonho estudar lá e aí eu lembro que eu nem quis fazer o vestibular da ■■■ [universidade pública da capital gaúcha]. Eu falei que eu não ia fazer porque se eu passasse eu não ia querer estudar lá e não ia adiantar nada, só ia desgastar a fazer. Então acabei fazendo só o vestibular da ■■■ [universidade confessional] mesmo e quando eu entrei eu fiquei apaixonada e tivesse certeza de que de fato era o lugar que eu queria estar ouvindo as coisas que eu queria ouvir, aprendendo as coisas que eu queria aprender. Digamos, que supriu todas minhas expectativas iniciais, era um sonho entrar e vivenciar os estúdios de rádio e televisão na faculdade, teu contato com o jornalismo e com os profissionais da área. Eu não tinha ninguém da minha família que fosse da área e que pudesse me dar essa iniciação... as pessoas que estavam conhecendo da área eram os professores eu achava que o fantástico, o fato deles terem tido contato com redações e com outros profissionais... Eu sabia que eu tava no lugar certo.

Porto: e nesse momento, o que que tu esperava da profissão? Quais as expectativas da atuação mesmo?

Nina: eu enxergava o jornalismo com um viés social que depois ao longo do tempo eu até fui me desmotivando com algumas coisas, mas, hoje, ainda trago muito desse viés social porque eu acho que no dia a dia a gente acaba convivendo e conhecendo pessoas com realidades diferentes. Quando tu ouve de alguém que tu conseguiu contribuir para aquela pessoa, por menor que seja a situação, te faz lembrar o papel do jornalismo de verdade. No início, eu tinha muito essa visão de ajudar e querer fazer alguma coisa pelas pessoas, conseguir comunicar a todos sem excluir ninguém, eu sempre quis escrever, claro, de uma forma objetiva e de uma forma que todo mundo pudesse ter acesso. Porque não é justo a pessoa que não têm acesso à educação não entender o que um jornalista tá falando. Então, eu sempre tive essa percepção, e

isso não mudou ao longo da faculdade. Segui tendo essa percepção do social, da gente ser o meio, denúncia, a gente a voz, essa percepção que eu tinha do jornalismo eu tenho até hoje graças a deus.

Porto: E tu já falou um pouco sobre as suas expectativas iniciais do curso, mas para além da questão da prática e dos estudos, como é que a [entrevistada] do primeiro semestre encarava o ensino do jornalismo?

Nina: eu acho que ali no início eu via como tudo muito perfeito, tudo encaixava dentro da faculdade. Era exatamente aquilo ali que eu achava que tinha que ser ensinado, ao longo da faculdade isso foi mudando um pouco, porque também foi mudando a grade curricular, então não era mais aquela grade curricular que eu tinha expectativa inicialmente e entraram outras coisas que eu não tinha muito interesse e querendo ou não tomaram conta de tudo que era projeto na faculdade. Isso de certa forma me desmotivou um pouco, mas naquele início era exatamente como eu achava que tinha que ser sabe? O ensino ali agregava todos os pontos possíveis, te levava para prática, mas te dava uma base teórica, ao mesmo tempo que tinha professores extremamente teóricos, outros eram muito bons na prática, que tinham tido muito contato com ambientes profissionais para academia, eu acho que une essas duas coisas é algo muito importante. Não adianta a gente ter só a professora que é da academia, mas também não adianta a gente ter só professor de veículo, não dá para ter só uma das coisas. Tu precisa estudar para ter uma base e saber o que já foi feito, o que que tu pode repetir, que pode transformar a, e ao mesmo tempo tu tem que ter a manha, aquela coisa diária da profissão. Da correria mesmo.

Porto: E durante a trajetória quais as disciplinas que mais interessavam?

Nina: Eu gostava muito de radiojornalismo, o que foi uma surpresa para mim porque eu nunca gostei muito de ouvir rádio, quando eu ouvia não era notícia, e aí quando eu comecei a fazer rádio eu gostei muito, me apaixonei. Tanto que meu tcc foi em rádio. Gostava muito de tele também e teorias da comunicação, eu amava de paixão, era uma das aulas que eu achei que eu nunca fosse gostar, mas a aula dele era muito boa tinha uma didática impressionante. Para tratar da teoria mesmo, obrigar o aluno a ler e trazer aquilo para o contexto que a gente entendesse, e ele dominava o conteúdo, eu gosto muito de professores que são assim que não precisam de um slide. Ele dominava, ele sabia na ponta da língua. Ele sai andando pela sala e falava sobre aquele conteúdo, aquele teórico, sem precisar ter um papel na mão, sem precisar de uma apresentação projetada. Então, essa didática para mim ir porque aquela didática raiz, eu acho fantástico. E isso me cantava muito nas aulas dele. E uma cadeira de laboratório de jornalismo no início da faculdade, a gente tem um contato com uma espécie de mini redação. E aí fica ainda em êxtase com esses da faculdade, com toda aquela coisa de botar a mão na massa, então isso meio que encanta logo de cara.

Porto: e teve alguma disciplina ou professor que te marcou de alguma forma especial? Que te transformou de alguma forma?

Nina: teve... Teve alguns professores que me marcaram. E aí não só relacionado a disciplina deles, mas é esse contato que a gente tem com os professores, porque isso acaba motivando e te ajudando. Então, eu tenho alguns professores, como o [REDACTED], que foi quem me deu a minha primeira oportunidade de trabalho em laboratório na [REDACTED] [laboratório de jornalismo]. O [REDACTED] que foi quem me empurrou para o mercado de trabalho e me deu oportunidades no mundo da assessoria de imprensa, que foi quem me deu muito puxão de orelha quando eu trabalhei com ele e eu ainda não sabia escrever direito. Então, quando eu escrevi um texto e achava que tava muito bom ele ia lá e detonava... (risos) e que também foi uma pessoa que me seguiu para veículo de comunicação. A [REDACTED] também foi uma pessoa que me marcou muito porque eu trabalhei com ela e eu não tinha muito essa coisa de redes sociais. Então era uma coisa muito nova para mim que eu precisava aprender, só coisa de edição, das redes sociais, e eu acho que ela ensinava isso com muita facilidade. E o professor [REDACTED] gostava muito das aulas dele e esse. Eram professores que eles dominavam, eles entravam na sala de aula e pronto as aulas dele estavam prontas e era aquilo ali. Eles sabiam tudo que eles iam falar de trás para frente.

Porto: E qual o espaço que tu acha que foi mais presente na tua formação? Sala de aula e, laboratórios, e estagio, palestras...

Nina: O mais presente mesmo, eu acho que foi o laboratório da [REDACTED], onde eu comecei na assessoria de imprensa. Porque eu aprendi muita coisa ali, aí não só a prática do jornalismo (escrever um texto, ligar e entrevistar alguém...) mas também a ter contato com pessoas mais velhas de outros semestres, contato com professores, um contato mais próximo que extrapolava a sala de aula. A gente tava ali como espécie de funcionários deles, então de certa forma eles eram os meus chefes, não mais os professores. Só que ao mesmo tempo ainda eram os professores porque eles estavam ensinando o tempo inteiro, mas acho que a [REDACTED] de assessoria de imprensa realmente me marcou demais e foi uma surpresa para mim porque eu nunca quis trabalhar com assessoria de imprensa. Eu sempre achei muito chato, não gostava, não identificava e eu não consegui vaga no outro laboratório para tv, que era o que eu queria, o meu sonho... eu tinha todo o plano traçadinho quando eu entrei na faculdade, porque eu ia entrar no [REDACTED] [laboratório experimental de jornalismo], e entrar para tv, e assim indo... e foi tudo do avesso. E que bom que foi do avesso, porque foi muito melhor do que eu imaginei. Só que isso em vários momentos me frustrou. Lá atrás eu não tinha como saber onde que eu ia parar. Quando eu não passei para o laboratório, eu perdi todos os outros prazos de entrevistas e quem me colocou ali na assessoria foi um dos professores. E no início eu sentia que eu tava lá, mas não queria tá trabalhando naquela área, e acabou que eu fiquei lá quase dois anos e foi aonde eu tive o primeiro contato também com o

mercado de trabalho e que me garantiu um networking absurdo. Até mesmo com esses alunos, que hoje em dia são meus colegas de trabalho, e eu troco o whatsapp, converso, falo da vida, muitos viraram meus amigos. E não só isso, mas foi ali também que eu descobri que eu não queria trabalhar com assessoria de imprensa. Eu vi que eu sabia fazer aquilo, que eu podia fazer aquilo, mas que eu não queria aquilo para minha vida. E isso foi importante, porque eu vejo que muitas pessoas depois vão para veículo e ficam na dúvida. Do tipo: nossa será que isso seria uma coisa legal? Será que eu gosto de assessoria e poderia trabalhar com isso? E eu acho que eu superei essa dúvida logo no início, já consegui descartar de cara. Hoje eu sei o que eu quero eu quero fazer. Eu fui experimentando um pouquinho de tudo digamos assim, e acho que a única coisa que eu realmente não trabalhei ainda foi jornal impresso...

Porto: Na tua opinião, o que que um aspirante a jornalista precisa aprender para ser um bom jornalista?

Nina: Que responsabilidade... Acho que nem eu sei isso até hoje. Mas eu acho que primeiro de tudo é ter empatia. O jornalista precisa ter empatia, desde o momento que ele tá na sala de aula ele precisa ter empatia com o colega - que talvez não tenha entendido direito conteúdo e pedi uma ajuda -, até o momento que ele vai ter o contato com a fonte e vai precisar se colocar no papel aquela pessoa. Porque a gente tem uma profissão que é muito gostosa e é maravilhosa de fazer, mas, às vezes, ela é cruel, ela tem muita vaidade, muito ego e muita concorrência, inclusive interna, mas ao mesmo tempo é uma profissão que te supre socialmente também, porque a gente tem uma função social muito forte precisamos ter consciência disso. Eu preciso ter consciência que eu não posso escrever qualquer besteira que eu possa acabar com a vida de uma pessoa. Preciso ter consciência que certos termos eu não posso usar, porque podem causar coisas ruins para pessoas. Para depois desfazer o estrago do impacto do jornalismo é muito pior. Para o jornalista passa, foi um momento da carreira dele, mas para quem tu afetou, para quem tu destruiu... se tu deu uma manchete falando que o cara foi preso quando na verdade ele foi preso injustamente, a pessoa fica marcada. Então, acho que é muito importante a gente ter empatia e consciência da responsabilidade social que a gente tem. Quem quer entrar no jornalismo tem que pensar nisso, tem que querer essa responsabilidade! Tem que ter esse cuidado de que fazer a coisa certa, que alguém tem que falar a verdade, sem exagerar, sem ser sensacionalista, com muito cuidado nas palavras porque elas machucam e elas marcam. Tudo que tu fala, que tu comunica, que tu coloca no texto pode ter outra versão, pode mudar. Se tu entrou no curso, pensa se tu quer mesmo. Pensa se tu tem empatia, porque o jornalismo ele sobrevive muito a base do amor. Não é uma profissão que vai te pagar rios de dinheiros, ninguém entra no jornalismo pensando em ganhar dinheiro. Se a gente entra no jornalismo é porque a gente é apaixonado pela comunicação, entende o quanto a comunicação transforma. Mas é importante a gente não esquecer que a gente tem um papel social e que a gente precisa se colocar no lugar do outro e ter responsabilidade por tudo que a gente fala e tudo que a gente comunica. Eu não falo mais só para mim ou para os meus amigos, que eu falo é para

a sociedade. E o que eu falo vai ficar marcado. A gente precisa ter essa consciência, às vezes a gente entra muito na comunicação pelo impulso. Ah eu gosto de comunicar e sou uma pessoa comunicativa. Mas não é só isso, para você ser jornalista não é só ser comunicativo. E quando a gente entra no jornalismo a gente também tem que tirar essa percepção de que é uma faculdade fácil. Tudo bem, tu pode passar sendo mediano, mas tu tem que estudar, estudar muito e estudar de tudo. Tu tem que entender como é que funcionam as relações. Tu vai estudar a vida inteira, cada momento que tu recebeu uma pauta tu vai estudar e aprender. E acho que isso a gente perde um pouco. Eu vejo muita gente falando que acabou a faculdade e não precisa mais estudar. Não! Entendeu tudo errado. Tu vai precisar estudar para sempre. É depois que começa a pior parte, porque antes tu só estuda comunicação, a prática, e as ferramentas da comunicação. Mas a informação que tu vai tratar, tu vai ter que estudar isso diariamente. Então, tu tem que entrar de cabeça, ter a consciência que vai estudar, que tem que ter empatia e da responsabilidade social que o jornalismo tem.

Porto: e como tu acha que a faculdade pode ajudar ao aluno a perceber isso? A preparar o aluno para isso?

Nina: eu acho que a [faculdade], no início, fazia muito certo, não sei te dizer exatamente como eles faziam, mas de alguma forma eu sentia que eles colocavam a gente para pensar sobre isso colocavam isso na gente. Trazendo realidades de fora, isso lembro muito do [evento anual da faculdade], onde eles traziam pessoas de fora e eu gostava muito de ouvir pessoas diferentes. Lembro muito do [jornal comunitário do Rio de Janeiro] que o coordenador trazia bastante nas cadeiras. E hoje eu trabalho diretamente com eles... a gente desenvolve projeto toda hora com eles e eu lembro de ouvir eles na faculdade e de pensar que ali estava nossa responsabilidade social. Porque era um menino que não tinha tido contato nenhuma com universidade e que tava fazendo um papel fantástico de jornalista. Foi o menino que transformou o [bairro periférico do Rio de Janeiro]. E eu me perguntava como que ele consegue fazer isso? Mas era porque ele entrava onde ninguém mais entrava. Tinha uma percepção que ninguém mais tinha. A faculdade conseguia trazer isso para gente fazendo com que a gente ouça pessoas de fora, colocando a gente na prática mesmo, na rua, da sala de aula e ter contato com as pessoas. Largar aquela preguiça de *whatsapp* e conhecer a fonte. Eu lembro que eu fiz uma matéria para aquele concurso do [jornal popular da capital], que foi um concurso incentivado pela [faculdade] e divulgado lá dentro. E eu lembro que a matéria era achar uma família que vivesse com uma renda básica, que eu acho que era uns R\$ 700 no mês, era um troço absurdo. E eu lembro que eu falei para minha mãe eu preciso achar essa família, que isso era muito fora da minha realidade, não era algo simples para achar porque, querendo ou não, eu sou privilegiada. Então, eu olhar para essa pessoa do outro lado era um universo inteiro na minha frente e quando eu encontrei uma mulher, uma mãe com três filhos que bancava tudo sozinha com menos ainda que o salário mínimo... e,

querendo ou não, foi a faculdade que me fez chegar a ela. E quando eu vi esse concurso com todo aquele viés social, eu pensei: é isso! É isso que é o jornalismo. Eu lembro que eu falei para minha mãe que eu não queria entrevistar ela por telefone, eu não queria falar com ela por *whatsapp*. E a minha mãe me perguntou como é que eu ia lá, se não era perigoso... e eu falei: não é perigoso, se ela mora lá, eu vou aí até ela, na casa dela. E eu fui, eu cheguei lá e ela amou. Foi dentro da faculdade que eu vi aquela oportunidade que eu fui atrás daquilo e incentivada por professores eu vivi isso. Eu lembro que antes de eu falei com um professor e ele me disse para observar a casa dela, olhar do que que eram feitas as coisas na casa dela, se ela produzir algum artesanato, se ela fez alguma coisa para ganhar uma renda extra. E, para tu ver, isso saiu do ambiente acadêmico, foi um professor me auxiliando. Por meio de eventos, palestras oportunidades que nos coloca em contato com a realidade mesmo da profissão. Isso acaba te trazendo a percepção real do que realmente importa na profissão. E os professores de trazerem isso te colocarem na cabeça importância dessas coisas, que a gente perde muito... Hoje eu vejo nos meus estagiários que existe muito uma mania de marcar tudo por *whatsapp*, de não pegar o telefone e ligar. Eu falo para eles, que se a gente não pode sair da redação, então, liga, conversa, explica o que tu quer e ouve a pessoa, pega história dela, deixa ela se sentir à vontade contigo. E isso eu aprendi não só no dia a dia da profissão, mas também com os professores porque por mais que não tivesse, às vezes, muito a ver com a disciplina, eles extrapolavam, porque eles queriam que a gente soubesse fazer jornalismo, independentemente disso envolver as disciplinas deles ou não.

Porto: E como tu enxerga o desenvolvimento do jornalismo no decorrer dos anos?

Nina: eu ainda sou muito sisuda. Assim, eu gosto ensino tradicional, eu acho importante a gente ter isso. E com a mudança toda da grade curricular veio muito dessa veia empreendedora, essa coisa de empreendedorismo, que, tudo bem, é importante hoje em dia, a maior parte dos brasileiros está se virando com isso também. Não sei se a maior parte, mas boa parte tá se virando com isso. Mas eu acho que às vezes a gente peca nisso também, há um excesso de ânimo por coisas muito novas. Calma, a gente vai falar e entender isso, mas empreender não é fácil. Não é como a gente viu várias vezes na faculdade, que é rios de maravilha, que é incrível todos serem seus próprios chefes... nem todo mundo tem dinheiro para isso, nem todo mundo tem organização para isso ou vocação para isso. Então não adianta tu querer colocar tudo no mesmo saco e achar que empreender é a saída para tudo agora, a profissão do futuro, porque para muita gente não é. A gente ainda precisa do tradicional e do básico. A gente ainda precisa saber fazer o arroz e feijão, para depois pensar em empreender. Acho importante, sim, a gente falar de empreendedorismo. Não tem como fugir disso, mas eu acho que a gente erra quando a gente transforma em algo maior do que é, quando a gente transforma isso no principal. Querendo ou não ao longo dos anos a faculdade perdeu um pouco disso, do tradicional, de sentar, estudar, de saber quem são os teóricos, de identificar essas coisas. E a gente perdeu porque a gente se empolgou no meio do caminho com outras coisas que parecem

fantásticas. E que na realidade não é bem assim, porque a realidade é dura para os dois lados... é dura para quem tá no tradicional, mas pode ser tão dura ou pior para quem está empreendendo. Então, acho que a gente precisa voltar e relembrar que saber o básico é muito importante e é fundamental, não é só sair criando projetos prontos do *canva*, a gente pode fazer mais e acho que a gente perdeu isso um pouco no meio do caminho.

Porto: E tu acha que os jornalistas que estão se formando agora são menos jornalistas que os que se formaram antes?

Nina: não, não acho. Eu acho que ao longo de todo o tempo, em qualquer profissão, e no jornalismo também, lógico, a gente tem bons jornalistas e ruins também. A gente forma pessoas, mas não tem como se saber se a mesma formação que uma pessoa recebeu, vai ser 100% para outra. Talvez, uma absorva muito mais do que a outra, seja por interesse, ou por ter aproveitado mais, talvez por ter mais oportunidades. A gente sempre formou os dois lados, bons e maus jornalistas, tanto na década de 80, quanto agora. São percepções diferentes, mas que na essência, a gente faz o mesmo jornalismo, em termos de conteúdo, mas o que muda são as ferramentas. A essência do jornalismo ela tá ali. Talvez, mude um pouco, uma coisa ou outra. Eu percebo muito que essa coisa da rede social, de a gente ter tudo muito volátil e tudo mudar o tempo inteiro, e essa pressa, faz com que a gente esqueça um pouco de contexto. Eu conversei muito sobre isso com chefias, de como as redações extinguiram profissionais mais velhos e experientes e eles são fundamentais para uma redação, porque, às vezes, eu tô fazendo uma matéria de algum assunto que vai remeter o caso que já aconteceu, e eu não vou me dar conta na hora ou eu nem saiba disso. O profissional mais antigo, talvez, até tenha participado da cobertura disso, e ele vai poder me dizer que isso já foi feito ou como isso pode ser feito. E esse contexto ele é fundamental para o jornalismo. Jornalismo sem contexto é um jornalismo que não informa e não te traz o conhecimento. No momento em que tu pega uma informação e coloca ela dentro de uma área de outras informações e faz aquilo fazer sentido para os outros... porque a história se repete, então, as coisas fazem sentido, e para elas fazerem sentido elas precisam de um contexto. E no momento que tu consegue fazer isso com uma informação nova, e jogar aquilo num contexto, explicar aquilo, tu agrega muito mais. Aí, tu agrega conhecimento e sai do campo só da informação.

Porto: E depois que tu concluiu a graduação, tu continuou estudando?

Nina: Sim, eu fiquei seis meses parada porque eu disse que eu ia me dar o luxo, que eu não ia estudar nada, que eu ia ficar tranquila, só relaxar e trabalhar. Mordi a língua. Não aguentei ficar mais de 6 meses parada, comecei a entrar em desespero que eu precisava estudar alguma coisa, catar um milhão de curso na internet, eu tinha feito o enade também e saiu o resultado e eu consegui uma bolsa na pós pela [redacted] [universidade confessional]. E agora que eu tô parada desde janeiro já tô me coçando de novo para saber o quê que eu vou estudar, já tô catando mestrados, não parei de

ler. Tenho lido vários livros e assim, não necessariamente só livros de comunicação, porque eu também acho que a comunicação a gente lida com ela no dia a dia e a importante a gente saber o que fazer lógico, mas a teoria ensina a comunicação ela acaba não sendo tão fundamental no teu dia a dia. É importante que tu entenda e tenha esse conhecimento, saiba o que que tu tá fazendo, entenda o porquê de tu estar fazendo daquela forma. Mas, ao mesmo tempo, os conhecimentos de outras áreas vão ser ainda mais agregadores para ti no dia a dia. Então, eu aqui trabalhando muito com polícia, que é algo que eu gosto muito inclusive, eu fui estudar isso. Eu digo que a gente, como jornalista, tem que estudar para não falar besteira. Tem muito jornalista por aí falando bobagem, eu acho triste. Isso faz com que a gente fique cada vez mais sem a credibilidade. Aí, quando um jornalista perde a credibilidade, não é só ele que tá perdendo a credibilidade, a classe inteira tá perdendo, porque a sociedade enxerga a gente tudo como a imprensa. Quando a imprensa fala alguma besteira, a galera joga todos os veículos de comunicação no mesmo bolo. Eu ouço muito que as pessoas falam que não assistem mais [redação] [rede de televisão], não assistem mais [grupo de mídia] não assistem mais os veículos, eu até tive um embate recentemente sobre isso. Meu professor da autoescola falou que a imprensa só fala besteira, e daí eu perguntei para ele se ele já tinha parado para assistir todos os noticiários nacionais que a gente tem? Jornal da record, sbt brasil, jornal nacional... E ele falou que era tudo igual e daí eu disse então se não assistiu, por que são vieses completamente diferentes. Cada um tem sua linha editorial.

Então, a gente tem uma gama muito grande de opiniões, linhas editoriais e de formas de escrever.

Porto: Tu considera então que a formação acadêmica foi importante para o exercício da profissão?

Nina: Sim, foi fundamental. Qualquer formação acadêmica é fundamental. Eu acho muito triste que a gente não tem exigência do diploma para jornalista. Não que a gente não tenha bom jornalistas que não tem diploma, a gente tem no brasil. Mas eu acho muito triste porque tu desvaloriza completamente uma categoria, no momento que tu diz que tu não precisa da obrigatoriedade do diploma. Tu não obrigar e tu dá o passe livre e dizer que não precisa formação acadêmica para exercer a profissão, qualquer um exerce. E não, não é qualquer um que exerce. E talvez por isso também que a gente tenha perdido tanto a credibilidade, tenha tanta gente falando besteira por aí, ouça a imprensa sendo tão agredida. É fundamental sim, a pessoa tem que passar pela academia tem que entender, não basta ser um aluno mediano. Não dá para entrar achando que tu vai passar a faculdade inteira tirando 7 para passar, faculdade não é isso. Tá tudo errado se você tá pensando isso. Comunicação é responsabilidade, que vai talvez a gente tem uma responsabilidade tão grande quanto outras profissões que a gente enxerga como responsáveis, como advogados e médicos. A gente também impacta a vida das pessoas, a gente mexe com as vidas das pessoas e a gente pode acabar com a vida de pessoas. Então é fundamental que a gente tenha consciência do que a gente tá fazendo, que a gente saiba técnica, que a gente saiba escrever, que

saiba o contexto das coisas, que a gente pare e leia. Eu vejo um monte de jornalista, inicial, inclusive estagiários, porque senão preciso diploma o estagiário também já é um jornalista, e as pessoas não leem.

Outro dia eu vi uma estagiária com um livro e super teórico sobre televisão, eu disse para ela parabéns, decoração. Porque fazia muito tempo que eu não via alguém chegando na redação com o livro na mão.

O meu pai fala aqui qualquer lugar, qualquer universidade, te dá uma formação acadêmica, mas o que vai te diferenciar é tu. Se tu vai absorver aquilo, se tu vai estudar mais, se tu vai ir para além da sala de aula. Meus pais são professores, então meu pai dizia que uma boa universidade e um bom aluno, é algo muito relativo... eu posso ter um excelente profissional formado numa faculdade mediana e um profissional ruim numa universidade muito boa. Lógico que faz toda a diferença ter a biblioteca, o equipamento, e ter toda uma infraestrutura que vai te ajudar a, isso facilita a trajetória. Mas também vai muita pessoa, só ver o quanto de gente passa pela [universidade confessional] e não usufrui nem 1% daquela universidade.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Agora entrando no terceiro eixo, sobre a trajetória profissional. Durante a tua trajetória nos estágios do percebi o teu ensino sendo refletido na prática?

Nina: Sim, principalmente os conhecimentos práticos, porque na [faculdade], a gente tem muito conhecimento prático. Isso com certeza facilitou. Aquelas aulas que a gente tinha de rádio. Ter contato na edição, me ajudou muito na [emissora de rádio], e vice-versa porque o meu estágio também me ajudou muito na faculdade. A tomar também algumas decisões e fazer algumas escolhas, várias vezes a opinião de algum professor impactava. Várias vezes, eu lembrava de alguma aula específica que demonstrava alguma coisa, e até hoje eu vejo isso. Se eu me deparo com alguma situação, alguma pauta, eu lembro, por exemplo, dessa coisa da descrição do ambiente, de como atingir o clímax da história. E eu tento trazer muito isso no meu texto. Eu lembro disso tempo inteiro, dos elementos que os professores traziam na sala de aula. Em prestar atenção em alguns detalhes, escrever de tal forma, às vezes, eu tô editando algum texto dos meus produtores e tô lembrando deles falando. Isso eu tento passar para os estagiários também como fazer, por onde começar, questionar o que que impacta eles. E é curioso também ver esse crescimento deles, porque o que eu aprendi lá na universidade e eu tô trazendo para minha prática, eu também estou repassando para minha equipe, porque talvez eles não tenham tido algum professor assim.

Eu lembro também de algo que o [professor de redação] me falou recentemente, quando ele me mandou alguma mensagem perguntando como eu tava aqui no rio. Eu lembro exatamente a frase que ele me disse: “texto é tudo, tudo. Bons textos em televisão são raros”. E isso é verdade. No dia a dia, eu percebo muito isso quando que o texto na televisão acaba sendo pobre, quantas vezes que um texto começa de

forma sensacionalista e rasa. Um texto de tiroteio, por exemplo, começa: tiros, medo, moradores acordaram assustados... mas assustado como, o quanto? O que que essas pessoas fizeram? Quais os outros elementos que eu posso entregar? Porque o medo e o barulho, isso é lógico.

Isso eu vou passando para os estagiários. Os questionamentos que os professores faziam em sala de aula, eu me faço diariamente, mas também faço para os produtores. E isso é muito curioso.

Porto: E onde tu já atuou? Como foi a trajetória profissional até agora?

Nina: Eu fui primeiro para assessoria de imprensa na faculdade mesmo, que eu fiquei com o estagiária voluntária no primeiro semestre, depois eu passei a ser contratada como estagiária pela [redacted] [universidade confessional] ali no núcleo. Nisso, também, comecei a fazer alguns *freelas* para um professor, eu também estava me inserindo para o mercado de trabalho externo em assessoria de imprensa. Depois, eu fui para [redacted] [grupo de mídia nacional], para rádio. Depois para [redacted] [emissora de televisão] da Região Sul, eu tive contato com TV, depois vim para essa mesma emissora no rio. Agora, eu tô na [redacted] [emissora concorrente] do rio. E hoje eu faço tv e rádio, porque eles uniram os dois.

Porto: E o que que te levou ao que atua hoje?

Nina: Para ser sincera, digamos que falta de emprego. Não, assim, na rádio eu fiz um pouco de tudo, produção, reportagem, ancoragem. Ao mesmo tempo, que eu também gostava muito da reportagem. Mas quando eu fui trabalhar na televisão, e quando tu entra na televisão tem muito disso, em geral entra na televisão pela produção e tu entra cru, sem entender muito bem. Eu entrei sem saber nada, aí teve uma chefe incrível que foi quem me pegou pela mão e me ensinou absolutamente tudo de produção de televisão. E foi como se eu tivesse saído de lá preparada para enfrentar qualquer produção. Ela fez muito isso comigo, me deixar preparada para qualquer situação que envolvesse produção. Então, eu tive contato com tudo de produção lá. E de novo, a produção me abriu portas, quando eu vim para o Rio, eu vi que era bem diferente. Em Porto Alegre, a produção também faz apuração, no Rio, são dois núcleos diferentes. E depois eu entendi que é fundamental separar esses processos, porque, aqui, a gente aprende que essa questão das fontes, que a gente não tem muito forte em porto alegre, aqui é muito. É um jornalismo feito com fonte, tu tem que ter fonte aqui. E quando eu cheguei, eles queriam me jogar para produção aqui, mas daí eu falei para o meu chefe, eu não quero fazer produção aqui, eu preciso fazer agenda, conhecer as pessoas nessa cidade. Porque aí onde eu morava, é um tipo de contato, agora, eu tenho que entender para quem ligar quando acontecem as coisas. É outra realidade. E daí, ele me colocou na apuração um tempo, mas chegou um nível que ele me disse que precisavam me colocar na produção porque eu precisava de alguém que entendesse e ao mesmo tempo era uma maneira deles conseguirem me manter porque não tinha mais vaga na apuração.

E daí, de novo eu tive contato com um monte de coisa da produção, e eu sabia já fazer produção, sempre tinha feito produção, desde 2017. É muito tempo já, dentro da minha trajetória, na mesma função. E eu gosto vergonha eu tenho vontade de trabalhar mais com reportagem, mas é algo que eu sabia fazer. E é lógico que a gente aprende todo dia, mas a essência eu já sabia. E querendo ou não foi isso que me abriu portas onde eu tô hoje.

Você viu o momento que eu fiquei praticamente sem emprego no ■■■ [rede de televisão] que eles mudaram os termos de contratação e daí eu vi que era hora de ir atrás de outra coisa porque eu não tinha como me sustentar nesse esquema e daí eu comecei a procurar novas coisas e numa festa de final de ano de uma delegacia eu fui convidado aí tinha conhecido uma apresentadora da ■■■ [emissora de televisão] daqui e que ficou minha amiga e eu corri para ela também, porque eu tava tirando para todo o lado.

E daí apareceu essa vaga na ■■■ [emissora de televisão] de coordenação de produção e aí olha aí e pensei que era tudo que eu sabia fazer só que dessa vez eu ia ter uma equipe para coordenar. Daí eu fui indicada, fiz a entrevista e to aqui. Então acho que meio que corou tudo que eu venho fazendo durante esses anos. Eu acho que hoje eu tenho uma função muito mais de ensinar a fazer produção, do que propriamente é o produzir.

Porto: E tu se encontra satisfeita no que tua hoje?

Nina: Sim, acho que corou daquilo que eu vinha fazendo esse tempo, mas eu ainda não tô satisfeita 100% porque eu ainda quero trabalhar com reportagem. Eu também tenho outros sonhos e outros planos para minha vida, mas eu também acho que é importante a gente ter. A gente não pode querer parar, porque quando a gente para, a gente se acomoda. Isso é um caminho sem volta. Então, eu espero que eu nunca me acomode, quando eu chegar onde eu quero chegar, eu espero ter outras opções, querer chegar em outros lugares. Hoje, em termos de produção eu tô satisfeita porque eu acho que foi o reconhecimento de tudo que eu tava fazendo durante esses anos, significa que eu tava fazendo as coisas certas até então. E que bom que eu posso passar isso para outras pessoas, porque a produção na televisão é fundamental, aí hoje eu tenho a chance disso. O que me motiva muito na produção hoje não é mais a produção em si, mas a equipe que eu tenho para ensinar hoje. Eu falo para eles, que o meu objetivo é que eles saiam produtores prontos, que saiam os melhores produtores possíveis e que eu posso indicar eles de olhos fechados. E já aconteceu eu já indiquei dois produtores que trabalhavam comigo para ■■■ [rede de televisão]. Então, eu vou mexer sim no texto, vou encher o saco quando o português estiver errado, vou reclamar, vou falar que a, está no lugar errado, que tá separando sujeito e predicado, sem crítica com qualquer coisinha. E eu vou questionar, porque eu também não acho justo a gente mudar as coisas sozinhas.

Esses dias eu recebi um texto uma das estagiárias que escreve muito bem, quase nunca mexe nos textos dela, mas veio lide horrível. Eu cheguei para ela e pedir lei de novo o teu lead ver se ele tá bom. Daí ela disse que nessa pauta ela teve dificuldade,

e eu falei que o problema é que o lead estava no lugar errado, ela só precisava mudar o final do texto para início. Daí eu escrevi tudo com ela. Tem uma outra que entra mais recentemente, que eu sento com ela e escrevo toda pauta com ela, porque ela tava com muita dificuldade de entender que tipo de informação ela colocava. E ela melhorou muito e me pediu para fazer isso sempre que eu pudesse. Então, eles estão ali para prender. Eles são produtores? Sim. O nome deles vai creditar na matéria, mas eles precisam aprender e precisamos que alguém pegue eles pela mão e mostre porque não é só jogar na fogueira. E eu me sinto responsável por isso e feliz pronto é muito que me motiva na produção hoje, ensinar para eles o que muitos já me ensinaram. Porque eu tive bons chefes de produção, que me ensinaram muitas coisas e que eu mantenho contato até hoje.

e aqui a gente tem algo que eu sentia muita falta em porto alegre aqui a gente tem muito de coleguismo, um ajudar o outro de fato. De se passar informação, se passar imagem dos acontecimentos. Quando eu comecei a trabalhar aqui na madrugada no [redacted] [rede de televisão] meu contato principal era apuradora da [redacted] [emissora de televisão], porque ficava só nós duas de madrugada, eu no [redacted] [rede de televisão] às 3 horas da manhã, e ela na [redacted] [emissora de televisão] esse mesmo horário, então a gente tava se ferrando, mas se ferrando juntas. Não tinha aquela coisa de competitividade, claro que ainda tem em termos de exclusivas, mas quem trabalha na apuração tem essa coisa de coleguismo.

Porto: E como tu encara o mercado de trabalho atual?

Nina: Difícil, acho que é a melhor descrição possível. Seletivo, às vezes, acho que também é injusto, porque, como jornalista, a gente não ter a obrigatoriedade do diploma, e daí também não tem uma valorização tão grande dos profissionais que estudam tanto. Então, mesmo tendo uma pós-graduação, um mestrado, um doutorado... não quer dizer que tu vai ser considerado o repórter que tem mais conhecimento na casa. Não te garante nada disso, talvez tu esteja no mesmo patamar de alguém que nem se formou e está aí contratado, entendeu? É injusto, é difícil, é competitivo, é um mercado que, principalmente, na televisão e até o rádio, tem muito ego e muita vaidade envolvida. Então não é só aquela coisa do trabalho, mas aquela coisa de quem tem formação primeiro, quem joga isso no grupo primeiro, quem vai levar o mérito... e esse ego todo, ele corrói um pouco. Eu acho que também o mercado de trabalho muito pequeno. Por mais que a gente tenha vários veículos de comunicação, cada vez mais eles estão ficando enxutos. A gente vê muita demissão em massa e muita função sendo acumulada. E lógico que a gente precisa se virar nisso e dar conta, porque faz parte, de tempos em tempos esses ciclos acontecerem. A gente precisa saber lidar com essas situações também. Só que é aquilo, se tu perde profissionais, tu vai perder, inevitavelmente, a qualidade. Alguma coisa tu vai perder ali. Daí, tu percebe de novo que aquela falta de qualidade vai impactar mais na frente e de novo tu vai ter que arranjar mais pessoas para fazer aquilo, então essa coisa é cíclica que vai indo e voltando.

Porto: E tu potencialidade novas nesse mercado atual? Além dos desafios e problemáticas que tu levantou.

Nina: Potencialidade de novas, tu diz em relação as coisas positivas?

Porto: Isso, isso.

Nina: Eu acho que tem, como tudo. Tem pontos positivos, a questão da tecnologia e a questão de a gente tem mais ferramentas para fazer certas coisas, ferramentas mais fáceis e mais práticas. Hoje, a gente entra no ar com o celular, por exemplo. Mas, ao mesmo tempo, a gente perde também, é uma via de mão dupla. O vídeo repórter: a gente pensa uau que tecnologia, dá para fazer tudo dali entrar no ar ao vivo só com celular e etc. Mas e o cinegrafista que tinha todo um papel antes?! Aquele cara que tinha todo um cuidado com a imagem, que a gente não tem como tá preocupado com a nossa imagem, com o texto, como que vai para o ar, com o sinal, 300 outras milhões de coisas que é impossível estar 100% em tudo. Alguma coisa, tu vai perder. Eu não estudei para ser cinegrafista, eu não sei a visão que ele precisa ter exatamente para alguma coisa. Às vezes, ele vai captar uma imagem que eu não me dei conta, que eu não vi. Quantas vezes a gente não vai numa pauta e o cinegrafista cutuca e diz: olha lá olha lá, tô gravando tudo. Coisas que a gente deixaria passar. Outra vez, eu tava de plantão domingo, aí fui fazer uma pauta que um bandido tinha sido baleado em Ipanema. Quando eu cheguei para fazer a matéria lá, eu tava com a cabeça baixa batendo no meu texto, e ele me dá um cutucão. Eu olho para frente e ele pegou a todo o flagrante e um rapaz soltando uma menina na orla, correndo, é menina correndo atrás dele, pegou tudo. Que se ele não tivesse ali e eu tivesse gravando tudo com meu celular, eu não ia ter aquele flagrante. Porque eu tava com a cabeça baixa batendo no meu texto e resolvendo com editora o que que ia entrar. E no momento que ele pegou aquele flagrante mudou tudo, porque a gente tinha aquela imagem. E daí a pauta virou o domingo de caos na orla de Ipanema, com diversos arrastões que combinou no bandido morto. Então é aquilo, a gente ganha com a tecnologia, mas a gente perde também por outro lado.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: E entrando nisso que tu falou tu já se viu tendo que exercer atividades que não eram propriamente jornalísticas durante atuação no mercado de trabalho?

Nina: Eu acho que não. A gente acumula diversas funções, funções burocráticas, funções que como eu falei são pequenas coisas, mas que tu vai percebendo que estão se acumulando pela diminuição das funções e dos cargos, mas são pequenas coisinhas que querendo ou não também tem a ver com a nossa rotina, nosso dia a dia. Só não são propriamente jornalismo na essência. Coisas mais administrativas e burocráticas, mas que são atrelados a nós também no dia a dia.

Porto: Como tu percebe a prática profissional do jornalismo hoje e como ela vem mudando e se transformando durante os anos?

Nina: Eu acho que a questão da internet, ela quer com que as coisas mudassem bastante. Rede social, isso até me irrita um pouco em alguns pontos, coisa do tik tok. Eu entendo que é um meio que as pessoas estão, mas eu acho que a gente se empolga muito e a gente acha que por um mercado x está bombando, o aplicativo x está bombando, a gente tem que obrigatoriamente tá lá também. E eu não acho que seja bem por aí, a gente precisa avaliar. A gente realmente tem que estar lá? Quem tá nessa rede tá buscando consumir esse tipo de conteúdo? Ou a gente está forçando a barra. Eu não concordo, por exemplo, de colocar um conteúdo jornalístico no tik tok. As pessoas lá não estão buscando isso, e por mais que a gente queira estar lá e que as pessoas estejam lá. Porque tá bombando, porque é engraçado, mas a gente quer gerar graça no jornalismo? A gente quer informar ou a gente quer ficar fazendo graça? Outras coisas como está presente na rede social, sem a gente tem que tá. Acho que todas as transformações acontecem, e tem que acontecer, o tempo todo, e cada vez com uma coisa nova. Eu tava lendo sobre a tiktokzação das profissões esses dias e é isso, tudo virou tik tok tudo virou colocar isso no meio das profissões. Mas pera aí, vamos parar, vamos estudar um pouquinho ir para entender que talvez não seja só fazer uma dança engraçada. É uma plataforma válida? É sim! E a gente vai usar isso, mas os ares para informar, eu não sei, eu discordo um pouco disso... Lógico que a gente vê muitos profissionais usando isso para engajar mais gente, aproximar o público, para se aproximar, e daí tudo bem, porque tu tá usando aquilo com outra finalidade, mas às vezes eu acho que a gente erra porque a gente quer misturar algumas coisas, que a força algumas coisas. Eu não vejo problema de um apresentador fazer um tik tok mostrando os bastidores, as pessoas acham esse divertido e aproxima o público, e tá tudo bem é isso também ponto a gente querendo ou não precisa captar essas pessoas e precisa mostrar para elas que a gente tá perto dela. Mas a gente não pode banalizar informação, informação é uma coisa e bastidor é outra. A gente sempre mostrou coisas de bastidores e vai usar essas formas para isso também, mas quando se trata de informação ela tem que ser levada com seriedade não dá para ficar fazendo gracinha e brincando com ela. Lógico, às vezes a gente brinca e traz um jeito leve ela conversa com as pessoas, mais informação e informação. Então eu discordo um pouco disso, mas eu acho que essas transformações são naturais e a gente aprende muito com elas, porque elas vão acontecer inevitavelmente, internet tá aí vai surgir novos aplicativos e ligou novas plataformas... Isso vai acontecer na instavelmente a gente tem que se adaptar e usar essas plataformas, mas a gente tem que saber como usar.

essas transformações vão acontecer e são fundamentais, até para a gente ver se funciona o mal, que deu certo e o que que não deu.

Não é porque a internet chegou a, chegou na netflix que acabou a televisão não é mesma coisa. E querendo ou não as pessoas não deixaram de ver televisão. Então

essa falsa sensação que a gente cria de que tal coisa vai morrer porque outra chegou...

Porto: E como tu acha que essas transformações impactam a tua área de atuação?

Nina: Na televisão, bastante, porque te ver é muito disso vir pode trazer o público para ela. Querendo ou não também tem essa coisa de como os times tem trazido muito documentário, e conteúdos mais aprofundados do que a gente consegue aprofundar no jornal. Então, às vezes eu acho que a gente pensar em modelos reportagem um pouco mais longos sabe? Às vezes a gente se limita um minuto de matéria, isso é muito pouco para explicar tudo que se trata de determinado assunto. Então, eu acho que a gente pode pensar nessas coisas. Até a revisão é muito impactado por tudo isso, ela sofre influência direta. A gente tem que estar presente em todas as coisas vira a rede social impacta muito. As vezes tu vai ter uma telespectadora mais porque ele viu que alguém tá dando uma entrevista então jornal... A gente tem que saber atrelar as coisas, jogar junto. Mas pensei a gente transmitir o programa no youtube, isso de um alcance bizarro canal, a gente não imaginava que o canal fosse explodir. E agora [redacted] [emissora de televisão] tá fazendo mesmo. E tu vai vendo essas mudanças, esses novos comportamentos. E a gente nem para muito para pensar a gente acaba muito no automático, mas me questionando agora sobre isso eu percebo que essas transformações vem acontecendo e como a gente se copia o tempo inteiro. Se der certo, tem um jeito de copiar fórmula para o outro.

Porto: E como tu percebe o trabalho dos seus colegas?

Nina: Ali na [redacted] [emissora de rádio] a gente tem um time muito bom. A gente tem bons profissionais e que tem tempo de casa, e a gente joga muito junto. A [redacted] [emissora de rádio] é muito forte aqui no rio, principalmente pelo legado do Boechat. Tu entra em um táxi e ele tá ouvindo a [redacted] [emissora de rádio] de, então é uma responsabilidade muito grande. Existe um legado muito grande em relação ao público, a gente tem um setor e trabalha só para que todas as mensagens dos ouvintes sejam lidas e respondidas. Pode ser alguém perguntando o preço do que o do arroz que vai ser respondido, existe um relatório das mensagens dos ouvintes, do quê que foi feita a demanda que foi recebida... É uma relação muito próxima. Eu acho que boa parte disso fez com que a [redacted] [emissora de rádio] tivesse a força que ela tem aqui hoje. E a tv também tem surfado muito nisso. Mas sobre os profissionais, os meus colegas, é aquilo quando a gente se vê no desespero a gente se ajuda mais. Então, como tá todo mundo sobrecarregado, cheio de coisa para fazer, a gente se ajuda mais, mas ao mesmo tempo existe também as relação de vaidade, de primeiro, passar na frente, essa competitividade, que eu não gosto. E eu comentei até com ex-chefes meus de Porto Alegre, e eles me falaram que onde eu tô, é selva. E é verdade. Várias vezes te desmotiva, desanima muito a gente, mas é o mesmo tempo outras coisas te fazem lembrar que vale a pena, sabe? A gente tem um time muito bom, que se

complementa, pessoas que fazem um trabalho impecável, que dá o melhor de si o tempo inteiro, ninguém estaria passeio.

Porto: Eu acho que tu já pincelou algumas coisas dessa pergunta, mas para te direcionar um pouco mais, o quanto que a tua percepção sobre a prática mudou desde o início do curso até hoje?

Nina: Mudou bastante. Porque eu acho que a gente entra muito sonhador, achando que vai ser mil maravilhas, e nem sempre é. Mas ao mesmo tempo também foi muito gratificante ver o poder que a gente tem, a gente consegue coisas que para a vida das pessoas muda muito. Eu lembro muito que no passado teve uma menina que entrou em contato comigo aqui é o tio dela tava internado com covid em um hospital, e eles não tinham informação sobre o estado de saúde dele há dias. Que chegou um nível aqui que os hospitais públicos praticamente colapsaram, as pessoas não tinham nenhuma formação de como estavam seus parentes... E ela me procurou o que que a gente podia fazer, para que eles tivessem alguma informação, ela inclusive me falou que não queria ir para televisão, eu só quero ter informação do meu tio. Daí eu falei para ela para ele passar o nome dele que eu ia cobrar para secretaria. Eu fui lá e cobreí, falei que a gente tava fazendo uma matéria do caso dele, que na verdade a gente não tava. Dependendo do que rolasse até podia virar uma matéria igual mas eu senti que naquele caso não precisava sabe? Daí eles me passaram o estado de saúde dele, e eu passei para ela. Uns dias depois ela me procura de novo e ele tá falando que novamente não estavam conseguindo o estado de saúde dele, eu pedir de novo ela, eu mandei para ela. E depois de uns dias eu fiquei com ele na cabeça, e daí eu fui perguntar para ela: e aí vocês conseguiram nesses últimos dias o estado de saúde do teu tio? E ela disse que sim mas que ele tinha vindo a óbito. E aquilo ali me desmontou completamente. E me marcou muito como a forma que ela agradeceu, para nós aquela informação estava ao alcance de um e-mail da secretaria, e para ele tava quase impossível...

E com isso eu consegui ter mais noção de como a gente pode impactar a vida das pessoas. Eu tinha noção disso no início do curso, mas nunca tinha sentido na realidade. Isso muda um pouco a percepção da gente, do pensa: ok a gente tem uma função muito importante.

Porto: Como tu percebe que o teu trabalho se relaciona com outros colegas que são de gerações diferentes?

Nina: Eu acho que muito bem. Porque a gente se complemento sabe? Tinha um chefe meu na produção do [redacted] [telejornal], que tinha anos e anos de jornalismo, pelo menos uns 30 anos de profissão... e nossa a gente se cumprimentava muito! Ele trazia o contexto, eu trazia uma coisa nova, a gente não tava tudo e ficava uma coisa muito melhor. É uma relação muito direta que a gente tem com eles eu acho que é essencial ponto de novo, aquela coisa que eu falei sobre contexto, tem que ter.

Porto: E tu percebe mudanças na prática ou no próprio entendimento do jornalismo?

Nina: Eu acho que em relação ao entendimento, a gente percebe o quanto que eles são fundamentais. Em relação à prática a gente vê que o produto final fica muito melhor quando tu agrega o novo com o antigo. Tem algo muito mais completo que faz muito mais sentido para mais de uma geração.

TRANSCRIÇÃO NATHÁLIA

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Teu nome e a tua idade?

Nathália: Meu nome é [REDACTED] e eu tenho 25 anos.

Porto: E tu se forma em qual curso?

Nathália: Em jornalismo na [REDACTED] [universidade privada da capital] em março de 2021,

Porto: Em que área atua hoje?

Nathália: Eu trabalho em assessoria de comunicação focada em marketing de influência.

Porto: Realizou em a graduação em uma realidade pública ou privada?

Nathália: Privada.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Como tu escolheu o jornalismo para ser tua profissão?

Nathália: Eu sempre quis fazer jornalismo, desde pequena, porque eu sempre gostei muito de ler e escrever. Eu sempre gostei de ler e achava muito legal aqueles gravadores de fita, minha mãe tinha um que eu achava muito legal aquilo. Mas depois, quando eu cresci, eu acabei fazendo fisioterapia por um tempo, depois que sai do Ensino Médio. Mas daí eu vi que não tinha nada a ver comigo e voltei a minha decisão do jornalismo. Eu fazia estágio no Ensino Médio numa clínica de fisioterapia que era pública, e aí eu achei legal e pensei em fazer o curso. Mas depois eu vi que era um pouco muito difícil para mim sempre tive um apego às humanas.

Porto: E quando iniciou, quais eram tuas expectativas do curso?

Nathália: Eu acho que a maioria das pessoas entra no jornalismo com uma visão bem romantizada. Que a gente vai mudar o mundo através do jornalismo, e eu entrei muito com essa visão. Lembro que quando eu entrei eu queria trabalhar em redação de jornal impresso, eu acabei nunca trabalhando. Mas ainda posso trabalhar, ainda que hoje não seja o meu objetivo. Mas eu tinha muito a visão que vou trabalhar na Folha de São Paulo ou na Zero Hora, que é o nosso maior veículo aqui. Vou mudar o mundo

com as minhas pautas. E quando eu entrei na faculdade acabei gostando de outras coisas, acabei gostando de rádio, que era uma coisa que eu me surpreendi, e gosto muito. E tive oportunidades em várias outras áreas, assim... meu primeiro estágio foi numa TV sindical, nada a ver com que eu pensava... E assim eu fui descobrindo outras oportunidades. Acho que a gente acaba entrando muito focado em trabalhar em veículo e a profissão do jornalismo é tão ampla e a gente pode fazer tantas outras coisas. Então, as minhas expectativas eram meio que gerais, o clichê de todo mundo.

Porto: E como você se sentia em relação ao teu ensino? Quais foram as suas primeiras impressões?

Nathália: De maneira geral, foram boas quando eu entrei, fazia dois semestres que a faculdade tinha aberto curso. Não tinha muitos alunos, era uma turma menor. Em relação ao currículo, eu acho que foi bom para ter um conhecimento, mas não é aquilo que vai te fazer aprender realmente jornalismo. Na experiência, eu aprendi muito mais no estágio do que no ensino da faculdade. A faculdade, é bom no ensino para que tu tenha a noção, saber dos termos, contextualizar aquilo tudo. Porque se tu for só para o mercado, aprender na prática, e não tiver a base também é complicado. A faculdade deu a base teórica de algumas coisas, mas muita coisa foi na prática. Eu lembro quando eu tive cadeira de TV, eu aprendi muito mais quando eu fiz o estágio na [redacted] [Televisão Sindical], que foi inclusive depois do estágio, porque na faculdade tu acaba tendo os técnicos e muita coisa tu não pode fazer porque o equipamento é da faculdade e pode estragar. Enfim, eles estão certos, material é caro. Mas quando tu vai para a vida real, tu tem que fazer “tudo”, cada um na sua área, mas tu acaba aprendendo mais sobre dinâmica.

Porto: Como tu foi percebendo o ensino durante a trajetória acadêmica? Quando tu concluiu o curso como tu pensava nela?

Nathália: As melhores partes do curso foram as cadeiras que são mais dinâmicas, que tu tem que fazer uma reportagem, e que são as coisas mais trabalhosas, mas, ao mesmo tempo, são as mais legais, porque tu aprende a fazer coisas que tu não vai ter oportunidade de fazer no mercado de trabalho. De escrever sobre aquilo que tu quer. Eu fiz, por exemplo, numa cadeira de reportagens uma matéria sobre a violência contra mulher. A gente entrevistou várias pessoas, mulheres que sofreram violência, delegadas, órgãos responsáveis, etc. E fizemos a reportagem foi muito legal. Talvez, dependendo do lugar que eu trabalhasse, eu não conseguiria fazer isso. Hoje, onde eu trabalho eu não conseguiria por exemplo fazer isso. Até porque eu não trabalho com esse tipo de coisa. Então, acho que isso é legal. Eu fiz várias coisas que eu gostei, mais nessas cadeiras práticas, de ir lá dentro de rádio, impresso, revista que tinham essa dinâmica. As outras mais teóricas, antropologia, história do jornalismo, muitas eu achava que eram as mesmas coisas em todas as cadeiras. Às vezes, eu pensava que tava perdendo meu tempo e meu dinheiro lá dentro e até hoje não me serviu para nada, quer dizer.... profissionalmente. Porque conhecimento sempre é

bem-vindo, a gente sempre aprende alguma coisa nova. Só que na prática, para exercer a profissão melhor não me serviu para absolutamente nada. Porque para mim era tudo a mesma coisa, teoria da comunicação sociologia, parecia que tava sempre falando a mesma coisa que eu tinha feito três vezes a mesma cadeira. Então no meu currículo eu acho que a única coisa que eles poderiam ter colocado mais é a questão do português. A gente até teve uma cadeira de português, mas eu acho que deveria ter mais por ser um curso de jornalismo.

Porto: E essas cadeiras teóricas que tu citou tu acha que elas não te acrescentaram tanto pelos assuntos, pela própria universidade...?

Nathália: Eu acho que foi um conjunto acho que teria outras coisas para trazerem, eu acho que às vezes eles colocam professores que talvez não esteja tão habituados para dar aquela cadeira, até por ser uma universidade privada eles acabam sugando a pessoa, se puder eles vão tocando.

Então eu acho que tinha muito disso. Tinha uma professora, por exemplo, que escreve uma coluna de jornalismo internacional e dava uma cadeira de jornalismo esportivo, e de jornalismo local, e eu não entendia. Eu acho que isso pode ter influenciado, ter colocado os professores não estão adequados....

Porto: Entrando mais na questão das disciplinas, teria alguma que te interessa mais em especial ou algumas?

Nathália: Eu acho que essa cadeira de grandes reportagens e as duas cadeiras de rádio que eu fiz foram as que eu mais gostei, as de TV também foram interessantes. Essas cadeiras mais práticas todas tiveram importância, são mais práticas tem que trabalhar em grupo, produzir reportagens... apesar de uma das minhas maiores dores de cabeça durante a faculdade foi discutir com colega por trabalho em grupo. Mas eu acho que essas que citei foram as que mais contribuíram profissionalmente.

Porto: E o que que tu mais gostava nessas cadeiras?

Nathália: A de rádio gostava porque a gente gravava, a gente fazia o texto, pegava o texto e transformava ele em um texto de rádio, e aí gravava, eu gostava de fazer esse exercício. A gente fazia esse exercício quase todas as aulas e no final gravava um programa de rádio. O meu acho que na época foi sobre a Feira do Livro e outros colegas fizeram do Acampamento Farroupilha.

E foi legal porque a gente trouxe no programa as reportagens que a gente já tinha feito antes, a gente foi com o técnico e de editou programa junto. Foi bem legal.

E nessa cadeira de grandes reportagens eu fiz em dupla, em que eu fiz mais as entrevistas e ela fez o texto. Então a gente fez todo um trabalho de fazer a lista de quem poderia falar sobre o assunto, colocou no Facebook perguntando de mulheres que pudessem falar, a gente não revelou o nome de ninguém, colocou o nome fictício nas histórias porque era um tema delicado. Mesmo que seja para alguma coisa

faculdade e, como era publicado uma plataforma digital. Quando tu vai ver não é muita gente que lê mas talvez pesquise o nome dela e fica registrado.

Daí tinha as TV também, e daí era um grupo bem grande inclusive gerou algumas confusões, mas cada um sugere uma pauta, e é lá fazer a pauta, tinha os repórteres, a produção. Nesse caso, com outros colegas negros, eu fiz uma reportagem de onde estavam os negros no jornalismo. A gente entrevistou a [professora] na [universidade pública da capital] que acho que a única mulher negra professora de jornalismo na graduação lá. Também entrevistamos a [jornalista] que foi agora para [grupo de mídia], e outra jornalista que era assessora. E então a gente construiu essa pauta. Foi uma experiência legal, não que eu curtisse tanto a TV, mas eu gostei, ficou legal. Acho que tem que saber como é. Quando tu tem que preparar tudo e fazer tudo, tu entende mais como as coisas funcionam.

Porto: E teve alguma disciplina ou professora que te marcou de uma forma especial na sua trajetória?

Nathália: Eu acho que não. Assim, quer dizer... acho que não. O meu orientador TCC, sim. Porque assim eu estudava em outra faculdade da mesma rede, mas que acabou fechando e daí eu tive que mudar de faculdade. Isso no último semestre. Então, não conheci os professores e diferente das pessoas que escolhem os orientadores, eu não pude escolher o meu orientador, eu fui escolhida. Quem veio dessa instituição botou o seu tema na planilha e mandou o anteprojeto e o professor que tinha afinidade com o tema escolheu orientando. E daí o meu orientador, o [professor], foi uma pessoa que me marcou porque ele é um cara bem inteligente que me ajudou bastante com meu tema, era bem solícito. Eu tive vários professores bons, como esse que era da parte internacional da [jornal relevante da capital], ele era um bom professor, mas muito egocêntrico. E na graduação eu acabei tendo muito professor homem, só tive duas professoras mulheres que eram excelentes, a [professora] e a [professora], mas eu gostava muito delas como pessoa. Não gostei das cadeiras com elas porque eram essas cadeiras que eu tinha comentado antes. Mas elas como profissionais e a trajetória delas eram excelentes, elas deveriam ter dado outras cadeiras. Então, acho que foi mais o [professor], que até despertou uma vontade de talvez depois fazer um mestrado. Porque o resto não me marcou tanto eram todos bons, mas acabaram me marcando.

Porto: E qual espaço que tu acha que esteve mais presente na tua formação, a sala de aula, Laboratórios, estágio....?

Nathália: Eu acho que com certeza os estágios. Claro que tinha outras coisas na faculdade que eu poderia ter aproveitado mais durante o percurso, mas tinham coisas que eram à tarde, eventos. E que eu acabei nunca podendo ir, porque eram em datas ruins, ou eu não tinha dinheiro, ou eram horários ruins por causa do trabalho. Ainda

que fosse só estágio e eu pudesse pedir para sair às vezes eram vários dias e não tinha muito como. Tá uma semana fora e pediu a liberação complicado....

Então, o estágio acabou sendo muito mais presente na minha formação do que a faculdade. Só que, claro, eu entendo que a faculdade que me proporcionou estar nos espaços de estágio, ter conhecido pessoas de dentro da faculdade... me possibilitaram a seguir outros caminhos. Ter entrado na própria faculdade foi o que me proporcionou me colocar nesses espaços.

Porto: E na tua opinião o que que um estudante de jornalismo precisa aprender para ele poder ser um bom jornalista?

Nathália: Eu acho que a gente tem que aprender a ser crítico. Até com as coisas que eu aprendi na própria faculdade, porque nem sempre a visão que a gente vê na faculdade é a real eu falo por no meu caso, principalmente, ter tido muitos professores homens. Então acabou sendo um espaço branco, cheio de homens e, então, às vezes, eles vinham com uma visão totalmente deturpada da realidade.

Aquela coisa que acaba colocando uma pressão sem necessidade, porque as pessoas tem que ser o melhor em tudo porque o mercado vai te engolir. O mercado ele é competitivo, mas eu acho que tu não precisa ser melhor em tudo. Ou o que eles falam bastante de não expor as opiniões porque isso vai te fechar portas. Claro, dependendo do espaço a gente sabe... talvez algumas portas se fechem, mas isso não é regra. A gente conhece muito jornalistas que se expõe suas opiniões e trabalha em grandes veículos.

Eu acho que o bom é jornalista e o bom estudante jornalismo, tem que saber filtrar que nem tudo que o professor diz ou que aquelas pessoas daquele ambiente vai ser uma verdade absoluta.

Porto: E agora responde dentro das perspectivas da tua realidade, como tá achando o desenvolvimento do ensino do jornalismo no decorrer desses anos na tua trajetória? Percebia alguma transformação no ensino, até pegando o gancho de ter trocado a instituição.

Nathália: A gente vê um movimento, de forma geral, que tem aberto muito curso de jornalismo por aí, mas isso não significa qualidade. Eu acho que, hoje em dia, todo mundo quer ser jornalista e é bom que tenha bastante gente interessada, mas eu acho que os cursos tinham que ter uma qualificação maior. Eu acho que essa tendência, não só do jornalismo, mas de todos os cursos, de deixar tudo muito em EAD... isso prejudica. Eu acho que é uma tendência e eu acho que os cursos tão decaindo cada vez mais com isso, de qualidade mesmo. Tanto que observamos, nos últimos anos, como na minha faculdade, vem fazendo várias demissões e eu vi esse movimento acontecendo em várias faculdades também, né? Privadas, principalmente, de terem demitido. Então, eu acho que eles não querem qualificar, não querem professores qualificados pra não ter que pagar tanto. E aí, acabam sugando o pobre coitado que está lá pra dar tudo que é coisa... pra ganhar mais lucro e ficar abrindo um monte de

curso. Então, eu acho que pra mim a qualidade do curso de jornalismo em si está decaindo.

Porto: E depois da graduação tu continua estudando?

Nathália: Eu faço uma pós ead, em influência digital.

Porto: Considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da profissão hoje?

Nathália: Acho que sim, por esse motivo de terem me colocado em ambientes que eu consegui aprender bastante coisa. E também por ter me dado a base. Tem várias coisas que a gente só aprende na faculdade sobre jornalismo, sobre técnicas, abrir tua cabeça coisas que alguém precisa te apresentar e eu acho que esse é o papel da faculdade. Só que não tem nada assim que eu pense estou fazendo algo que eu aprendi na faculdade. Até porque eu acho que o mercado que eu estou inserida é justamente o mercado que não é desenvolvido dentro do curso de jornalismo pelo menos ainda. Por ser um mercado novo essa questão dos influenciadores, mal a gente fala de redes sociais... não ensinam nem a ser social media ainda que tem aos montes.

Acho que é mais por isso que nada que eu faço hoje eu fico pensando nisso eu aprendi, poucas coisas.

Porto: Mas tu acha que é importante seguir estudando?

Nathália: Eu acho que sim. Acho que em qualquer profissão é importante, até porque a comunicação está sempre se transformando perguntar sempre abrindo novas possibilidades, então é importante tu manter algum vínculo. Fazer um curso de extensão fazer uma pós fazer um mestrado, para ti não perder essa coisa de saber o que está acontecendo, porque daí tu começa a conversar com pessoas que também estão buscando isso então é importante estar se atualizando.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Então me conta um pouco sobre como tu ingressou no mercado de trabalho? Seu primeiro estágio, como foi a sua experiência?

Nathália: Meu primeiro estágio foi em 2017 no meu segundo semestre, que foi em uma TV sindical. E ali eu fiquei por cinco meses eu acho, eu fiquei pouco tempo porque era coisa da [central sindical], não tinha muita verba, a bolsa já era baixa... então, eu precisei sair. Porque mesmo que fosse muito legal, eu não podia pagar para trabalhar. Tinha que fazer pauta nas comunidades Porto Alegre, que eram a maioria das pautas, sobre abrigo na Bom Jesus, por exemplo, eram coisas mais

voltadas à comunidade mesmo. Isso daí demandava muito tempo, eu tinha que trabalhar final de semana e quando ficou sem verba eu acabei saindo.

Depois disso, fiz estágio na [redacted] [órgão de estado], não recomendo, foram 7 meses. Eu falo toda vez que eu vejo alguém indo para lá: coitado. Trabalhava lá na assessoria de imprensa, eu acabava escrevendo as matérias sobre os crimes que aconteciam, tudo que entrava pelas delegacias eles noticiavam no site, no *twitter*. E era certo que quando tinha alguma coisa polêmica que a gente colocava e depois de um minuto já tinha jornalista ligando para saber mais sobre aquela pauta. Quando eram grandes apreensões de drogas, por exemplo, essas coisas assim.

Depois que eu saí dali, daí eu comecei a fazer um *freela* para um médico de cirurgia plástica em que eu escrevi os textos do blog dele sobre cirurgia. Era uma porcaria, mas o que a gente não faz por dinheiro. O cara vinha com umas ideias incentivando a fazer plásticas, tipo, muito!

Depois eu fiz estágio na [redacted] [órgão público de saúde] de boa que era assessoria de imprensa também. E aí era bem legal, tinha uma parte bem grande RP, cerimonial e eventos.

Depois eu fiz estágio onde eu fiquei mais tempo que foi um ano e meio no [redacted] [conselho de classe] também assessoria de imprensa. Aí eu escrevia no site, cuidava da parte institucional, Portal da Transparência, eu que postava os editais... depois eu conseguir um emprego na empresa que eu tô hoje que é uma assessoria de comunicação corporativa.

Porto: E nesses momentos tu viu o ensino sendo refletido no teu trabalho?

Nathália: Nos estágios mais, por envolver mais o texto, mais ligado com notícias, mais ou menos o que a gente aprende nos primeiros semestres, o lead e a estrutura da reportagem. Mas eu acabei nunca escrevendo grandes reportagens. Eu mandava pautas principalmente no conselho. Mandava bastante para jornais interior que às vezes eles acabavam só copiando e publicando. Os conhecimentos da faculdade acabaram me servindo.

Porto: E tu teve cadeira de assessoria?

Nathália: Sim, eu tive.

Porto: E condiziam com a prática que tu vivenciava nos estágios?

Nathália: Eu acho que essa questão do release sim. A pensar para onde tu vai mandar e o texto, isso sim. Mas tem várias coisas que até hoje eu não tive a experiência. Gerenciamento de crise, coisas assim, eu acabei não tendo contato. Até porque os lugares que eu trabalhei, se acontecesse uma crise, como foram órgãos públicos, não seria internamente que eles resolveriam. Só a parte mais básica da assessoria de imprensa que eu acho que sim.

Porto: E o que que eu te levou para a assessoria de imprensa?

Nathália: Na verdade, oportunidade de mercado. Porque assessoria de imprensa provavelmente, eu acho que é o lugar que mais emprega. Tanto em estágio quanto emprego mesmo ir lá pelo menos a maioria dos meus colegas que conseguiram emprego, conseguiram empresas voltadas para assessoria de imprensa ou assessoria de comunicação. Então eu acho que foi uma coisa que eu acabei sendo levada para esses ambientes.

Porto: E como tu encara mercado atual do jornalismo?

Nathália: Acho que é um mercado que tem emprego, mas é muito uma coisa do empreendedor. Acho que todas as profissões as pessoas acabam tendo que ser empreendedoras. Tem a questão do veículo ainda e que algumas pessoas conseguem espaço, mas eu acho que tem mais espaço em veículos alternativos que surgiram bastante. E eu acho que é o mercado que tem que tá muito preparado para empreender. No meu caso, eu estou ralada porque eu não sei empreender nada. E ele acaba tendo que estar muito mais voltado para isso, o que mais tem hoje é *freelancer*. Eu conheço poucas pessoas que saíram da faculdade e estão empregando, bem a maioria tá fazendo *freelancer*. Eles não têm a carteira assinada, com seus direitos garantidos. O jornalismo muito assim, inclusive em grandes redações é tudo PJ.

Porto: E como tu encara isso?

Nathália: É uma m****. Porque eu acho que, às vezes, as pessoas têm a ilusão de que tá ganhando muito dinheiro, mas eu penso que a longo prazo é ruim. Porque ele tá bem com esse dinheiro hoje, mas não tem a garantia para o futuro. Eu gosto de estabilidade e eu penso em aposentadoria. Eu quero ter minha previdência. É uma realidade que tá sendo incentivada até pelo governo, então várias profissões estão focando nisso. Só que eu acho que também das pessoas se ligarem empreenderem da maneira certa, fazer uma poupança, alguma coisa, quem consegue... pagar uma previdência, alguma coisa assim. Porque a tendência é essa cada vez mais eles pegam um profissional e contratam nesse regime, fazer determinado trabalho em determinado tempo e é isso.

Porto: E tu acha que tem alguma potencialidade, alguma coisa positiva no mercado?

Nathália: Eu acho que essa questão do mercado está se expandido para além do jornalismo convencional, que são temas que a gente vê muito na faculdade, mas quando a gente sai a gente percebe que existe jornalismo para fora dos veículos, existe carreira para além da [redacted] [grupo de mídia]. Eu acho que essas outras possibilidades são coisas positivas, como o campo da influência digital,

questões sociais, novas formas de comunicar, são outras possibilidades estão surgindo para o jornalismo.

Porto: E tu se encontra satisfeita na assessoria de imprensa e o lugar que tu ocupa hoje?

Nathália: Sim eu gosto. É algo que eu aprendo bastante, também fui levada pela oportunidade, nunca pensei na vida em trabalhar com o ambiente digital, só que eu não me arrependo. Eu gosto muito disso, tanto que eu tô fazendo essa pós para ter mais conhecimento da área. Pretendo ainda fazer mais cursos e mais coisas e também aprendi bastante no dia a dia. É um mercado que está crescendo e tem muito potencial para várias outras coisas. Essa questão dos influencers é uma coisa nova e que tem uma grande oportunidade no mercado, eu poderia até empreender se eu quisesse.

Eu estou satisfeita, porque eu gosto de alguém me desafia eu gosto de aprender.

Porto: E durante a sua prática profissional tu acabou exercendo atividades que não eram do jornalismo?

Nathália: Ah, sim! Várias vezes. Essa coisa, por exemplo, de cerimonial tem às vezes no jornalismo, mas eu fazia porque a vaga também dizia isso. Em um dos estágios também tinha que ficar cuidando do portal de transparências, atividades burocráticas de PLs, que tinha que ficar colocando, lendo e conferindo para depois publicar no site. Coisas que não tinha nada a ver com a minha formação, mas que acontece. Eu achava que eles colocavam o estagiário para fazer tudo. Onde eu trabalho hoje eu faço só as coisas do meu cargo.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: E como tu percebe a prática do jornalismo hoje? O que tu acha que mudou e vem mudando dentro da atuação profissional?

Nathália: Eu acho que essa questão do jornalismo convencional, ele tá cada vez mais ficando defasado. Não que ele vai acabar, eu acho que vai sempre ter, até porque é importante, né? É uma referência. Mas eu acho que cada vez mais o jornalismo vai ir mais para o campo alternativo, seja os veículos alternativos, que tem uma outra vertente em outro jeito de fazer as matérias, ou seja pela questão do marketing de internet e pelas redes sociais. Eu acho essas mudanças vão acontecer cada vez mais. Cadê vez mais vai surgir mais coisas novas e para a gente ir se aprofundando.

Porto: E como tá encaixando teu trabalho nessas transformações?

Nathália: Eu acho que eu tô dentro dessas transformações, hoje, onde eu atuo. Porque trabalho com marketing de influência com as empresas e é um mercado que está crescendo e que a gente vê que é uma possibilidade para o futuro. Então é o mercado que cada vez mais tem que aprender e vem surgindo coisas novas.

Porque tá surgindo muito criadora de conteúdo... ou copiadores de conteúdo, porque também tem isso, às vezes, só abrir o Instagram e tem várias pessoas fazendo a mesma coisa e eu penso que ninguém mais tem criatividade que sai só copiando. É importante ter referência, mas a gente vê muita coisa exatamente igual a outra.

Eu esqueci de falar uma coisa também sobre atuação profissional, que eu faço um trabalho voluntário como jornalista. Num clube social negro aqui de Porto Alegre e eu sou diretora departamento de comunicação, ajuda nas redes sociais e também alguns textos para imprensa, junto com outras pessoas que também estão nesse grupo. Inclusive, a gente tá fazendo um documentário. Isso eu aprendi na faculdade!

Porto: E tu sente que esse espaço te permite explorar coisas diferentes que o teu trabalho não te proporciona?

Nathália: Ah, sim. Com certeza! A gente tem mais liberdade de fazer as coisas, pode sugerir. É um clube bem antigo então algumas coisas também não são aceitas, como as pessoas assim são mais velhas, às vezes elas não aceitam muito. Tipo, vão mudar a cara do negócio... e não gosto muito. Por exemplo, a gente queria fazer um post com uma cor diferente das cores escolhidas do clube, e daí já começou uma discussão falando que acabar com a identidade... mas de maneira geral a gente tem muito mais liberdade de estar fazendo as coisas, não só do meu jeito, mas do jeito do grupo.

Porque no serviço é muito aquilo dito teu cliente, tem as tuas coisas, aí tu tem que seguir as instruções... às vezes eles aceitam sugestão, mas vocês não tem Cristo que faça eles entenderem que tem uma forma melhor e tu tem que acabar cedendo. Já no clube isso não acontece.

Porto: E como tu começou nesse trabalho voluntário?

Nathália: Quando eu era criança eu ia no clube porque tinha baile de Carnaval infantis, E aí enfim depois eu parei de ir, e eu acho que no ensino médio uma vez eu fiz um trabalho sobre carnaval e acabei entrevistando o cara que na época era Presidente do Clube. Mas eu acabei não indo mais lá ele mudou de lugar, foi para zona norte. Mas eu entrei nesse trabalho porque um amigo da minha mãe um dia, quando eu já tava no final da faculdade, me mandou uma mensagem falando do clube que eles estavam com uma nova diretoria, é um grupo novo e a gente precisa de ajuda para as nossas redes sociais. Ele falou bem assim, mas não era só as redes sociais que eles precisavam. Mas quando ele convidou eu aceitei e ele é um clube social negro... então falei claro ajudo e daí ele passou meu número para o presidente. Quando o presidente me ligou ele me falou um monte de coisa e eu vi que era muito mais coisas, mas enfim... Precisava construir identidade visual lá, muita coisa... Aos poucos tá indo. Quando eu entrei era só eu daí depois veio mais gente, porque eu não sabia fazer

essas coisas relacionadas a entidade visual, não aprendi nada relacionado a isso. E daí surge a oportunidade de chamar outros colegas da faculdade e outras pessoas, e pessoas que entraram em contato através de outros projetos pela importância do clube, e agora ele tá trabalhando juntos.

Porto: Como é que tu percebe os contatos que tu tem com os teus colegas de faculdade, outras pessoas do mercado, como se percebe que eles estão na atuação deles?

Nathália: Eu acho que uma das primeiras coisas que um professor me disse é que os meus colegas vão ser aqueles que vão te indicar para emprego, alguns professores que também fazem isso; apesar de eu nunca ter sido, eu conheço colegas que foram. Mas por colegas eu já fui indicada várias vezes, inclusive essa vaga que eu estou hoje foi por uma indicação. E deu a causalidade que a pessoa que uma pessoa que trabalhava nessa empresa me conhecia e quando o meu currículo também falou que me conhecia tudo mais. Porque é muito isso, principalmente na comunicação, é muito de indicação. Quero saber como foi lá no trabalho, tem as redes sociais que as pessoas olham...

Então eu acho que a gente é muito importante a gente tem um bom relacionamento com os colegas, não que tu não vai ter rixa com ninguém ou problemas, mas comportamento profissional mesmo dentro da faculdade. Tu observa teus colegas e eles também estão te observando, aí você vai fazer com que eles possam te indicar para uma vaga. Tem colegas meus que eu jamais indicaria para lugar nenhum.

Porto: Dentro dessas transformações que a gente vem falando e dessa conjuntura do mercado, tu acha que todos os colegas também sofreram com essas mudanças?

Nathália: Sim, a maioria dos meus colegas da faculdade que eu tenho contato, tá todo mundo fazendo *freela*. Quase todo mundo, né? Algumas pessoas conseguiram emprego de carteira assinada, mas a maioria está fazendo *freela* lá e fazendo mais de um *freela* para vários lugares. Mas é isso é a precarização do trabalhador, né? Tu ganha R\$ 3000 para fazer um trabalho, ou um por mês, mas tu não tem plano de saúde, tu não tem VT, tem várias coisas que ficam, né? Quando eu vejo vagas com salário muito alto, eu já penso aí tem... só pode ser PJ. E várias vezes eles só falam na entrevista.

Porto: E o quanto da tua percepção mudou sobre o jornalismo desde o início do curso até hoje?

Nathália: Eu acho que quando eu entrei na faculdade, esse mercado que eu entrei hoje tava muito mais atrasado (no início). Foi quando começou a se popularizar mesmo essa questão de influenciadores, já tinha muito forte dos *youtubers*, mas esse mercado tá cada vez aumentando mais. Mas como eu me formei há pouco não teve

uma grande mudança no mercado nesse período. Teve muito mais essa questão das mídias alternativas, mas era um movimento que já estavam vindo.

Porto: E assim, a tua percepção sobre a profissão ela também mudou desde que tu entrou no curso? Tu encara o jornalismo de forma diferente hoje?

Nathália: Ah, isso sim. Quando eu entrei no jornalismo eu tinha a visão do mercado de trabalho muito mais focado nas redações e que eu faria isso. Eu era muito voltada para isso, mas, hoje, eu vejo que tem outras possibilidades. E eu já vejo esse movimento dentro da faculdade mesmo, vejo outros colegas fazendo outras coisas, fazendo estágio em outros lugares, conhecendo outros profissionais de jornalismo. Então, eu acho que esse caminho que eu achei que seria o meu... porque a gente entrava muito com isso de veículo, mas eu acho que eu já mudei aí, aí hoje não é o meu foco.

Porto: E aquela questão que tu comentou sobre a romantização, e a ideia de mudar o mundo que tu comentou no início, isso mudou?

Nathália: Eu acho que sim, o jornalismo é importante para denunciar muita coisa, mas a gente não tem todo esse poder que às vezes a gente acha que tem. Claro, as mídias alternativas até tem um pouco mais, mas eu trabalhei por exemplo na TV sindical e as pessoas falavam que a imprensa era parcial e que os veículos tradicionais eram parciais, mas todos os veículos são parciais. Até os de esquerda. É impossível trazer todas as visões, ouvir todas as partes não significa que no recorte tu não vai ser parcial... tu vai pela diretriz que tu quer. E acho que é muito isso que eu vi dentro do jornalismo, é muito da percepção da pessoa, do veículo, essas coisas que influenciam. Acho que tem várias questões aí que eu fui percebendo que talvez eu não mudasse o mundo. Tem muita coisa importante que o jornalismo denuncia e tem que continuar denunciando, mas eu acho que o próprio jornalismo que a gente aprende na faculdade nem sempre forma profissionais que tem um olhar crítico suficiente para fazer isso. Porque a gente ainda tem um jornalismo que escreve estudante é preso com drogas quando ele é branco. E a gente aprende assim na faculdade. Tem que fazer uma oxigenação nos professores para conseguir mudar essa formação e daí, sim, conseguir mudar o mundo.

Porto: Quais as diferenças que tu enxerga entre a tua atuação e a atuação de outros profissionais de diferentes faixas etárias?

Nathália: Eu acho que o pessoal mais velho, pelo menos os que eu conheço, eles estão no mercado mais tradicional. Até na própria assessoria de imprensa, eles entram na parte mais tradicional, não tanto para essa questão voltada para o marketing. Não que não tenha, a gente ver pessoas dentro do marketing, mas eu acho que a maioria das pessoas que eu vejo estão nos veículos tradicionais ou nas áreas mais tradicionais.

Porto: E tu interage com pessoas mais velhas no teu trabalho? No teu dia a dia?

Nathália: Não muito, a dona da minha empresa ela deve ter uns 40 anos de profissão, tem bastante experiência, mas as pessoas que trabalham em si todo mundo tem menos de 40. Então é um pessoal bem jovem.

Porto: E quando acontece essas interações como elas são?

Nathália: Acho que estão tranquilas, profissionalmente é tranquilo. Com a diretora, eu não tenho muito contato, eu acabo não atuando onde ela atua. Mas nunca tive problema, mesmo nos estágios. Tirando na [redacted] [órgão de estado], mas aí eu acho que não era nenhuma questão de geração, nunca tive problema de interações ou de coisas ruins. É sempre um aprendizado muito grande, acho que para ambas as partes.

TRANSCRIÇÃO ALICE

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Então, para iniciar, tu pode falar teu nome e a sua idade?

Alice: Meu nome é [REDACTED], e eu tenho 24 anos

Porto: e te formou em qual curso?

Alice: Jornalismo Bacharel, e eu entrei em 2015 e concluir em 2018/2.

Porto: e em que área do jornalismo considera que tua hoje?

Alice: Eu acho que eu não atuo né? Eu vou responder um pouco mais completo, e depois tu faz a análise de onde eu mais me encaixo. Eu pesquiso o jornalismo na minha pesquisa de mestrado, mas eu não trabalho como jornalista. Mas eu faço trabalho voluntário como jornalista, corrigindo um texto ou outro... E aí é voluntário, e acho que seria mais jornalismo de Direitos Humanos mesmo, dentro dessa área. Mas como profissional, assalariada, eu não atuo.

Porto: Ah legal! E tu realizou a tua graduação numa universidade pública ou privada?

Alice: Fui bolsista do ProUni na [REDACTED] [universidade confessional].

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Era esse o primeiro bloco de perguntas, bem rápido mesmo, e agora a gente consegue explorando a parte mais legal da conversa. Sobre a formação acadêmica, como que se deu a tua escolha do curso de jornalismo?

Alice: Eu queria trabalhar, inicialmente, em editora de livro. Eu não gostava de escrever, mas eu gostava de ler. Só que isso não durou muito, eu queria trabalhar em editora, mas eu gostava muito de história, então, quando eu fui para o jornalismo eu acabei indo trabalhar em um [REDACTED] [núcleo de estudos dentro da universidade]. E nisso, eu comecei a pensar a comunicação de maneira mais crítica. Isso foi bem no início, quando eu entrei pensei nas editoras, mas também não sabia... e depois eu vi eu gostava de Jornalismo e direitos humanos, sempre nesse nicho.

Porto: E o que que se esperava da profissão quando entra no curso?

Alice: Bom salário, aquelas... Eu esperava que fosse algo mais democrático. Eu acho que no jornalismo, pelo menos no Rio Grande do Sul, eu percebo que existem pontos facilitadores na sua formação. Então, me parecia que se tu fosse de uma universidade privada com renome, tu não precisaria dar tanto de si para conseguir um bom estágio. Eu vi outras pessoas que não tinham feito tantas coisas, tendo boas oportunidades, enquanto pessoas fora desse eixo não tinham, e com ótimos currículos. Me parece que essa questão do nome, sobrenome, filho de alguém... É algo muito marcante para tu ter boas oportunidades. Para quem não é filho de ninguém relevante na área, é uma profissão muito desafiadora. Ainda um espaço muito elitizado na minha opinião, na grande mídia pelo menos.

Porto: E o que tu pensava que era o jornalismo como atuação, quando iniciou o curso?

Alice: Mudar o mundo. Aquela coisa imparcial, e quase que uma ideia de verdade, como se jornalismo tivesse a verdade do mundo figura das coisas. Que depois se destruiu completamente, na pós-graduação principalmente. Mas aconteceu eu já vi as coisas bem diferentes.

Porto: E pensando ainda nesse teu ingresso, nessa fase inicial, como tu percebia e encarava o curso da universidade? Considerando a questão do ensino...

Alice: Tu diz a metodologia?

Porto: As disciplinas, e como tu achava que ia ser a tua formação.

Alice: Ah, eu esperava uma parte mais técnica, que eu ia aprender a escrever bem a falar bem em público, a editar. Eu achava que inclusive que, na disciplina de rádio, a gente faria exercícios de voz. Eu tinha uma ideia super técnica da graduação. Eu achava que tudo tinha uma receita de bolo e que a gente ia aprender isso, não tinha nada de crítica na minha visão.

Porto: E como que ela foi mudando durante a sua formação?

Alice: Eu acho que o principal fator foi que eu, primeiro, era bolsista em uma universidade que não era de renome, a [redacted] [universidade confessional]. E a coordenação do meu curso, na época, era de um coordenador negro e de uma subcoordenadora que era uma mulher nordestina. Eu acho que eles fizeram um excelente trabalho em fazer a gente pensar criticamente, sabe? Toda minha ideia de jornalismo tradicional e aquela coisa bonita, de redação... Ela se quebrou completamente, porque eu fui entendendo que não era assim. Entendi que para algumas pessoas não é bem assim que ocorre, que algumas pessoas vão ter que trabalhar muito mais para conseguir o que outras pessoas, por causa do seu nome, não precisam se esforçar. Então, eu enxergo que tem essas duas pessoas da coordenação, e muitas professoras mulheres no meu curso, que estavam sempre a

lhe propondo eventos muito para pensar criticamente a comunicação e, com isso, eu acho que eu fui desconstruindo essa ideia inicial. E, ao mesmo tempo, trabalhava nesse [redacted] [núcleo de pesquisa da universidade], que tinha muita discussão racial e de representatividade... Discussões críticas mesmo, de como a gente enxergava o Jornalismo e como que a mídia noticiava as coisas. Então, na própria formação essas coisas já foram se desconstruindo. E me parece, e é um achismo meu isso, que outras formações de cursos mais tradicionais não tem esse espaço crítico. Colegas, amigos, que formaram em outros lugares, não tiveram o mesmo repertório que eu e os meus colegas, dessa geração, tivemos.

Porto: E tu sentia que os teus colegas também acompanhavam isso? Essa mesma construção crítica?

Alice: Acho que mais ou menos. A grande maioria sim. Mas acho que também tinha uma característica da [redacted] [universidade confessional da Região Metropolitana], de como era uma faculdade que tava no processo de quase que desmonte, tinha muita bolsa do ProUni, o que mudava o perfil dos alunos, que era de pessoas bolsistas integrais, que trabalhavam o dia inteiro e chegavam para ter aula de noite. E que trabalhavam normalmente com coisas muito diferentes, vendendo doce, às vezes... mas eu acho que sim. Ter um coordenador como a figura de um cara negro, militante, propositivo, já era meio caminho andado. Porque tem espaços que as pessoas sequer têm contato com pessoas negras em posições de autoridade e liderança. Então, de certa forma só de tá lá haja ia ser diferente.

Porto: E durante tua trajetória, quais disciplinas que mais interessavam?

Alice: Jornalismo contemporâneo, foi uma disciplina que mexeu muito comigo. Me fez trabalhar com Imigrantes refugiados que era essa professora [subcoordenadora] que ministrava. E eu fiz algumas disciplinas eletivas, lembro que eu fiz cinema internacional, que me fez pensar muito sobre o quanto a gente só reproduzir, às vezes, o modelo estadunidense de jornalismo. Eu tava estudando o cinema internacional, mas eu pensava sobre o jornalismo brasileiro. Porque era tão diferente ver um filme do Irã que eu, às vezes, eu nem gostava. Mas me fazia pensar: “olha, tem outro jeito de fazer filme que não o *Hollywoodano*. Então, quantas coisas a gente acaba reproduzindo só”. Acho que para mim essas que debatiam mais a questão de cultura... tinha uma de cultura mesmo que eu achava legal, mas eu não lembro o nome, fundamentos da comunicação eu lembro que eu também gostei bastante. E acho que foram essas.

Porto: E o que te motivava nelas?

Alice: É estranho. Porque era ruim, mas era bom ir se dando conta das coisas, sabe? Então, eu acho que... é esse lugar de inquietação, de ver que a gente não entende

tudo. E de entender que quanto mais fundo a gente vai, mais dá pra ir fundo, mais coisa tem pra gente entender, identificar e perceber. Então, foram disciplinas que mexeram muito comigo nesse sentido assim, né? De pensar as estruturas, de pensar discussões que a gente vê, coisas que eu nunca tinha lido, assim... Discussões de gênero, discussão de raça, sobre imigração, xenofobia. Coisas que eu estava assim completamente fora, E lá eu tive oportunidade de entender.

Porto: E tu já pincelou umas coisas, mas agora perguntando mais especificamente, teve alguma disciplina ou professora que te marcaram de uma forma diferente, que te transformaram de alguma forma durante a trajetória?

Alice: Acho que esses dois são bons exemplos o coordenador de curso e do [redacted] [núcleo de pesquisa da universidade], professor [redacted] [coordenador], a gente fez uma reportagem juntos e vencemos uma premiação do [redacted] [instituição sem fins lucrativos], foi muito massa. Acho que ele causava uma inquietação de ir lá descobrir, de parar de ficar choramingando. E essa professora que é baiana, subcoordenadora, e que me fez pensar muito sobre a questão gaúcha. Esses dois me levaram para o meu TCC onde eu estudei o discurso de branquitude no jornalismo gaúcho. Olhei a mídia tradicional para pensar como que o racismo estava sendo discutido no mês da consciência negra. E o resultado foi péssimo... Só que eles me marcaram porque eles me faziam pensar muito, essa questão de identidade, de branquitude. Além da questão de que a gente, que tem uma família que não estudou, a gente não tem aquilo que o Bourdieu vai chamar de bagagem cultural. E eles foram pessoas que me mostraram assim filmes, arte, cinema, livros, literatura... Eu não gostava de ler, eu fui ler depois. Detestava ler, ria das coisas do museu e dizia "eu mesma consigo fazer isso". Eu era muito limitada. E professores como eles me mostraram que isso era legal, e que isso também era para outras pessoas e não só para os riquinhos. Então, teve alguma coisa da gente se enxergar naquelas pessoas, que eu acho que eu não teria tido se eu tivesse um professor branco que trabalhou sei lá quantos anos uma redação.

Porto: Qual o espaço que se fez mais presente, que tu destaca, durante a tua formação, sala de aula, estágios, palestra, cursos...

Alice: Congressos, eu fui congressista bastante durante a minha graduação. Eu ia inclusive para ser só ouvinte, muito influenciada também por esses professores. Congresso eu acho que foi o principal, também participava de muita palestra também participava de muito curso de extensão. Eu virei *nerd* na graduação, coisa que eu nunca fui. A sala de aula não foi tanto, porque como eu falei a gente trabalhava e estudava à noite. Então, às vezes, chegava na aula exausto já. Espaços de pesquisa, como quando eu trabalhava no [redacted] [núcleo de pesquisa da universidade], era um espaço que a gente tava sempre falando de jornalismo de alguma forma, mas lendo sobre relações raciais, e identidade, eu li muito sobre representatividade... coisas assim que eu acho que na graduação não teria lido tanto.

Porto: E o que é que tu acha que um estudante de jornalismo precisa saber para ser um bom jornalista?

Alice: Não existe imparcialidade, não existe verdade. A produção jornalística é feita por um jornalista que tem a sua subjetividade, tem as suas crenças, e isso vai nortear a maneira com que ele notícia as coisas. O jornalismo, eu entendo ele como uma esfera muito importante da nossa sociedade, mas como toda nossa sociedade existe uma hierarquia e quem está no topo dessa hierarquia são homens brancos, ricos, de grandes famílias, e isso vai determinar como que o jornalismo é feito. Existe, claro, o jornalismo independente, que eu acho que a melhor dica de um bom jornalista: seguir os jornais e o os jornalistas fora desse eixo hegemônico. Acho que falta a gente ser mais humilde, virou desabafo já. Muita gente entra no jornalismo e tem essa coisa: eu gosto de escrever, eu gosto de contar histórias... e, às vezes, eu acho que falta um pouco de gostar de ouvir, gostar de aprender, compartilhar, sabe? E aí, isso faz com que com que, às vezes, tudo fique muito enviesado, né? Então, assim, o jornalista não fala de si, mas tudo que ele produz é sobre a própria ótica dele do mundo, sabe? Acho que falta, às vezes, é uma humildade, de se sentar, de ler. E eu não sou contra, do tipo “jornalismo hegemônico assim tem que acabar”. Eu não sei se é isso assim, eu acho que tem que ser reconhecido, que ele opera dessa forma, sabe? Eu acho que o grande problema não é o quanto isso é negativo pra grupos minoritários e tal. Acho que o grande problema é que ele faz sem dizer que está fazendo, sem mostrar que está fazendo. É a ideia de imparcialidade, a ideia de verdade, e a gente não entender que isso, que esse jornalismo tem um gênero marcado, tem uma raça marcada, que ele reproduz um tipo de organismo de um lugar específico do mundo. E daí, isso é uma violência silenciosa, quando a gente percebe isso. Existem vários trabalhos já sobre isso, várias pesquisas que são sobre jornalismo, mas isso não aparece quando tu está na graduação. A gente não vê essas críticas, a gente vê só as questões mais técnicas. Muitas vezes, não tem as críticas dessa receita de bolo, essa falta de humanização... falta entender a subjetividade dos outros. A gente fica tão preso nos editoriais porque a gente não para pensar que mesmo as pessoas que são presas, são pessoas vivas tem uma família, e como que a gente vai noticiar isso?

Porto: E como tu acha que isso poderia ser colocado dentro da graduação?

Alice: Acho que a melhor maneira seria a gente tivesse coordenadores e professores mais diversos. Porque o material existe, só não está sendo colocado. Não é por falta de discussão e nem por falta de diálogo, acho que é por falta de professores que estão preocupados em passar isso. Porque, se eu olho a minha grade curricular, eu consigo ver que em todas as disciplinas tinha o espaço para trazer várias coisas que às vezes não aparecem, que alguns professores não estão preocupados em mostrar. Então, mesmo que seja um professor de rádio, numa disciplina super técnica, o que ele vai mostrar não precisa ser o programa mais conhecido e tradicional da rádio. Ele pode mostrar uma outra coisa que tá sendo produzida na periferia, uma outra maneira que

encontraram de saber as notícias de lá. Não que não possa ter o programa principal da [redacted] [emissora da capital], mas falta mostrar outras coisas, mostrar que o jornalismo é mais que aquilo. Então, acho que isso tá muito ligado à diversidade nos cargos de chefia e professores. E daí, não professor substituto, não professora adjunto, professora mesmo. Pessoas que podem propor projetos de pesquisa sobre isso, disciplinas eletivas que toque nesses assuntos...

Porto: E como tu enxerga o desenvolvimento do ensino do jornalismo, como vem transformando?

Alice: Olha a, eu não sei porque eu tô bem por fora. Eu me formei e eu não sei muito bem como tá. Mas eu acho que se a gente seguir pelo menos com essa coisa da democratização do ensino, mais bolsas, mais cotas... Coisas que pararam nesse governo. Eu acho que isso já é um bom caminho. Porque essas pessoas são as que não tiveram uma formação tanto dentro da graduação, que nem eu. Muitas coisas que eu estudo eu não tive dentro da sala de aula, mas eu aprendi em algum momento de outras formas. E se eu fosse exercer hoje um cargo de jornalista, numa redação, eu iria levar isso comigo. Então, quanto mais gente a gente tem de fora, maior a chance de a gente conseguir mudar isso dentro das redações também.

Porto: E depois que tu concluiu a graduação como se deu a continuidade de seus estudos?

Alice: Assim, eu na graduação, quando eu fiz um TCC, eu entendi que isso era um tema com muito mais para ser debatido, muito mais coisa para tentar entender. Então, eu quis dar continuidade aos estudos, mas eu entendi o mestrado como um momento de me aprofundar mais, né? E não no jornalismo, mas na sociedade. Então, eu fui pra sociologia pra tentar entender melhor essas relações sociais, as dinâmicas de atitude, as minorias e a estigmatização no geral. E aí, eu pretendo voltar, no doutorado, pra comunicação pra estudar mais de como isso é feito. Eu ainda não sei direito, na verdade, mas eu consigo entender que falta a gente discutir melhor a prática do jornalismo, sabe? O processo de a gente desconstruir essa ideia que a gente tem, né? De verdade absoluta, de imparcialidade, de enfim... Eu enxergo que eu sigo tentando aprender, eu assino *newsletters* sobre jornalismo, tento participar do que está acontecendo. Mas muito pouco, acho que só no mestrado mesmo só na área mais acadêmica.

Porto: E tu considera que a formação acadêmica foi importante para o exercício da profissão?

Alice: Totalmente. Eu acho que com todos os problemas, e são muitos os problemas na graduação, disso que eu tava falando... Acho que, ainda assim, a gente precisa de um cuidado, que bem ou mal a gente aprende na faculdade. Talvez, não da melhor forma, eu acho. Acho que falta ir mais fundo nessa discussão, mas eu sou contra, hoje

em dia, o jornalismo não exigir a formação. Apesar de existir pessoas que tem formação e que são maus jornalistas, todo o jornalista que é bom tem formação. Então, eu acho que é muito importante esse espaço, porque é isso, a gente também vai produzir coisas, né? De uma maneira mais técnica, assim, a gente vai produzir coisas, a gente vai ser criticado, a gente vai aprender... Então, eu acho que é muito importante esse espaço, porque é isso, a gente também vai produzir coisas, a gente vai ser criticado, a gente vai aprender. Tem uma importância muito grande.

Porto: E por que tu considera que voltar a estudar uma coisa importante?

Alice: Porque o mundo não para, né? A gente se forma, mas o mundo não para. Eu sou dessas. Todo mundo tem que estudar, todo mundo tem que ler. E não precisa ler o autor russo ou um sociólogo, mas a gente tem que tentar entender o que tá acontecendo. E se a gente tem o trabalho de tentar identificar os fatos e os acontecimentos que vão virar uma notícia, que são noticiosos, a gente tem obrigação de entender a sociedade que estamos inseridos. E no caso é ler o que está sendo produzido no Brasil, né? Por pesquisadores do Brasil, por jornalistas do Brasil e não só ficar replicando algo que dá certo lá fora.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: E agora indo para o terceiro eixo de trajetória profissional. Tu pode falar um pouco de como foi o ingresso no mercado de trabalho.

Alice: Olha, não foi. Eu cheguei a trabalhar como jornalista, estagiária enquanto eu estava na graduação. Trabalhei com comunicação institucional na Assessoria de comunicação do [redacted] [órgão federal], na TV um tempo também, mas só para fechar o estágio mesmo. Foi isso, eu passei por um processo que eu me desgostei muito e chegou um ponto que eu pensei que eu preferia fazer qualquer outra coisa do que ir para uma redação. Hoje em dia, quando eu vejo o jornalismo gaúcho, da mídia tradicional gaúcha, eu tenho vontade de rir. Agora, vivendo em Belo Horizonte e com outras pessoas que não são gaúchas, às vezes até parece que é uma piada... É um bairrismo muito grande. Eu não me vejo trabalhando como jornalista no Rio Grande do Sul e não é à toa eu ter saído. Tem ótimos jornalistas, ótimas iniciativas, mas acho que é uma coisa que acontece parecida com São Paulo, é muito de tu conhecer, ter *networking* e não é só tu ser um bom profissional, isso não define onde tu vai chegar. Por isso, eu não fui para o mercado de trabalho mesmo, eram tantas críticas que fazia mais sentido eu ficar na academia e tentando entender esses fenômenos.

Porto: E quando tu teve essas breves experiências profissionais nos seus estágios, tu conseguindo enxergar o teu ensino refletido na prática?

Alice: Sim, porque eu trabalhei em espaços que exijam muita técnica. Tu produzir uma notícia quando tu tá no meio institucional, notícias que talvez as pessoas não tenham tanto interesse, e daí tu busca maneiras que elas possam entender e fazer com que isso desperte interesse. Tu tá em contato com as redações, mandar release, essas são coisas que a gente aprende bem no jornalismo.

Porto: E como tu encara o teu futuro na profissão?

Alice: Assim, eu não me vejo jornalista, como repórter, eu não me vejo na rua, com microfone na mão. Eu não sei bem como melhor responder essa pergunta, mas como jornalista, mesmo, eu não me vejo tanto. Ainda mais que eu associo normalmente o jornalismo com o repórter, então não. Mas como comunicadora, sim. Eu tenho tentado ir para outras áreas, trabalhado com uma coisa ou outra como *freelancer*, redatora, às vezes. A gente aprende muito no jornalismo dessa parte, a gente fica com uma facilidade de identificar as coisas, de escrever, contar alguma coisa. Mas, hoje, com as convicções que eu tenho, eu não me vejo dentro de uma redação, não me parece bacana. Mas faz sentido eu continuar na minha pesquisa, para mim, de alguma forma isso pode contribuir lá para frente. Em um país que mais de metade da população é negra, faz sentido que a gente tenha na grade obrigatória disciplinas que pensem sobre questões sociais, sobre minorias, sobre estigmatização, que é uma coisa que a gente não tem, pelo menos até onde eu sei.

Porto: E tu pensa em seguir a carreira acadêmica?

Alice: Eu penso em mesclar. Hoje em dia, eu tenho tentado me capacitar para trabalhar com comunicação de alguma forma, e, na pesquisa, eu tenho me interessado muito por trabalhar com marcas mesmo, pensando em pesquisa para marcas, que tem tudo a ver com comunicação e com o que eu faço na academia. Mas agora minha crítica vai à academia brasileira, que é um lugar muito precarizado, mais precarizado que o jornalismo. Então não tem como seguir a carreira acadêmica e apenas sobreviver da tua bolsa, morando em uma grande capital e querendo ter uma vida mais ou menos confortável, sem ter outros facilitadores, como casa própria e essas coisas. Então, eu não me vejo sendo só acadêmica. Mas é isso, comunicação, academia, todas essas coisas podem me levar para um lugar positivo. E parece que a gente pode fazer muita coisa sendo jornalista. É uma formação para muita coisa.

Porto: E de forma mais ampla, como é que tu encara o espaço profissional da academia?

Alice: Eu acho que a gente tem excelentes programas, com excelentes pesquisadores, um pensamento social brasileiro muito rico. Na parte de comunicação, também, muitas coisas ricas. Mas ainda muito branco, ainda muito masculino, ainda muito tradicional para algumas pesquisas. Então, da mesma forma que a gente passa por isso dentro de uma redação, a gente também passa por isso dentro da academia.

O meu próprio orientador, falava que o que eu chamava de branquitude, às vezes, é só racismo, e daí eu pensava que aquela pessoa que dava uma disciplina de “relações raciais”... que mostravam que a branquitude se beneficia do racismo. Então, não é o racismo isolado, se beneficia as pessoas brancas. Às vezes, até dentro desses espaços vai ter uma dificuldade de falar de alguns temas. Mas eu acho que é um caminho possível eu quero dar aula um dia, quero tá num programa de pós-graduação, mas hoje eu entendo que não é possível fazer só isso por uma questão financeira, mas também por uma questão minha de saúde mental mesmo. O ambiente acadêmico pode ser muito difícil, muito elitista e muito pouco empático às vezes. Parece que a gente tá meio sozinho. Eu não me vejo assim, você é comunicador é isso, é tu tá trocando com um monte de gente sempre. Desde a graduação, eu faço trabalho voluntário porque eu preciso estar em contato com outras pessoas. E não aquela coisa que às vezes fica na visão das pessoas, de jornalista, de escritora, com a pessoa que fica sozinha no escritório trabalhando. Eu não sou assim.

Porto: E fora da academia, como é que tu encara o mercado de trabalho? Não pensando nas particularidades aqui do Sul, mas no jornalismo como um todo.

Alice: Sendo bem objetiva, eu acho que deu uma melhora significativa no sentido do jornalismo estar mais aberto para outros tipos de pessoas. Vejo muitas oportunidades voltados para mulheres, para negros, professores bolsistas. Então, eu acho que de alguma forma isso tá sendo absorvido, até pelos grandes jornais. Claro, que tem toda uma situação sobre essa representatividade esvaziada. Tu tem uma apresentadora negra, ao mesmo tempo que todo o *staff* ainda continua sendo branco, por exemplo. A gente tem que cuidar para não ir para uma representatividade vazia, mas, ainda assim, eu tenho uma opinião, que não é muito popular, mas que mesmo que eu discorde daquela pessoa eu prefiro que seja uma mulher falando do que outra pessoa. Tem gente que não, tem gente que vai dizer que não. Acho que isso é muito positivo, na minha época não era tão comum. O programa de estágio da Folha [de São Paulo] era super concorrido e não tinha nenhuma distinção, hoje em dia, eles fazem em uma seleção específica para jornalistas negras.

Porto: E atualmente, tu se sente satisfeita com o lugar que tu ocupa hoje?

Alice: Pergunta meio difícil, né? Assim, é difícil porque eu sou uma profissional acadêmica, no meio do governo bolsonaro. Eu não me considero satisfeita, mas me consideram em transição. Eu tenho tentado me abraçar nessas pequenas coisas que parece que estão mudando. Eu espero, e eu imagino, que depois de todo o período muito ruim costuma vir coisas mais ou menos boas. Acho horrível que a gente esteja passando por esse momento ruim, preferia que a gente não estivesse nesse momento, não vou romantizar o momento ruim, mas é o que a gente tem. Prefiro acreditar que as coisas vão melhorar um pouco mais, que algumas discussões, como as que estão chamando de cancelamento, vão nos levar a algum lugar. Profissionalmente, eu não me sinto insatisfeita, mas acho que a própria

formação de jornalismo deixa a gente muito curioso, a gente sempre quer ver o que vai vir. Então, eu acho que isso é bem positivo, não estou insatisfeita, mas ainda tenho vontade de correr atrás, tentar outras coisas, ver o que tá acontecendo.

Porto: E durante a sua atuação profissional, você exerceu outras atividades que não fossem do jornalismo?

Alice: Sim, eu participei de um trabalho voluntário de migrantes refugiados, é um grupo que faz assessoria jurídica e psicossocial para Imigrantes refugiados, é um grupo da [redacted] [universidade pública da capital] que eu me meti lá. Eu fui a primeira jornalista do grupo, porque era só a gente do direito e relações internacionais. E eu acho que esse tipo de coisa nos ensina muito né? Quando eu trabalhava no [redacted] [núcleo de pesquisa], que era um grupo de pesquisa que não tinha especificamente a ver com a profissão e eu acho que isso também me ajudou bastante, na maneira que eu olhava as coisas mesmo, quando ia fazer uma reportagem. Eu fiz um aplicativo também, em 2018 que era de legislação para imigrantes refugiados. E sempre estudei muito outras coisas, lembro até que eu fiz um curso de Criminalística e Locais de Crime, quando eu tava estudando jornalismo. E foi muito engraçado porque a professora perguntou os cursos dos alunos, quase todo mundo era do direito. Ela perguntou se tinha alguém que ela não tinha chamado e eu respondi que tinha eu que era jornalista. Aí ela foi assim e apertou a minha mão, e daí ela falou como eu queria que tivesse mais jornalistas aqui, por que as pessoas não sabiam cobrir locais de crime. Então eu fiz muita coisa que não tinha a ver diretamente com o jornalismo, e tudo isso contribuiu muito para a minha formação.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Indo para outra parte, sobre a prática da profissão, como é que tu percebe a prática do jornalismo hoje?

Alice: Eu sou otimista. Na mídia hegemônica, eu acho que tem uma melhora nas reportagens, o que é abordado ou, como é abordado. Eu não sei se eu sei responder essa pergunta. No geral, eu acho que as coisas já foram muito piores. Hoje em dia, existe um pouco mais de cuidado, eu não sei até que ponto esse cuidado não é também pelo medo do cancelamento, não gosto desse termo, mas é isso. E ao mesmo tempo eu vejo coisas que parecem que são propositais para causar um furdunço, para que dê repercussão para aquilo ser visto. É muito polarizado. Tem coisas que eu acho muito boas e outras que eu acho muito ruim, mas no geral eu enxergo uma melhora. Eu falo muito de relações raciais, porque eu estudo, então, talvez, pelos motivos errados, mas tem uma melhora. Por exemplo, quando George Floyd morreu, vários canais fizeram um esforço para ter profissionais negros falando sobre o tema, falando sobre racismo, tiveram esse cuidado para falar disso e falaram da questão do Brasil. O que é meio ridículo porque a gente mata muito mais ou menos negros

historicamente há muito tempo, e parece que precisa que um cara lá no Estados Unidos seja vítima para que tenha repercussão.

Porto: O que tu acha que mudou?

Alice: Eu acho que as pautas mesmo, sabe? Eu acho que ainda tem muita pauta de meritocracia, ainda tem muita pauta sensacionalista, mas me parece que tentam ter mais cuidado com algumas questões, questões de gênero. Isso foi o que eu acho que mais melhorou. Um cuidado para tratar, entender que é importante tratar desse tema. Mas acho importante frisar que eu enxergo uma melhora, mas eu tenho muitas críticas e acho que outras coisas se mantêm iguais. É aquela coisa, né? Quando uma criança branca morre é só que o dá na televisão, quando uma criança negra cai porque a chefe pediu para mãe fazer alguma coisa fora, aparece menos, ou não aparece da mesma forma, com o mesmo enfoque, ou desconexo da discussão mais profunda. Acho que não dava só para falar que tá melhor, porque ainda tenho muitas críticas.

Porto: Mas como tu percebe isso fora dos espaços das redações e dos grandes veículos?

Alice: Aí, eu acho que é babado, porque aí eu vejo muita gente organizada, muito jornalista tentando fazer algo mais positivo. Muitas iniciativas muito massas. Essas coisas de *fact checking*, e outras iniciativas como Nexo [portal de jornalismo de dados], Agência Pública [portal de jornalismo investigativo]. Assim, a gente percebe que tem uma melhora, o Alma preta [portal que trata de questões raciais] também. Isso não é nem melhora, mas a gente vê outras coisas aparecendo, é uma coisa muito positiva. Eu sigo uma *newsletter* que é Farol Jornalismo, porque eles estão sempre mostrando esses novos formatos, novas iniciativas, com novas propostas. Com muita gente que inclusive sai desse jornalismo hegemônico e usa o que aprendeu nesse espaço para aplicar em uma forma que vai ser mais adequada, com mais respeito às fontes, mais cuidado com contexto.

Porto: E como tu percebe atuação e a prática dos teus colegas que se formaram junto contigo e hoje estão no mercado de trabalho?

Alice: Quem tá no mercado de trabalho, não tá crítico. Tá lá fazendo reportagem, no esporte, mostrando a pausa do dia a dia, Festa da Uva... que são pontos importantes, não tô fazendo um juízo de valor, mas me parece que tem mais espaço para essas pessoas. Quem queria algo muito diferente, é mais difícil. E daí, eu volto a dizer, são pessoas que eram bolsistas, que estudaram em escola pública, que trabalhavam, que não falavam em inglês, que não tinham tempo para fazer um monte de coisa e acabaram indo mais para assessoria de prefeitura, alguns para veículos maiores, mas como o repórter mesmo. Então, assim me parece que é meio que isso. Talvez seja um pouco também de idealismo meu, mas não tem muitos espaços para fazer grandes

discussões, quem queria fazer outras coisas, um jornalismo diferente, com pautas diferentes, algo mais propositivo... essas pessoas não vi conseguirem espaço.

Porto: O quanto que a tua percepção sobre a prática dos anos mudou, desde que tu entrou no curso?

Alice: Totalmente. Mas mudou para melhor, mudou para algo realista e de entender a complexidade. Eu acho que parte do jornalismo não ser do jeito que deveria ser é por ele ser algo muito complexo, tu tá noticiando todos os dias coisas. É tudo rápido, não tem muito tempo para te elaborar e conseguir maturar as coisas. É tudo para agora e as redes sociais deixam essas coisas mais intensas ainda. Eu lembro que a [redacted] [jornal de relevância na capital] tinha um gráfico de quais matérias que estavam sendo mais acessadas, e quanto mais acesso maior a chance de continuar matérias naquele sentido. E isso é muito negativo, É difícil fazer um julgamento de algo que é feito tão rápido. Por isso, eu acho que a formação é tão importante porque se tu já tem uma formação tu já vai chegar no fato com outros olhos.

Porto: E como tu acha que as diferentes gerações se relacionam na prática da profissão, diferentes faixa etárias?

Alice: Bom, na minha experiência, e daí não querendo generalizar, acho que tem que ter esse cuidado também. Mas a minha experiência, não foi muito bom. Me parece que existe uma hierarquia muito marcada. Isso é o que eu vejo com os amigos que trabalham, e daí o fato do nosso jornalismo, em que as maiores empresas são familiares, existe uma personalização das relações. Fulano está ali porque o dono gosta dele, ele tá protegido de alguma forma. E outra coisa, uma das coisas que desmotivou bastante quando eu tava no estágio, foi que o meu chefe assediava, moralmente, sexualmente... Na época, eu não entendia e eu trabalhava no espaço que fazia cartilhas sobre o abuso no trabalho. Então, às vezes, chegavam para gente fazer uma notícia e o chefe falava “mas isso aqui não é... chamar de gostosa agora é assédio?”. E ele fazia algumas coisas que, tanto eu, como meu colega, a gente odiava, só que não tinha o que fazer. Quando eu comentava isso com outras pessoas, professores e tal... eles diziam que eu não devia falar porque eu podia ficar queimada. Eu lembro que eu inclusive foi no evento do deixa ela trabalhar na [redacted] [universidade confessional] e eu fiquei p*** no evento. Aí pega de novo, eu estando lá, bolsista, de uma universidade que não é de renome, e eu lembrei de perguntar para [redacted] [jornalista do evento] se existe algum espaço de acolhimento das vítimas de assédio no trabalho e se existe alguma organização com as lideranças das empresas para discutir isso? Tem muitas estagiárias que passam por isso, e, inclusive, desistem do jornalismo por causa disso. Quanto uma estagiária passa por isso é muito pior e daí ela não respondeu direito, falou que elas estavam lá para ouvir relatos e tinha um grupo no *facebook* e eu pensei bom, então, não tem. Isso vale para elas que já estão trabalhando [redacted] [grupo de mídia], porque para nós o que vale é ficar pianinho. E não que seja fácil para elas, é horrível que elas também passem por isso,

mas o que me parece é que é meio cada um por si. Então, voltando para pergunta, eu acho que existe uma hierarquia muito forte, não existe muito espaço para diálogo, e, talvez, até exista, mas não nessas empresas que são muito familiares. Mas essa é a minha visão de fora.

Porto: E como se dá essa diferença geracional na pesquisa?

Alice: Eu acho que o problema não é a diferença geracional, mas eu acho que o problema é diferença de gênero e de raça. Porque eu tenho espaço para debater a minha pesquisa com várias professoras mulheres e doutoras, pós doutoras e etc. Mas, às vezes, a minha pesquisa é questionada pelo meu colega. E, assim, eu já qualifiquei a minha pesquisa, mas o meu colega tá falando que eu usei errado termo. Então, pelo que eu vejo dessas discussões, normalmente, são professores mais velhos brancos, dificilmente são professores mais velhos negros ou professoras mais velhas mulheres. Deve ter, mas me parece que há outro recorte que não é geracional. Isso é uma percepção minha, claro que existem diferenças, mas a maior diferença não é a geração.

Porto: E tu acha que eles entendem os temas e o debate de formas diferentes por conta do ensino que eles tiveram?

Alice: Acho que um pouco conhecia assim, mas eu acho que principalmente por não precisa ser tão bom se tão homem branco. Ele não precisa ser nem um pouco bom se tinha um homem branco um sobrenome importante. Então, isso é incômodo. Não é à toa que bota essas políticas públicas são vistas como ameaças. E tu faz um trabalho tão bom, por que que tu tá preocupada. Porque eu tenho visto de jornalistas, homens, Branco, publicando sobre cancelamento. Então, aí que não é geracional. Que parece ser geracional, Porque fala assim: "porque hoje em dia tudo é cancelamento". Mas a questão é não querer sair desse lugar de serem contestável, de Tá certo e de poder fazer um trabalho Medíocre às vezes. Eu vejo muito colunista de opinião falando m****, e a pessoa não aceita quando apontam que tá errado. E antes ela não precisava pensar nisso, porque antes gostava ela até ela para tá escrevendo. Agora não, agora as pessoas têm um filtro e elas não vão tolerar uma pessoa falando m****.

Porto: Que tu acha que esses privilégios também reverberam na academia?

Alice: Totalmente, mas eu acho que na academia isso depende muito do programa, muito da área. Nas exatas do imagina que isso seja insuportável. É uma mulher pesquisadora nas exatas... Eu ainda tô na sociologia, que é muito mais tranquilo. Ainda que tenha problemas, me parece que não é tanto. Tu consegue fazer uma trajetória tentar com esses professores tempo inteiro.

TRANSCRIÇÃO LORENZO

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Então para iniciar a, vou pedir para te falar teu nome a tua idade

Lorenzo: [REDACTED], 25 anos.

Porto: E qual curso que tu se formou?

Lorenzo: Jornalismo mesmo, comunicação social se eu não me engano. Jornalismo na [REDACTED] [universidade privada da capital].

Porto: Em que ano concluiu o curso?

Lorenzo: No primeiro semestre de 2018

Porto: E qual a área que atua hoje?

Lorenzo: Jornalismo esportivo, já faz aí uns... quase quatro anos. Desde que eu me formei eu já comecei a atuar na área esportiva na televisão.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Ah legal, esse foi o primeiro eixo bem rapidinho. Agora, a gente vai para o segundo que é o que a gente se prolonga mais, mas que é o que conseguimos conversar mais. Então, para iniciar como tu escolheu a profissão do jornalismo?

Lorenzo: É relativo. Porque eu não escolhi. Eu lembro que em 2012, quando eu tava no colégio, a gente participou de algumas feiras, aquelas de ciências nas faculdade, e a gente se dava com algumas pessoas da turma mais velha que eu. Eu tinha uma amiga que queria fazer jornalismo. Ela é um ano mais velha. Aí, hoje, até a gente trabalha junto, quando ela passou, ela falou: “tu que vai entrar agora no terceiro ano, se tu quiser fazer jornalismo, pega dicas comigo”. Então, eu sempre pensei em comunicação e tinha ela como referência para o jornalismo. E aquilo ficou guardado na minha cabeça, mas eu sempre pensava em comunicação de forma geral, não tinha profissões específicas na cabeça só sabia que era em comunicação. Daí, eu fiz vestibular para jornalismo na [REDACTED] [universidade pública da capital] em 2012, e não passei. Veio o cursinho, e no cursinho já tava focado em comunicação, não tinha definido 100%, mas meio que tava. Daí, eu comecei a fazer ENEM, vestibular, e comecei a fazer muito para publicidade. Fazia também para jornalismo e relações públicas, mas mais focando mais em publicidade. Eu lembro que em alguns vestibulares eu até prestei para jornalismo, mas o que eu mais pensei que eu ia me

fazer entrar na faculdade foi a nota do ENEM, eu ia conseguir o ProUni. Daí, com a nota do ENEM, eu tentei em várias [universidade]. Eu lembro que eu cheguei a ir para Pelotas ou Santa Maria para fazer Administração, porque era uma federal e tal. Mas daí, um pouco antes de começar o curso, de começar as aulas, eu consegui a bolsa na universidade particular. Botando na ponta do lápis, eu percebi que valia mais ir para federal, não tendo uma bolsa integral. Só que daí, na última semana, eu vi uma vaga com bolsa integral para jornalismo que eu acabei optando. Fiquei naquela coisa ou morar longe e fazer Administração, que não é um curso dos meus sonhos, mas é numa federal... ou ir para essa universidade particular que eu não pagaria nada e era jornalismo. Então, assim, eu não tinha decidido fazer jornalismo, mas das opções que me sobraram, eu fui na mais viável financeiramente e em questões de logística. Porque era uma que eu poderia fazer aqui na zona sul, perto aqui de casa. Então, eu acho que foi mais pela comodidade, mas também foi pelo fator financeiro. Eu tinha um pouco da ilusão de que a universidade particular seria a melhor, mas no meu caso eu saí um pouco decepcionado. Mas essa foi a minha escolha.

Porto: Quais eram então as tuas expectativas, sendo que tu não escolheu o curso de forma tão pela vocação. Então, quando entrou, o que que esperava da profissão e do curso?

Lorenzo: Do curso, eu tinha já um conceito formado sobre a universidade particular, de muita gente, turmas grandes, não só festa, mas um grupo social grande, ter muitas pessoas ter convívio, aulas, bares, provas... Então, eu tinha esse estereótipo na cabeça, de ter muitas pessoas, das aulas. Só que quando eu entrei na minha universidade, era um nível muito mais baixo do que eu esperava. Em tudo. Os trabalhos mais fáceis, eram menos pessoas, as turmas eram menores, era tudo menos. Mesmo sendo uma universidade particular e, assim, tendo uma estrutura boa. Mas era tudo menor do que eu pensava.

Aí, isso me chocou um pouco. Porque eu tinha uma expectativa muito alta em todos os níveis, expectativa com o que se tratava o período acadêmico da vida. E no ensino também, eu sempre achei que ia ter um ensino muito difícil. Eu acabei sendo laureado, por exemplo, com a melhor nota da turma. Só que assim, mesmo sabendo que isso é mérito e que é bom, eu sempre senti um nível muito baixo. Não acho que por ser laureado eu sou um cara muito inteligente para merecer isso, mas eu sinto que eu tinha uma turma muito média baixa, pessoas que não eram de um ramo acadêmico, de estudar muito, de ser muito inteligente, de ficar na biblioteca, todas essas coisas. Então eu sentia que tinha um nível meio baixo ali.

Já sobre a profissão, eu não consigo enxergar que as pessoas com 17 e 18 anos tenham muita informação sobre o que é a profissão. Meu irmão, por exemplo, que tem essa idade e quer fazer engenharia mecatrônica, será que ele sabe o que ele vai fazer com esse curso?! Acho que com essa idade não se consegue absorver as profissões. Então, eu tinha o estereótipo da TV. Ser famoso, trabalhando com TV, ser rico – não rico, mas ganhar bem. Daí, eu entrei na faculdade, já tinha ouvido que se tu quer ficar rico não pode fazer jornalismo, mas eu acho que faltou ser mais agressivo.

Acho que quem é jornalista, hoje, quando vai falar para quem pensa em fazer jornalismo ou para quem tenha interesse pela área, a gente tem que ser mais realista, agressivo na realidade. Porque, assim, a nossa classe, ao menos em veículo, é muito desigual. E isso me frustrou durante a academia, que faltou mais esses choques de realidade. É até um negócio que eu falo na terapia, se eu tivesse que escolher hoje, eu não escolheria jornalismo, teria mudado. Acabaria fazendo RP ou publicidade. Mas, é aquela coisa, a gente não tem o contexto, nem a inteligência nessa idade.

Porto: E durante a tua formação como tu foi se sentindo e como que a tua percepção foi se moldando em relação ao curso e ao ensino?

Lorenzo: Como eu fui me moldando?

Porto: Tu já pincelou um pouco, mas agora para explorar mais como tu foi se sentindo, e como tu foi lidando com essas expectativas durante o curso?

Lorenzo: Na minha relação com a universidade durante os anos, eu sempre tive um respeito e uma inspiração muito grande com os professores. Eu diria que com 70 ou 80% do corpo docente, eu sempre tive uma expectativa boa e sempre fui correspondido. Uns 30, talvez 10%, eram professores ruim. Então, eu sempre achei um corpo docente bom, quanto a isso eu sempre me dei muito bem. Mas, que nem eu te disse, eu acho que poderia ser mais difícil. Porque eu sempre sentia a média da turma muito baixa. Talvez, por isso eu tenha me saído bem. Tinha trabalhos que podiam explorar mais, provas que podiam explorar mais, leituras obrigatórias... sempre achei que dava para pegar mais pesado. E isso eu fui sentindo do início ao fim do curso. Claro que o início, o primeiro e o segundo semestre, é meio que um choque entre aspas, mas eu não senti tanta dificuldade em adaptação em questão do ensino, porque como eu estudei no colégio ████████ da ██████ [universidade pública]. A gente, desde a quinta série do fundamental, era acostumado a estudar em semestres, a gente nunca estudou em anos, sempre em semestres. A gente era ensinado até notas da faculdade, com uma exigência muito menor, mas a gente já tinha uma formação na mentalidade acadêmica. Nisso, eu senti mais facilidade e com trabalho científico, artigo. Eu já tinha muita base pelo colégio. E sobre a profissão, durante o curso como eu me moldei... Eu acho que eu fui um dos poucos que se ligou como funcionava o jornalismo de veículo. Como eu te disse, eu tinha expectativa de grupos sociais grandes, de festas de amizades, e não era... era bem pequeno e um grupo de 10 pessoas e mais algumas pessoas espalhadas. Eu tava nesse grupo de amigos no início, só que eu sempre quis trabalhar, porque eu pensava que eu queria chegar na TV, eu tinha essa percepção inicial desde os primeiros semestres. Então, eu sempre tive isso de entender como a roda girava. E esses meus colegas não. Chegou um momento, quando eu comecei a estagiar na ██████ [grupo de mídia], que eu comecei a entender como os jornalistas funcionam, que tem gente que nem precisa de diploma e ganha muito. Como que os veículos funcionam e como os jornalistas de lá trabalhavam. Entendia como que tu crescia na vida, quais etapas tu

precisava preencher, todo o organograma do negócio. Eu aprendi muito mais fora da faculdade do que dentro. Eu acho que eu me mudei muito mais fora do que dentro, enquanto profissional.

Porto: E tu já falou um pouco sobre essas decepções que tu teve no curso e falta de aprofundamento, tu pode citar algumas coisas que poderiam ter sido aprofundadas?

Lorenzo: Eu não lembro, assim, tecnicamente, quais matérias que faltavam. Eu vou citar algumas aqui: jornalismo esportivo, econômico, ambiental... Acho que tinha que ter uma obrigação maior de estudo e de leituras, ou talvez mais provas difíceis. Eu sempre senti que dava para ser mais difícil. Eu sempre senti que era algo na média, nunca havia coisas muito difíceis de fazer. Eu sei que talvez tenha um mérito meu nisso, mas eu também percebia alguma coisa geral da turma, que poderia ter uma exigência maior, que podia ser em artigos, provas, trabalhos em grupo.

Porto: E durante a tua formação quais disciplinas que mais interessavam?

Lorenzo: Eu acho que a primeira que mais me interessou, agora eu não lembro o nome, não era *crossmedia*... Eu lembro que era uma do primeiro semestre que eu gostei muito, acho que era convergência digital, algo assim.

Porto: É o que te atraía nela?

Lorenzo: O que mais me atraía era como todas as áreas conversavam, como a publicidade, conversava com jornalismo, e com as relações públicas, e outras áreas que não eram da comunicação também se conversavam. Era algo que explicava como a convergência da comunicação estava em todas as áreas. Como era a comunicação no instituto de geografia, por exemplo, como o físico da NASA precisa se comunicar, como que a NASA se comunicar. A comunicação de todo mundo e não só do jornalismo. Eu lembro que jornalismo ambiental foi bom, me marcou, pelo menos para mim, como pessoa. Entender um pouco mais sobre o ambiente, sobre a natureza, mais sobre a parte ambiental do mundo e do Brasil. Acho que foi importante, aprender sobre isso, aprender leis. Não que eu tenha tudo gravado até hoje, porque eu não trabalho mais nisso, acaba se esvaindo um pouco, mas eu acho que aí aprofundou mais. Eu fiz uma matéria que era entender quais eram os projetos de lei. Ali foi uma das coisas que eu senti aprofundamento. Não fui obrigado, mas incentivado a ir mais além. Eu lembro que eu fiz um trabalho que era sobre a poluição da Baía de Guanabara do Rio de Janeiro. E daí eu lembro que eu consegui conversar com o jornalista investigativo da [redacted] [veículo de imprensa] que me explicou, me deu o número de projeto de lei para ir atrás, teve esse aprofundamento, muito por parte do professor. O jornalista esportivo não se destacou tanto, porque eu já estava na área. Eu já tinha um pouco de noção. A gente aprende um pouco, mas eu já tinha um pouco de noção. E o último que eu destacaria foi a chance de fazer o TCC prático, por opção minha. Eu não sei se eu faria de novo, eu curti fazer e acho que eu sempre fui mais

prático do que teórico, não que a teoria não fosse importante, mas acabei sendo mais prático. E o TCC prático ajudou muito nisso, eu fiz um mini documentário, 90% sozinho. Acho que isso te traz uma independência muito boa, ao mesmo tempo, eu senti falta de saber como é o TCC teórico, fazer 100 páginas, teria essa curiosidade. Mas me senti satisfeito, só curioso com outro lado.

Porto: Teve alguma disciplina professora que transformou de alguma forma especial durante a graduação?

Lorenzo: Teve, acho que eu se citaria quatro. Uma foi a [professora], ela deu jornalismo esportivo e redação, se eu não me engano. E ela já tinha trabalhado na [grupo de mídia da Região Sul] e quando eu vi que tinha um programa de estágio e entrei, a gente sempre trocava muita ideia. Ela sempre me alertou de muita coisa, que na época eu ignorei. Por isso que eu falo, poderia ter sido mais agressivo. Dizer "tu encontra isso de dificuldade, isso de solução lá dentro", e a gente tá falando de uma empresa, mas também tá falando de um mundo de veículos. E eu deveria ter dado mais ouvidos a ela. Tanto dentro quanto fora da sala de aula, ela me marcou muito. Eu faço uma meia culpa que eu deveria ter escutado mais, mas, ao mesmo tempo, eu acho que ela poderia ter sido mais agressiva, sendo mais realista mesmo. Os outros dois que me marcaram, foi o orientador de TCC, e o outro que me avaliou na banca e hoje a gente trabalha na mesma empresa. Esse é o [professor]. Ele deu o jornalismo investigativo, e ele me ajudou muito mais fora da sala de aula, na profissão, do que dentro. E ele é um exemplo do que eu digo que poderia ter dado aulas menos superficiais. Eu nunca disse isso para ele porque eu não me sinto confortável, mas ele é um exemplo de 8 a 80, oitenta fora, e oito dentro da sala de aula. E o outro é o [professor] que deu uma das minhas primeiras cadeiras, que era introdução ao jornalismo, se eu não me engano, e foi orientado a orientadora do TCC. Ele é um cara um pouco conservador no jornalismo, apesar de ser jovem, e ele tem muita identificação com o jornalismo que a gente chama de jornalismo raiz. O que eu acho que é bom também, é bom a gente ter uma posição também que a gente não gosta perto de nós, nos tira um pouco da bolha. Eu sempre pensei que a gente tinha que fazer jornalismo mais entreterimento, entreter mais, ele não. Mas sempre foi bom ter alguém me puxando para o lado que eu não queria ir, me centrou um pouco. Mas, que nem eu te disse no início, se eu pudesse voltar no tempo eu não faria jornalismo. Como eu estou aqui eu acho que tem muita contribuição do [professor da universidade]. Ele é um cara que acredita muito no jornalismo sério e ensina muito isso. E ele me marcou muito com isso, para a gente fazer jornalismo sério, tu quer fazer entretenimento, beleza... mas faz com responsabilidade. E eu vejo muito isso no mercado hoje, principalmente no jornalismo esportivo, que acho que até pega um pouco mais do amadorismo. As pessoas não checam muita informação, às vezes, falam sem conversar direito com a fonte, ou publica de qualquer forma, com erro de português. Uma coisa que eu vejo muito é, por exemplo, a pessoa trabalha em veículo "X", mas prefere postar nas suas redes sociais primeiro a informação. Então, isso eu aprendi muito com ele fazer um jornalismo sério e, e não só pela

audiência. Se eu vou fazer uma *live* dizendo quem tá vindo para algum clube, eu não posso não ter feito o meu trabalho, feito o produto da informação, para empresa que eu trabalho. E ele deu o jornalismo ambiental, econômico, e mais alguma outra que eu não lembro.

Porto: E quais os espaços que tu acha que se fizeram mais presentes na tua formação, a sala de aula, laboratórios, estágios, palestras?

Lorenzo: Espaço da faculdade?

Porto: O espaço físico que contribuiu na tua formação, pensando que pode ser a sala de aula, laboratórios de cursos, palestras, o trabalho...

Lorenzo: Sala de aula, biblioteca e o local do estágio.

Porto: E por quê?

Lorenzo: A sala de aula, porque eu acho que eu faltei poucas aulas. Então, eu sempre estive na aula, estive no local da aula, o espaço físico da sala de aula. Eu tenho muito presente isso. Às vezes, quando eram aulas no meio de feriado, ou em horários que não ia muita gente, ou em sábado eu sempre ia, então eu tenho isso muito presente na minha mente. Eu acabei passando muito tempo na sala de aula, sabe? Tempo ocioso e tempo produtivo. A biblioteca, é porque chegou o momento, alguns semestres, acho que a partir do quinto, em que tinham mais trabalhos, mais artigos, mais apresentação de trabalho em grupo (apesar de os grupos serem pequenos, ou tu poder fazer individual, que eu sempre fazia) eu passava muito tempo ali na biblioteca. Porque normalmente eu trabalhava das 10 horas às 5 horas, e daí a minha primeira aula era às 6:45. Às vezes não valia a pena eu ir até em casa para depois ir até a faculdade. No início eu fazia isso, mas eu podia me atrasar. Era mais fácil eu fazer as coisas com calma, sair do estágio e quando eu chegava com o tempo, ia para a biblioteca. Então, a biblioteca sempre foi um espaço para o pré aula e pós estágio. E sobre o local de estágio, eu não sei, mas eu sempre tive o azar ou a sorte, de ter estágios que me puxassem quase como que funcionário. Não em todo o tempo, mas em algumas oportunidades sim. E eu acho que foi bom porque, que nem aquela famosa frase: a gente aprende na marra. Eu não sei se é o jeito certo, eu não tenho essa resposta ainda, mas eu acho que a gente se aprende muito sobre o jornalista na prática. Eu não sei se precisava aprender tanto no ao vivo da prática, com as pessoas te olhando e te julgando, mas foi bom. Teve um saldo positivo. E eu queria colocar também o auditório, que eu lembro que um dos primeiros prêmios, que a universidade começou a fazer em 2016 com um professor, que depois se tornou o coordenador durante um tempo. Eu não lembro se tinha prêmios antes, mas eu lembro que ele fez uma premiação interna entre os cursos. E eu lembro que eu me inscrevi e consegui ganhar nas três edições que eu participei. Não primeiro lugar em todos, alguns

segundo, alguns terceiros. Mas eu lembro, assim, que mesmo que tenha sido interno e não tão alto quanto eu pensava, mas foi legal pelo reconhecimento.

Porto: E na tua opinião o que um estudante de jornalismo precisa aprender para ser um bom jornalista?

Lorenzo: Nossa... dava para fazer um manual, mas vou tentar resumir. Eu acho que responsabilidade ética, ou só ética, responsabilidade profissional. Acho que precisa ter um português aceitável, não precisa ser um professor de português ou um filósofo, mas precisa ter um português aceitável. Eu acho que já faz um tempo que é muito necessário se comunicar, e aqui é se comunicar mesmo, não é aquela coisa de “ai eu gosto da TV, eu gosto do meu rosto”... Porque vai chegar um momento que tu vai ter que fazer uma apresentação interna, um teste, mesmo com a parte da redação impressa. Vai chegar um momento que tu vai precisar aparecer em um vídeo, por exemplo. Então, eu acho que tu precisa aprender a se comunicar, mesmo que tu não goste tu tem que ter essa habilidade. Porque se tu não souber, tu vai cair fora, e eu já vi muita gente caindo fora por não querer. E precisa ter resiliência. Porque eu resumiria que tu não vai mudar o sistema sozinho.

Porto: E tu considera que tu aprendeu essas coisas na faculdade?

Lorenzo: Não, aprendi fora.

Porto: Mas considera que tu preenche todos os requisitos?

Lorenzo: Hoje sim. Demorei um tempinho.

Porto: E apesar de ter aprendido fora, tu acha que a faculdade te ajudou nisso?

Lorenzo: Acho que na parte de responsabilidade, sim. Na parte do português, não. Na parte desse comunicar, 50/ 50. E na resiliência, não, totalmente fora. E se tu parar para pensar que na minha primeira turma tinha 29, 28 pessoas, e comigo se formaram 12 dessas, e só eu trabalho na área. Eu acho que tem uma desvalorização, mas também tem uma falta de resiliência. Porque se tu quer ser, tu não vai mudar as coisas sozinho.

Porto: E como tu enxerga o desenvolvimento do ensino do jornalismo?

Lorenzo: Ah hoje eu tô meio de fora. Eu não sei como tá hoje. Não sei se está se desenvolvendo bem.

Porto: Mas tu via diferença durante a tua trajetória dentro da universidade?

Lorenzo: Sim, isso sim. Do início ao fim eu acho que, ao menos na [universidade privada], no contexto que a gente tá falando, melhor. Evoluiu bastante. Alguns conservadorismos foram deixados de lado, algumas correções foram feitas. Demissões de professores, eu acho que é um pouco normal. Normal é meio ruim a palavra normal, mas em uma empresas, demissões são normais. Não era para ser, na verdade, são corriqueiras, não normais.

Porto: E que transformações que destacaria?

Lorenzo: Se tratando do currículo de jornalismo, eu lembro que tiraram algumas disciplinas, e acrescentaram outras. Se eu não me engano, tu teria que fazer mais cadeiras para se formar. Tu ainda poderia fazer em quatro anos, mas talvez tivesse que ficar um pouco mais de horas. Eu lembro que isso era bom, pelo menos eu tenho isso na mente, de olhar e pensar que eram boas as cadeiras que estavam saindo e as que estavam substituindo essas. Acho que aquela própria questão do prêmio evoluiu bastante, porque lá não tem muitos eventos para unir as pessoas. Aquilo que eu tinha dentro do estereótipo da faculdade de juntar os grupos... Isso era bem fraco no início e acho que com o tempo foi melhorando. Eu não considero a [universidade privada] dentro desse estereótipo da faculdade. Às vezes, a gente pode ter outra realidade na [universidade confessionária da capital], mas acho que pelo menos enquanto eu estiver aí ela caminhou, avançou.

Porto: E nessa mudança curricular, tu sentia que tinha novos temas sendo tratados?

Lorenzo: Eu sentia que tinha uns temas um pouco mais atuais. Eu não lembro o nome da cadeira, mas tinha uma cadeira que tratava sobre coisas mais contemporâneas. A própria troca de professores, teve ao menos, uma coisa que foi boa; que tirou pessoas mais conservadoras e que pensavam jornalismo muito das décadas passadas, para professores que pensava um pouco mais adiante. Isso eu gostei.

Porto: E depois de concluir a graduação conseguiu estudando de alguma forma?

Lorenzo: Aí que vem um pouco da falta de realidade que eu falei antes, dependendo da área da profissão que tu vai atuar, não é impossível, mas é 90% impossível conseguir estudar. É bizarro o quanto é difícil. Eu não consigo me imaginar, hoje, estudando, seja uma nova graduação ou uma especialização. Para fazer um curso de edição de vídeo que eu tô tentando desde janeiro, foi um parto. Então eu fico me imaginando... Imagina se eu fizesse mais uma especialização. Porque, ao menos na área que eu atuo, se tu trabalha com esporte, com polícia, política, coisas que sejam mais da notícia factual – talvez dê dentro do entretenimento da tv (como vídeo show outras coisas, onde tu tem uma linearidade, uma programação, acaba sendo mais "tranquilo"). A gente, para eu te dar um exemplo prático, recebe a nossa escala no domingo à noite, e daí eu sei o que eu vou ter da segunda até o próximo domingo. Eu não consigo marcar médico direito, e ter aula, não adianta eu entrar na

[universidade confessional] passar no mestrado, e as minhas aulas serem sempre quarta à noite. Eu tô ferrado. Eu lembro que isso, quando eu saí da faculdade em 2018, eu tava pensando em fazer uma especialização, eu perguntei para o meu chefe. E ele disse que se eu quisesse fazer a especialização eu podia, só teria que avisar toda hora para trocar os horários. E daí eu pensei, imagina eu ser o chato que toda semana fica pedindo para trocar de horário. E não é só no esporte, eu também trabalhei no ■ [portal de notícias online] que era *hard news* e era a mesma coisa, em questão de horário, os pedidos em cima da hora... Muito difícil. Vejo uma dificuldade muito grande na nossa profissão. Acho que tem ajustes, se os chefes ou a coordenação ou presidência, os cargos altos da empresa, quiserem, dá para organizar. Mas teria que passar por cima de algumas decisões. Hoje, por exemplo é feriado. Eu poderia pegar hoje para estudar, ver aulas gravadas... mas, não, porque eu trabalhei 8 horas normal. E daí tu começa a pensar na tua vida social. E eu acabei deixando tudo de lado, mas também por entender que no fim das contas mesmo não tenho tempo e organização por conta do trabalho. E tu também não precisa estudar, ao menos nos esportivo. Tu não precisa ter especialização e mestrado. Talvez para ser CEO, ter um cargo administrativo em veículo de comunicação... mas não é exigência na área.

Porto: E tu considera no futuro talvez voltar a estudar?

Lorenzo: Considero, mas não tenho a mínima vontade hoje.

Porto: E por que mesmo assim tu considera?

Lorenzo: Eu considero porque eu acho importante, quanto o ser humano, membro de uma sociedade, eu acho importante. Eu sempre tive na minha cabeça que a minha geração tem que ter estudado mais do que geração anterior da minha família. Eu já tô bem a frente de muitas pessoas da minha família, só tô perto do meu pai que nós dois temos ensino superior, mas ele fez especialização há alguns anos. Então, muito mais por isso. Ser alguém que tenha mais capacidade acadêmica. E por que eu não tenho a mínima vontade? Porque hoje, minha opinião, a minha percepção, talvez rasa, é que tu não precisa disso para o trabalho. Para ser um bom profissional, para enriquecer, para crescer na carreira. Para mim, o conhecimento, a partir do momento que tem uma profissão, tem que estar alinhado a tua carreira. Eu quis fazer o curso de edição de vídeo, por exemplo, porque eu tinha um defeito. Eu fazendo esse curso, eu sei que eu tenho uma habilidade melhor do que o meu colega que não tem. Fazendo um curso de comunicação e oratória, eu vou estar na frente de outros colegas. Eu sempre penso que aquilo que eu for estudar tem que me ajudar também na profissão. Pode não me ajudar agora, mas se eu fizer um curso de design, pode não tá ligado ao jornalismo esportivo, mas daqui a pouco eu quero trabalhar em assessoria, ou em outra coisa, e pode vir a me ajudar. Acho que sempre tem que pesar um pouco nisso. Por isso, eu não penso tanto em voltar para o meio acadêmico. Hoje, eu não vejo tanta necessidade, ou exigência, no mercado de trabalho.

Porto: E tu acha que a formação acadêmica foi importante para o exercício da sua profissão?

Lorenzo: É o meu complexo, porque eu acho que sim. Acho que quem não fez, que é jornalista sem diploma, eu percebo sem precisar saber que a pessoa não se formou. Eu acho que tu sente quem não se formou. Acho que muito por aquilo que a gente falou no início, de ter uma responsabilidade profissional e ética, ter um bom português, ter uma boa comunicação e você precisa de uma resiliência. Tu nota isso. Até porque eu fiz o curso de radialista da OSCIP, e eu acho engraçado que daquela turma muitos trabalham na área esportiva e, e outros não, e eu lembro de uns três que criaram uma rádio web se dizem jornalista... Aí, a gente começa a perceber quem é que tem essas qualidades que a gente falou e quem, depois, acaba não tendo porque o curso de radialista é um curso técnico.

Porto: E tu falou algumas dificuldades que tu teve no trabalho quando tu cogitou fazer especialização, que precisaria do incentivo maior de gestores ou cargos de chefia, e tu falou dessa falta de retorno mais palpável de quando tu volta a estudar. Tu acha que isso devia ser mais valorizado? Que os profissionais deviam tentar isso, mesmo que não fosse tão incentivado?

Lorenzo: Profissionais tipo a gente? Se eu deveria ter tentado mais?

Porto: Não, na verdade, pensando nos nossos futuros colegas, quem está no curso agora...

Lorenzo: Vem com a parte da resiliência entende? Eu já vi colega *freelancer* trabalhar 6 meses na [redacted] [grupo de mídia da Região Sul] e já ouvi comentários do meu chefe dizendo "essa pessoa é muito chata fica pedindo muita coisa" ou "essa outra pessoa pede toda hora para trocar de horário". Então, tu vê que é um sistema de chefias que não corrobora para que isso aconteça. Assim, se tem estudar e ir atrás? Tem. Mas tem que saber o limite, porque senão tu começa a se queimar. É que nem eu falei antes, tem que entender que é um sistema. Para trabalhar em veículo, e jornalismo esportivo muito mais, é que nem tropa de elite, é o mesmo organograma. Muito mal comparado e pejorativo aqui, é a mesma coisa... Se tu não entra na roda, eles te tiram. Por exemplo, eu lembro que quando eu fui contratado como assistente de conteúdo, quando eu tinha me formado e só tinha essa vaga, não tinha vaga de repórter (o que é um limbo entre estagiário e repórter), e eu entro na sala e duas pessoas já me conheciam, porque já tinha trabalhado na [redacted] [grupo de mídia] e já tinha feito a rede de contatos... E me perguntaram "eles te conhecem?" e daí ali pareceu que a porta se abriu. Do tipo, beleza. Senta aqui do meu lado. Então, eu acho que tem muito disso de tu saber o limite, eu quero estudar e quero fazer isso ok. É o teu sonho? Beleza. Mas tem que ter consciência das consequências que tu vai enfrentar. Agora, eu acho que também parte muito da chefia entender, porque eu

lembro que um dos chefes, ele tinha feito o mestrado. E ele desdenhava o mestrado que ele tinha feito. Então, imagina eu querendo fazer uma especialização, sabendo que eu ia enfrentar um preconceito por ser o chato dos horários e trocar a escala, sabendo que uma pessoa que já tinha feito duas etapas acima da minha não valorizava... O que que ele ia pensar? E não pela opinião dele, mas aquilo que ele ia reverberar para os outros chefes. Porque eu sei que quando vier uma ordem e tiver que demitir, vão pensar: "quem?". E, daqui a pouco, nem adianta tu ser bom, é uma opinião errada que formaram sobre ti e já era. É isso que eu falo sobre resiliência.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Agora, a gente vai para o próximo eixo, já entrando na trajetória profissional. Daí, tu pode falar um pouco sobre como foi teu ingresso no mercado de trabalho, iniciando pelos estágios mesmo.

Lorenzo: O primeiro estágio, foi uma indicação - que é um *modus operandi*, para mim. A gente vive de indicação, processo seletivo é muito raro. Tinha um grupo no *facebook* de vagas, eu tava no segundo semestre de jornalismo e já queria ter estagiado desde o primeiro, só que é difícil contratarem no início. Tinha uma guria que estava um semestre a minha frente, acho que a gente não tinha sido colega ainda, e ela tinha postado "estou saindo de tal empresa e vai abrir uma vaga, quem quiser manda currículo", era uma assessoria de comunicação. Daí, eu chamei ela e mandei meu currículo. Ela passou para a chefia, eu fiz uma entrevista lá e alguns dias depois já fui contratado. Foi bem rápido. Depois entrei em outro estágio, também como indicação por aquela minha colega do ensino médio, ela tava trabalhando na [grupo de mídia] e daí eu acho, quase certeza, que eu tava conversando com ela no *facebook* e ela falou que abriu uma vaga na [grupo de mídia] no departamento do site, para trabalhar em alguma coisa digital lá da [grupo de mídia]. Esse eu já tinha 17 meses de assessoria. Daí, eu perguntei para [grupo de mídia] como é que eu fazia e ela disse para enviar o currículo que ela ia passar para o chefe dela para ver se ele ia me entrevistar. A mesma coisa, fui lá fiz a entrevista e alguns dias depois ela me falou que ele ia me mandar uma mensagem, mas eu já tinha sido aprovado. Para sair da assessoria foi difícil, a mulher da assessoria não queria que eu saísse. Ela até me ofereceu um aumento, mas aí eu teria que trabalhar mais 2 horas. Então, não era um aumento, era hora extra.

Porto: Ela iria ter efetivar?

Lorenzo: Então, não lembro de ter falado muito em termos jurídicos, mas acho que não. Eu só lembro que ela me ofereceu um valor a mais, para ficar mais tempo e porque ela não queria me perder. Só que ao mesmo tempo eu era meio explorado lá. Tipo eu pegava o lixo do escritório, não era bem um estágio. Aí, eu fiquei um ano e 10 meses na [grupo de mídia] mais ou menos, só que querendo sair depois de um

tempo. Já queria sair antes, mas a partir desse tempo que eu realmente tomei a decisão e comecei a procurar vagas. Daí, comecei a olhar o *linkedin*, grupo de *facebook*, indicação, mais nada me brilhou os olhos. Nada que eu pensasse que esse era o próximo passo.

Porto: E por que que tu queria sair?

Lorenzo: Tanto na assessoria, quanto na [redação] [rede de mídia], eu senti muita, muita, mas muita desvalorização profissional, desvio de função. Eu tinha na mente que na [redação] [grupo de mídia da Região Sul] não teria isso, tem em menor escala. Mas eu senti muita desvalorização, e pouco aprendizado, pouca crítica construtiva, pouco *feedback*, pouca comunicação. É até um ditado, eu não sei se tu já trabalhou em veículo, mas dizem que veículo de comunicação não se comunica. Então, eu aprendi isso na marra. Eu achava que na [redação] [grupo de mídia da Região Sul] seria diferente... daí abriu um programa de estágio da [redação] [grupo de mídia da Região Sul], eu fui fazendo duas provas, fui passando das etapas. Eu lembro que era mais ou menos seis etapas e na quarta etapa eu contei para o meu chefe da [redação] [rede de mídia], que eu tava participando da seleção, dizendo que já estava nas últimas etapas e que a última etapa era basicamente escolher a área que tu ia trabalhar. Aí ele também me fez uma proposta para eu ficar para tentar me contratar como assistente, essas coisas assim... ou até me mudar de área na [redação] [rede de mídia]. Eu disse que não, que eu já tava decidido e que eu queria sair. Ele me deu um tempo, e não deu outra eu passei. E quando eu passei da quinta etapa, a sexta etapa era tu dizer quais as áreas que tu gostaria de atuar conforme as áreas que tinham vagas. Eu lembro, que eu me candidatei para três vagas em rádio, só que áreas diferentes da rádio. Daí, a primeira opção fechou a vaga, a [redação] [setor esportivo da rádio]. Eu acabei nem fazendo a entrevista porque eles contrataram outro menino antes e a última eu fiz a entrevista e acabei não sendo selecionado. Daí, eu pensei: ferrou. Porque eu já tinha pedido demissão, já tinha saído, sacado a rescisão e tudo. E, então, no intervalo curto de tempo liga uma pessoa da [redação] [grupo de mídia da Região Sul] falando que a editora do [redação] [portal de notícias] do site viu o teu currículo e quer conversar contigo presencialmente hoje. Eu fui e [redação] tinha dito que gostou de mim, mas que tinha mais entrevistas para fazer ainda, e depois entraria em contato comigo. Depois, me informaram que eu tinha sido selecionado. E você vê a transição interna, porque daí eu tinha um prazo contado já que eu tinha minha formatura. Como eu entrei no primeiro semestre de 2017, até eu me formar para ficar lá. Eu já sabia que eu estender um semestre para formatura, então eu tinha até agosto mais ou menos. E a partir daí, eu tinha que saber o que eu ia fazer porque não dava mais para estagia. No primeiro semestre 2018, eu começo a ver vagas e ver se tinha uma oportunidade melhor. Sempre pensando na carreira não regredir para um lugar menor e depois ter que escalar demais. E não achava nada muito certo. E perto de agosto, minha chefe falou que não ia me contratar porque não tinha vaga, e me liberou para buscar vagas, se quiser fazer entrevista na hora do trabalho liberavam. E um dia ela me chamou de novo dizendo que ela podia me indicar para o [redação] [programa esportivo de

televisão do mesmo grupo], que eles precisam de assistente de conteúdo a partir de agora. Daí, o meu chefe atual, ele me chama um dia para ir na cafeteria para a gente conversar. Em 5 minutos eu tava contratado uma conversa que é o que eu digo tu tem que aprender a jogar o sistema... porque assim qualquer outra pessoa ficaria tá mas acabou é isso? Foi bem antiprofissional a entrevista, bem amador. Ele me perguntou: “tu gosta de futebol? Sabe o que é o grêmio e o inter?”. Eu respondi que sim para tudo. E ele falou beleza tu começa segunda. Então, é o que eu digo, tem que aprender a jogar. Depois de seis meses ele acabou me falando que se eu quisesse procurar um emprego, como repórter em outro lugar eu podia ir, que eu não tinha a capacidade de escrever textos para o globo esporte. Depois de um ano ele acabou me contratando como repórter, com a saída de outro colega. E daí, não teve muita conversa. Ele só falou que tinha uma carta indicando para promoção e era 200% de aumento. Não tinha como dizer não. E naquela época já tava pensando em sair. Eu tinha uma proposta para trabalhar como *freelancer* em um *hub*, mas acabei não indo.

Porto: E durante essa trajetória profissional tu enxergava o teu ensino sendo refletido na tua prática?

Lorenzo: Ensino na prática... muito pouco, eu acho. Dá para pescar detalhes, sabe? Detalhes práticos, tipo da cadeira de televisão que ensinava como exportar o vídeo, como segurar o microfone, para onde olhar, alguns gestos mais técnicos... Acho que muito daquilo que eu te falei do professor de responsabilidade, vai tentando, vai errando, vai aprendendo e percebendo, vai escrevendo matéria, vai apurando com fonte, vai entendendo o que dá e o que não dá para publicar. Isso pega também um pouco das aulas, de ensinamentos, de exemplos de como algumas matérias foram tratados, explicação de como foi construída. Eu acho que tem um pouco, mas tem muito mais vivência. Tu aprende muito mais suando do que lendo. Ao menos em veículo, é bizarro como a prática nos faltou.

Porto: E quanto os aprendizados fora da sala de aula, mas com essas pessoas que compunham a universidade... esses aprendizados de professores, esses contatos e ensinamentos que tu teve a possibilidade por estar na universidade, mas que não necessariamente se fizeram presentes na sala de aula. A universidade não só como a sala de aula.

Lorenzo: Esse eu vi, ensinamentos dos professores e das matérias ou coisas práticas eu via refletida na minha profissão. Não era inexistente, mas era pouco que eu via.

Porto: E o que te levou para a área que tua hoje?

Lorenzo: Facilidade com o tema, domínio do tema e a primeira oportunidade que eu tinha de não ficar desempregado. Porque como eu disse, eu ia me formar em agosto e a conversa que eu tive foi em julho. Então faltava um mês para terminar o meu contrato. Eu acho que sempre foram essas coisas. Eu sempre tentei me antever de

quando eu ia ficar desempregado ou sem trabalho para exercer. Sempre fui indo em ciclos, alguns eu errei, alguns eu deixei passar demais, mas eu sempre pensei nisso. Tentei não deixar com que o ciclo encerrasse para que eu tivesse que correr atrás depois.

Porto: E como tu encara o mercado de trabalho atualmente?

Lorenzo: É uma bolha. Eu definiria como uma bolha. E eu não sei se é impossível de entrar, para quem é novo, mas é muito difícil de entrar. Tenho encarado como falta comunicação mesmo. Eu sinto muito que a gente, como jornalista, e principalmente no esportivo, como a gente faz coisas amadoras. Não bem amadoras... mas que falta um pouco de profissionalismo. Parece que falta um pouco mais de comunicação entre a gente, ou dos nossos chefes com os seus funcionários e isso acaba refletindo no produto. A [grupo de mídia da Região Sul] tem feito isso, mas muito pouco, as outras empresas não fazem tanto. Então é o mercado que é uma bolha para mim. Não tá bem profissionalizado, acho que muito por essa m**** de não precisar de diploma. Tu acaba formando apenas técnicos radialistas e não jornalistas. E tem uma grande diferença nisso. E acho que é um mercado que não vai pagar bem por um bom tempo. É um mercado que, não sei, as mudanças que eu sinto ali de dentro... o que eu vejo, aqui, é que não precisa pagar bem para repórter, para o editor de texto, para editora, não tem uma valorização financeira nisso. Então, se eu vejo que eu já tô aqui e não tá pagando bem, e eu vejo que não vai pagar bem tão cedo... me leva muito a crer que a gente não vai ganhar bem. Agora, é aquilo para quem for entrar no mercado tem que perguntar qual a sua pretensão. É ter um salário para nunca morrer de fome e tu gosta, tu sonha em ser? Toca no jornalismo! Agora, pô, tu quer mudar de vida, quer morar em outro país, outra cidade, quer comprar um carro... tu quer pular um estágio da tua vida? Eu não sei se sendo jornalista, tu vai conseguir. Pode se formar, ter uma experiência, que é mais ou menos o que eu penso em fazer ir lá e depois dá um pulo numa diagonal. Ele para uma área talvez publicidade, administrativa, empreender... mas acho que tu exercendo a profissão não é uma opção financeira rentável, mas pode dar uma base boa para dar um pulo para outra área.

Porto: E tu enxerga essa realidade em outras áreas da profissão, que não a redação?

Lorenzo: Não sei, porque eu exerci pouco. Mas, por exemplo, em assessoria de imprensa privada paga melhor, mas são funções mais engessadas. Numa redação, tu tem uma liberdade mais alta que é assessoria. E no poder público, tu vai ganhar muito, mas vai fazer umas coisas que dependendo de porque que tu entrou e porque tu se formou, não vai valer. Eu lembro de uma repórter que saiu da [grupo de mídia da Região Sul] para ir para um comunicação do governo da prefeitura, foram dois ou três anos, e foi ganhar 20.000, para fazer comunicação para a secretaria de esporte. Era para trabalhar 8 horas de segunda a sexta, mas e aí? O quanto tu vai aguentar aquelas 8:00, fazendo aquilo... Mas é aquela coisa vai trabalhar em banco, pode não vai gostar, mas vai ganhar bem. Acho que tem uma lacuna muito grande de valorização

de quem vive na redação e na assessoria. Principalmente essas duas áreas que eu tenho mais vivas.

Porto: Então, tu vê que tem muita desvalorização, vários problemas na profissão, mas tu enxerga que atualmente a gente tem novas possibilidades nesse mercado? Tem pontos positivos que podem ser explorados?

Lorenzo: Eu acho que tem pontos positivos que podem ser explorados, por exemplo, e é uma opinião muito rasa minha, mas eu acho que tinha que ter uma obrigatoriedade de diploma. Eu sei que é empresa não pode impor isso, de precisar do diploma, mas acho que precisava ter um pouco mais de jeito para que quem fosse contratado tivesse o diploma. Ou, não sei, que tivesse mais profissionalização, sabe? Precisa criar um funil, para quando uma pessoa chegar na redação precisar disso. A empresa de comunicação precisa profissionalizar um pouco mais. E isso também passa pelo que estava falando das chefias. Eu vou tentar não te demitir, eu sei que vai ter os passaralhos na empresa, mas eu vou te dar um tempo pra tu se formar na tua pós. Eu vou te ajudar. Vou te trocar de horário sempre. Daqui a pouco, vou fazer uma votação aberta na equipe para descobrir quem quer fazer pós para todo mundo possa se ajudar. Mas acho que esse é um processo de profissionalização que dava para fazer. E outra, é que a gente, jornalista, explora muito pouco o ambiente digital. Ao menos aqui, a gente sabe que a [redacted] [conglomerado de mídia] restringe muito. Para te dar um exemplo, dia 31 de agosto era o último dia da janela de transferência do futebol da Europa, e isso lá na Europa é como se fosse a final do BBB. É bizarro como as pessoas que gostam de futebol ficam entretidos naquele dia por 24 horas. E um jornalista italiano abriu uma conta na *twitch* para, às vezes, fazer umas lives. Ele fez uma live aquele dia e ele teve mais de um milhão de pessoas assistindo simultaneamente. E aqui, é um parto para eu te dar uma entrevista privada, imagina para eu abrir um canal na *twitch*. E eu sempre pensei que eu só vou trazer o público. Então, a gente tem muitas oportunidades, mas, às vezes, a gente fica tão engessado por quem tá em cima. Eu falo isso no meu caso de experiência, eu sei que tem algumas empresas um pouco mais liberais, mas é aquilo que a gente fala tem que ter uma linha tênue para identificar qual empresa que a gente trabalha e priorizar os conteúdos da empresa ao mesmo tempo que ela não me limite a fazer outros conteúdos.

Porto: E hoje tu se sente satisfeito em um lugar que tu ocupa o teu trabalho e no que atua?

Lorenzo: É relativo, porque eu acho que o jornalismo é um massagedor de egos para quem já trabalhou em redação. Se tu aparece na tv duas vezes por mês, é ótimo, mas... Isso não muda teu currículo, nem tua conta bancária. Eu sinto que hoje eu tô realizado, mas não feliz. Eu realizei muita coisa, dá para realizar mais, mas acho que já deu, tá na hora de dar esse pulo para diagonal e tentar coisas novas.

Porto: Tu já falou um pouco sobre desvio de função rapidamente, mas tu já exerceu atividades não jornalísticas, como se deu isso?

Lorenzo: Não jornalísticas, raras vezes. Aquela situação no estágio, limpava sala e recolhia o lixo, algumas vezes... ou fazia entrega de motoboy ou a pé, umas coisas meio estranhas. Acho que foi uma das únicas vezes que teve desvio de função, função mesmo. As outras vezes foram como, por exemplo, eu era estagiário da [redação] [rede de mídia], às vezes, eu tinha que ser o coordenador de TV pra botar um programa de TV no ar. E eu considero isso um desvio de função grave. Tudo bem que tinha uma audiência muito baixa na época, mas era importante para quem estivesse vendo. Na [redação] [grupo de mídia da Região Sul] já teve de eu ter que trabalhar mais horas em alguns eventos específicos e já tive que fazer hora extra várias vezes. Agora, tá um pouco mais regularizado porque a gente tá com um aplicativo para bater o ponto, e com o controle dos *notebooks* da empresa, mas já teve situações assim. Como assistente conteúdo, por exemplo, não podia assinar matéria, não podia colocar meu nome, só que uma vez eu fiz uma matéria que o chefe chamou e ele botou meu nome. Por isso que eu falo que é muito massificador de ego. Eu lembro de ter muito legal, ver a minha primeira matéria antes de ser repórter, mas quando tu para e pensa aquilo não foi certo. Foi legal, uma valorização legal, mas não sei se precisava

Porto: E atividades da comunicação, mas não do jornalismo tu já acabou fazendo?

Lorenzo: Como assim?

Porto: Mais ligadas com os outros cursos, como publicidade, como rp...

Lorenzo: Que eu lembre, acho que não. Assim, eu lembro que na [redação] [rede de mídia], no estágio, a gente fazia de tudo um pouco. Eu criei o *facebook* do programa na época, que não tinha. Então, eu era meio que um *social media*, mas acho que isso meio que acaba englobando um pouco de jornalismo, sabe?

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Já estamos finalizando, para continuar: como tu percebe a prática do jornalismo hoje? O que é que tu acha que vem se transformando com o tempo na profissão?

Lorenzo: Eu acho que hoje a gente é muito o *twitter*, muito *microblog*, sabe? Eu me sinto um pouco contaminado com isso. Às vezes, eu me deixo levar, porque eu não vou negar, é muito bom viraliza no *twitter*, é muito bom as pessoas te seguirem, a sensação de estar sendo visto e consumido. Mas se a gente parar para pensar é um pouco errado, em termos de notícia. Porque a notícia não é um *tweet*, talvez a manchete possa ser um *tweet*, ou uma chamada, um *lead*. Mas isso não é uma notícia. Tu não tem como dar uma informação completa no espaço de um *tweet*. Eu acho que

qualquer coisa do jornalismo, eu acho muito, mas muito difícil funcionar. Até no jornalismo esportivo, se tu tem um *tweet* dizendo que fulano é o novo jogador do grêmio e que ele chega sexta-feira, tu tem que dizer mais para ser notícia. A notícia não tá completa, eu tenho que dizer quem tu é, da onde tu vem, porque contrataram, sabe? É preciso completar a notícia. Eu acho que tem muito de uma *twitterização*. Uma preferência em postar, e não só no *twitter*, mas toda a rede social.

E outra coisa que eu enxergo, que nem todo mundo é jornalista. A gente tá vivendo num momento um tanto perigoso, que o influenciador tá virando jornalista. E daí, aqui volta a questão do diploma. Falta essa responsabilidade. Apresentadora de tv e comentarista, pode ser qualquer coisa menos jornalista, ou até mesmo comunicador. Então, isso é perigoso porque, número 1) tu desvaloriza a profissão. 2) com isso, tu também abre um leque para as outras profissões, mas fecha para gente. Porque eu como jornalista enxergo que o meu leque de opções no mercado hoje ainda é um pouco fechado. Eu posso ser fotógrafo se eu quiser? Posso. Mas é muito mais perigoso o fato de que alguém que faça administração, por exemplo possa ser jornalista. Se ele criar uma empresa e ficar rico durante 20 anos, e depois me tornar uma celebridade. Eu posso acabar apresentando um programa na tv e ganhar 15.000 enquanto outros jornalistas ganham 3,4... Eu não acho que isso vai mudar, porque agora para criar a obrigatoriedade do diploma, hoje, teria que demitir metade das pessoas ou obrigá-las a se formar. Isso ainda vai levar tempo.

Porto: E como tu acha que isso impacta a tua área e o teu trabalho hoje?

Lorenzo: A gente perde espaço. Perdemos muito espaço e oportunidade. Hoje, por exemplo [redacted] [portal de jornalismo esportivo], já tem uns dois ou três anos os *podcasts* dos times. Não é uma orientação, mas um senso comum, que a gente [jornalistas] não pode assumir o time. Isso nos traz um benefício, de poder falar de tudo, mas nos traz o malefício de não ser representativo para ninguém. Eu não represento nenhuma torcida. E o que acontece, o [redacted] [portal de jornalismo esportivo] já percebeu isso e começou a contratar *influencers* de cada time. O grêmio tem uma mulher que a jornalista, mas ela não precisava ser. Já o do inter por exemplo é um estudante de jornalismo. O guri é bom, mas ele foi posto por uma indicação e que só avisaram que ele ia ser o apresentador. Beleza, o cara tá estudando e ele vai ser um jornalista, mas espera ser, né? Não precisa ir embora algo nessa seleção. E algumas coisas eu percebi, ele ofende os jogadores no nosso *podcast*. Então, eu vi aquele não tinha aquela coisa da responsabilidade ética, até onde pode ir meu comentário sem ofender o outro. Isso a gente aprende na faculdade, pelo menos eu aprendi. Viu que eu acho que a gente vai perdendo espaço com isso. Isso também vai muito da gestão, eles poderiam ter conversado internamente, e questionado se alguém não poderia ser a voz de um dos times. Ter apoiado as pessoas de lá. Tu abriu uma porta para mim, não precisa fechar ela para mim e abrir para outra pessoa... Eu acho que isso vem da valorização, valorizar quem tá lá dentro, perguntar, questionar...

Por isso que eu não vejo muita perspectiva sabe? Esse é um projeto que já tenha um ano, e as pessoas lá de cima continuo pensando assim. Então, o que que será que pode vir ano que vem?

Porto: E como tu enxerga a troca que existe entre os colegas na redação? Tu percebe aprendizados ali, uma troca efetiva entre os profissionais?

Lorenzo: Na assessoria, muito pouco. Eu acho que eu tinha uns 18 anos e eram oito mulheres além de mim, eram mulheres mais velhas também. Era muito difícil eu me enturmar... ali eu não consegui ver tanta troca. Na [redação] [grupo de mídia], eu aprendi como a roda girava no veículo. Que assuntos que as pessoas, jornalistas, gostavam de falar, como gostavam de falar, quando gostam de falar, como gostam de trabalhar... essas questões de hábitos. Porque é como se fosse uma tribo, tu vai aprendendo os costumes, bom, isso não muda de redação para redação. Mas nesse trabalho eu aprendi muito pouco, em termos de profissão mesmo. De ter alguém sentando meu lado e me falando: é assim, é assado. Eu lembro da cobertura de uma eleição, que só chegaram me falaram: tu vai fazer tal e tal função hoje. E eu nunca tinha feito essas coisas antes. Então, falta um pouco de didática, nem todo mundo sabe tudo. Pega um dia antes e fala como é que se faz tal coisa, vê como é que se faz aquilo. Às vezes, tu também se sente um pouco constrangido de ficar falando. Porque tu também vê o editor correndo de um lado para o outro, atendendo o telefone, então, como é que tu vai chegar e pedir para separar uma hora para te ensinar as coisas? Ele vai dizer que o chefe dele também não deixa. Também tem essa coisa do constrangimento... Na [redação] [grupo de mídia da Região Sul], eu tenho um pouco mais de espaço para isso. O meu chefe é muito pouco, ele é introspectivo, não dá uma pausa para dar *feedback* essas coisas, mas o subchefe, dele sim. Já me fez críticas bem duras, mas construtivas. Assim, um dia o meu chefe falou para eu parar de fazer piadinhas com um colega meu no *podcast*. Aí o meu outro subchefe explicou, falou que eu podia ser mais sério, que eu não precisava ser tão brincalhão, porque tem assuntos que são mais delicados. Então, tu sente que tem como. Mas eu também vi que em dezembro, a empresa contratou consultoria de uma empresa de RH, e daí a gente foi obrigado a dar e receber *feedback*. Eu vi que era uma deficiência, tanto que a empresa e contratou RH. Não ter uma grande diferença efetiva, acho que é muito pouco ainda. Para ter uma ideia, o [portal de jornalismo esportivo] tem oito anos e foi só no início da pandemia que a gente começou a se reunir semanalmente para discutir pauta. Dá para ver que tem uma deficiência legal... Mas que bom que notaram e que bom que tá tendo passos para frente.

Porto: E tu percebe diferenças no modo de atuação dos teus colegas que são de outras faixas etárias?

Lorenzo: Sim. Eu já fui apelidado de muita coisa. A diferença de idade não é tão grande chefe deve ter 46, 48, o segundo mais velho deve ter 40 e o resto tem tudo entre os 28 a 33. Eu sou o único de 25, tem um mais novo de 23, mais é assistente.

Eu já percebi diferenças. Não uma diferença de uma educação, que passasse do ponto. Só que tu vê que, às vezes, tu fala de um assunto e não é bem compreendido... fazem piada por ser mais novo. Só que acho que nunca passaram muito do limite, mas tem uma diferença. Tem a diferença também de saber sobre as ferramentas, usar outras linguagens, de procura algumas pautas diferentes. Eu lembro que um colega, um tempo atrás, ele tem uns 27 anos, e ele sugeriu aquela pauta do *cringe* e da geração z. Entender a gerações z e y dos clubes. Jornalisticamente, esse fato é muito pobre. Tu mostrar que tal clube tem uma torcida que nasceu a partir de tal ano, mas isso também surfa na onda, né? Tu também tem que buscar audiência, tu tem que se moldar um pouco. Então, eu lembro que a gente fez por exemplo essa matéria. Mas a gente enfrenta muita resistência interna essas chefias mais velhas, mais conservadoras. Na época das *lives* no *instagram*, que todo mundo tava fazendo, eu sugeri que a gente fizesse uma *live* com entrevista durante uns 15 minutos todo dia, e o chefe falou que não. Ele disse que a gente era pago para ganhar audiência para o site e não entendia que a audiência do *instagram* podia se reverter para audiência do site. E depois quando a gente teve que fazer a cobertura das olimpíadas de Tóquio, e teve uma parceria comercial no meio, a gente foi obrigado a fazer *lives*. Então, tem um conflito de, às vezes, não aceitar a ideia dos mais jovens, mas daí quando chega do comercial daí aceitam e acabou.

Porto: E na prática das tarefas cotidianas de vocês, tu percebe que tem diferença de como eles atuam?

Lorenzo: Um pouco, algumas coisas mais técnicas talvez. Quando a gente vai ligar para alguma fonte e eu sei como gravar uma ligação, e o colega de 38 não sabe... acho que são alguns costumes assim, de saber os aplicativos, saber fazer uma pesquisa no site, procurar o jogador ou a namorada no *instagram*... mas nas práticas de jornalismo mesmo e, de escrever e de como se atua. Eu não vejo tanta diferença. A gente atua muito parecido.

Porto: E o quanto que a tua percepção da prática do jornalismo mudou desde que tu entrou no curso até hoje?

Lorenzo: Do avesso. Acho que mudou literalmente do avesso, eu via com uma *glamourização* tremenda e agora saio com um esgoto tremendo. Por isso que eu falo, não é tu desmotivar quem vai fazer, mas é tu abrir o olho. Eu tenho um primo que engenheiro, por exemplo, que trabalha 12 horas por dia e ele odeia isso, mas ele ganha 30000 e ele então acaba compensando. E o jornalismo tem que ter um pouco dessa realidade. Talvez, eu trabalhe em uma hora mais ou duas horas a mais dinheiro tu vai enfrentar todas essas dificuldades e vai ter essas recompensas, e daí deixar claro. Não é assim: tu vai cobrir olimpíadas. Porque quando tu vai cobrir as olimpíadas em Tóquio, tu acaba dormindo 2 horas durante 10 dias e tu não vai ganhar hora extra por isso. Que vai precisar pagar um chip a mais com internet lá. É sobre trazer um pouco a realidade. Porque é para mim só falaram que eu ia cobrir coisas legais que

eu me sentir feliz e que ainda ia ganhar um dinheiro bom. Mas faltou mais advertências.

TRANSCRIÇÃO ANDRÉ

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Então, para deixar registrado, tu pode falar o teu nome completo e idade e que curso se formou?

André: Eu sou [REDACTED], tenho 23 anos e me formei em jornalismo pela [REDACTED] [faculdade de uma instituição confessional da capital]. Concluiu o curso em 2020, logo no primeiro semestre de pandemia eu acabei pegando a primeira turma que se formou a distância forçada ponto exatamente a gente vai ficar de alguma maneira na história.

Porto: E que área do jornalismo que atua hoje?

André: Eu acho hoje na área de criação de conteúdo no digital, muito mais voltada para o mundo do marketing digital, nem tanto com uma questão de analítica tradicional. Não tem uma proximidade muito grande com a formação, mas eu atuo com produção de conteúdo, então, de certa maneira, acaba sendo essa diferenciação entre a finalidade do que a gente vai estar escrevendo. É mais marketing digital.

Porto: E tu realizou a tua formação em uma universidade pública ou privada?

André: Foi pela universidade privada, pela [REDACTED].

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Outro detalhe que eu não te falei é que os nomes não serão mencionados na pesquisa, até porque isso precisaria passar pelo comitê de ética então para agilizar a própria produção acadêmica a gente escolheu pelo anonimato dos entrevistados. Agora entrando no segundo eixo sobre a formação acadêmica, como é que se deu a tua escolha profissional porque optou pelo jornalismo?

André: Então, o jornalismo não foi minha primeira escolha como graduação, eu acabei saindo do curso de Ciências sociais na própria [REDACTED] [universidade confessional], porque eu tinha esse interesse pela questão das relações humanas coletivas, não tanto quanto as relações estudadas na psicologia, por isso não foi por esse caminho, mas eu acreditei que no primeiro momento meu interesse era por questões mais ligadas a sociologia. Durante os dois primeiros semestres, foi o período que eu acabei estando na Ciências sociais, eu acabei percebendo que era um pouco teórico e distante demais das coisas que eu imaginei que tivesse me levando a estudar Ciências sociais. E, por isso, eu decidi optar por um curso que tivesse um pouco mais dessa questão do estudo e da percepção de uma maneira geral das questões

coletivas da sociedade, e eu acabei optando pelo jornalismo porque acreditei que ele mesclasse um pouco das coisas que eu tinha interesse do universo da comunicação como um todo, sem perder a questão um pouco mais científica e humana das ciências humanas. Daí eu tinha algumas percepções quanto ao jornalismo que durante o curso, principalmente nas cadeiras mais teóricas, acabaram se confirmando e atendendo essas expectativas. Então, o que pesou na minha decisão foi essa proximidade com as áreas que me interessavam antes de entrar numa universidade e foi a partir das Ciências sociais que eu acredito que jornalismo era a graduação que eu tinha mais afinidade para tá desenvolvendo.

Porto: E tu pode falar um pouco mais sobre as expectativas do curso, o que tu esperava do jornalismo quando ingressou?

André: Acho que historicamente o jornalismo é uma profissão muito *glamourizada*. A gente sempre imagina como nos filmes e produções *hollywoodianas* que sempre exaltam muito a presença do jornalismo como alguém que é sempre portador da ética e da verdade, e acho que isso foi uma questão que pesou menos na minha decisão. Porque eu não imaginava que eu fosse ter interesse de trabalhar com essas questões tradicionais do jornalismo. Apesar de existir o interesse..., mas não era uma questão, uma motivação para fazer um jornalismo para mudar o mundo e resolver os problemas da sociedade. Para mim, era muito mais uma questão dos estudos mais teóricos como por exemplo cadeira de antropologia que a gente teve, e apresenta essas questões que conseguem mesclar um pouco as coisas e trazer um olhar da comunicação que parte de um outro lado, de pautas da sociedade. Ter esse olhar foi uma das questões que me chamaram atenção durante o curso e que acabaram sendo uma surpresa para as questões um pouco mais abstratas que eu imaginava que poderiam ter durante o curso de jornalismo.

Porque confesso que eu não sabia muito bem o que esperar, eu não tinha uma experiência ou conhecimento da literatura do jornalismo. Foi algo muito mais do feeling, que eu estava disposto a experimentar no universo das Ciências sociais e depois do jornalismo e da comunicação.

Durante o primeiro semestre de jornalismo já tiveram algumas cadeiras que me chamaram bastante atenção e que demonstraram que existe esse lado mais prático do jornalismo, também era muito interessante e até a questão dos laboratórios que a [faculdade] oferecia. Poder vivenciar isso de uma determinada maneira, mesmo que superficialmente, acabavam sendo um atrativo para esse universo do jornalismo e acabavam expandindo a nossa percepção. Então, a partir do momento que eu entrei no curso, isso passou a ser uma questão que me chamou muito atenção e eu tive muito interesse em todas essas disciplinas durante o andamento da faculdade.

Mas no primeiro momento, o que me levou até essa vontade de estudar jornalismo foi um pouco mais os estudos teóricos, questões de filosofia dos estudos da comunicação de uma maneira geral. Mais do que o amor e a vontade de ser o porta-voz da democracia. Coisas que muitas vezes a gente acaba associando a profissão,

principalmente, de repórter. Mas que acaba resumindo na esfera pública a nossa imagem do jornalista.

Porto: E como tu te enxergava, se tu não tinha a expectativa do jornalismo tradicional, onde tu te enxergava dentro da profissão nessa reta inicial?

André: Isso foi uma questão muito interessante, porque eu nunca me vi, necessariamente, e nenhuma área do jornalismo mais clássico ou tradicional, e daí quando eu comecei a ter um pouco mais de contato eu pensei mais nas questões que eu gostava dessa rotina cotidiana do jornalismo. E no início da minha carreira profissional, foi, justamente, nesse lado que eu achei que eu não ia seguir. Que era um tipo de comunicação que mais me chamava a atenção, o jornalismo de rádio, muito por uma implicação histórica e pessoal de interesse no rádio. Então, eu fui percebendo toda essa vontade e interesse pelo rádio logo que eu entrei na faculdade. Não era uma questão que tinha me chamado atenção antes até o teu contato mais direto. Então, nesse primeiro momento que eu fui descobrindo mais a profissão e eu fui imaginando atuando na produção, reportagem para rádio. E, assim, foi sendo por um grande período da faculdade, talvez até metade da graduação eu alimentei e fui atrás desse processo de atuação na rádio. Então, no primeiro momento dentro do jornalismo era uma maneira que eu me via mais como o jornalista tradicional, um pouco conflitante com as ideias que me levaram ao curso, mas que acabaram sendo um pouco... um despertar de uma nova percepção de tudo que o jornalismo podia ser e que tudo que ele podia oferecer.

Talvez até essa questão de ter te dou um pouco do encanto por ser novo, algo assim, facilitou esse processo, a ponto de eu não dá tanta atenção para parte teórica que tinha me levado ao curso. Isso até talvez decorra um pouco do fato de a gente não ter tantas cadeiras essencialmente teóricas desde o início do curso. A gente não percebe que, talvez, isso seja uma das possibilidades para a profissão. Essa ideia entra muito mais próximo do período da conclusão do curso, com o TCC, que temos mais esse debate de produção científica e toda essa possibilidade que a gente tem dentro do universo acadêmico, de participar de eventos e escrever artigos por exemplo, e desenvolvendo lado científico. Eu tinha um pouco de noção que esse universo existia por ter passado pela graduação de Ciências sociais, em que tudo que tu faz a produção científica. Esse *background* já fazia, um pouco, parte da minha percepção da vida universitária, mas não tinham sido algo tão claro durante os primeiros momentos da faculdade de jornalismo.

E acabou não sendo tão problemático, por assim dizer, porque eu acabei suprindo essa necessidade com algo novo que era esse conhecimento de todo o mundo diferente, sendo um formador de opinião ou algo parecido com isso.

Porto: Legal. E aproveitando que tu já começou a falar um pouco mais sobre a sua trajetória acadêmica palpável, como é que tu enxergava e se sentia em relação ao ensino tu teve durante a faculdade de jornalismo?

André: Durante a graduação como um todo nessas primeiras experiências?

Porto: Como foi evoluindo esse sentimento desde o início até o final do curso?

André: Então, eu acho que nessa questão um pouco da formação profissional foi sendo muito alinhado com tudo que a gente acabava tendo de processos dentro da sala de aula, porque toda a construção do currículo da turma que eu acabei entrando no jornalismo, tava sendo um currículo novo, ainda tava muito alinhado com toda a visão de mercado e que era ainda mais tradicional.

Inclusive, eu tava dando uma olhada no novo currículo antes de a gente falar e ele é muito mais alinhado com o que a gente vê hoje no mercado, tanto de vaga, quanto destino que os profissionais do jornalismo formados vão tomando.

Então, eu acho que como a minha trajetória foi muito focada no jornalismo tradicional no início. Eu sentia que se eu tivesse entrado na faculdade nos anos 70 eu podia ter feito a mesma trajetória, um laboratório de jornalismo e depois um estágio no veículo de comunicação. Assim, todas essas questões um pouco mais tradicionais, elas se fizeram presentes no início da minha trajetória, mas ela também se fazia presente nas histórias dos professores dentro da sala de aula naquele ensinamento um pouco mais básico do jornalismo como um todo. O que talvez até seja justamente para a gente ter essa percepção que acaba sendo essência do curso e acabava sendo, pelo menos naquele momento, o foco da graduação de jornalismo, formar profissionais talvez um pouco mais voltados para esse mercado tradicional. E aí, durante a própria graduação, a gente foi percebendo que tiveram alguns momentos, na faculdade, de mudanças estruturais, inclusive, que já davam um caminho de que a gente chegaria nesse momento de hoje. De um curso muito mais híbrido e com questões bem mais interligadas com universo mais distante do jornalismo tradicional, que era um pouco daquilo que a gente tinha desde o início da formação.

Tinha muito mais de produção, como na cadeira do segundo semestre, eu acho, que a gente acabava produzindo uma revista. Então, a gente já tinha contato com as fontes, uma escrita com uma revisão um pouco mais técnica, com algumas exigências um pouco mais informativas nas estruturas do conteúdo. Desde esses primeiros momentos, até quando eu tive como foco, na minha carreira, esse jornalismo tradicional, tudo esteve muito alinhado. Mas a partir do momento que eu saí desse caminho, quando eu comecei a perceber que tinha algumas questões muito distantes da realidade. Algo mais próximo de uma publicidade ou até de curso como o *design*, no aspecto um pouco mais prático. E que o mercado de trabalho existia um pouco mais dessa maleabilidade de contato com universo digital que o jornalismo, enquanto curso, ainda fazia uma certa questão de não estar trabalhando tanto.

Já era uma tendência, ninguém tava inventando a roda em falar do universo digital, internet e o jornalismo. Ninguém tava sendo revolucionário por falar isso em 2016, mas talvez no imaginário dos alunos e dos professores um pouco mais tradicionais que tinham vivido uma carreira inteira nisso... então, isso acaba, por um certo lado, viciado a ideia que alguns dos futuros profissionais da área

E a gente sequer tinha uma noção clara que existia esse mercado, além de toda aquela idealização, de todos aqueles possíveis nichos muito específicos, como fazer um concurso ou ser assessor de imprensa de uma Prefeitura. Tudo que era mais tradicional do jornalismo mesmo parecia que dava conta de seguir sendo o futuro do mercado logo que a gente entra na faculdade porque acho que falta experiência e um pouco da vivência que a gente vai adquirindo, seja com estágio, seja com um emprego um pouco mais formal e de certa maneira até com vínculos trabalhistas durante a faculdade e que acaba sendo um pouco mais raro, mas acontece.

Então essa vivência vai nos mostrando as deficiências que podem estar presentes no curso durante os momentos que se fala muito sobre o idealismo de algo que já foi, de um jornalismo que não existe mais da mesma forma numa sociedade que é totalmente diferente. Isso não é tão claro para gente, porque nós queremos acreditar que tudo aquilo vai seguir dando conta e que a gente pode ser mais um dos tantos heróis que a gente vai conhecendo durante a formação. Eu acho que essa visão acaba surgindo um pouco mais conforme a gente vai tendo mais contato com universo do mercado de trabalho, que exige profissionais cada vez mais e menos e um e mais um Jornalista que faz tudo em diversas áreas.

Porto: E teve uma ou mais disciplinas que te interessaram mais durante o curso e por quê?

André: As disciplinas que sempre me interessavam mais eram as disciplinas que eu tinha mais afinidade, no caso eram as disciplinas ligadas ao rádio, desde a primeira disciplina que era totalmente teórica, até os projetos experimentais. Foram as disciplinas que eu fiz questão de idolatrar durante a graduação, porque elas eram o que eu consumia. E foram ligadas ao que eu exercia na profissão durante um ano e meio ou dois anos durante o período de formação eu atuei. Todos os momentos que eu tive com as cadeiras acabaram sendo grandes propulsores de uma vontade de seguir trabalhando com isso, mas que em determinado momento a realidade se sobrepôs e meio que deu um choque de realidade. Daí, eu compreendi para onde a gente iria caminhar nesse futuro do jornalismo, muito próximo da comunicação.

Então, no primeiro momento eu diria que as disciplinas de rádio foram as mais essenciais pelo meu gosto pessoal, mas conforme o tempo foi passando as disciplinas um pouco mais voltadas ao universo online acabaram me chamando mais atenção, principalmente quando eu alcancei o final da graduação, nos projetos experimentais e outros projetos práticos. Mas, enfim, tudo aquilo que a gente teve contato do jornalismo digital e que isso, sim, estava ali por algum motivo. E não era nada sobre uma desvirtuação da profissão, como muitas vezes até podia aparecer, entre um comentário e outro entre pessoas que tinham mais resistência com essas cadeiras. O que era até um problema na graduação e no universo do jornalismo.

Eu acredito que essas disciplinas ligadas a comunicação digital acabaram sendo o segundo plano, mas mais interessantes. Justamente, por ter essa proximidade com o mercado de trabalho e até mesmo o exercício da função de jornalista que acaba se vinculando ao universo digital tradicional também. A partir disso, as disciplinas

começaram a ter um peso diferente na minha trajetória e estarem equiparadas com outras disciplinas que sempre me agradavam.

Porto: E teve alguma disciplina o professor que te marcou durante a tua trajetória de uma forma mais especial que que impactou de uma forma diferente?

André: Eu acredito que se fosse para falar de um professor só, um profissional só, que tenha influenciado na questão profissional seria o professor [REDACTED], professor de rádio. Porque ele era um professor muito franco durante todos os momentos que a gente teve contato, ele era uma pessoa muito realista e com muita noção sobre o mercado e sobre a nossa profissão, e até mesmo a sobrevivência enquanto profissionais da área da comunicação.

Eu acho que eu tive a oportunidade de fazer meu TCC com ele e foi um período de troca acadêmica e aprofundada que a gente teve que acabou sendo preponderante para algumas compreensões que eu tenho hoje sobre tanto Universo da comunicação e do jornalismo, especificamente.

Então eu acho que desde o começo da faculdade até o fim, todos os momentos de troca com ele acabaram sendo momentos muito enriquecedores, justamente, por ele ser essa pessoa tão realista e com tanta noção sobre tudo que nos esperava e se desenhava. Ele era um dos poucos que não vendia ilusão dos perrengues da redação, sendo explorado. É uma pessoa que acabou trazendo muita luz sobre essas circunstâncias da profissão.

Porto: E teve algum espaço em especial que se faz mais presente durante a sua formação, como sala de aula, o próprio laboratório, o espaço profissional como o estágio, palestras?

André: Eu acho que foram com certeza os locais que eu acabei colocando na prática os conhecimentos da faculdade. Eu acho que os espaços foram todos os ambientes de trabalho de maneira geral, em que eu acabava percebendo na prática algumas coisas que a gente estudava, algumas que não se faziam presente nas disciplinas teóricas... mas acredito que todos os ambientes de trabalho que eu passei acabaram tendo vinculação com a graduação. Durante a graduação foi muito fácil enxergar o que a gente estudava em sala de aula nesse espaço de trabalho.

Então, eu acredito que se eu não tivesse tido todas essas vivências na maior quantidade de áreas possíveis, que era uma das vontades que eu tinha de explorar enquanto estagiário, enquanto estudante de uma maneira geral... acho que elas foram muito complementares e mais preponderantes para moldar a minha visão como jornalista dentro da minha formação, mais do que qualquer outro espaço. Tanto os laboratórios que a faculdade disponibilizava, inclusive o laboratório de conteúdo científico, produção científica que foi uma experiência super enriquecedora e por se tratar de um laboratório foi - por que não? - também uma experiência profissional. Foi uma experiência que mostrou a questão da pesquisa aplicada na prática que a gente aprende de maneira muito superficial dentro da sala de aula. Tudo que a gente vivia

por cima da sala de aula eu podia aprofundar no ambiente de trabalho, o que me fez perceber que este ambiente acabou agregando muito do que era importante para que o carregasse como uma formação Universitária. Porque eu também acredito que a universidade é tão poderosa que ela não se restringe a sala de aula. Eu acho que a sala de aula essencial, lógico, apresenta os conceitos e nos prepara, mas, por si só, ela acaba não dando conta de tudo. Ainda mais considerando o momento que a gente vive de transformação mundo do jornalismo. Então, todo esse contexto, acabou coincidindo e me fez perceber que o universo do mercado de trabalho ele era um pouco mais incisivo nos resultados da minha formação do que qualquer uma das outras partes do jornalismo.

Porto: Para ti o que que um estudante de jornalismo precisa aprender para desempenhar bem a profissão?

André: Eu acho que o mais essencial do jornalismo é a gente a gente estar totalmente ligado ao que acontece no mundo hoje e quais são as próximas tendências. Isso pode até ser um pouco prepotente, por achar que a gente é uma profissão que tem que dar conta de tudo isso, de acompanhar todas as mudanças mundiais, mas eu acredito que é, cada vez mais, necessário. Desde o trabalho de um analista de conteúdo até dentro da redação, como um repórter. O jornalismo sempre foi muito instantâneo precisou lidar com a rapidez e velocidade da notícia, da informação, não é nada novo o que tá acontecendo. O que é a grande diferença, é que tudo é muito mais instantâneo hoje do que em qualquer outro momento e a gente sempre acaba tendo muito mais volume de informação. Então estar antenado e tentar entender, saber a relação de causa e consequência das coisas em um mundo tão caótico é a grande chave para que um jornalista consiga desempenhar bem a sua profissão, em qualquer área. A gente sabe que é tudo muito amplo e variado, jornalista faz tudo... mas eu acho que a única característica que o profissional de jornalismo precisa, em todas essas áreas, é a necessidade de estar ciente de todas as transformações que estão acontecendo no mundo e até porque a nossa profissão, ela tá no olho do furacão de todas as transformações.

É muito fácil da gente perder todo o prestígio que a profissão teve ao longo da história, a gente já não tem mais essa segurança de que os jornalistas vão ser o quarto poder de uma sociedade, já não temos essa força que em algum momento se teve. O que causa mais ainda necessidade de estar ciente do que tá acontecendo. Eu acho que a cada dia, e tomara que eu esteja errado, cada vez mais o jornalismo é desestabilizado é desacreditado e isso não parece ser momentâneo. Parece uma questão de que a própria profissão, nos moldes em que ela sempre esteve, está ruindo. Então, a gente vai precisar se relocar e se reinventar de alguma maneira. No mundo de hoje, com tudo acontecendo para ontem, o jornalista está percebendo essas coisas. Tentar ter um faro de pra onde ele pode alinhar todas essas expectativas que ele tem dentro da profissão, com a realidade do mercado de trabalho, vai ser fundamental ter noção do que tá acontecendo no mundo.

Porto: E tu diria que a faculdade te ajudou a cumprir esse papel de te manter atualizado sobre o que acontece no mundo?

André: Acho que sim, diria que sim. Porque foi tão complementar esse processo e eu não sei se é uma regra nas trajetórias, mas pelo menos na minha acabou sendo isso, de conseguir ter muito claramente uma percepção entre tudo que andava correlato. Por exemplo, se a gente já tava dentro da universidade que precisou fazer um esforço tão grande para uma mudança como as disciplinas na grade curricular, já tava tentando implementar uma grande nova, transformando o ensino digital... é porque alguma coisa tá acontecendo. Então, eu acho que estar atento a esses movimentos que a própria universidade está fazendo, também acabou me auxiliando a ter uma percepção de que algo de errado estava rolando com a profissão do jeito mais tradicional. Foi fundamental o papel da universidade e ela soube transparecer que tinha uma mudança em curso e de uma maneira simples. Isso leva muito a gente a crer que a universidade sabia o que tava acontecendo e tava tentando achar a melhor maneira de acertar a mão e não sei se a gente tem como garantir que esse currículo vai ser o mesmo pelos próximos dez, cinco, dois anos porque tudo tão imediato que o jornalismo precisa tá tentando entender essas questões. E eu sinto que a universidade estar fazendo esse movimento, também, acaba favorecendo que os alunos tenham essa percepção e acaba que ninguém pode acusar a universidade de não estar fazendo o seu papel que é nos preparar e nos fornecer o material necessário para perceber como a vida real da nossa profissão vai se desencadear.

Porto: Então, tu enxerga esse desenvolvimento do ensino de uma forma positiva contextualização que tu vem observado pelo currículo atualizado, por exemplo?

André: Eu acredito que sim, que é positivo porque, infelizmente, a profissão como a gente realiza, e como a gente idolatra de uma maneira geral, não está mais com as condições necessárias e básicas para poder continuar existindo. Não teria muito sentido a universidade continuar preparando profissionais para trabalhar no universo que já começou a ruir e que em grande parte não existe mais. Eu acho que é muito positivo, sim, que todas as faculdades de comunicação, e especialmente as de jornalismo, preparem profissionais para ter mais o tato com a realidade que move o mundo e que é a realidade digital. A gente tem que poder perceber que existem muitas possibilidades dentro desse universo para o jornalismo atuar e coisas que a gente nem entende exatamente como que vão acabar sendo. Talvez, porque a gente acabe nem tendo estrutura para exercer isso hoje em redações ou em outros espaços, que acabam sendo obsoletos e tem pouca mão de obra para cuidar de rede social e que não tem uma intenção de fazer um jornalismo que vai um pouco além do meio mais tradicional, com pensamento estratégico. Não dá para, simplesmente, produzir conteúdo como se estivesse escrevendo uma página de jornal impresso que amanhã vai tá em todas as bancas de revistas. Você não vai estar nas bancas de revistas, a gente não recebe mais todos os conteúdos de maneira linear.

Tudo que vem sendo transformado universo jornalismo e no universo do mundo acaba tendo uma grande possibilidade de inserção no mercado de trabalho do jornalista. Inclusive, acho que é uma profissão bem coringa no mercado hoje, justamente, por essa indefinição de precisar fazer um pouco de tudo e de ter esse conhecimento um pouco mais ampliado. Acaba sendo uma das principais qualidades do jornalismo nos dias de hoje. Eu acho que é uma grande oportunidade das faculdades de comunicação e das universidades conseguirem ditar para onde esses profissionais vão estar caminhando. E daí, é um trabalho totalmente de pesquisa e desenvolvimento de grade curricular e etc.

Então eu acredito que tudo isso vem sendo feito pelo bem da profissão e não porque alguém quer extinguir o repórter. É só que a gente tá tendo que aprender e precisa fazer isso de maneiras diferentes dentro desse mundo que é diferente, porque que a nossa profissão não ia se transformar com isso.

Porto: Nessa linha, vou te fazer uma provocação agora. Quando tu entrou, tu te atraiu muito a parte do jornalismo tradicional, depois tu enxergou que a Universidade, positivamente, veio se adaptando às demandas do mercado de trabalho. Mas tu acha que com esses próximos profissionais formados vão ser menos jornalistas do que os anteriores ou do que os teus colegas?

André: Eu acho que não porque um fato não anula o outro. Talvez algumas questões como agora estão trabalhando dentro da sala de aula, como de *soft skills*, por exemplo, não vai fazer um aluno ter menos aprofundamento na hora de escrever uma matéria, acho que tu preparar o profissional de uma forma diferente para que ele possa tá sendo alguém no mercado de trabalho que vai saber lidar com os desafios que se apresentam, vai ser uma das coisas positivas dessa transformação no universo da graduação de jornalismo vem sofrendo. Porque a gente não percebe, no que a gente vem observando, que tá se deixando de lado de ensinar as coisas essenciais do jornalismo. Ninguém tá parando de falar sobre como um bom texto deve ser escrito, a gente não perde o contato de saber como se faz uma reportagem, com um professor dando uma orientação sobre a técnica. Então, eu acho que esse universo tá cada vez mais reduzido e o jornalista precisa ser mais plural e cabe a universidade identificar o que tem se tornado obsoleto. E ela tá conseguindo compreender que tu pode agregar outras determinadas habilidades para formar um Jornalista diferente, nesse mundo diferente.

Eu não acho, necessariamente, que aconteça dentro da transformação das grades da universidade vai estar formando profissionais mais qualificados. Inclusive, eu enxergo o contrário acho que tem muitos fatores que a gente pode estar aprendendo a se formar especialista, como hoje analista de dados e assim se tornar profissionais mais qualificados se a gente conseguir ler esse universo que a gente está inserido.

Claro que a gente pode ficar triste de não ver esse espaço no mercado para alguém que se formou e direto para uma redação onde tenha outros cinco ou seis jornalistas de dados estando ali trabalhando com a essência do Jornalismo e a essência do universo digital. Eu acho que é uma transformação que a sociedade vai tá passando

e por isso eu acho que é essencial que vá tendo profissionais preparados para todos esses tipos de transformações que vão seguir acontecendo. Eu acho que é muito de procurar o equilíbrio e não acho que a gente vai perder com essa com esses novos ensinamentos e outras questões que o evento em sala de aula, um pouco mais modernizadas digamos.

Acredito que não tenha problema que jornalista entenda sobre empreendedorismo, sabe? Muito provavelmente ele vai acabar precisando se virar por conta própria porque o mercado não vai ter espaço para que ele seja contratado e essa é uma realidade que cada vez mais se torna comum. Acho que é formar um profissional um pouco mais completo na verdade.

Porto: Depois da conclusão da tua graduação tu seguiu estudando de alguma forma? Especialização, pós-graduação mestrado?

André: Não, não fiz. Eu tenho interesse em continuar, justamente, porque eu não quero perder essa veia que me trouxe até a universidade, que foi um fio condutor tanto para chegar ao jornalismo quanto para chegar a Ciências Sociais. É uma questão que eu não abro mão, mas até o momento eu não procurei fazer isso, outra graduação ou alguma especialização. Não comecei nada do tipo ainda.

Porto: Entendi que a tua formação acadêmica foi importante para o que tu faz na profissão hoje?

André: Acredito que sim, em muitas das questões não tanto, mas eu acredito que de forma geral sim. Acho que a essência da busca por informação como norte, ter relação com a verdade e, claro, o teu próprio texto são coisas que seguem [no ensino]. Então isso são questões que acabam favorecendo o universo do conteúdo digital, mesmo que a gente trabalhe praticamente com *copyright* o tempo inteiro, que é toda uma outra lógica de trabalho e outra metodologia de escrever, a gente não deixa de lado os princípios mais básicos que a gente aprende na faculdade de jornalismo. Talvez não seja tão presente tanto quanto em outros espaços, como uma redação que acha que é a representação máxima da profissão, mas eu acredito que tenha pilares que sustentam ainda a prática.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Como tu ingressou na tua trajetória profissional, partindo bem nessa compreensão de como foi a trajetória inicial, o estágio...

André: Eu ingressei no mercado de trabalho dentro da Universidade mesmo, no primeiro semestre eu procurei o laboratório para estágio voluntário e dentro disso eu optei por participar do laboratório de jornalismo que a faculdade tinha disponível. Foi a partir daí que ingressei no mercado de trabalho, já núcleo de áudio, e daí para frente

eu acabei seguindo trabalhando por três semestres dentro do laboratório mesmo que não período de uns 4 meses como editor, dentro desse estágio.

Só que daí eu saí para participar de um projeto ligado alguns partidos políticos em [redacted] [região metropolitana] e disso acabou não dando certo então eu fui dar ali para [redacted] [emissora de rádio] trabalhar como produtor no estágio, de produção de programas de rádio principalmente de programas de entrevistas. E esse foi um momento que eu posso dizer que eu mais vivi o jornalismo tradicional. Depois disso, eu saí para trabalhar com a iniciação científica, então, voltando para dentro desse espaço da Universidade. Depois eu fui trabalhar com assessoria de imprensa e depois em outra agência em que eu tive o primeiro contato com o universo do *marketing*, ali pelo sexto semestre da graduação e quando saí desse estágio fui trabalhar em outra agência de produção de conteúdo. Eu saí do jornalismo mais tradicional, fui para jornalismo político, para pesquisa acadêmica, para assessoria de imprensa, para o *marketing* e redes sociais, para, por fim, trabalhar como redator, em que eu tive a minha primeira experiência profissional formal.

Até chegar onde estou hoje trabalhando com conteúdo digital. Então foi todo esse caminho do jornalismo mais formal até o jornalismo digital e produção de conteúdo.

Porto: E como tu vê esse caminho pensando onde tu tá agora, como tu enxerga essas tuas experiências anteriores?

André: Eu acho que esse foi sendo um processo de experimentar, de tentativas, de enxergar em alguns desses ambientes eu ia acabar me encaixando com todas as questões que o julgava que eram importantes como qualidade de vida dentro do ambiente de trabalho, não ter tanta pressão... e foi justamente na produção de conteúdo digital que eu passei a ter um pouco mais de interesse para seguir uma carreira profissional. Acho que todas as trajetórias acabaram sendo proveitosas, eu tinha vontade de passar pela maior quantidade possível de experiências em estágios e acredito que eu consegui fazer isso diversificando várias áreas da comunicação e do jornalismo. A minha experiência eu jogo muito como uma questão de experimentar e tentar ver como que as coisas eram na prática vivência que fosse além da sala de aula e, a partir de todas as experiências, eu posso concluir que elas foram complementares porque me ajudaram a decidir muito do que eu não queria fazer. E, de certa maneira, foram experiências únicas e singulares, porque, hoje, nada do que o trabalho tem necessariamente uma ligação direta com coisas que eu fiz em experiências anteriores.

Porto: Tu se sente satisfeito nesse espaço que tu tá ocupando dentro do jornalismo?

André: Sim, eu pretendo ter alguns passos diferentes, mas para onde eu me encontro, hoje, alguém recém-formado, com pouca experiência profissional de fato, além dos estágios... eu me sinto confortável e realizado de estar desempenhando a função que eu tenho desempenhado. Eu pretendo seguir na produção de conteúdo online, talvez não necessariamente na produção de redação, de *copyright* mesmo, porque, enfim, é

tudo uma questão muito particular de produção e ritmo. Mas eu pretendo atuar, com certeza, com conteúdo digital, talvez um pouco mais voltado com a rede social, talvez com algumas questões mais técnicas mesmo dentro do universo online, como técnicas SEO.

Porto: E durante a tua trajetória tu acha que tu exerceu outras atividades e acabou se inserindo em outros Campos de atuação fora do campo de jornalismo?

André: Sim, principalmente quando eu comecei a ter contato com áreas mais distantes do jornalismo tradicional, quando eu não tive mais contato com assessoria de imprensa, por exemplo, que foi minha última experiência e intrinsecamente ligado ao jornalismo, depois eu trabalhei em lugares que os meus colegas de trabalho não necessariamente eram jornalistas, mas sim publicitários e mais ligados a escrita criativa, mais parecido esse momento onde eu tive contato direto com profissionais de outras áreas e por consequência técnicas e vivências de outras profissões também.

Porto: E quais dessas atividades se acabava realizando que tu pensa que não se encaixam dentro do jornalismo?

André: Teve um estágio particular voltado para mídia que foi o que ter contato mais distante, porque é um setor muito administrativo, talvez por ser novo tenha muita gente de diversas áreas que se encaixam no trabalho, mas foi o lugar que ao menos tive a proximidade com o Jornalismo e foi justamente um período que eu me sentir muito deslocado porque todas as questões eram muito mais de administração, de venda, gestão de anúncios fazer campanha, ligada menos ao *marketing* mais ao desempenho financeiro mesmo e performance de vendas era uma questão que não tinha nada a ver com jornalismo e muito pouco com comunicação era muito mais uma relação comercial e voltado para quem trabalha com essa área e não para comunicação. Uma questão muito mais realmente voltada para o universo de finanças e de administração e que a gente acaba entrando ali justamente por ser uma profissão mais coringa, um pouco perdida nesse universo de tantas coisas que acontecem hoje. Como se jornalista também conhecesse a questão digital, aí vai e trabalha como se fosse tudo a mesma coisa só que na verdade não. Então foi um momento que eu tive mais desconexão do que eu via dentro da sala de aula, e do que se esperava imaginava do jornalismo.

Porto: E como tu vê o mercado de trabalho atualmente?

André: Eu acho que hoje tudo é muito híbrido. Dentro do universo de comunicação, acaba sendo um pouco de cada coisa para qualquer pessoa que vem desse universo. As vagas de emprego pedem alguém sempre com formação em publicidade, ou em jornalismo, ou em relações públicas ou em qualquer coisa que tem a ver com comunicação. Acho que tá tudo cada vez mais se confundindo dentro desse universo digital, que majoritariamente acaba sendo o destino dos profissionais da

comunicação. A gente já vem vendo um crescimento no *ecommerce* e no Brasil acaba sendo um dos destinos mais comuns que a gente vê aí dos profissionais do jornalismo.

É uma das áreas que mais que se abre vaga para quem é a jornalista, quem vem na comunicação, sem ser, claro, agências de propaganda, que essas, sim, são um pouco mais tradicionais já no mercado de trabalho, mas que não são aí os principais espaços de contratações para pessoas da nossa área.

Então, eu acho que o mercado de trabalho hoje é bem difícil pra pensar nessa questão de trabalhar com tudo que a gente vê durante a faculdade, tentar ser o mais fiel a esse ideário de jornalista. No mercado de trabalho praticamente não existe a menos que a gente fica sabendo de alguma contratação ou indicação. A gente não vê essas vagas em sites, por exemplo, principalmente, redações. O mercado em geral está muito híbrido e o jornalista acaba, para poder sobreviver, ele acaba precisando estar se adaptado em todas essas transformações. É, justamente, o ponto que me faz reforçar a ideia de que a faculdade está certa em fazer essas mudanças, esse desvio nos currículos mais tradicionais, porque a realidade no mercado de trabalho vem se impondo com uma força absurda de sucateamento.

E se a gente quer trabalhar com o jornalismo *hard news* a gente vai estar sujeito a trabalhar numa redação com menos gente do que deveria trabalhando muito mais do que se poderia de se trabalhar de maneira saudável. Tudo isso em nome de um ideal que cada vez mais se mostra vazio, por conta das transformações que vem acontecendo na sociedade. Esse mercado de trabalho vem devorando os sonhos de quem deseja ser um jornalista *hard news*. Claro, existem espaços, inclusive de jornalismo digital, dentro dos veículos, que se fazem inclusive necessária para a sobrevivência dos veículos, mas ainda não acompanha o ritmo desses outros lugares que investem mais em *marketing*, que precisam de alguém para produzir conteúdo e alimentar as redes sociais ou blog. É uma uberização do jornalismo, de viver como *freelancer*, escrevendo para quem tá precisando de conteúdo o tempo inteiro, para qualquer coisa que seja, qualquer coisa nesse segmento de *ecommerce*, é o que vem sendo muito mais preponderante do que as vagas para trabalhar essencialmente como o jornalismo. E aí de novo essas vagas que pedem ou jornalista ou publicitário ou relações públicas ou... então, esse jornalista mais coringa se faz necessário para poder ter um pouco de sobrevivência no mercado de trabalho, que é totalmente híbrido.

Porto: Tu apontou várias dificuldades e problemáticas no jornalismo, mas tu enxerga potencialidade?

André: Acho que tem muito espaço para gente se aprofundar, principalmente, no Brasil, quanto aos veículos de comunicação tradicionais, porque a gente ainda tem poucos veículos, a não ser os nativamente digitais, que sabem usar as ferramentas que existem na internet para atingir o público.

É o caso de a gente abrir o *Tik Tok* ver o [redacted] [portal de notícias] fazendo algum conteúdo sobre alguma coisa informativa numa rede social que é puramente de

diversão. Mas que tu olha lá e o que surge como um meme é super informativo e alcança um público muito grande, da mesma forma que uma publicação fofinha ou nada informativa dentro dessa rede social. Eu acho que a internet tem inúmeras possibilidades pra estar servindo de espaço pro jornalismo. O jornalismo nas redes sociais, ele tem esse grande problema, principalmente, que a gente não sabe como fazer pra ganhar dinheiro com isso. Mas, ao mesmo tempo, é uma das tantas possibilidades que a gente tem de campo pra estar trabalhando e pra estar entendendo como o nosso produto e como essas questões mais essenciais, podem estar sendo trabalhadas aonde as pessoas estão. Porque as pessoas não estão mais comprando jornal na banca de revista, elas estão lendo notícias pelo Facebook.

A gente sabe disso há muito tempo e só não sabe o que fazer. Então, eu acho as possibilidades de ter um produto pensado e focado para o universo digital é a maior possibilidade para todos os jornalistas e vai muito do quanto a gente vai saber aproveitar isso tudo e também o que também vai ser possível de ser feito dentro do universo que a gente não ganha muito dinheiro.

Mas eu acho que, principalmente, com essas questões estratégicas mesmo de conteúdo para buscas orgânicas no Google, o que é algo que o G1, por exemplo, faz muito bem, de destacar algumas partes do texto. Coisas que a gente vê como estratégias de marketing em empresas e de conteúdo publicitário fazem mais naturalidade, e o jornalismo, às vezes, acha que só fazer o feijão com arroz básico vai dar conta quando o universo digital tem toda essas transformações e que é mais uma das coisas que a gente pode estar sendo os agentes da mudança.

Aqui não acontece que é uma grande possibilidade que a gente vê acontecer em vários locais fora do Brasil de forma muito mais natural. O formato dos conteúdos acaba sendo muito diferente. Se a gente acessa o YouTube de canais daqui a gente ver o conteúdo sendo replicado na internet e quando a gente acessa canais como a Vox ele vai ter toda uma pegada muito diferente vai ser pensado para um público, vai ser muito mais interativo e talvez assim mais informativo.

Então, a gente tem que perceber isso, enquanto jornalista, e saber que é um espaço onde a gente pode tá entrando é o espaço onde essas técnicas que a gente aprende no mercado de trabalho com questões que estão totalmente distantes do universo do jornalismo podem em algum momento acabar servindo, e até mesmo se tornavam vanguarda para alguma transformação no jornalismo. Então eu acho que tem bastante oportunidade dentro do universo digital que tá sendo um pouco mais desmistificado com o passar do tempo.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: E como tu enxerga essa tua prática dentro dessas transformações que tu vem falando no jornalismo tanto no ensino quanto na prática?

André: Eu acho que hoje a minha atuação tem uma ligação direta com essas transformações, porque, enfim, a gente tá sendo um agente desse mercado de

trabalho, mas mais especificamente no meu exercício profissional eu não vejo tanta ligação assim com essas possíveis transformações. Vejo muito mais uma questão de um momento onde eu e outros profissionais jornalistas que trabalham na mesma área encontramos um ponto de sobrevivência. Muito mais do que estar fazendo algo revolucionário dentro do universo do jornalismo, eu não acho que isso esteja acontecendo nesses ambientes, onde a grande maioria dos jornalistas acaba indo para sobreviver.

Acho que a gente tá cada vez mais parecido com publicitários que precisam escrever conteúdos para as marcas, do que com jornalistas que vão fazer as grandes reportagens ou vídeos informativos, ou fazendo infográficos e botando um joguinho dentro da reportagem... eu acho que, justamente, pela falta de espaço e desenvolvimento dessas coisas no Brasil. A gente tem poucas vagas com esse perfil e com esse caráter. Eu não acho que o que eu faça tem a ligação com essas transformações positivas que o jornalismo pode estar passando.

Mas com tudo que já passou, eu acredito que a influência acaba sendo de ter a expertise de apuração na veia para estar produzindo conteúdo com caráter minimamente informativo. Então eu acho que muito do que tá acontecendo hoje é a chegada do jornalista nesse universo do marketing e, daí, com os conhecimentos que a gente como profissional da comunicação tem, a gente consegue agregar e consegue moldar os próximos passos do universo de produção de conteúdo online.

O próprio marketing de conteúdo acaba sendo isso, por tu fazer um uso muito tranquilo principais estratégias do jornalismo tradicional. Só que não contando com oito pessoas como fonte, tu vai fazer uma busca mais rápida por que a demanda precisa ser entregue, mas tu vai estar resumindo uma grande quantidade de informação que tu recolheu também, só que para tá fazendo uma postagem de interesse comercial. E, muitas vezes, a gente acaba ficando limitado a isso e não, necessariamente, é uma transformação do jornalismo, mas uma das causas da falta de espaço e com essas expertises a gente pode melhorar esse mercado.

Porto: e como tu percebe a prática de outros jornalistas que tu conhece?

André: Eu acho que entre os jornalistas que eu conheço, que trabalham em redação, ou até os que trabalham em áreas semelhantes à minha, eu acho que a grande maioria das pessoas do jornalismo entenderam a necessidade de fazer as coisas no universo digital.

Até pessoas que trabalham em veículos investem em canais próprios para se tornar espécies de celebridades, porque acaba sendo uma das maneiras de atrair um público que não liga mais o rádio, mas quer assistir o YouTube. De alguma maneira, esse profissional pode estar até atraindo o público para o veículo.

Essa é a principal transformação que eu vejo, a compreensão mais clara de como fazer as coisas no universo digital em qualquer que seja a área de atuação. Não tem mais tanta essa negação do universo digital como acabava acontecendo até alguns anos atrás, principalmente, pensando em pessoas que entraram na faculdade comigo e tinham uma tendência a ser avessos a essa realidade. Hoje, compreendem

muito mais, talvez por obrigação, talvez vontade própria, mas entende um pouco mais a existência da internet como uma ferramenta que é necessária para os jornalistas. Não tem mais como dissociar, como fazer o jornalismo sem ter o mínimo de conhecimento técnico das coisas que acontecem na internet. Acho que é uma das principais alterações no perfil dos Jornalistas que eu vejo desde que eu tive o contato com os primeiros profissionais até os dias de hoje.

Porto: E o quanto que a tua percepção sobre a prática do jornalismo molduras do início do curso até hoje?

André: Eu acho que muito, em praticamente tudo na verdade, porque eu mudei até algumas percepções um pouco mais sobre a posição do jornalista perante a sociedade. Então, eu acho que no primeiro momento a gente imagina que o jornalista vai ser realmente a pessoa que vai estar lá na linha de frente, disposta a mudar tudo... e, no fim das contas, o jornalista é só mais um coitado, funcionário de uma grande corporação que dita invariavelmente as regras de como as coisas vão funcionar. Eu acho que essa visão do jornalismo como um todo foi sendo um pouco desconstruída durante o processo da faculdade porque a gente vai percebendo as dificuldades que tem para jornalistas, que tem para os repórteres, enfim, para todo lado dentro da área.

Hoje, eu vejo jornalismo com outros olhos, por ter vivenciado outro lado dessa moeda, mas também por ter conhecido e ter percebido como as coisas funcionam – que, muitas vezes, a gente não tem ideia e não tem conhecimento e atribui tudo essencialmente a pessoa, ao repórter ou a pessoa responsável pelas ações do jornalismo.

Eu acho que eu vejo com muito mais clareza a necessidade de um jornalismo independente, de um jornalismo forte na sociedade, do que enxergava quando eu entrei na universidade. Justamente, por todo esses vícios e esses perigos que tem para o jornalismo. Nesse mercado de trabalho e na faculdade como um todo que a gente vai conhecendo.

Porto: Tu percebe diferença na prática de como tua no jornalismo e como outras gerações atuam?

André: Sim, eu vejo que existe um comportamento bem diferente quanto ao jornalismo de maneira geral, porque eu acho que a nossa geração, quem nasceu entre 90 ou 95, já foram muito mais educadas dentro desse universo digital. Quem não foi totalmente imerso no universo pegou a transformação. Então, eu acho que é muito mais fácil para a gente ter uma percepção mais clara e mais objetiva de como as coisas são no mundo de hoje do que outros profissionais.

Agora, quanto a questões do jornalismo tradicional, diferenças geracionais entre repórteres, por exemplo, entre comentaristas, analistas, apresentadores, etc... eu não percebo tanta diferença, é uma característica que, talvez, pela maneira como os

veículos de comunicação são estruturados, talvez, o perfil e as características dos profissionais sejam mais semelhantes.

A não ser no posicionamento online, das redes sociais, questões muito mais naturais para quem é mais próximo da nossa geração. Mas eu acho que é a presença das redes sociais, talvez, seja a única diferença. Mesmo não sendo tanto assim... porque a gente percebe muitos jornalistas tradicionais fazendo o uso das redes para transmitir seus programas ou fazendo o uso para compartilhar as ideias de maneira geral. Mas fora desse universo, existe mais diferença entre as gerações, acaba sendo uma vantagem que a gente leva porque a gente sabe fazer as coisas de uma maneira, de uma forma mais natural. Até uma questão sobre a linguagem HTML, a gente pode ter visto em algum momento da nossa adolescência enquanto usava alguma rede social como Tumblr, agora alguém de 45 anos e trabalha com marketing de conteúdo, talvez, não tenha esse mesmo processo e tenha mais dificuldade de compreender esse tipo de linguagem que permeia as relações na criação de conteúdo online.

Porto: Pensando nessa tua área como tu percebe a relação desses jornalistas de diferentes faixa etárias?

André: Acho que, em alguns casos, pode ter relação de superioridade que tentam ser impostas através da idade, o que é bem estranho se a gente parar para pensar na questão do conhecimento mais técnico. Não que a gente, por ser mais jovem, seja melhor, mas só talvez a gente tenha algum tipo de conceito ou vivência um pouco mais próxima de tudo que se faz hoje. É muito mais natural para gente essas questões do digital, porque a gente já nasceu dentro desse sistema. A gente tem um pouco mais dessa vivência proporcionalmente na nossa vida então.

Eu acho que tem muitas questões que são características desse mercado, os profissionais são muito mais jovens por causa disso. A gente percebe que muitos jornalistas mais velhos eles estão desempregados por conta de não ter tanta experiência nessas novas áreas, ou por não ter tanto conhecimento técnico nessas áreas e a gente sabe que a mão de obra mais jovem é mais desvalorizada e mais barata. Mas ao mesmo tempo, esse não é o único fator determinante. Porque alguns contatos que eu tive com redatores mais velhos eles escreviam textos com uma característica muito mais próxima da matéria jornalística, do que um blog post descontraído e informativo, com organizações muito mais próximas do texto jornalístico do que estratégias para ter um bom desempenho no Google.

O que tá certo ele foi educado para ser um jornalista dentro dessa realidade, mas infelizmente, a necessidade e a exigência das coisas na internet acaba sendo outra. Então, é curioso porque parando para pensar a grande maioria dos contatos que eu tive nessa área que eu atuo hoje com jornalistas, ela foi voltada com pessoas que trabalhavam como freelancer e não como colegas fixos. Alguns outros exemplos foram com cargos de chefias que desempenhavam papéis menos práticos e mais burocráticos, mais de gestão de pessoas do que técnico dentro do jornalismo ou da produção de conteúdo. Acaba, eu acho, que essa relação entre diferentes faixas

etárias acaba sendo vista mais nessas diferenças de perfil dentro da profissão e até mesmo de preparo para esse universo que é tão louco, transformador e emergente.

TRANSCRIÇÃO ALEX

EIXO I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Porto: Pode dizer o teu nome a tua idade?

Alex: Meu nome é [REDACTED], eu tenho 26 anos, faço 27 de dezembro.

Porto: tu se formou em qual curso?

Alex: Me formei em jornalismo, em 2019, assim como tu, só que na [REDACTED] [universidade confessional da Região Metropolitana]. Na verdade, minha trajetória é bem parecida com a tua pelo jeito. Também entrei no mestrado em 2020, na [REDACTED] [universidade privada da Região Metropolitana] e desde então estou lá fazendo pesquisa. Sou bolsista CNPQ, com bolsa de dedicação exclusiva.

Porto: Tu realizou a tua graduação em uma universidade pública ou privada?

Alex: Foi privada, pelo ProUni, mas privada.

EIXO II - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Porto: Como eu disse, é bem rápido. Esse foi o primeiro eixo. E, agora, a gente entra no eixo da formação acadêmica, que é o mais longo e, ao mesmo tempo, o que dá para explorar mais coisas. Como se deu a escolha da tua profissão e o ingresso no curso superior?

Alex: Então, para começar, eu sou estudante mestrado e eu tenho uma dificuldade de dizer que eu sou um pesquisador, porque o processo de mestrado é bem inicial e eu não consigo me dizer enquanto pesquisador. Não considero essa minha profissão. Eu sou jornalista, mas que não exerço a profissão também, porque eu não tenho emprego na área. Meu emprego entre aspas é a bolsa de pesquisa. Eu tô nesse limbo em que eu mal sei dizer que profissão que eu tô exercendo. Mas o que me fez escolher foi o fato de eu gostar de comunicação. Felizmente, eu sempre tive um senso crítico bastante exercitado por mim mesmo. Tanto sobre mim, quanto sobre as coisas da sociedade. E, dentro dos cursos de comunicação, eu vi no jornalismo uma melhor possibilidade de exercitar esse tipo de raciocínio. Não que as outras áreas não tenham, todas as áreas da comunicação podem ser exercidas de maneira crítica. Mas enfim, escolhi o jornalismo por isso. A premissa do jornalismo está na crítica e eu gosto disso. Apesar de que o mercado de trabalho é terrível, como tu sabe.

Porto: E o que que tu esperava da profissão quando tu entrou no curso?

Alex: Em 2015, quando eu entrei no curso, eu tinha uma esperança ainda de trabalhar em redação. Foi o que eu sempre quis, principalmente, em rádio. Sempre gostei muito de rádio, mais que qualquer área do jornalismo mesmo, fazendo matérias esse tipo de coisa, era o que eu sempre quis fazer. Mas acabou que eu nunca trabalhei, e nunca tive oportunidade de trabalhar, com isso. E, hoje, eu tô fazendo pesquisa que eu gosto bastante, eu aprendi a gostar durante a graduação. Eu tive uma iniciação científica financiada pela [redacted] [fundação de amparo à pesquisa], de 2017 a 2019, e isso me ajudou muito a seguir o caminho que eu sigo hoje.

Porto: E quais eram as suas expectativas do curso em si, do ensino de jornalismo?

Alex: Olha, é uma boa pergunta... porque isso é pensar com a minha cabeça do passado. Eu não lembro muito bem o que eu esperava. Mas eu consigo dizer que eu esperava, talvez, realmente, aprender os ofícios do jornalismo, no começo do curso. Eu esperava aprender a fazer rádio, fazer TV. Enfim, esse pensamento bem técnico que as universidades de comunicação meio que tem na prática. Eu tive muitas poucas cadeiras de teoria, infelizmente. E a expectativa que eu tinha era de aprender os instrumentos da profissão, e foi o que eu aprendi, mas eu aprendi muitas outras coisas também, de ordem teórica, que são fundamentais para a formação de qualquer um, mas não era uma expectativa inicial.

Porto: Durante a sua formação, como é que tu se sentia em relação ao ensino?

Alex: Olha, eu tive a sorte de ter professores muito bons. A gente tem uma realidade, tinha, mas acho que ainda tem, lá na [redacted] [universidade confessional da Região Metropolitana]. Apesar de serem poucos professores e a estrutura não ser a melhor de todas. Mesmo sendo boa, né? Tinha instrumentos os necessários, assim, pra fazer o jornalismo: câmeras e essas coisas. Tudo tinha. Mas tinham poucos professores e esses professores se desdobravam bastante. A educação que eu tive na graduação felizmente foi muito boa. Eu tive sorte de ter bons professores que me incentivaram bastante a seguir um caminho que eu tô seguindo hoje em dia, dessa carreira acadêmica.

Porto: Quais as disciplinas que mais te interessavam?

Alex: As cadeiras de rádio me interessavam por uma questão de vida. Eu sempre gostei de rádio e de aprender sobre isso, foi algo que eu sempre escutei e é fascinante, sempre será. As cadeiras de teorias, principalmente, as teorias da comunicação, assim como a de teorias do jornalismo... E, essas disciplinas, eu gostei muito e me fizeram pensar que, talvez, eu pudesse estudar isso mais a fundo, o que é o que eu tô fazendo atualmente, no mestrado. E foi basicamente isso. Essas que eu mais gostava.

Porto: E por que que elas te motivam? O que elas tinham para te interessavam?

Alex: Por motivos diferentes. No rádio, eu sempre gostei de falar, sempre tive esse sonho, que na verdade eu ainda tenho. Quem sabe eu ainda consigo falar em rádio... mas foi muito por gostar das disciplinas de rádio. E numa delas, a gente fez um programa inteiro de rádio, que o meu eu criança ia gostar muito, mais do que eu gostei. E a de teoria foi porque eu realmente aprendi coisas que eu não sabia e a gente fica feliz com esse tipo de coisa. Quando a gente descobre coisas a gente fica: "Nossa! como eu nunca pensei nisso?". Enfim, e as ciências da comunicação sempre me encantam muito porque elas estudam basicamente o que a gente está fazendo agora, a comunicação. A gente está se comunicando, então, isso abriu portas muito bacanas na minha cabeça.

Porto: E teve alguma disciplina ou professor que te marcou, ou te transformou, durante a graduação de forma especial?

Alex: Alguns professores, sim. Teve o professor [REDACTED], que era o meu orientador na iniciação científica e essa oportunidade de fazer a iniciação científica numa universidade que tinha tão pouca oportunidade de fazer esse tipo de coisa. Ter conseguido essa oportunidade foi marcante para o resto da vida. O professor [REDACTED] também, que trabalhou por muitos anos na [REDACTED] [emissora de rádio]. Eu aprendi muita coisa com ele, sigo aprendendo com ele, até hoje. E a professora [REDACTED] foi outra que me incentivou muito, foi a que mais me disse como funcionava o caminho para chegar no mestrado. Então, no começo, no primeiro ou segundo semestre, eu falei que eu tinha interesse de pesquisar, porque antes mesmo de entrar na universidade eu sabia que ela [universidade] tinha como o preceito o ensino, a extensão e a pesquisa. Eu tinha interesse, de alguma forma, de fazer esses três tipos de coisa. Eu falei com essa professora, e ela me incentivou a seguir a pesquisa e eu acabei não seguindo com ela, porque ela estudava cinema e eu, infelizmente, não sou muito fã de cinema. Apesar de entender algumas coisas e admirar bastante quem estuda e quem faz. Mas não era algo que me atraía pesquisar. A professora [REDACTED] também me incentivou bastante. As aulas que a gente tinha eram bem interessantes, a gente conversava bastante. Hoje, ela não está mais sendo professora e ela tá morando em Barcelona... quase todos os professores que eu tive, quase todos eram muito bons e me incentivaram. E novamente, eu tivesse a sorte, sei que não é a verdade para todos. Existe uma realidade muito grande de professores que são o oposto, que são a antítese disso. E, assim, eu também não sei até que ponto isso também não partiu de uma conduta minha, porque eu não via isso em todos os colegas. Tinham vários colegas que reclamavam dos professores que eu gostava, no final das contas. É uma questão complexa, tu deve saber melhor que eu. De minha parte, foi bem tranquilo, mas eu sei que nem todo mundo teve a mesma realidade, mesmo dentro da mesma universidade.

Porto: E quais os espaços físicos que tu acha que se fizeram mais presentes na tua formação? Sala de aula, laboratório, estágios...

Alex: Espaços físicos dentro da universidade, isso?

Porto: Ou fora. Estágios, cursos, palestras... que tu sente que contribuíram para a transformação de maneira geral.

Alex: Eu ia na biblioteca de vez em quando, mas eu não gostava de estar na biblioteca. Eu não sou a pessoa mais disciplinada do mundo. Não que eu seja a pessoa mal educada que fica gritando na biblioteca, mas eu sempre preferi pegar o livro lá ou ainda ler PDF baixados, e pegar isso para ler ao ar livre. Estar sozinho ao ar livre estudando, é um ambiente que eu gostava. E dentro do campus da Universidade a gente tinha essa segurança, mais difícil de sentar debaixo de uma árvore no meio da rua. A universidade, ela te propiciava esse tipo de coisa. Eu fiz um estágio de três meses na [redacted] [universidade confessional da Região Metropolitana], eu fiz um estágio de assessoria de comunicação. E foi algo interessante, apesar de algumas críticas sobre o que foi a minha experiência, porque meu chefe não era jornalista e eu sinto que eu poderia ter aprendido mais do que eu aprendi. Só que, de qualquer, forma eu aprendi algumas coisas, foi interessante. Deixa eu pensar outros ambientes que me ajudaram... Eu gosto de estar em casa, eu sou muito caseiro e eu gosto de estudar em casa. E nisso eu diferencio que uma coisa estar em casa por escolha e outra coisa é estar em casa por conta de uma pandemia global. Em tempos normais eu gostava de ficar em casa. Eu matava aula para estudar... quem nunca fez isso?! Mas acho que são esses ambientes

Porto: E na tua opinião, o que um estudante de jornalismo precisa aprender para ser um bom jornalista?

Alex: Muita coisa... A graduação de jornalismo ela precisa ser mais reflexiva. Eu sinto essa necessidade. A tecnicidade da coisa, a gente aprende, a ler o telepronter, a fazer um lead... são coisas fundamentais, óbvio. Tu não pode sair da universidade sem saber fazer isso. Mas a gente precisa pensar em profissionais que não pensem mais no jornalismo a partir de um mercado que acabou. As grandes redações e conglomerados que acabavam contratando bastante gente, e onde tinha atuações bem especificadas tinha o repórter jornalista, o cara do som, o cinegrafista. Hoje, já não existe esse tipo de coisa. A graduação de jornalismo tem que pensar a partir de um senso crítico, porque o jornalista sem o senso crítico não vai conseguir se adaptar a essas novidades, e também tem que ensinar o básico que um Jornalista precisa saber para sair de lá sabendo escrever uma notícia. Isso também vai de interesse de algumas pessoas de aprender. A universidade tem obrigação de dar as ferramentas, mas não tem como segurar a pessoa pelo braço e mandar ela ser mais esperta.

Porto: Nesses pontos da formação não técnica, nessa formação para além da técnica, como tu acha que a universidade pode contribuir para formar profissional nesse sentido?

Alex: Olha, isso é fundamental, é o espaço para isso. Não vai ser no mercado de trabalho que a pessoa vai ter tempo para refletir. Por conta, pode ser que a pessoa pesquise, mas para ela ter esse pensamento de pesquisar por conta, ela tem que o incentivo na universidade. A gente tem que aprender a pensar, e, infelizmente, nem sempre a gente aprende a pensar. A gente tem que ser incentivado a pensar. Por isso, a universidade é o local para formar pessoas que pensem de maneira mais crítica possível. A universidade é um lugar para isso, não tem outro lugar para isso, é a função dela. Porque a gente tem muita informação a todo momento, mas se fosse só para adquirir informação a gente não precisaria da universidade, mas ela existe para fazer essas informações de alguma maneira se tornarem úteis na cabeça da pessoa, com método pedagógico, científicos, epistemológicos.

Porto: E tu acha que a universidade cumpriu essa função para ti, na tua formação?

Alex: Para mim, sim. Mas, novamente, é uma coisa que... eu acho que poderia ser melhor. A gente teve poucas disciplinas teóricas, na minha opinião, tinha que ter mais. Mas eu entendo que os professores da universidade vão acabar se curvando às reitorias. Principalmente, na [universidade] particular. Eles vão se obrigar a ter mais coisas técnicas, porque é aquilo o que as pessoas buscam quando elas entram. Como eu disse no começo, eu entrei pensando que eu ia aprender a ser jornalista aprendendo essas ferramentas. Então, eu entendo... para pessoa que está escolhendo uma universidade particular, e vai pagar por essa universidade, vai acabar pagando pela universidade que promete que tu seja um profissional tecnicamente impecável. Mas pra ser tecnicamente impecável, tu tem que saber onde que tu está, saber pensar. Então, para isso, tem que ter disciplinas teóricas. E, outra coisa, né? No Jornalismo, e na Comunicação, nossa área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, não tem como dizer que as disciplinas teóricas discutem coisas que não são trazidas a prática. Não é uma coisa filosófica, não que a filosofia não tenha traços na realidade... mas é característica das Ciências Sociais Aplicadas a teoria de fatos observáveis. Então, esse é mais um motivo para a gente estudar as teorias da comunicação de maneiras mais abrangentes e completas nas graduações. Deveria ter mais na minha opinião.

Porto: Como tu enxerga o desenvolvimento do ensino do jornalismo no decorrer dos anos?

Alex: Essa pergunta não sei te responder, porque a gente vê várias mudanças [curriculares] e se eu não me engano na [universidade privada da Região Metropolitana] teve duas mudanças, acho que em uns seis anos, de currículos e isso é normal. A gente vive num momento em que a gente nem consegue saber direito o que que tá acontecendo. Mas eu não sei dizer qual é a evolução, pensando de maneira maior, entre 30 e 40 anos eu não vou saber te dizer...

Porto: Mas sobre essas mudanças curriculares que tu observou. Como tu percebia elas?

Alex: Quando eu entrei na universidade o curso era comunicação social, habilitação em jornalismo. Tu também deve ter passado por essa reforma. E esse curso mudou, agora, os formandos são formados em jornalismo. Isso foi positivo, porque na minha formação eu tive uma formação mais centrada no meu ofício. Quando eu comecei, também, tinha uns três ou quatro semestres que era todo mundo junto, eu cheguei a ter aula com colegas da publicidade, e de RP. Mas essa mudança curricular de especificar o ofício do jornalista, é importante. Quer dizer... Eu não tenho certeza absoluta, porque é uma coisa que eu não tenho propriedade. Eu reflito, mas não tenho uma resposta. Mas o fato é que eu tive uma formação mais centrada no jornalismo e agora, eu estou ampliando para as outras áreas da comunicação. Afinal, estou fazendo mestrado em Comunicação. Mas essa é uma questão maior que a universidade, é uma estrutura de ensino que a gente vive, a partir do que é determinado pelo MEC, que prever a graduações sejam de uma profissão, e a e as pós-graduações e se nem as áreas gerais. Se isso é melhor, ou pior, aí eu não sei. Mas o fato é que as mudanças trouxeram a gente a aprender mais as especificidades do nosso ofício. E isso tem um lado bom, que a gente pode concentrar um pouco mais de esforços, talvez até teórico, no pensamento do ofício do jornalismo. Mas isso é positivo a longo prazo daí eu realmente não sei.

Porto: E tu sente que a pesquisa incentivada hoje?

Alex: Não, de jeito nenhum. Aí, é até piada, e eu sei que tu tem que fazer essa pergunta e eu sei que tu sabe que não é assim. Porque, no contexto em que a gente tá vivendo, a gente viu o que foi semana passada... o corte de 90% da verba do CNPQ. Então, possivelmente, quem sabe, talvez, seja revertida esse tipo de coisa. Mas é uma estratégia e isso é uma característica do bolsonarismo. Eu falo isso, modéstia parte, com certa propriedade por ser um dos temas que eu pesquiso, e a gente vê essa estratégia, desde o Michel Temer, na verdade, de propor algo muito absurdo, como tirar se 90% do CNPQ, ou as leis trabalhistas que o Michel Temer tentou fazer no primeiro ano, e daí, no segundo momento vem com o meio termo, para parecer menos terrível, porque “nossa, não tirou 90% CNPQ, só tirou 40”. Mas é isso, a gente não tem incentivo nenhum para fazer pesquisa. Eu tenho como base, assim, muito forte de pensar em estar aprendendo para, de alguma maneira, devolver pra sociedade, isso eu acho que é um dever de todos nós que estamos na pós-graduação, mas eu entendo perfeitamente quem vai pra fora pra buscar emprego fora, sabe? Porque, putz, eu estou inscrito em uma *newsletter* e de vez em quando aparece alguns empregos e tipo, lá fora, eles ganham, em euro ou em dólar... cinco, seis, sete, mil dinheiros deles, o que resolveria a vida de qualquer um no Brasil. Então acaba que essa falta de incentivo traz um problema estrutural muito forte. Porque os melhores profissionais, e é difícil ficar dizendo que não é bom e quem é, mas profissionais que

podiam tá trazendo desenvolvimento em diversas áreas das ciências humanas no Brasil acabam saindo do país.

Porto: Mas durante a universidade tu se sentia incentivado a seguir na pesquisa?

Alex: Sim, e não. Sim pelos professores e não pela estrutura do governo. Bolsista de iniciação científica ganha R\$ 400, é um absurdo! É muito absurdo! Ainda mais que eles exigem dedicação exclusiva e são só R\$ 400. Mas isso foi uma escolha que eu fiz, porque eu me desencantei um pouco com o mercado de trabalho do jornalismo. Porque além de ser muita panelinha, é muito difícil conseguir, mesmo pelo contato. E não que a área acadêmica não seja assim, mas eu vi ali uma possibilidade menos precarizada do que o jornalismo, ainda que seja precarizada.

Porto: E tu acha que a formação acadêmica ela é importante pro exercício da profissão do jornalista?

Alex: Sim, fundamental. Recentemente, e me corrigir se eu tiver enganado, porque tu que tá pesquisando sobre isso. Eu vejo as notícias que me interessam, mais pela pesquisa. Mas se eu não me engano no passado voltou a ser obrigatório o diploma para o exercício do jornalismo. Não?

Porto: Não, ainda não...

Alex: Pois é, para ti ver, como eu tô por fora dos debates do mercado. Mas aconteceu alguma coisa que fez os meus colegas registrarem, se cadastrar como jornalistas.

Porto: Se, tu pode se registrar e daí alguns trabalhos pedem esse registro, mais na profissão, não é obrigatório.

Alex: Ó, viu? Eu nem sabia disso, até porque não tem muita utilidade para mim. Mas sabendo disso, de repente, eu faço agora. Mas voltando, eu não sei se a precarização do jornalismo faz com que a gente esteja onde a gente está hoje em dia... com a desinformação sendo bastante lucrativa. Essas pessoas pegam o formato jornalismo e fazem o que eles querem, porque não é exigido deles ética. Isso é interessante, eu posso falar um bocado, se tu me permite. Porque esse mês passado, eu fiz estágio docente e daí aula de políticas da comunicação. E a gente não tem, no jornalismo, um conselho, como existe, na medicina, o Conselho Federal de Medicina, e, na enfermagem, o Conselho de Enfermagem, para os advogados da OAB, e tem isso para várias profissões. E o Jornalismo não tem. Se o jornalista vai lá e faz todas as barbaridades do mundo, ele pode continuar exercendo a profissão, porque até tem um código de ética, mas não tem ninguém para cobrar aquele profissional, para caçar o direito dele de exercer a profissão. E nisso, eu vejo uma dificuldade muito grande de regulamentação da mídia, porque, também, não é muito lucrativo para os grandes conglomerados de mídia. Agora, pensando no Jornalismo e na função social, é

fundamental. Vai ser difícil alguém fazer, a longo e médio prazo, porque essas famílias, esses conglomerados, ainda tem muito poder. Por mais que a internet tenha atrapalhado um pouco. Foi o Lula falar sobre isso que começaram a falar que era censura, mas não é censura. Na verdade, é uma tentativa de regulamentar a coisa, de centralizar os meios de comunicação que são concessões públicas. O sinal da [grupo de mídia], do [grupo de mídia], da [rede de televisão], não são deles, são nossos. E não é certo não ter uma regulamentação nesse sentido e ficar só na mão de meia dúzia de gente. Então, isso tem que ser regulamentado. E um ponto fundamental da regulamentação da mídia, para mim, é justamente essa necessidade de criar um conselho de jornalismo, porque sem isso, a questão da desinformação tende a piorar. E as pessoas só saem impunes disso, no máximo elas respondem por calúnia e difamação, mas isso não é suficiente porque elas vão continuar sendo vistas como jornalistas e por mais que a profissão seja deteriorada, a gente tem uma certa credibilidade, assim, como profissão ainda. Quando um jornalista faz uma reportagem, aquilo ainda tem um certo respeito. Para prezar isso, para isso não vir algo que não exista mais tem que regulamentar. Precisa ter uma responsabilidade maior no exercício da profissão.

Porto: E tu considera continuar estudando?

Alex: Sim, inclusive, eu tô fazendo meu projeto de doutorado. Vou tentar na [universidade privada da Região Metropolitana] de novo, ainda não sei se eu tento em outra Universidade também. Eu queria muito continuar com o mesmo orientador.

Porto: Acho que a [universidade privada da Região Metropolitana] é bem boa para esse teu tema né?

Alex: Assim a [universidade privada da Região Metropolitana] é nota 5 na CAPES pela comunicação. E esses temas são algo que a gente busca fazer bastante lá. Diferentemente de ti, eu pesquiso comunicação que não são feitas por profissionais, mas no meu caso das torcidas organizadas. E eu pretendo, no doutorado, e isso eu não falei para ninguém ainda só para minha namorada, mas acredito que no meu projeto doutorado eu vá fazer algo mas amplo pensando em educomunicação, papel da torcida, dos clubes nessa questão... Então eu acho que eu vou acabar enveredando para esse lado da educomunicação e algo que eu penso bastante sobre. Essa questão da comunicação e a educação. E o meu orientador de pesquisa bastante sobre isso e eu vou aí daí espero que me aceitem.

Porto: Agora a gente vai entrar para crescer o eixo fico eu vou te pedir só um segundinho para eu pegar o carregador do meu notebook

Alex: Claro.

EIXO III - TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Porto: Então, agora, entrando na trajetória profissional, como se deu o teu ingresso no mercado de trabalho? Tu comentou que fez um estágio, né?

Alex: Não sei se tu quer que eu comece desde o começo, porque eu não comecei a trabalhar só no estágio.

Porto: Ah sim. Pode ser sim. Se tu tem trajetória anterior, pode começar por aí.

Alex: Eu comecei a trabalhar com 16 anos, fiquei um ano em uma loja de bazar, em Gravataí. Fiquei um ano nesse negócio, ganhando 300 conto, só que 300 contos naquela época era mais para hoje. E era meio turno que eu trabalhava. Depois, eu segui no comércio, por algum tempo, eu trabalhei na [redacted] [empresa do varejo] até 2015, quando eu entrei na universidade. Daí, eu decidi que não tinha como conciliar. E as rotinas de horário do comércio são bem complicadas e não podia ficar o dia inteiro lá. Então, não tinha como estudar e ficar lá, né? Daí, eu fiquei um tempo só estudando, no seguro-desemprego, aí depois eu peguei um estágio em Porto Alegre, como eu comentei, em que eu trabalhei seis meses lá na [redacted] [universidade confessionária da Região Metropolitana]. Eu não quis renovar porque eu fiquei um pouco desmotivado. Não que fosse um ambiente ruim, não me tratavam mal, só que eu sentia que eu não aprendia muita coisa. Tinha dias que eu ficava lá o dia inteiro vendo *youtube*. E não foi de todo ruim eu aprendi muitas coisas, fiquei vendo coisas de como gravar vídeos, a questão de estrutura de algumas coisas, eu aprendi bastante coisa. Mas assim eu poderia aprender não estando lá, então, eu decidi sair e fiquei um tempo só estudando. Até que em 2017, surgiu a oportunidade da bolsa de iniciação científica. Isso era no PPG da Educação da [redacted] [universidade confessionária da Região Metropolitana]. E talvez a sementinha da educomunicação seja, justamente, por causa disso. Talvez, não, eu tenho certeza que foi isso. E nisso, eu fiquei dois anos com essa bolsa. Acabou a bolsa, eu fiquei seis meses meio deprimido, porque eu só tinha uma disciplina da universidade e era EAD, então, nem precisava ir para lá. Mas por outro lado, foi bom porque eu pude me dedicar exclusivamente ao meu projeto de pesquisa, que foi bom o suficiente para conseguir a bolsa de dedicação exclusiva. O que foi fundamental para mim, porque pelas escolhas que eu fiz na vida eu não tinha muita experiência no mercado de trabalho. Então, para eu conseguir um emprego, e ainda mais com a pandemia... e o meu primeiro salário da pesquisa, da bolsa, foi logo no início da pandemia em abril. Então, conseguir essa bolsa foi fundamental para mim, porque eu dificilmente conseguiria um emprego na área de jornalismo, nesse ambiente hostil. E eu pude trabalhar em casa, ganhando... por mais que seja pouco, foi o que me sustentou. E eu espero conseguir algo agora, pensando no futuro, eu pretendo conseguir o doutorado, novamente, se tudo der certo, com a bolsa remunerada. E pretendo dar aula, seguir nessa carreira de lecionar. Já dei aula de estágio docente, como eu comentei, nessa cadeira de política da comunicação com meu orientador e foi muito bom. Eu vi realmente que eu gosto da aula, conversar com

as pessoas, por mais que tenha sido nesse estilo remoto, foi algo que eu identifiquei que eu pretendo conseguir fazer para minha vida.

Porto: E tu viu o teu ensino sendo refletido na prática profissional, considerando o teu estágio?

Alex: Então, quando eu comecei o estágio, eu não tinha feito ainda disciplinas de assessoria de imprensa, assessoria de comunicação, essas disciplinas. A resposta é não, mas não por déficit das disciplinas, mas porque não tinha chegado o momento da disciplina ainda. Se eu tivesse feito as disciplinas antes, inclusive, seria uma experiência melhor, porque eu poderia já saber o que fazer a partir do que eu aprendi. Infelizmente, eu tinha uma chefia que não sabia muito o que tava fazendo comigo. Eu não consegui aprender muito. Aprendi um pouco, na marra, mas aprendi menos do que eu poderia na prática.

Porto: E quando tu teve essas disciplinas, tu conseguiu relacionar o que tu tava vendo com o estágio que tu tinha tido?

Alex: Sim, isso eu conseguia perfeitamente. Hoje em dia, um profissional, formado eu conseguiria melhor. Se me contratassem para chefiar uma assessoria de comunicação, por mais que eu tenha trabalhado só seis meses, eu conseguiria. E aí que tá, novamente falando sobre a questão do senso crítico, a partir do momento que tu aprende a estudar, que tu aprende método, que tu aprende a fazer as coisas... os desafios são menos complicados. Se me contratar em uma redação de jornalismo, eu vou saber o que fazer e a onde buscar informação para eu aprender, por mais que não tenha tido experiências. Se eu for contratado para assessoria de comunicação, idem. Da mesma forma para comunicação interna, eu tendo essa formação, e essa pós-graduação, principalmente, porque eu aprendi muito na pós-graduação. Então, ter esta formação acadêmica ajuda o profissional até nessa possibilidade de saber onde buscar o conhecimento, que é mais importante do que saber as coisas. Porque se tu sabe as coisas, tu sabe aquilo que reclamar chega um momento que tu não sabe mais, porque as coisas se atualizam. Por exemplo, pessoa que só sabe imprimir no mimeógrafo, ela não vai saber imprimir numa impressora hoje em dia. Tu tem que aprender a pensar o ofício de uma maneira mais ampla. Novamente, pensando em teorias, pensando na pessoa aprendendo a estudar e como ela consegue fazer isso de uma melhor forma.

Porto: E tu sente que a universidade te preparou para pesquisar e futuramente para lecionar?

Alex: Para pesquisar, sim. Porque eu fiz iniciação científica e daí eu aprendi a pesquisar. Mas para ensinar, ser professor, aí não. Mas eu estou aprendendo agora, na pós-graduação. Mais ou menos também. Porque a gente não tem disciplinas para dar aula, porque esse não é o intuito. Tu fazer uma pós-graduação *stricto sensu* é

meio tu aprender a fazer pesquisa, tu virar um pesquisador. Então, eu entendo que não seja o foco principal. Mas mesmo assim a gente acaba aprendendo. Eu aprendi, na prática dando aula e vendo as aulas dos professores que a gente sempre aprende. E daí, vai desde a escola, desde o mais básico que a gente aprende com os professores. A gente quer copiar os bons professores. E também, novamente, aprendendo a estudar. Porque se a gente quer dar aula a gente pode buscar conhecimento da área de educação para a gente fazer as coisas da melhor forma possível. E a grande personalidade que a gente tem no Brasil, é o Paulo Freire, que se a gente quiser ensinar as pessoas e pensar a complexidade do ensino no mundo periférico, que o Brasil, daí a gente tem que ler alguém que pensa sobre isso.

Porto: E como tu encara o mercado atual do jornalismo?

Alex: É uma questão que eu não sei nem o que te dizer. É um ambiente completamente hostil, um ambiente que, para quem quer fazer jornalismo, não é possível, mesmo em lugares como a [redacted] [conglomerado de mídia], porque a pessoa não consegue fazer um jornalismo 100% crítico. O jornalismo que é premiado, tu não consegue fazer isso em grandes veículos. Só se a gente tiver no ambiente de mídia independente. Aí sim. Mas para tu conseguir entrar numa mídia independente, tem que ter muitos contatos, tem que conseguir achar um nicho que seja novo, né? O que é bem difícil, porque eu não sei qual editoria que não tem pelo menos uma representação forte. Tem editorias que cai no desuso, como o jornalismo cultural que no Brasil é completamente apagado. Poderia surgir algo no jornalismo dessa linha editorial? Talvez... mas a gente entra em coisas mais complicadas, análise de mercado, eu não saberia responder isso. Mas é isso eu vejo como um mercado muito complicado para conseguir emprego, e tem muito, e eu odeio essa palavra, de empreender sobre alguma coisa. Infelizmente, é isso que a gente vive hoje em dia. Ainda existe rádio no interior, a TV local, mas qualquer ambiente no jornalismo para o jornalista que quer fazer *jornalismo* [tradicional] é difícil. Existe um mercado novo de comunicação interna, isso tem. Toda a empresa média precisa de comunicação interna e aí o jornalista compete de voadora com publicitário e RP. E essa é uma das possibilidades. Vários colegas meus também formaram e são assessores de vereadores, de deputados. Mas para aquilo que eu pensava, em 2015, quando entrei no jornalismo, querendo investigar as coisas, daí é difícil... É realmente muito complicado.

Porto: E tu se encontra satisfeito nessa ocupação da pesquisa e da academia?

Alex: Então, novamente não é uma resposta fácil. Eu ficaria a plenamente satisfeito no dia que eu conseguisse pesquisador de fato, trabalhar em uma universidade. Trabalhar, talvez, com extensão, um projeto de pesquisa meu. Porque, por mais que a gente perpassa essa pesquisa que a gente faz no doutorado ou no mestrado, eu não consigo me dizer um pesquisador. Para mim, o pesquisar é alguém que mobiliza um grupo de pessoas para pesquisar algo. Isso não é um demérito para nossa fase

de aprendizado, muito pelo contrário. A fase que a gente vive é riquíssima e muito importante para o desenvolvimento da ciência nacional. Mas se algum momento eu consegui ser pesquisador, ser o professor, daí eu vou estar satisfeito porque o que eu quero. Mas por enquanto é algo que eu não estou exercendo, então não posso dizer que eu estou satisfeito no momento.

EIXO IV - PRÁTICA DA PROFISSÃO

Porto: Agora, a gente já entra no último eixo. E como que tu percebe a prática do jornalismo hoje? O que tu acha que vem mudando no decorrer dos anos?

Alex: Isso dá uma disciplina da universidade, poderia fazer uma disciplina sobre, um curso até, sobre as mudanças do mercado de trabalho do jornalismo. Mas em linhas gerais, o que eu percebo é o desmonte das redações, que, como a gente via antigamente, não existem mais. A redação da [grupo de mídia da Região Sul] que existia antes, hoje, não existe mais. Coitado da [jornalista do grupo], eu não sou maior ouvinte dela, mas eu sei que ela está na rádio, no site, no jornal... deve estar até vendendo pamonha. Ela é o símbolo da polivalência do jornalismo, que, de fato, na prática, é a precarização da profissão. A partir do momento que tu não é especialista em nada, o jornalismo fica pobre. Eu acho que é desejável que o jornalista seja especialista no que ele faz. Um exemplo, é o [portal de jornalismo] que é um veículo especializado em jornalismo investigativo. Ter jornalistas, e redações especializadas em certas coisas, isso é fundamental, e a gente não vê isso nas redações hegemônicas. Porque, talvez, não é de interesse de quem banca e, talvez, porque esses veículos não estão recebendo a mesma verba que recebiam antes. Então, aí tem uma questão muito complexa e que talvez eu saiba melhor que eu...

Porto: E tu acha que essas transformações impactam academia?

Alex: Sim. E muito, tá aí uma questão e agora que você falou isso e me acendeu essa lâmpada na minha cabeça, mas eu vou pesquisar melhor como que estão os planos de ensino em 2021 jornalismo e da comunicação ou de cursos que tem cadeiras em comunicação, pensando até no futuro mercado de trabalho, onde eu posso deixar meu currículo. Mas não só eu vejo que isso faz sentido que tenha mudado hoje, mas como é fundamental que mude. E que de fato pensem as demandas do mercado de trabalho de maneira diferente do que ter três disciplinas de rádio, TV, redação... não precisa disso. A gente precisa ter uma interdisciplinaridade maior, o que não significa tirar das disciplinas, muito pelo contrário. Só que é isso é necessário para pensar e atualizar os currículos, porque o mercado de trabalho e a comunicação como ciência são coisas muito mutáveis e você tem que estar sempre atento.

Porto: E o quanto que a tua percepção sobre a prática no jornalismo mudou desde o início do curso até agora?

Alex: Completamente. A gente entra no curso de jornalismo um e sai outro. Pelo menos eu saí, se a pessoa não saiu talvez ela tenha feito algo errado. Deveria repensar o caminho dela na graduação. Porque tu entender as lógicas do jornalismo é algo que muda a cabeça. Depois de formada, ela vê o jornal com o senso crítico muito apurado. "Por que essa reportagem falou disso e não daquilo? Por que essa fonte?". Esses dias eu tava vendo uma propaganda da [banco digital] e quando voltou do intervalo, eles estavam falando do aumento da taxa de juros no banco e falando que isso é positivo para o Brasil, por que será? Isso a gente não pensa antes da graduação, mas a partir do momento que a gente tem o senso crítico a gente começa a questionar. O patrocinador banca a reportagem? Por que não diz que banca?

Porto: E tu acha que tem diferença no modo de atuação dos profissionais mais jovens e dos mais antigos, mais velhos na profissão?

Alex: Eu creio que sim, a formação é completamente diferente. Mas isso não traz um juízo de valor, de melhor ou pior, é só diferente. Porque a gente tem uma formação, a gente sai do curso com disciplinas que pensam problemáticas da atualidade. Quem se formou nos anos 90, nos anos 80, se formou em um outro jornalismo, que tinha uma redação de 5.000 pessoas, que, hoje em dia, deve ter umas 100 pessoas. É uma outra realidade. As pessoas saiam mais especializados. Eu tive um professor, que eu devia até ter citado naquela outra pergunta, que foi um fotojornalista, e hoje em dia não existe mais a ideia de entrar na graduação para ser um fotojornalista... tem que dar muita sorte para ti ser especialista em foto e dar certo.

Porto: E tu percebe essas diferenças também dentro da academia? Justamente essas diferenças do ensino, e das suas trajetórias que foram realizadas em diferentes tempos, isso impacta como essas pessoas exercem e percebem no jornalismo?

Alex: Não sei até que ponto. Com certeza, tem um outro que é dinossauro e ainda quer que as coisas sejam feitas como antigamente, mas eu acho que não é a regra. Acho que a regra são os professores estarem conectados com a realidade do jornalismo, com a realidade da profissão. Porque eles estão sempre em contato com alunos que muitas vezes trabalham na área. E nisso, já dá para saber o que tá acontecendo de uma maneira mais atualizada. E, enfim, acho que por mais que seja uma formação diferente, eles tem uma atualização na suas bibliografias.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br